HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA,

DESDE A SUA ORIGEM ATÉ O PRESENTE, com as Familias illuſtres, que procedem dos Reys, e dos Sereniſſimos Duques de Bragança.

JUSTIFICADA COM INSTRUMENTOS, e Eſcritores de inviolavel fé,

E OFFERECIDA A ELREY

D. JOAÕ V.

NOSSO SENHOR

POR

D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA,
C. R. Deputado da Junta da Cruzada, e Cenſor da Academia Real.

TOMO XII.

PARTE II.

LISBOA,
Na Regia Officina SYLVIANA, e da Academia Real.
M. DCC. XLVIII.

Com todas as licenças neceſſarias.

A QUEM LER.

O Terrivel insulto de hum estupor, que nos acometeo no dia 29 de Mayo do anno de 1747, em que a Igreja festejava a memoria do mayor mysterio da nossa Fé a Santissima Trindade, nos fez retardar este Livro; e como a queixa foy grande, de que ainda naõ estamos livres; e quando buscavamos o remedio na repetiçaõ dos banhos das Alcaçarias, nos sobrevieraõ sezoens, que nos derrotaraõ totalmente; com tudo nos queremos aproveitar do tempo, que Deos pela sua misericordia foy servido concedernos para acabarmos esta Obra; assim damos o ultimo fim da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza, em que se completa a Obra, que promettemos, que Deos pela sua summa bondade foy servido, que acabassemos com grande satisfaçaõ publica, como ultimo complemento de hum trabalho taõ dilatado, que tem corrido por diversos Reynos; e no de França os Padres de Trevoux nas suas Memorias nos honraraõ com os Extractos, que fizeraõ no anno de 1743 no artigo XXIII. do mez de Abril, e no do mez de Junho no artigo XLIII. pag. 974, e ultimamente no artigo LXXVI. pag. 2541, em que chegaraõ até o IX. Tomo da Historia Genealogica da Casa Real, que he o que até aquelle anno estava impresso. Estes dou-

tos Padres, que nos ſeus Extractos nos honraõ, nos fazem tambem reos de diverſos erros, em que naõ cahimos; e naſceo, quanto ao que parece, do mal que entenderaõ a lingua Portugueza, traduzindo o contrario, do que haviamos eſcrito: pelo que nos vimos obrigados a defendernos dos erros, que a ſua critica nos imputou ſem razaõ, nem verdade, mas quanto a mim ſómente naſcidos do mal, que entenderaõ o idioma Portuguez; e por iſſo em huma Carta, que eſcrevemos a hum amigo de Pariz, moſtrámos ſinceramente a equivocaçaõ dos Padres, a qual ſe imprimio no Mercurio de França do mez de Junho de 1746, aonde a pag. 17 ſe lê a dita Carta, que he a ſeguinte, fielmente traduzida.

„ Carta do Padre D. Antonio Caetano de Sou-
„ ſa, Academico da Academia Real Portugue-
„ za, a Monſ. . . . .

„ As provas, que me tendes dado da voſſa gran-
„ de benevolencia, e amiſade me animaõ a tomar a
„ liberdade de vos communicar algumas obſervações,
„ que me vi obrigado a fazer ſobre as Memorias de
„ Trevoux do anno de 1743 pertencentes à minha
„ Hiſtoria Genealogica da Caſa Real de Portugal,
„ deſejando, que por voſſa maõ cheguem às de ſeus
„ illuſtres Authores; porque eu quero, que elles meſ-
„ mos ſejaõ os Juizes. Ainda que eſtes ſabios Pa-
„ dres fallaõ da minha Obra com expreſſoens hon-
„ roſas, que eu de nenhuma ſorte mereço, e pelas
„ quaes

„ quaes vivirey ſempre agradecido à ſua cortez atten-
„ çaõ , com tudo elles me attribuem baſtantes erros,
„ que na meſma Hiſtoria ſe naõ achaõ , dos quaes me
„ ſerá muito facil deſenganar o publico. A minha meſ-
„ ma reputaçaõ me naõ deixa ſoffrer ſer tido por Au-
„ thor de erros, que naõ commetti, nem ſe me deve
„ eſtranhar, que eu moſtre o engano, com que ſe me
„ imputaraõ, eſperando, que os meſmos Padres aſſim
„ o decidaõ , à viſta das minhas obſervações, as quaes
„ inteiramente ſugeito à ſua critica; e como eſtou cero
„ da ſua grande equidade, eſpero, que naõ deixaráõ de
„ conhecer a minha juſtiça, e de me dar ſatisfaçaõ das
„ injurias, que me fizeraõ.

„ Eſtes ſabios Padres no Extracto do mez de Abril
„ ſe enganaraõ no nome da filha mais velha de D. Af-
„ fonſo Henriques: *Maria primeira*, dizem elles, pag.
„ 594, *caſou com Dom Fernando II. Rey de Aragaõ.*
„ Eſta Princeza ſe chamava Urraca , e naõ Maria.
„ Igualmente ſe enganaraõ , tomando D. Leonor de
„ Caſtro, taõ famoſa, como elles dizem, pag. 605 na
„ Hiſtoria das Damas, que muitos Principes amaraõ,
„ por D. Leonor Nunes de Guſmaõ, da illuſtre Fami-
„ lia deſte Appellido.

„ Tambem me accuſaõ pag. 606 de naõ me ter
„ dilatado mais em referir a poſteridade de D. Leonor
„ de Portugal, irmãa de D. Maria, Rainha de Ara-
„ gaõ. Como o podia eu fazer, ſe ella naõ deixou poſ-
„ teridade? E ſenaõ vejaõ a minha Hiſtoria, tom. 1.
„ cap. 5. pag. 363.

„ Paſſaõ ao cap. 6., e fallando do caſamento del-
„ Rey D. Pedro com D. Ignez de Caſtro, dizem pag.
„ 606: *Sabe-ſe, que eſte Principe depois da morte de D.*
„ *Ignez declarou, que ella tinha ſido ſua mulher, e fez*
„ *coroar o ſeu cadaver. O noſſo Author ſe declara pela*
„ *realidade deſte matrimonio, e por conſequencia reco-*
„ *nhece como legitimos todos os filhos, que delle naſce-*
„ *raõ*, tom. 1. cap. 6. pag. 367. Se os Padres tiveſſem
„ feito reflexaõ ſobre o que eu tenho eſcrito, teriaõ
„ viſto os documentos, em que me fundey, para me
„ declarar pela realidade deſte matrimonio, e conſe-
„ quentemente reconhecer como legitimos os filhos,
„ que delle naſceraõ. A realidade deſte matrimonio ſe
„ acha incontraſtavelmente eſtabelecida em hum Inſtru-
„ mento, que tirey da Torre do Archivo Real de Liſ-
„ boa, onde ſe conſerva, e que imprimi juntamente
„ com a Bulla do Papa Joaõ XXII. de diſpenſa do pa-
„ renteſco de D. Ignez com D. Pedro, tom. 1. das Pro-
„ vas, pag. 275. Eſte Inſtrumento eſtá citado no lugar
„ da minha Hiſtoria acima mencionado, onde tambem
„ trago hum artigo do Teſtamento delRey D. Pedro,
„ em que trata de Infantes a todos os filhos deſte matri-
„ monio, ao qual eſtes Reverendos Padres podiaõ dar
„ alguma attençaõ, e ao que tambem ahi digo da Rai-
„ nha D. Beatriz, mãy do dito Rey, que no ſeu Teſ-
„ tamento dá a eſtes netos o tratamento de Infantes,
„ e os iguala aos outros netos nos legados, que lhes dei-
„ xa, como ſe póde ver no meſmo Teſtamento, que
„ imprimi no tomo 1. das Provas, pag. 228, e o del-
„ Rey

„ Rey D. Pedro ſe acha no meſmo tomo, pag. 279.

„ Naõ ha opiniaõ, que poſſa vencer a fé indiſpu-
„ tavel dos documentos Originaes, nem Author, que
„ contra elles mereça ſer crido; a fé, e o reſpeito, que
„ lhe he devido, he huma materia, que ſe naõ deve
„ diſputar; porque os documentos ſervem de funda-
„ mento para deſtruir os erros da Hiſtoria. Na que vós
„ tendes impreſſo produzis (De Nantigny, tom.3. pag.
„ 535) huma Taboa da Familia Real de Portugal, em
„ a qual tratais de baſtardos aos filhos deſte matrimonio.
„ Vós lhe negais injuſtamente o tratamento de Infan-
„ tes, enganado tal vez, porque aſſim o eſcreveraõ os
„ irmãos Santa Martha, e o Padre Anſelmo, devendo
„ antes ſeguir outros Authores Francezes, como Mau-
„ gin: *Compendio da Hiſtoria de Portugal*, da impreſſaõ
„ de 1699, pag.118; Neufwille: *Hiſtoria geral de Por-*
„ *tugal*, tom. 1. pag. 215, 219 &c. La Clede, tom. 1.
„ pag. 286 &c.: dos Heſpanhoes, ao Padre Joaõ de
„ Marianna na ſua *Hiſtoria geral de Heſpanha*, liv. 8.
„ cap. 9. pag. 112; Zurita nos *Annaes de Aragaõ*, liv.9.
„ cap. 67. pag. 346 da impreſſaõ de 1610; Eſtevaõ Gari-
„ bay, liv. 34. cap.33. pag.830; o ſabio D. Luiz de Sa-
„ lazar e Caſtro em muitas das ſuas Obras, na *Hiſtoria*
„ *da Caſa de Sylva*, liv. 2. cap.12. pag.103, na da *Caſa*
„ *de Lara*, liv.17. pag.228; D. Joaõ de Ferreras, tom.8.
„ pag.104, e 187; o celebre Jacob Guilhelmo Imhoff:
„ *Stemma Regium Luſitanicum*, Tab. I. XI., e XII.;
„ e naõ vos allegarey com Portuguez, porque ainda
„ que os allegados, e muitos outros foſſem uniforme-

„ mente

„ mente de opiniaõ contraria, a minha a deftruiria; por-
„ que he fundada fobre documentos, cuja fé, e au-
„ thoridade deve prevalecer contra a mefma antigui-
„ dade.

„Na continuaçaõ do mefmo Extracto dizem,
„ pag. 607: *Ignez de Caftro, de quem elle fe namorou,*
„ *e que fe fez taõ celebre pela fua tragica forte, era*
„ *huma Senhora ordinaria, da qual o noffo Author traz*
„ *a Genealogia por hum, e outro Coftado com a mayor*
„ *individuaçaõ.* Naõ poffo faber aonde eftes fabios
„ Padres acharaõ, que efta Princeza era de hum naf-
„ cimento taõ efcuro, que lhe naõ mereceo outro ter-
„ mo, que o de *Senhora ordinaria*? Ainda que a Fami-
„ lia de Caftro naõ foy foberana, D. Ignez de nenhu-
„ ma forte merecia a indecente expreffaõ de *Senhora*
„ *ordinairia*: o feu alto nafcimento na illuftre Cafa de
„ Caftro a collocou na esféra das Senhoras da primeira
„ qualidade. Todos fabem, ainda os menos inftruidos
„ na Hiftoria de Hefpanha, que D. Ignez era irmãa in-
„ teira de Alvaro Pires de Caftro, primeiro Condefta-
„ vel de Portugal, Senhor do Cadaval, e hum dos prin-
„ cipaes Senhores daquelle tempo, e que deixou huma
„ illuftre pofteridade em Portugal; e meya irmãa, por
„ parte do pay, de D. Joanna de Caftro, mulher de D.
„ Pedro I., Rey de Caftella, e de D. Fernando de Caf-
„ tro, Conde de Caftro-Xeriz, e Traftamara, Senhor
„ de Sarria, e Lemos, Tronco de huma das mais illuf-
„ tres Familias de Caftella. Eu naõ pretendo perfua-
„ dir, que o Throno era devido ao alto nafcimento
„ deftas

,, destas duas Princezas, mas só pretendo mostrar, que
,, elle naõ as fazia indignas desta fortuna. Na Historia
,, se acharáõ exemplos de muitas Princezas coroadas na
,, Europa, que naõ eraõ de huma Familia taõ illustre
,, como a de Castro. Isto naõ póde ser ignorado pe-
,, los sabios, como tambem, que a Familia de Castro
,, he huma das mais antigas, das mais illustres, e das
,, mais poderosas de Hespanha, e que sempre se distin-
,, guio na paz, e na guerra, e pelas suas allianças, e que
,, traz a sua origem da Casa Real; isto he o de que
,, ninguem nunca duvidou, para o que se póde ver a
,, D. Luiz de Salazar e Castro no seu livro das *Glorias*
,, *da Casa Farnese*, pag. 572. Assim he digno de admi-
,, raçaõ, que os Padres de Trevoux tenhaõ usado de
,, hum semelhante termo; e isto no mesmo tempo, que
,, confessaõ, que eu mostrey com a mayor individua-
,, çaõ huma, e outra Genealogia desta Princeza, que
,, tambem da parte de sua mãy he de huma grande
,, qualidade.

,, Continuaõ fallando da mesma D. Ignez, pag.
,, 608: *Da-lhe com tudo o titulo de Infanta apparente-*
,, *mente, porque foy declarada Rainha depois da sua*
,, *morte; mas nós naõ vemos porque a chama sobrinha*
,, *de D. Pedro seu esposo.* Quanto ao titulo de Infan-
,, ta, que lhe dey, naõ o fiz por capricho; mas para
,, satisfazer à obrigaçaõ de Historiador, que he referir
,, com fidelidade todos os factos. Ella nunca teria na
,, Historia mais que o titulo de Infanta, se seu esposo
,, a naõ fizesse coroar Rainha depois da sua morte.

,, Mas

„Mas esta qualidade naõ he a que me authorisa para
„a chamar Infanta, se ella effectivamente o naõ tives-
„se sido; porque bem podia ser Rainha, sem com tu-
„do ter sido Infanta. Este caracter em Portugal, Cas-
„tella, e Aragaõ, só he proprio dos filhos legitimos
„dos Reys, e de suas mulheres, se saõ casados. Cha-
„mo-a pois Infanta, porque sendo casada com D. Pe-
„dro, este, de quem participava a grandeza, naõ era
„mais que Infante, quando ella morreo. Este mesmo
„tratamento de Infante lhe dá D. Pedro no seu Testa-
„mento, como eu o mostrey no artigo, que do mes-
„mo Testamento copiey, tom. 1. da Historia, pag. 371.
„e que os Padres podiaõ ver da mesma sorte, que a
„reflexaõ, que no mesmo lugar fiz sobre o titulo de
„Infanta, que ElRey dá à sua esposa.

„E quanto ao de sobrinha os mesmos Padres me
„accusaõ, porque naõ viraõ com attençaõ, o que eu
„escrevi, nem quizeraõ tomar o trabalho de ver a Ar-
„vore Genealogica da Rainha D. Brites, mãy de D.
„Pedro, e a da mesma Dona Ignez de Castro, onde
„mostrey o parentesco, que entre si tinhaõ; porque
„com effeito alli fiz ver, que D. Sancho IV., Rey de
„Castella, teve duas filhas, a Infanta D. Beatriz, Rai-
„nha de Portugal, e D. Violante, Senhora de Usero;
„a primeira foy mãy delRey D. Pedro, a segunda o
„foy de D. Pedro Fernandes de Castro, chamado o
„da *Guerra*, Senhor de Lemos, e Sarria, Rico-ho-
„mem, e Mordomo mór delRey D. Affonso XI.; e
„assim este Senhor era primo com irmaõ delRey D.
„Pedro,

„ Pedro, e por consequencia D. Ignez de Castro sua „ filha era sobrinha do dito Rey em segundo, e ter- „ ceiro gráo de consanguinidade, conforme o Direito „ Canonico, pelo que necessitavaõ de dispensa para po- „ derem casar.

„ Mais abaixo dizem, pag. 608, fallando do des- „ graçado Dom Fernando de Aragaõ, que ElRey seu „ pay o fizera deshumanamente matar em hum banque- „ te; mas elles se enganaraõ, porque foy seu irmaõ „ ElRey D. Pedro, chamado o *Ceremonioso*, o que o „ fez morrer; assim o escrevi na minha Historia, como „ o referem os *Annaes de Aragaõ*.

„ E continuando o seu Extracto dizem, pag. 609, „ a respeito do casamento da Infanta D. Beatriz com „ D. Sancho, Conde de Albuquerque, as palavras se- „ guintes: *Com esta occasiaõ mostra o Padre Sousa por „ huma continuaçaõ de Genealogia, que quasi todas as „ Casas soberanas de Europa, e muitas das mayores Fa- „ milias de Hespanha, de Portugal, e de Italia, des- „ cendem de D. Ignez de Castro. Os que saõ mais ver- „ sados na sciencia Genealogica naõ concluiraõ o mes- „ mo, que pretendeo o Author nestas trabalhosas inda- „ gações. Os mayores Reys ficariaõ assombrados de ver „ todos aquelles, aos quaes saõ juntos em sangue.* Con- „ fesso, que naõ posso dissimular o assombro, que me „ causaraõ estas palavras; e duvido muito, que os gran- „ des Reys, se por accaso se dignassem de passar pelos „ olhos os meus Escritos, ficassem taõ admirados, co- „ mo eu o fiquey, quando li, o que estes Padres nas

,, meſmas palavras affirmaõ. Salazar de Caſtro taõ ver-
,, ſado na Genealogia, de que ſe deve chamar o Princi-
,, pe, e digno pela ſua vaſta erudiçaõ hiſtorica de viver
,, na memoria de todos os ſeculos, muitos annos pri-
,, meiro, do que eu, affirmou o meſmo na ſua famoſa
,, *Hiſtoria da Caſa de Sylva*, tratando da poſteridade
,, de D. Thereſa Nunes da Sylva. Eiſaqui o que diz:
,, *E D. Iſabel Ponce, que caſou com D. Pedro Fernan-*
,, *des de Caſtro, chamado o da* Guerra, *Rico-homem,*
,, *Senhor de Lemos, e Sarria, Adiantado mór da Fron-*
,, *teira, e Mordomo mór delRey D. Affonſo XI., do*
,, *qual ella teve dous filhos, a ſaber, o Conde D. Fer-*
,, *nando de Caſtro, Mordomo mór da Caſa delRey D.*
,, *Pedro, e ſeu cunhado, e Tronco da Caſa de Lemos*
,, *em Caſtella, dos Condes de Baſto em Portugal, do Al-*
,, *mirante deſte Reyno, e dos Caſtros de treze Ruellas;*
,, *e Dona Joanna de Caſtro, que caſou com D. Pedro,*
,, *Rey de Caſtella, chamado o* Cruel, *e foy mãy do In-*
,, *fante Dom Joaõ, que foy Tronco de toda a Caſa de*
,, *Caſtella dos Senhores de Gor.* E ſeguindo eſta poſte-
,, ridade nos ſeus diverſos Ramos, accreſcenta o que ſe
,, ſegue: *A terceira filha de Lourenço Soares de Val-*
,, *ladares, e de Dona Sancha Nunes de Chacim, e por*
,, *conſequencia neta de D. Thereſa Nunes da Sylva, ſe*
,, *chamou Dona Aldonça Lourenço de Valladares, da*
,, *qual, e de D. Pedro Fernandes de Caſtro, chamado o*
,, *da* Guerra, *Rico-homem, Senhor de Lemos, e Sar-*
,, *ria, Mordomo mór delRey D. Affonſo XI., naſce-*
,, *raõ Alvaro, e Ignez de Caſtro; Alvaro foy Conde*
,, de

„ *de Arrayollos, e primeiro Condeſtavel de Portugal,*
„ *cuja poſteridade ſe divide em tres Ramos, o primeiro*
„ *ſubſiſte na Caſa de Bragança; o ſegundo na aos Con-*
„ *des de Monſanto, Marquezes de Caſcaes; e o tercei-*
„ *ro na dos Senhores de Boquilobo, e Caſtros de ſeis*
„ *Ruellas. Dona Ignez ſua irmãa caſou com D. Pe-*
„ *dro I., Rey de Portugal, ſeu tio, e primo com irmaõ*
„ *de ſeu pay; ella teve o Infante D. Joaõ, Duque de*
„ *Valença, Tronco da Caſa de Eça em Portugal, e dos*
„ *Condes de Valença em Caſtella; o Infante D. Diniz,*
„ *que tomou o titulo de Rey em Portugal, e que fez a*
„ *Caſa dos Condes de Villar Dompardo; e a Infanta D.*
„ *Brites, que caſou em 1373 com D. Sancho, Conde de*
„ *Albuquerque, filho de D. Affonſo XI., Rey de Caſ-*
„ *tella, do qual teve a D. Leonor Urraca, Rainha de*
„ *Caſtella, mulher de D. Fernando I., Rey de Aragaõ,*
„ *chamado o* Honeſto, *e o Infante de Antiquera, que*
„ *tem por deſcendentes a todos os Principes, que ha na*
„ *Europa, e por conſequencia o ſangue de Sylva a to-*
„ *dos ſe communica, ſendo, como temos moſtrado, D.*
„ *Thereſa Nunes da Sylva quarta avó da Rainha D.*
„ *Leonor Urraca; e ſerá muito difficil de achar em*
„ *Portugal, e Caſtella algum Senhor de antiga qualida-*
„ *de, que naõ deſcenda por alguma Linha deſta Senhora.*
„ Eiſaqui como aquelles que ſaõ verſados na Genealo-
„ gia naõ podem deixar de convir, no que eſcrevo, e
„ de dar fé à producçaõ das Linhas, que refiro, porque
„ naõ eſtá bem aos ſabios o ignorallas.

„ Tambem com o meſmo Salazar de Caſtro pre-

„ tendo authoriſar, o que eſcrevi no tom. 1. cap. 8. pag.
„ 387 da minha Hiſtoria, para ſatisfazer à critica dos ſa-
„ bios Padres de Trevoux. Eſte grande homem, que
„ tomey por modello nas minhas Obras Genealogicas,
„ eſcreveo o ſeu livro das *Glorias da Caſa Farneſi*,
„ depois que Dona Iſabel Farneſi ſubio ao Throno de
„ Heſpanha, e o dedicou a eſta Princeza, a quem elle
„ apparentou, e a ElRey ſeu eſpoſo, (e a quantidade
„ de outros Soberanos, que no meſmo livro ſe compre-
„ hendem) com huma multidaõ prodigioſa de grandes
„ Familias, como eu o pratiquey na minha Hiſtoria, e
„ o praticarey ſempre; e com tudo he certo, que eſtes
„ grandes Reys naõ teſtemunharaõ algum aſſombro,
„ antes pelo contrario ſatisfeitos da Obra, e do Author,
„ ſe dignaraõ para moſtrar a ſua ſatisfaçaõ, e a eſtima-
„ çaõ, que delle faziaõ, de o honrar com hum lugar
„ no Conſelho de Ordens de capa, e eſpada, de que
„ atè alli naõ havia exemplo.

„ O Padre Bouſier me póde tambem ſervir de ex-
„ emplo; porque ainda que a ſua Obra naõ ſeja mais
„ que hum breve compendio, e huma ſimplez intro-
„ ducçaõ à Hiſtoria das Caſas ſoberanas, com tudo nel-
„ la diz as palavras ſeguintes: *Aqui ſe póde obſervar,*
„ *que muitos Senhores, que hoje vivem, tem a honra de*
„ *pertencer à Caſa Real, o que ſe poderá ver com a*
„ *mayor facilidade por eſta diſpoſiçaõ de filiações.* E na
„ demonſtraçaõ, que faz, produz hum Ramo da Ca-
„ ſa Real de França atè o Duque de Ville-Roy, e atè
„ o Conde de Matignon, deduzido pelos Condes de
„ S.

„S. Poul, e muitos outros poderia produzir por outros
„Coſtados; e com tudo naõ entendeo, que offendia
„ao ſeu Rey, honrando aos ſeus Vaſſallos com o ſeu
„parenteſco. A Hiſtoria univerſal eſtá chea de exem-
„plos, que moſtraõ, que os grandes Reys nunca ſe
„offenderaõ com as allianças das Familias illuſtres de
„ſeus Vaſſallos, antes he ſem duvida, que quanto mais
„os elevaõ, mais reſplandece nelles a gloria da Mageſ-
„tade; e eſta he a cauſa, porque os Reys concedem
„nas Caſas grandes o tratamento de Sobrinho, e de Pri-
„mo aos Senhores, que as compoem, ainda que elles
„nem ſempre lhes ſejaõ conjunctos em ſangue, como
„ſe pratîca actualmente nas Cortes de Portugal, de
„Heſpanha, e de França, aonde huns logra õ eſta hon-
„ra pelo parenteſco, outros pelas dignidades, às quaes
„os Reys annexaraõ eſta precioſa prerogativa; porém
„ainda que eſtes Senhores tenhaõ a honra de ſer do
„ſangue Real, e que os Reys os honrem com o trata-
„mento de Parentes, de nenhuma ſorte ſe deve crer,
„que todos por eſta cauſa ſejaõ unidos em ſangue aos
„meſmos Reys; porque eſta prerogativa ſó pertence
„àquelles que eſtaõ em gráo de conſanguinidade, con-
„forme o Direito Canonico, e tem neceſſidade de diſ-
„penſa para caſarem.

„Eu naõ poſſo deixar de fazer aqui hum reparo
„ſobre a má fé dos Padres de Trevoux a reſpeito do
„caſamento de D. Ignez de Caſtro; porque depois de
„o referirem como certo, duvidaõ da ſua realidade;
„e finalmente o negaõ, pag. 609. Eiſaqui as ſuas pala-
„vras:

„ vras: *Além disto o casamento de D. Beatriz com hum*
„ *filho natural delRey de Castella nos dá motivo para*
„ *crermos, que D. Fernando, que fez este casamento,*
„ *a naõ tinha por legitima.* Este motivo se naõ acha
„ nem na Historia antiga, nem na moderna, nem al-
„ guns dos Authores, que fallaraõ neste casamento, di-
„ zem, que D. Fernando naõ tinha a sua irmãa por le-
„ gitima. No Tratado de Paz, que este Principe fez
„ com D. Henrique, se estipulou, que Dom Affonso,
„ Conde de Gijon, e Noronha, (e naõ de Burgos, co-
„ mo estes Padres dizem, pag.613) filho natural de D.
„ Henrique, casaria com D. Isabel, filha natural de D.
„ Fernando. Assim o escreve Ferreras, tom.8. pag.194,
„ e o refere a Chronica de D. Fernando, pag. 177 vers.
„ impressa em 1677. Esta materia naõ necessita de ou-
„ tra prova mais que a que se tira dos Authores acima
„ citados, aos quaes poderia accrescentar outros, que
„ affirmaõ, que D. Fernando dava a seus irmãos o tra-
„ tamento de Infantes, o que igualmente devia fazer a
„ sua irmãa; o que tambem se prova invencivelmente
„ com alguns documentos, que eu produzi, em os
„ quaes D. Pedro trata seus filhos de Infantes, e que
„ D. Fernando confirmou. Se o motivo, que tiveraõ
„ os Padres, naõ foy mais que huma inferencia, por
„ ver que a Infanta casava com hum filho natural, he
„ porque naõ fizeraõ reflexaõ sobre a figura, que elle
„ naquelle tempo fazia; e naõ advertiraõ, que era ir-
„ maõ de pay, e mãy de D. Henrique II., Rey de Cas-
„ tella, que fazia este casamento; e que o fruto desta
„ uniaõ

„ uniaõ foy a Rainha D. Leonor Urraca, mulher de
„ D. Fernando I., Rey de Aragaõ, filho de D. Joaõ I.,
„ Rey de Castella, do qual ella herdou a Coroa como
„ Infanta de Castella. Tambem os Padres poderiaõ ad-
„ vertir, que só a illegitimidade de D. Sancho, que de
„ nenhuma sorte o excluîa da successaõ do Throno, no
„ caso se seu irmaõ naõ tivesse filhos, naõ era huma
„ razaõ bastantemente forte para dissuadir a D. Fernan-
„ do de lhe dar sua irmãa, ainda que legitima. Mas o
„ que ainda mais fortemente destroe a idéa dos Padres,
„ he o que elles mesmos affirmaõ, fallando de D. Bea-
„ triz, Infante de Portugal: *Beatriz, Infanta de Por-*
„ *tugal* (dizem pag. 613) *nasceo no anno de 1372, ain-*
„ *da estava no berço, quando o seu casamento se ajustou*
„ *com Fradique, Duque de Benavente, filho natural de*
„ *Henrique II., Rey de Castella.* Se D. Fernando,
„ como confessaõ os Padres, consente no ajuste do ca-
„ samento de sua filha legitima com hum filho natural;
„ porque naõ havia de consentir no de sua irmãa, ain-
„ da que legitima, com hum filho natural? E póde-se
„ disto concluir, que elle a naõ tinha por legitima? Os
„ pontos da Historia naõ se devem impugnar nem com
„ idéas, nem com inferencias; para a decisaõ dos factos
„ saõ necessarias provas, e principalmente para contra-
„ dizer os Authores illustres, que os affirmaõ.

„ Acabaõ os Padres o Extracto do I. volume da
„ minha Historia no mez de Abril, e no mez de Junho
„ continuaõ o dos volumes II. III., e IV., e trazem tu-
„ do, o que nelles acharaõ mais notavel, acompanha-
„ do

„do de ſolidas reflexoens. Proſeguem o Extracto do „V., e VI. volume no mez de Outubro, e me fazem „huma ſevera critica. Eſtas ſaõ as ſuas palavras, pag. „2554: *Mas nós naõ vemos, em que ſe funda o noſſo „Author, quando falla deſta volta da boa fortuna, e da „noticia, que foy levada a Duqueza viuva de Bragan„ça. Dá a eſta Princeza o titulo de Rainha: he verda„de, que ella era neta, e irmãa de Reys; mas naõ ſe „coſtumava dar qualidade de Rainhas mais que às In„fantas filhas de Reys.* A equivocaçaõ deſtes Padres „he extraordinaria, à viſta da clareza, e preciſaõ, „com que eu me explico, tom. 5. pag. 470. Quando „eu fallo na minha Hiſtoria deſta renovaçaõ de boa „fortuna, naõ digo, que a noticia foy levada à Du„queza de Bragança; iſto he inventado, digo, que D. „Manoel, que occupava o Throno de Portugal, re„ſoluto a chamar ſeus ſobrinhos, fugitivos em Caſtel„la, os Duques de Bragança, communicou eſta noti„cia aos Reys Catholicos, (eraõ D. Fernando, e D. „Iſabel) que da ſua parte a communicaraõ à Rainha, „mãy de D. Iſabel, que vivia em Arevalo. Se enten„deraõ, que eſta Rainha era mãy dos Duques de Bra„gança, foy porque naõ fizeraõ reflexaõ, no que eu „digo no lugar acima mencionado: *Eſta Rainha*, pag. „471, *que tinha caſado com Dom Joaõ II., Rey de „Caſtella, era neta do Duque de Bragança D. Affon„ſo, e por conſequencia prima com irmãa do Duque D. „Fernando II.* (*pay dos deſterrados.*) *A cauſa porque „eſta Princeza ſe intereſſava no reſtabelecimento dos*

„*Duques*

„ *Duques de Bragança, era porque eraõ ſeus ſobrinhos*
„ *filhos de D. Fernando II.* Pouco depois, pag. 473,
„ refiro a ſua vinda para Portugal, e eiſaqui o que di-
„ go: *ElRey depois de ter recebido com grande affabi-*
„ *lidade a ſeus ſobrinhos, os conduzio ao quarto, em que*
„ *eſtavaõ a Infanta ſua avó, a Rainha ſua tia, e a*
„ *Duqueza ſua mãy, que os receberaõ com incrivel ale-*
„ *gria.* Eu naõ ſey, que ſe poſſa fallar em termos me-
„ nos equivocos; e aſſim naõ poſſo comprehender, on-
„ de os Padres acharaõ, que eu dava o titulo de Rai-
„ nha à Duqueza de Bragança. Juſtifico-me de todos
„ eſtes erros; porque os curioſos mais facilmente po-
„ deráõ lêr as Memorias de Trevoux, do que a minha
„ Hiſtoria, e ſe deixaráõ facilmente perſuadir, do que
„ nellas ou ſe louva, ou ſe reprehende.

„ Dizem, pag. 2563, que eu me equivoquey no
„ nome do Principe de Heſpanha D. Diogo, que elles
„ chamaõ D. Carlos; mas o equivoco eſtá da ſua par-
„ te. O Principe D. Carlos, filho delRey de Caſtel-
„ la D. Filippe II., e de ſua primeira mulher, morreo
„ a 24 de Junho de 1568, e naõ teve outro Principe
„ herdeiro deſte nome. O Principe preſumptivo her-
„ deiro da Coroa, no tempo que D. Filippe II. ſe fez
„ Senhor da de Portugal, era D. Diogo, que morreo a
„ 30 de Julho de 1582. O Principe D. Filippe lhe ſuc-
„ cedeo, e com elle ſe continuaraõ as negociações ſobre
„ o caſamento, de que naquelle lugar ſe faz mençaõ.

„ Os Reverendos Padres de Trevoux naõ tive-
„ raõ no principio noticia mais que dos primeiros volu-

„ mes da minha Hiſtoria, como elles o dizem, pag.
„ 582, nas ſuas Memorias do mez de Abril; em Outu-
„ bro já eſtavaõ informados dos outros volumes, como
„ tambem o dizem, pag. 2570; mas a minha Obra de-
„ via de ter já eſgotado as ſuas reflexoens, porque de
„ huma parte do VII. volume, e de todo o VIII., naõ
„ differaõ huma ſó palavra, ainda que nelles ſe com-
„ prehendem allianças, e quantidade de factos notaveis
„ na Hiſtoria.

„ Os outros volumes naõ ſaõ melhor tratados.
„ Eiſaqui o que elles dizem, pag. 2570: *Só temos que*
„ *dizer duas palavras dos Ramos collateraes da Caſa*
„ *de Bragança, que ainda ſubſiſtem, ou que ha pouco*
„ *tempo ſe extinguiraõ em Portugal, e em Heſpanha,*
„ *cujos direitos paſſaraõ por allianças a outras Caſas.*
„ *Eſtes Ramos occupaõ o IX., e ultimo volume, e o 8.*
„ *livro.* O primeiro, de que fallaõ, he o dos Condes de
„ Oropeza, eſte he ſeguido do Ramo dos Condes de
„ Lemos, dos quaes ha pouco tempo, que ſe extinguio
„ a poſteridade maſculina. Paſſaõ ao terceiro filho de
„ D. Fernando I., Duque de Bragança, D. Affonſo,
„ Conde de Faro: *Dous de ſeus filhos* (dizem) *fizeraõ*
„ *os dous Ramos dos Condes de Odemira, e dos Senhores*
„ *de Vimieiro, que naõ ſubſiſtem mais que por allianças.*
„ Porém elles ſe enganaõ, porque a linha maſculina
„ dos Senhores do Vimieiro, hoje Condes do Vimiei-
„ ro, que deſcendem de D. Affonſo, ainda hoje ſubſiſ-
„ te, como ſe póde ver na minha Hiſtoria, tom. 9. liv. 8.
„ pag. 663.

„ O

„ O X. volume da minha Hiſtoria, que compre-
„ hende o 9, e 10 livro ſe acha aqui reduzido a duas
„ palavras. A reſpeito de D. Alvaro, quarto filho (e
„ naõ terceiro, como diz o Extracto) de D. Fernan-
„ do I. Duque de Bragança, dizem, pag. 2573 : *Eſte*
„ *teve dous filhos, dos quaes deſcendem os Duques de*
„ *Cadaval, e os Duques de Veraguas. Dos primeiros*
„ *deſcendem os Condes de Aſſumar, dos quaes o ultimo*
„ *morreo em 1683, naõ deixando mais que hum filho na-*
„ *tural, chamado Joſeph Franciſco de Portugal e Mel-*
„ *lo, Marquez de Vilheſcas.* He digno de grande ad-
„ miraçaõ, que neſte lugar naõ mereça a Caſa do Ca-
„ daval outra memoria mais que a do filho natural do
„ Conde de Aſſumar, quando o Duque do Cadaval D.
„ Nuno, e os ſeus illuſtres aſcendentes, ſaõ taõ reco-
„ mendaveis na Hiſtoria, aſſim pelas ſuas peſſoas, co-
„ mo pelas ſuas allianças; e com tudo, nem as que eſ-
„ tes Senhores ha tantos annos tem contrahido em Fran-
„ ça com a Caſa de Lorena, poderaõ fazer lembrar a
„ eſtes Padres do Duque do Cadaval D. Nuno Alva-
„ res Pereira de Mello, perſonagem bem conhecida na
„ Europa pelas ſuas grandes qualidades, para lhe mere-
„ cer, que lhe formaſſem o caracter. Ao menos podiaõ
„ emendar ao Padre Anſelmo, pag. 642, que no pri-
„ meiro volume da ſua Hiſtoria Genealogica da Caſa
„ Real de França, poem o naſcimento do terceiro
„ Duque de Cadaval a 7 de Setembro de 1679, em lu-
„ gar de dizer, que naſceo no primeiro de Setembro de
„ 1684. O meſmo Padre o chama tambem D. Nuno,

„devendo dizer D. Jayme de Mello, o qual presente-
„mente he Estribeiro mór delRey, e Mordomo mór
„da Casa da Rainha.

„Em fim o Extracto da minha Historia acaba
„com estas palavras, pag. 2574: *Se he verdade, como*
„*se affirma, que todos aquelles, que descendem dos Du-*
„*ques de Bragança seja por machos, seja por femeas,*
„*legitimos, ou naõ, tem hum direito adquirido de succe-*
„*der na Coroa de Portugal, cada hum conforme o seu*
„*grâo; he certo, que no Mundo naõ ha Throno mais*
„*firme, que aquelle, e que a prodigiosa individua-*
„*çaõ, em que entra o Padre Sousa, notando, como elle*
„*faz, todas as filiações da Casa de Bragança, as mais*
„*apartadas, e as mais indirectas, nada tem de dema-*
„*siada; porque por este meyo, este numero infinito de*
„*pretendentes, logo póde saber sobre que a sua perten-*
„*çaõ se funda, e em que ordem póde pretender huma*
„*taõ bella successaõ.* Confesso, que me deixou as-
„sombrado esta sinceridade dos Padres de Trevoux:
„*Se he verdade*, dizem, *como se affirma.* E quem po-
„deria haver affirmado huma semelhante quimera? Se-
„ria necessario ser da ultima credulidade, e simplicida-
„de para lhe dar fé. A successaõ ao Throno de Por-
„tugal he pelo direito do sangue, regulada nas Cortes
„de Lamego do anno de 1143, conforme as Leys de
„Lamego, que alli foraõ estabelecidas, como eu o re-
„firo no tomo I. da minha Historia, pag. 55. E o que
„eu tambem escrevi a respeito das Cortes do Reyno,
„celebradas em 1674, e em 1679, e 1698, e que trago
„no

„ no tomo 7. pag. 677, e no 8. pag. 398, podia abrir
„ os olhos a estes Padres, ainda que o vissem com
„ pouca attençaõ, sobre a realidade desta tradiçaõ,
„ para naõ cahirem no erro de a produzir em humas
„ Memorias, que devem servir para a Historia das
„ sciencias, e das bellas artes.

„ Quanto à prodigiosa individuaçaõ, em que es-
„ tes Padres dizem, que eu tenho entrado, notan-
„ do todas as filiações da Casa de Bragança, eu o fiz,
„ naõ pelo fim, que elles apontaõ; porque antes do
„ seu Extracto naõ sabia, que houvesse pessoa no
„ Mundo, que asseguraste este modo de succeder na
„ Coroa de Portugal pelo direito de descender da Ca-
„ sa de Bragança; mas com o fim de cumprir à obri-
„ gaçaõ de fiel Genealogista, que he dar a cada hum
„ o que lhe pertence. Para o que he necessario obser-
„ var, que cada Ramo, que se separa do seu Tron-
„ co, faz huma Casa à parte, a qual se póde gloriar
„ das suas producções, e das suas allianças, compon-
„ do ella só huma Historia Genealogica particular,
„ que começa por aquelle que tem sido o seu primei-
„ ro Chefe, e ao qual se refere toda a honra da sua
„ origem, naõ tendo os outros mais que a gloria de
„ haver produzido hum taõ illustre Ramo na sua Fa-
„ milia. Como naõ pretendo entrar em disputa com
„ alguem, por isso me dispenso de trazer exemplos,
„ com que dê prova, do que acabo de dizer; só me
„ contento, que se saiba, que na minha Obra puz to-
„ da a gloria em trabalhar, e escrever, isento de adu-
„ laçaõ,

„ laçaõ , naõ tendo outro objecto mais que a verda-
„ de , ſem amor , ou prevençaõ por alguma opiniaõ ;
„ ſeguindo os Authores , quando elles ſe naõ apartaõ
„ dos Documentos Originaes. As faltas , que os Re-
„ verendos Padres de Trevoux me attribuem , eu as
„ confeſſaria com toda a docilidade , ſe ellas foſſem
„ verdadeiras ; porque nada eſtimo tanto como a ver-
„ dade , e ſey que o mais ſeguro meyo para a conhe-
„ cer , he a critica dos ſabios ; mas tambem ſeria fal-
„ tar à modeſtia do eſtado , que profeſſo , de naõ me
„ oppor a eſta critica , quando ella me he injurioſa ;
„ porque no coraçaõ de todo o homem de bem eſtá
„ gravado o ſentimento das injuſtiças , que ſe lhe fa-
„ zem , naõ devendo ſofrer ſe lhe impute , o que de
„ nenhuma ſorte lhe convem. Naõ vos perſuadais ,
„ Monſ. que eſtas expreſſoens , e eſte juſto ſentimen-
„ to diminuem em mim a veneraçaõ , que devo ter
„ aos ſabios Padres de Trevoux ; porque naõ ſe enca-
„ minhaõ a outro fim mais que a excitar a ſua juſti-
„ ça , para me darem huma juſta ſatisfaçaõ. Peçovos
„ queirais procurar huma opportuna occaſiaõ , e to-
„ mar por voſſa conta os meus intereſſes , e perſuadir-
„ vos , que ſempre me valerey de todos os meyos &c.

A referida Carta ſe imprimio , como diſſemos , no Mercurio de França do mez de Junho de 1746 a pag. 17 , e logo a pag. 41 fizeraõ eſta declaraçaõ os Authores do Mercurio com a Carta ſeguinte dos Memoriſtas de Trevoux , que tudo traduzido fielmente , diz:

„ A ex-

„ A exacta imparcialidade, (1) que feguimos,
„ nos obriga a pôr nefte Mercurio a repofta, que os
„ Authores das Memorias de Trevoux fizeraõ às
„ queixas do Padre D. Antonio Caetano. Efta re-
„ pofta chea de juizo, e de moderaçaõ, he hum mo-
„ dello, que devia mais vezes imitarfe nas difputas
„ litterarias.

Carta dos Reverendos Padres aos Authores do Mercurio.

„ Senhores. Como os Authores das Memorias
„ de Trevoux naõ tem já a Obra do Padre Soufa fo-
„ bre a Hiftoria Genealogica da Cafa Real Portu-
„ gueza, que fe lhes havia empreftado, (2) naõ po-
„ dem examinar o em que poderaõ enganarfe; e naõ
„ duvidaõ lhe tenhaõ efcapado alguns erros. Pare-
„ celhes fómente, que aquelle douto Author os naõ
„ entendeo fempre bem: v. g. quando differaõ, que
„ D. Ignez de Caftro naõ era fenaõ huma Damoi-
„ felle

(1) *Nota.* Naõ fe juftifica muito a imparcialidade dos Authores do Mercurio de França com a Carta, que tiveraõ dos Authores das Memorias de Trevoux; porque moftraõ, que antes de imprimirem a dita Carta do Padre Soufa lha participaraõ, o que o dito Padre eftimou, para que julguem os imparciaes, de que parte eftá a razaõ, e a juftiça.

(2) *Nota.* Se os Reverendos Padres de Trevoux dizem, que naõ tinhaõ a Obra do Padre Soufa fobre a Hiftoria Genealogica da Cafa Real Portugueza, porque fe lhe havia empreftado, pediraõ-na outra vez para a examinar; e fora melhor naõ dar efta defculpa, quando confeffaõ lhe haviaõ efcapado alguns erros.

„ ſelle, (3) naõ foy porque ignoraſſem, que era de
„ huma Caſa illuſtriſſima; mas em França da-ſe eſte
„ tratamento de Damoiſelle às Senhoras do mais alto
„ naſcimento.

„ Se os Padres ſe admiraraõ de ver Dona Ignez
„ qualificada de ſobrinha de D. Pedro, (4) he porque
„ tomaraõ eſta palavra eſtrictamente, naõ lhes pare-
„ cendo, que na Hiſtoria ſe devaõ chamar ſobrinhos
„ àquelles, que o naõ ſaõ, ſenaõ *ao modo de Breta-*
„ *nha*, como dizem em França.

„ Por eſtas palavras, os mayores Reys ſe admi-
„ rariaõ de ver todos aquelles com quem ſe unem pe-
„ lo

(3) *Nota.* He certo, que os ſabios Padres de Trevoux, menos entenderaõ ao Padre Souſa, do que elle, o que haviaõ eſcrito, pois naõ he o reparo no chamarem Damoiſelle a D. Ignez de Caſtro, ſim no epitecto de *ſimple* junto com *Damoiſelle*, pois naõ ignora, que a dita palavra ſe pratíca em toda a peſſoa de qualidade com o diſtinctivo do appellido da ſua Familia; e tambem he commua no fallar, ainda para peſſoas de nenhuma qualidade; e ſe os Padres naõ ignoravaõ o illuſtre naſcimento de D. Ignez, para que diſſeraõ era huma *ordinaria Senhora*? Porém como a Carta do Padre Souſa anda junta com eſta repoſta, julgue o Leitor; quem he o que naõ entendeo.

(4) *Nota.* Se o Padre Souſa naõ eſcrevia na lingua Franceza, mas na Portugueza, que motivo tiveraõ para ſe admirar, cenſurando chamar a D. Ignez ſobrinha delRey D. Pedro ſeu eſpoſo; e tambem onde acharaõ, que na Hiſtoria ſe naõ deviaõ chamar ſobrinhos, quando eraõ ao modo de Bretanha, como dizem os Francezes, que tambem chamaõ os filhos dos primos com irmãos ſobrinhos, ſe no polido da lingua Franceza ſe naõ chamaõ ſobrinhos ſenaõ aos filhos dos irmãos, ou irmãas? O Padre Souſa, que lhe naõ importaõ os uſos, termos, nem palavras da lingua Franceza, eſcreveo, como devia, expreſſando os graos de conſanguinidade, conforme o Direito Canonico; de ſorte, que ou a cenſura naõ foy boa, ou a deſculpa naõ ſatisfaz.

„ lo sangue, (5) naõ quiz o Author do Extracto mais
„ que fazer huma reflexaõ, que he verdadeira, e
„ naõ disputar, que o sangue de D. Ignez naõ esteja
„ verdadeiramente misturado com o de todas as Tes-
„ tas coroadas de Europa.

„ O Padre Sousa na p. 9. accusa sem nenhuma
„ prova os Jornalistas de má fé a respeito de Dona
„ Ignez. (6) Aquelles Padres naõ referiraõ como cer-
„ to o casamento daquella Senhora com D. Pedro,
„ mas disseraõ simplezmente, que este o declarara de-
„ pois da sua morte, e fizera coroar o seu cadaver.
„ Naõ o negaraõ ao depois, sómente observaraõ muy
„ simplezmente, que D. Fernando casára Beatriz, fi-
„ lha de D. Ignez de Castro, com hum filho natural
„ delRey de Castella, e que esta alliança induzia a
„ suspeita, de que naõ reputava a Beatriz por legiti-
„ ma. (7) Onde estaõ pois a contradiçaõ, e a má fé?

 „ Quan-

(5) *Nota.* Se o Author do Extracto diz agora, que só quiz fazer huma reflexaõ, que he verdadeira; o Padre Sousa póde responder, que o que o Author tinha na sua idéa, naõ o sabe; mas o que escreveo, he o que se lê no Extracto, e tambem, que naõ era a reflexaõ verdadeira, e que os Authores naõ viriaõ no que elle dizia, e que os mayores Reys se admirariaõ. Vejaõ-se as palavras dos Memoristas, e se verá a differença, do que aqui com mais rebuço dizem.

(6) *Nota.* O Padre Sousa naõ accusa aos Padres de Trevoux da má fé, em que estaõ do casamento de D. Ignez de Castro, elles nas suas Memorias o mostraõ muito claramente; e para que naõ fique em duvida, tambem nesta sua Carta se lê; para o que tambem se veja, que naõ he accusaçaõ, senaõ effeito do seu animo, e publicado pela sua penna, como abaixo se mostrará.

(7) *Nota.* Naõ sey para que servirá a observaçaõ, de que a Infanta D. Brites naõ era reputada por seu irmaõ por *legitima*, senaõ porque desta sorte diziaõ, que sua mãy naõ fora mulher delRey? Repare-se nestas palavras, e em todas, e dellas he que o Padre Sousa tira a contradiçaõ, e má fé, e o mesmo succederá aos que lerem as ditas Memorias, e esta Carta.

„ Quanto à qualidade de Infanta, que o Padre
„ Sousa dá a D. Ignez, o que causou reparo aos Jor-
„ nalistas de Trevoux, he que tendo entendido, que
„ os filhos primogenitos dos Reys de Hespanha, e
„ Portugal, nunca traziaõ o titulo de Infantes, (8) e
„ D. Pedro pela morte de seus tres irmãos mais ve-
„ lhos, ficando unico, e herdeiro presumptivo da
„ Coroa, naõ era já Infante, (9) consequentemente
„ Ignez de Castro naõ podia, ainda quando fora sua
„ legitima esposa, ser qualificada de Infanta. Nem
„ cuidaraõ, que as mulheres dos Infantes eraõ cha-
„ madas Infantas; mas o Padre Sousa está mais vis-
„ to nisto, que os Jornalistas, que naõ julgaraõ se-
„ naõ segundo o uso moderno.

Devem

(8) *Nota.* Nenhuma culpa tem o Padre Sousa de os Reverendos sabios das Memorias de Trevoux ignorarem hum ponto taõ principal da Historia de Portugal, Castella, e Aragaõ; assim saibaõ, que os filhos dos Reys antigos primogenitos naõ tinhaõ outro titulo mais que o de Infante até certo tempo, de que logo daremos noticia.

(9) *Nota.* ElRey D. Pedro I., antes de succeder na Coroa, no tempo que era presumptivo herdeiro della, naõ teve mais titulo, do que de Infante, o que naõ padece duvida; e por consequencia do matrimonio, D. Ignez de Castro naõ era mais que Infanta; e para que naõ fique em duvida ao Leitor a má fé dos Memoristas de Trevoux, se pergunta: se he má fé, e contradicaõ as suas palavras, que saõ as seguintes: *Consequentemente Ignez de Castro, naõ podia, ainda quando fora sua legitima esposa, ser qualificada de Infanta?* Se naõ estiveraõ os Padres na má fé, naõ diriaõ agora sem necessidade alguma: *quando fora sua legitima esposa.* Estaõ em boa fé, ou em questaõ? Contradizemse, ou naõ? Parece deviaõ os Memoristas absterse de responder à Carta do Padre Sousa, quando estavaõ taõ mal instruidos da Historia de toda Hespanha, como se vê nas suas mesmas palavras, que repetimos: *E D. Pedro pela morte de seus tres irmãos mais velhos, ficando unico, e herdeiro presumptivo da Coroa, naõ era já Infante.* Muito se enganaraõ os Memoristas, porque ElRey D. Pedro, antes de o ser, naõ foy mais que Infante; e tambem antes do seu nascimento naõ teve tres irmãos, e sómente dous.

Devem pois ſaber os Padres, que em Portugal o primeiro, que teve titulo de Principe, foy ElRey D. Affonſo V., antes de ſucceder na Coroa, no anno de 1433, e deſde entaõ com eſte caracter foraõ tratados os herdeiros da Coroa de Portugal; aſſim ſeu pay ElRey D. Duarte, antes de o ſer, naõ teve outro algum mais que de Infante, nem menos ElRey D. Pedro ſeu viſavô o teve, uſando no tempo, que era preſumptivo herdeiro da Coroa, ſómente do de Infante, e o era quando caſou com D. Ignez de Caſtro, como elle aſſevera no ſeu Teſtamento; e por coſtume das Coroas de Heſpanha, as mulheres dos Infantes ſe chamaraõ Infantas, e ſer commum, que todas as mulheres gozaõ do titulo de ſeu marido.

Na Coroa de Caſtella ceſſou chamaremſe Infantes os primogenitos dos Reys no anno de 1338, e foy o primeiro Principe das Aſturias D. Henrique, filho delRey Dom Joaõ I., que depois foy Rey III. do nome, deſde aquelle tempo até o preſente, ſe chamaõ Principes, naõ ſendo até entaõ mais que Infantes. Na Coroa de Aragaõ tambem os herdeiros dos Reys naõ uſaraõ de outro titulo algum mais do que de Infante até o anno de 1414, e foy o primeiro Principe de Girona ElRey D. Joaõ I. daquella Coroa, filho delRey D. Pedro II.; de ſorte, que os primogenitos dos Reys de Portugal, Caſtella, e Aragaõ, naõ uſaraõ do diſtinctivo nome de Principe antes das referidas epocas; e aſſim quando caſavaõ, ſuas mulheres ſe chamavaõ Princezas, e antes ſe chamavaõ

Infantas, o que os Padres de Trevoux naõ *cuidaraõ*, como elles dizem, *que naõ julgaraõ ſenaõ* ſegundo *o uſo moderno*, o que naõ devia ſer ſe naõ conforme *o tempo, e uſo antigo.*

E concluo eſtas notas com huma reflexaõ mais ſincera, e verdadeira, da que acima fiz mençaõ dos Memoriſtas, a qual era preguntar ſe os Padres de Trevoux leſſem nas Obras do Padre Souſa, fallando na Coroa de França, que chamava Delfins aos filhos primogenitos herdeiros preſumptivos daquella Coroa antes delRey Carlos V., que foy o primeiro ſucceſſor da Coroa, que teve aquelle titulo, depois que Humberto, Delfim de Vienna, lhe fez Doaçaõ, e ceſſaõ dos Eſtados do Delfinado, e o meteo de poſſe a 16 de Julho de 1349, e de entaõ ſucceſſivamente os filhos herdeiros dos Reys de França foraõ chamados Delfins até o preſente. Diriaõ por ventura os Reverendos Memoriſtas, que o Padre Souſa eſcrevera conforme o tempo, e uſo moderno? Certamente que naõ, e o arguiriaõ da pouca noticia, que tinha da Hiſtoria de França, e tambem da Romana, ſe uſaſſe de differentes nomes, dos que nellas ſe lem, aſſim no Militar, como no Politico, dizendo, que ſe naõ entendia, e que hum Hiſtoriador deve obſervar a Chronologia com os uſos, que a ella pertencem, conforme a Naçaõ, de que eſcreve; o que he materia indiſputavel em quem ſabe qual he a obrigaçaõ, que ſe deve praticar em huma Hiſtoria.

De que ſe tira evidentemente, que o Padre Souſa

Souſa entendeo muito melhor os Padres de Trevoux, no que eſcreveraõ nas ſuas Memorias, do que elles, o que eſcreveo na ſua Hiſtoria; e ſem embargo, de que pudera moſtrar claramente a futilidade da ſua Carta; porque com ella o naõ obrigaõ, nem menos ſe deſculpaõ dos erros das ſuas Memorias com aquelle Manifeſto; e como elle anda junto no Mercurio de França, julgaráõ os imparciaes, e os que o naõ forem, o que contém a Carta do Padre Souſa, e qual he a repoſta, que a ella deraõ os Padres de Trevoux, ſe conclue alguma couſa, ou de algum modo ſatisfazem: he certo, que naõ haverá peſſoa alguma, que ſe naõ admire, lendo a dita Carta, a que o Padre Souſa naõ quiz reſponder, contentando-ſe com eſtas Notas para ſatisfaçaõ da ſua ſinceridade.

Porque ſem duvida eſtimariamos as advertencias, quando ellas naõ foſſem huma equivocaçaõ do mal, com que os Reverendos Padres Memoriſtas de Trevoux entenderaõ o idioma Portuguez, no meſmo que quizeraõ criticar; porque he certo naõ fariaõ as referidas Notas. Naõ duvidamos, que algumas equivocações ſe poderáõ achar na dita Obra, que reparamos, como he poſſivel com as emendas ſeguintes, como temos feito algumas vezes, e agora o fazemos, advertindo outras, como ſaõ a pag. 175 do Tomo V. aonde ſe diz, Dom Pedro Fernandes Pecha, ſe deve dizer D. Fernando. No Tomo VIII. a pag. 68 onde ſe diz, foraõ grandes os negoceados, com que as duas Coroas Franceza, e Ingleza,

preten-

pretenderaõ ſeparar a ElRey da Grande Alliança &c. deve ſer *Franceza*, *e Heſpanhola*, ainda que o ſentido da Hiſtoria dá bem a entender o erro da Impreſſaõ, ou Amanuenſe. No Tomo IX. a pag. 250, num. 17, onde ſe diz, que Dom Antonio de Mello caſou ſegunda vez com Dona Margarida de Barros &c. ſe deve dizer, que caſou com Dona Mecia Barreto, na Cidade de Tavira, em 30 de Mayo de 1623. E era filha herdeira de Joanne Mendes de Ataide, Senhor do Morgado de Alte, inſtituido no anno de 1493 pelo Deaõ da Sé de Silves Joanne Mendes de Sarria, para o qual chamou a ſeu ſobrinho Joanne Mendes de Ribadaneira, Alcaide mór da Villa de Loulé, de que hoje he Adminiſtrador Jorge Moniz Telles de Sarria e Aragaõ, que vive na ſua Quinta do meſmo Morgado de Alte, Termo da dita Villa no Reyno do Algarve, e de ſua mulher D. Iria Barreto, de quem tambem naõ teve ſucceſſaõ; e a dita Dona Mecia Barrreto havia ſido caſada com Franciſco Pereira de Berredo, e depois com Antonio Corte-Real de Mello, com quem foy recebida em 10 de Janeiro de 1617, filho de Pedro Vaz Corte-Real, e de ſua mulher Dona Ignez de Noronha. No meſmo Tomo a pag. 35, D. Fernando da Sylva, Duque de Hueſcar, he hoje Capitaõ da Guarda de Corps, e Tenente General dos Exercitos delRey Catholico, e duas vezes ſeu Embaixador Extraordinario na Corte de Pariz, Cavalleiro do Tuſaõ de Ouro; e ſeu filho unico D. Franciſco de Paula, Mar-

quez

quez de Coria, he Gentil-homem da Camera delRey D. Fernando VI. A pag. 42, D. Joaõ Çapata, deve ser D. Luiz Çapata. A pag. 44, D. Milia Anzures, ou Osorio, filha do Conde Dom Pedro Osorio, deve ser D. Pedro Anzures, Senhor de Valhadolid. A pag. 46, e em outras partes da dita Obra, em que se falla de D. Isabel de Castro, ser filha de D. Fernando de Castro, Conde de Castro Xeris, e de D. Leonor Henriques, o que referimos por se achar escrito em muitos Authores, nos advertio o Excellentissimo Duque, e Senhor de Sottomayor, Embaixador Extraordinario delRey Catholico na nossa Corte, onde nos continúa aquelle favor, com que sempre nos honrou, que ainda que se ache escrito por muitos Authores esta filiaçaõ, he sem averiguaçaõ, tendo para si, e assentando, que esta Senhora naõ foy filha do referido Dom Fernando, senaõ de seu meyo irmaõ D. Alvaro, Conde de Arrayolos, primeiro Condestavel de Portugal, e Tronco dos Castros, Senhores do Cadaval, (por onde a primogenitura desta linha dos Castros está em a Casa Real Portugueza) como nos Condes de Monsanto, Marquezes de Cascaes, cuja Casa com o Senhorio de Boquilobo, por morte de D. Luiz Joseph Thomás de Castro, IV. Marquez de Cascaes, X. Conde de Monsanto, e Senhor de Boquilobo &c. o qual morreo a 14 de Março de 1745, havendo sido casado com D. Joanna Perpetua de Bragança, filha do Senhor Dom Miguel, e de sua mulher a Duqueza de Lafoens D.
Luiza

Luiza Casimira de Sousa, de quem naõ teve successaõ, passou a sua irmãa D. Maria Joseph da Graça e Noronha, Marqueza de Louriçal, mulher de D. Francisco Xavier Rafael de Menezes, II. Marquez de Louriçal; e no Reyno de Galliza em os Senhores de Castro-Verde. Pag.47, Constança, ou Maria de Valcacer, mãy do Conde de Lemos D. Rodrigo de Castro Osorio, se chamou Maria, e por ella possuîo a Casa de Lemos o Senhorio de Moeixe. Pag.128, D. Pedro Sarmento de Toledo, que depois foy Marquez de Mansera, e como tal Grande de Hespanha, como herdeiro de seu tio o Marquez de Mansera D. Antonio Sebastiaõ de Toledo; e ao mesmo numero 20 se deve accrescentar, que teve o dito Senhor outra irmãa, que lhe succedeo, que he D. Maria Sarmento de Toledo, IV. Marqueza de Mansera, a qual casou a primeira vez com D. Joaõ de Deos Pacheco, filho dos Duques de Useda; e por sua morte, sem successaõ, casou segunda vez com D. Domingos Portocarrero, Mestre de Campo General dos Exercitos delRey Catholico, e do seu Conselho de Guerra, irmaõ do Conde de Montijo. A pag. 139, D. Joachim Portocarrero, Marquez de Almenara, se fez depois Sacerdote, e foy Vigario de S. Pedro em Roma, Patriarca de Antiochia, e Cardeal da Santa Igreja, por creaçaõ do Papa Benedicto XIV., e ao presente Protector de Hespanha por ElRey D. Fernando VI. A pag. ibid. num. 21, D. Agostinho Portocarrero, Arcediago, e Conego da Igreja de Toledo. A pag. 159, o Con-

o Conde de Lemos D. Pedro Fernandes de Castro, foy do Conselho de Estado. A pag. 252, num. 17, anno de 1527 se deve ler 1627. E a pag. 298 aonde se escreve, *o qual D. Pedro*, se diz ser filho de Montesuma, Emperador de Mexico, naõ pretendemos pôr duvida nesta filiaçaõ, porque he materia, que a naõ padece na Historia; e assim os Condes de Montesuma, e todos os filhos, e filhas de sua Casa, gozaõ de alimentos, que lhe dá a Coroa, e lhe vem a Hespanha livres de todos os direitos; sendo esta a unica satisfaçaõ da differença da fortuna, na estimaçaõ do Mundo. E a pag. 301, D. Ventura, X. Conde de Altamira, levantou em Madrid os Pendoens na Acclamaçaõ delRey D. Fernando VI., he seu Gentil-homem da Camera com exercicio. E a pag. 307, o actual Duque de Medina-Celi D. Luiz Antonio, foy depois Embaixador Extraordinario delRey D. Fernando VI. a Napoles, para em seu nome assistir ao bautizado do Principe Real, Duque de Calabria; e ElRey Catholico na volta, lhe deu a Ordem do Tusaõ de Ouro. E a pag. 308, seu filho o Marquez de Cogulhudo, casou no anno de 1747 com huma filha do Duque de Solferino. A pag. 312, D. Gaspar de Haro e Gusmaõ, VII. Marquez del Carpio, foy depois Embaixador em Roma, e Vice-Rey de Napoles, onde morreo. A pag. 326, *Hoboa*, se lê Noboa. A pag. ibid. D. Bernardo de Velasco, Duque de Frias, Condestavel de Castella, naõ o foy, sendo seu pay o ultimo, que teve esta dignidade, havendo

eſtado dous ſeculos na ſua Familia, em que naõ era hereditario, ſenaõ por nova merce. Tmbem onde ſe diz, que o Duque morrera no anno de 1711, he equivocaçaõ com a morte de ſua mulher; porque o Duque lhe ſobreviveo até o anno de 1725, em que voltou a Madrid. A pag. 330, *Hules*, ſe lea Nules. A pag. 334, D. Antonio de Velaſco Pimentel, *naõ tem até o preſente tomado eſtado*, ſe deve dizer, *D. Antonia*, que depois caſou com Dom Antonio Lanzos Andrade e Noboa, Conde de Maxeda, e Taboada &c. entaõ Gentil-homem da Camera delRey D. Filippe V. com exercicio, Meſtre de Campo General dos ſeus Exercitos, Grande de Heſpanha, Cavalleiro da Ordem de S. Genaro, Vice-Rey de Navarra, e depois por ElRey D. Fernando VI., Governador de Madrid no Militar, e Politico; e renunciando eſte emprego, foy feito Capitaõ General dos Exercitos de Heſpanha; porém até ao preſente naõ tem ſucceſſaõ. A pag. 345, Dom Rodrigo Dias de Bivar, que ſe diz, ſuccedera a ſeu avô paterno o Cardeal Duque de Lerma, no Condado deſte titulo, naõ foy ſenaõ a ſeu pay Diogo Gomes de Sandoval; porque eſte ſobreviveo ao Cardeal Duque ſete annos depois de ſer morto, em 17 de Mayo de 1625; e ſeu filho ſegundo Diogo Gomes (pay de D. Rodrigo, Duque do Infantado, de quem ſe trata) haver falecido a 7 de Dezembro de 1632. A pag. 351, D. Antonio Martins de Mello, Duque de Alva, que morreo Embaixador em França, naõ havia ſido Embaixa-

baixador em Roma. A pag. 360, D. Antonio Pacheco de Toledo, Marquez de Belmonte, foy depois Gentil-homem da Camera delRey Catholico com exercicio: está concertado a casar com sua prima com irmãa D. Maria da Conceiçaõ de Velasco e Pacheco, filha de D. Bernardino de Velasco e Bracamonte, Conde de Haro, como dissemos, e depois Duque de Frias, Conde de Penharanda, em successaõ a seu pay. Na mesma pag. se ha de accrescentar, que D. Maria da Conceiçaõ Pacheco he segunda mulher de Dom Antonio de Benavides, Marquez de Solera, primogenito dos primeiros Duques, decimos Condes de Santo Estevaõ. A pag. 363, Dom Martim de Gusmaõ, IV. Marquez de Monte-Alegre, naõ foy Sumilher de Corps delRey D. Carlos II., mas delRey Filippe V. A pag. 366, *Hugera*, lea-se Nugera. A pag. 367, *Havarrete*, Navarrete. Pag. 369, *Tresno*, Fresno; e assim sempre se deve ler. A pag. 377, *Havarra*, Navarra. Pag. 380, Senhor de *Ficuely &c. e Hin*, lea-se Nin. Pag. 381, *Henriques de Havara*, Henriques de Navarra. Ibid. *Alva*, Alava. Ibid. o Conde de Ablitas, he Gentil-homem da Camera delRey D. Fernando VI. com exercicio; e à Condessa de Crescente sua mulher concedeo ElRey Catholico, que tomasse a almofada, como successora de seu pay o Duque, e Senhor de Sottomayor, actualmente Embaixador Extraordinario na nossa Corte. Dom Francisco Henriques, irmaõ do Conde de Ablitas, foy Coronel do Regi-

mento de Navarra , Brigadeiro , e ao presente General de Batalha dos Exercitos delRey Catholico, Commendador na Ordem de Alcantara. A pag. 397, D. Anna Catharina Villaci de la Cueva &c. he ao presente Condessa de Penha-Flor , e de las Amayuelas por morte de seu irmaõ, que deixando huma filha, morreo de pouca idade ; e assim seu marido o Marquez de Val de Corzana se cobrio, como Grande, por Conde de Amayuelas, no reynado delRey D. Fernando VI. Pag. 403, D. Joaquina de Benavides casou com D. Ramon de Velasco Pimentel, (Marquez del Fresno) filho dos X. Duques de Frias, que morreo em poucos mezes, como se disse. Ibid. D. Antonio , Marquez de Solera , enviuvou deste primeiro casamento ; e casou segunda vez com D. Maria da Conceiçaõ de Velasco, filha dos XI. Duques de Frias, Condes de Penharanda. Pag. 408 , D. Francisco Centurion , lea-se D. Joaõ Centurion Velasco Cordova e Zapata, VII. Marquez de Estepa &c. e ao presente Conde de Fuensalida, Barajas, e Cassapalma, Marquez de la Alameda por morte, sem successaõ , de seu tio o Conde de Fuensalida D. Manoel de Velasco. Pag. 429 , o Marquez de Villa-Franca, foy depois Mordomo mór delRey D. Filippe V., Cavalleiro da Ordem de Santo Spirito. Pag. 485 , D. Gregorio da Sylva, Duque do Infantado, e Pastrana, naõ foy Mordomo delRey, nem os Grandes costumaõ ter semelhante emprego. Pag. 522 , o Duque del Sexto tem hum filho N. . . . Pag. 530,

D.

D. Pedro Portocarrero, Marquez de Val de Rabano, ſe deve emendar D. Chriſtovaõ Portocarrero, Marquez de Val de Rabano: he Gentil-homem da Camera delRey Catholico com exercicio: caſou com Dona Maria de Zuniga Chaves e Pacheco, filha dos actuaes Condes de Miranda, Duques de Penharanda; até ao preſente naõ tem ſucceſſaõ. Pag. 551, D. Anna de Mendoça, Condeſſa de Santa Cruz de los Manueles, por morte de ſua mãy foy Condeſſa de la Corzana, caſou com D. Chriſtovaõ de Zayas e Moſcoſo, Marquez de Culera, e herdeiro de Dom Chriſtovaõ de Moſcoſo, primeiro Conde de las Torres, Duque de Argeti, Grande de Heſpanha da primeira claſſe, Capitaõ General dos ſeus Exercitos &c. A pag. 560, D. Iſabel de Cordova e Chaves, ſe deve ſaber, que caſou com D. Ignacio de Cordova Ramires de Vargas, Conde de Bornos, Gentil-homem da Camera delRey Catholico com exercicio, Cavalleiro da Ordem de S. Genaro. Pag. 562, D. Rafael de Zuniga, Marquez de Banheza, he Gentil-homem da Camera delRey com exercicio. Caſou no anno de 1746 com D. N. . . . . . Pacheco de la Cueva e Cunha, filha dos Marquezes de Bedmar, e Moya.

No Tomo X. a pag. 259, D. Franciſco Gomes de Sandoval, primeiro Duque de Lerma, avô da Rainha. A pag. 346, do Caſtello de *Angres*, deve ſer Angers. Pag. 611, D. Luiz de Portugal, deve-ſe ler D. Lucas de Portugal, o celebre deſte nome pelos ſeus galantes, e judicioſos ditos. A pag. 790, D.

Manoel

Manoel de Caſtro, neto de Dom Alvaro de Caſtro, Senhor de Penedono, deve ſer D. Marianna, neta de D. Manoel de Caſtro, e biſneta de Dom Alvaro de Caſtro, Senhor de Penedono &c., como ſe diſſe a pag. 368 do Tomo V. deſta Hiſtoria. A pag. 834, Franciſco Luiz Correa de Lacerda, he Luiz Franciſco Correa de Lacerda. A pag. 45, D. Thereſa Correa, mulher de Vaſco Martins de Mello, deve ſaberſe, que foy a primeira mulher; e a ſegunda D. Maria Affonſo de Brito, como ſe diſſe no Tomo XII. No Tomo X. a pag. 471, na Arvore de Coſtados de D. Leonor de Portugal, Condeſſa de Gelves, ſe deve ſaber quaes eraõ os avós, que entaõ deixámos em branco, que agora declaramos, por no los communicar o Excellentiſſimo Duque, Senhor de Sottomayor, Embaixador Extraordinario neſta Corte, a cuja benevolencia ſempre nos confeſſaremos obrigados, como ſe vê na Arvore ſeguinte:

- A Condeſſa D. Bernarda Vicentello.
  - D. Joaõ Antonio Corſo, Vicentello, Sen. de Cantillana, Bremes, e Villa-Verde.
    - Vicentelo Niquer oſo de Leca, Cõſul de Corſega.
      - Niqueroſo de Iſtria Colona.
      - Sinarqueza de Leca.
    - Madona Bernardina de Frate.
      - N. . . . .
      - N. . . . .
  - Dona Brigida Corſo Vicentello.
    - Antonio Corſo.
      - Joaõ Guichardo.
      - Madona Brigida de Brocha Corſo Vicentello.
    - Dona Antonia de Armas.
      - Bartholomeu de Armas, Almirante de Frota.
      - D. Anna de Queſada.

A pag.

A pag. 902 do Tomo XI. faltou D. Branca de Castro, mulher de D. Leaõ de Noronha. E a pag. 325, a mulher de D. Rodrigo de Moscoso, V. Conde de Altamira, que foy D. Isabel de Castro, filha de D. Fernando Rodrigues de Castro, VII. Conde de Lemos, como se disse a pag. 265, e em outras partes. A pag. 919 do dito Tomo, faltou o casamento de Luiz de Mello, Porteiro mór, que foy com D. Guiomar de Vilhena, filha de D. Manoel da Camera, II. Conde de Villa-Franca; e daquella uniaõ nasceraõ Christovaõ de Mello, Porteiro mór, que casou com D. Maria de Vilhena, como se disse a pag. 946 do Tomo XI., Manoel de Mello, que foy Graõ Prior do Crato, como dissemos a pag. 367 do Tomo XII. Parte I., e D. Leonor de Vilhena, mulher de Dom Alvaro de Sousa, como em seu lugar fica dito. E a pag. 345, Dona Anna da Cunha, he Dona Maria da Cunha, filha de Dom Pedro da Cunha, II. Conde de Valença, e de Dona Joanna de Zuniga. A pag. 406, irmaõ do IV. Conde de Belalcazar, he o primeiro. A pag. 463, casou com D. Francisco de Castelvi, II. Marquez de la Coni, o que escrevemos conforme a noticia, que tirámos das *Glorias da Casa Farnesi*, cujo insigne Author se equivocou, fazendo marido desta Senhora, ao que foy seu sogro, como nos advertio com a sua costumada erudiçaõ o Excellentissimo Duque, Senhor de Sottomayor, reparandonos este erro, para cuja intelligencia se deve estar, em que D. Francisco de Castelvi,

vi, II. Marquez de la Coni, caſou em Sicilia com D. Franciſca Lanza, filha dos Principes de Travia, Condes de Muſulmeli &c. de cujo matrimonio naſceraõ D. Luxorio, D. Joaõ, D. Agostinho, D. Serafina, Marqueza de Palmas, e D. Anna Maria de Castelvi, Marqueza de Siete-Fuentes, em quem recahe a Caſa de la Coni. D. Luxorio de Caſtelvi, foy III. Marquez de la Coni &c. caſou com ſua prima D. Fauſtina de Caſtelvi e Fabra de Hijar, filha dos primeiros Marquezes de Cea; elle morreo muy moço, ſem ſucceſſaõ, e ella caſou depois com Dom Franciſco Luxorio Brondo e Galbes, II. Marquez de Villa-Cidro, de quem a teve muy dilatada; e viuvando ſegunda vez, morreo Freira nas Deſcalças de Madrid. D. Joaõ de Caſtelvi e Lanza, (que foy o ſegundo de ſeus irmãos, e marido de D. Franciſca de Borja) ſuccedeo na Caſa, e foy IV. Marquez de la Coni, IX. Viſconde de S. Luxi, Baraõ de Plogue &c. Cavalleiro da Ordem de Alcantara, Meſtre de Campo de hum Terço de Infantaria, e Gentil-homem da Camera delRey Filippe IV. Caſou duas vezes, e ambas ſem ſucceſſaõ; a primeira com D. Maria de Alagon, filha dos III. Marquezes de Villaſſor; e a ſegunda com D. Franciſca de Borja, filha dos Principes de Eſquilache. Succedeolhe por ſua morte ſeu irmaõ D. Agoſtinho, V. Marquez de la Coni &c. Cavalleiro da Ordem de Santiago, a quem mataraõ a 20 de Junho de 1668, havendo caſado duas vezes, e da ſegunda com ſua ſobrinha D.

Fran-

Francisca Zatrilla e Castelvi, III. Marqueza de Siete-Fuentes, Condessa de Culher, de quem naõ lhe ficou successaõ; e da primeira vez, que foy casado com D. Joanna Maria Dessart e Narro, (que havia sido Duqueza da Casa Maxima) e delle teve a D. Joaõ Francisco de Castelvi, VI. Marquez de la Coni, XI. Visconde de San-Luxi &c. Cavalleiro da Ordem de Calatrava, Gentil-homem da Camera delRey Carlos II. com entrada, seu Mordomo, e Governador da sua Real Casa, Superintendente das festas Reaes, do Conselho supremo de Aragaõ, e ultimamente Capitaõ da sua Guarda de Corps, como tambem delRey D. Filippe V., que reformando esta Companhia de Archeiros, por crear as quatro de Cavallos, que continuaõ reduzidas a tres, o fez Grande de Hespanha a 19 de Dezembro de 1704. Depois no anno de 1710 o nomeou General das Galés de Sicilia, levando Patente de Vice-Rey, e Capitaõ General de Cerdenha, para a expediçaõ da recuperaçaõ, que se desvaneceo; e havendolhe depois admittido a deixaçaõ do Generalato, viveo até o anno de 1723, em que morreo sem successaõ, sendo casado com D. Ignez Chacon Ponce de Leaõ, Senhora de Polvoranea; e por sua morte passou a sua Casa de la Coni a D. Maria Catharina de Castelvi, e San-Justi, filha unica dos Senhores de Samasse, casada em segundo matrimonio com Dom Dalmaõ San-Justi, primogenito dos III. Condes de S. Lourenço, de quem naõ tem filhos; porém de seu primeiro ma-

rido D. Gabriel Antonio Aymerich e Zaprilla, III. Conde de Villamar, teve a D. ANTONIO AYMERICH CASTELVI E CATRILLA, IV. Conde de Villamar, Baraõ de Ploague, que morreo desgraçadamente, deixando dilatada successaõ, que succede no Marquezado de la Coni. A pag. 809, onde se diz, irmaõ do IV. Conde de Belalcaçar, D. Joaõ Sottomayor, I. Senhor de Alconchel, naõ foy senaõ do I., como fica dito.

No Tomo XII. Parte I. pag. 118, a morte de D. Luiz de Lima, I. Conde dos Arcos, que se diz foy no anno de 1547, deve ser o de 1637. A pag. 120, Maria Magdalena Gallo e Lima, Condessa de Dionlemont, mulher de Carlos, Conde de Arberg, morreo este anno de 1748, acabando nella esta Linha. A pag. 160, D. Pedro Ruiz de Torres, affirmamos o casamento, que traz D. Luiz de Salazar no Memorial da Condessa de Villar Dompardo; porém o mesmo Salazar no Tom.I. da *Casa de Lara*, liv.5. cap.7. pag. 328, nos diz o contrario.

A pag. 161, onde fallamos de D. Pedro de Verastagué, satisfazemos com o que escreve Salazar no Tomo I. da *Casa de Sylva*, pag. 429, aonde diz: *D. Magdalena Pacheco de Silva, que casò con D. Pedro de Verastegui, I. Señor de la Villa de Alpera, que ElRey D. Filippe II. le diò la recompensa de las Salinas de Hontalvilla, que era de su Mayorasgo, como se lee en la Historia de Murcia, y D. Margarita de Gusman y Calatayud su muger, hermana entera*

entera de Don Luiz de Calatayud, II. Conde del Real, Señor de Provencio, y Catarroja. D. Antonio Soares de Alarcon dize, que D. Pedro de Verastagui no tuvieron succession, però D. Alonso Lopes de Haro assegura, que fue su hija Doña Juana Clara de Verastegui, la qual devia de morir en la infancia. Su madre, viuda de D. Pedro de Verastagui, fue universal heredera del Conde D. Alonso su hermano, y continuò en el juizio de Mil y quinientas el pleito del Estado de Cifuentes, pertendiendo suceder en el, però fue preferido el Marquez de Alconchel su sobrino, segun escrivimos en su lugar; e hoje está no actual Conde de Cifuentes. A pag. 125, do Tomo XII. faltou a mulher de Fernaõ de Sousa, o da *Botelha*, que foy D. Mecia de Brito, como se diz a pag. 338, que foy sua segunda mulher, filha de Martim Mascarenhas, Commendador de Aljustrel. E a pag. 332, D. Luiz Coutinho, casou com D. Leonor de Mendoça, deve ser D. Leonor de Mendanha, filha de Pedro de Mendanha, o celebre Alcaide de Castro Nuño, bem conhecido na nossa Historia. A pag. 307 do Tomo XII. num. 19, além dos filhos, que se declaraõ de Miguel Alvaro Pinto da Fonseca, e de sua mulher D. Anna Pinto Teixeira, teve mais a filha seguinte: 20 D. ANNA MARIA DE VILHENA, casou duas vezes, a primeira com seu tio Joaõ Pinto da Fonseca e Queirós, de que acima se fez mençaõ, de quem foy segunda mulher, e naõ teve geraçaõ. Casou segunda vez com Diogo de Moura

Coutinho, filho de Amador de Carvalho Guedes, Capitaõ mór da Villa de Cerolico de Basto, o qual era irmaõ de D. Francisca de Sousa de Ataide, mulher de D. Gregorio de Castellobranco, de quem fizemos mençaõ a pag. 466 do Tomo XI., de quem naõ tem até ao presente successaõ. No referido Tomo pag. 308, e 309, num. 18 se deve dizer, D. Leonor da Fonseca, casou em Penedono com Luiz Pereira Coutinho, Fidalgo da Casa Real, filho de Belchior Pereira de Andrade, Commendador de Reriz, e de sua mulher Dona Leonor Coutinho, de quem se fez mençaõ a pag. 307, num. 18, de quem teve * 19 LUIZ PEREIRA COUTINHO, com quem se continúa. 19 BELCHIOR PEREIRA COUTINHO, Cavalleiro de Malta, Balio de Lessa. 19 ALVARO PEREIRA, Cavalleiro de Malta, Graõ Cruz. 19 JOSEPH PEREIRA, tambem Cavalleiro de Malta. 19 D. BRIANDA DE VILHENA, segunda mulher de Francisco de Sousa da Sylva, de quem fizemos mençaõ a pag. 307. 19 D. ANNA PEREIRA COUTINHO, que casou com Sebastiaõ Guedes Cardoso de Carvalho, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Capitaõ mór do Concelho de Caria. * ANTONIO GUEDES CARDOSO DE CARVALHO, com quem se continúa. LUIZ PEREIRA COUTINHO DE VILHENA, Conego na Sé da Guarda. PEDRO GUEDES CARDOSO DE CARVALHO, Conego na mesma Sé. FR. FRANCISCO GUEDES, Commendador na Ordem de Malta, e Mordomo mór do Graõ Mestre. FR. PAULO GUEDES,

Com-

Commendador na mesma Ordem; e mais algumas filhas, das quaes naõ sabemos o estado. * ANTONIO GUEDES CARDOSO DE CARVALHO, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Capitaõ mór do Concelho de Caria, casou com D. Cecilia Theresa de Menezes, filha de Joaõ Cardoso Garcez, e de D. Paula Maria de Menezes; e tiveraõ a SEBASTIAÕ GUEDES CARDOSO DE CARVALHO E MENEZES, que casou com sua prima com irmãa. N. . . . . Conego de S. Joaõ Euangelista. LUIZ REBELLO PINTO. BERNARDO CARDOSO BARRETO PINTO E MENEZES, Presbytero do habito de S. Pedro. D. ROSA THOMASSA, que casou com Francisco Perfeito Pereira Pinto de Vasconcellos, de quem tem successaõ. * 19 LUIZ PEREIRA COUTINHO, foy Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro da Ordem de Christo, Capitaõ mór de Penedono, que casou no anno de 1698 com sua sobrinha D. Feliciana Michaella Pereira Coutinho, filha de Manoel Homem de Brito, e de sua mulher Dona Theresa Pereira Coutinho, e tiveraõ: 20 JOAÕ BERNARDO PEREIRA COUTINHO DE VILHENA, de quem tratámos a pag. 525 do Tomo XI. 20 LUIZ IGNACIO PEREIRA COUTINHO, que foy Cavalleiro de Malta, e naõ professando, casou com sua sobrinha D. Bernarda, filha de sua irmãa D. Bernarda; e ficando viuvo, sem successaõ, casou segunda vez com Dona Maria Joanna de Carvalho Rangel, filha herdeira de Joaõ Carvalho Rangel de Sottomayor, de quem tem filhos. 20 MANOEL PEREIRA COUTINHO

TINHO, Cavalleiro de Malta. 20 D. BRANCA LUIZA DE VILHENA, que casou com João Dantas da Cunha, Mestre de Campo General dos Exercitos de Sua Magestade, e Governador da Praça de Almeida, e das Armas da Provincia da Beira, de quem teve: 21 D. THEODORA BRITES DA CUNHA, mulher de D. Diniz de Almeida, como se disse a pag. 824 do Tomo X. 21 D. BERNARDA, mulher de seu tio Luiz Ignacio, acima. 20 D. ANTONIA LUIZA DE VILHENA, irmãa de D. Bernarda, casou com Francisco Caetano Cabral de Moura e Horta, Cavalleiro da Ordem de Christo, Superintendente da Comarca de Coimbra. 20 N. N. . . . . . Freiras em Santa Clara do Porto.

12 FERNAÕ DE SOUSA DE MAGALHAENS, que foy filho segundo de Dona Isabel de Sousa, e de seu marido Joaõ de Magalhaens, casou com D. Isabel Barbosa, filha de Joaõ Barbosa; e tiveraõ: * 13 JOAÕ DE SOUSA DE MAGALHAENS, de quem se fallará adiante. 13 GOMES DE SOUSA, cuja descendencia naõ chegou à nossa noticia. * 13 D. MARGARIDA DE SOUSA, que casou com Gonçalo Vaz Alcaforado, como adiante se dirá. * 13 JOAÕ DE SOUSA, foy Senhor do Morgado de Pentieiros, casou com D. Violante Fagundes; e tiveraõ entre outros filhos: 14 a DAMIAÕ DE SOUSA DE MENEZES, o qual casou com D. Maria de Sousa e Menezes, filha de Antonio de Sousa Alcaforado; e tiveraõ: * 15 SEBASTIAÕ DE SOUSA DE MENEZES, adiante; e entre outros filhos:

15 D.

15 D. Violante de Sousa, que casou com D. Gabriel de Quiros e Sottomayor, Senhor de Moz, no Reyno de Galliza, com descendencia. * 15 Sebastiaõ de Sousa de Menezes, foy Senhor do Couto de Francemil &c. e casou com D. Joanna de Noronha; e teve entre outros filhos: 16 a Damiaõ de Sousa de Menezes, que lhe succedeo na sua Casa, e foy Capitaõ mór de Aveiro, Governador de Salvaterra, e Commendador de Canellas na Ordem de Christo, que casou com D. Joanna de Tavora, filha de Gonçalo Guedes de Sousa; e tiveraõ: * 17 a Gonçalo de Sousa de Menezes, adiante. 17 Francisco de Sousa, Cavalleiro de Malta. * 17 Manoel de Sousa de Menezes, de quem adiante se fará mençaõ. 17 Garcia de Sousa, que foy Deputado do Santo Officio, e Prior da Bemposta. 17 D. Joanna de Noronha, que casou com Francisco Pereira da Sylva, Senhor de Britiandos, e foraõ pays de Damiaõ Pereira da Sylva, de quem foy filho Francisco Pereira da Sylva, que lhe succedeo na Casa, e casou com D. Caetana Alberto de Lencastre, como se disse a pag. 358 do Tomo XI.

* 17 Gonçalo de Sousa de Menezes, que succedeo na Casa, e foy Commendador na Ordem de Christo, casou com D. Ignez Guiomar de Castro, filha de Gonçalo de Mello Osorio; e tiveraõ: Dona Margarida de Menezes, que foy mulher de seu primo Damiaõ Pereira da Sylva, Senhor de Britiandos,

dos, de quem teve FRANCISCO PEREIRA DA SYLVA, de quem acima ſe fez mençaõ, e GONÇALO DE SOUSA DE MENEZES, que caſando com D. Luiza Theodora de Caſtro, tiveraõ por filho a DAMIAÕ PEREIRA DA SYLVA DE SOUSA E MENEZES, que he ao preſente preſumptivo herdeiro da Caſa.

* 17 MANOEL DE SOUSA DE MENEZES, filho terceiro de Damiaõ de Souſa de Menezes, foy Meſtre de Campo dos Auxiliares da Comarca de Eſgueira, caſou com D. Maria Chriſtina de Souſa e Vaſconcellos, filha de Lourenço de Souſa de Vaſconcellos, Senhor do Morgado de Figueiredo das Donas, junto a Viſeu, e ſua mulher D. Joanna de Seixas; e neto pela parte materna do Doutor Lourenço Pereira, Corregedor da Corte, e de ſua mulher D. Damaſia de Souſa, Senhora do dito Morgado; e tiveraõ: 18 LOURENÇO DE SOUSA DE VASCONCELLOS, que he Meſtre de Campo de Auxiliares, e ſeu ſucceſſor. 18 D. JOANNA MICHAELLA DE NORONHA, que caſou com Pedro Roxas de Azevedo, do Conſelho delRey, e da ſua Fazenda, Alcaide mór de Portalegre, de quem naſceo: 19 D. CATHARINA RITA DE ROXAS, que caſou com ſeu primo Luiz Thomás de Lemos, como ſe dirá. 18 D. MARIA MAGDALENA DE SOUSA E MENEZES, caſou com Bernardo de Carvalho e Lemos, Senhor da Trofa, de quem naſceo: 19 LUIZ THOMAS DE LEMOS DE CARVALHO, Senhor da Trofa &c. que caſou com ſua prima com irmãa D. Catharina Rita de Roxas, de

de quem nasceo entre outros filhos: 20 BERNARDO DE LEMOS DE CARVALHO, casou a 16 de Outubro de 1748 com D. Juliana de Menezes, filha de D. Pedro Alvares da Cunha, Trinchante de Sua Magestade, e de sua segunda mulher. 18 D. ROSA MARIA DE MENEZES, que casou em Guimaraens com Luiz Pimenta de Tavora e Lemos, filho de Joseph da Costa Pimenta, e de sua mulher Dona Catharina de Lemos e Tavora; e tiveraõ: 19 JOSEPH LUIZ PIMENTA DE LEMOS E TAVORA. 19 N. N. . . . Freiras.

19 D. JOANNA LUIZA DE SOUSA E MENEZES, casou com Antonio Carlos de Castro, Coronel de Dragoens do Regimento de Aveiro, filho de Sebastiaõ de Castro e Caldas, Governador do Rio de Janeiro, do Conselho de Sua Magéstade, e Commendador na Ordem de Christo; e tiveraõ: 20 SEBASTIAÕ ANTONIO DE CASTRO. 20 BERNARDO DE SOUSA DE CASTRO. 20 LUIZ CAETANO DE SOUSA E MENEZES. 20 GASPAR PITA DE CASTRO. 20 D. MARIA MAGDALENA DE CASTRO E NORONHA. 20 D. ANTONIA LUIZA DE CASTRO. 20 E D. ANNA LUIZA DE CASTRO.

19 D. LUIZA JOANNA DE SOUSA E MENEZES, que casou duas vezes, a primeira com Fernando de Magalhaens de Menezes, Senhor da Quinta do Covo; e a segunda com Damiaõ Pereira da Sylva.

* 13 D. MARGARIDA DE SOUSA, filha de Fernaõ de Sousa de Magalhaens, casou com Gonçalo Vaz

Alcaforado , Senhor da Villa de Mouris ; e tiveraõ os filhos ſeguintes : * 14 FRANCISCO DE SOUSA ALCAFORADO , com quem ſe continúa. * 14 E ANTONIO DE SOUSA ALCAFORADO , de quem adiante ſe fará mençaõ. * 14 FRANCISCO DE SOUSA ALCAFORADO , caſou com D. Maria Rangel ; e tiveraõ: * 15 ANTONIO DE SOUSA ALCAFORADO , adiante. * 15 D. LEONOR DE SOUSA , que caſou com Sebaſtiaõ de Souſa de Magalhaens , como adiante ſe dirá. * 15 ANTONIO DE SOUSA ALCAFORADO , que foy Commendador na Ordem de Chriſto , e caſou com D. Maria da Sylva , filha de Ruy Mendes de Meſquita ; e tiveraõ os filhos ſeguintes : 16 FRANCISCO DE SOUSA ALCAFORADO , que morreo na India. * 16 FERNAÕ MARTINS DE SOUSA , com quem ſe continúa. * 16 JOAÕ DE SOUSA ALCAFORADO , de quem adiante ſe tratará. * 16 RUY MENDES DE SOUSA , que morreo na India. 16 D. MARGARIDA DE SOUSA , que caſou com Antonio Pamplona Carneiro. * 16 FERNAÕ MARTINS DE SOUSA , ſervio na India , foy Capitaõ de Chaul , e Commendador na Ordem de Chriſto , e Senhor da Quinta da Sylva : caſou com ſua prima D. Antonia de Souſa , viuva de Manoel Cirne Pereira , filha de Antonio da Sylva Alcaforado ; e tiveraõ: * 17 FRANCISCO DE SOUSA DA SYLVA , adiante. 17 D. LUIZA DA SYLVA , que caſou com Martim Lopes de Azevedo. * 17 FRANCISCO DE SOUSA DA SYLVA , que foy Senhor da Quinta da Sylva , e herdeiro da mais Caſa de ſeu

pay, caſou com D. Anna de Menezes, filha de Gabriel de Quiros Sottomayor, Senhor de Moz em Galliza; e tiveraõ os filhos ſeguintes: 18 Fernaõ de Sousa da Sylva, que foy ſeu herdeiro, e caſando com D. Filippa de Souſa Sottomayor, naõ teve ſucceſſaõ. * 18 Francisco de Sousa da Sylva, com quem ſe continúa. 18 Gabriel de Sousa, Cavalleiro de Malta. 18 D. Antonia, e D. Violante, Religioſas no Convento da Villa do Conde. * 18 Francisco de Sousa da Sylva, que ſuccedeo na Caſa, e foy Senhor da Quinta da Sylva, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, caſou com Dona Magdalena Maria de Mello, filha de Manoel de Souſa de Almeida, Senhor da Quinta da Cavallaria; e tiveraõ: 19 Antonio de Sousa da Sylva, que foy Senhor da ſua Caſa, e caſou com D. Antonia de Andrade de Lemos, filha de Jeronymo Brandaõ da Sylva, de quem naſceo: 20 Francisco de Sousa da Sylva Alcaforado, Senhor da Quinta da Sylva, bem conhecido pelas ſuas ſingulares producções, com que tem eſclarecido a Republica das Letras. Caſou duas vezes, a primeira com D. Antonia Joſefa de Vilhena, filha de Sancho de Mello da Sylva, ſem ſucceſſaõ; e ſegunda vez, no anno de 1745 a 10 de Fevereiro, com D. Margarida Iſabel de Lencaſtre, filha de Gonçalo de Souſa de Almeida, e de ſua mulher D. Anna Joachina de Lencaſtre.

* 16 Joaõ de Sousa da Sylva, filho terceiro de Antonio de Souſa Alcaforado, como fica dito,

casou em Guimaraens com D. Maria de Almada, filha de Antonio Machado de Almada; e tiveraõ entre outros filhos, que foraõ Religiosos: 17 a RODRIGO DE SOUSA DA SYLVA, que foy Cavalleiro da Ordem de Christo, e casou com D. Helena da Sylva, de quem nasceo entre outros filhos: 18 FRANCISCO DE SOUSA DA SYLVA, que lhe succedeo, e casou duas vezes, a primeira com D. Gabriela Antonia de Sá, filha de Manoel de Sousa de Almada, Senhor da Quinta da Cavallaria, de quem nasceo: * 19 RODRIGO DE SOUSA DA SYLVA, adiante. Casou segunda vez com Dona Bernarda Coutinho, filha de Luiz Pereira Coutinho, Capitaõ mór de Penedono, de quem nasceo: * 19 D. MARIA DE VILHENA, que casou com Gonçalo Vaz Pinto de Sousa, Senhor do Morgado de Calvilhe, irmaõ do Graõ Mestre de Malta D. Fr. Manoel Pinto, como em outra parte dissemos. 19 RODRIGO DE SOUSA DA SYLVA, que succedeo na Casa, e he Mestre de Campo de Auxiliares, casou com D. Isabel Francisca de Vilhena, filha de Jeronymo Brandaõ da Sylva, e de sua mulher D. Petronilha de Andrade Lemos Sottomayor, filha de Dom Pedro Marinho Loubeira, Senhor da Serra Tragoa, e Alvellos em Galliza; e deste matriuio nasceo: 20 FRANCISCO FILIPPE DE SOUSA DA SYLVA, que casou no anno de 1730 com D. Rosa Maria de Viterbo de Lencastre, filha de Diogo Correa de Sá, III. Visconde de Asseca, como dissemos a pag. 635 do Tomo X.

* 16 D. Margarida da Sylva, filha de Antonio de Soufa Alcaforado, cafou com Antonio Pamplona Carneiro; e tiveraõ: 17 Joaõ Alvares Pamplona, que fuccedeo na Cafa, e de quem fe conferva fucceffaõ, e entre outros, que morreraõ: 17 Manoel de Sousa da Sylva, que cafando com D. Margarida de Noronha, tiveraõ entre outros filhos: 18 Antonio de Sousa Alcaforado, que cafou com D. Ifabel da Sylva, de quem nafceo: 19 Manoel de Sousa da Sylva, Fidalgo da Cafa Real, Capitaõ mór do Concelho de Santa Cruz, que cafou com Dona Maria Therefa de Vilhena, filha de Luiz Pinto de Soufa, Morgado de Balfemaõ, de quem nafceo: 20 Leopoldo Luiz de Sousa Rangel, Fidalgo da Cafa Real, que cafou com D. Angelica de Paiva, de quem até ao prefente naõ tem fucceffaõ.

* 15 D. Leonor de Sousa, filha de Francifco de Soufa Alcaforado, cafou com Sebaftiaõ de Soufa, de quem nafceo: 16 Pedro de Sousa Alcaforado, que cafando em Lamego, foy feu filho: 17 Sebastiaõ de Sousa Alcaforado, que cafou com D. Maria de Vafconcellos; e tiveraõ: 18 a Pedro de Sousa Alcaforado, que morreo fem fucceffaõ. 18 E D. Maria de Vasconcellos de Sousa, que cafou em Lamego com Gonçalo da Fonfeca de Caftro, Fidalgo da Cafa Real, e faõ avós de Francifco Caetano de Caftro da Fonfeca, que lhe fuccedeo na Cafa, e de Bernardo Antonio de Mello Oforio,

Oſorio, Biſpo da Guarda, de quem em outra parte ſe diſſe ſer ſeu avô.

* 14 ANTONIO DE SOUSA ALCAFORADO, filho ſegundo de Gonçalo Vaz Alcaforado, caſou duas vezes, a primeira com Dona Cecilia de Miranda, de quem teve entre outros filhos, que morreraõ ſem ſucceſſaõ: 15 a D. MARIA DE MENEZES, que caſou com Damiaõ de Souſa de Magalhaens, como fica dito. Caſou ſegunda vez com D. Iſabel de Madureira, de quem teve entre outros filhos, que morreraõ ſem ſucceſſaõ: 15 D. ANTONIA DE SOUSA, que caſou com Manoel Cirne, como logo ſe dirá, que foy ſeu primeiro marido; e por ſua morte caſou com ſeu primo Fernaõ Martins de Souſa, como já diſſemos; e de ſeu primeiro marido teve: * 16 a PEDRO VAZ CIRNE DE SOUSA, com quem ſe continúa. * 16 E a MANOEL DE SOUSA CIRNE, de que adiante ſe tratará. * 16 PEDRO VAZ CIRNE DE SOUSA, que ſuccedeo na Caſa, e foy Capitaõ mór de Guimarães; e depois de viuvo, Cavalleiro de Malta: havia ſido caſado com D. Antonia de Madureira, filha herdeira de Diogo de Madureira, de quem teve entre outros filhos, de que naõ ha ſucceſſaõ: 17 a ANTONIO DE SOUSA CIRNE, que foy herdeiro da ſua Caſa, e caſou com D. Marianna de Azevedo, filha de Martim Lopes de Azevedo, Senhor do Couto de Azevedo, de quem naſceo: 18 FRANCISCO DE SOUSA CIRNE, Fidalgo da Caſa Real, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, que caſou com ſua ſobrinha D. Maria Roſa

Sarmen-

Sarmento e Samudio, filha herdeira de ſeu primo Martim de Madureira Toſcano, Fidalgo da Caſa Real; e tiveraõ: 19 DIOGO DE SOUSA CIRNE, Fidalgo da Caſa Real, Senhor da Honra de Cuminhaes. 19 ANTONIO JOSEPH DE SOUSA CIRNE. 19 FRANCISCO ANTONIO DE SOUSA CIRNE. 19 D. LEONOR MARIA SARMENTO, mulher de Franciſco de Tavora de Noronha, de quem naſceo: 20 D. ANTONIA DE TAVORA, que caſou com ſeu tio Vicente de Tavora e Noronha, com ſucceſſaõ.

* 16 MANOEL DE SOUSA CIRNE, filho ſegundo, como diſſemos, de Manoel Cirne, caſou com D. Maria de Noronha, filha de Martim de Tavora, Senhor da Quinta de Campo Bello, de quem naſceo: 17 DIOGO DE SOUSA CIRNE, que caſou com D. Filippa de Aragaõ, de quem teve entre outros filhos: 18 MARTIM DE TAVORA DE NORONHA DE SOUSA CIRNE, que foy Alcaide mór de Lindoſo, e caſou com D. Maria Natalia de Souſa, filha herdeira de Manoel de Souſa de Menezes, Alcaide mór de Lindoſo, de quem naſceo: DIOGO DE SOUSA DE TAVORA, de quem adiante ſe dirá.

* 12 D. ISABEL DE SOUSA, primeira filha de Joaõ de Magalhaens, Senhor da Ponte da Barca, caſou com Diogo de Azevedo, Senhor da Quinta de Azevedo; e tiveraõ os filhos ſeguintes: 13 LOPO DE AZEVEDO, que caſou na Ilha da Madeira, ſem ſucceſſaõ. * 13 MARTIM LOPES DE AZEVEDO, com quem ſe continúa. * 13 PEDRO DE SOUSA, de quem adiante

adiante ſe tratará. 13 Diogo de Sousa, que foy Clerigo. 13 Francisco de Sousa, que faleceo ſem geraçaõ. 13 Leonel de Azevedo, que tambem naõ teve geraçaõ. 13 D. Theresa de Sousa, mulher de Gomes de Abreu, Commendador do Souto. 13 D. Filippa de Sousa, mulher de Pedro Lopes, ou Borges de Souſa, e depois de Henrique Pereira, Senhor da Quinta da Giria. 13 D. Maria, Freira em Jeſu de Aveiro.

* 13 Martim Lopes de Azevedo, caſou com D. Iſabel de Ataide; e tiveraõ os filhos ſeguintes: 14 Pedro Lopes de Azevedo. 14 Diogo Lopes de Azevedo, que faleceo moço, e foy Capitaõ de Maluco. 14 Miguel de Azevedo, que foy Clerigo, e Abbade de Gallegos; e teve alguns filhos baſtardos. 14 D. Filippa de Azevedo, muler de Ruy Ferreira de Eça.

* 14 Pedro Lopes de Azevedo, foy Senhor da Quinta de Azevedo, como ſeu pay, e caſou com D. Brites Pereira, filha de Jorge Pereira, Senhor do Couto de Mazareſes; e tiveraõ: * 15 Martim Lopes de Azevedo, com quem ſe continúa. 15 D. Isabel de Ataide, mulher de Henrique Pinheiro.

* 15 Martim Lopes de Azevedo, foy Senhor da Quinta de Azevedo, caſou com D. Leonor da Sylva, filha de Alvaro Pinheiro, Alcaide mór de Barcellos; e tiveraõ: * 16 Pedro Lopes de Azevedo, com quem ſe continúa. 16 Miguel de Azevedo, que foy Abbade de Gallegos. 16 Jeronymo

DE AZEVEDO, que foy Monge da Ordem de S. Bento. 16 HENRIQUE DE AZEVEDO, Conego de S. Joaõ Euangelista. 16 D. CECILIA, Freira em S. Bento do Porto. 16 E D. MARGARIDA, Freira em Val de Pereira. 16 D. JOANNA, que casou com Simaõ de Villasboas, cuja descendencia naõ sabemos.

* 16 PEDRO LOPES DE AZEVEDO, que foy Senhor da Quinta de Azevedo, casou com sua prima D. Maria de Menezes de Ataide, filha de Filippe Soares; e tiveraõ: * 17 MARTIM LOPES DE AZEVEDO, adiante. 17 CHRISTOVAÕ DE AZEVEDO, e JOAÕ DE AZEVEDO, Monges de S. Bento. 17 FR. FILIPPE DA CONCEIÇAÕ, da Ordem dos Prégadores. 17 GABRIEL DOS ANJOS, Conego de S. Joaõ Euangelista. 17 D. IGNACIO DA CRUZ, Conego Regrante. 17 N. N. . . . . . Freiras em Braga.

* 17 MARTIM LOPES DE AZEVEDO, que foy Senhor da Quinta de Azevedo, casou duas vezes, e de sua segunda mulher D. Luiza da Sylva, filha de Fernaõ Martins de Sousa Alcaforado, teve: * 18 PEDRO LOPES DE AZEVEDO, com quem se continúa. 18 FERNAÕ DE SOUSA DE AZEVEDO, que morreo moço. 18 D. MARIANNA DE AZEVEDO, mulher de Antonio de Sousa Cirne seu primo. 18 D. THERESA, mulher de Miguel de Madureira, Morgado de Freixo. 18 D. ANTONIA DE PADUA, e D. MARIA DA ENCARNAÇAÕ, Freiras em Villa do Conde.

* 18 PEDRO LOPES DE AZEVEDO, foy Senhor da Quinta de Azevedo, casou com Dona Maria de

Luna e Sottomayor, filha de Francisco Monteiro Monterroyo, Corregedor do Crime da Corte, e Casa, do Conselho delRey, e da sua Fazenda, e Juiz das Justificações do Reyno, cujo lugar occupou pelos annos de 1666; e de sua mulher D. Margarida de Luna e Sottomayor, prima do Secretario de Estado Miguel de Vasconcellos de Brito, e filha de Manoel de Luna Barreto, e de sua mulher D. Maria de Sá e Sottomayor; e tiveraõ os filhos seguintes: * 19 LEONARDO LOPES DE AZEVEDO, com quem se continúa. 19 D. MARGARIDA DE LUNA E SOTTOMAYOR, que casou com Jeronymo da Cunha Sarmento, Desembargador do Porto, de quem naõ teve geraçaõ, e foy seu herdeiro seu irmaõ. 19 D. MARIA, D. ANNA, D. LUIZA, e D. ANTONIA DE AZEVEDO, que naõ sabemos tivessem estado. * 19 LEONARDO LOPES DE AZEVEDO, que succedeo em toda a Casa de seu pay, e he Senhor de Azevedo. Casou com D. Margarida Isabel de Sousa, filha de Fradique Lopes de Sousa; e tiveraõ os filhos seguintes: 20 PEDRO LOPES DE SOUSA. 20 FRANCISCO LOPES DE SOUSA. 20 BENTO DE SOUSA DA CUNHA. 20 FRADIQUE LOPES DE SOUSA. 20 JOSEPH DE SOUSA. 20 E ANTONIO, que morreo menino. 20 D. MARIA MANOEL DE AZEVEDO, mulher de Pantaleaõ Alvares Brandaõ, Fidalgo da Casa Real, com successaõ. 20 D. LEONOR BERNARDA, e D. ISABEL, de quem ignoramos o estado.

* 12 D. BRITES DE SOUSA, casou com Lopo Rodrigues de Araujo, Senhor, e Alcaide mór de

Lindoso,

Lindoſo, que ſervio em Africa em tempo delRey D. Affonſo V., e acompanhou aos Infantes D. Henrique, e D. Fernando na expediçaõ de Tangere; e tiveraõ: * 13 JOAÕ RODRIGUES DE ARAUJO, adiante. 13 FERNAÕ VELHO DE ARAUJO, que foy Senhor dos Coutos de Val de Pedroſo, e a Alcaidaria de Sande em Galliza, onde foy caſado com Ignez Rodrigues Mogueimes Fajardo; e tiveraõ: FRANCISCO DE ARAUJO, que caſou em Villa Real, e delle parece ſe naõ conſerva geraçaõ, e a PEDRO ANNES DE ARAUJO, que tambem caſando, naõ teve ſucceſſaõ. ISABEL FERNANDES DE ARAUJO, que caſou com Diogo Soutello Delgado; e GENEBRA DE ARAUJO, que foy mulher de Vaſco de Romoy, Senhor da Villa de Quadros em Galliza; e BRITES VELHA DE ARAUJO, que foy Freira. 13 D. MARGARIDA DE SOUSA, que caſou com Fernaõ de Lima.

* 13 JOAÕ RODRIGUES DE ARAUJO, foy Alcaide mór, e Senhor de Lindoſo, e Pertigueiro de Cellanova, como ſeu pay. Caſou com D. Anna de Lima, filha de D. Rodrigo de Lima, Dom Abbade de Pombeiro; e tiveraõ: * 14 DIOGO DE SOUSA, com quem ſe continúa. 14 GASPAR DE SOUSA, que ſervio na India, e dizem, que caſara na Ethiopia. 14 JERONYMO DE ARAUJO, que caſando, naõ teve geraçaõ. 14 PEDRO DE SOUSA, com ſucceſſaõ.

* 14 DIOGO DE SOUSA, que foy Alcaide mór, e Senhor de Lindoſo, caſou com Dona Catharina de Almada; e tiveraõ entre outros filhos: 15 a ANTO-

NIO DE SOUSA, que foy ſeu herdeiro, e caſando com D. Guiomar de Araujo, filha de Pedro de Araujo; tiveraõ: 16 a PEDRO DE SOUSA DE MAGALHAENS, que foy Senhor, e Alcaide mór de Lindoſo, e caſou com D. Catharina Pacheco; e tiveraõ: 17 ANTONIO DE SOUSA, que morreo na India, * 17 e a BALTHASAR DE SOUSA.

* 17 BALTHASAR DE SOUSA, veyo a ſer herdeiro da Caſa de ſeu pay pela morte de ſeu irmaõ, e foy Alcaide mór de Lindoſo, caſou com D. Paula de Araujo, filha de Manoel de Araujo Botelho, e de ſua mulher D. Ignez Jacome do Lado; e tiveraõ: 18 DIOGO DE SOUSA DE ARAUJO, Abbade de Idaes. 18 JORGE DE SOUSA, ſem geraçaõ. * 18 MANOEL DE SOUSA DE MENEZES, com quem ſe continúa. 18 D. CATHARINA DE SOUSA, mulher de Antonio de Magalhaens. 18 D. PAULA DE SOUSA, que caſou com André do Amaral Homem.

* 18 MANOEL DE SOUSA DE MENEZES, que foy Alcaide mór de Lindoſo, e Senhor do Morgado de Britello, e caſou com ſua prima ſegunda D. Luiza de Magalhaens; e tiveraõ: 19 a D. MARIA NATALIA DE SOUSA DE MENEZES, que ſuccedeo na Caſa, e Morgado de Britello, e caſou com Martim de Tavora de Souſa, Fidalgo da Caſa Real, de quem já ſe fez mençaõ; e tiveraõ os filhos ſeguintes: 20 DIOGO DE SOUSA DE TAVORA, Fidalgo da Caſa Real, Alcaide mór de Lindoſo, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, e Meſtre de Campo dos Auxiliares

na

na Provincia do Minho, que casou com Dona Luiza Joseph da Gama, filha de Diogo Rangel de Macedo, Fidalgo da Casa Real, Commendador de S. Braz de Lisboa, e até ao presente naõ tem geraçaõ. 20 D. Leonor Maria de Tavora, mulher de Gaspar Leite de Azevedo, Fidalgo da Casa Real, e Mestre de Campo dos Auxiliares.

A pag. 309, n. 20 D. N. . . . mulher de Luiz Caetano Cabral, he D. Antonia Luiza de Vilhena, mulher de Francisco Caetano Cabral de Moura e Horta, Cavalleiro da Ordem de Christo. A pag. 457, onde se diz, que Dom Bernardo Antonio Osorio, Bispo da Guarda, he neto dos avós, que alli se aponta, se deve emendar, que foraõ Gonçalo da Fonseca de Castro, e D. Maria de Sousa; e os maternos Joaõ de Seabra e Sousa, e D. Helena Theresa de Sottomayor. A pag. 474, 16 D. Francisco Lobo casou com D. Ignez, filha de Diogo Duarte. A pag. 399 do Tomo XII., D. Isabel de Sousa, mulher de Joaõ de Magalhaens, Senhor da Ponte da Barca, e da terra da Nobrega, foy Fidalgo da Casa do Duque de Bragança D. Affonso, faltou a sua descendencia. No anno de 1458 lhe fez ElRey D. Affonso V. merce da dita terra, e da Doaçaõ, que está na Torre do Tombo, por lho pedir o Marquez de Valença, e pelos muitos, e grandes serviços, que delle tinha recebido, e o Reyno em Ceuta, onde foy feita a dita Doaçaõ; e tiveraõ os filhos seguintes: 12 Gil de Magalhaens, adiante. * 12 Fernaõ

DE

DE SOUSA DE MAGALHAENS, de quem adiante se tratará. 12 D. ISABEL DE SOUSA, mulher de Diogo de Azevedo, Senhor da Quinta de Azevedo. 12 D. BRITES DE SOUSA, mulher de Lopo Rodrigues de Araujo, Alcaide mór de Lindoso, com successaõ. * 12 GIL DE MAGALHAENS, foy Senhor da Ponte da Barca, e mais Casa de seu pay, casou com Dona Maria de Menezes, filha de Ruy Gomes da Sylva, Alcaide mór de Campo-Mayor, e de sua mulher Dona Isabel de Menezes; e tiveraõ: * 13 JOAÕ DE MAGALHAENS DE MENEZES, com quem se continúa. Casou segunda vez com D. Isabel de Menezes, filha de Gonçalo Nunes Barreto, Alcaide mór de Faro, e de sua mulher D. Ignez Pereira; e teve os filhos seguintes: 13 PEDRO BARRETO DE MAGALHAENS, que cognominaraõ o *Leaõ*, por matar em Safim hum Leaõ, no tempo que servio naquella Praça; depois passou a servir à India, e foy Capitaõ mór de huma Armada; e voltando para o Reyno, morreo na Aguada de Saldanha. 13 FRANCISCO DE MAGALHAENS, que casando tres vezes, de sua terceira mulher Dona Leonor Pereira, filha de Lopo Pereira, Almoxarife em Ponte de Lima, e de sua mulher Ignez Pinto, teve: 14 ANTONIO BARRETO DE MAGALHAENS, foy Abbade de Moz. 14 JERONYMO BARRETO DE MENEZES, com successaõ. 14 DIOGO DE MAGALHAENS, que casou em Villa Real com Dona Violante Pereira, filha de Diogo de Sampayo, Contador de Tras os Montes,

tes, e de ſua mulher Ignez de Meſquita, de quem teve: 15 JORGE BARRETO, que morreo na India, ſem geraçaõ. 15 E D. ISABEL DE MENEZES, que caſou com Paulo Antonio Telles, cuja deſcendencia naõ chegou à noſſa noticia. 13 GIL DE MAGALHAENS, que paſſou à India com o Governador Nuno da Cunha, e lá morreo, e parece teve geraçaõ. 13 ANTONIO DE MAGALHAENS, que tambem paſſou à India, e morreo em Chaul com D. Lourenço de Almeida, ſem geraçaõ. 13 JORGE BARRETO, que foy Contador de Tras os Montes, officio que teve em dote. Caſou com D. Genebra Pereira, filha de Diogo de Sampayo, e de ſua mulher Dona Ignez de Meſquita; e tiveraõ: 14 PEDRO DE MAGALHAENS DE MENEZES, que tendo ſervido na India com reputaçaõ, morreo deſgraçadamente. 14 D. IGNEZ DE MENEZES, de que Affonſo de Torres diz, que caſara com Pedro Barreto da Sylva, o da India. 13 SIMAÕ BARRETO, que paſſou a Galliza homiſiado: dizem que lá caſara com D. Iſabel da Sylva, filha de Franciſco da Sylva, Fidalgo Gallego; e tiveraõ: 14 PEDRO BARRETO, que mataraõ em Evora. 14 D. ISABEL DE MENEZES, mulher de Bernardim Sarmento, Fidalgo Gallego, cuja deſcendencia naõ ſabemos. 14 D. HELENA, de quem Affonſo de Torres diz, que fora Freira. 13 D. CATHARINA DE MENEZES, que caſou em Galliza com Garcia Mendes de Sottomayor. 13 D. JOANNA DE MENEZES, que caſou com Vaſco Cardoſo de Vaſconcellos, Senhor

nhor do Morgado da Taipa, de que teve ſucceſſaõ.
* 13 JOAÕ DE MAGALHAENS DE MENEZES, que herdou a caſa de ſeu pay, e foy Senhor da Ponte da Barca, e caſou com D. Leonor da Sylva, filha de Pedro de Caſtro, Alcaide mór de Melgaço, e de ſua mulher Brites de Mello; e tiveraõ: * 14 MANOEL DE MAGALHAENS, com quem ſe continúa. 14 FRANCISCO DA SYLVA DE MAGALHAENS caſou com D. Filippa de Torres, conforme diz D. Antonio de Lima, de quem houve: 15 D. LOURENÇA DA SYLVA, que foy mulher de Coſme de Magalhaens de Souſa. 14 DIOGO DE MAGALHAENS, que morreo em Africa, ſem geraçaõ. 14 D. FRANCISCA DA SYLVA, mulher de Diogo Lopes Rincaõ, e tiveraõ ſucceſſaõ. * 14 MANOEL DE MAGALHAENS, que herdou a Caſa, e foy IV. Senhor da Ponte da Barca, que caſou com D. Margarida da Sylva, filha de Leonardo de Abreu, III. Senhor de Regalados; e tiveraõ os filhos ſeguintes: 15 JOAÕ DE MAGALHAENS, que foy V. Senhor da Ponte da Barca, e morreo moço, ſem ſucceſſaõ. * 15 ANTONIO DE MAGALHAENS, com quem ſe continúa. 15 FRANCISCO DE MAGALHAENS, de quem naõ ſabemos deſcendencia. 15 MATHIAS DA SYLVA, que foy Arcediago de Braga; e teve illegitimo: 16 a MANOEL DE MAGALHAENS DE MENEZES, que foy Clerigo, e Deſembargador do Paço, do Conſelho delRey, e do Geral do Santo Officio, peſſoa de muita authoridade, e letras. 15 JOAÕ DE MAGALHAENS, que

ſendo

ſendo caſado com Dona Ignez de Magalhaens, naõ tiveraõ ſucceſſaõ. 15 D. Maria da Sylva, que caſou com Franciſco Machado, Senhor de Entre Homem, e Cavado, Commendador de Souſel, de quem naſceo: 16 D. Margarida da Sylva, que foy ſua herdeira, e caſou com Manoel de Araujo e Souſa, de quem naſceo: 17 Felix Machado, que foy Senhor de Entre Homem, e Cavado, que foy pela Coroa de Caſtella Marquez de Monte Bello em Italia, Commendador na Ordem de Chriſto, e caſou com D. Violante de Horoſco e Ladron, filha de D. Rodrigo Horoſco, de quem naſceo unico: 18 Antonio Machado da Sylva, que foy Senhor de Entre Homem, e Cavado, Governador de Parnambuco, Alcaide mór de Mouraõ, que faleceo a 11 de Novembro de 1700; havendo ſido caſado com D. Luiza Maria de Mendoça, filha herdeira de Manoel de Souſa da Sylva, Védor da Caſa da Rainha Dona Maria Franciſca Iſabel de Saboya, e de ſua mulher D. Joanna de Mendoça, como fica dito. 15 D. Luiza da Sylva, mulher de Jeronymo Barreto de Menezes, cuja ſucceſſaõ ignoramos, e alguns filhos naturaes, de que naõ ſabemos geraçaõ.

13 Francisco de Sousa, de quem acima fizemos mençaõ, filho de D. Iſabel de Souſa, num. 12, mulher de Diogo de Azevedo, naõ caſou, nem teve ſucceſſaõ, aſſim o eſcreve Diogo Gomes de Figueiredo, Tenente General da Artilharia do Reyno, nos ſeus livros de Familias, cujos Originaes ſe conſer-

vaõ na Livraria dos manuſcritos, que tem o Duque de Cadaval, onde no tomo 8. pag. 178, fallando dos filhos, que teve a dita D. Iſabel, diz: *Franciſco de Souſa, e Leonel de Azevedo, que morreraõ na India ſ. g.* Na dita Livraria do Duque ſe achaõ outros livros antigos, que dizem o meſmo. Ruy Correa Lucas, Tenente General da Artilharia do Reyno, que foy inſigne Genealogico, em hum Original ſeu, que conſervo, e o Duque de Cadaval tem outro ſemelhante, fallando dos filhos de Diogo de Azevedo, diz: *Franciſco de Souſa, Leonel de Azevedo, eſtes dous tambem morreraõ ſolteiros.* D. Antonio de Lima, Senhor de Caſtro-Dairo, no ſeu excellente *Nobiliario*, bem conhecido pela ſua authoridade, de quem fizemos larga mençaõ no *Apparato* deſta Hiſtoria a pag. 46, fallando de Diogo de Azevedo, caſado com D. Iſabel de Souſa, e na geraçaõ, que tiveraõ, entre os filhos, que numera, diz: *Franciſco de Souſa, e Leonel de Azevedo, eſtes dous ambos morreraõ ſolteiros ſ. g.* Manoel Alvares Pedroſa, de quem fizemos mençaõ no *Apparato*, inſigne Genealogico, no ſeu *Nobiliario*, cujo Original ſe conſerva na Caſa do Conde de S. Vicente, de que tirou huma copia o Excellentiſſimo, e eruditiſſimo Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes no tomo 2. a pag. 333, diz: *Diogo de Azevedo foy Senhor da Quinta de Azevedo junto de Braga, caſou com D. Iſabel de Souſa, filha de Joaõ de Magalhaens, Senhor da terra de Anobrega, de quem teve a*

Lopo

Lopo de Azevedo, e Martim Lopes de Azevedo, e a Pedro de Sousa, Diogo de Sousa, que foy Clerigo, Francisco de Sousa, e Leonel de Azevedo, que ambos morreraõ s. g. E assim todos os mais livros, que temos visto, e nenhum lhe deu geraçaõ, nem o appellido de Azevedo, e sómente he nomeado por Francisco de Sousa. E com isto respondemos a hum papel, que se imprimio no anno de 1748 na Officina de Francisco da Sylva, com o titulo de *Genealogia dos Sousas da Casa da Barca, ou Breve Memoria, e Noticia dos Descendentes de D. Lopo Dias de Sousa, por via de sua neta D. Isabel de Sousa.*

Como escrevemos sem parcialidade, nem segunda intençaõ, nem menos pela bondade de Deos podiamos ter fim algum, como tal vez se nos imputa, quem naõ tem aquelle conhecimento da sinceridade do nosso animo, e do quanto desejamos acertar, naõ faltando à verdade, que professámos, e seguimos em todas as nossas Obras, repararemos aqui mais outras faltas, em que naõ teve culpa a vontade, sendo a primeira, e mais sensivel a de D. Francisco Caetano Mascarenhas, filho natural de D. Joaõ Mascarenhas, quinto Conde de Santa Cruz, de quem fizemos mençaõ a pag. 86 do Livro VIII. Tom. IX., o qual foy Conego Regular de Santo Agostinho, e Prior do Mosteiro de S. Vicente de Fóra, onde o conhecemos, e tratámos, e a quem devemos muita attençaõ, e depois Prior mór da insigne Ordem de Aviz, que tem governado com

grande

grande prudencia; e a mesma falta experimentou no livro *dos Grandes*, aonde tambem faltou D. Francisco da Annunciaçaõ, filho de Ayres de Saldanha, a pag. 108, que he tambem Conego Regrante, e que he Geral da sua Congregaçaõ, e Reformador, e Reytor da Universidade de Coimbra; e assim naõ duvidamos poderá haver algumas faltas semelhantes: porém naõ he muito, que nos faltassem os referidos, sem culpa nossa, pois tambem faltaraõ, sem reparar nisso, à grande perspicacia, e memoria dos erudítos Genealogicos o Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, e Martinho de Mendoça de Pina e Proença, a quem estava encarregado a revisaõ da *Historia Genealogica*; e o mesmo succedeo com o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, depois Marquez do Louriçal, e Vice-Rey da India, onde faleceo, o qual vio o livro *dos Grandes* com a sua costumada exacçaõ, e naõ fez reparo das referidas faltas, que nós agora reparamos para mostrarmos o sincero do nosso animo, confessando a falta, e o fazemos sinceramente, por ser o nosso intento sómente a verdade.

Assim advertimos tambem no Tom. II. a pag. 147, onde se diz Isabel de Bohemia, filha de Wenceslao IV., Rey de Bohemia, e de sua primeira mulher Juta, filha do Emperador Rodolfo, e naõ da segunda, como se diz na dita Arvore, pag. 147, e agora emendamos com Hubner, pag. 125, e Henninges, pag. 270, Tom. II. Na mesma Arvore abaixo

na

na Duqueza de Lignes, he filha dos referidos pays, irmãa inteira da Rainha de Bohemia. A pag. 497 na Arvore da Rainha D. Leonor, mulher delRey D. Duarte, sua terceira avó a Rainha Cecilia Isabel de Bohemia naõ foy filha de Henrique II., Rey de Bohemia, mas de seu irmaõ Otho, Duque de Carinthia, e de sua mulher Offina, ou Eufemia, como diz Henninges, Tom. II. pag. 54. No dito Tom. II. pag. 518, onde se falla do segundo Duque de Caminha, feito no anno de 1647, se deve emendar 1641. A pag. 755 faltou na impressaõ o nome de IGNACIO FRANCISCO XAVIER DE CASTRO, Prelado da Santa Igreja Patriarcal; e no referido Tomo a pag. 867, 12 SIMAÕ DE SOUSA, filho de Pedro de Sousa, viveo na Villa de Castello-Branco, aonde casou com Ignez da Fonseca, filha de Simaõ de Siqueira, e de Catharina da Fonseca, que tiveraõ os filhos seguintes: 13 PEDRO DE SOUSA, que morreo solteiro, de quem naõ sabemos descendencia. 13 E D. CATHARINA DE SOUSA, que casou com Francisco de Valladares Sottomayor, Fidalgo da Casa Real, Commendador da Lousa, filho de Ayres Gomes de Valladares, Alcaide mór de Castello-Branco, Commendador da Lousa, de quem se faz mençaõ no segundo Tomo das *Provas*, pag. 827; e tiveraõ os filhos seguintes: 14 PEDRO DE SOUSA DE SOTTOMAYOR, que morreo solteiro. 14 E D. PERPETUA DE SOTTOMAYOR, que casou com seu primo com irmaõ Manoel de Valladares Sotto-

mayor, filho de Joaõ de Valladares Sottomayor, como ſe diz no Tom. II. *das Provas*, pag. 827, e de ſua mulher D. Catharina de Moura; e tiveraõ eſtes filhos: 15 JOAÕ DE VALLADARES E SOTTOMAYOR, que ſervio na India com reputaçaõ, e voltando para o Reyno, morreo ſolteiro. 15 MANOEL DE VALLADARES, que tambem morreo ſem eſtado. 15 D. CATHARINA DE SOUSA, que caſou com Franciſco da Coſta de Mendoça, e naõ tiveraõ filhos. 15 E D. FRANCISCA DE SOTTOMAYOR, que caſou na Villa de Caſtello-Branco com o Doutor Joanne Mendes de Paiva; e tiveraõ 16 D. MARIA DE SOTTOMAYOR, que caſou com ſeu parente Bernardino da Cunha de Sottomayor, ſem ſucceſſaõ. 16 MANOEL DE VALLADARES SOTTOMAYOR, que caſou com D. Maria da Sylva Sottomayor, ſua parenta; e tiveraõ além de outros filhos, 17 A LUIZ DE VALLADARES SOTTOMAYOR, Deſembargador da Relaçaõ do Porto, que caſou com D. Leonor da Gama, e tiveraõ ſucceſſaõ, que naõ chegou à noſſa noticia. 17 D. FRANCISCA DE SOTTOMAYOR, que caſou com Diogo da Fonſeca Achiole, filho de Miguel Achiole da Fonſeca, de quem fizemos mençaõ no Apparato deſta Hiſtoria, a pag. 104, e tambem no Tom. VIII. a pag. 6, de que tambem ha deſcendencia, que naõ chegou à noſſa noticia. No Tom. II. pag. 522, D. MARGARIDA MACHADO DA SYLVA E MENEZES, ſe deve emendar D. EUGENIA DE MENEZES; e no Prologo deſte Tomo a pag. 45, onde ſe falla em D.

MARIA

Maria Joanna de Carvalho Rangel, filha de Joaõ de Carvalho Rangel, se deve emendar D. Maria Joanna Carneiro Rangel Sottomayor, filha de Joaõ Carneiro Rangel de Sottomayor, como se diz na Primeira Parte, pag. 309; e se deve accrescentar nos Genealogicos a Francisco Carneiro Rangel de Sottomayor, Capitaõ mór da Villa do Conde, e Governador do Castello da mesma Villa, Senhor do Morgado de Ponte junto à Villa de Monçaõ, que faleceo em Junho de 1715, que me dizem ser muy exacto Genealogico, que escreveo com grande cuidado, e os seus livros se conservaõ em poder de Luiz Ignacio Pereira Coutinho de Vilhena, casado com sua neta D. Maria Joanna Carneiro Rangel de Sottomayor, de quem acima se fez mençaõ, de quem tem a Luiz Pereira Rangel de Sottomayor Carneiro de Vilhena. Tambem naõ tivemos noticia, quando fizemos mençaõ dos Genealogicos no Apparato, de Sebastiaõ Pereira de Eça, de quem faz mençaõ Miguel de Achiole da Fonseca nos seus livros, de quem era contemporaneo, dizendo, que era grande Genealogico, e vivia em Lisboa. No Tom. XII. Taboa XXX. pag. 870, Antonio de Sousa, casado com D. Maria de Miranda, que se diz ser irmaõ de Luiz de Sousa, foy seu filho, como se diz a pag. 794; e assim fica emendado o descuido, com que foy trasplantado do seu lugar.

Tambem advertimos em ultimo lugar, que sem embargo de naõ padecer duvida, qual seja o costume

me da Curia Romana nas datas das Bullas, dando principio ao anno em 25 de Março, dia da Encarnaçaõ do Verbo, em muitas partes desta Obra, onde se trata, e vem diversas Bullas, que allegamos, e produzimos, em que se contém os annos, e as suas datas, contando do primeiro de Janeiro, se devem emendar, usando do modo de contar da Curia Romana; e supposto, que esta conta he notoria, e sabida commummente dos erudítos, e nós naõ ignoramos, com tudo queremos dar huma publica satisfaçaõ para cumprir com o reparo, que hum erudíto fez sobre esta materia; e assim se deve advertir, que na Curia Romana se usaõ hoje tres estylos diversos de começar o anno, conforme o estylo das Bullas, que tem a data: *Anno Incarnationis Dominicæ*, começa o anno em 25 de Março, dia da Encarnaçaõ, e acaba a 24 do mesmo mez do anno seguinte; conforme o estylo dos Breves, que tem a data: *Anno à Nativitate Domini*, começa o anno a 25 de Dezembro, e acaba a 24 do anno seguinte; conforme o estylo ordinario, começa no primeiro de Janeiro, e acaba no ultimo de Dezembro. Veja-se o Prologo do I. Tomo do Bullario da Religiaõ de S. Domingos, pag. 22, num. 13, *usque ad* 19, onde seu Author trata eruditissimamente esta materia.

INDEX
DOS CAPITULOS,
que ſe contém neſte Tomo.

LIVRO XIV.
PARTE III.

CAP.

HISTO-

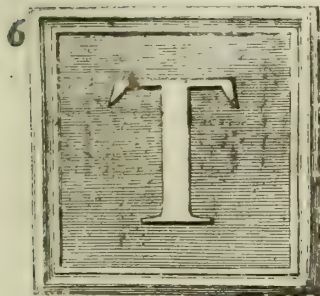
HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA.

LIVRO XIV.

PARTE III.

CAPITULO I.

De Dom Martim Affonſo Chichorro, Rico-homem.

6

Emos chegado finalmente à ultima parte deſta Hiſtoria, em que damos fim à noſſa laborioſa fadiga, com a ultima linha dos noſſos Reys na peſſoa de D. Martim Affonſo Chichorro, filho delRey Dom Affonſo III., como diſſemos no Capitulo XVI. do Livro I. pag. 177 do

Fernaõ Lopes, *Chronica delRey D. Joaõ I.* part. I. cap. 177. pag. 367.

do Tomo I. Qual foſſe a Dama, em quem ElRey teve eſte filho, ſe nos offerece grande difficuldade de o ſaber; porque o Author do *Livro Velho das Linhagens* a naõ nomea, dizendo ſómente eſtas palavras: *Ignes Lourenço, que caſou com Martim Affonſo Chichorro, filho delRey D. Affonſo, e de Barregã, irmaõ delRey D. Diniz.* Seguio-ſe o Conde de Barcellos D. Pedro referindo os filhos delRey, e diz ſer illegitimo D. Martim Affonſo. Deſta ſorte ficou ſepultado na antiguidade quem fora ſua mãy, pois naõ ſe encontra Eſcritura, ou outro Documento digno de fé, que no lo ſeguraſſe.

Livro Velho das Linhagens, pag. 159 do tom. I. das *Provas.*

Conde D. Pedro tit. 7. pag. 32.

Alguns diſſeraõ, que fora ſua mãy Moura, como foy o Deſembargador Duarte Nunes de Leaõ, o que ſeguio o Chroniſta Fr. Antonio Brandaõ, dizendo ſer filha de Aloandro, hum dos Alcaides de Faro, quando ElRey ganhou eſta Cidade no anno de 1250, e que ſendo dotada de grande fermoſura, ElRey tivera trato com ella. O Doutor Fr. Franciſco Brandaõ, que lhe ſuccedeo no lugar de Chroniſta, refutando huma Inquiriçaõ, em que ſe dizia, que Dom Martim Affonſo fora filho delRey Dom Diniz, tem por apocrifa eſta filiaçaõ; e com muita razaõ, porque ſe elle fora filho de Moura, o *Livro Velho das Linhagens* o naõ occultaria, como fez a huma filha do meſmo Rey, dizendo: *E eſte Pedreanes foy caſado com Dona Orraca, irmãa delRey D. Diniz de Gança, que fora filha de huma Moura, e naõ houve della ſemel*; e deſta Senhora fizemos mençaõ em ſeu

Nunes de Leaõ, *Chronica delRey D. Affonſo III.* pag 82.
Monarchia Luſit. part. 4. liv. 15. pag. 220. verſ.

Monarchia Luſit. part. 5. liv. 17. cap. 6. pag. 186.

Livro Velho das Linhagens, pag. 117 do tom. I. das *Provas.*

seu proprio lugar. Desta sorte, esta noticia, que seguiraõ alguns Genealogicos, fica sendo desprezada com os referidos Authores coetaneos, que elles naõ examinaraõ, como deviaõ, e o fez a muita madureza do Doutor Fr. Francisco Brandaõ, ainda que no caso de ser certa aquella falsa opiniaõ, importava muito pouco, sendo a Moura de nobre geraçaõ, como era a filha do Alcaide de Faro, como muito bem advertio o erudîto Padre F. Jeronymo de Sousa no *Pericope Genealogico*, que imprimio, ainda que naõ no seu nome.

Histor. Genealogica da Casa Real, tom. I. pag. 179.

Pericope Geneal. pag. 23.

Naõ encontramos em Author algum da nossa Historia o motivo porque D. Martim Affonso Chichorro teve este appellido, o qual nem por appellido, nem por nome proprio se acha em Doaçaõ, Escritura, ou outro algum Documento: pelo que nos persuadimos foy alcunha, que D. Martim Affonso naquelle tempo teve; taõ estimavel, que era distinctivo da sua pessoa, a qual depois ficou tambem por appellido a seus descendentes; porque nenhum se chamou sómente Chichorro, senaõ de Sousa Chichorro, como veremos.

Foy Dom Martim Affonso Chichorro Rico-homem, como no lo certificaõ diversos Documentos, sendo hum Principe, em quem concorreraõ muitas partes para a estimaçaõ dos Reys. Quando ElRey seu pay nas contendas, que teve com o Estado Ecclesiastico do Reyno, fez certos Estatutos a seu favor por satisfazer ao Papa Gregorio X. no anno de 1273 na

Monarchia Lusitana, part. 4 liv. 15. cap. 40. pag. 241.

Dito livro, pag. 233 vers.

Tom. 1. das *Provas*, pag. 53.

Escritura, que refere o Chronista Fr. Antonio Brandaõ, se acha nomeado D. Martim Affonso. Teve mais o governo de Chaves, como vemos de outra Escritura, em que assinando com os Ricos-homens na Doaçaõ, que ElRey fez no anno de 1274 a sua filha D. Leonor das terras da Azambuja, assina logo depois do Alferes mór D. Gonçalo Garcia seu cunhado, dizendo: *D. Martinus Alfonsus tenens Chaves.* No Testamento delRey seu pay o achamos igualado nos legados com seus irmãos: *Item Martino Alphonsi, filio meo mille libras.*

Monarchia Lusit. part. 5. liv. 16. cap. 25. pag. 49.

Dito livro, pag. 249, e 283.

No reynado delRey seu irmaõ conservon a mesma estimaçaõ, e se acha confirmando diversas Escrituras, como refere o Chronista Fr. Francisco Brandaõ, entre os primeiros Ricos-homens: sendo entre outras a mais memoravel a composiçaõ, que no anno de 1297 fez ElRey D. Diniz seu irmaõ com ElRey D. Fernando IV. de Castella, feita na Villa de Alcaniças. A ultima memoria, que temos sua, he na Doaçaõ do dito Rey, feita a 12 de Novembro do anno de 1299 à Ordem de Aviz da Igreja de Santa Maria do Castello de Portalegre.

Livro Velho das Linhagens, pag. 157 do tom. 1. das *Provas*.

Conde D. Pedro tit. 25. pag. 150.

Casou com Dona Ignez Lourenço de Sousa, filha de Lourenço Soares de Valladares, Rico-homem, Sehor de Tangil, Fronteiro mór de Entre Douro e Minho, e de sua mulher D. Maria Mendes de Sousa, filha de Mem Garcia de Sousa, Rico-homem, e de D. Theresa Annes de Lima, primeira mulher, como se disse a pag. 245, e nella estava a primogenitura

dos

dos Sousas, appellido taõ ditoso, que dous filhos delRey D. Affonso III. conservaraõ na sua esclarecida posteridade. Deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

7 MARTIM AFFONSO DE SOUSA CHICHORRO, como se verá no Capitulo II.

7 D. MARIA AFFONSO, que casou com Gonçalo Annes de Briteiros, Rico-homem, Fronteiro mór de Entre Douro e Minho.

7 N. N. . . . . que foraõ Freiras, como escreveo o Conde D. Pedro de Barcellos.

Livro Velho das Linhagens, pag. 157 no tom. 1. das *Provas*. Conde D. Pedro tit. 21 pag. 131.

CAPITULO II.

De Martim Affonso de Sousa Chichorro, Rico-homem.

7 FOy primogenito de Martim Affonso Chichorro, Martim Affonso de Sousa Chichorro, em quem começou a continuaçaõ do appellido de Sousa, que por sua mãy tiveraõ os seus mayores, e elle conservou gloriosamente na sua descendencia: foy Senhor dos Coutos, e Honras de Lalim, Eixo, Daens, Amarante, Figueiró, Travaço, Barroso, e do Lugar de Muzaens, Rico-homem, e do Conselho delRey D. Diniz seu tio. Era Martim Affonso de Sousa hum dos Senhores de mayor respeito daquelle tempo, e dos que ElRey mais estimava;

Nunes de Leaõ, *Chronica delRey D. Diniz*, pag. 96 ate 104 vers.

e o acompanhou nas vistas, que teve com ElRey D. Fernando IV. de Castella no anno de 1297; e depois na falla, que fez no anno de 1319, das justas queixas, que o magoavaõ, na desobediencia de seu filho o Infante D. Affonso, nomea a sua Chronica sómente a D. Joaõ Mendes de Briteiros, Martim Affonso de Sousa, Gonçalo Annes de Berredo, D. Pedro Estaço, Mestre da Ordem de Santiago, D. Gil Martins, Mestre da Ordem de Christo, D. Vasco, Mestre de Aviz, e Vasco Pereira.

Monarchia Lusitana, part. 7. pag. 115.

Alguns dos nossos *Nobiliarios* dizem, que casara, e tivera hum filho, que morreo de tenra idade: porém o Conde D. Pedro de Barcellos naõ falla em tal casamento, e diz, que de D. Aldonça Annes de Briteiros, Abbadessa de Arouca, (a qual era de illustre nascimento, por ser filha de D. Joaõ Rodrigues de Briteiros, Rico-homem, e de sua mulher D. Guiomar Gil de Soverosa, filha de Martim Gil de Soverosa) tivera os dous filhos seguintes:

Nobiliarios, D. Antonio de Lima, e Dom Luiz Lobo.

8 VASCO MARTINS DE SOUSA CHICHORRO, Capitulo III.

8 MARTIM AFFONSO DE SOUSA CHICHORRO, Capitulo IV.

CAPI-

CAPITULO III.

De Vasco Martins de Sousa Chichorro, Rico-homem, Senhor de Mortagua, &c.

8 HErdou com a primogenitura a Casa de Martim Affonso de Sousa seu filho Vasco Martins de Sousa Chichorro, pessoa de tantos merecimentos, que em tres reynados conseguio estimaçaõ, como vemos nos grandes lugares, que occupou, e as muitas merces, com que os Reys o honraraõ; de sorte, que teve huma oppulenta Casa: foy Rico-homem, Senhor de Penaguiaõ, Gestaço, Mortagua, Penamacor, Beetria de Amarante, e outras terras, Chanceller mór do Reyno, e Escrivaõ da Puridade.

No tempo delRey Dom Pedro, de quem foy Vassallo, occupou o lugar de Chanceller mór do Reyno, o qual quando confiscou os bens de Pedro Coelho, hum dos culpados na morte da Infanta D. Ignez de Castro, os deu todos a Vasco Martins de Sousa de juro, e herdade. ElRey D. Fernando, por huma Doaçaõ feita a 12 de Fevereiro de 1410, lhe deu Penaguiaõ, Gestaço, e outras terras, dizendo nella, que pelo devido, que com elle tinha. Depois o mesmo Rey a 13 de Setembro de 1413 fez Doaçaõ a Joaõ Affonso Pimentel de todas as terras, e Luga-

res, que foraõ de Vasco Martins de Sousa, de quem se dava por aggravado, e mal servido.

Quando o Mestre de Aviz entrou na pertençaõ do Reyno, se achou Vasco Martins de Sousa nas Cortes de Coimbra, sendo hum dos Senhores, que estiveraõ naquelle grande acto no anno de 1385, em que foy eleito Rey o Mestre de Aviz. Delle se faz tambem mençaõ entre os Ricos-homens na Doaçaõ, em que confirmou os privilegios de Lisboa, seita em Coimbra a 10 de Abril da Era de 1423, que he anno de 1385. Depois lhe fez merce das terras, que ElRey D. Fernando lhe confiscara, de quem tambem tinha sido Chanceller mór. Depois foy Escrivaõ da Puridade delRey D. Joaõ I., que fez delle grande estimaçaõ.

Fernaõ Lopes, *Chronica delRey D. Joaõ I.* part. 1. cap. 175. pag. 363, e 367.

Dito Author, part. 2. cap. 2. pag. 5. vers.

Casou com D. Ignez, a quem D. Antonio de Lima naõ dá appellido, dizendo ser parenta dos Reys de Castella, o que refere tambem Diogo Gomes de Figueiredo, accrescentando, que constava de huma sentença delRey D. Pedro do anno de 1366, que estava no Cartorio do Arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira; mas desta duvida nos tira D. Luiz de Salazar, allegando a D. Joseph de Pellicer, que affirma ser filha de D. Henrique Manoel, Conde de Cea, e Cintra, e de sua mulher Dona Brites de Sousa, filha de Pedro Affonso de Sousa, Rico-homem, como se disse, o que seguio Imhoff; e desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes:

Salazar de Castro, *Historia da Casa de Sylva*, tom. 1. pag. 577.

Imhoff, *Stemmat. Desideriani*, Tab. XXIII. pag. 127.

9 Martim Affonso de Sousa, que morreo de curta idade.

D.

9 D. Brites de Sousa, que casou com Affonso Gomes da Sylva, Rico-homem, Senhor de Celorico de Basto, Covilhãa, Honra de Sovral, Quintas de Candelo, e Furada, e dos Lugares de Sernancelhe, Mondin, Germello, Alcaide mór de Coimbra, Embaixador em Castella, com illustre descendencia naquelle Reyno, que escreveo Dom Luiz de Salazar no lugar citado, onde refere o Epitafio de sua neta D. Maria da Sylva, que está no Convento de S. Paulo de Valhadolid, que transcreveremos como prova, do que temos dito, e diz assim:

Aqui jaze Doña Maria da Sylva, Rica-Dueña, muger de Juan Rodrigues Daza, fija de Diego Gomes de Sylva, e de Doña Beatriz de Sosa, e visnieta de Vasco Martinz de Sosa, e de Doña Ines Manuel. E fija de Doña Leonor de Sosa, e nieta de Fernan Gonçalez de Sosa, e de Doña Tereja de Meyra. Los quales dichos sus abuelos perdieron la naturaleza, e los grandes herdamientos, que havian en los Reynos de Portugal por servicio delRey D. Juan de Castilla, y de la Reyna Doña Beatriz su muger, la qual dicha Doña Maria

Maria era heredera de todos quatro abolengos en los Reynos de Portugal. La qual finô viernes a XII. dias del mes de Noviembre, año del Señor de M.CCCCXLI. años. A la qual Dios quiera perdonar.

9 D. Isabel Vasques de Sousa casou com Diogo Gomes da Sylva, Rico-homem, Alferes mór, como mostra o insigne D. Luiz de Salazar e Castro.

Historia da Casa de Sylva, tom. 2. pag. 421.

CAPITULO IV.

De Martim Affonso de Sousa, Rico-homem, II. Senhor de Mortagua.

8 Foy irmaõ de Vasco Martins de Sousa, Martim Affonso de Sousa. Os nossos *Nobiliarios* trataraõ com alguma variedade a sua filiaçaõ, fazendo-o alguns filho de seu irmaõ, sem repararem na disparidade do tempo, em que existiraõ estes dous Fidalgos, concorrendo ambos em diversas occasioens, em que como Ricos-homens, confirmavaõ as Doações. O Conde D. Pedro naõ chegou no seu *Nobiliario* à pessoa de Martim Affonso de Sousa; porque acabou de escrever em Martim Affonso de Sousa seu pay: porém nós além da constante tradiçaõ,

diçaõ, com Authores de grande exacçaõ, e authoridade, temos por ſem duvida ſer irmaõ inteiro de Vaſco Martins, e por iſſo ſeu herdeiro, ſuccedendolhe no Senhorio de Mortagua, por naõ ter filho varaõ, conforme a Ley Mental: pelo que ElRey lhe fez merce pelos ſeus merecimentos daquella Villa.

Nobiliarios, de D. Antonio de Lima, Dom Luiz Lobo, e Diogo Gomes de Figueiredo.

No largo Epitafio, que tem a ſepultura de ſeu neto D. Joaõ de Souſa, ſe diz, que Martim Affonſo de Souſa era primo com irmaõ delRey D. Fernando, o que certamente foy erro, ou equivocaçaõ; porque ElRey naõ tinha outro parenteſco com Martim Affonſo mais que ſer terceiro neto delRey D. Affonſo III., de quem Martim Affonſo era tambem ſegundo neto, ficando aſſim dentro no quarto grao de conſanguinidade, conforme o Direito Canonico, de que ſe vê a equivocaçaõ de quem eſculpio o letreiro.

No anno de 1385 ſe achou Martim Affonſo de Souſa nas Cortes de Coimbra, em que o Meſtre de Aviz foy eleito Rey, como refere o Chroniſta Fernaõ Lopes. Depois he nomeado entre os Ricoshomens, de que ElRey faz mençaõ na Carta, em que confirmou os privilegios daquella Cidade, que traz o meſmo Chroniſta. Tambem ſe achou na famoſa batalha de Aljubarrota, em que o meſmo Rey triunfou delRey de Caſtella. Depois no anno de 1415 acompanhou a ElRey à immortal expediçaõ de Ceuta, em que tomou aquella Cidade aos Mouros; de ſorte, que em todas as glorioſas acções daquelle reynado

Chronica delRey Dom Joaõ I., part. 1. cap. 175. pag 363.
Dita *Chronica*, part. 2, cap. 2. pag. 6.
Azurara, *Chronica do dito Rey*, part. 3. cap. 35. pag. 114.

reynado, se distinguio Martim Affonso de Sousa, para se fazer lugar no Templo da Heroicidade.

Casou duas vezes, a primeira com D. Maria de Briteiros sua prima com irmãa, filha de Gonçalo Annes de Briteiros, irmaõ de sua mãy, e de D. Maria Affonso de Sousa, irmãa de seu pay. Naõ falta quem duvide, que o Papa naquelle tempo concedesse huma dispensa de parentescos em graos taõ conjunctos em consanguinidade. Desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes:

9 GONÇALO ANNES DE SOUSA, Capitulo V.

Torre do Tombo, liv. 2. delRey Dom Joaõ I. pag. 174.

9 D. IGNEZ DE SOUSA casou com Alvaro Gonçalves Camello, III. Senhor das terras de Bayaõ, §. I.

9 D. BRIOLANJA DE SOUSA casou com Martim Affonso de Mello, Senhor de Arega, e Barbacena, Guarda mór delRey D. Joaõ I., Alcaide mór de Olivença, &c. sua segunda mulher, §. II.

9 D. CATHARINA DE SOUSA, que foy segunda mulher de Joaõ Freire de Andrade, Senhor de Bobadella, §. III.

Casou segunda vez com Estefania Garcia, de quem teve

9 AFFONSO VASQUES DE SOUSA, o *Cavalleiro*, Capitulo VIII.

Teve em D. Aldonça Rodrigues de Sá, Abbadessa de Rio Tinto da Ordem de S. Bento, filha de Rodrigo Annes de Sá, Senhor de Sever, Embaixador em Roma, e de sua mulher Cecilia Colona, filha de Jacome Colona, os filhos seguintes:

MAR-

9 Martim Affonso de Sousa, Senhor de Mortagua, como se verá no Capitulo X.

Teve mais illegitimos

9 Pedro de Sousa, casou, naõ teve geraçaõ.

9 D. Brites de Sousa, que se diz casara com Martim Gonçalves de Macedo, Senhor de Seris, conforme Diogo Gomes de Figueiredo.

Consta que tambem foraõ seus filhos pelo que diremos,

9 Vasco Martins,

9 D. Affonso Martins, dos quaes faz mençaõ a *Chronica dos Conegos Regrantes*, dizendo serem filhos de Martim Affonso de Sousa, que chama Senhor de Bayaõ; e que fora D. Affonso XIX. Prior do Real Mosteiro de Santa Cruz, o qual antes de ser Religioso naquella Casa, servira a ElRey D. Joaõ I., e se achara na batalha de Aljubarrota junto com seu pay, e fora Védor da Casa da Rainha D. Filippa; e havia casado com D. Mayor Rodrigues, que diz ser filha de Ruy Vasques Ribeiro, de cujo matrimonio nascera

Chronica dos Conegos Regrantes, part. 2. cap. 23. e 24. pag. 244.

10 O Doutor Fernando Affonso da Sylveira, tronco das Casas dos Condes de Sarzedas, e dos Condes de Oriola, Baroens de Alvito, Capitaens da Guarda Alemãa com appelido de Sousa, e de outras, que se extinguiraõ, e por allianças, de todas as esclarecidas do Reyno.

Os *Nobiliarios* de Damiaõ de Goes, e D. Antonio de Lima, e outros, padeceraõ engano no que

escreveraõ; porque Xysto Tavares, que lhe precedeo no tempo, no seu *Nobiliario* escreveo o seguinte:

Nobiliario de Xysto Tavares.

„ O Doutor Fernando Affonso da Sylveira, fi-
„ lho do Prior de Santa Cruz de Coimbra, foy ho-
„ mem honrado em tempo delRey D. Joaõ I., foy
„ Desembargador do Paço, foy casado com Catha-
„ rina Teixeira, &c. „

Naõ nomeou quem era o Prior como pessoa conhecida naquelle tempo: porém o Padre D. Nicolao de Santa Maria na dita *Chronica dos Conegos Regrantes* o declarou, como fica referido; e assim manifesta a filiaçaõ de Fernando Affonso da Sylveira, a qual com grande variedade foy tratada dos nossos Genealogicos de grande authoridade, como foraõ o Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Vasconcellos, o Chantre de Evora Manoel Severim de Faria, e seu sobrinho Gaspar Severim de Faria, Secretario das Merces delRey D. Joaõ IV., que referem ser dos Pestanas de Evora, de quem descendem Sylveiras illustres.

Foy Fernando Affonso da Sylveira Varaõ de grande authoridade, do despacho delRey D. Joaõ I., a quem foy muy grata, e estimada a sua pessoa, servindo-se della em negocios de muita importancia; assim o mandou a Elvas para a entrega das Praças, que entre Portugal, e Castella se haviaõ de restituir de huma, e outra parte, depois foy seu Embaixador a Castella, junto com D. Fernando de Castro, no anno de 1423, a dar cumprimento ao Tratado da

Paz

Paz entre huma, e outra Coroa. Casou com Catharina Teixeira, Camereira mór da Infanta D. Isabel, filha de Estevaõ Pires de Torres-Vedras, Alcaide de Torres-Vedras, e de sua mulher Maria Gonçalves, irmãa de Joaõ Gonçalves Teixeira, Alcaide mór de Obidos, Anadel mór dos Bésteiros, e Fronteiro mór na Provincia de Tras os Montes; a qual Catharinha Teixeira fora casada com o Doutor Gomes Martins de Alvarenga, Chanceller mór, do Conselho delRey D. Joaõ I., como escreveo Dom Antonio Soares de Alarcaõ nas *Relações Genealogicas*. Deste matrimonio nasceo

Relações Genealogicas, lib. I. cap. 13. pag. 84.

11 D. JOAÕ FERNANDES DA SYLVEIRA, que lhe succedeo na Casa, Varaõ grande, em quem concorreraõ merecimentos, e grande talento; de sorte, que foy hum dos Fidalgos de mayor authoridade daquelle tempo, e o que occupou os mayores lugares neste Reyno, onde naõ achamos outro algum, que tivesse tantos como este. Foy Doutor em Leys, de que se prezava muito, Chanceller da Casa da Supplicaçaõ, Regedor das Justiças, Chanceller mór del-Rey D. Affonso V., e seu Escrivaõ da Puridade, e Védor da Fazenda; lugares que occupou no reynado delRey D. Joaõ II.: I. Baraõ de Alvito por merce delRey D. Affonso V., estando em Portalegre, a 27 de Abril de 1475 de juro, e herdade para sempre, que ElRey D. Joaõ II. lhe confirmou a 10 de Abril de 1482, fazendolhe a merce da prerogativa de *Dom*, para elle, e seus descendentes, a 6 de Outubro do

referido anno. Dez vezes teve o caracter de Embaixador a diversos Principes, sendo a primeira a dar obediencia ao Papa Nicolao V. no anno de 1417; e no de 1449 a Napoles a ElRey Dom Affonso V. de Aragaõ, a que chamaraõ o *Sabio*, e ao Emperador Frederico III., sendo elle o que por parte de Portugal assinou o Tratado do seu casamento no anno de 1451 com a Infanta D. Leonor. No anno de 1455 passou por Embaixador a Castella a tratar com ElRey Dom Henrique IV. No mesmo anno foy por Embaixador ao Papa Calixto III.; e no anno de 1459 ao Concilio de Mantua. No de 1463 quando se avistaraõ ElRey Dom Henrique IV. de Castella com ElRey Luiz XI. de França. No anno de 1463 passou por Embaixador a Castella a tratar do casamento delRey D. Affonso V. com a Infanta D. Isabel, depois Rainha Catholica. No de 1474 voltou a Castella sobre o casamento da Princeza D. Joanna com o mesmo Rey. Finalmente no de 1483 o mandou ElRey D. Joaõ o II. por Embaixador aos Reys D. Fernando, e D. Isabel. E assim a sua vida foy quasi sempre occupada no serviço do seu Soberano; porque elle foy hum dos Plenipotenciarios para a paz entre Portugal, e Castella. Achou-se em Moura à entrega do Infante D. Affonso para as Terçarias, em que esteve. Naõ só era o Baraõ occupado nos negocios politicos, mas nos militares, acompanhando a ElRey Dom Affonso V. na tomada de Arzila; ao Principe D. Joaõ na batalha de Touro; e assim deixando da

sua

sua vida esclarecida memoria à posteridade, morreo no anno de 1484, e foy sepultado na Igreja Matriz de Alvito, havendo casado duas vezes, a primeira com Violante Pereira, viuva de Martim Affonso Valente, Senhor do Morgado da Povoa, filha de Joanne Mendes da Guarda, Corregedor da Corte, e de sua mulher Isabel Pereira, de quem teve ⵌ 12 FERNAÕ DA SYLVEIRA, que lhe succedeo no officio de Escrivaõ da Puridade, &c. que casou com D. Brites de Sousa, filha de Joaõ de Mello, Alcaide mór de Serpa, e de sua mulher D. Mecia de Sousa, como se disse a pag. 442.

Casou segunda vez com D. Maria de Sousa Lobo, filha herdeira de Diogo Lopes Lobo, Senhor de Alvito, Villa-Nova de Aguiar, Oriola, Niza de Setuval, e de sua mulher D. Isabel de Sousa, filha de D. Lopo Dias de Sousa, Mestre da Ordem de Christo, como dissemos a pag. 442: e supposta naõ escrevemos a sua illustrissima descendencia, naõ queremos privar a Familia de Sousa de taõ esclarecidos descendentes, de que em muitas partes fazemos mençaõ, quando nos persuadimos, do que temos referido, por naõ ser formada a nossa opiniaõ sómente em conjectura, senaõ na authoridade dos referidos Authores, que concordados nos seguraõ a filiaçaõ de Fernando Affonso da Sylveira na Familia de Sousa; e nos pareceo seria injustiça naõ fazer publica esta bem fundada opiniaõ.

§. I.

§. I.

9 D. IGNEZ DE SOUSA, filha de Martim Affonso de Sousa, II. Senhor de Mortagua. Casou com Alvaro Gonçalves Camello, III. Senhor de Bayaõ, Lagoa, S. Christovaõ de Nogueira, de que ElRey D. Joaõ I. lhe fez merce de juro, e tinhaõ sido confiscadas estas terras a seu pay; e por sua morte casou sua mulher com Alvaro Peixoto, sem successaõ. E de seu primeiro marido teve = 10 a LUIZ ALVARES DE SOUSA, IV. Senhor de Bayaõ, &c. que casou com D. Filippa Coutinho, filha de Fernaõ Martins Coutinho, Senhor de Rigos, cuja successaõ deixámos referida no Capitulo V. §. I. da Parte I. deste Livro, pag. 294. = * 10 FERNAÕ DE SOUSA CAMELLO, adiante. = * 10 E ALVARO PEREIRA CAMELLO, de quem depois se tratará.

10 FERNAÕ DE SOUSA CAMELLO, foy Senhor das terras de Rossas. Viveo no tempo delRey D. Duarte, e se achou com os Infantes seus irmãos no malogrado assalto de Tangere, onde morreo no anno de 1437. Servio ao Duque de Bragança D. Affonso. Casou tres vezes, a primeira com D. N. . . filha, ou neta de Martim Affonso Botelho. Foy Padroeiro de huma parte da Igreja de S. Clemente de Basto, que antigamente fora Mosteiro, huma das ricas do Arcebispado de Braga; e a outra parte he Padroado da Sé de Braga; e na parte secular se inclue

clue a Quinta da Botelha, de que eraõ Senhores os Padroeiros; porém naõ sabemos, que della houvesse geraçaõ. Casou segunda vez com D. Joanna Maria de Sousa de Alvim, filha de Pedro de Sousa de Alvim, de quem teve ⩶ * 11 Alvaro de Sousa, com quem se continúa. ⩶ * 11 Fernaõ de Sousa, o da *Botelha*, adiante. ⩶ * 11 D. Ignez de Sousa, que casou com Pedro Lourenço de Tavora, adiante. Casou terceira vez com Dona Brites de Sousa, filha de Fernaõ Affonso de Sousa, sem successaõ.

* 11 Alvaro de Sousa, acompanhou a seu pay a Tangere, onde tambem morreo na mesma occasiaõ no anno de 1437, naõ havendo casado. Teve por filho ⩶ 12 Simaõ de Sousa, que foy Senhor da Quinta de Alcube. Casou com D. Isabel de Lucena, Dama da Rainha D. Maria, segunda mulher delRey D. Manoel, filha de Antonio de Lucena, do Conselho delRey D. Joaõ II., ao qual servio em certo cargo, que entaõ representava o que he agora o Desembargo do Paço; porque tinha adjuntos, que alguns querem naõ passassem de dous; naõ tinha Presidente, porque despachavaõ na presença delRey; e daqui dizem teve principio este Tribunal na fórma, e que depois se adiantou na ordem, que hoje tem. Parece que já antes no tempo delRey Dom Joaõ I. houve alguns Desembargadores do Paço, e do seu Conselho; mas sem fórma de Tribunal, como no tempo delRey D. Joaõ II. Era casado com Isabel de

Goes,

Goes, filha ſegunda de Joaõ de Goes, que teve o meſmo cargo, que ſeu genro, do Conſelho do dito Rey, e hum dos adjuntos daquelle Tribunal, o qual tambem foy pay de outra filha D. Maria de Goes, que foy a herdeira, e caſou com Henrique de Menezes da Sylveira, Capitaõ de Chaul. Eſta filiaçaõ, que he afiançada pelo inſigne Joſeph de Faria, em hum Original da ſua propria letra, que temos, e ſeguida pelo erudîto Salazar de Caſtro, corroboraremos com inquirições Originaes, que vimos, em que jura Dom Antonio de Lima, Senhor de Caſtro-Dairo, e ſem duvida hum dos ſabios das Familias do Reyno, em que nenhum o excedeo, e Affonſo de Albuquerque, filho do *Grande*, Fidalgo de tanta authoridade, que vemos ſete vezes repetido no Catalogo dos Provedores da Santa Caſa da Miſericordia de Lisboa; o qual conheceo a D. Iſabel de Lucena, ſendo Dama do Paço; de ſorte, que para a aſſeveraçaõ da referida alliança, naõ neceſſitamos de fazer mençaõ da equivocaçaõ, com que alguns dos noſſos Genealogicos a trocaraõ com erro notavel do tempo, ſendo a Chronologia preciſa, aos que eſcrevem Familias, e por iſſo tantos ſe tem equivocado. Da referida uniaõ naſceraõ = * 13 Alvaro de Sousa, de quem logo faremos mençaõ, = e Gaspar de Sousa, que paſſando a ſervir à India, lá morreo.

Faria, *Nobiliario* m. ſ.

Salazar de Caſtro, tom. 2. da *Caſa de Lara*, pag. 789, e 790. *Pericope Genealogico*, pag. 67.

* 13 Alvaro de Sousa, paſſou a ſervir à India no anno de 1537, foy Capitaõ de Chaul, e depois de aſſiſtir muitos annos, voltou para o Reyno, e foy do Conſe-

Conselho delRey Dom Filippe II., Senhor de Alcube, onde fundou hum Morgado. Casou com Dona Francisca de Tavora, irmãa de Dom Christovaõ de Moura, I. Marquez de Castello-Rodrigo, do Conselho de Estado do dito Rey, e seu Camereiro mór; o qual no Morgado, que instituîo, com bem ponderadas circunstancias nas vocações, chama a dita sua irmãa à successaõ delle; eraõ filhos de Dom Luiz de Moura, Estribeiro mór do Infante Dom Luiz, e de sua segunda mulher D. Brites de Tavora, filha de Christovaõ de Tavora, Mordomo mór do Infante Dom Fernando, Commendador da Conceiçaõ de Lisboa, como se disse; e tiveraõ os filhos seguintes: ⁐ * 14 Simaõ de Sousa, com quem se continúa. ⁐ * 14 Gaspar de Sousa, de quem faremos depois mençaõ. ⁐ * 14 Luiz Alvares de Tavora, de quem adiante se tratará. ⁐ * 14 Lourenço Pires de Tavora, adiante. ⁐ * 14 Christovaõ de Tavora, adiante. ⁐ 14 Joaõ de Sousa, Religioso da Companhia. ⁐ 14 Antonio de Sousa, Eremita de Santo Agostinho. ⁐ 14 D. Margarida de Tavora, que casou com D. Martim Affonso de Castro, como se disse a pag. 949 do Tomo XI. ⁐ 14 D. Maria de Tavora, que casou com Fernando de Sousa de Castellobranco, Commendador de S. Vicente da Beira na Ordem de Christo; e naõ tiveraõ successaõ. ⁐ * 14 D. Magdalena de Tavora, que casou com Joaõ Furtado de Mendoça, como se dirá adiante. ⁐ 14 D. Helena, Freira em Santos.

* 14 LOURENÇO PIRES DE TAVORA, que foy Religioso da Ordem Serafica da Provincia de Santo Antonio, em que entrou com admiravel desprezo do Mundo, tendo de idade vinte e tres annos; e sendo o primeiro Noviço do Convento de Santo Antonio dos Capuchos de Lisboa, professou no primeiro de Janeiro de 1589, trocando o appellido de Tavora pelo da Piedade: e depois de servir a Religiaõ nos empregos, que lhe encarregou, com geral edificaçaõ, porque era humilde, penitente, e grande zelador da observancia, foy eleito Provincial por acclamaçaõ, lugar que exercitou com prudencia. O seu nascimento, e virtude, o lembrou para o Bispado da Igreja do Funchal, e sendo sagrado a 6 de Julho de 1610, governou esta Igreja mais de seis annos; e sendo transferido à de Elvas no anno de 1617, que governou com zelo, e mansidaõ alguns annos, renunciou o Bispado quatro annos antes da sua morte, e viveo em humas casas muy pequenas junto ao seu Convento de Santo Antonio; e tendo vivido com geral edificaçaõ, acabou santamente. Jaz no Claustro do dito Convento com os mais Religiosos, como elle o havia determinado, onde se lhe poz o Epitafio seguinte

Chronica da Provincia de Santo Antonio, part. 1. pag. 518.

Collecçaõ da Academia Real do anno de 1721, Catalog. dos Bispos do Funchal, e Elvas.

Aqui jaz Dom Frey Lourenço de Tavora, filho, e Provincial, que foy desta Provincia, e Bispo de Elvas. Faleceo a 11 de Mayo de 1628.

Delle

Delle trata, como de Varaõ Santo, o *Agiologio Lusitano* neste dia.

Agiologio Lusitano, tom. 3. a 11 de Mayo.

* 14 SIMAÕ DE SOUSA, foy Commendador de Torrados, e de Sinfaens, na Ordem de Christo: servio em Tangere, e se achou na batalha de Alcacere no anno de 1578, onde foy cativo. Casou com D. Violante da Sylva do Canto, filha herdeira de Joaõ da Sylva do Canto, Commendador de S. Miguel de Coxa na Ordem de Christo, Capitaõ mór, e Provedor mór das Armadas da Ilha Terceira, e de sua mulher D. Isabel Correa, de quem naõ teve geraçaõ. Casou depois com Maria de Brito, de quem teve ⩦

15 D. FRANCISCA DE TAVORA, mulher de Jorge de Mesquita Mealheiro, Governador, e Capitaõ General de Cabo Verde, como se disse no Capitulo II. da I. Parte, pag. 261 deste Tomo.

* 14 GASPAR DE SOUSA, foy Senhor do Morgado de Alcube, e Commendador dos Altoscos de Lousa na Ordem de Christo, Alcaide mór de Meira, Governador, e Capitaõ General do Brasil, e do Conselho de Estado, Gentil-homem da Boca delRey D. Filippe III. Casou com D. Maria de Menezes, filha de Dom Joaõ da Costa, Alcaide mór, e Commendador de Castro-Marim na Ordem de Christo, e de D. Antonia de Menezes sua mulher; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩦ * 15 ALVARO DE SOUSA, de quem logo se tratará. ⩦ 15 DIOGO DE SOUSA, foy Porcionista do Collegio de S. Pedro de Coimbra, e depois eleito Collegial Canonista a 31 de Janeiro de

1638. Foy Chantre de Lamego, e teve outros Beneficios, que renunciou, para casar com sua sobrinha D. Francisca de Vilhena, como seu irmaõ o havia determinado no seu Testamento; mas quando voltou de Braga a achou casada: pelo que teve larga demanda com ella sobre a successaõ da Casa, até que morreo pelos annos de 1666. = * 15 D. MARGARIDA DE MENEZES casou com D. Inigo Manrique de Lara, Conde de Frigiliana, de quem adiante se fará mençaõ. = 15 D. ANTONIA DE MENEZES casou por sua eleiçaõ com Luiz das Povoas, Provedor da Alfandega de Lisboa, de quem naõ ha geraçaõ. = 15 D. JOANNA, e D. LUIZA, Religiosas no Mosteiro de Almoster. = 15 D. FRANCISCA no da Esperança de Lisboa.

* 15 ALVARO DE SOUSA, que succedeo no Morgado de Alcube, e achava-se em Madrid quando foy a Acclamaçaõ delRey D. Joaõ IV., e lá foy feito Conde de Anciaens, de que era Commendador, o qual como outros naõ foy admittido. Casou com D. Leonor de Vilhena, filha de Luiz de Mello, Porteiro mór, e de sua mulher D. Guiomar Henriques, filha dos II. Condes de Villa-Franca, como dissemos no Capitulo V. §. II. da Parte I. pag. 365.

* 15 D. MARGARIDA DE MENEZES, foy Dama da Rainha D. Isabel, mulher delRey Dom Filippe IV. Casou com D. Inigo Manrique de Lara, I. Conde de Frigiliana, Visconde de la Fuente, Senhor de Chilches, e outras terras, VII. Alcaide de Malaga, Cavalleiro

Salazar de Castro, tom. 2. *de la Casa de Lara*, pag. 787.

Cavalleiro da Ordem de Alcantara, Governador de Cadiz, e Mordomo da Rainha, que faleceo em Madrid a 28 de Dezembro de 1664, de quem teve os filhos seguintes: ⩶ * 16 D. RODRIGO MANOEL MANRIQUE, II. Conde de Frigiliana, com quem se continúa. ⩶ 16 D. GASPAR FRANCISCO MANRIQUE DE LARA, Cavalleiro da Ordem de Santiago, que seguindo a vida Militar, foy Capitaõ de Infantaria, e de Cavallos, Mestre de Campo de Cavallaria, Governador de Novara, General da Artilharia, Mestre de Campo General do Exercito de Milaõ, do Conselho de Guerra, que morreo sem estado a 11 de Janeiro de 1692. ⩶ 16 D. MARIA FRANCISCA MANRIQUE DE LARA, Dama da Rainha D. Marianna de Austria, e Condessa de Galve, por casar a 29 de Outubro de 1679 com Dom Diogo Eugenio da Sylva de Mendoça de Lacerda, VII. Conde de Galve, Grande de Hespanha, &c. que morreo em Madrid a 12 de Mayo de 1686, sem successaõ. ⩶ 16 D. MARIA ANTONIA MANRIQUE DE LARA E MENEZES casou com D. Gaspar Domingos de Villacis Quijada de Campo e Cunha, Senhor de Penha-Flor, e outras terras, de quem teve ⩶ 17 a D. ELVIRA MELCHIORA DE VILLACIS E MANRIQUE, que casou com Filippe de Villasanhe e Valença, de quem teve successaõ.

16 D. THERESA MARIA MANRIQUE DE LARA, ultima filha dos I. Condes de Frigiliana, foy Dama da dita Rainha. Casou a 7 de Janeiro do anno de

de 1672 com Octavio Ignacio, Principe de Barbançon, e do Sacro Romano Imperio, Duque de Aremberg, Conde de la Roche, e de Agremont, Visconde de Dave, Par de Henau, Baraõ de Busiera, e Sowy, Soberano de Antes, Cavalleiro do Tosaõ, que morreo no combate de Nenvide a 29 de Julho no anno de 1693, havendo procreado ☰ 17 a CARLOS JOSEPH DE LIGNE AREMBERG, que nasceo em 1680, e morreo em 1682, e as duas filhas seguintes: ☰ * 17 D. MARIA DO PATROCINIO DE LIGNE, com quem se continúa. ☰ * 17 E D. MANOELA, adiante.

* 17 D. MARIA DO PATROCINIO DE LIGNE nasceo a 12 de Novembro de 1673, Princeza de Barbançon, Duqueza de Aremberg, Condessa de la Roche, e de Agremont, Viscondessa de Dave, Senhora de Busiera, Sowy, &c. a qual antes de succeder a seu pay, foy Dama da Rainha D. Marianna de Austria, e depois o foy da Rainha D. Marianna de Baviera. Casou tres vezes, a primeira no primeiro de Outubro de 1693 com D. Isidro Thomás Folch de Cardona e Aragaõ, VII. Marquez de Guadaleste, Conde de Bechi, Almirante de Aragaõ, Senhor das Baronías de Gorgia, Ondara, Bechi, e Riba-Roja, Commendador de Vinaroz, e Benicarlo, na Ordem de Monteza, Capitaõ General de Galiza, que morreo a 4 de Agosto de 1699, sem successaõ. Casou segunda vez no anno de 1700 com D. Gaspar de Zuniga, filho dos Marquezes de Avila-Fuente, Governador, e Capitaõ General de Galiza, sem successaõ.

Anselme, *Historia Geneal. de France*, tom. 8. pag. 44.

Casou

Casou terceira vez a 17 de Dezembro de 1714 com Henrique Augusto de Wignacourt, Conde de la Roche, e de Launoy, o qual pelo seu casamento se chamou Principe de Barbançon, &c. de quem nasceo = 18 D. MARIA AUGUSTA DE WIGNACOURT AREMBERG MANRIQUE DE LARA, Condessa de Frigiliana, Viscondessa de la Fuente, e Dave, Condessa de Agremont, Duqueza de Aremberg, Princeza de Barbançon, &c. que casou com D. Alonso Vicente de Solis Folch de Cardona Rodrigues de las Varillas, Conde de Salduenha, Marquez de Castelnovo, e Pons, Baraõ de Auseva, &c. Gentil-homem da Camera de Sua Magestade Catholica com exercicio, Coronel de hum Regimento de Infantaria, e até o presente naõ tem successaõ.

.* 17 D. MANOELA, Duqueza de Aremberg nasceo a 26 de Dezembro de 1675: foy tambem Dama das referidas Rainhas. Casou duas vezes, a primeira a 28 de Outubro de 1696 com D. Agostinho de Mendoça Sandoval Gusmaõ e Roxas, VII. Conde de Orgaz, Senhor de Olalha, Mendevil, Nanclares, e outras terras, Prestamero mór de Viscaya, Mestre de Campo General da Extremadura; e naõ tiveraõ successaõ. Casou em 1714 segunda vez com D. Jayme Isidro Fernandes de Hijar, filho dos VI. Duques de Hijar, Marquezes de Orani, &c. Conorel do Regimento de Cavallaria de la Reyna, Brigadeiro, General de Batalha, e ultimamente Mestre de Campo General dos Exercitos delRey Catholico; e tiveraõ =

18 a

18 a D. ANTONIO DA SYLVA E AREMBERG, Coronel do mesmo Regimento de la Reyna, Brigadeiro, e General de Batalha dos Exercitos do dito Rey, Gentil-homem da Camera delRey Dom Filippe V., que casou com D. Hyppolita Cebrian, filha unica, e successora de D. Pedro Cebrian Agostin Alagon e Pimentel, Conde de Fuenclara, Embaixador a Veneza, Vienna, e Napoles, Mordomo mór do Infante D. Filippe, Vice-Rey da Nova Hespanha, Cavalleiro do Tosaõ, e de S. Generaro; e de Dona Maria Theresa Patinho, Dama da Infanta Dona Luiza de França, de quem he filho ≍ 19 D. JAYME DA SYLVA. ≍ 19 DONA N. . . . . e DOM N. . . . .

* 14 CHRISTOVAÕ DE TAVORA, que foy o quinto filho na ordem do nascimento de Alvaro de Sousa, e sua mulher D. Francisca de Tavora: foy Cavalleiro da Ordem de S. Joaõ de Malta, Governador de Gaeta; e teve os filhos seguintes: ≍ * 15 LOURENÇO PIRES DE TAVORA, adiante. ≍ 15 D. FILIPPE DE MOURA, que servio na guerra de Italia; e depois voltando a Portugal no tempo delRey Dom Joaõ IV. foy do Conselho Ultramarino. ≍ 15 LUIZ ALVARES DE TAVORA, que foy Clerigo, Chantre da Igreja de Braga, e Prelado de Thomar. ≍

* 15 LOURENÇO PIRES DE TAVORA, passou à Ilha de S. Thomé, onde casou com D. Anna de Chaves, filha de Joaõ Barbosa da Cunha, de quem teve ≍ * 16 GASPAR DE SOUSA, adiante. ≍ * 16 D. MAGDALENA DE TAVORA, mulher de Pedro da Sylva, de

de quem abaixo se dirá. ⩶ 16 GASPAR DE SOUSA DE TAVORA, que viveo em S. Thomé, e passou ao Reyno, onde casou com D. Luiza de Mello, filha de Sebastiaõ de Carvalho, Desembargador da Casa da Supplicaçaõ, e de sua mulher D. Luiza de Mello, sem successaõ. ⩶ 16 D. CATHARINA DE TAVORA, morreo a 8 de Mayo de 1666, casou a 14 de Setembro de 1654 no Reyno com Pedro da Sylva, Alcaide mór de Silves; o qual depois de ter servido na guerra de Alentejo com o posto de Capitaõ de Infantaria, passou à India por Capitaõ mór de huma Armada, donde voltou com o Vice-Rey D. Filippe Mascarenhas no anno de 1651, de quem teve hum filho, e filha seguintes: ⩶ 17 RUY DA SYLVA, que nasceo a 4 de Março de 1658, foy Alcaide mór de Sylves; occupou varios póstos, e ultimamente o de Commissario Geral de Cavallaria. Morreo a 19 de Novembro de 1725, e tendo casado duas vezes, a primeira com Dona Maria Rabello, filha de Estevaõ Rabello, Provedor das Almodravas, officio que teve em dote; e a segunda vez com D. Anna Maria de Barros, viuva de Christovaõ de Sousa de Alte; mas de nenhum destes matrimonios teve successaõ. ⩶ 17 D. MARIA THERESA DA SYLVA DE TAVORA nasceo a 2 de Fevereiro de 1656, e casou com Dom Manoel Pereira Coutinho, como dissemos a pag. 939 do Tomo XI.

* 14 D. MAGDALENA DE TAVORA, ultima filha de Alvaro de Sousa, foy segunda mulher de Joaõ

Furtado de Mendoça, Commendador de S. Romaõ de Fonte Cuberta na Ordem de Aviz, que foy Governador, e Capitaõ General do Reyno de Angola, e Algarve, Presidente do Senado da Camera de Lisboa, do Conselho de Portugal em Madrid, e Presidente do Conselho de Indias; e tiveraõ = * 15 Francisco Furtado de Mendoça, com quem se continúa. = 15 Andrè Furtado de Mendoça, que succedeo na Commenda a seu pay, foy Conego, e depois Deaõ da Sé de Lisboa, do Conselho delRey D. Affonso VI., Deputado da Junta dos Tres Estados, Dom Prior de Guimaraens, e ultimamente Bispo de Miranda, onde faleceo a 21 de Julho de 1676. = 15 Antonio de Mendoça, Cavalleiro de Malta, Capitaõ de Cavallos, e Mestre de Campo em Flandes. = * 15 D. Francisca de Tavora, adiante. = * 15 D. Maria de Tavora, de quem tambem adiante se fallará.

* 15 Francisco Furtado de Mendoça, foy Commendador de Borba na Ordem de Aviz: achava-se em Castella quando foy a Acclamaçaõ delRey D. Joaõ IV., e lá morreo. Havia casado em Portalegre com D. Angela Tavares, filha herdeira de Vasco Pires Falcaõ, e de sua mulher D. Leonor Vidal, de quem teve os filhos seguintes: = 16 Joaõ Furtado de Mendoça, Commendador de Borba, e de outras Commendas. Servio na guerra da Acclamaçaõ, foy Mestre de Campo de Infantaria, e se achou com o seu Terço nas batalhas do Ameixial, e Mon-

Montes-Claros, onde se distinguio; occupou depois os póstos de General de Batalha, General da Artilharia da Provincia de Alentejo, Governador da Praça de Elvas, do Conselho de Guerra, e Mestre de Campo General de Alentejo, cuja Provincia governou diversas vezes, e no anno de 1706 mandou o Exercito, que se formou naquella Provincia, com que entrou por Castella; e hindo sobre a Cidade de Xeres dos Cavalleiros, que rendeo, e outras Praças, com que fez gloriosa a Campanha; depois foy Governador da Fortaleza de S. Juliaõ da Barra. Era ornado de partes de Cavalhero; porque sobre o valor, brilhou nelle prudencia, e outras virtudes, com que se fazia respeitado: era muy applicado à liçaõ dos livros, cortezaõ, e pontual; de sorte, que nelle se uniraõ merecimentos proprios, que o fizeraõ estimavel, e attendido da Corte. Morreo a 9 de Novembro de 1714, tendo feito o seu Testamento, onde se lia huma clausula, poucas vezes vista; porque dizia: *Naõ devo nada a pessoa alguma, nem a mim ninguem me deve nada.* ⩦ 16 D. MAGDALENA DE TAVORA, Freira Carmelita Descalça em Carnide. ⩦ 16 D. MARIANNA DE TAVORA, que foy segunda mulher de Luiz de Sousa de Macedo, Baraõ da Ilha Grande de Joanne, Alcaide mór de Freixo de Namaõ na Ordem de Christo, Commendador de Santiago de Sousel, e de Portancho, em Alcacer do Sal, na Ordem de Santiago, e de Santa Eufemia de Penella na de Aviz, o qual faleceo a 10 de Agosto de 1727;

e tiveraõ eftes filhos: ⁐ 17 ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO, Baraõ da Ilha Grande, de quem fe fez mençaõ a pag. 639 do Tomo X. ⁐ 17 FRANCISCO DE SOUSA DE MACEDO, que depois de fer laureado na Univerfidade de Coimbra, entrou no Seminario de Varatojo no anno de 1697; e feguindo a fua vocaçaõ, foy excellente Miffionario. ⁐ 17 GONÇALO DE SOUSA, Cavalleiro de Malta, foy Commendador, e Graõ Cruz da Religiaõ. ⁐ 17 JOAÕ DE SOUSA, Religiofo Eremita de Santo Agoftinho.

* 15 D. FRANCISCA DE TAVORA cafou com Luiz de Miranda Henriques, Alcaide mór de Fronteira, Commendador da Alcaçova de Elvas na Ordem de Aviz; foy Governador da Ilha da Madeira, e Capitaõ mór da Armada da India: voltando para o Reyno, morreo no naufragio, que padeceo a fua nao no Cabo de Boa Efperança, tendo tido os filhos feguintes: ⁐ * 16 ALVARO DE MIRANDA, com quem fe continúa. ⁐ 16 SEBASTIAÕ DE MIRANDA HENRIQUES, que foy Conego na Sé de Lisboa. ⁐ 16 JOAÕ DE MIRANDA HENRIQUES, que fervindo na guerra, morreo moço no anno de 1657. ⁐ 16 JOSEPH DE MIRANDA, Religiofo Eremita de Santo Agoftinho. ⁐ 16 D. MAGDALENA, e D. LUIZA DE TAVORA, Freiras no Paraifo de Evora. ⁐ 16 D. N. . . . . . e D. MARIA DE TAVORA, Freiras em Santa Clara de Santarem. ⁐ * 16 D. THERESA MARIA DE TAVORA, de quem logo fe fará mençaõ. ⁐ * 16 ALVARO DE MIRANDA, foy Alcaide mór de Fronteira,

ra, e Commendador de Alcaçova de Elvas: servio na guerra, e foy Capitaõ de Cavallos, e morreo das feridas, que recebeo no combate do Forte de S. Miguel no anno de 1658, quando o nosso Exercito sitiou Badajoz, tendo sido casado com D. Maria Lobo, que depois casou com Ambrosio Pereira de Berredo, filha de André Mendes Lobo, Capitaõ de Cavallos, e Pagador geral do Exercito de Alentejo, e de sua mulher D. Leonor da Sylveira, que foy Ama do Duque de Barcellos D. Theodosio, depois Principe do Brasil, de quem teve ≍ 17 D. LEONOR THERESA DE MIRANDA, que casando com Luiz de Mello, XV. Senhor de Mello, se annullou o matrimonio, e ella tomou o habito de Religiosa em Villa-Viçosa, e veyo a ser herdeira sua irmãa. ≍ 17 D. FRANCISCA DE TAVORA, que morreo com mais de oitenta annos a 22 de Abril de 1736, havendo sido casada com Manoel de Mello de Castro, Commendador da referida Commenda, de quem teve ≍ 18 ANTONIO DE MELLO DE CASTRO, que succedeo na Casa, foy Capitaõ de Mar, e Guerra, e he Coronel de Infantaria na Provincia da Beira. ≍ 18 ALVARO CAETANO DE CASTRO E MELLO, que servio na guerra, e depois passou à India, e foy Governador de Moçambique. ≍ 18 D. MARIA IGNEZ, e D. THERESA DE TAVORA, Freiras na Esperança de Lisboa. ≍ 18 D. THERESA DE TAVORA, na Encarnaçaõ de Lisboa. ≍ 18 E D. ANNA DE CASTRO em Odivellas.

D.

* 16 D. THERESA MARIA DE TAVORA casou com Francisco de Brito Freire, Senhor do Morgado de Santo Estevaõ na Bahia, de quem teve ⩵ 17 GASPAR DE BRITO FREIRE, que servio na guerra, e foy Coronel de Infantaria, e morreo, sem casar, em Mayo de 1729. ⩵ 17 LUIZ DE BRITO FREIRE, que passou a servir à India, e lá casou com D. Paula de Noronha, filha de Pedro de Siqueira, e morreo sem successaõ. ⩵ 17 MANOEL DE BRITO FREIRE, que veyo a ser successor da Casa, e era falto de juizo; naõ casou, e morreo no anno de 1745. ⩵ 17 D. FRANCISCA, D. MARIA FRANCISCA DE TAVORA, D. VIOLANTE BERNARDINA DA SYLVEIRA, e D. IGNEZ DE TAVORA, todas morreraõ sem estado. ⩵ 17 D. BRITES CAETANA DE MELLO, e D. IGNACIA CLARA DE MENDOÇA, Freiras no Paraiso de Evora.

* 15 D. MARIA DE TAVORA, ultima filha de Joaõ Furtado de Mendoça, casou com Affonso Furtado de Castro do Rio e Mendoça, I. Visconde de Barbacena, Senhor da dita Villa, Commendador na Ordem de Christo, que servio na guerra da Acclamaçaõ com grande distincçaõ: foy General da Artilharia, e Cavallaria, na Provincia de Alentejo, Governador das Armas da Beira, do partido de Castello-Branco, do Conselho de Guerra, Governador, e Capitaõ General do Brasil, onde faleceo no anno de 1675, e sua mulher a 15 de Outubro de 1685, deixando os filhos seguintes: ⩵ * 16 JORGE FURTADO

DO DE MENDOÇA, com quem se continúa. ⩶ 16 JOAÕ FURTADO DE MENDOÇA, que foy Capitaõ de Cavallos; servio na guerra, em que procedeo com valor: morreo moço. ⩶ 16 D. MAGDALENA DE TAVORA, Recolhida no Mosteiro de Santos de Lisboa, sem estado. ⩶ * 16 JORGE FURTADO DE MENDOÇA, foy II. Visconde de Barbacena, Senhor da dita Villa, Commendador de Santa Eulalia de Rio Covo, de S. Romaõ de Fonte Cuberta, S. Juliaõ em Bragança, S. Martinho de Refregas na Ordem de Christo, Alcaide mór da Covilhãa; servio na guerra da Acclamaçaõ com reputaçaõ; occupou grandes póstos; foy General da Artilharia com o governo das Armas da Beira na paz, e depois na guerra de 1704 Mestre de Campo General com o governo da Artilharia na Provincia de Alentejo, do Conselho de Guerra, Varaõ de grande prudencia, valor, e christandade, mostrando em toda a occasiaõ as virtudes, de que se ornava; porque sempre estava revestido de brio, e honra, de que nasceo entenderem alguns, que era desconfiado. Morreo a 26 de Mayo de 1708. Casou em Alemanha, adonde tinha hido com o Marquez de Alegrete no anno de 1687, Embaixador à Corte de Hidelberg, com a Condessa Anna Luiza de Hohenloe, em quem concorreraõ grandes partes; porque exercitando-se em huma vida devota, soube em toda a sua vida ser o exemplar para as Senhoras da sua grande qualidade, e estado. Morreo em Setembro de 1718 contando quarenta e sete annos; era

irmãa

irmãa da Viscondessa de Villa-Nova da Cerveira, filhas de Luiz Gustavo, Conde de Hohenloe, Senhor de Lagenburg, Gentil-homem da Camera do Emperador Leopoldo I., e do seu Conselho, e de sua segunda mulher a Condessa Anna Barbom de Schomborn, como se disse a pag. 622 do Tomo IX., e desta illustrissima uniaõ nasceraõ os filhos seguintes: ≍ 17 AFFONSO FURTADO DE MENDOÇA, que nasceo em Penamacor a 28 de Novembro de 1690. Foy III. Visconde de Barbacena, e successor de toda a Casa de seu pay, a quem acompanhou na guerra, onde servio com distincçaõ, e occupando diversos póstos, foy General de Batalha; e no tempo que aquella vida lhe promettia os augmentos, que o seu merecimento lhe segurava, pela reputaçaõ, que havia adquirido entre os Militares, movido de huma superior inspiraçaõ, que seguio constantemente, entrou na Religiaõ de S. Bento a 13 de Mayo de 1713, sem que o participasse mais, que ao seu Director, cujos dictames observou com prompta obediencia, ainda que contra a propria vontade, que era a de abraçar logo vida mais aspera, seguio a Monastica com toda a sua observancia, prégando com grande espirito: porém como o seu desejo era de missionar, entrou no Seminario de Varatojo, em que se tem exercitado nos louvaveis exercicios do seu Instituto com geral edificaçaõ. ≍ 17 LUIZ XAVIER FURTADO DE MENDOÇA, he IV. Visconde de Barbacena, em que succedeo a seu irmaõ, e em toda a sua Casa, como se disse

disse a pag. 652 do Tomo IX., donde se póde ver. ≍ 17 D. ANNA BARBARA DE HOHENLOE, Religiosa no Mosteiro da Madre de Deos de Lisboa.

* 11 D. IGNES DE SOUSA, filha de Fernaõ de Sousa Camello, e de sua segunda mulher D. Joanna Maria de Sousa de Alvim. Casou com Pedro Lourenço de Tavora, Senhor de Mogadouro, S. Joaõ da Pesqueira, e outras muitas terras, Alcaide mór de Miranda, por Carta feita no anno de 1470; e desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes: ≍ 12 ALVARO PIRES DE TAVORA, que lhe succedeo na Casa, e a sua illustre posteridade referimos a pag. 55 deste Tomo. ≍ 12 FRANCISCO PIRES DE TAVORA, que casando duas vezes, naõ deixou successaõ. ≍ 12 RUY PIRES DE TAVORA, foy Clerigo. ≍ * 12 D. MARIA DE TAVORA, mulher de Diogo da Sylveira, adiante. ≍ 12 D. LEONOR DE TAVORA, mulher de Fernaõ Vaz de Sampayo, Senhor de Villa-Flor. ≍ * 12 D. ISABEL DE TAVORA, mulher de Bernardo Annes do Campo, adiante.

* 12 D. MARIA DE TAVORA casou com Diogo da Sylveira, filho terceiro do Regedor Fernaõ da Sylveira, que depois de servir na India, voltou ao Reyno: foy Veador do Senhor D. Jorge, Mestre de Santiago. Morreo pelos annos de 1522. A sua mulher, ficando viuva, fez ElRey D. Joaõ III. merce naquelle anno de huma tença; e tiveraõ as filhas seguintes: ≍ * 13 D. MECIA DA SYLVEIRA DE TAVORA, mulher de Dom Alvaro de Noronha, adiante.

te. ⩵ 13 D. Isabel de Tavora casou com João da Sylveira, Commendador de Montalvaõ, como dissemos no §. V. Capitulo V. Parte I. pag. 443 deste Tomo. ⩵ * 13 D. Leonor da Sylveira, mulher de D. Simaõ de Menezes, adiante.

* 13 D. Mecia da Sylveira de Tavora, casou com D. Alvaro de Noronha, servio na India, e se achou na tomada de Quiloa, Mombaça, e na jornada de Onôr, como diz Joaõ de Barros, e foy o primeiro Capitaõ da Fortaleza de Cochim; depois voltou ao Reyno, servio em Africa, sendo Capitaõ de Çafim Nuno Fernandes de Ataide no anno de 1510, occupando o posto de Capitaõ de cem lanças; e assim se achou com elle, por duas vezes, sobre a Cidade de Medina, e em outras muitas facções, em que se distinguio; e mereceo, que ElRey D. Manoel o encarregasse do governo de Azamor, que foy theatro de gloriosas vitorias, que conseguio Dom Alvaro, adquirindo tanta reputaçaõ, que os Mouros medrosos, se conservaraõ em paz, sendo o seu nome temido: porém entre tantos triunfos, com que naquella guerra se coroou Dom Alvaro, naõ faltou quem o malquistasse com ElRey Dom Manoel, de que elle sentido, entregou o governo da Praça ao Contador, e se passou a Sevilha, donde residio muito tempo; e tornando a Portugal morreo, tendo tido os filhos seguintes: ⩵ 14 D. Fernando Alvares de Noronha, servio na guerra de Africa com muita distincçaõ; porque em huma occasiaõ

lhe

lhe atravessaraõ com huma setta a maõ da lança, em outra lhe mataraõ o cavallo, e em outra lho feriraõ; e sempre com valor, e brio, mostrou ser animado de esclarecido sangue. Foy hum dos quatro Sumilheres delRey D. Sebastiaõ, com quem passou a primeira vez à Africa, e do seu Conselho de Estado, General das Galés, Commendador na Ordem de Christo, e teve a Commenda do Mogadouro, a de Bornes, e de Villa-Franca. Casou com D. Guiomar de Castro, Dama da Rainha D. Catharina, filha de D. Bernardo Coutinho, Alcaide mór de Santarem, de quem naõ teve successaõ. ⩶ 14 D. Diogo de Noronha, que servio em Africa, e depois na India, para onde passou no anno de 1550 com o Vice-Rey D. Affonso de Noronha: foy General da Armada do Estreito, Governador de Dio; desejou muito accrescentar o Estado da India, em que conseguio gloriosos successos, que ainda continuariaõ, se a morte lhe naõ tirara a vida, naõ contando mais, que quarenta e quatro annos. Naõ casou, e teve illegitimo a D. Alvaro de Noronha, que foy Monge de Cister, bom Letrado, e Prégador. ⩶ 14 D. Affonso de Noronha, servio em Tangere com distincçaõ. ⩶ * 14 D. Luiza de Noronha, que foy segunda mulher de D. Aleixo de Menezes, com successaõ. ⩶ * 14 D. Francisca de Noronha casou com D. Antonio de Noronha, Vice-Rey da India. ⩶ 14 D. Leonor, que foy Dama da Rainha D. Catharina: morreo sem estado. ⩶ 14 D. Ignez, e

Dona Isabel, Freiras na Esperança de Lisboa.

* 14 D. Luiza de Noronha, foy segunda mulher de D. Aleixo de Menezes, que depois de ter no Estado da India occupado os mayares póstos, e servido com muita distincçaõ, voltou para o Reyno, e foy Alcaide mór de Arronches, Embaixador ao Emperador Carlos V., Mordomo mór da Rainha D. Catharina, da Princeza D. Joanna, e da Infanta D. Maria, e Ayo delRey D. Sebastiaõ, Varaõ grande, ornado de valor, prudencia, e outras virtudes, com que fez recommendavel o seu nome à posteridade; e desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes: = 15 D. Luiz de Menezes, que lhe succedeo, e morreo na batalha de Alcacere no anno de 1578, havendo casado com D. Maria de Mendoça, que depois foy segunda mulher de D. Constantino de Bragança, como se disse a pag. 423 do Tomo IX., de quem naõ teve successaõ. = * 15 D. Alvaro de Menezes, com quem se continúa. = 15 D. Aleixo de Menezes, Religioso Eremita de Santo Agostinho, foy Arcebispo de Goa, Primaz do Oriente, onde emprendeo a custosa jornada da Serra do Malavar, que depois imprimio no anno de 1606; e depois de ter governado o Estado da India, em que entrou em 1607, e deixado nelle huma saudosa memoria, voltou para o Reyno, e foy Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas, Capellaõ mór delRey D. Filippe III., do Conselho de Estado, e Presidente do Conselho de Portugal em Madrid; Varaõ grande em letras, virtudes,

tudes, e talento, singular bemfeitor da sua Religiaõ, em que deixou eternos padroens do seu amor. Faleceo no anno de 1617. Jaz em Braga. = 15 D. MECIA DA SYLVEIRA, ou MENEZES, que morreo a 3 de Julho de 1598. Casou com D. Luiz Coutinho, IV. Conde de Redondo, de quem teve alguns filhos, dos quaes se naõ conserva successaõ. = 15 D. ALVARO DE MENEZES, Senhor de Alfayates, Alcaide mór de Arronches, &c. e da mais Casa de seu pay. Casou com Dona Violante de Ataide, filha de D. Vasco da Gama, III. Conde da Vidigueira, e a sua posteridade escrevemos a pag. 592 do Tomo IX.

* 14 D. FRANCISCA DE NORONHA casou com D. Antonio de Noronha, que depois de ter servido na India com grande distincçaõ, deixando naquelle Estado do seu valor, e generosidade, hum admiravel exemplo às pessoas da sua qualidade, foy depois Vice-Rey do mesmo Estado no anno de 1571, que governou com mais acerto, que fortuna; porque antes de ter acabado o tempo, lhe mandou ElRey D. Sebastiaõ entregar o governo a Antonio Moniz Barreto no anno de 1575, com geral pezar de todo o Estado, e naõ menor consternaçaõ de D. Antonio, cujos merecimentos eraõ dignos de outra recompensa. Voltou para o Reyno, e invernando em Ormuz, chegou a Lisboa, e a primeira sahida, que fez, foy a S. Francisco, donde sua mulher estava enterrada, e sabendo que alli estava tambem seu filho, penetrado

do

do ſentimento, venceo eſte a meſma conſtancia de hum Varaõ prudente, que rompendo, diſſe laſtimado em alta voz: *Sem mulher, ſem filho, e ſem honra, naõ ha já para que viver*; e finalmente em breve tempo veyo a acabar a vida com geral compaixaõ da Corte, e delRey D. Sebaſtiaõ, que fez demonſtrações, de que a ſentia, e de lhe naõ ter dado ſatisfaçaõ; porque as culpas, que lhe achacaraõ, naõ podiaõ ter lugar em os ſeus relevantes merecimentos. Deſta uniaõ naſceraõ, além dos filhos, que morreraõ de curta idade, ≍ 15 D. MECIA DE NORONHA, que caſou com D. Luiz de Caſtro, V. Conde de Monſanto, como diſſemos a pag. 951 do Tomo XI.

* 13 D. LEONOR DA SYLVEIRA, filha de Diogo da Sylveira, caſou com Dom Simaõ de Menezes, Commendador de Grandola na Ordem de Santiago, e foy ſua primeira mulher, de quem teve ≍ * 14 D. RODRIGO DE MENEZES, adiante. ≍ * 14 D. MARIA DE MENEZES caſou com Antonio Correa, Senhor de Bellas, de quem logo ſe tratará. ≍ * 14 D. RODRIGO DE MENEZES, foy Commendador de Grandola, Védor da Caſa da Rainha D. Catharina, e Governador da Caſa do Civel. Caſou com D. Antonia de Torres, filha de Diogo de Torres, e de ſua mulher Brites de Caſtilho; e tiveraõ entre outros filhos ≍ 15 a D. SIMAÕ DE MENEZES, que morreo ſem eſtado na batalha de Alcacere. ≍ * 14 D. LEONOR DE MENEZES, de quem abaixo faremos mençaõ.

D.

* 14 D. Leonor de Menezes casou com João de Saldanha, Commendador de Alcains, e de Salvaterra, na Ordem de Christo, o qual faleceo a 22 de Novembro de 1624, e jaz em S. Domingos de Santarem; e tiveraõ estes filhos: ⩶ * 15 Luiz de Saldanha, com quem se continúa. ⩶ 15 Bartholomeu de Saldanha, da Ordem de Santo Agostinho. ⩶ 15 Antonio de Saldanha, da Ordem de S. Jeronymo. ⩶ 15 Manoel de Saldanha, foy Deputado do Santo Officio na Inquisiçaõ de Evora, e depois da de Lisboa, em que entrou a 9 de Outubro de 1627. Foy Reytor na Universidade de Coimbra, e nella acclamou a ElRey D. Joaõ IV.; e instituîo hum Prestito, que da Capella da Universidade sahisse todos os annos no primeiro de Dezembro, ao Mosteiro de Santa Cruz, em acçaõ de graças pela nossa liberdade. No anno de 1646 fez com os Lentes da Universidade solemne juramento de defender a Conceiçaõ da Virgem Senhora nossa: a sua memoria será eterna naquella Universidade, que governou com prudencia. Foy nomeado Bispo de Viseo, e Coimbra. Morreo no anno de 1659. ⩶ 15 Jeronymo de Saldanha, que passou a servir à India, foy Capitaõ de Ormuz, e morreo em 1634. ⩶ 15 D. Rodrigo de Menezes, servio em Flandes, onde era Capitaõ de Cavallos no anno de 1620. ⩶ 15 D. Maria, e D. Magdalena, Freiras na Annunciada de Lisboa.

* 15 Luiz de Saldanha, foy Commendador de Salva-

Salvaterra, e Alcains, Védor da Rainha D. Luïza. Caſou duas vezes, a primeira com D. Maria da Sylva, que faleceo de parto a 7 de Novembro de 1625, filha, e herdeira de Antonio da Gama, e de ſua mulher D. Iſabel da Sylva, como deixámos eſcrito a pag. 825 do Tomo XI., onde ſe póde ver. Caſou ſegunda vez com Dona Violante de Mendoça, viuva de Affonſo de Torres, Commendador de Montemór o Novo, filha de Ayres de Souſa de Caſtro, Commendador de Rio-Mayor, como diſſemos no Capitulo XXVII. Parte I. deſte Livro; e tiveraõ ≡ 16 Ayres de Saldanha. ≡ 16 Jeronymo de Saldanha, que foy Monge de Ciſter, e duas vezes Abbade Geral da ſua Congregaçaõ. ≡ 16 Joseph de Saldanha, Religioſo Capucho da Provincia de Santo Antonio, em que leo Filoſofia, e Theologia, Biſpo do Funchal, ſagrado a 25 de Julho de 1690, donde foy promovido para o Porto no anno de 1697, que regeo com tanto zelo, que morreo com opiniaõ de Santo a 26 de Setembro de 1708. ≡ 16 Bernardo de Saldanha, Religioſo da Ordem da Trindade, de que foy Provincial. ≡ 16 D. Joanna Manrique, que morreo a 6 de Fevereiro de 1721. Caſou com Pedro Alvares Cabral, que morreo a 3 de Junho de 1720; e tiveraõ entre outros filhos ≡ 17 D. Violante Casimira de Mendoça, mulher de Diniz de Mello de Caſtro, como ſe diſſe a pag. 850 do Tomo XI. ≡ 17 E Francisco Cabral de Lacerda, que naſceo a 10 de Mayo de

de 1668, e morreo a 22 de Outubro de 1741, havendo casado com D. N. . . . . . . de quem teve ⩵ 18 a PEDRO ALVARES CABRAL CORREA DE LACERDA E SALDANHA, que lhe succedeo na Casa.

* 14 D. MARIA DE MENEZES, filha de D. Simaõ de Menezes, Commendador de Grandola, e de sua mulher D. Leonor da Sylveira, casou com Antonio Correa, IV. Senhor de Bellas, Alcaide mór de Villa-Franca de Xira; e tiveraõ ⩵ * 15 FRANCISCO CORREA DE MENEZES, com quem se continúa. 15 D. LEONOR DE MENEZES, que casou com D. Fernando Coutinho, VIII. Marichal de Portugal, Alcaide mór de Pinhel, &c. como dissemos a pag. 109 do Tomo IX. ⩵ * 15 D. ANTONIA DE MENEZES, que foy segunda mulher de D. Joaõ da Costa, adiante. ⩵ 15 D. JOANNA, e D. LUIZA, Freiras no Mosteiro da Esperança de Lisboa.

* 15 D. ANTONIA DE MENEZES, foy segunda mulher de D. Joaõ da Costa, Commendador na Ordem de Christo, Padroeiro do Convento de Santo Antaõ, da Ordem dos Eremitas, Capitaõ mór da Comarca de Pinhel, e vivia no anno de 1581, quando foy mandado a impedir a invasaõ, que o Senhor D. Antonio pertendeo fazer neste Reyno com a Armada Ingleza; e desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes: ⩵ * 16 D. GIL EANNES DA COSTA, com quem se continúa. ⩵ 16 D. FRANCISCO DA COSTA, Religioso da Companhia, Lente de Prima de Theologia no Collegio de Coimbra, e no de Roma,

e depois Reytor no de Evora. = 16 D. Alvaro da Costa, que paſſou a ſervir à India, e foy Capitaõ de Dio. = 16 D. Filippe da Costa, que ſervio nas Armadas, e ſendo Capitaõ de Mar, e Guerra na Nao Perola da Armada de D. Joaõ Faxardo, morreo em hum combate com os Hollandezes, depois de ter pelejado valeroſamente. = 16 D. Maria de Menezes, que caſou com Gaſpar de Souſa, Commendador de Cifuentes. = 16 D. Gil Eannes da Costa, foy Commendador, e Alcaide mór de Caſtro Marim, na Ordem de Chriſto. Caſou com D. Franciſca de Vaſconcellos, filha herdeira de D. Rodrigo de Souſa, e de ſua mulher D. Joanna de Vaſconcellos; e deſte matrimonio naſceraõ = 17 D. Joaõ da Costa, I. Conde de Soure; e a ſua illuſtriſſima deſcendencia fica referida a pag. 663 do Tomo X. = 17 D. Rodrigo da Costa, que morreo moço.

* 12 D. Leonor de Tavora, filha de Pedro Lourenço de Tavora, Senhor do Mogadouro, e de ſua mulher D. Ignez de Souſa. Caſou com Fernaõ Vaz de Sampayo, IV. Senhor de Villa-Flor, Chacim, Villas-Boas, Parada de Pinhaõ, Frechas, Bemposta, e Mós; e tiveraõ = 13 Manoel de Sampayo, foy V. Senhor de Villa-Flor, Chacim, &c. Commendador das Moendas na Ordem de Chriſto, Camereiro delRey D. Joaõ III., e Governador da Torre de Belem, por haver caſado com D. Maria de Abreu, filha de Bartholomeu de Paiva, Amo do dito

to Rey, de quem naõ teve succeſſaõ. ⫶ * 13 ANTONIO DE SAMPAYO, com quem ſe continúa. ⫶ * 13 D. MECIA DE TAVORA, mulher de Antonio da Sylva, Commendador de Alpalhaõ, adiante. ⫶ * 13 D. IGNEZ DE TAVORA caſou com Pedro Botiel, de quem abaixo ſe dirá. ⫶ 13 D. BRITES DE TAVORA, que foy Dama da Emperatriz Dona Iſabel, e naõ teve eſtado. ⫶ 13 ANTONIO DE MELLO DE SAMPAYO, foy Commendador do Rio-Torto na Ordem de Chriſto. Caſou com D. Maria de Noronha, filha de D. Bernardim de Almeida, e de ſua mulher D. Guiomar Freire; e tiveraõ ⫶ 14 FERNAÕ DE MELLO DE SAMPAYO, que foy VI. Senhor de Villa-Flor, Chacim, &c. ſobre que trouxe demanda com a Coroa, pela morte de ſeu tio Manoel de Sampayo, que venceo: naõ caſou, e morreo ſem geraçaõ. ⫶ * 14 FRANCISCO DE MELLO DE SAMPAYO, com quem ſe continúa. ⫶ 14 MANOEL, e CHRISTOVAÕ DE MELLO DE SAMPAYO, ſem geraçaõ. ⫶ 14 D. LEONOR DE NORONHA, que caſou com D. Luiz Oſorio, Cavalleiro da Ordem de Santiago, Meſtre de Campo de hum Terço Heſpanhol, com que ſe achou na tomada de Penhon de Velles, neto dos II. Marquezes de Aſtorga; do qual ficando viuva, caſou com D. Affonſo de Borja, filho terceiro do Duque de Gandia, depois S. Franciſco de Borja; e de nenhum deſtes maridos teve ſucceſſaõ. ⫶ * 14 FRANCISCO DE MELLO DE SAMPAYO, foy VII. Senhor de Villa-Flor, Chacim, &c. Caſou

com D. Antonia da Sylva, Dama do Paço, filha de Febus Moniz, hum dos quatro Sumilheres delRey D. Sebastiaõ, e de sua mulher D. Isabel de Lima, de quem teve = * 15 MANOEL DE SAMPAYO, com quem se continúa. = 15 D. LEONOR, e D. MARIA DA SYLVA, Freiras em Cellas de Coimbra. Casou segunda vez com D. Filippa de Menezes, viuva de Antonio de Moura, e filha de D. Francisco de Sousa, Capitaõ da Guarda Alemãa, e de sua mulher D. Luiza de Menezes, de quem teve = 15 ANTONIO DE MELLO DE SAMPAYO, Commendador na Ordem de Christo, que casou com D. Magdalena de Mendoça, filha de Fernaõ de Mendoça, sem geraçaõ. = * 15 MANOEL DE SAMPAYO, foy VIII. Senhor de Villa-Flor, Chacim, &c. Alcaide mór da Torre de Moncorvo, Commendador na Ordem de Christo. Casou com Dona Filippa de Castro, filha de Christovaõ Juzarte, Senhor da Quinta de Azinhaga, e de sua mulher Dona Joanna de Castro; e tiveraõ = * 16 FRANCISCO DE SAMPAYO, com quem se continúa. = 16 ANTONIO DE SAMPAYO, que se achou na restauraçaõ da Bahia, e morreo na Armada, que no anno de 1627 se perdeo na Costa de França, e outros, dos quaes naõ ha successaõ. = * 16 FRANCISCO DE SAMPAYO, IX. Senhor de Villa-Flor, Chacim, &c. Alcaide mór da Torre de Moncorvo. Casou com D. Luiza Moniz de Torres sua prima segunda, filha herdeira de Febus Moniz de Torres, e de sua mulher Dona Filippa Coutinho; e tiveraõ =

17 MA-

17 Manoel de Sampayo, X. Senhor de Villa-Flor, que casou duas vezes, a primeira com D. Maria Rosa de Portugal, filha dos primeiros Condes de Avintes, sem successaõ, como se disse a pag. 839 do Tomo X., e a segunda vez com D. Joanna Luiza de Noronha, como escrevemos a pag. 242 do Tomo XI. ⩶ 17 Febus Moniz, foy Commendador da Ordem de Christo: naõ casou, teve natural a Jeronymo Moniz.

* 13 D. Mecia de Tavora, filha de Fernaõ Vaz de Sampayo, IV. Senhor de Villa-Flor, e de sua mulher D. Leonor de Tavora. Casou com Antonio da Sylva, Commendador de Alpalhaõ na Ordem de Christo, de quem teve ⩶ 14 Joaõ da Sylva, que havendo casado com D. Leonor Henriques, filha de Simaõ de Sousa Ribeiro, Alcaide mór de Pombal, naõ teve successaõ. ⩶ 14 Fernaõ da Sylva, que foy Commendador da dita Commenda; e a sua successaõ deixámos escrita no Capitulo X. da Parte I. pag. 505. ⩶ * 14 Francisco da Sylva, adiante. ⩶ 14 D. Joanna Henriques, que foy segunda mulher de Antonio de Mendoça, a quem chamaraõ o *Martello*, sem successaõ. ⩶ * 14 Francisco da Sylva e Tavora, passou a servir à India, e lá casou em Baçaim com D. Isabel de Mello, filha de Antonio de Mello Pereira, de quem teve ⩶ 15 Antonio da Sylva, que foy seu herdeiro, e voltando para o Reyno, casou, conforme diz Diogo Gomes; mas he certo, que naõ ha delle successaõ.

D.

* 13 D. IGNEZ DE TAVORA, irmãa de D. Mecia, casou com Pedro Botiel, hum Fidalgo natural da Cidade de Pavia no Estado de Milaõ, de quem nasceo = 14 D. ARCHANGELA DE TAVORA, Dama da Rainha D. Catharina, que casou com Dom Luiz da Cunha, Senhor de Assentar, Sabugosa, Barteiro, e Senhorem, e foy sua primeira mulher, de quem teve = 14 D. ANTONIO DA CUNHA, que depois de ter servido em Africa com distincçaõ, se achou na batalha de Alcacere com ElRey D. Sebastiaõ; e sendo cativo, morreo no cativeiro. = 14 D. PEDRO DA CUNHA, que lhe succedeo, e casou com D. Elvira Coutinho, filha de D. Lopo de Alarcaõ, e de sua mulher D. Maria Coutinho, de quem teve = * 15 D. LOPO DA CUNHA, adiante. = 15 D. ARCHANGELA MARIA DE VILHENA, mulher de D. Joaõ de Sousa, Alcaide mór de Thomar, como se dirá em seu proprio lugar. = 15 D. FRANCISCA, Freira em Cellas de Coimbra, e D. SERAFINA em Santa Clara da mesma Cidade. = * 15 D. LOPO DA CUNHA, foy Senhor de Assentar, Commendador da Azinhaga na Ordem de Christo, passou para Castella depois da Acclamaçaõ, e lá teve o titulo de Conde de Assentar, e o Conselho da Fazenda. Casou com D. Violante de Menezes, filha de Dom Luiz de Menezes, II. Conde de Tarouca, e da Condessa D. Lourença Henriques sua segunda mulher, filha de Vasco Martins Moniz, Senhor de Angeja, de quem nasceo = 16 D. PEDRO DA CUNHA, Marquez de Assen-

Assentar, como dissemos a pag. 404. do Tomo IX.

* 12 D. ISABEL DE TAVORA, filha ultima de Pedro Lourenço de Tavora, Senhor de Mogadouro, casou com Bernardo Annes do Campo, Senhor de Taname, hum Fidalgo Castelhano, que vivia em Çamora, e com outros muitos Fidalgos passou a Portugal ao serviço delRey D. Fernando, como refere Duarte Nunes de Leaõ. Seu pay o dotou com varios herdamentos de terras em Tavora, de que havendo-se dissipado muitas, ainda hoje inculcaõ a grandeza do dote, as que possuem seus descendentes, que partem com as terras do Mosteiro de S. Pedro das Aguias dos Monges de S. Bernardo. Desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes: ⩶ 13 ANTONIO DO CAMPO DE TAVORA, que casou com D. Anna de Sousa, filha de Pedro Borges de Sousa, Senhor da Quinta de Jou, de quem teve filhos, de que parece se naõ conserva descendencia.

Chronica delRey Dom Fernando, pag. 161. vers.

13 JERONYMO DE TAVORA, irmaõ do referido Antonio do Campo, foy Senhor dos Direitos Reaes de Tavora, e das mais terras, que foraõ do dote de sua mãy. Casou com Dona Joanna Pinto, de quem teve ⩶ * 14 MARTIM DE TAVORA, com quem se continúa, ⩶ 14 e D. ISABEL DE TAVORA, que casou com Jorge Garcia Maldonado, de quem nasceo ⩶ * 15 D. MARIA DE TAVORA, mulher de Duarte de Lemos, V. Senhor da Trofa, de quem logo se tratará; e sua mãy D. Isabel de Tavora casou segunda vez com Joaõ Gomes de Lemos, IV. Senhor

Senhor da Trofa, pay do referido, e foy sua segunda mulher, de quem nasceo = 15 D. JOANNA DE TAVORA, mulher de D. Pedro de Lima, Senhor do Morgado de Niza, de quem nasceo = 16 D. BRITES DE LIMA, que casou com Estevaõ Brandaõ, Commendador na Ordem de Christo, de que entre outros filhos, que naõ tiveraõ successaõ, nasceo = 17 D. MARIA DE LIMA, que casou duas vezes, a primeira com Antonio Fernandes de Elvas, de quem foy segunda mulher; e a segunda com D. Antonio de Noronha: de seu primeiro marido teve unica = 18 D. MARIANNA DE LIMA, que foy herdeira do Morgado de seu pay, e casou com André Gonçalves de Figueiredo Coutinho, de quem naõ teve successaõ, e morreo em o anno de 1700; e de seu segundo marido os filhos seguintes: = 18 D. JOAÕ DE NORONHA, que foy falto de juizo, e celebre na Cidade de Lisboa, conhecido pelo nome de *D. Joaõ o Tollo.* = 18 D. MARIANNA DE LIMA, que casou com D. Martinho da Ribeira, Tenente General da Cavallaria de Alentejo, em cuja Provincia servio na guerra da Acclamaçaõ com valor, e prudencia.

* 15 D. MARIA DE TAVORA, filha de Jeronymo de Tavora, casou com Duarte de Lemos, V. Senhor da Trofa, e tiveraõ = 16 JOAÕ GOMES DE LEMOS, Commendador na Ordem de Christo, que casando com Dona Theresa de Vasconcellos, teve, além de outros filhos, que morreraõ sem estado = 16 a DIOGO GOMES DE LEMOS, que foy o quinto filho

filho na ordem do nascimento, e succedeo na Casa, e foy VI. Senhor de Trosa, que casou com D. Maria de Lacerda, de quem naõ teve successaõ; e teve bastardos, entre outros, de Guiomar Monteira, que alguns affirmaõ fora sua mulher, ⩶ 17 a D. JERONYMA DE LEMOS, que veyo a ser sua herdeira, e casou com Jeronymo de Carvalho, Padroeiro do Mosteiro de Santa Clara de Trancoso; e tiveraõ entre outros filhos, de quem naõ ha descendencia ⩶ 18 a BERNARDO DE CARVALHO DE LEMOS, VII. Senhor da Trosa, que casou com D. Maria Margarida de Sousa, filha de Manoel de Sousa de Menezes, e de D. Margarida Christina de Sousa e Vasconcellos sua mulher; e tiveraõ ⩶ * 19 LUIZ THOMAS DE CARVALHO E LEMOS, com quem se continúa. ⩶ 19 JOSEPH DE SOUSA DE MENEZES. ⩶ 19 XAVIER FRANCISCO DE SOUSA E LEMOS, que casou em 29 de Mayo de 1733 com Dona Thomasia Margarida de Sousa, filha herdeira de Diogo Lopes de Sousa, Senhor do antigo Morgado de Bordonhos, e do Padroado da sua Igreja, e do da Vargem, a qual morreo a 4 de Abril de 1739; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 20 FRADIQUE, DIOGO, e BERNARDO. ⩶ * 19 D. JOANNA LUIZA DE SOUSA E MENEZES, que casou com Antonio Carlos de Castro, de quem logo se tratará. ⩶ 19 D. LUIZA JOANNA DE SOUSA E MENEZES, que casou duas vezes, a primeira com Fernaõ de Magalhaens de Menezes, Senhor da Casa do Covo, de quem nasceo a 6 de Ja-

neiro de 1725, unica herdeira ⩶ 20 D. Maria Magdalena de Menezes, que casou com seu primo com irmaõ Sebastiaõ de Castro de Lemos, como se dirá adiante.

* 19 Luiz Thomas de Carvalho e Lemos, VIII. Senhor da Trofa, Alfarella, Conselho de Jalles, Casaes de Crostovaes, e Ponte de Almeara. Casou em 26 de Outubro de 1721 com sua prima com irmãa D. Caetana Rita Vicencia de Roxas e Azevedo, filha herdeira de Pedro de Roxas de Azevedo, Fidalgo da Casa Real, do Conselho de Sua Magestade, e da sua Fazenda, Alcaide mór de Portalegre, que morreo a 15 de Março de 1745 com noventa e cinco annos de idade, e de sua mulher Dona Joanna Michaella de Tavora e Menezes, de quem teve ⩶ 20 D. Joanna Rita nasceo a 8 de Setembro de 1724. Vive recolhida no Mosteiro da Villa de Aveiro. ⩶ 20 Bernardo de Lemos nasceo a 12 de Junho de 1727. ⩶ 20 Pedro de Roxas nasceo a 4 de Setembro de 1728. ⩶ 20 D. Anna Rufina nasceo no anno de 1735. ⩶ 20 D. Rita Bertolda nasceo a 28 de Março de 1737, recolhida no Mosteiro das Flamengas de Lisboa.

* 19 D. Joanna Luiza de Noronha e Menezes casou em 18 de Mayo de 1714 com Antonio Carlos de Castro, que servio na guerra, e foy Commissario geral da Cavallaria, e prisioneiro na batalha de Almança no anno de 1707, e he Coronel de hum Regimento de Dragoens na Provincia da Beira, irmaõ

maõ de Fernando Joseph de Castro, Collegial do Collegio Real de S. Paulo, Lente de Vesperas de Leys na Universidade de Coimbra, Deputado do Santo Officio, e da Mesa da Consciencia, e Ordens, e de Francisco de Castro, Prelado da Santa Igreja Patriarcal, e de Joaõ Filippe Pereira de Castro, Commendador de Santa Maria de Meymoa, Tenente Coronel da Cavallaria, Governador de Alfayates, que faleceo a 25 de Mayo de 1737, havendo sido casado em Provença a Velha com D. Brites Maria de Castro, filha herdeira do Capitaõ mór Filippe da Cunha Roballo; e tiveraõ LUIZ DA CUNHA E CASTRO, que nasceo a 8 de Junho de 1729. D. MARIA ANTONIA DE CASTRO, que nasceo a 8 de Julho de 1723, e LEONOR ANGELICA, que nasceo a 17 de Fevereiro de 1732, ambas Religiosas no Mosteiro de Cellas de Coimbra. D. BERNARDA, e D. JOANNA nasceo a 2 de Novembro de 1736, recolhidas com sua mãy no dito Convento. = 19 D. ISABEL ANTONIA DE CASTRO, irmãa do dito Antonio Carlos de Castro, casou a 28 de Novembro de 1710 com Ignacio Pita Leite na Villa de Caminha de Vianna, onde faleceo a 15 de Fevereiro de 1726, deixando os filhos seguintes: BRAZ PITA LEITE, que nasceo a 2 de Setembro de 1711. SEBASTIAÕ PITA DE CASTRO nasceo a 16 de Setembro de 1712, he Doutor em Canones, Deputado do Santo Officio, e Promotor na Inquisiçaõ de Coimbra, Abbade reservatario da Igreja de Gondarem. ANTONIO PITA nasceo a 20 de Julho de

de 1717, Monge de S. Bernardo. FELICIANO PITA nasceo a 23 de Janeiro de 1719, foy Monge de S. Bento. D. LUIZA THERESA, que nasceo a 10 de Março de 1714, e D. ANTONIA QUITERIA em 10 de Setembro de 1715, ambas Religiosas no Mosteiro de Santa Anna de Vianna, onde professaraõ a 20 de Novembro de 1733; e sua mãy se recolheo no mesmo Mosteiro. E eraõ todos filhos de Sebastiaõ de Castro Caldas, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e do seu Conselho, Commendador de Santa Maria da Covilhãa, que servio na guerra da Acclamaçaõ com distincçaõ, e depois na de 1704 com o posto de Commissario Geral da Cavallaria da Provincia do Minho, Governador do Rio de Janeiro, e Pernambuco, morreo a 26 de Fevereiro de 1726; e de sua mulher D. Antonia Thomasia Barbosa; e tem seu filho Antonio Carlos os filhos seguintes: ⌶ * 20 SEBASTIAÕ DE CASTRO DE LEMOS, com quem se continúa. ⌶ 20 BERNARDO DE CASTRO DE LEMOS nasceo a 21 de Fevereiro de 1721; estudou em Coimbra, donde se laureou Doutor em Canones: foy Deputado do Santo Officio em Lisboa, e em Coimbra, e he Conego da Basilica da Santa Igreja de Lisboa. ⌶ 20 LUIZ DE CASTRO nasceo a 13 de Mayo de 1722, he Cavalleiro de Malta. ⌶ 20 DIOGO DE CASTRO nasceo a 21 de Fevereiro de 1726; estudou em Coimbra. ⌶ 20 FERNANDO DE CASTRO nasceo a 15 de Abril de 1727, Freire no Convento de Palmella da Ordem de Santiago. ⌶ 20 IGNACIO DE CASTRO

CASTRO nasceo a 13 de Julho de 1729, Conego Regrante de Santa Cruz, professou em Julho de 1745. ⩶ 20 D. MARIA MAGDALENA nasceo a 17 de Dezembro de 1715, e D. ANNA LUIZA nasceo a 17 de Agosto de 1723, ambas Religiosas em Santa Clara de Caminha. ⩶ 20 D. MARGARIDA RITA nasceo a 24 de Julho de 1734, naõ tem estado. ⩶ * 20 SEBASTIAÕ DE CASTRO DE LEMOS, que he o successor da Casa de seu pay, casou a 17 de Outubro de 1737 com sua prima com irmãa D. Maria Magdalena de Menezes, filha herdeira de Fernando de Magalhaens de Menezes, como se disse; e tem os filhos seguintes: ⩶ 21 D. LUIZA MAFALDA, que nasceo a 21 de Outubro de 1738. ⩶ 21 ANTONIO DE CASTRO, que nasceo a 30 de Novembro de 1739 ⩶ 21 FERNANDO DE CASTRO nasceo a 20 de Julho de 1741. ⩶ 21 BERNARDO DE CASTRO nasceo a 2 de Julho de 1743, aceito na Religiaõ de Malta. ⩶ 21 ANTONIO CARLOS nasceo a 9 de Outubro de 1744. ⩶ 21 IGNACIO DE CASTRO nasceo a 6 de Janeiro de 1746.

* 14 MARTIM DE TAVORA, filho de Jeronymo de Tavora, tambem foy Senhor dos Direitos Reaes de Tavora, casou com Joanna Rabello, filha de Gil Rabello Cardoso, e de sua mulher Isabel Rodrigues do Amaral; e tiveraõ ⩶ 15 a DOMINGOS DE TAVORA, que succedendo na Casa de seus avós, casou com D. Joanna de Noronha, filha de Manoel Feyo de Mello, Alcaide mór de Botaõ, Senhor de Monte-

te-Redondo, e de ſua mulher D. Iſabel de Noronha, filha de Gregorio Cernache de Noronha, Senhor de Cernache, Juiz da Alfandega do Porto; e por falta de deſcendencia vieraõ a recahir em os filhos de ſua neta os ſeus antigos Morgados, e Padroados das Abbadias de S. Pedro de Ceſar, Santa Eulalia de Macieira de Larnes, e a Quinta de Campo Bello; e de tudo he Cabeça a Capella de Santiago no Moſteiro das Religioſas Dominicas de Villa-Nova de Gaya, onde jaz o chefe deſta Familia em nobre ſepultura, com hum largo Epitafio; e daquelle matrimonio naſceo unico ⩵ 16 MARTIM DE TAVORA, Fidalgo da Caſa Real, Commendador na Ordem de Chriſto, Senhor dos Direitos Reaes de Tavora, e do Morgado de Cernache, Padroeiro das Abbadias de S. Pedro de Ceſar, e Macieira, no Biſpado do Porto, e da Quinta de Campo Bello. Caſou com D. Maria Leme, filha, e herdeira de Henrique Leme de Azevedo, Fidalgo da Caſa Real, Senhor do Morgado dos Loivos, e Padroeiro da Igreja da Victoria da Villa de Mezamfrio, e da Abbadia de Santa Maria Magdalena de Loivos da Ribeira, de quem teve ⩵ * 17 JERONYMO DE TAVORA DE NORONHA, com quem ſe continúa. ⩵ 17 ANTONIO DE TAVORA, Abbade de Macieira. ⩵ 17 DOMINGOS DE TAVORA, ſem geraçaõ. ⩵ 17 JOAÕ DE MELLO FEYO, que ſervio com reputaçaõ na guerra da Acclamaçaõ, occupou grandes póſtos, e foy Governador das Armas da Beira, onde conſeguio glorioſos ſucceſſos. Naõ

Naõ casou, nem delle ficou geraçaõ. ⩶ 17 D. MARIANNA DE NORONHA, mulher de Manoel Cosme de Sousa. ⩶ * 17 D. LEONOR DE NORONHA, que havendo sido casada com Joaõ Rodrigues de Novaes, ficando viuva, sem filhos, casou com Pedro Vieira da Sylva, adiante. ⩶ 17 D. FRANCISCA, e D. MARIA DE TAVORA, Freiras no Mosteiro de *Corpus Christi* do Porto. ⩶ 17 D. HELENA DE TAVORA, mulher de Diogo Leite Pereira. ⩶ 17 D. FRANCISCA DE NORONHA, mulher de Francisco de Miranda de Castellobranco.

* 17 JERONYMO DE TAVORA DE NORONHA LEME E CERNACHE, teve o mesmo foro, e Morgados de seu pay. Casou com D. Maria Ignez Ribeiro, filha de Francisco Ribeiro, de quem nasceo ⩶ 18 ANTONIO DE TAVORA NORONHA LEME E CERNACHE, Senhor das Terras de Tavora, que succedeo nos ditos Morgados de Cernache, e Leme, Padroeiro das sobreditas Abbadias. Casou com D. Michaella Antonia Freire, filha herdeira de Roque Pires Picaõ, Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro da Ordem de Christo, e Senhor de dous Morgados rendosos, e de sua mulher D. Isabel Freire; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 19 JERONYMO DE TAVORA DE NORONHA, que nasceo a 20 de Novembro de 1690, he Deaõ da Sé do Porto, ornado de muitas partes, com que se faz estimavel. ⩶ 19 JOSEPH DE TAVORA nasceo a 21 de Fevereiro de 1702: foy Abbade de diversas Igrejas, Beneficiado de Leça: morreo desgraça-

graçadamente pela ambiçaõ de hum criado o matar estando dormindo para o roubar em Agosto de 1744. ⚌ * 19 Francisco de Tavora e Noronha, que nasceo a 17 de Junho de 1704, e por renuncia de seus irmãos succedeo na sua Casa, com quem se continúa. ⚌ 19 Roque de Tavora e Noronha nasceo a 28 de Agosto de 1706, foy Cavalleiro de Malta, Vice-Chanceller da Religiaõ: morreo a 15 de Julho de 1743. ⚌ * 19 Vicente de Tavora, que nasceo a 8 de Fevereiro de 1711, de que logo se fará mençaõ. ⚌ 19 D. Antonia, D. Michaella de Noronha, D. Archangela, e D. Paula de Tavora, Freiras em Santa Clara do Porto. ⚌ * 19 Francisco de Tavora e Noronha casou em 3 de Janeiro de 1730 com D. Leonor de Sousa Cirne, filha de Francisco de Sousa Cirne, e de D. Rosa Maria Samudio Sarmento; e morrendo elle a 14 de Agosto de 1739, deixou as filhas seguintes: ⚌ 20 D. Anna de Tavora e Noronha, que nasceo a 16 de Novembro de 1730, e casou a 20 de Fevereiro de 1746 com seu tio Vicente de Tavora e Noronha, que havia sido Cavalleiro de Malta. ⚌ 20 D. Rosa de Tavora, que nasceo a 12 de Março de 1732. ⚌ 20 D. Maria de Tavora nasceo a 18 de Julho de 1738.

* 17 D. Leonor de Noronha casou segunda vez com Pedro Vieira da Sylva, que nasceo na Cidade de Leiria, e bautizado na Sé daquella Cidade a 22 de Setembro de 1596: foy Collegial do Collegio

gio Real de S. Paulo de Coimbra, em que laureado Doutor, seguio aquella Universidade, donde foy despachado para a Relaçaõ do Porto, e daqui passou para a Casa da Supplicaçaõ de Lisboa, depois para os Aggravos; destes lugares para o de Juiz da Coroa, e depois para o Conselho da Fazenda, donde o seu merecimento o lembrou a ElRey D. Joaõ IV. para o grande lugar de Secretario de Estado, em que succedeo a Francisco de Lucena no anno de 1645, depois o foy da Rainha Regente, e delRey Dom Pedro II. sendo Principe Regente. Aqui mostrou o seu grande talento, e fidelidade na occurrencia dos negocios, manejados com acordo, e tanta promptidaõ, como pedia hum Reyno combatido pelo poder, e machinas da Corte de Madrid, brilhando sempre no Ministro o zelo em serviço da Monarchia, até a conclusaõ da paz com Castella no anno de 1668, de que elle foy hum dos Plenipotenciarios da nossa Coroa, que dando-a já por segura na cabeça dos seus Reys naturaes, querendo apartarse dos negocios politicos, com differente idéa abraçou a vida Ecclesiastica: foy nomeado Bispo de Leiria, e sendo confirmado pelo Papa, tomou posse, com procuraçaõ sua, seu filho Luiz Vieira da Sylva, Conego de Evora, a 22 de Abril de 1671; e sendo sagrado no Convento de Santa Monica, passou para a sua Diocesi: e sem embargo, de que se exercitava nas obras dignas de bom Pastor, sendo agradavel para todos, summamente liberal, e caritativo com os pobres, porque a todos soc-

 corria

corria com grande compaixaõ ; naõ deixou de padecer alguns contratempos nas contendas, que teve com o seu Cabido, e Magistrados, que costumados mal, com a dilatada Sé vacante, que aquella Igreja havia tido desde a Acclamaçaõ, pertenderaõ isenções, que naõ lhe competiaõ. Faleceo a 12 de Setembro de 1676, e jaz na Capella mór de Santo Antonio de Leiria, de que era Fundador. Foy Varaõ de grandes letras, dotado de singular talento, muy prompto nas resoluções, bem instruido na Politica, e sobre tudo bom Christaõ, e temente a Deos; e sem duvida hum dos mais excellentes Ministros, que occuparaõ o lado dos Principes. O Padre D. Joseph Barbosa na sua estimada Obra das *Memorias de S. Paulo*, lhe faz hum largo, e bem merecido Elogio, em que a sua memoria fica eternisada à posteridade. Daquelle matrimonio nasceraõ os filhos seguintes: ⩵ 18 Gaspar Vieira da Sylva, que foy successor da Casa, Commendador na Ordem de Santiago, e de outras, casou com D. Filippa Coutinho; e a sua successaõ referimos a pag. 143 deste Tomo. ⩵ 18 Martim de Tavora, que casou com D. Anna Maria de Tovar, Senhora de Molellos, como se disse a pag. 342. ⩵ 18 Luiz Vieira da Sylva, que foy Collegial do Collegio de S. Pedro de Coimbra, aceito a 26 de Fevereiro de 1682, Arcediago de Lavre, e Conego na Sé de Evora, Deputado do Santo Officio de Lisboa, e da Mesa da Consciencia, e Ordens, que faleceo no primeiro de Janeiro de 1725, de quem fizemos

Barbosa, *Memorias do Colleg. Real de S. Paulo*, pag. 124.

zemos mençaõ entre os Genealogicos no *Apparato* num. 175, Varaõ grande, ornado de virtudes, e letras, cuja memoria nos será sempre saudosa, e a quem devemos muy especiaes attenções entre os seus mais favorecidos. ⩶ 18 THOMAS DE TAVORA, Monge da Ordem de S. Bernardo. ⩶ 18 BELCHIOR DIAS PRETO, que foy Collegial do Collegio de S. Paulo de Coimbra, em que entrou no anno de 1668 a 16 de Abril, Chantre da Collegiada de Ourem: morreo moço a 7 de Setembro de 1676. ⩶ 18 ANTONIO DE TAVORA, Religioso Eremita de Santo Agostinho, de que foy Provincial. ⩶ 18 JERONYMO VIEIRA DA SYLVA, que casou com sua sobrinha D. Leonor de Tovar; e a sua successaõ referimos a pag. 342.

CAPITULO V.

De Gonçalo Annes de Sousa Chichorro, III. Senhor de Mortagua.

9 FOy o primeiro filho de Martim Affonso de Sousa Chichorro, Gonçalo Annes de Sousa Chichorro, e succedendolhe na sua Casa, foy III. Senhor de Mortagua, e outras terras. Viveo no tempo delRey D. Joaõ o I., que o legitimou em 6 de Novembro de 1400, como se vê no livro II. pag. 174, onde diz, que seus pays eraõ parentes, e casados; de que se infere, que este filho seria havido antes de

ter chegado a dispensa do Papa. Teve quantia do mesmo Rey, que corresponde às moradias de hoje. Achou-se na tomada de Ceuta, e voltando para o Reyno, morreo no mar no anno de 1415. Casou duas vezes, a primeira com D. Filippa de Ataide, irmãa do I. Conde de Atouguia, e filhos de Martim Gonçalves de Ataide, Alcaide mór de Chaves, e de sua mulher Dona Mecia Vasques Coutinho; e deste matrimonio nasceo unica

10 D. Mecia de Sousa, que foy sua herdeira, e IV. Senhora de Mortagua, &c. Casou com D. Sancho de Noronha, cuja esclarecida posteridade fica escrita no Livro VIII. Capitulo I. pag. 204 do Tomo IX.

Casou segunda vez com D. Maria Coelho da Sylva, filha de Lopo Dias de Azevedo, Senhor de S. Joaõ de Rey, e de sua mulher D. Joanna Gomes da Sylva, de quem naõ teve successaõ.

Teve illegitimos

10 Joaõ de Sousa, como se dirá no Capitulo VI.

10 Francisco de Sousa, que foy Abbade de S. Tirso.

10 Gonçalo Annes de Sousa, Capitulo XXII.

10 Cid de Sousa, Capitulo VII.

CAPI-

CAPITULO VI.

De João de Sousa.

10 FOy Joaõ de Sousa casado com D. Brites de Almeida, e jazem na Igreja de Santa Maria de Torres-Novas. Era filha de Alvaro Fernandes de Almeida, Alcaide mór de Torres-Novas, e de sua mulher D. Ignez, ou Isabel de Ocem; e tiveraõ os filhos seguintes:

11 HENRIQUE DE SOUSA, §. I.

11 FERNAÕ DE SOUSA, a quem chamaraõ o da *Labruja*, §. II.

11 MARTIM AFFONSO, de quem adiante se tratará, §. III.

11 TRISTAÕ DE SOUSA, de quem logo se fará mençaõ, §. IV.

11 D. JOANNA DE SOUSA, mulher de Ruy de Abreu Pessanha, Alcaide mór de Elvas, §. V.

11 D. ISABEL DE SOUSA casou com Affonso Vaz de Brito, Caçador mór delRey D. Joaõ II., de que se lhe passou Carta em Santarem a 7 de Abril de 1486, como se disse a pag. 129 do Tomo III.

Casou segunda vez com Catharina do Carvalhal, de quem teve

11 FRANCISCO DE SOUSA, foy Abbade de S. Tirso; e refere Diogo Gomes, que teve filhos, e filhas,

filhas, de que na Provincia do Minho ha taõ larga descendencia, que seria muy dilatada a narraçaõ. Teve illegitimos JOAÕ DE SOUSA, e VASCO FERNANDES DE SOUSA, dos quaes se naõ dá noticia alguma.

§. I.

Nobiliarios, D. Luiz da Sylveira, e Affonso de Torres.

11 HENRIQUE DE SOUSA, que alguns *Nobiliarios* o fazem illegitimo; porém D. Luiz da Sylveira, e Affonso de Torres, nos affirmaõ ser filho de Joaõ de Sousa, e de sua primeira mulher. Casou com D. Brites de Mello, filha de Martim Affonso de Oliveira, Morgado de Oliveira, e de sua mulher D. Maria de Mello, de quem naõ teve successaõ. E teve illegitimo = 12 DIOGO DE SOUSA, que casou com D. Isabel de Mello, filha de Luiz Mendes de Caceres, Senhor de Algodres, Fronteiro mór da Beira, e de sua mulher D. Isabel de Mello; e tiveraõ os filhos seguintes: = 13 HENRIQUE DE SOUSA, que passou à India por Capitaõ de huma Nao no anno de 1537, e lá morreo em Baçaim, onde na sua sepultura tem o letreiro seguinte: *Aqui jaz Henrique de Sousa, que foy filho maes velho de Diogo de Sousa, filho maes velho de Henrique de Sousa, que foy filho maes velho de Joaõ de Sousa, que foy filho maes velho de Gonçalianes de Sousa, que foy filho unico de Martim Affonso de Sousa, Fronteiro mór do Algarve.* Havia sido casado com Maria Gomes, natural de Baçaim, de quem nasceo = 13 D. ISABEL DE SOUSA, que foy mulher

mulher de André da Cunha Coutinho, e por sua morte de Joaõ da Sylva Barreto; e ficando viuva casou terceira vez com D. Bernardino de Menezes, sem geraçaõ. ≍ * 13 Joaõ de Sousa de Mello, adiante. ≍ 13 Jeronymo de Sousa, que foy Clerigo. ≍ * 13 Joaõ de Mello de Sousa, outro, de que abaixo se fará mençaõ. ≍ 13 D. Leonor, Abbadessa de Santa Clara de Evora.

* 13 Joaõ de Sousa de Mello foy Desembargador dos Aggravos, e Chanceller da Casa da Supplicaçaõ. Casou com Dona Mecia de Magalhaens, conforme D. Luiz Lobo, Senhor de Sarzedas, no seu *Nobiliario Historico da Casa Real*; e tiveraõ os filhos, que se seguem: ≍ * 14 Lourenço de Sousa, adiante. ≍ 14 D. Isabel de Sousa, segunda mulher de Martim Affonso de Mello Pereira, Commendador de Azevo na Ordem de Aviz, sem successaõ. ≍ 14 D. Ignez de Sousa, segunda mulher de Francisco Alvares de Atouguia, Senhor do Morgado de Villa-Nova de Andrade na Ilha da Madeira, de quem naõ se conserva descendencia. ≍ 14 N. N. Freiras. ≍ * 14 Lourenço de Sousa e Mello, teve hum bom Morgado em Torres-Novas, foy Desembargador. Casou duas vezes, a primeira com D. Mecia de Abreu, filha do Desembargador Luiz Annes Monteiro, natural de Leiria, de quem teve ≍ * 15 Manoel de Sousa e Mello, adiante. ≍ 15 D. Margarida de Sousa, Freira em Odivellas. Casou segunda vez com D. Maria Manoel, filha

lha de Affonſo Nunes Contador, de quem teve = 15 HENRIQUE DE SOUSA, e JERONYMO DE SOUSA, que paſſaraõ à India no anno de 1619. = 15 FR. JOAÕ, Religioſo da Provincia da Arrabida, e FR. SIMAÕ na de S. Franciſco. = 15 D. MARIA MANOEL, D. LEONOR, D. ISABEL, D. BRITES, e D. ANTONIA, todas Freiras em Torres-Novas. = 15 D. LEONOR DE SOUSA, mulher de ſeu parente Jeronymo Contador, ſem ſucceſſaõ. = * 15 MANOEL DE SOUSA E MELLO, ſervio na India com reputaçaõ; e voltando ao Reyno, foy Capitaõ de Infantaria. Caſou com D. Maria Coutinho, filha de D. Paulo de Alarcaõ, e de ſua mulher Dona Ignez Pereira, de quem naſceo = 16 D. MARIA DE SOUSA COUTINHO, que foy ſegunda mulher de Martim de Souſa de Menezes, Copeiro mór delRey D. Joaõ IV., e D. Affonſo VI.; e tiveraõ os filhos ſeguintes: = * 17 LUIZ DE SOUSA DE MENEZES, com quem ſe continúa. = 17 MARTIM DE SOUSA, que morreo menino. = 17 FRANCISCO DE SOUSA DE MENEZES, que caſou com D. Catharina Pereira, filha de Diogo Pereira, de quem naõ ſabemos ſucceſſaõ.

* 17 LUIZ DE SOUSA DE MENEZES, foy Copeiro mór delRey D. Pedro II., e Senhor de toda a Caſa de ſeu pay. Caſou com D. Maria de Noronha, filha de D. Sancho Manoel, I. Conde de Villa-Flor, do Conſelho de Eſtado, e Guerra, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, e de Dona Anna de Noronha, primeira mulher, de quem teve

ve ⁒ 18 MARTIM DE SOUSA DE MENEZES, Copeiro mór, e III. Conde de Villa-Flor, que casou com D. Maria Antonia da Sylva, e a sua successaõ deixámos referida a pag. 629 do Tomo X. ⁒ 18 JORGE DE SOUSA DE MENEZES, servio na India, e foy Governador da Praça de Dio; e voltando ao Reyno, foy Coronel de Infantaria, posto com que servio na guerra contra Castella do anno de 1704, distinguindo-se em muitas occasioens: foy Governador, e Capitaõ General da Ilha da Madeira: morreo a 24 de Janeiro de 1728 sem ter tomado estado. ⁒ 18 D. ANNA MARIA DE NORONHA casou com Antonio Luiz Vaz Pinto, Senhor de Filgueiras, e Vieira; e tiveraõ ⁒ 19 JOAÕ PINTO COELHO PEREIRA.

* 13 JOAÕ DE MELLO DE SOUSA, irmaõ de Joaõ de Sousa de Mello, foy Desembargador do Senado, e da Relaçaõ de Lisboa, Varaõ pio, douto, e excellente Poeta Latino, como se conhece das suas Obras Poeticas, que occupaõ o II. Tomo da Collecçaõ *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum, qui latinè scripserunt*, impresso em Lisboa no anno de 1745. Já seu filho Simaõ de Sousa havia impresso em Londres no anno de 1615 as ditas Obras, e nellas se vê, que naõ foy mais que Desembargador; alguns o equivocaraõ com seu irmaõ, dandolhe tambem o lugar de Chanceller da Casa da Supplicaçaõ. Morreo a 26 de Março de 1575. Casou com Dona Filippa Pereira, filha de Joaõ Gonçalves de Castellobranco, de quem teve ⁒ 14 HENRIQUE DE SOUSA,

Nobiliarios de D. Luiz Lobo, e Diogo Gomes de Figueiredo.

que foy Vereador da Camera de Lisboa, Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, e ultimamente do Conselho delRey, e seu Desembargador do Paço. Casou com D. Joanna Lis, sem geraçaõ. ⩶ 14 SIMAÕ DE SOUSA, que foy Porcionista do Collegio de S. Pedro de Coimbra, aceito a 25 de Outubro de 1600, Conego da Collegiada de Santarem. ⩶ 14 D. JOANNA, e D. JERONYMA, Religiosas em Santa Clara de Coimbra. ⩶ 14 D. ANNA em Arouca.

§. II.

11 FERNAÕ DE SOUSA, filho segundo de Joaõ de Sousa, foy Senhor da Quinta da Labruja junto à Gollegãa. Casou duas vezes, a primeira com D. Maria Rodrigues, filha de Ruy Gonçalves de Castello-branco, Védor da Moeda de Lisboa, e da Casa delRey D. Duarte, de quem teve ⩶ 12 D. BRITES DE SOUSA, que casou com Gonçalo de Siqueira, Thesoureiro da Casa de Ceuta; e tiveraõ successaõ. Casou Fernaõ de Sousa segunda vez com D. Leonor Moniz, filha de Gil Ayres Moniz, Secretario do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, Senhor do Reguengo de Odivellas, e Fidalgo da Casa delRey D. Affonso V.; e tiveraõ ⩶ * 12 FERNAÕ ALVARES DE SOUSA, com quem se continúa. ⩶ 12 D. FILIPPA DE SOUSA, que casou com Simaõ de Faria, que foy Monteiro mór delRey D. Joaõ II., como diz Manoel de Faria e Sousa, de quem teve filhos, e naõ

Faria, *Notas do Conde D. Pedro*, pag. 35.

e naõ sabemos delles descendencia. = 12 D. MARIA DE SOUSA, foy primeira mulher de Francisco Palha, Alcaide mór da Fronteira, Commendador de Barños na Ordem de Christo, de quem naõ teve successaõ.

* 12 FERNAÕ ALVARES DE SOUSA, foy Senhor da Quinta da Labruja, casou com sua prima D. Brites de Sousa, filha de seu tio Martim Affonso de Sousa, de quem teve = 13 ANTONIO DE SOUSA, parece que naõ chegou a possuir o Morgado da Labruja: foy morto na batalha de Alcacere. = 13 D. LEONOR DE SOUSA, mulher de Alvaro da Costa, cuja descendencia naõ chegou à nossa noticia.

§. III.

11 MARTIM AFFONSO DE SOUSA CHICHORRO, filho terceiro de Joaõ de Sousa, viveo em Elvas. Casou duas vezes, e de sua segunda mulher D. Brites Pessanha, filha de Manoel Pessanha, Capitaõ de Elvas, e de Tangere, e de D. Violante de Aboim sua primeira mulher, teve = * 12 GASPAR DE SOUSA, com quem se continúa. = 12 D. BRITES DE SOUSA, que casou com seu primo Fernaõ Alvares de Sousa, como se disse. = * 12 GASPAR DE SOUSA, passou a servir à India, e foy Capitaõ de Dio; e voltando para o Reyno, servio ao Infante D. Henrique Cardeal, e foy Védor da sua Casa. Casou diversas vezes, e a primeira com D. Antonia da Gama, filha de Estevaõ da Gama, Capitaõ da Mina, Alcaide

mór de Sines, e de sua mulher D. Catharina Juzarte; e tiveraõ = * 13 Martim Affonso de Sousa, adiante. = 13 Joaõ de Sousa, achou-se com seu irmaõ no sitio de Mazagaõ, servio na India, aonde passou no anno de 1546, foy Capitaõ de Damaõ. Casou com Dona Maria de Sousa, filha herdeira de Henrique de Sousa Chichorro, e de sua mulher D. Isabel Pereira; e vindo da India com sua mulher, naõ se soube do fim, que tiveraõ; porque a Nao desappareceo; e naõ deixou filhos. = 13 Diogo de Sousa, Conego de Evora, e outros, dos quaes naõ ha descendencia. = * 13 Martim Affonso de Sousa, servio com grande reputaçaõ; achou-se no sitio de Mazagaõ; passou à India no anno de 1547, foy Capitaõ de Dio, e duas vezes Governador da Mina, donde vindo, na altura de Cabo-Verde, encontrou hum Cossario Francez, e foy morto na peleja. Teve em Antonia de Paiva = 14 Martim Affonso de Sousa. = 14 D. Maria de Sousa, mulher de Nuno de Mendoça. = 14 D. Ignez de Sousa, mulher de Antonio da Cunha.

§. IV.

11 Tristaõ de Sousa, filho quarto de Joaõ de Sousa, foy Senhor da Quinta de Vinhó, onde viveo. Casou com Dona Isabel Coelho, filha de Garcia Coelho, que morreo na batalha de Touro; e tiveraõ = * 12 Francisco de Sousa, adiante. =

12 Gar-

12 Garcia de Sousa, que depois de ter servido na India voltou ao Reyno, e foy Religioso da Ordem de S. Jeronymo em Penha-Longa, onde vivendo com exemplo, acabou santamente. = 12 D. Margarida de Sousa casou com Antonio Lopes Tinoco. = 12 D. Brites de Sousa casou com Duarte de Almeida, Monteiro mór do Infante D. Luiz, sem successaõ. = * 12 Francisco de Sousa, foy Senhor da Quinta de Vinhó, casou com D. Antonia de Teive, filha de Diogo de Teive, Fidalgo da Casa Real, que viveo na Ilha da Madeira, onde na Ribeira-Brava instituîo hum Morgado no anno de 1531, e morreo no de 1536; e naõ tendo filhos, fundou Francisco de Sousa com sua mulher o Mosteiro da Madre de Deos de Religiosas da Ordem Serafica pelos annos de 1573 na sua mesma Quinta de Vinhó, onde ambos jazem na Capella mór, da parte do Euangelho se lê este letreiro.

Henrique Henriques, *Nobil. das Familias da Ilha da Madeira.*

Soledade, *Historia Serafica*, part. 5. pag. 55.

Esta sepultura he de Francisco de Sousa, e de sua mulher Dona Antonia de Teyve, Fundadores desta Santa Casa. Elle falleceo a 2 de Mayo de 1578, e ella a 7 de Abril de 1597.

CAPI-

CAPITULO VII.

De Cid de Sousa.

10 NO Capitulo V. dissemos, que do segundo matrimonio de Gonçalo Annes de Sousa Chichorro fora filho Cid de Sousa, ao qual ElRey D. Affonso V. mandou a Castella com alguns negocios seus, e do Principe; lá servio à Rainha D. Joanna, mulher delRey D. Henrique IV., e foy seu Veador, e Contador mór, como se vê do contrato do seu casamento, feito na Cidade de Jaem á 2 de Setembro de 1456; o qual depois ElRey confirmou em Setuval aos 25 de Janeiro de 1457, e nelle se diz: *Conhecida cousa seja a quantos esta escritura de Contrato de Casamento virem, que Cid de Sousa, Fidalgo da Casa delRey nosso Senhor, e Veador, e Contador mór da Rainha D. Joanna de Castella, e Leaõ, e Ruy Gonçalves, Cavalleiro da Ordem de Saõ Tiago, Commendador de Canha, e Cabrella, saõ concertados o dito Cid de Sousa por Joaõ Fogaça, Cavalleiro da dita Ordem de Saõ Tiago, Commendador de Cezimbra, seu Procurador, para contratar com Leonor Fogaça, filha do dito Ruy Gonçalves, e de Violante Fogaça, sua mulher, Donzella da Infanta D. Brites, mulher do Infante Dom Fernando em nome do dito Cid de Sousa, de que mostrou Procuraçaõ,*

Chancellaria do anno de 1456, pag. 89.

ção, e foraõ testemunhas Garcia del Campo, Fidalgo do Marquez de Vilhena, e Affonso Annes Velho, Mantieiro da dita Rainha, e foy feita por Gonçalo de Moura, Secretario delRey de Castella. Nella dá poder a Gonçalo de Sousa, Commendador mór da Ordem de Christo, e a Ruy de Sousa seu primo, Cavalleiro Fidalgo da Casa delRey D. Affonso de Portugal, seu Secretario, e ao dito Joaõ Fogaça, Cavalleiro, e Fidalgo, Commendador de Cezimbra, para em seu nome poderem tratar casamento com Leonor Fogaça, por palavras de presente, e dar as mãos, e anel; e o dote constava de quatro mil dobras de ouro, pagas na fórma, que ElRey as costumava pagar. Foy feito este Contrato em Setuval nas casas de Ruy Gonçalves aos 25 de Janeiro de 1445, o qual ElRey no dia seguinte, na mesma Villa, confirmou, e nella está todo encorporado.

Casou, como temos dito, com Leonor Fogaça, filha de Ruy Gonçalves de Castanheda, Védor da Casa da Infanta D. Isabel, mulher do Infante Dom Joaõ, e de Violante Fogaça sua mulher, de quem teve os filhos seguintes:

11 RUY DE SOUSA CID, que casou com D. Violante de Tavora, que depois foy segunda mulher de D. Alvaro de Ataide, Senhor da Castanheira; e era filha de Pedro de Sousa, Senhor do Prado, e Alcoentre, e de Maria Pinheira sua mulher, sem successaõ.

11 DIOGO DE SOUSA CID, alguns *Nobiliarios* dizem,

dizem, que casara em Galiza, onde vivera com pouca fortuna, e que tivera AFFONSO DE SOUSA CID, e outros, dos quaes naõ sabemos descendencia. D. MARIA DE SOUSA, que casara com Gonçalo Rodrigues de Moraes. D. LEONOR DE SOUSA, mulher de Joaõ Rodrigues de Novoa. E D. MARINHA DE SOUSA, que foy mulher de Diogo Sarmento, todos em Galiza.

* 11 D. FRANCISCA DE SOUSA, adiante. ⩵ 11 D. ISABEL DE SOUSA, mulher de Francisco de Mello. ⩵ 11 E D. BRITES DE SOUSA, mulher de Joaõ de Ornellas, cujas descendencias naõ chegaraõ à nossa noticia.

* 11 D. FRANCISCA DE SOUSA casou com Dom Rodrigo de Moura, XI. Senhor da Azambuja, do Conselho delRey D. Manoel, e havia sido Almotacê mór do Principe D. Affonso, filho delRey Dom Joaõ II.; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩵ 12 D. FRANCISCO ROLIM DE MOURA, XII. Senhor da Azambuja, que casando com D. Guiomar de Castro, filha de seu cunhado, naõ teve successaõ. ⩵ * 12 D. ROLIM DE MOURA, com quem se continúa. ⩵ * 12 D. LEONOR DE SOUSA, mulher de Jorge Barreto, adiante. ⩵ * 12 D. ROLIM DE MOURA casou com D. Simoa Pinheiro, que foy sua primeira mulher, filha de Martim Pinheiro, Corregedor da Corte, e de sua mulher D. Catharina Pinto; e tiveraõ. ⩵ * 13 D. ANTONIO DE MOURA, com quem se continúa. ⩵ 13 D. MARTINHO ROLIM DE MOU-

Moura, que passou a servir à India no anno de 1562, e se achou no cerco de Goa com o Vice-Rey Dom Luiz de Ataide no anno de 1570, e outras acções, em que se distinguio. Casou com Dona Antonia de Carvalho, de quem teve D. João, e D. Antonio Rolim, sem successaõ. = 13 D. Diogo Rolim, que no anno de 1561 passou a servir à India, e foy Capitaõ de Cranganor, e Dio; e tendo casado com Dona Anna de Carvalho, irmãa de sua cunhada, de quem teve D. Francisco Rolim, e D. Maria Rolim, que ambos casaraõ, mas naõ deixaraõ successaõ. = * 13 D. Antonio de Moura, veyo a succeder na Casa de seus avós, e foy XIII. Senhor da Azambuja, Commendador da dita Villa: servio em Africa com reputaçaõ, e se achou na batalha do anno de 1578, em que sendo cativo, morreo das feridas em Fez, havendo casado com D. Guiomar da Sylveira, filha de Joaõ Rodrigues de Béja, Védor da Casa do Infante D. Luiz, e de D. Brites de Sousa sua segunda mulher, de quem teve, entre outros filhos, que morreraõ de curta idade, = 14 a D. Francisco Rolim de Moura, que foy XIV. Senhor da Azambuja, e faleceo a 20 de Março de 1654, jaz em S. Joseph de Riba-Mar. Casou com D. Cecilia Henriques, ou de Castro, filha de Dom Antonio de Vasconcellos, Alcaide mór de Viseu, de quem teve = 15 a D. Cecilia, mulher de Ruy de Moura Telles, Senhor da Pavoa, e Meadas, como se disse a pag. 893 do Tomo XI. Casou segunda vez com D. Jo-

anna de Mendoça, filha de Francisco de Mello, e de sua mulher D. Margarida de Mendoça, de quem teve ⫶ * 15 D. MANOEL CHILDE ROLIM DE MOURA, com quem se continúa. ⫶ 15 E illegitimos D. JOAÕ, D. ANTONIO ROLIM, que foy Religioso da Santissima Trindade, e Provincial, ⫶ 15 e D. MARIANNA. ⫶ * 15 D. MANOEL CHILDE ROLIM E MOURA, foy XV. Senhor da Azambuja, casou com D. Luiza Francisca de Vasconcellos, que foy sua primeira mulher, como dissemos a pag. 742 do Tom. XI.

* 12 D. LEONOR DE SOUSA casou com Jorge Barreto, Commendador da Azambuja, e foy sua segunda mulher, de quem teve ⫶ 13 RUY BARRETO, Commendador de Rodaõ na Ordem de Christo, que casando duas vezes, a primeira com D. Isabel de Mello, e a segunda com D. Isabel de Aragaõ, de nenhuma teve filhos. ⫶ 13 PEDRO BARRETO casou com D. Maria Botelho, tambem sem successaõ. ⫶ 13 MANOEL BARRETO casou com D. Catharina de Eça, como se disse a pag. 734 do Tomo XI.

CAPITULO VIII.

De Affonso Vasques de Sousa.

9 | FOy o primeiro filho de Martim Affonso de Sousa, e de sua segunda mulher D. Estefania Garcia, como dissemos no Capitulo IV., Affonso

fonso Vasques de Sousa, a quem chamaraõ o *Cavalleiro*, sem duvida por se distinguir em algumas occasioens de guerra daquelle tempo. Casou com Dona Leonor de Sousa, viuva de Fernaõ Martins Coutinho, Senhor de Rigos, como se disse no Capitulo V. §. I. da Parte I. pag. 290, a qual ficando viuva, e moça, seu pay o Mestre de Christo D. Lopo Dias de Sousa a casou segunda vez, e a dotou com certas partes de Mafra, que depois elles venderaõ ao primeiro Conde de Penella; desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes:

10 Affonso Vasques de Sousa, Capitulo IX.

10 D. Mecia de Sousa, Freira em Odivellas.

10 D. Branca de Sousa, Dama da Infanta D. Isabel de Aragaõ, mulher do Infante D. Pedro, §. I.

10 D. Mecia de Sousa, segunda mulher de D. Fernando de Castro, I. Senhor do Paul de Boquilobo, §. II.

10 D. Isabel de Sousa, Dama da Infanta D. Isabel, Duqueza de Borgonha, §. III.

§. I.

10 D. Branca de Sousa, foy Dama da Infanta D. Isabel de Aragaõ, mulher do Infante D. Pedro. Casou com Fernaõ Gonçalves de Miranda, que succedeo no Morgado, que seu pay o Arcebispo de Braga D. Martim Affonso instituío na Patameira junto

to a Torres-Vedras, a que aggregou o Padroado da Igreja de S. Chriſtovaõ de Lisboa, donde ſe mandou enterrar: foy Rico-homem, Cavalleiro do Conſelho delRey D. Affonſo V. Morreo a 6 de Fevereiro de 1466, como ſe vê no Epitafio da ſua ſepultura, que eſtá na Igreja de S. Chriſtovaõ; e tiveraõ ⊏ 11 Martim Affonso, que morreo ſem eſtado. ⊏ * 11 Fernaõ Gonçalves de Miranda, adiante. ⊏ * 11 D. Filippa de Miranda, de quem abaixo ſe tratará. ⊏ 11 D. Brites de Miranda, que foy primeira mulher de Eſtevaõ de Brito, Senhor dos Morgados de Santo Eſtevaõ de Béja, e S. Lourenço de Lisboa; e deſte matrimonio naſceo unica ⊏ 12 D. Isabel de Brito, que foy primeira mulher de Lopo de Brito, do Conſelho delRey D. Joaõ II., e Capitaõ de Ceilaõ, e naõ tiveraõ filhos.

* 11 Fernaõ Gonçalves de Miranda foy II. Senhor do Morgado da Patameira: ſeguio a vida militar, em que conſeguio honra, e depois a Eccleſiaſtica; foy Capellaõ mór delRey D. Affonſo V., e delRey D. Joaõ II., Biſpo de Viſeu. Faleceo no anno de 1505, e jaz em S. Chriſtovaõ, onde ſe lê hum Epitome da ſua vida neſte Epitafio:

O Muito magnifico Reverendo Senhor D. Fernamdo de Miranda, Biſpo de Viſeu, que aqui jaz. Foy Creado, e Capellaõ mór delRey, D. Affonſo V. o qual

o qual servio com tanta lealdade, que mereceo ser muito acepto a elle, e foy com elle na tomada de Arzilla, e na batalha de Touro, acompanhando-o sempre em todos os perigos, em que se vio, de maneira, que dos sinco, que com elle ficarão, foy hum delles, e servio no auto militar muitos annos, seguindo bem os passos dos que descende. E por sua virtuosa vida, o dito Senhor quiz se mudasse ao estado Clerical, e por seu falecimento ficou por Capellão mór del Rey D. João II. seu filho, o qual o fez Bispo de Viseu. Foy Bispo vinte e tres annos, e governou virtuosamente a sua Igreja, e lhe deu ricos ornamentos, e viveo sempre em tanto recolhimento, e onestidade, que â opinião de muitos era avido por virgem, e fez tal vida, que segundo nossa feê, agora vive bemaventurado para sempre, e se finou no fim de Abril da Era de M. CCCCCV. annos.

Foy

Foy Varaõ de taõ excellentes virtudes, que mereceo ſer numerado no *Agiologio Luſitano*, e delle faz mençaõ no ultimo de Abril o Licenciado Jorge Cardoſo.

* 11 D. FILIPPA DE MIRANDA caſou com Gabriel de Brito, Alcaide mór de Aldea-Gallega junto à Merciana, foy ſua primeira mulher; e deſta uniaõ naſceo unico ═ 12 JORGE DE BRITO, que herdou hum dos Morgados dos Mirandas por ſua mãy. Caſou com D. Maria Henriques, filha de D. Affonſo Henriques, Senhor de Barbacena, e de D. Lucrecia Pereira de Berredo; e tiveraõ ═ * 13 DAMIAÕ DE BRITO, adiante, ═ 13 e a D. FILIPPA HENRIQUES, que foy Duqueza de Arcos, por caſar com D. Rodrigo Ponce de Leon, III. Duque de Arcos, a qual eſtava recolhida no Moſteiro de Odivellas: era dotada de muita fermoſura, da qual ſe pagou o Duque de Arcos tanto, que a pedio para ſua mulher. Garcia de Reſende na ſua *Miſcellanea, e variedade de Hiſtorias*, ſe lembrou deſte caſamento, como ſuccedido no ſeu tempo, dizendo:

Reſende, *Chronica del-Rey D. João II.* pag. 172 verſ. impreſſo no anno de 1554.

E vimos de que maneira
Ho Duque Darcos caſou
Com moça pobre eſtrangeira
Eſtando já quaſi Freira
De Odivellas ha tirou.
Sem ha ver, nem conhecer,
Nem fallar, nem eſcrever,
Nem ter mais, que ſer boa
Veo por ella a Lisboa
Sem ella meſmo o ſaber.

Tomou aſſi eſta empreſſa
Por vontade, ou devoçam
De modo, que em concluſam
Foy aſſi fecta Duqueza
Sem ſabermos ha rezam.
Elle a ElRey ha maõ beijou,
E com elle ſó falou,
Foy delRey bem recebido
Com grande honra deſpedido
Ricas joyas lhe mandou.

Naõ

Naõ sey como Salazar de Mendoça se esqueceo deste casamento na Chronica, que escreveo da Familia de Ponce de Leon: porém elle naõ tem duvida alguma; porque além do referido, no lo affirma o insigne Salazar de Castro, dizendo ser sua mulher. Passou esta Senhora para Castella, e por morte de seu marido voltou a Duqueza para Portugal, e nelle estava no anno de 1582 quando ElRey D. Filippe o *Prudente* esteve neste Reyno, donde voltou com a Emperatriz D. Maria, que a levou comsigo para Castella, e lá em quanto viveo no seculo fazia grandes esmolas, até que entrou em Sevilha no Mosteiro da Assumpçaõ, e foy Religiosa Mercenaria; despojando-se das suas rendas, para enriquecer a dita Casa, na qual viveo dous annos, acabando santamente a 7 de Março de 1590, tendo de idade setenta annos. Della faz memoria o Licenciado Jorge Cardoso no *Agiologio Lusitano* no referido dia.

Histor. da Casa de Lara, tom. I. pag. 534.

Agiolog. Lusitano, tomo 2. pag. 72.

* 13 Damiaõ de Brito succedeo na Casa a seu pay, e foy Mordomo mór da Infanta Dona Maria. Casou com D. Guiomar de Castro, filha de D. Francisco de Castro, de quem teve ⩶ * 14 Luiz de Brito, com quem se continúa. ⩶ 14 Francisco de Brito, que casou com D. Maria Freire, sem successaõ. ⩶ 14 D. Filippa, Freira em Odivellas. ⩶ 14 D. Anna, e D. Joanna nas Dónas de Santarem.

⩶ * 14 Luiz de Brito, foy Veador da Casa da Infanta D. Maria. Casou com D. Paula de Mesquita, filha de Manoel da Costa, Escrivaõ da Fazenda del-

delRey Dom Joaõ III., de quem nasceo = 15 D. MARIA DE BRITO, que foy sua herdeira, e casou com Fernaõ Telles de Menezes, Alcaide mór de Moura, e por este casamento lhe entrou hum Morgado dos Mirandas; e tiveraõ os filhos seguintes: = 16 RUY TELLES, que foy Clerigo. = 16 LUIZ DA SYLVA, que succedeo na Casa, e foy Alcaide mór de Moura; e casando com D. Francisca de Mendoça, filha de Pedro de Mendoça, naõ tiveraõ successaõ. = 16 D. CATHARINA DA SYLVA, em quem recahio a Casa, e casou duas vezes, a primeira com Alvaro de Miranda, Alcaide mór da Fronteira; naõ tiveraõ successaõ: e a segunda vez com Martim Affonso de Béja; e tiveraõ = 17 D. MARIA DA SYLVA, mulher de Luiz Gonçalves da Camera, sem successaõ. = 17 FERNAÕ TELLES DE MENEZES E BEJA, que foy seu herdeiro, e casou com D. Anna Maria de Castro, filha de Francisco Coelho de Castro, de quem teve estes filhos = 18 FERNAÕ AFFONSO TELLES DE MENEZES, sem geraçaõ. = 18 ANTONIO TELLES DE MENEZES, que succedeo na Casa, naõ teve estado, e morreo em Fevereiro de 1732. = 18 FRANCISCO, e RODRIGO, Religiosos Trinos. = 18 D. CATHARINA JOSEFA DE MENEZES, que casou com Pedro Vieira da Sylva, e nos seus descendentes se conserva esta Casa, como dissemos a pag. 144 deste Tomo.

§. II.

§. II.

10 D. MECIA DE SOUSA foy segunda mulher de Dom Fernando de Castro, Senhor de Ançãa, S. Lourenço do Bairro, Alcaide mór da Covilhãa, Governador da Casa do Infante D. Henrique, e I. Senhor do Paul de Boquilobo; e desta uniaõ nasceraõ as duas filhas seguintes:

11 D. VIOLANTE DE CASTRO, que morreo sem estado.

11 D. MARGARIDA DE CASTRO, que foy Dama da Infanta D. Isabel, Duqueza de Borgonha, que acompanhou a Flandes, como dissemos em seu proprio lugar, quando casou com o Duque Filippe o *Bom*, e lá casou com Joaõ de Neufchatel, Senhor de Montagu, de Marnay, de Fontenoy, Conselheiro, e Camereiro delRey, e do Duque de Borgonha, Cavalleiro do Tosaõ de Ouro; e tiveraõ os filhos seguintes: = 12 FILIPPE DE NEUFCHATEL, Senhor de Fontenoy, que morreo sem estado. = * 12 FERNANDO DE NEUFCHATEL, com quem se continúa. = 12 CARLOS DE NEUFCHATEL, Abbade de S. Paulo, Administrador do Bispado de Bayeux, e Arcebispo de Besançon, que morreo a 20 de Julho de 1498. = 12 JOAÕ DE NEUFCHATEL, Senhor de Aubin, que vivia no anno de 1509: morreo sem posteridade. = 12 ISABEL DE NEUFCHATEL, que casou com Luiz de Vienne, Senhor de Rufey, e de Pymont, de

Histor. Genealogica da Casa Real Portugueza, pag. 133 do tom. 2.

P. Anselme, *Historia Geneal. de Franç.* tom. 5. pag. 354.

quem descendem por baronia os Condes de Comarin, Baroens de Chateauneuf, de Cheveau, de quem o Padre Anselmo faz mençaõ na sua Historia. ═ 12 Margarida de Neufchatel, que casou com Gerardo, Conde de Ribaupierre, Governador de Alsacia. ═ 12 Avoye de Neufchatel, que foy primeira mulher de Helion de Gaçou, Senhor de Nancuisse, e de Villaufans. ═ * 12 Fernando de Neufchatel, Senhor de Montagu, de Amance, de quem as memorias chegaõ até o anno de 1520. Casou tres vezes, a primeira em Setembro de 1468 com Magdalena de Fenestranges, filha de Joaõ, Senhor de Fenestranges, Marichal de Lorena, e de Brites de Ogievillers, de quem nasceo ═ 13 Margarida de Neufchatel, que casou por contrato de 17 de Outubro de 1478 com Henrique, Conde de Thierstein. ═ 13 Anna de Neufchatel, Senhora de Fontenoy, &c. Casou com Guilherme, Senhor de Dommartin. Casou segunda vez com Claudia de Vergy, filha de Joaõ de Vergy, Senhor de Champuant, e de Paula de Moyalans; e tiveraõ ═ 13 Anna de Neufchatel. ═ 13 Antoninha de Neufchatel, que casou duas vezes, a primeira com Antonio Reingrave, Senhor de Daun, de Gromback, e de Herstingin; e a segunda com Humberto, Conde de Bukelin. ═ 13 Filippa de Neufchatel, primeira mulher de Claudio de Tenarre, Senhor de Janly. Casou terceira vez o dito Fernando de Neufchatel com Etienna de Baume, filha de Marco de la Baume,

Padre Anselme, tom. 7. pag. 802.

Dito tomo pag. 37.

Dito, tomo 8. pag. 47.

Baume, Conde de Montrevel, e de sua mulher Bona de la Baume, sem successaõ.

§. III.

10 D. Isabel de Sousa, foy Dama da Infanta D. Isabel, Duqueza de Borgonha, que acompanhou àquelle Ducado, e lá casou com Joaõ de Poitiers, Senhor de Arcies, de Vadans, Sowans, Dormans, la Ferte, Camereiro do Duque Filippe o *Bom*, que morreo no anno de 1474; e deste casamento fez mençaõ Duchene na *Historia de Valentinois*, e D. Luiz de Salazar na *Casa de Sylva*. O Padre Anselmo diz ser filho de Filippe de Poitiers, quinto filho de Carlos de Poitiers, Senhor de S. Vallier, de Chalençon, de Clericu, e outras muitas terras; cuja memoria dura até o anno de 1410, em que fez o seu Testamento: era filho de Aymaro de Poitiers, quarto do nome, Conde de Valentinois, e de Diois, e de sua mulher Sibilla de Beaux, filha de Raymundo de Beaux, Conde de Avelin, irmãa de Brites, mulher de Guido, irmaõ de Joaõ II. Delfim de Viennois, segundo neto de Guilherme de Poitiers, Conde de Valentinois, Dignidade que já lograva aos 3 das Calendas de Agosto de 1178, como se vê de hum Diploma do Emperador Frederico I.; de sorte, que he a Familia de Poitiers, Condes de Valentinois, a mais illustre, e poderosa de todo o Delfinado depois dos Delfins de Vienne. Teve D. Isabel de Sousa

Salazar de Castro, *Historia da Casa de Sylva*, tom. 2. pag. 421.
Padre Anselme, tom. 2. pag. 208.

de seu marido os filhos, que se seguem. ⩶ 15 FILIPPE DE POITIERS, Senhor de la Ferte, Camereiro ordinario do Duque de Borgonha, Governador de Arras, que morreo no anno de 1503, havendo casado com Joanna de Lanoi, de quem naõ deixou filhos. ⩶ * 11 CARLOS DE POITIERS, com quem se continúa. ⩶ 11 JOAÕ DE POITIERS, que se achou na batalha de Grandson com o Duque de Borgonha Carlos, onde foy morto a 2 de Março de 1476. ⩶ 11 GUILHERME DE POITIERS. ⩶ 11 ANTONIO DE POITIERS, Religioso em S. Pedro de Gante. ⩶ 11 LEONOR DE POITIERS, Dama de Honor da Rainha de Castella, e foy mulher de Guilherme, Senhor de Stavale, Visconde de Furnes. ⩶ 11 CATHARINA DE POITIERS, Religiosa da Ordem de S. Francisco em Auxone. ⩶ 11 ISABEL DE POITIERS, que foy mulher de Joaõ de Bois, Senhor de Voyrie.

* 11 CARLOS DE POITIERS, foy Baraõ de Vadans, Senhor de Dormans, de Sowans, de la Ferte, &c. Camereiro do Duque de Borgonha: foy morto na tomada de Roma a 6 de Mayo de 1527 de idade de mais de oitenta annos, havendo sido casado com Dorothea de Oisy, Senhora de Outre, e Lilo, filha de Venceslao de Oisy, Senhor de Saustbergh, e de Catharina de Warnewick; e tiveraõ ⩶ 12 a CARLOS DE POITIERS, Baraõ de Vadans, Senhor de Sowans, de la Ferte, &c. morreo a 14 de Julho de 1568. Casou com Joanna de Carondelet, filha de Joaõ de Carandolet, Senhor de Chavans, Chanceller

ler de Borgonha, e de sua mulher Margarida de Chassey; e tiveraõ ⩶ 13 JOAÕ DE POITIERS, Senhor de Lilo, Protonotario, e Deaõ da Igreja de Strasbourg. ⩶ 13 FILIPPE DE POITIERS, que morreo no saco de Roma no anno de 1527. ⩶ * 13 CARLOS DE POITIERS, Baraõ de Vadans, com quem se continúa. ⩶ 13 FRANCISCO DE POITIERS, Senhor de Sowans, Protonotario, Conego, e Prevoste da Igreja de Besançon. ⩶ 13 LUIZ DE POITIERS, que foy morto no anno de 1535 na expediçaõ, que o Emperador Carlos V. fez em Africa. ⩶ 13 GUILHERME DE POITIERS, Baraõ de Outre, Prevoste da Igreja de Liege. Achou-se no Concilio de Trento, Varaõ recommendavel por virtudes, letras, e esclarecido nascimento. Morreo no primeiro de Agosto de 1570. ⩶ 13 FREDERICO DE POITIERS, que naõ teve estado. ⩶ 13 ADRIANO, CLAUDIO, e ANTONIO, que morreraõ de curta idade. ⩶ 13 MARGARIDA DE POITIERS, Religiosa no Mosteiro de Gabilee em Gante. ⩶ 13 JOANNA DE POITIERS, Senhora de Chevegny, casou duas vezes, a primeira com N... Senhor de Almestorf, e segunda com Claudio, Senhor de Cicon. ⩶ 13 ANNA, e ISABEL DE POITIERS, Religiosas no Mosteiro de sua irmãa. ⩶ 13 CATHARINA DE POITIERS, mulher de Simon de Ferrete. Jaz em Buda na Hungria.

* 13 CARLOS DE POITIERS, foy Baraõ de Vadans, Senhor de Sowans, e de la Ferte, casou com Dorothea de Hebert, aliàs Ambrich; e tiveraõ ⩶

14 a

14 a CARLOS DE POITIERS, Baraõ de Vadans, &c. que casando duas vezes, naõ deixou posteridade. ☰ 14 CLAUDIO DE POITIERS, que morreo moço. ☰ * 14 GUILHERME DE POITIERS, com quem se continúa. ☰ 14 MARIA, e JOANNA, das quaes naõ ha outra noticia. ☰ 14 FRANCISCA DE POITIERS, mulher de Filiberto de Anbespin, Senhor de Chilly. ☰ 14 DOROTHEA DE POITIERS, que casou no anno de 1566 com Christovaõ Bouton, Senhor de Pierre, e de Vauvry, que vivia no anno de 1594. ☰ * 14 GUILHERME DE POITIERS, foy Baraõ de Outre, e por morte de seu irmaõ succedeo nas Baronías de Vadans, e outras terras. Casou duas vezes, a primeira com Susana de Andelot, e a segunda com Sabina Lamorale de Rye, de quem teve ☰ * 15 a CLAUDIO ANTONIO DE POITIERS, com quem se continúa. ☰ 15 DOROTHEA DE POITIERS, que casou duas vezes, a primeira com Francisco de Pontalier, Baraõ de Vaugrenant, que morreo sem filhos a 17 de Mayo de 1623; e a segunda com Cesar de Saix, Senhor de Arners, e de Virechastel, e foy sua segunda mulher. ☰ 15 CLAUDIO ANTONIO DE POITIERS, foy Baraõ de Badans, Sowans, Ban, la Ferte, Alolambos, Oussiere, &c. Casou em 1614 com Luiza de Rye sua prima, sobrinha de Fernando de Rye, Arcebispo de Besançon, e filha primeira de Filiberto de Rye, Conde de Varax; e tiveraõ ☰ * 16 FERNANDO LEONOR DE POITIERS, com quem se continúa. ☰ 16 JOACHIM CLAUDIO DE POITIERS, Conego de Besan-

Padre Anselme, tomo 7. pag. 648.

Besançon, e Prior de Arbois. ⩶ 16 CATHARINA DE POITIERS, mulher de Miguel de Villers-la-Faye, Baraõ de Vaugrenant, e de Pernant. ⩶ 16 CATHARINA DE POITIERS, Religiosa no Castello Chalon, da Ordem de S. Bento. ⩶ 16 JOANNA FRANCISCA DE POITIERS casou duas vezes, a primeira com Lourenço Theodule de Gremont, Baraõ de Milisy; e a segunda com Domingos Humberto, Claudio de Feuquier, ou Fauquier, Senhor de Abancourt. ⩶ 16 MARIA DE POITIERS, Canoneza em Epinal.

* 16 FERNANDO LEONOR DE POITIERS, foy Senhor de Neufchatel, e das Baronías de Vadans, la Ferte, de Sowans, Amans, Montagu, e Rougemont, Marquez de Varembon, Mestre de Campo de hum Terço de Borgonha. Morreo a 10 de Novembro de 1664. Casou com Joanna Filippa de Rye, filha de Francisco de Rye, Marquez de Varembon, e de Catharina Maria de Oostfrise, Condessa de Ritberg, de quem teve ⩶ * 17 FERNANDO FRANCISCO DE POITIERS, com quem se continúa. ⩶ 17 FREDERICO LEONOR, chamado *Marquez de Poitiers*, Baraõ, e Senhor de Vadans, la Ferte, &c. Coronel de Dragoens, e Brigadeiro dos Exercitos delRey, sem successaõ. ⩶ 17 DOROTHEA DE POITIERS, Canoneza em Rimiremont. ⩶ 17 MARGARIDA DE POITIERS, Canoneza em Epinal. ⩶ 17 MARIA ALBERTINA, chamada *Daimoselle de Poitiers*. ⩶ 17 DIANA CLARA FRANCISCA PAULINA DE POITIERS. ⩶ 17 DOROTHEA DE POITIERS, mulher de Claudio Jaques

Jaques de S. Moris, Conde de Bosjan: morreo em 7 de Janeiro de 1677. ⫶ * 17 FERNANDO FRANCISCO DE POITIERS DE RYE, Conde de Poitiers, que nasceo no anno de 1654, e casou duas vezes, a primeira com Margarida Francisca de Achey, de quem teve ⫶ 18 MARIA FRANCISCA DE POITIERS, mulher de Carlos Antonio de Baumê, Marquez de S. Martin. ⫶ 18 N. . . . . DE POITIERS, mulher de N. . . . Conde de Gramont-Chatillon. ⫶ 18 N. . . DE POITIERS, casou com N. . . . . . Marquez de Chatelet. Casou segunda vez o Conde Fernando Francisco de Potiers com N. . . . . de Anglure, e teve ⫶ * 18 a FERNANDO JOSEPH DE POITIERS, com quem se continúa. ⫶ 18 CARLOS FREDERICO LEONOR DE POITIERS, Marquez de Anglure. ⫶ 18 N. . . N. . . . N. . . . Canonezas em Rimeremont. ⫶ * 18 FERNANDO JOSEPH DE POITIERS DE RYE DE ANGLURE, Conde de Poitiers, e de Ñeufchatel, Marquez de Coublans, e Senhor das Baronías de Vadans, Balançon, Montrabert, Ougney, Montrond, Lods, Scey, Chateau-Vieux, Chateau-Neuf em Vennes, e a Ilha Loas, &c. que morreo em Pariz de bexigas a 29 de Outubro de 1715, de idade de dezanove annos, havendo casado a 31 de Janeiro do dito anno com Maria Genovefa Henriqueta Gertrudes de Bourbon-Malause, filha de Guido Henrique de Bourbon, Marquez de Malause, e de sua primeira mulher Maria Jacintha Mitte de Chevrieres, Dama da Duqueza viuva de Orleans, de

quem

quem nasceo posthuma Isabel Filippa de Poitiers a 23 de Dezembro de 1715.

CAPITULO IX.

De Affonso Vasques de Sousa, Claveiro da Ordem de Christo.

10 ERa Affonso Vasques de Sousa herdeiro de seu pay, do mesmo nome, como se disse no Capitulo passado. Foy Claveiro da Ordem de Christo, em tempo que esta Ordem naõ estava dispensada para os Cavalleiros poderem casar; e teve illegitimos = 11 HENRIQUE DE SOUSA, de quem naõ sabemos descendencia. = * 11 LUIZ DE SOUSA, com quem se continúa. = 11 JORGE DE SOUSA, sem successaõ, que se saiba. = 11 D. FILIPPA DE SOUSA, mulher de Diogo da Sylva seu primo, como escreve Dom Luiz de Salazar de Castro.

Historia da Casa de Sylva, tom. 2. pag. 789.

* 11 LUIZ DE SOUSA, foy tambem Claveiro na Ordem de Christo, como se vê de huma Carta do anno de 1475 delRey Dom Affonso, em que o faz Fronteiro mór de Portalegre, Montalvaõ, Niza, e Alpalhaõ, no tempo da guerra com Castella. Teve de Isabel Pereira, mulher nobre, os filhos seguintes: = 12 JORGE DE SOUSA, que morreo moço sem geraçaõ. = 12 HENRIQUE DE SOUSA, de quem Diogo Gomes de Figueiredo diz ignora a successaõ. =

Nobiliario de Figueiredo.

* 12 ANTONIO DE SOUSA, adiante. ═ 12 PEDRO DE SOUSA, de quem tambem se ignora a successaõ. ═ 12 D. MECIA DE SOUSA, que casou em Entre Douro e Minho com Joaõ Veloso, ou Velho de Araujo, com descendencia. ═ 12 D. JOANNA DE SOUSA, Freira em Santa Clara de Amarante. ═ * 12 ANTONIO DE SOUSA casou com Maria de Miranda, filha de Lourenço de Miranda; e tiveraõ ═ * 13 MATHIAS DE SOUSA, adiante. ═ 13 LEONEL DE SOUSA, que foy Clerigo, e Abbade. ═ 13 MANOEL DE MIRANDA E SOUSA, Abbade de Taboado. ═ 13 D. FILIPPA DE SOUSA, mulher de Francisco de Macedo, de quem nasceo ═ 14 GONÇALO DE SOUSA, Fidalgo da Casa Real, Desembargador dos Aggravos, Juiz dos Feitos da Coroa, e Fazenda, de que foy Conselheiro, e Juiz das Justificações: servio de Contador mór, que casou com D. Margarida Moreira, filha de Gaspar Moreira; e tiveraõ ═ * 15 ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO, de quem logo se tratará. ═ 15 D. MARIA DE SOUSA, mulher de Manoel Telles de Tavora, com successaõ. ═ * 15 ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO, que nasceo a 15 de Dezembro de 1606, em quem concorreraõ grandes merecimentos, o qual depois de ter occupado diversos lugares, foy Embaixador aos Estados Geraes no anno de 1651, e Secretario de Estado delRey D. Affonso VI., em que entrou no anno de 1663. Teve as Commendas de Santiago de Souzellas na Ordem de Christo, e de Santa Eufemia de Penella

nella na de Aviz, Alcaide mór da Villa de Freixo de Nemaõ. Delle fizemos mençaõ entre os Genealogicos no *Apparato*, num. 153, Varaõ de grande litteratura, versado igualmente nas sciencias, do que na Historia, e Politica, como se vê das suas Obras, que correm impressas, entre as quaes será eternamente estimado o livro, que imprimio em Londres no anno de 1645 com o titulo: *Lusitania Liberata ab injusto Castellanorum dominio, restituta legitimo Principi Serissimo Joanni IV. &c.* Faleceo no primeiro de Novembro de 1682. Casou com Madama Maria Lamarier, filha de Joaõ Lamarier, e de Anna de Royx, nobres Flamengos, de quem teve ⩶ 16 LUIZ GONÇALO DE MACEDO, que foy Baraõ da Ilha de Joanne, e teve as mesmas Commendas: faleceo a 10 de Agosto de 1727, havendo casado duas vezes, a primeira com D. Filippa de Menezes, filha de Pedro Cabral, Alcaide mór de Belmonte, Senhor de Azurara; e segunda vez com D. Marianna de Tavora, filha de Francisco Furtado de Mendoça, como se disse no Capitulo IV. §. I. pag. 731.

* 13 MATHIAS DE SOUSA, viveo em Amarante, casou duas vezes, a primeira com Anastasia de Barros, de quem nasceo ⩶ 14 PEDRO DE SOUSA, que foy seu herdeiro, e casou com Eugenia de Mesquita, irmãa de sua madrasta, de quem nasceo ⩶ 15 D. MARIA DE SOUSA, que casou com Sebastiaõ Correa. Casou segunda vez Mathias de Sousa com D. Angela da Cunha de Mesquita, filha de Manoel da

Cunha de Meſquita, e de ſua primeira mulher Paula Vieira, de quem naſceo ⵘ 14 D. JOANNA DE SOUSA, que herdou por ſua mãy a Capella dos Martyres de Marrocos em S. Franciſco de Guimarães, e foy mulher de Gabriel Pereira de Caſtro, Collegial de S. Paulo, Corregedor do Crime da Corte, e Caſa, Fidalgo da Caſa Real, inſigne Letrado, bem conhecido pelas ſuas *Deciſoens*, e outras Obras, em que he celebre o Poema *Uliſſea*, ou *Lisboa edificada.* Morreo a 18 de Outubro de 1632. Deſte matrimonio tiveraõ ⵘ 15 FERNANDO PEREIRA DE CASTRO, Capitaõ de Cavallos, que morreo no anno de 1644 na batalha de Montijo: naõ teve ſucceſſaõ; e tendo mais irmãos, de nenhum delles a houve.

CAPITULO X.

De Martim Affonſo de Souſa, IV. Senhor de Mortagua.

9 NO Capitulo IV. deixámos nomeados entre os filhos de Martim Affonſo de Souſa, II. Senhor de Mortagua, a eſte filho do ſeu proprio nome, havido em Dona Aldonça Rodrigues de Sá, a quem ElRey D. Joaõ I. legitimou a 22 de Janeiro do anno de 1443. Servio ao dito Rey, e com elle ſe achou na glorioſa empreza de Ceuta, ſendo Capitaõ de hum Galeaõ na Armada do Porto, que mandava

Torre do Tombo, liv. 3. dos Regiſtos delRey D. Joaõ I. pag 66.

mandava o Infante D. Henrique. Foy do Conselho delRey D. Affonso V., e Fronteiro mór. Casou com Violante Lopes de Tavora, filha de Pedro Lourenço de Tavora, Senhor do Mogadouro, e de sua mulher Brites Annes de Albergaria; e tiveraõ os filhos seguintes:

10 FERNAÕ DE SOUSA, Capitulo XI.
10 RUY DE SOUSA, Capitulo XXIII.
10 PEDRO DE SOUSA, Capitulo XLVI.
10 VASCO MARTINS DE SOUSA, Cap. LIII.
10 JOAÕ DE SOUSA, Capitulo LXIV.
10 D. BRITES DE SOUSA, com quem D. Affonso, I. Marquez de Valença, teve amisade, e com palavra de casamento, teve hum filho, como se disse no Tomo X. pag. 533; e depois foy terceira mulher de Fernaõ de Sousa Camello, Senhor de Bayaõ, de quem se naõ conserva descendencia.

CAPITULO XI.

De Fernaõ de Sousa, I. Senhor de Gouvea, &c.

10 SUccedeo a seu pay na sua Casa Fernaõ de Sousa, e foy V. Senhor de Gouvea de Riba de Tamega, Alcaide mór de Monte-Alegre, Piconha, Portel, e toda a terra de Barroso. Servio ao Senhor D. Affonso, I. Duque de Bragança, e parece primeiro tinha servido ao Infante Dom Pedro. Achou-se

Chronica del Rey Dom Duarte, cap. 8.

Achou-se com os Infantes D. Henrique, e D. Fernando, no desgraçado Palanque de Tangere no anno de 1437.

Casou com Dona Mecia de Castro, filha de Alvaro Gonçalves de Ataide, I. Conde de Atouguia, e de sua mulher D. Guiomar de Castro, para o que El-Rey lhe prometteo em dote quatro mil e quinhentas coroas; e tiveraõ estes filhos:

11 MARTIM AFFONSO DE SOUSA, naõ succedeo na Casa, nem casou, e morreo de huma pequena ferida, que lhe fez seu primo D. Joaõ Coutinho, com quem desconfiou, sendo o motivo originado de huma briga, que os Compradores de seu pay, e do Marichal D. Fernando Coutinho seu cunhado, tiveraõ, em quem Dom Joaõ deu algumas pancadas com hum bastaõ; e queixando-se o Comprador do pay de Martim Affonso, que D. Joaõ lhe dera mais pancadas nelle, do que no outro Comprador; de que Martim Affonso estimulado, encontrando-se com elle, levantou huma cana, e lha quebrou na cabeça; a que D. Joaõ metendo maõ à espada, o ferio levemente; porém esvaindo-se em sangue, veyo a morrer; e depois esta morte vingou Martim Affonso seu irmaõ illegitimo, matando a D. Joaõ Coutinho. Naõ casou Martim Affonso de Sousa, morrendo em vida de seu pay.

11 ANTONIO DE SOUSA, Capitulo XII.

11 D. MARIA DE CASTRO casou com Joaõ Pereira, Senhor de Castro-Dairo, §. I.

D.

11 D. Guiomar de Castro, mulher de Gonçalo Vaz Pinto, Senhor de Ferreiros, e Tendaes, §. II.

11 D. Isabel de Castro, que foy mulher de Martim de Salzedo, Fidalgo Castelhano, que vivia em Logronho, de quem nasceo = 12 D. Maria de Castro, segunda mulher de Simaõ de Miranda, Commendador de Póvos na Ordem de Christo, Copeiro mór do Infante Cardeal D. Henrique, de quem nasceo = 13 D. Violante de Castro Henriques, que casou com Dom Diogo de Menezes, Senhor do Louriçal, Commendador de Mendo-Marques; e tiveraõ estes filhos = 14 D. Simaõ de Menezes, que teve a mesma Commenda, e se achou na batalha de Alcacer, onde com destemido animo, o viraõ sobre hum montaõ de mortos, já quasi sem vida, com huma bandeira dos inimigos na maõ, incitando aos companheiros, que o imitassem, até que de todo acabou a vida, deixando de seu nome huma illustre memoria. Havia casado com D. Guiomar de Blasuet e Gusmaõ, filha de D. Francisco Coutinho, III. Conde de Redondo, e Vice-Rey da India, sem successaõ. = 14 D. Henrique de Menezes, que tambem morreo na dita batalha. = 14 D. Francisco de Menezes, que foy Ecclesiastico. = 14 D. Fernando de Menezes, Senhor do Louriçal, que casou com D. Isabel de Castro, como se disse a pag. 885 do Tomo XI. = 14 D. Joaõ de Menezes, que tambem foy cativo na batalha de Alcacer, e resgatado

gatado no numero dos oitenta Fidalgos. Caſou com D. Franciſca da Sylva, de quem teve filhos, e delles naõ ſabemos ſe ſe conſerva deſcendencia. ⁼ 14 D. DIOGO DE MENEZES, que tambem ſe achou na batalha de Alcacer, onde foy cativo, e reſgatado nos oitenta Fidalgos. Servio com grande reputaçaõ: foy I. Conde da Ericeira por Carta paſſada no primeiro de Março de 1622, Gentil-homem da Boca delRey D. Filippe IV., Governador, e Capitaõ General do Algarve, Commendador de Caſevel na Ordem de Chriſto. Morreo em Madrid em Mayo de 1635 ſem ter caſado; e teve natural ⁼ 15 a D. FRANCISCO DE MENEZES, que paſſou a ſervir à India, e lá caſou com D. Leonor Correa, filha de Franciſco Correa da Franca.

11 D. VIOLANTE DE CASTRO, que naõ teve eſtado.

11 D. JOANNA DE CASTRO, de quem o Biſpo D. Joaõ de Azevedo teve ſucceſſaõ.

Teve illegitimos

11 MARTIM AFFONSO DE SOUSA, que foy o que matou a D. Joaõ Coutinho, como ſe diſſe, o qual tendo filhos, naõ ſe conſerva deſcendencia.

11 JOAÕ DE SOUSA caſou com D. Brites Pereira, filha do Doutor Fernaõ Rodrigues, Deaõ de Coimbra, e Abbade de Reris, de quem teve ⁼ 12 GONÇALO DE SOUSA, que foy ſeu herdeiro, e caſou em Vianna com Iſabel de Barros, filha de Fernaõ Velho, Védor da Caſa do Duque de Bra-

gança

gança D. Jayme, e de sua mulher D. Genebra de Barros, de quem naõ sabemos se tiveraõ successaõ. = 12 D. Isabel de Sousa, que casou com Gonçalo Guedes, Senhor do Morgado de Abelhaõ; e tiveraõ, entre outros filhos, = 13 a Gaspar de Sousa Guedes, que teve o dito Morgado, e casou com D. Joanna de Carvalho, de quem teve = * 14 Gonçalo Guedes, adiante. = 14 D. Maria de Tavora, mulher de D. Manoel Pereira, Senhor do Morgado da Taipa, Governador, e Capitaõ General de Angola, onde morreo; de quem nasceo = 15 D. Catharina Pereira, que foy herdeira, e casou com Diogo de Saldanha de Sande, Commendador de Casevel; e tiveraõ = 16 Manoel de Saldanha, que succedeo na Casa, e foy Commendador de Casevel, Senhor do Morgado da Taipa, que servio no Paço, e depois na guerra da Acclamaçaõ. Era retirado, e muy dado à liçaõ dos livros; de sorte, que era bem instruido nas Divinas, e humanas letras; e tendo vivido com exemplo, acabou na Villa de Santarem, onde se achava com a sua Casa, com opiniaõ de huma vida inculpavel, no anno de 1686, sem ter querido tomar estado. = 16 Joseph Francisco de Saldanha, que servio na guerra, e foy morto na entrepreza de Valença de Alcantara no anno de 1646. = 16 D. Isabel de Noronha, que casou com Luiz Gonçalves da Camera Coutinho, Senhor da Ilha Deserta, como se disse a pag. 702 do Tomo XI. = 16 D. Filippa da Sylva, sem esta-

do. ⫶ 16 D. VIOLANTE DA SYLVA, e D. MARIA DE TAVORA, Freiras em Santa Clara de Santarem.

* 14 GONÇALO GUEDES DE SOUSA, ſuccedeo no Morgado de Abelhaõ, que depois perdeo por demanda. Caſou com D. Filippa de Souſa, de quem teve ⫶ 15 a D. JOANNA DE SOUSA, que caſou com Damiaõ de Souſa, Senhor do Couto de Francemil, e dos Morgados de Pentieiros, que ſe achou na derrota da Armada do Conde da Torre, e foy parar a Cartagena de Indias com o Conde de Caſtello-Melhor: paſſou a Madrid, onde tendo noticia da Acclamaçaõ delRey D. Joaõ IV., voltou a Portugal, que lhe fez diverſas merces, e entre ellas a da Commenda de Canellas na Ordem de Chriſto: foy Governador de Salvaterra, e da Comarca de Eſgueira; e tiveraõ os filhos ſeguintes: ⫶ 16 SEBASTIAÕ DE SOUSA, que morreo moço. ⫶ * 16 GONÇALO DE SOUSA, com quem ſe continúa. ⫶ 16 FRANCISCO DE SOUSA, Cavalleiro de Malta, que ſervio na guerra na Provincia do Minho. ⫶ 16 MANOEL DE SOUSA DE MENEZES, que caſando com D. Margarida, filha de Lourenço de Souſa e Vaſconcellos, Senhor da Quinta de Figueiró das Dónas, e de ſua mulher D. Damaſia, teve, entre outros filhos, a D. MARIA MARGARIDA DE SOUSA, mulher de Bernardo Carvalho de Lemos, Senhor da Trofa, como ſe diſſe a pag. 753. ⫶ 16 GARCIA DE SOUSA DE MENEZES, que foy Clerigo, Prior da Bempoſta, Deputado do Santo Officio da Inquiſiçaõ de Evora, em que entrou

trou a 27 de Março de 1675. ═ * 16 D. JOANNA DE NORONHA, mulher de Francisco Pereira, Senhor da Casa de Britiandos, adiante. ═ * 16 GONÇALO DE SOUSA, que succedeo na Casa, e passou com seu pay ao Brasil, e servio na guerra, e foy Commendador de S. Mamede de Canellas, Senhor de Francemil. Casou com D. Ignez Guiomar de Sousa de Castro, filha de Diogo de Mello Osorio, e de sua mulher D. Margarida de Mello; e tiveraõ ═ 17 DAMIAÕ LOURENÇO DE SOUSA DE MENEZES. ═ 17 D. MARGARIDA MARIA DE MELLO E NORONHA, que casou com seu primo, de quem logo se tratará.

* 16 D. JOANNA DE NORONHA casou com Francisco Pereira da Sylva, Senhor da Casa de Britiandos, que servio huma Commenda em Tangere; e tiveraõ os filhos seguintes: ═ * 17 DAMIAÕ PEREIRA DA SYLVA, com quem se continúa. ═ 17 ANTONIO PEREIRA DA SYLVA, que foy Collegial do Collegio de S. Paulo de Coimbra, Doutor em Theologia, Conego Magistral da Cathedral de Evora, em que foy provido no primeiro de Agosto de 1681, Deputado do Santo Officio da Inquisiçaõ da mesma Cidade, em que entrou a 3 de Outubro de 1684, foy Deputado da Junta dos Tres Estados, Bispo de Elvas, de que tomou posse a 25 de Abril de 1701, donde veyo para Secretario de Estado del Rey D. Pedro II., que o nomeou Bispo do Algarve a 14 de Novembro de 1704; e largando a ministraria, que havia occupado com satisfaçaõ do Soberano; porque era affa-

vel com as partes, e com grande desinteresse, foy a residir no seu Bispado, que regeo em paz, e com amor da justiça das suas ovelhas. Morreo a 17 de Abril de 1715. ≍ 17 DIOGO PEREIRA DA SYLVA, Cavalleiro de Malta. ≍ * 17 DAMIAÕ PEREIRA DA SYLVA, que foy Senhor de Britiandos, e casou com sua prima com irmãa D. Margarida Maria de Mello e Noronha, filha de Gonçalo de Sousa de Menezes acima; e tiveraõ os filhos seguintes: ≍ 18 FRANCISCO PEREIRA DA SYLVA, que he Senhor de Britiandos, e he Coronel de hum Regimento de Infantaria no Algarve, e Brigadeiro dos Exercitos de Sua Magestade. Casou a 10 de Janeiro do anno de 1706 com D. Caetana Alberto de Lencastre, filha de D. Joaõ de Lencastre, como se disse a pag. 358 do Tomo XI., de quem até ao presente naõ teve successaõ. ≍ 18 GONÇALO PEREIRA DA SYLVA.

§. I.

11 D. MARIA DE CASTRO, filha primeira de Fernaõ de Sousa, Senhor de Gouvea, casou com Joaõ Pereira, Senhor de Castro-Dairo, e dos Morgados de Ayraõ, e Canellas, Alcaide mór de Arrayolos. Achou-se com o Duque D. Jayme na tomada de Azamor; e desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes: ≍ 12 AFFONSO PEREIRA, que morreo vindo de Malaca. ≍ 12 D. ISABEL DE CASTRO PEREIRA, que foy Senhora de Castro-Dairo, e mais Morga-

Histor. Genealogica da Casa Real Portugueza, tom. 5. pag. 511.

Morgados, e casou com Diogo Lopes de Lima, Alcaide mór de Guimaraens, Commendador de Santa Ovaya, e de Guezinha, na Ordem de Christo, Copeiro mór delRey D. Joaõ III., em quem concorreraõ merecimentos, e virtudes, que sobre illustre sangue, o fizeraõ estimado no seu tempo, achando-se em muitas occasioens; porque servio em Africa na Praça de Arzila, sendo Governador della o Conde de Borba, com mais de trinta homens de cavallo, e muitos mais de pé, e com muita mais gente na tomada de Azamor, acompanhando ao Duque D. Jayme, onde ficou com Dom Joaõ Mascarenhas até a sua morte, achando-se com elle em facções gloriosas, que refere a Historia daquelle tempo; e voltando ao Reyno, os seus merecimentos o lembraraõ a ElRey D. Manoel para o nomear Governador da India, que naõ sabemos, porque naõ teve effeito; porque quando mandou com o mesmo posto a Diogo Lopes de Siqueira, lhe mandou dar mil cruzados. Delle referiremos hum caso, ainda que estranho, em que se vê qual era o respeito, com que os seus parentes o tratavaõ, expondo-se com elle a huma ruina, que quasi lhe era indubitavel. Vagou no anno de 1523 na Cabido da Collegiada de Guimaraens huma Conesia, e como era de sua apresentaçaõ, a deu a D. Manoel de Lima seu filho, de que nasceo huma desordenada desconfiança entre D. Diogo Pinheiro, Bispo do Funchal, que tambem era Dom Prior de Guimaraens, com Diogo Lopes de Lima, sentido de que

Dito tomo pag. 509.

Nobiliarios de D. Antonio de Lima, e Affonso de Torres.

que o Cabido preferisse seu filho à sua recommendação, que devia de ser para algum parente seu, de que se seguio huma tal desconfiança, que depois de diversas cousas, chegaraõ a romper de sorte, que o Bispo se fez forte na Villa de Barcellos com Henrique Pinheiro seu sobrinho, Alcaide mór da Villa, e outros parentes, e amigos, os quaes Diogo Lopes determinou ir buscar a Barcellos, convidando-os a huma batalha, e em caso de a regeitarem, porlhe sitio; e assim toda a gente de cavallo, e pé, que pôde juntar sua, de parentes, e amigos, sendo o primeiro, como mais visinho, Joaõ de Mello de Sampayo, Abbade de Pombeiro, com trinta Cavallos, e muitos mais Infantes, o Visconde D. Francisco de Lima seu primo, Leonel de Abreu, Senhor de Regalados seu sobrinho, Fernaõ de Sousa, Senhor de Gouvea, primo com irmaõ de sua mulher, Joaõ Rodrigues de Sá, Alcaide mór do Porto, Senhor de Sever, e D. Manoel de Azevedo, primo com irmaõ de sua mulher, Antonio de Azevedo, Senhor de S. Joaõ de Rey, Bouro, &c. Pedro da Cunha Coutinho, Senhor de Basto, Antonio Pereira, Senhor de Cabeceira de Basto do Lamegal, que Pedro da Cunha Coutinho, pela authoridade das suas cãas mandava. De Galiza sahiraõ com gente armada em soccorro D. Joaõ Sarmento, Senhor de Salvaterra, Dom Pedro de Sottomayor com outros, D. Pedro Bermudes de Castro, Diogo Alvares de Sottomayor, e outros muitos Senhores daquelle Reyno; até Ramiro Nunes de Gusmaõ

maõ se preparou na Cidade de Leaõ, mandando-se offerecer para o servir, e soccorrer, por serem todos aquelles Senhores parentes dos Limas. Este corpo de gente, que Diogo Lopes de Lima ajuntou, era taõ crescido, que os Corregedores, e Justiças das Comarcas, naõ o podiaõ violentar, e acodio o Arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa de Vasconcellos; e tanto negociou a razaõ, e authoridade do Prelado, que os conciliou, evitando a ruina de todos, accommodando-os de sorte, que ficou feita a paz. Referimos este successo, porque naõ será facil achar na Historia huma semelhante uniaõ de Fidalgos, pondo em campo hum poder taõ grande, que se naõ vio outro, que naõ fosse de Soberano, ou General, em seu nome, de gente de guerra, preparada para huma acçaõ. Chegou esta noticia à Corte, e ElRey D. Joaõ III. querendo castigar aquella desordem, pôde com elle mais a benignidade, do que o rigor: perdoou aos complices daquelle desatino, em attençaõ de Dom Fernando de Lima, que acompanhou a seu pay naquella occasiaõ, ao qual era muy inclinado, e favorecia com especial merce, tendo grande parte em moderar ElRey com grande cuidado o Conde da Castanheira, que como parente de ambas as partes, o fez de sorte, que todos ficassem perdoados. Teve Diogo Lopes de Lima de sua mulher D. Isabel de Castro os filhos seguintes: ⩵ * 13 D. Fernando de Lima Pereira, com quem se continúa. ⩵ 13 D. Manoel de Lima, que foy Conego de Guimaraens, e mo-

e motivo da desconfiança referida; o qual largando esta vida, abraçou a militar, e passando à India, foy Capitaõ de Baçaim, e depois de Ormuz. Quando foy o celebrado sitio de Dio, o mandou o Governador D. Joaõ de Castro duas vezes por Capitaõ mór à Costa de Cambaya, onde destruío muitos Lugares, naõ com pouco espanto dos da terra, que naõ foy pequena parte para desanimar os sitiadores da vitoria; e assim tendo no Estado obrado acções de eterna memoria, como refere a nossa Historia, voltou para o Reyno. Morreo a 14 de Março de 1568, e jaz em a Capella mór de S. Francisco de Lisboa, de que foy Padroeiro, onde tem hum largo Epitafio. Casou com D. Maria de Mendoça, filha de Manoel Corte-Real, Capitaõ Donatario da Ilha Terceira, &c. e de sua mulher D. Brites de Mendoça, de quem naõ teve successaõ. Teve illegitimos, D. JOAÕ DE LIMA, que morreo servindo na India, D. ISABEL, e D. MARIA DE LIMA, Religiosas na Rosa de Lisboa. ⌶ * 13 D. ANTONIO DE LIMA, de quem logo se fará mençaõ. ⌶ * 13 D. VIOLANTE DE CASTRO, que casou com Diogo de Miranda, de quem adiante se tratará. ⌶ * 13 D. MARIA DE CASTRO, mulher de D. Francisco de Castellobranco, Senhor da Casa de Villa-Nova, adiante. ⌶ 13 D. BRITES DE CASTRO, Abbadessa do Mosteiro da Villa de Conde. ⌶ 13 D. GUIOMAR DE CASTRO, Freira no dito Mosteiro. Teve illegitimos ⌶ 13 FR. GREGORIO DE LIMA, Religioso da Ordem dos Prégadores.

dores. ⩦ 13 D. SIMAÕ DE LIMA. ⩦ 13 D. FILIPPA, D. MARIA, e D. CONSTANÇA, todas Freiras em Victorino das Dónas, da Ordem de S. Bento.

* 13 D. FERNANDO DE LIMA PEREIRA, foy Senhor de Castro-Dairo, Commendador de Garfe, e hum dos mais valídos delRey D. Joaõ III., e Capitaõ de Ormuz, onde morreo, havendo sido casado com D. Francisca de Vilhena, filha de Ruy Barreto, Capitaõ de Azamor, e Védor da Fazenda do Algarve, Senhor do Morgado da Quarteira, e de sua mulher D. Branca de Vilhena, de quem nasceraõ os filhos seguintes: ⩦ 14 D. DIOGO LOPES DE SOUSA, que foy Senhor de Castro-Dairo, Commendador de Santa Ovaya, Veador da Casa delRey D. Sebastiaõ, a quem acompanhou na batalha de Alcacer, onde morreo, havendo sido casado com Dona Helena de Sousa, filha de Thomé de Sousa, Commendador de Rates na Ordem de Christo, Veador da Casa Real, e de sua mulher D. Maria da Costa, de quem naõ teve successaõ, e fez a Capella mór de Santa Martha, onde ella jaz. ⩦ * 14 D. ISABEL DE CASTRO, que casou com Jorge de Lima, adiante. ⩦ 14 D. MARIA MANOEL, Dama da Rainha D. Catharina, com quem pertendeo casar o Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra. Casou com D. Manoel da Sylva, Aposentador mór, sem successaõ. ⩦ 14 D. ANTONIA, e D. BRITES DE LIMA, Religiosas. ⩦ 14 D. JERONYMA DE LIMA, sem estado.

Decada 4. liv. 8. pag. 551.

* 14 D. ISABEL DE CASTRO casou com Jorge

de Lima, hum dos mais valerosos Cavalleiros do seu tempo: achou-se no cerco de Calecut, onde fez acções gloriosas, que eternizaráõ o seu nome na Historia da India. Foy Capitaõ de Chaul, Commendador, e Alcaide mór de Pena Garcia; e tiveraõ estes filhos: ⩶ 15 FERNANDO EANNES DE LIMA, que os Mouros mataraõ em hum combate em Tangere. ⩶ 15 LEONEL DE LIMA, que tambem foy morto em hum combate na India. ⩶ 15 FRANCISCO BARRETO DE LIMA, Alcaide mór, e Commendador de Pena Garcia, Veador da Casa Real, que casou com Dona Isabel de Lima, filha de D. Antonio de Lima, e de sua mulher D. Jeronyma de Albuquerque, sem successaõ. ⩶ 15 LOURENÇO DE LIMA, Commendador na Ordem de Christo, sem successaõ. ⩶ 15 D. FRANCISCA DE VILHENA, mulher de Manoel de Sousa, Aposentador mór, de quem nasceo D. MARIA MANOEL, que casou com Manoel de Mello de Magalhaens, Commendador de S. Salvador do Campo de Neiva na Ordem de Christo, de quem teve a SIMAÕ DE MELLO, que teve a mesma Commenda, Coronel de hum dos Terços das Ordenanças de Lisboa, que morreo no anno de 1633, sendo casado com sua prima D. Anna de Vilhena, filha de D. Bernardim de Menezes, sem successaõ; e D. FRANCISCA DE VILHENA, que casou com D. Jorge Mascarenhas, Marquez de Montalvaõ, como se disse em outra parte. ⩶ 15 D. JERONYMA DE CASTRO, mulher de D. Francisco Mascarenhas, Capitaõ

Decada 3. liv. 9. cap. 3. e 4.

taõ de Ormuz, Commendador de Cucujaens, de quem teve o I. Marquez de Montalvaõ D. JORGE MASCARENHAS, acima, e D. ISABEL DE CASTRO, mulher de D. Joaõ Soares de Alarcaõ, Alcaide mór de Torres-Vedras, com succeſſaõ.

* 13 D. ANTONIO DE LIMA PEREIRA, terceiro filho de Diogo Lopes de Lima, foy Alcaide mór de Guimaraens, Senhor de Caſtro-Dairo, Varaõ inſigne na Hiſtoria Genealogica, de quem fizemos mençaõ no *Apparato da Hiſtoria* no num. 25 pag. XLVI. Faleceo a 18 de Setembro de 1582. Caſou com D. Maria de Vilhena, filha de Chriſtovaõ de Mello, Capitaõ Donatario de S. Thomé, e de ſua ſegunda mulher Dona Anna da Sylva; e deſta uniaõ teve = 14 D. DIOGO, e D. FRANCISCO DE LIMA, que morreraõ meninos. = 14 D. ISABEL DE LIMA, que morreo ſem eſtado. = 14 D. ANNA DE LIMA PEREIRA, que foy Senhora de Caſtro-Dairo, e herdeira de toda a Caſa, e caſou com Dom Antonio de Ataide, V. Conde da Caſtanheira, e I. de Caſtro-Dairo, como eſcrevemos a pag. 535, donde ſe vê a ſua eſclarecida deſcendencia. Teve illegitimos entre outros filhos = 14 D. PAULO DE LIMA, famoſo Capitaõ de Chaul, celebre na Hiſtoria da India; porque ſe achou em diſputadas emprezas, em que conſeguio grandes feitos, em immortal gloria do ſeu nome. Caſou com D. Brites, filha de Fernaõ de Montari, de quem ſe naõ conſerva deſcendencia; e tendo conſeguido na ſua vida em tantos combates vitorias, aca-

Decada 10. liv. 8. cap. 17.
Faria, *Aſia Portugueza*, tom. 3. part. 1. cap 7. n. 607.

bou desgraçadamente; voltando para o Reyno, naufragou a Nao, em que vinha com sua mulher, e salvando-se, vieraõ a morrer ao desamparo na Costa da Cafraria.

* 13 D. VIOLANTE DE CASTRO, filha de Diogo Lopes de Lima, casou com Diogo de Miranda, Camereiro mór do Infante Cardeal Dom Henrique, Alcaide mór de Monte-Agraço; e tiveraõ os filhos seguintes: ≍ * 14 MARTIM AFFONSO DE MIRANDA, com quem se continúa. ≍ 14 AYRES GONÇALVES DE MIRANDA, que passou a servir à India, e se diz, que lá casara, cuja successaõ ignoramos. ≍ 14 ANTONIO DE MIRANDA, que servio na guerra de Tangere, onde foy morto. ≍ 14 SIMAÕ DE MIRANDA, morreo moço. ≍ 14 MANOEL DE MIRANDA, que foy Capitaõ de Dio, e casando com Dona Isabel de Vasconcellos, tiveraõ successaõ, a qual naõ sabemos se se conserva. ≍ 14 D. ISABEL DE CASTRO, mulher de Duarte de Mello, Commendador de Monte-Cordova, Capitaõ mór das naos da India, de quem naõ ha successaõ. ≍ * 14 MARTIM AFFONSO DE MIRANDA, foy Camereiro mór, e Guarda mór do Infante Cardeal D. Henrique, Alcaide mór de Monte-Agraço. Casou com D. Joanna de Lima, filha de D. Antonio de Lima, Mordomo mór do Infante D. Duarte, e de sua mulher D. Maria de Bocanegra; e tiveraõ ≍ 15 DIOGO DE MIRANDA, que por morrer no anno de 1588 na jornada de Inglaterra, como tambem seu irmaõ MARTIM

AFFONSO

AFFONSO DE MIRANDA, foy sua herdeira. ⩶ 15 D. MARIANNA DE CASTRO, que morreo a 25 de Mayo de 1632, mulher de Joaõ Gonçalves da Camera, IV. Conde de Atouguia, que morreo a 14 de Abril de 1628, como dissemos a pag. 24 deste Tomo.

* 13 D. MARIA DE CASTRO, filha de Diogo Lopes de Lima, foy segunda mulher de D. Francisco de Castellobranco, III. Senhor de Villa-Nova de Portimaõ, filho segundo dos primeiros Condes de Villa-Nova: foy Camereiro mór delRey D. Joaõ III., o qual sendo muito seu favorecido, e reconhecendo, que ElRey naõ gostava já do seu serviço, largou o officio de Camereiro mór, que havia servido com authoridade, e se retirou à sua Quinta da Povoa. Delle se referem alguns casos, que mostraõ bem a sua inteireza: succedeo hum dia, que acabando de servir a ElRey, chegou o Conde de Redondo à porta da Camera, e entrou; D. Francisco sem lhe dizer nada, sahio para fóra com huma bengalla, e deu no Reposteiro, que tinha à porta; e perguntandolhe o Conde, porque lhe dava, respondeo: *Porque, Senhor, vos deixou entrar sem me dar parte; porque dos homens, como vós, quero que me dem parte.* Em huma occasiaõ hum Desembargador lhe pedio, que fallasse a ElRey, para que pelos seus serviços fizesse a seus filhos Fidalgos, a que lhe respondeo: *Senhor, se o ser Fidalgo he taõ mao, que em nenhuma cousa vos desvelaes, como em os perseguir, para que trabalhais tanto por fazer a vossos filhos Fidalgos?*

Foy

Foy ornado de virtudes, e eſtando para morrer diſ-ſe, que ſempre aborrecera o mentir; de ſorte, que nem à ſua dama mentira nunca. Morreo a 27 de Outubro de 1548. Jaz na Capella mór de S. Martinho de Lisboa; e deſta uniaõ naſceraõ os filhos ſeguintes: ⩶ 14 D. MARTINHO DE CASTELLOBRANCO, IV. Senhor de Villa-Nova de Portimaõ, que depois de ter ſervido em Tangere, ſendo Capitaõ de huma Companhia, ſervio huma Commenda com muitos criados, e cavallos à ſua cuſta, em que ſahio em hum rebate ferido: ſe achou tambem no famoſo cerco de Mazagaõ, em que obrou com diſtincçaõ, e depois na batalha de Alcacere no anno de 1578, onde o mataraõ os Mouros. Havia caſado com D. Joanna da Sylva, neta dos primeiros Condes de Linhares, de quem naõ teve ſucceſſaõ. ⩶ 14 D. DIOGO DE CASTELLOBRANCO, que morreo com ſeu irmaõ na referida batalha, havendo caſado com D. Leonor de Milá, de quem naſceo D. BRANCA DE VILHENA, que veyo a ſer herdeira, e caſou com D. Manoel de Caſtellobranco, II. Conde de Villa-Nova, como ſe diſſe a pag. 454 do Tomo XI. ⩶ 14 D. LUIZ DE CASTELLOBRANCO, que paſſou a ſervir à India; e teve filhos naturaes, de quem ſe naõ conſerva deſcendencia. ⩶ 14 D. GONÇALO DE CASTELLOBRANCO, que tambem paſſou a ſervir à India; e com mayor acordo, deixando aquella vida, tomou o habito de S. Franciſco ⩶ 14 D. MARIA, que morreo de curta idade.

§. II.

§. II.

11 D. GUIOMAR DE CASTRO, filha de Fernaõ de Sousa, foy primeira mulher de Gonçalo Vaz Pinto, II. Senhor de Ferreiros, e Tendaes, Alcaide mór de Chaves, e Monforte, Adiantado de Entre Douro e Minho, e Traz os Montes. Achou-se na batalha de Touro, e na tomada de Azamor com o Duque de Bragança D. Jayme; e desta uniaõ nascéraõ os filhos seguintes: ⩶ * 12 RUY VAZ PINTO, com quem se continúa. ⩶ 12 FERNAÕ PINTO, Commendador de Moimenta, que de sua segunda mulher Dona Isabel Pereira teve a D. BRIOLANJA PEREIRA, mulher de Pedro de Mello, a quem chamaraõ o *Pucaro*, como se disse a pag. 434 deste Tomo. ⩶ 12 DIOGO PINTO PEREIRA, Senhor da Honra de Villa-Mayor, que casou com D. Mecia Pereira, de quem teve successaõ. ⩶ 12 D. CATHARINA DE ATAIDE, mulher de Martim Vaz de Sousa, Alcaide môr de Bragança, em cuja Casa servio, e foy Senhor de Rossas, e delle naõ se conserva descendencia. ⩶ 12 D. MARIA DE ATAIDE, mulher de Heitor Soares de Mello. ⩶ 12 D. JOANNA DE ATAIDE, primeira mulher de Martim Vaz Cernache, de quem naõ teve successaõ. ⩶ * 12 D. CECILIA DE CASTRO, mulher de Henrique de Figueiredo, adiante. ⩶ 12 D. LEONOR DE CASTRO casou com Balthasar de Siqueira, Senhor de Prado, de quem teve ⩶ 13 a D. CATHA-

Histor. Genealogica da Casa Real Portugueza, tom. 5. pag. 511.

CATHARINA DE CASTRO, mulher de Diogo Coutinho, Commendador de Caldellas.

* 12 D. CECILIA DE CASTRO caſou com Henrique de Figueiredo, Commendador da Ordem de Chriſto, Alcaide mór de Borba, e Veador da Caſa do Duque de Bragança Dom Jayme; e tiveraõ = * 13 HEITOR DE FIGUEIREDO, com quem ſe continúa. = 13 AYRES DE FIGUEIREDO, que foy Eſtribeiro mór do Duque de Bragança D. Theodoſio I., que caſando com Dona Brites de Menezes, e tendo muitos filhos, naõ ſabemos ſe delles ſe conſerva deſcendencia. = 13 JAYME BARRETO, que ſervio na India, e foy Capitaõ de Maluco. = 13 DUARTE DE SOUSA, Cavalleiro de Malta, e outros, = 13 e a D. CECILIA DE CASTRO, que caſou com Affonſo Vaz Caminha de Tovar, Alcaide mór de Villa-Viçoſa, de quem teve = * 14 JOAÕ DE TOVAR CAMINHA, Alcaide mór de Villa-Viçoſa, de quem logo ſe dirá. = * 14 E a D. MAGDALENA DE CASTRO, mulher de Fernaõ Rodrigues de Brito, adiante. = * 14 JOAÕ DE TOVAR CAMINHA, foy Commendador de Santo André de Villa-Boa de Quires, e S. Pedro de Babe na Ordem de Chriſto, Alcaide mór de Villa-Viçoſa, Védor da Caſa de Duque de Bragança D. Joaõ I. do nome, e Capitaõ mór da Armada da India no anno de 1588, que caſando duas vezes, de ſua ſegunda mulher D. Iſabel da Cunha teve, entre outros filhos, dos quaes naõ ha deſcendencia, = * 15 a D. MARIA JOSEFA CORTE-REAL, que

que casou com Jeronymo de Castro de Mello, como se dirá adiante.

* 15 HEITOR DE FIGUEIREDO, foy Veador da Casa do Duque D. Theodosio I. do nome, e Alcaide mór de Borba. Casou tres vezes, a primeira com D. Anna Henriques, filha de Henrique Henriques de Miranda, Alcaide mór de Fronteira; e tiveraõ = * 16 AYRES DE MIRANDA, adiante. = 16 D. MARIA HENRIQUES, mulher de André de Sousa. = 16 D. CECILIA HENRIQUES, mulher de Jorge Pessanha, sem geraçaõ. Casou segunda vez com D. Brizida de Moura, filha de Antonio de Moura, sem successaõ. E a terceira vez com D. Antonia de Ataide, filha de Antonio Bocarro de Berredo, e de D. Joanna de Mello sua mulher; e tiveraõ = 16 HENRIQUE DE FIGUEIREDO, que morreo na batalha de Alcacere, sem geraçaõ. = 16 D. JOANNA DE CASTRO, mulher de Manoel de Lacerda, Alcaide mór de Sousel, que morreo na batalha de Alcacer, de quem nasceo D. ANTONIA DE ATAIDE, mulher de Fernaõ de Sousa, Senhor de Gouvea, de quem em outra parte se faz mençaõ. = 16 D. GUIOMAR DE CASTRO, que foy segunda mulher de Fernaõ Rodrigues de Brito, de quem teve HEITOR DE BRITO, Commendador de Malta, e filhas Freiras; e ficando viuva, casou com D. Christovaõ de Noronha, como se disse a pag. 251 do Tomo IX. = 16 D. MARIA DE CASTRO, segunda mulher de Manoel de Mendoça. = * 16 AYRES DE MIRANDA, foy Al-

caide mór de Borba, e Commendador de Monçarás. Casou com D. Brites Esteves, filha do Desembargador Alvaro Esteves, de quem nasceo unico ⩶ 17 HEITOR DE FIGUEIREDO DE MIRANDA, Alcaide mór de Borba, que casou com D. Maria de Sousa, filha de Sebastiaõ de Sousa.

* 14 D. MAGDALENA DE CASTRO, filha de D. Cecilia de Castro, casou com Fernaõ Rodrigues de Brito, Védor da Casa do Duque de Bragança Dom Joaõ I. do nome, e morreo na batalha de Alcacer; e deste matrimonio nasceo ⩶ 15 CHRISTOVAÕ DE BRITO PEREIRA, que casou com D. Luiza de Brito sua prima com irmãa, filha de seu tio Salvador de Brito; e tiveraõ ⩶ * 16 FERNAÕ RODRIGUES DE BRITO, com quem se continúa. ⩶ * 16 SALVADOR DE BRITO, adiante. ⩶ 16 D. FILIPPA, D. N. e D. N. Freiras na Esperança de Villa-Viçosa. ⩶ * 16 FERNAÕ RODRIGUES DE BRITO, Commendador na Ordem de Christo, faleceo a 16 de Abril de 1643, havendo casado com D. Lucrecia de Castro, filha de Christovaõ Borges Corte-Real, e de D. Joanna de Castro sua mulher, de quem teve ⩶ 17 D. JOANNA DE CASTRO, Freira na Encarnaçaõ de Lisboa. ⩶ 17 E CHRISTOVAÕ DE BRITO PEREIRA, de quem fizemos mençaõ a pag. 62 deste Tomo. ⩶ * 16 SALVADOR DE BRITO, que foy Governador do Rio de Janeiro, e casou com D. Brites Pereira, e foraõ pays do Veneravel Joaõ de Brito, que nasceo no anno de 1647, e foy bautizado na Freguesia de Santo André

de

de Lisboa a 29 de Março: ſervio no Paço de Moço Fidalgo, e ſe creou com o Infante D. Pedro, depois Rey, a quem foy muy aceito; e depois tomando a roupeta da Companhia, paſſou no anno de 1673 à India; e occupado na Miſſaõ de Madurê, tendo feito grandes ſerviços, foy coroado de Martyrio a 4 de Fevereiro de 1693, cujo Proceſſo eſtá em Roma taõ adiantado, que eſperamos de o ver brevemente collocado no Altar.

Franco, *Annus Glorioſus Societatis Jeſu*, Pag. 55.

* 15 D. Maria Josefa Corte-Real caſou com Jeronymo de Mello de Caſtro, que depois de ſervir nas Armadas de guarda Coſta, foy Governador do Caſtello de S. Filippe de Setuval, do Conſelho Ultramarino, e Commendador na Ordem de Aviz; e deſte matrimonio naſceraõ. = * 16 Joaõ de Mello de Castro, com quem ſe continúa. = * 16 Diniz de Mello de Castro, Conde das Galveas, adiante. = * 16 Antonio de Mello de Castro, de quem adiante ſe tratará. = * 16 Joaõ de Mello de Castro caſou com Dona Brites de Vargas, filha de D. Martinho de Vargas, Cavalhero natural de Truxillo, que viveo em Eſtremoz, caſado com D. Franciſca da Sylva, de quem teve, entre outros filhos, = 17 a Francisco de Mello de Castro, que ſervio, e occupou varios póſtos, e ultimamente foy Governador, e Capitaõ General de Mazagaõ, e faleceo a 26 de Agoſto de 1727, havendo caſado com D. Maria Joachina da Sylva Pereira, filha herdeira de Manoel da Sylva Pereira,

Guarda mór do Consulado; e tiveraõ = 18 MANOEL BERNARDO DE MELLO E CASTRO. = 18 MARTINHO DE MELLO E CASTRO, Conego na Basilica Patriarcal. = 18 D. VIOLANTE, e D. MAGDALENA.

* 16 DINIZ DE MELLO DE CASTRO, que nasceo a 8 de Março de 1624, e servindo na guerra, occupou os mayores póstos, conseguindo huma immortal memoria: foy o primeiro Conde das Galveas por merce delRey D. Pedro II., de que se lhe passou Carta a 10 de Novembro de 1690, Commendador das Commendas de Santa Martha de Lortelo, Santa Maria de Terradeira, S. Christovaõ de Nogueira, e S. Pedro de Monsarás, na Ordem de Christo, e das dos Collos, e Mougelas, na Ordem de Santiago, e das Galveas na Ordem de Aviz, Couteiro mór da Casa de Bragança, Governador das Armas da Provincia de Alentejo no anno de 1705, em que mandava o Exercito daquella Provincia, e tomou as Praças de Valença de Alcantara, e Albuquerque, havendo já servido na guerra da Acclamaçaõ desde o anno de 1640, até que felizmente se concluîo a paz, em que elle era General da Cavallaria da mesma Provincia, onde o seu valor conseguio gloriosas acções, com que eternizando o seu nome, ajudou a libertar a Patria, como se vê na Historia daquelle tempo, escrita pelo Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes. Das suas esclarecidas acções escreveo hum livro, que imprimio no anno de 1721 seu sobrinho Julio de Mello de Castro. Foy do Conselho de Estado, e Guerra, e hum

e hum dos celebres Generaes do ſeu tempo, em que o valor, e fortuna ſe uniraõ de tal ſorte, que o ſeu nome ſerá immortal; porque naõ cabendo nos limites da Patria, o fizeraõ conhecido na Europa. Morreo a 18 de Janeiro de 1709. Caſou com D. Angela Maria da Sylveira, filha de André Mendes Lobo, Capitaõ de Cavallos na guerra da Acclamaçaõ, e de ſua mulher D. Leonor da Sylveira; e tiveraõ os filhos ſeguintes: ⩶ 17 PEDRO DE MELLO DE CASTRO, II. Conde das Galveas, de quem tratámos a pag. 859 do Tomo IX. ⩶ 17 e ANDRÈ DE MELLO DE CASTRO, IV. Conde das Galveas, que neſte anno de 1747 he Vice-Rey do Eſtado do Braſil, de quem tambem no dito lugar fizemos mençaõ. ⩶ 17 D. MARIA JOSEFA DE MELLO CORTE-REAL, que faleceo em Dezembro de 1723, que caſou com D. Luiz de Almeida, e a ſua deſcendencia fica eſcrita a pag. 822 do Tomo IX.

* 16 ANTONIO DE MELLO DE CASTRO paſſou a ſervir à India, e foy Capitaõ de Sofalla, e hum dos inſignes Capitaens do ſeu tempo, que ſerviraõ naquelle Eſtado, de que foy Governador, e lá caſou com Dona Anna Moniz, filha herdeira de Julio Moniz da Sylva; e tiveraõ ⩶ 17 a JULIO DE MELLO DE CASTRO, que naſceo em Goa no mez de Setembro de 1658; e ſendo moço paſſou a Portugal, e aſſiſtio em Villa-Viçoſa, donde foy Tenente da Tropa do General Conde das Galveas ſeu tio. O ſeu engenho ſublime, e applicado à Poeſia o fez taõ emi-

nente,

nente, que as ſuas Obras conſeguiaõ univerſal applauſo, de que correm muitas impreſſas, e outras ſe conſervaõ com eſtimaçaõ manuſcriptas; aſſim elle teve diſtincto lugar nas Academias deſta Corte, que floreceraõ no ſeu tempo, e ultimamente foy hum dos Academicos, que ElRey noſſo Senhor nomeou no mez de Dezembro de 1720, quando inſtituìo a Academia Real da Hiſtoria. Faleceo a 19 de Janeiro de 1721. Havia impreſſo a Vida de ſeu tio o Conde das Galveas. A' ſua memoria recitou na Academia hum Elogio o Padre D. Joſeph Barboſa, em que a ſua eloquencia fará mais glorioſo o nome de Julio de Mello. Caſou com D. Barbara Joſefa de Bragança, filha de Luiz de Mendoça Corte-Real, Guarda da Caſa da India, e de Catharina de Leaõ de Bragança ſua mulher; e tiveraõ ⩶ 18 D. Anna Victoria de Castro, que naſceo a 3 de Dezembro de 1715, caſou com D. Pedro Manoel de Mello, como ſe diſſe a pag. 223 do Tomo IX. ⩶ 18 D. Maria Isabel de Mello naſceo a 4 de Julho de 1717. ⩶ 18 Antonio Joseph de Mello naſceo a 17 de Mayo de 1719. ⩶ 18 Jeronymo Joseph de Mello naſceo a 30 de Agoſto de 1720.

Collecçaõ da Academia Real do anno de 1721.

* 12 Ruy Vaz Pinto, filho de Gonçalo Vaz Pinto, e de ſua mulher D. Guiomar de Souſa: ſuccedeo na ſua Caſa, foy III. Senhor de Ferreiros, e Tendaes, Alcaide mór de Chaves, Camereiro mór do Duque de Bragança D. Jayme. Caſou com D. Joanna Pereira, filha de Fernaõ Rodrigues Pereira,

Alcaide

Alcaide mór de Ourem, e Monforte, Commendador de Parada, e de ſua mulher D. Helena de Brito Patalim; e tiveraõ ⩶ * 13 Gonçalo Vaz Pinto, com quem ſe continúa. ⩶ 13 Nuno Vaz de Ataide, que foy Clerigo, e Deſembagador do Paço. ⩶ 13 Antonio de Sousa, Cavalleiro de Malta, e Luiz de Tavora, da meſma Religiaõ, e Commendador de Oleiros, e outros, ſem ſucceſſaõ. ⩶ * 13 D. Francisca de Castro, que caſou com D. Chriſtovaõ Manoel, adiante. ⩶ * 13 Gonçalo Vaz Pinto, IV. Senhor de Ferreiros, e Tendaes, Alcaide mór de Chaves, Commendador de S. Salvador de Elvas, e Trinchante do Duque de Bragança D. Theodoſio I. do nome. Caſou com D. Violante Henriques, filha de Henrique Henriques de Miranda, Alcaide mór da Fronteira, e Commendador da Alcaçova de Elvas, de quem teve entre outros filhos, dos quaes naõ ſe conſerva deſcendencia, ⩶ * 14 a Henrique Henriques de Miranda, ⩶ * 14 e D. Joanna Henriques, mulher de D. Franciſco da Coſta, adiante. ⩶ * 14 Henrique Henriques de Miranda foy V. Senhor de Ferreiros, e Tendaes, Alcaide mór de Chaves, e Trinchante do Duque de Bragança Dom Joaõ I. do nome. Caſou com D. Maria de Azevedo, filha de Pedro Caõ da Nobrega, e de ſua mulher Brites Figueira de Azevedo, de quem teve ⩶ * 15 Luiz de Miranda Hhnriques Pinto, com quem ſe continúa. ⩶ 15 D. Joanna Henriques, que caſou com ſeu primo com irmaõ D. Gonçalo da Coſta,

Coſta, Armeiro mór, Commendador de S. Vicente da Beira da Ordem de Aviz. = * 15 Luiz de Miranda Henriques Pinto foy VI. Senhor de Ferreiros, e Tendaes, Commendador na Ordem de Chriſto, Governador, e Capitaõ General da Ilha da Madeira, de que tomou poſſe a 6 de Junho de 1636, e governou até o meſmo mez de 1640. Caſou com ſua prima com irmãa D. Violante Henriques, filha de D. Franciſco da Coſta, e de ſua mulher D. Joanna Henriques; e tiveraõ = * 16 Henrique Henriques de Miranda, com quem ſe continúa. = 16 Francisco de Miranda Henriques, que ſeguio a vida Eccleſiaſtica, e foy Prior de S. Martinho, Conego de Santarem, Deputado da Inquiſiçaõ de Evora, em que entrou a 24 de Janeiro de 1637, e paſſou a Inquiſidor da meſma Meſa a 19 de Dezembro de 1643; e dimittindo eſte lugar, foy Deputado da de Lisboa a 8 de Novembro de 1644, do Conſelho delRey, e ſeu Deſembargador do Paço; e ſendo nomeado Biſpo de Viſeu no anno de 1672, e naõ de Miranda, como diſſemos em outra parte, naõ aceitou: foy Varaõ douto, grave, e authoriſado, com grande eſtimaçaõ. Eſcreveo a Vida de ſua ſobrinha D. Violante; e a ſua fazenda deixou à Miſericordia de Lisboa para beneficio dos pobres. Teve outros irmãos dos quaes naõ ha deſcendencia. = * 16 Henrique Henriques De Miranda, ſendo Capitaõ de Mar, e Guerra morreo affogado no anno de 1637, querendo-ſe ſalvar do naufragio do

Navio

Navio com outros Fidalgos. Havia casado em vida de seu pay com D. Maria Espinosa, e Montecer, de quem teve = 17 LUIZ DE MIRANDA HENRIQUES, que servindo na Campanha de Alentejo no anno de 1658 foy morto, sendo Padrinho de hum desafio de D. Vasco da Gama com D. Joaõ Lobo, VIII. Baraõ de Alvito, de quem foy Padrinho seu irmaõ D. Francisco Lobo; e desta detestavel acçaõ só ficou com vida D. Vasco da Gama. = 17 D. VIOLANTE HENRIQUES, que tomando o habito nas Capuchas da Madre de Deos de Lisboa, acabou santamente a 6 de Julho de 1657. Della fizemos mençaõ na IV. Parte do *Agiologio*, pag. 71.

* 14 D. JOANNA HENRIQUES, que foy Dama da Infanta D. Isabel, mulher do Infante D. Duarte. Casou com D. Francisco da Costa, Commendador de S. Vicente da Beira, Armeiro mór delRey D. Sebastiaõ, Governador, e Capitaõ General do Reyno do Algarve, e no delRey D. Henrique, Embaixador a Marrocos a tratar do resgate dos Fidalgos, que ficaraõ cativos na batalha de Alcacer; e tiveraõ os filhos seguintes: = 15 D. DUARTE DA COSTA, Commendador de S. Vicente da Beira, que morreo solteiro. = * 15 D. GONÇALO DA COSTA, com quem se continúa. = 15 D. ALVARO DA COSTA, que servio na India, e foy Capitaõ de Damaõ; e casando com D. Isabel de Eça, naõ teve successaõ. = 15 D. MARIA DE NORONHA, mulher de D. Marcos de Noronha; e a sua illustre descendencia referi-

mos a pag. 905 do Tomo XI. ⸗ 15 D. Violante Henriques, mulher de ſeu primo Luiz de Miranda Henriques, como fica dito. ⸗ * 15 D. Gonçalo da Costa, foy Armeiro mór, e Commendador de S. Vicente da Beira. Caſou duas vezes, a primeira com D. Joanna Henriques ſua prima com irmãa, filha dos V. Senhores de Ferreiros, e Tendaes, de quem teve ⸗ 16 D. Francisco da Costa, Commendador de S. Vicente da Beira, que morreo na Armada, que naufragou na Coſta de França, de que era General D. Manoel de Menezes, ſendo caſado com Dona Maria de Almeida, de quem naõ ha ſucceſſaõ. Caſou ſegunda vez com Dona Franciſca Coutinho, filha de D. Pedro de Almeida, Commendador de Loures, e de ſua mulher D. Maria Violante Coutinho, de quem teve os filhos ſeguintes: ⸗ 16 D. Pedro da Costa, Armeiro mór, de quem a pag. 907 do Tomo XI. tratámos. ⸗ 16 D. Duarte da Costa, Religioſo Eremita de Santo Agoſtinho. ⸗ 16 D. Antonio da Costa, Carmelita Calçado. ⸗ 16 D. Lopo da Costa, Religioſo Capucho da Provincia de Santo Antonio. ⸗ 16 D. Alvaro da Costa, Religioſo Trino. ⸗ 16 D. Bernarda Coutinho, ſegunda mulher de Dom Noutel de Caſtro, Senhor do Morgado do Torraõ, Governador da Torre de S. Filippe de Setuval; e tiveraõ duas filhas ⸗ 17 D. Marianna de Castro, que caſou com Pedro Severim de Noronha, Secretario das Merces delRey D. Affonſo VI., ſem ſucceſſaõ,

cessaõ, ⁓ 17 e a D. ANNA DE CASTRO, que faleceo no anno de 1666, e casou com Henrique Henriques de Miranda, Commendador de S. Pedro de Torres-Vedras na Ordem de Christo, Tenente General da Artilharia do Reyno, e Provedor dos Armazens da Coroa, que faleceo a 25 de Janeiro de 1709, de quem teve ⁓ 18 D. RODRIGO DE CASTRO MIRANDA HENRIQUES, que veyo a ser herdeiro da Casa de sua mãy. Faleceo no anno de 1703, havendo casado com sua prima com irmãa D. Francisca Xavier da Sylveira, que morreo a 10 de Abril de 1730 sem successaõ, ⁓ 18 e a D. BERNARDA COUTINHO, que foy Religiosa Carmelita Descalça no Convento de Santo Alberto de Lisboa. ⁓ 16 D. ISABEL COUTINHO, Dama da Rainha D. Luiza, casou com D. Marcos de Noronha, como se disse a pag. 907 do Tomo XI. ⁓ 16 D. MIGUEL DA COSTA, que passou a servir à India, e lá casou, e naõ sabemos se delle se conserva descendencia. ⁓ 16 D. MARIA, D. JOANNA, D. VIOLANTE, D. LUIZA, e D. ANTONIA, todas Religiosas no Mosteiro do Salvador de Evora.

* 13 D. FRANCISCA DE CASTRO, filha de Ruy Vaz Pinto, III. Senhor de Ferreiros, e Tendaes. Casou com D. Christovaõ Manoel, filho segundo de D. Joaõ Manoel, VII. Senhor de Chelles, e de sua mulher D. Maria de Montoya. Foy Commendador de Moreiras na Ordem de Christo, que teve no serviço da Casa de Bragança, Alcaide mór de Fontes;

e tiveraõ = * 14 D. Francisco Manoel, com quem se continúa. = * 14 D. Rodrigo Manoel, de quem adiante se tratará. = 14 D. Antonio, e D. Sancho de Vilhena, que servindo na India, lá morreraõ sem estado. = 14 D. Isabel de Mendoça, Dama da Infanta D. Isabel, e casou com seu primo segundo D. Luiz de Noronha, como escrevemos a pag. 250 do Tomo IX. = 14 D. Joanna de Mendoça, Religiosa nas Chagas de Villa-Viçosa, de que foy Abbadessa, e se chamou Sor Joanna de Christo, que viveo em grande observancia, e acabou com opiniaõ de virtude. = 14 D. Maria, Religiosa no dito Convento. = * 14 D. Francisco Manoel, servio, como seu pay, a Serenissima Casa de Bragança, e foy Commendador de Moreiras. Casou com D. Brites da Sylva e Menezes, filha herdeira de Manoel de Abreu Pessanha, Senhor do Morgado de Alcaparinha, e de sua mulher D. Filippa da Sylva; e tiveraõ = * 15 D. Christovaõ Manoel, com quem se continúa. = 15 D. Filippa, D. Isabel, e D. Francisca, Religiosas em S. Domingos de Elvas. = * 15 D. Christovaõ Manoel, foy Commendador de S. Paulo de Maçãas na Ordem de Christo. Casou duas vezes, e de sua segunda mulher D. Joanna de Faria, filha de Gaspar Gil Severim, Executor mór do Reyno, Escrivaõ da Fazenda, e de sua mulher Dona Julianna de Faria, teve = 16 D. Francisco Manoel, que foy Commendador da dita Commenda, passou a servir à India, e

sendo

ſendo Capitaõ mór de huma Armada, morreo pelejando valeroſamente em Malaca com os Hollandezes. ═ 16 D. RODRIGO MANOEL, que havendo caſado com D. Antonia Henriques, filha de Antonio de Miranda Henriques, Commendador de Panoyas na Ordem de Santiago, Deputado da Junta do Commercio; delle naõ ha ſucceſſaõ. ═ * 16 D. SANCHO MANOEL, Conde de Villa-Flor, com quem ſe continúa. ═ 16 D. BRITES DE MENEZES, Religioſa em Santa Clara de Evora. ═ 16 D. MARIA MANOEL, que caſou com Dom Antonio Alvares da Cunha, XVII. Senhor de Taboa, Trinchante delRey Dom Pedro II.; e a ſua illuſtre deſcendencia deixámos referida a pag. 829 do Tomo XI. ═ 16 D. HELENA DE MENEZES, que morreo na flor da idade, ſem eſtado.

* 16 D. SANCHO MANOEL, Senhor do Morgado de Alcaparinha, foy I. Conde de Villa-Flor por Carta paſſada em 23 de Junho de 1661, do Conſelho de Eſtado, e Guerra, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, Commendador das Commendas de S. Nicolao de Cabeceiras de Baſto, Santo Adriaõ de Penha-Fiel, Santa Maria de Marmeleiros na Ordem de Chriſto, Governador da Relaçaõ do Porto, da Torre de Belem, e nomeado Vice-Rey do Braſil, Varaõ grande, que com ſingular valor eterniſou o ſeu nome em glorioſas acções. Sendo de curta idade, o deſtinaraõ ſeus pays à Religiaõ de Malta, e depois de eſtar naquella Ilha, a largou, e tambem o habito, e ſervio em Flandes, e Alemanha, achando-ſe em

em occasioens de muita honra; e voltando ao Reyno a herdar a Casa de seus mayores pela morte de seu irmaõ, passou a servir ao Brasil. Acclamado ElRey D. Joaõ, veyo a servillo na guerra contra Castella, e foy Mestre de Campo, e depois Governador das Armas do partido de Penamacor, donde por muitas vezes veyo de soccorro a Alentejo, principalmente no anno de 1658; e achando-se em Elvas, governou esta Praça, e a defendeo do apertado sitio, que lhe fez o Exercito de Castella: voltou por Governador das Armas da Provincia da Beira, donde passou a governar as de Alentejo; no anno de 1663 a 8 de Julho conseguio a gloriosa batalha do Amexial, com total derrota do Exercito, que mandava Dom Joaõ de Austria; restaurou a Cidade de Evora, de que os inimigos se tinhaõ apoderado, em que entrou triunfante, e vitorioso, deixando à posteridade immortal, e glorioso o seu nome. No anno de 1666 nas festas do casamento delRey D. Affonso VI. foy elle hum dos Senhores, que foraõ guias na festa de Canas, que se fez no Terreiro do Paço. Faleceo a 3 de Fevereiro de 1677, e naõ em 1665, como erradamente se trocaraõ os numeros a pag. 833 do Tomo XI. Casou duas vezes, a primeira com D. Anna de Noronha, que faleceo a 22 de Dezembro de 1665, filha de Gaspar de Faria Severim, do Conselho dos Reys Dom Joaõ IV., e Dom Affonso VI., e seu Secretario das Merces, e Expediente, Commendador, e Alcaide mór de Moura, e de sua mulher D. Marianna de Noronha;

Noronha; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ * 17 D. Christovaõ Manoel, II. Conde de Villa-Flor, adiante. ⩶ 17 D. Henrique Severim Manoel de Vilhena, que succedeo em hum Morgado, que lhe deixou seu avô materno: servio nas Armadas, e nas da India, donde voltando por terra, morreo sem estado, tendo tido em Lisboa natural a D. Christovaõ Manoel. ⩶ 17 D. Gaspar Manoel, Chantre de Evora. ⩶ 17 D. Francisco Manoel, que sendo Commissario da Cavallaria da Corte, morreo desgraçadamente de hum tiro ao meyo dia de 3 de Setembro de 1702. ⩶ 17 D. Joaõ Manoel, Cavalleiro de Malta, de que foy Commendador, e Graõ Cruz. ⩶ 17 D. Antonio Manoel de Vilhena, da mesma Religiaõ, em que tendo occupado os mayores lugares, foy exaltado à Dignidade de Graõ Mestre daquella insigne Ordem Militar a 19 de Junho do anno de 1722, que governou com suavidade, e respeito, deixando naquella Ilha honrada memoria no Forte Manoel, que alli edificou; e morreo a 12 de Dezembro de 1736. ⩶ 17 D. Pedro Manoel, Monge Cisterciense. ⩶ 17 D. Brites de Menezes, que morreo sem estado. Casou o Conde segunda vez com sua sobrinha D. Joanna de Vilhena, que ficando viuva, foy Senhora de Honor da Rainha D. Maria Sofia, de quem teve ⩶ 18 D. Manoel de Vilhena Manoel, e D. Rodrigo de Vilhena Manoel, que morreraõ no mais florecente tempo da idade, sendo de gentil presença, sem estado.

D.

* 17 D. CHRISTOVAÕ MANOEL, foy II. Conde de Villa-Flor, Senhor da Villa de Zibreira, Alcaide mór de Alegrete, e Commendador das referidas Commendas: servio com o Conde seu pay na guerra, achando-se em muitas occasioens, em que se distinguio, mostrando o illustre sangue de quem descendia. No anno de 1704 o tinha nomeado ElRey Dom Pedro II. para servir na Provincia da Beira na Campanha futura; e estando em Santarem morreo a 17 de Julho do dito anno. Naõ casou; teve naturaes em D. Joanna Mascarenhas = 18 D. SANCHO MANOEL, que legitimou, e foy seu herdeiro, Senhor da Villa de Zibreira, Alcaide mór de Alegrete, e Commendador na Ordem de Christo, de quem fizemos mençaõ a pag. 837 do Tomo XI. = 18 D. PEDRO MANOEL. = 18 D. ANNA, Freira em Santo Alberto.

* 14 D. RODRIGO MANOEL, que foy segundo filho de D. Christovaõ Manoel, foy Commendador das Alcaçovas na Ordem de Christo. ElRey D. Filippe II. lhe fez merce da Capitanía de Chaul. Casou duas vezes, a primeira com Dona Isabel de Vilhena, Dama da Infanta Dona Isabel, filha de D. Henrique Henriques, Senhor das Alcaçovas, e de sua mulher D. Branca de Vilhena; e tiveraõ estes filhos = 15 D. CHRISTOVAÕ MANOEL, que morreo em a guerra de Ceilaõ. = 15 D. HENRIQUE MANOEL, que morreo indo para a India. = 15 D. BRANCA DE VILHENA, Freira em Santa Catharina de Sena de Evora.

ra. ⩶ 15 D. FRANCISCA DE VILHENA, ſem eſtado. Caſou ſegunda vez com D. Filippa de Caſtro, filha de D. Alvaro de Caſtro, Senhor do Morgado do Torraõ, e de ſua mulher D. Catharina Henriques; e tiveraõ ⩶ * 15 D. FRANCISCO MANOEL, adiante. ⩶ 15 D. ALVARO DD CASTRO, Religioſo da Ordem de S. Domingos. ⩶ 15 D. THEOTONIO MANOEL, foy Doutor em Canones na Univerſidade de Coimbra, Conego de Evora por renuncia de ſeu tio Dom Fernando de Caſtro, em que entrou a 24 de Mayo de 1624, que teve dez annos, até que no de 1634 renunciou no Doutor Franciſco Nogueira; depois foy Deaõ da dita Igreja, em que entrou a 6 de Setembro de 1647, a que he annexo o Priorado da Villa de Vimiero, por falecimento de D. Franciſco de Lima, que lho havia renunciado. No tempo do ſitio de Evora foy notado de ſeguir o partido de Caſtella: pelo que foy prezo por ſeu parente D. Sancho Manoel, Conde de Villa-Flor, que o remetteo a Lisboa, e eſteve recluſo na Torre de S. Giaõ, onde renunciou o Deado em Martim Affonſo de Mello ſeu ſobrinho: porém depois de livre reclamou a renuncia, e teve ſentença no Cabido a ſeu favor a 19 de Novembro de 1671. Foy Governador do Arcebiſpado de Evora, e teve por Vigario Geral o Doutor Joaõ Velho, depois Conego na dita Sé, e o Doutor EſtevaõĂrioſo, que foy primeiro Biſpo de Pernambuco, e do Funchal. Era de genio ſevero, e vingativo, porém muy eſmoler, e com muita cari-

dade, e era o remedio da pobreza da Villa das Alcaçovas, onde edificou humas nobres casas, e huma bella Capella publica dedicada a S. Theotonio. Aos Padres Agostinhos Descalços fez doaçaõ a 20 de Agosto de 1670 de humas casas para nellas fundarem o seu Convento em Evora, com obrigaçaõ de certas Missas. Faleceo a 3 de Junho de 1674: jaz na sua Sé, mas naõ consta do lugar, como nos participou o Conego Antonio Alvares Lousa. ⩵ * 15 D. CATHARINA DE CASTRO, mulher de Francisco de Mello, adiante. ⩵ 15 D. MARIA DE CASTRO, mulher de Lopo Alvares de Moura, Senhor do Morgado da Corte-Serraõ, como se disse a pag. 465 deste Tomo. ⩵ * 15 D. JOANNA DE VILHENA, mulher de Ascenso de Siqueira, adiante. ⩵ 15 D. SEBASTIANA DE MENDOÇA, Religiosa em Santa Monica de Evora, e D. MARIA MANOEL no de Moura. ⩵ * 15 D. FRANCISCO MANOEL, foy Commendador de Ranhados na Ordem de Christo: servio a Casa de Bragança, como seu pay, que com licença del-Rey lhe renunciou a Capitanía de Chaul, que servio alguns annos; e voltando para o Reyno, se perdeo, e morreo na Costa de França no anno de 1627.

* 15 D. CATHARINA DE CASTRO casou com Francisco de Mello, Commendador de S. Pedro de Gouvea; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩵ * 16 PEDRO DE MELLO, com quem se continúa. ⩵ 16 MARTIM AFFONSO DE MELLO, Doutor em Canones, Collegial do Collegio de S. Paulo, em que entrou a 30

[illegible] Catalogo dos Collegiaes de S. Paulo, [illegible]

30 de Outubro de 1635, Deputado do Santo Officio de Coimbra, de que tomou juramento a 24 de Janeiro de 1641, Conego Doutoral da Sé do Algarve, provido a 12 de Abril do dito anno, Desembargador da Casa da Supplicaçaõ, e dos Aggravos, Provisor do Crato, Deputado da Junta da Cruzada, de que tomou posse a 21 de Janeiro de 1647, Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, em que entrou a 6 de Outubro de 1656. Foy Executor do Breve sobre a nullidade do matrimonio delRey D. Affonso VI., e hum dos Juizes do divorcio, em que deraõ sentença a 18 de Fevereiro de 1669. Neste mesmo anno foy eleito Bispo de Miranda, de que naõ teve effeito. Renunciou nelle seu tio D. Theotonio Manoel o Deado de Evora, que conservou até ser provido no Bispado da Guarda, em que sendo confirmado pelo Papa Clemente X. no anno de 1672, tomou posse a 26 de Novembro do mesmo anno. Nas Cortes do anno de 1674 foy hum dos Prelados, que nellas assistiraõ; e foy nomeado Secretario da Junta, que se formou contra a calumnia dos Christãos novos, que atrevidamente temerarios intentaraõ infamar a justa, e sempre venerada rectidaõ dos Ministros do Santo Officio, em quc o Bispo se houve com hum ardente zelo da Religiaõ, que sempre mostrava. Assim fez Synodo; e no anno de 1681 foy mandado por ordem delRey Dom Pedro visitar, e reformar o Collegio de S. Paulo de Coimbra; e voltando ao seu Bispado, o visitou. Era douto, e ornado de excel-

Leal, *Catalogo dos Bispos da Guarda.*

lentes virtudes, e compoz doutos Commentarios ao sexto livro das Decretaes: foy Ministro inteiro, recto, com grande zelo da Religiaõ, e desejo da extirpaçaõ das heresias, de que lhe nascia hum grande ardor contra os delinquentes Christãos novos. Foy esmoler, e generoso com a sua Igreja, em que deixou diversas memorias. Faleceo na Guarda no primeiro de Agosto de 1684: jaz na Sé daquella Cidade, até ser trasladado para Serpa sua patria, como elle ordena no seu Testamento. ⩶ 16 Roque de Mello, que casou com sua prima D. Angela de Castro, sem successaõ. ⩶ 16 Jorge de Mello, que foy Cavalleiro de Malta. ⩶ 16 D. Luiza de Vilhena, Religiosa no Convento de Béja, onde foy Abbadessa. ⩶ * 16 Pedro de Mello, que foy Commendador de S. Martinho de Pinhel, e de S. Pedro de Gouvea: servio na guerra contra Castella, e foy Mestre de Campo na Beira, e Alentejo, Governador de Serpa, e depois do Rio de Janeiro, donde voltou no anno de 1667, do Conselho de Guerra delRey D. Pedro II. Casou duas vezes, a primeira com D. Leonor de Menezes, irmãa do I. Marquez das Minas, de quem naõ ficou successaõ. E casou segunda vez com D. Theresa de Mendoça, filha de Tristaõ de Mendoça, Commendador de Mouraõ, e Avanca, e de sua mulher D. Helena Manoel; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 17 Francisco de Mello, de quem fallamos a pag. 229 do Tomo XI. ⩶ 17 Joseph de Mello, nasceo em 1662, bautizado em Santa Engracia

gracia

gracia a 12 de Dezembro: foy Collegial de S. Paulo, em que entrou no anno de 1685, e Conego na Sé de Lisboa. Morreo a 25 de Fevereiro de 1736. Teve illegitimos a MARTIM AFFONSO DE MELLO, que he Tenente Coronel da Cavallaria do Regimento de Moura. = 17 PEDRO DE MELLO, servio na India com grande valor, onde morreo em hum combate. = 17 D. MAYOR DE MENDOÇA, Dama do Paço, que morreo a 23 de Mayo de 1686, sendo casada com Tristaõ de Mendoça seu primo, Commendador de Avanca, de quem naõ ficaraõ filhos. = 17 D. HELENA DE MENDOÇA, casou a 12 de Agosto de 1665 com Fernando de Miranda Henriques, de quem nasceo LUIZ DE MIRANDA HENRIQUES, cuja successaõ tratámos a pag. 912 do Tomo XI. = 17 DONA GUIOMAR DE MENDOÇA, Freira no Mosteiro de Santos, de que foy Vigaria, e servio muitos annos de Commendadeira, até que morreo a 26 de Janeiro de 1743. = * 17 D. JOANNA DE MENDOÇA, que casou com Tristaõ da Cunha, adiante. = 17 D. FILIPPA DE MENDOÇA, que casou com D. Joaõ Carcome, como referimos a pag. 33 deste Tomo. = 17 D. CATHARINA DE MHNDOÇA, mulher de Joseph de Sousa da Sylva, com a successaõ, que dissemos a pag. 775 do Tomo XI.

* 17 D. JOANNA DE MENDOÇA casou com Tristaõ da Cunha, que nasceo no anno de 1631, e foy bautizado na Freguesia de Santa Engracia a 24 de Agosto. Servio na guerra, e foy Capitaõ de Cavallos, e Mestre

Mestre de Campo de hum Terço, e depois foy Governador, e Capitaõ General do Reyno de Angola, donde voltando, governou as Armas da Provincia de Traz os Montes; e tiveraõ ⩶ 18 Pedro da Cunha de Mendoça, que lhe succedeo na Casa, como dissemos a pag. 232 do Tomo IX. ⩶ 18 Simaõ da Cunnha, que sendo Capitaõ de Infantaria do Terço, que foy em soccorro de Ceuta, foy morto pelos Mouros em hum combate a 6 de Julho de 1696. ⩶ 18 D. Luiza de Mendoça casou com Jorge de Mello, como se disse a pag. 342 do Tomo V. ⩶ 18 Joseph da Cunha, que foy illegitimo, Monge de Cister, e D. Abbade Geral da sua Congregaçaõ neste Reyno.

* 15 D. Joanna de Vilhena, filha de D. Rodrigo Manoel, e de sua segunda mulher D. Filippa de Castro. Casou com Ascenso de Siqueira, que depois de servir nas Armadas, foy Capitaõ de Mar, e Guerra das Naos da Coroa; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 16 Gaspar de Siqueira, que sendo Capitaõ de Cavallos, morreo pelejando com os inimigos junto a Elvas. ⩶ * 16 Ruy Vaz de Siqueira, com quem se continúa. ⩶ 16 D. Brites de Vilhena, que casou com Lopo Vaz de Siqueira, Senhor de Palma; e tendo filhos, naõ se conserva descendencia. ⩶ 16 D. Theresa Manoel casou com D. Rodrigo Henriques, Senhor da Quinta da Roliça, sem successaõ. ⩶ * 16 Ruy Vaz de Siqueira, foy Commendador de S. Vicente da Beira

na

na Ordem de Christo, Governador, e Capitaõ General do Maranhaõ. Casou com D. Francisca Freire, filha de Dom Martinho de Mello, e de sua mulher Dona Joanna Freire de Andrade, de quem teve ⩶ * 17 ASCENSO DE SIQUEIRA, com quem se continúa. ⩶ 17 D. JOANNA DE VILHENA, que casou com Diogo de Mendoça Corte-Real, Senhor do Morgado de Marim no Reyno do Algarve, de quem teve ⩶ 18 D. FRANCISCA DE MENDOÇA, que easou com Lourenço Ayres de Sá, Senhor do Prazo de Anadia, sem successaõ. ⩶ 17 D. ISABEL DE VILHENA, sem estado. ⩶ * 17 ASCENSO DE SIQUEIRA FREIRE, foy Commendador de S. Vicente da Beira. Casou com D. Joanna Helena de Sousa, filha herdeira de Vasco Martins de Sousa Chichorro, e de sua mulher D. Leonor de Tavora; e tiveraõ ⩶ 18 RUY VAZ DE SIQUEIRA, que succedeo na Casa de seu pay, e no Morgado de sua mãy, e he Commendador de S. Vicente da Beira. ⩶ 18 VASCO DE SIQUEIRA. ⩶ 18 LOPO VAZ DE SIQUEIRA, que nasceo no anno de 1695, e foy bautizado a 8 de Março em S. Vicente de Fóra: seguio a Universidade de Coimbra, em que se laureou Doutor em Canones, e he Prelado da Santa Igreja de Lisboa. ⩶ 18 JOAÕ DE SIQUEIRA, Cavalleiro de Malta, que morreo a 5 de Novembro de 1740.

CAPI-

CAPITULO XII.

De Antonio de Sousa, III. Senhor de Gouvea.

11 NO Capitulo XI. se disse, que de Fernaõ de Sousa, Senhor de Gouvea, e de sua segunda mulher D. Mecia de Castro, fora segundo filho Antonio de Sousa, que veyo a succeder na sua Casa, e foy III. Senhor de Gouvea, Alcaide mór de Monte-Alegre, Piconha, e Portel; e servio a Serenissima Casa de Bragança. Casou com D. Branca de Vilhena, filha de Diogo de Azevedo, Senhor de S. Joaõ de Rey, e de D. Maria de Vilhena Coutinho sua primeira mulher; e tiveraõ os filhos seguintes:

12 FERNAÕ DE SOUSA, como se dirá no Capitulo XIII.

12 D. MARIA DE VILHENA, Dama do Paço da Duqueza de Bragança, que casou com Antonio de Araujo, Fidalgo Castelhano, de quem naõ sabemos geraçaõ.

CAPI-

CAPITULO XIII.

De Fernaõ de Sousa, IV. Senhor de Gouvea.

12 FOy successor de Antonio de Sousa, Senhor de Gouvea, como dissemos no Capitulo passado, seu filho Fernaõ de Sousa, que foy IV. Senhor de Gouvea, Alcaide mór de Monte-Alegre, Piconha, e Portel, e foy hum dos Fidalgos, que assistiraõ ao serviço da Serenissima Casa de Bragança com grande respeito. Casou com D. Filippa de Mello, filha de Duarte Peixoto, Senhor de Penha-Fiel, do Conselho delRey D. Manoel, e delRey D. Joaõ III., e de sua primeira mulher D. Joanna de Mello; e desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes:

13 Antonio de Sousa, que morreo moço sem estado.

13 Martim Affonso de Sousa, de quem no Capitulo XIV. se fará mençaõ.

13 D. Branca de Ataide, que foy Religiosa de Cister no Mosteiro de Lorvaõ.

13 Martim Affonso de Sousa, illegitimo, de quem se naõ sabe descendencia.

CAPITULO XIV.

De Martim Affonso de Sousa, V. Senhor de Gouvea.

13 SUccedeo na Casa por morte de seu irmaõ, Martim Affonso de Sousa, e foy V. Senhor de Gouvea, Alcaide mór de Monte-Alegre, e Sousel, Commendador de Santa Maria de Biade, e Santo André de Noaes na Ordem de Christo, Veador da Casa do Duque de Bragança D. Joaõ I., e de D. Theodosio II. do nome, que com outros Fidalgos o acompanhou quando sahio da sua Corte a visitar os Governadores do Reyno, como deixámos escrito em seu proprio lugar. Casou com D. Joanna de Tovar, filha de Vasco Fernandes Caminha, Alcaide mór de Villa-Viçosa, Camereiro mór do Duque de Bragança D. Theodosio I., e de D. Cecilia de Carvalho sua mulher, e tiveraõ larga successaõ nos filhos seguintes:

Historia Genealogica, tom.6. pag.339.

Nobiliarios de D. Luiz Lobo, e Diogo Gomes de Figueiredo.

14 FERNAÕ DE SOUSA, Capitulo XV.

14 GONÇALO DE SOUSA, sem estado.

14 VASCO MARTINS DE SOUSA, sem estado.

14 JOAÕ RODRIGUES DE SOUSA, Cavalleiro de Malta, acompanhou a ElRey D. Sebastiaõ ambas as vezes, que passou à Africa, e foy morto na batalha do anno de 1578.

MAR-

14 MARTIM AFFONSO DE SOUSA, que foy Clerigo, Abbade de Ferreiros, &c.

14 D. MARIA COUTINHO, foy Dama da Infanta D. Isabel, mulher do Infante D. Duarte, e primeira mulher de D. Diogo de Lima, Commendador de Victorinho, e das Pias, na Ordem de Christo, Camereiro mór do Infante D. Luiz, e depois do Senhor D. Duarte, do Conselho delRey D. Filippe II.; e tiveraõ os filhos seguintes: = 15 D. ANTONIO DE LIMA, foy Capitaõ de Ormuz, achou-se no famoso sitio de Chaul: morreo sem estado. = 15 D. DUARTE DE LIMA, Commendador de Carrezedo na Ordem de Christo, foy Governador da Mina, e morreo tambem sem estado. = 15 D. ANTONIO DE LIMA, outro do mesmo nome de seu irmaõ, foy Religioso da Companhia de Jesus. = 15 D. JOANNA DE LIMA, que casou com D. Luiz Lobo da Sylveira, V. Senhor de Sarzedas, &c. e a sua illustre descendencia escrevemos a pag. 897 do Tomo XI.

14 D. CECILIA DE CASTRO, que foy Dama da Senhora Dona Maria, Princeza de Parma, que a acompanhou, e lá casou com o Conde Antonio Somaglie; e tiveraõ este filhos = 15 o Conde MANOEL FILISBERTO SOMAGLIE. = 15 O Conde FERANTE SOMAGLIE, Capitaõ de Cavallos em Flandes, e do Conselho de Guerra, = e a DEIDAMIA SOMAGLIE, que casou com Octavio Visconte, Conde de Gamaleria, Cavalleiro do Tosaõ, que morreo a 11 de Junho de 1632, sem successaõ.

Imhoff, *Stemmat. Desideriani*, stirps X. pag. 160.

14 D. Francisca de Castro, Religiosa em Arouca da Ordem de Cister.

14 D. Isabel, D. Clara, e D. Catharina de Vilhena, Religiosas nas Chagas de Villa-Viçosa da Ordem Serafica.

14 D. Francisca de Vilhena, que morreo sem estado.

14 Antonio de Sousa, illegitimo, que foy Religioso da Ordem de S. Francisco, e Provincial della.

14 D. Francisca de Vilhena, tambem illegitima, Freira em Santa Clara de Amarante.

CAPITULO XV.

De Fernaõ de Sousa, VI. Senhor de Gouvea.

14 SUccedeo a Martim Affonso de Sousa nos seus Morgados, e Casa, seu filho Fernaõ de Sousa, que servio no Paço, sendo Moço Fidalgo do Infante D. Henrique, Cardeal: foy VI. Senhor de Gouvea, e Alcaide mór de Sousel, Commendador de Biade, e Noaes, na Ordem de Christo, e Veador da Casa do Serenissimo Duque de Bragança D. Theodosio II.; e passando ao serviço delRey Dom Filippe IV. quando dominava Portugal, o fez Governador, e Capitaõ General do Reyno de Angola no anno de 1627. Casou duas vezes, a primeira com D. Antonia

nia de Ataide, filha herdeira de D. Manoel de Lacerda Caminha, Alcaide mór de Soufel, e de sua mulher D. Joanna de Castro, de quem naõ ha successaõ; porque morreo o filho, que tiveraõ. Casou segunda vez com D. Maria de Castro, filha de D. Simaõ de Castro, Senhor de Reriz, Bem-Viver, &c. e de sua mulher D. Margarida de Menezes, e tiveraõ os filhos seguintes:

15 MARTIM AFFONSO DE SOUSA, passou à India no anno de 1614, e lá servio, e foy Capitaõ mór das Armadas, e morreo sem geraçaõ.

15 GONÇALO DE SOUSA, que servio em Africa, e em Flandes: achou-se na restauraçaõ da Bahia, e na Armada, que se perdeo na Costa de França, em que pelejou valerosamente, sendo Capitaõ de hum Galeaõ, que foy o que só escapou, de que sahio mal ferido, e estropeado de huma perna. Morreo solteiro, tendo succedido na Casa, e Commendas de seu pay.

15 DIOGO DE SOUSA, Arcebispo de Evora, como se dirá no Capitulo XVI.

15 SIMAÕ DE SOUSA, Cavalleiro de Malta.

15 JERONYMO DE SOUSA, que morreo sem estado.

15 THOMÈ DE SOUSA, que occupará o Capitulo XVII.

15 MANOEL DE SOUSA, e GASPAR DE SOUSA, que tambem foraõ Cavalleiros de Malta.

15 ANTONIO DE SOUSA, que passou a servir à India, e lá morreo.

15 D. Helena de Sousa, D. Joanna de Tovar, e D. Margarida de Castro, Religiosas em Arouca da Ordem de S. Bernardo.

CAPITULO XVI.

De Diogo de Sousa, Arcebispo de Evora, do Conselho de Estado, &c.

15 NAõ succedeo na Casa de seus pays Diogo de Sousa pela morte de seu irmaõ, por ter seguido a vida Ecclesiastica, para ser hum dos mais authorisados Prelados do seu tempo. Estudou na Universidade de Coimbra Direito Canonico, em que sahio consummado Letrado, e foy Collegial de S. Pedro da mesma Universidade, eleito a 18 de Novembro de 1630, Arcediago de Santa Christina, Deputado do Santo Officio em Evora, em que entrou a 12 de Julho de 1634, e promovido à de Lisboa: nesta Inquisiçaõ tomou juramento a 27 de Setembro de 1635. Passou depois para Inquisidor de Coimbra, de que tomou juramento a 22 de Fevereiro de 1637, e promovido a Inquisidor de Lisboa, entrou a 5 de Agosto de 1639. Foy depois Deputado do Conselho Geral do Santo Officio, em que entrou a 27 de Setembro de 1642, e da Mesa da Consciencia, e Ordens, em que entrou a 15 de Novembro de 1644, de que se desonerou pelas suas muitas occupações, por Decreto

Decreto de 28 de Setembro de 1656, Viſitador das Inquiſições do Reyno, Sumilher da Cortina, Eſmoler mór, Reformador das Ordens Militares, do Conſelho de Eſtado delRey D. Affonſo VI., e do Principe Regente. Em lugar taõ grande brilhou o zelo; porque amando a juſtiça, ſe premiavaõ os benemeritos, ſendo o ſeu voto livre da liſonja, e ſó dirigido ao bem publico, e ſerviço da Patria; porque o deſinreresse, o ajuſtado da vida, em hum genio ſerio, e acre, com amor da verdade, o incitavaõ a votar com toda a liberdade nos negocios do Reyno, em que teve no ſeu tempo muita parte; porque o eminente lugar do Conſelho de Eſtado occupou muitos annos antes da Dignidade de Arcebiſpo. Foy eleito Biſpo de Leiria, que naõ teve effeito, e Arcebiſpo de Evora, de que tomou poſſe por ſeu Procurador o Doutor Joaõ Velho, Vigario Geral de Evora, a 22 de Junho do anno de 1671, que regeo com grande zelo, e authoridade, a qual conſeguio em todos os lugares, que aceitou; porque foy ornado de muitas virtudes, que o fizeraõ reſpeitado. A ſua memoria ſerá eterna na ſua Igreja Metropolitana de Evora, cujas grandes rendas deſpendeo em beneficio dos pobres com maõ muy larga, tratando a ſua caſa com cuidadoſa parcimonia, e a ſua peſſoa com deſprezo; porque a ſua cama era pobriſſima, coberta com huma manta; aſſiſtindo com equidade, e com prompto remedio à neceſſidade envergonhada, com ſecretas eſmolas às peſſoas, que as mereciaõ. Finalmente celebrou

lebrou Synodo Provincial no anno de 1677 com grande proveito da sua Diocesi, que visitou frequentemente, especialmente o Campo de Ourique, fazendo bastante residencia na Villa de Messejana, por estar affastado da Corte, onde naõ foy senaõ precisado, e por pouco tempo. No anno de 1675 fez a visita *ad limina Apostolorum* por seu Procurador o Conego Vicente Amado de Brito seu Ministro, em quem concorreraõ letras, e virtudes, para estimaçaõ deste exemplar Prelado. Na sua Relaçaõ teve por Governador Presidente a seu sobrinho Dom Luiz de Sousa, em quem concorriaõ tantas virtudes, que por sua morte, o Cabido, e Senado da Camera de Evora o pedio para seu Arcebispo. Havia nomeado, com faculdade Real, para seu Bispo Coadjutor ao Padre Filippe da Rocha, Religioso Trino, que faleceo antes de lhe chegarem as Bullas; e no mesmo lugar nomeou a D. Fr. Bernardino de Santo Antonio, Bispo de Targa, Religioso de S. Francisco da Provincia dos Algarves, benemerito por letras, e costumes, que depois se conservou com seu successor, e morreo em 1699. Foy hum dos mais insignes Prelados desta Igreja, e foy Senhor de Figueiró, e Pedrogaõ, que alcançou por demanda, por morte de Dona Anna de Menezes, I. Condessa de Figueiró, sem successaõ, Senhora de Pedrogaõ, e Figueiró. Morreo em 23 de Janeiro de 1678. Jaz na sua Sé na sepultura, que em vida mandara lavrar, em que muitas vezes havia entrado, tomando posse do lugar; e nella se lê este breve Epitafio:

Aqui

Sepultura de D. Diogo de Sousa, Arcebispo de Evora, filho legitimo de Fernaõ de Sousa, e de D. Maria de Castro, Senhor de Gouvea. e do Conselho de Sua Magestade, Governador, e Capitaõ General, que foy do Reyno de Angola. Faleceo a 23 de Janeiro de 1678.

CAPITULO XVII.

De Thomé de Sousa, VII. Senhor de Gouvea.

15 ENtre os filhos de Fernaõ de Sousa, Senhor de Gouvea, e de sua mulher Dona Maria de Castro, foy o sexto na ordem do nascimento Thomé de Sousa, que por falta de seus irmãos, succedeo na Casa, e foy VII. Senhor de Gouvea de Riba-Tamega, Avoco da Serra, na Comarca da Guarda, Padroeiro da Abbadia de Santa Maria de Villaça, Commendador de Santa Maria de Villaça, e Santa Maria de Gondar, na Ordem de Christo, Commendador de Messejana na Ordem de Santiago, Alcaide mór de Monte-Alegre. Tornou ao serviço da Casa de Bragança, que seu pay havia largado depois da morte da Senhora D. Catharina; e sendo o

Duque D. Joaõ exaltado ao Throno de ſeus avós, foy Védor da ſua Caſa, officio que tem ſervido os ſeus deſcendentes. Morreo em Elvas. Caſou com D. Franciſca de Menezes, filha de D. Joaõ de Caſtellobranco, e de D. Cecilia de Menezes, filha de D. Joaõ Coutinho, IV. Conde de Redondo, e da Condeſſa D. Franciſca da Sylveira; e tiveraõ os filhos ſeguintes:

16 FERNAÕ DE SOUSA, Capitulo XIX.

16 JOAÕ DE SOUSA, Arcebiſpo de Lisboa, como ſe verá no Capitulo XVIII.

16 D. CECILIA, e D. MARIA DE MENEZES, Religioſas no Moſteiro de Santa Martha de Lisboa.

CAPITULO XVIII.

De D. Joaõ de Souſa, Arcebiſpo de Braga, e Lisboa, do Conſelho de Eſtado.

16 NAſceo na Cidade de Lisboa no anno de 1647 Joaõ de Souſa, e bautizado na Fregueſia de S. Joſeph a 9 de Abril, foy ſegundo filho de Thomé de Souſa, Senhor de Gouvea, como diſſemos no Capitulo antecedente; e ſendo deſtinado para a vida Eccleſiaſtica, foy educado na Caſa de ſeu tio o Arcebiſpo D. Diogo de Souſa, onde o exemplo o conduzio ao exercicio das virtudes, que depois brilharaõ de ſorte, que foy com o tempo hum dos

dos mais excellentes Prelados, que occuparaõ as Cadeiras das Diocesis, que elle governou. Estudou na Universidade de Coimbra os Sagrados Canones; e sendo associado ao Collegio de S. Pedro, entrou nelle a 17 de Dezembro de 1667. Acabou os seus estudos com applauso; os seus costumes, e vida, o distinguiaõ; e assim entrou no serviço do Santo Officio no lugar de Deputado de Evora, sendo já Arcediago de Santa Christina, hum dos Beneficios rendosos do Arcebispado de Braga. Governava a Metropolitana Igreja de Evora seu tio o Arcebispo D. Diogo de Sousa, e o fez Presidente da Relaçaõ Ecclesiastica; e sendo promovido a Deputado da Inquiçaõ de Lisboa, tomou posse a 9 de Julho de 1678, e ao mesmo tempo Sumilher da Cortina do Principe Regente; e com este emprego passou no anno de 1682 na Armada, que havia de conduzir o Duque de Saboya, para o servir; e voltando ao Reyno, depois vagando o Bispado do Porto, foy nomeado Bispo daquella Igreja, que elle aceitou, persuadido das fortes razoens, com que venceo a sua repugnancia, o Veneravel Bartholomeu do Quental, havendo já regeitado o de Miranda; e depois de confirmado pela Sé Apostolica, e sagrado, fez a sua entrada publica naquella Cidade a 17 de Setembro de 1684, onde luzio a sua caridade com os pobres, com quem despendeo sempre todas as suas rendas. No anno de 1696 se achava em a Corte, onde o trouxera huma contenda, que tivera com o Cabido, sobre o lugar, que de-

deviaõ ter os ſeus Miniſtros, querendo que na occaſiaõ dos Pontificaes tiveſſem o aſſento nas Cadeiras das Dignidades, o que o Cabido repugnou fortemente. Neſte anno ſe atearaõ geralmente na Cidade do Porto humas doenças malignas, que lavraraõ com grande opreſſaõ, e laſtima da Cidade; e neſta epidemia acodio o Biſpo com generoſa caridade, mandando de Lisboa aſſiſtir a todos os pobres, e neceſſitados, de tudo o que lhe foſſe preciſo, naõ ſó para a doença, mas para o regalo, com admiravel providencia, e aſſim foraõ muy largas as deſpezas; de ſorte, que ſe empenhou em vinte mil cruzados. Neſta Cidade naõ ſó ſe via a caridade com os pobres, mas o amor, e devoçaõ do Prelado; porque todas as vezes, que de noite ſahia o Santiſſimo, que ſe levava por Viatico aos enfermos, elle lho adminiſtrava, e ſe era pobre, ſoccorria com larga eſmola; de ſorte, que a toda a neceſſidade acodia com promptidaõ. Todos os Sabbados hia à Sé a dizer Miſſa rezada no Altar do Senhor, que intitulaõ de Além. O ſeu Biſpado viſitou, e com zelo reformou coſtumes, adminiſtrou por ſuas mãos Sacramentos, promoveo virtudes, chamou Miſſionarios, convocou Synodo, e ordenou Conſtituições, que ſe imprimiraõ no anno de 1690; aſſim amava as ſuas ovelhas, e ellas com exceſſivo affecto o reſpeitaraõ, como ſe vio nas occaſioens, que paſſou pela Cidade do Porto, quando provido a Arcebiſpo Primaz paſſou para Braga: aqui brilhou a caridade do Arcebiſpo; porque eraõ exceſſivas as eſmolas,

molas, e ainda mayor o amor do proximo, como se vê do caso seguinte. Achava-se em huma occasiaõ duas legoas de Braga, e adoeceo hum pobre, que passava pela estrada, logo o recolheo, e lhe mandou dar a sua cama, em que dormia, naõ tendo outra; naõ quiz aceitar a propria de hum criado, que com instancia lhe rogava, se servisse della. Viveo sempre com tal parcimonia, que naõ tinha mais que huma cama pobre; e de sorte, que estando doente, ordenou o Medico, que lhe mudassem o cobertor da cama por ser de lãa, e naõ houve no movel do Arcebispo huma colcha para a sua cama, e se remediou com hum pano de hum bofete. Esta era a pobreza do Arcebispo, sendo taõ largas as esmolas, que fez, que constou dos livros da sua casa, no tempo que esteve no Porto, e em Braga, despender hum milhaõ e duzentos mil cruzados em beneficio dos pobres. Teve grande zelo do bem das suas ovelhas; assim foy vigilante em visitar as suas Diocesis, e cuidadoso em lhe mandar Missionarios, que as instruissem; e assim dissipava os vicios, e arrancava os abusos. Promovido no fim do anno de 1703 de Braga para Lisboa, em que entrou no anno seguinte, nelle foy nomeado do Conselho de Estado. Continuou em despender todas as suas rendas com os pobres; de sorte, que em seis annos, e quasi sete mezes, que occupou a Cadeira de Lisboa, despendeo cem contos oitocentos e cinco mil e oitocentos e trinta e hum real em esmolas, e se mais tivera, mais lhe dera. Delle se referem

rem algumas cousas prodigiosas, e entre ellas affirmou com juramento o seu Mordomo, que ordenandolhe tirasse dez mil cruzados para esmolas particulares occultas, contando depois o dinheiro, que ficara, achou naõ lhe faltarem os dez mil cruzados, que tirara; favor, que lemos succedido a outros Santos Prelados esmoleres. A sua bençaõ serenou de repente huma grande tormenta, que tendo já feito dar à costa dous Navios da frota do Porto ao entrar da barra, livraraõ os mais, que estavaõ no mesmo perigo: prodigio que deu motivo a alguns Hereges para se reconciliarem à Igreja Catholica Romana. Vendo-o dous na Villa de Vianna celebrar o Santo Sacrificio da Missa com tanta devoçaõ, e ternura, que movidos interiormente, abjuraraõ os seus erros, reconciliando-se com a Igreja Catholica. Nos ultimos annos da sua vida padeceo algumas molestias, que o impossibilitavaõ a poder cumprir com as obrigações da sua Dignidade, que conservou sempre com respeito, e amor dos subditos. Os seus merecimentos o lembraraõ aos Reys D. Pedro II., e a ElRey Dom Joaõ V. para a nomina de Cardeal nacional, que a morte lhe tirou; e como quem a esperava anticipadamente, mandou repartir as esmolas das Missas, que se lhe haviaõ de dizer depois de morto, em sua vida, depositando-as em todos os Conventos de Religiosos, querendo que se lhe naõ detivesse este importantissimo soccorro. Finalmente morreo a 29 de Setembro de 1710. Deixou por seu herdeiro ao Conde de Redondo

dondo seu sobrinho, e foy taõ pouco, que naõ bastou para o Funeral, ordenando que o enterrassem no Cemiterio dos pobres; e assim jaz sem Epitafio em sepultura humilde na sua Sé, hoje Basilica de Santa Maria, onde por ordem de seu sobrinho o Conde de Redondo Thomé de Sousa, se lhe celebraraõ as ultimas honras com magnificencia, em que fez a Oraçaõ Funebre o Doutor Francisco de S. Bernardo, que se imprimio no referido anno.

CAPITULO XIX.

De Fernaõ de Sousa, Conde de Redondo.

16 SUccedeo em toda a Casa de Thomé de Sousa, Senhor de Gouvea, seu filho primogenito Fernaõ de Sousa de Castellobranco Coutinho e Menezes, foy VIII. Senhor de Gouvea, Figueiró, e Pedrogaõ, Alcaide mór de Monte-Alegre, Portel, e Villa-Viçosa, Commendador das Commendas de Santa Maria de Gondar na Ordem de Christo, e da de Messejana na Ordem de Santiago, Védor da Casa delRey D. Affonso VI., D. Pedro II., e Dom Joaõ V., que o creou Conde de Redondo, de que se lhe passou Carta a 2 de Março de 1707, recompensando assim os seus serviços, e dos seus mayores, e em attençaõ de ser filho de D. Francisca de Menezes, irmãa de D. Francisco de Castellobranco, VIII. Conde

Conde de Redondo, e ultimo possuidor daquella linha. Naõ logrou muito o Conde Fernaõ de Sousa esta Dignidade; porque morreo a 5 de Julho do referido anno. Foy hum Fidalgo serio, de consciencia ajustada, devoto, e applicado à vida espiritual; e assim viveo sempre com exemplo, e authoridade. Casou com D. Luiza Simoa de Portugal, Senhora de grandes virtudes, muy dada à vida espiritual, em que se exercitou com tanta devoçaõ, que foy o exemplar da Corte. Faleceo a 28 de Março de 1723. Os Padres da Congregaçaõ de S. Filippe Neri desta Corte lhe fizeraõ humas solemnes Exequias, como a sua insigne bemfeitora, e fez a Oraçaõ Funebre o Padre Pedro Alvares da mesma Congregaçaõ, Varaõ douto, em quem concorreraõ excellentes virtudes, que o fizeraõ universalmente estimado na nossa Corte, o qual se imprimio em 1742. Era filha de D. Rodrigo da Sylveira, I. Conde de Sarzedas, e da Condessa D. Maria Antonia de Vasconcellos, como dissemos a pag. 238 do Tomo V.; e tiveraõ os filhos seguintes:

17 THOMÈ DE SOUSA, Conde de Redondo, Capitulo XX.

17 RODRIGO DE SOUSA nasceo no anno de 1680, e foy bautizado a 27 de Julho na Freguesia de S. Joseph de Lisboa: foy Porcionista do Collegio de S. Pedro de Coimbra, onde foy aceito a 20 de Julho de 1697, Arcediago de Villa-Nova da Cerveira na Sé de Braga; o qual deixando a vida Ecclesiastica,

casou

casou com D. Maria Antonia de Menezes Paim, irmãa da Condessa de Alva D. Constancia Luiza Paim, filhas de Roque Monteiro Paim, Secretario delRey D. Pedro II., do seu Conselho, e da Fazenda, Senhor da Honra de Alva, &c. e de sua mulher D. Joanna de Menezes, como se disse a pag. 463 do Tomo IX.; e tem os filhos seguintes: ⩶ 18 D. LEONOR JOSEFA DE PORTUGAL, que nasceo em Novembro de 1722. ⩶ 18 VICENTE ROQUE JOSEPH MONTEIRO PAIM. ⩶ 18 FRANCISCO JOSEPH MONTEIRO PAIM, que nasceo gemeo com o dito seu irmaõ. ⩶ 18 ROQUE JOSEPH DE SOUSA nasceo em Fevereiro de 1727. ⩶ 18 ANTONIO DE SOUSA nasceo em Outubro de 1729, faleceo de tenra idade. ⩶ 18 D. MARIA DA GRAÇA nasceo em Outubro de 1730. ⩶ 18 FERNANDO DE SOUSA nasceo em Agosto de 1732, morreo menino.

17 FILIPPE NERI DE SOUSA nasceo no anno de 1684, e foy bautizado na dita Freguesia de S. Joseph a 13 de Dezembro. Foy Porcionista do Collegio de S. Pedro de Coimbra, eleito a 28 de Fevereiro de 1709: foy Conego na Sé Metropolitana de Lisboa, Deputado do Santo Officio na mesma Cidade, em que entrou a 18 de Outubro de 1715, e Sumilher da Cortina, e he Principal da Santa Igreja de Lisboa.

17 JOAŌ DE SOUSA DA SYLVEIRA nasceo a 2 de Janeiro do anno de 1691, e foy bautizado a 15 do dito mez, e he Principal da dita Santa Igreja.

17 GONÇALO DE SOUSA COUTINHO nasceo a

21 de Abril do anno de 1692, e bautizado no primeiro de Mayo: foy Porcionista no dito Collegio, e he Principal da Santa Igreja de Lisboa.

17 DIOGO DE SOUSA nasceo a 3 de Mayo de 1695, e foy bautizado a 13 do dito mez. Entrou na Religiaõ dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, e depois foy Prior de Santa Cruz do Castello de Lisboa, e Conego da Basilica Patriarcal, e ao presente Prelado da dita Igreja.

17 D. MARIA ROSA DE PORTUGAL casou a 4 de Julho de 1708 com D. Pedro de Castellobranco, III. Conde de Pombeiro, de quem ficando viuva a 2 de Abril de 1733, sem successaõ, ElRey a nomeou depois Commendadeira do insigne Mosteiro de Santos, lugar que exercita.

17 D. JOANNA GUALBERTA DE PORTUGAL nasceo em 1693, e foy bautizada em S. Sebastiaõ da Pedreira a 18 de Julho, Religiosa professa na Annunciada de Lisboa.

17 D. FRANCISCA, e D. FILIPPA, sem estado.

D. Luiza

- D. Luiza Simoa de Portugal, mulher de Fernaõ de Souſa, Cõde de Redondo.
  - Dom Rodrigo da Sylveira, I. Conde de Sarzedas, Vice-Rey da India.
    - D. Luiz Lobo da Sylveira, V. Senhor de Sarzedas, e Sovereira Fermoſa, &c.
      - D. Rodrigo Lobo, Commendador da Ordem de Chriſto, &c.
        - D. Luiz Lobo, Pagem da lança do Principe D. Joaõ.
          - D. Diogo Lobo, II. Baraõ de Alvito, ✱ no anno de 1522.
          - D. Joanna de Noronha, filha de D. Joaõ de Almeida, Conde de Abrant.
        - D. Maria Coutinho.
          - D. Luiz Coutinho, Commendador da Ordem de Chriſto.
          - D. Leonor de Mendanha, filha de Pedro de Mendanha, Alcaide mór.
      - D. Maria de Noronha da Sylveira, IV. Senhora de Sarzedas.
        - Fernaõ da Sylveira, III. Senhor de Sarzedas.
          - Franciſco da Sylveira, II. Senh. de Sarzedas, ✱ a 25 de Nov. 1534.
          - D. Margarida de Noronha, filha de D. Joaõ de Nor. o *Dentes*, ✱ 1531.
        - D. Grimaneza Maſcarenhas, ſegunda mulher.
          - Pedro de Ocem de Almeida.
          - D. Iſabel Maſcarenhas, filha de Alvaro Maſcarenhas, Commendador de Çamora Correa.
    - Dona Joanna de Lima.
      - D. Diogo de Lima, Camereiro mór do Infante D. Luiz.
        - D. Antonio de Lima, Mordomo mór do Infante D. Duarte.
          - D. Diogo de Lima, Capitaõ de Cochim.
          - D. Catharina Roſa, filha de Antonio Fernandes Menagem.
        - Dona Maria Boca-Negra.
          - Franciſco Velaſques de Aguilar, Trinchante do Principe D. Joaõ.
          - D. Cecilia de Mendoça, filha de D. Fradique Manrique Portocarreiro.
      - D. Maria Coutinho.
        - Martim Affonſo de Souſa, Senhor de Gouvea.
          - Fernaõ de Souſa, Senhor de Gouvea.
          - D. Filippa de Mello, filha de Duarte Peixoto, Senhor de Penhafiel.
        - D. Joanna de Tovar.
          - Vaſco Fernandes Caminha, Alcaide mór de Villa-Viçoſa.
          - Dona Cecilia de Carvalho, filha de Ruy Mendes da Cunha.
  - A Condeſſa Dona Maria Antonia de Vaſconcellos.
    - Dom Miguel de Noronha, IV. Conde de Linhares.
      - Dom Affonſo de Noronha, do Cõſelho de Eſtado, ✱ a 29 de Novembro de 1627.
        - D. Miguel de Noronha, Commendador de Olalhas, Capitaõ de Ceuta.
          - D. Affonſo de Noronha, Vice-Rey da India, &c.
          - D. Maria de Eça, filha de Fernando de Miranda.
        - D. Joanna de Vilhena.
          - D. Franciſco Coutinho, Commendador da Ilha de Santa Maria.
          - D. Filippa de Vilhena, filha de D. Diogo Lobo, Baraõ de Alvito.
      - Dona Archangela Maria de Vilhena.
        - D. Pedro de Noronha, Senhor de Villa-Verde.
          - D. Pedro de Noronha, Senhor de Villa-Verde.
          - D. Violante de Nor. filha de Franciſco da Sylveira, Sen. de Sarzedas.
        - D. Catharina de Ataide.
          - D. Franciſco da Gama, II. Conde da Vidigueira.
          - D. Guiomar de Vilhena, filha de D. Franciſco de Port. Conde de Vim.
    - A Condeſſa D. Ignacia de Menezes.
      - D. Pedro de Menezes, Alcaide mór de Viſeu.
        - D. Antonio de Menezes, Alcaide mór de Viſeu.
          - D. Pedro de Menezes, Capitaõ de Ceuta.
          - D. Conſtança de Guſmaõ, filha de Franciſco de Guſmaõ, Mord. mór.
        - D. Joanna de Caſtro.
          - D. Jeronymo de Caſtro, Senhor do Paul de Boquilobo.
          - D. Cecilia Henriques, filha de Ruy de Mello, Alcaide mór de Alegrete.
      - D. Maria de Vaſconcellos.
        - Antonio de Vaſconcellos, Gentil-homem do Principe D. Joaõ.
          - D. Fernando de Vaſconcellos, Arcebiſpo de Lisboa, ✱ em 1564.
          - Dona Maria de Brito, mulher nobre.
        - D. Ignacia do Tojal.
          - Joaõ Gomes, Theſoureiro da Caſa da India.
          - Heva do Tojal, filha de Fernaõ do Tojal.

CAPITULO XX.

De Thomé de Sousa, II. Conde de Redondo.

17 NO Capitulo XIX. dissemos, que fora filho primogenito dos Condes de Redondo, Thomé de Sousa de Castellobranco Coutinho e Menezes, que nasceo no anno de 1677, e foy bautizado a 20 de Setembro: succedeo em toda a sua Casa, foy II. Conde de Redondo desta linha, e na ordem dos que lograraõ este Condado X.: foy Veador da Casa delRey Dom Joaõ V., Senhor das Villas de Gouvea de Riba-Tamega, Alvoco da Serra, de Figueiró dos Vinhos, e Pedrogaõ, Padroeiro da Abbadia de Santa Cecilia de Villaça, Termo de Esposende, Commendador das Commendas de Santa Maria de Gundar na Ordem de Christo, e da Messejana na Ordem de Santiago, e seu Alcaide mór, e de Villa-Viçosa, Portel, e Monte-Alegre. Foy ornado de partes de Cavalheiro, muy dado à liçaõ dos livros; teve excellente Livraria, a que ajuntou raros manuscritos; e com grande curiosidade fez huma Collecçaõ de Medalhas, indagada scientificamente, que se conserva na sua Casa, com outras memorias dignas do seu nascimento. Faleceo a 6 de Março de 1717. Casou duas vezes, a primeira em 29 de Outubro de 1695 com D. Magdalena de Noro-

Noronha, Dama da Rainha Dona Maria Sofia, que morreo a 29 de Dezembro de 1707, e era filha dos III. Condes de Arcos, como dissemos a pag. 236 do Tomo V.; e tiveraõ os filhos seguintes:

18 FERNANDO DE SOUSA, que morreo menino.

18 D. MARIA FRANCISCA DE NORONHA, que morreo a 10 de Novembro de 1726.

18 D. LUIZA DE PORTUGAL nasceo no anno de 1698, foy bautizada a 28 de Março, e faleceo na flor da idade a 18 de Setembro de 1717.

18 D. FILIPPA, que nasceo no anno de 1701, e foy bautizada a 25 de Mayo.

18 D. MARIA JOACHINA DE NORONHA, que nasceo no anno de 1705, foy bautizada a 23 de Dezembro, Religiosa em Santa Martha de Lisboa.

Casou segunda vez a 10 de Janeiro de 1714 com D. Margarida Luiza Vicencia de Vilhena, filha dos IX. Condes de Atouguia, como se disse a pag. 465 do Tomo IX.; e tiveraõ os filhos seguintes:

18 FERNANDO DE SOUSA, Conde de Redondo, Capitulo XXI.

18 D. ANNA XAVIER DE SOUSA nasceo a 26 de Novembro de 1714, e faleceo de tenra idade.

18 D. ANNA XAVIER DE SOUSA nasceo no primeiro de Novembro de 1715, e faleceo no de 1720.

D.

Marga-
a de Vi-
na, 2.
lher do
nde de
londo
omé de
ſa,

- D. Jeronymo Caſimiro de Ataide, IX. Conde de Atouguia, ✱ a 30 de Nov. de 1712.
  - D. Luiz Peregrino de Ataide, VIII. Conde de Atouguia, ✱ a 6 de Novembro de 1689.
    - Dom Jeronymo de Ataide, VI. Conde de Atouguia, do Conſelho de Eſtado, Governador das Armas de Alentejo, &c. ✱ a 16 de Agoſto de 1665.
      - D. Luiz de Ataide, V. Conde de Atouguia.
        - Joaõ Gonçalves de Ataide, IV. Conde de Atouguia.
        - A Cond. D. Maria de Caſtro, filha H. de Martim Affonſo de Miranda.
      - A Condeſſa D. Filippa de Vilhena, Camereira mór da Rainha D. Luiza. H.
        - D. Jeronymo Coutinho, do Conſelho de Eſtado, ✱ em Julho 1630.
        - D. Luiza de Faro, filha de D. Joaõ de Faro.
    - A Condeſſa Dona Leonor de Menezes, ✱ a 4 de Setembro de 1665.
      - D. Fernando de Menezes, Commendador de Caſtello-Branco.
        - D. Antonio de Menezes, Commendador de Caſtello-Branco.
        - D. Conſtança de Carvalho, filha de Pedro Alvares de Carvalho.
      - D. Jeronyma de Toledo.
        - D. Manoel da Camera, II. Conde de Villa-Franca.
        - A Cond. D. Leonor de Vilhena, filha de D. Fradique, Mordomo mór.
  - A Condeſſa Dona Margarida de Vilhena, ✱ a 13 de Fevereiro 1725.
    - D. Joaõ Maſcarenhas, III. Conde de Sabugal, Meirinho mór do Reyno, ✱ a 27 de Março de 1681.
      - D. Franciſco Maſcarenhas, do Conſelho de Eſtado, Gentilhomem da Camera do Emperador Fernando.
        - D. Nuno Maſcarenh. Conde de Azinhoſo, Senh. de Palma, ✱ 1618.
        - D. Iſabel de Caſtro, filha de Fernaõ Telles de Menez. VII. S. de Unhaõ.
      - D. Margarida de Vilhena.
        - D. Joaõ Maſcarenhas.
        - D. Maria da Coſta, filha herdeira de D. Antonio da Coſta.
    - A Condeſſa Dona Brites de Menezes. H.
      - D. Franciſco de Caſtellobranco, II. Conde de Sabugal, Meirinho mór, &c.
        - Dom Duarte de Caſtellobranco, I. Conde de Sabugal, &c.
        - D. Cathar. de Menezes, filha de D. Bernardo Cout. Alc. mór de Santar.
      - A Condeſſa D. Luiza Coutinho, ✱ em 31 de Janeiro de 1639.
        - D. Joaõ Coutinho, Alcaide mór de Santarem.
        - D. Catharina de Menezes, filha de D. Manoel de Menezes.
- A Condeſſa D. Marianna de Tavora, ✱ a 12 de Agoſto de 1745.
  - Antonio Luiz de Tavora, II. Marquez de Tavora, IV. Conde de S. Joaõ, ✱ a 8 de Fevereiro de 1720.
    - Luiz Alvares de Tavora, I. Marquez de Tavora, III. Conde de S. Joaõ, Governador das Armas de Tras os Montes, ✱ a 25 de Novembro de 1672.
      - Antonio Luiz de Tavora, II. Conde de S. Joaõ, ✱ em 8 de Março de 1645.
        - Luiz Alvares de Tavora, I. Conde de S. Joaõ, do Conſelho de Eſtado.
        - A Cond. D. Martha de Vilhena, filha de Joanne Mendes de Oliveira.
      - A Condeſſa D. Maria Archangela de Portugal.
        - D. Miguel de Noronha, IV. Conde de Linhares.
        - A Cond. D. Ignacia de Vaſconcellos, filha de D. Pedro de Menezes.
    - A Marqueza D. Ignacia de Menezes.
      - D. Rodrigo Lobo da Sylveira, I. Conde de Sarzedas.
        - D. Luiz Lobo, Senhor de Sarzedas.
        - D. Joanna de Lima, filha de Dom Diogo de Lima, Commendador de Victorinho.
      - A Condeſſa D. Maria Antonia de Vaſconcellos.
        - D. Miguel de Noronha, IV. Conde de Linhares.
        - A Condeſſa D. Ignacia de Vaſconcellos.
  - A Marq. D. Leonor Maria Antonia de Mendoça, ✱ em 6 de Fevereiro de 1736.
    - Henrique de Souſa Tavares, I. Marq. de Arronches, III. Conde de Miranda, do Conſelho de Eſtado, &c. ✱ a 10 de Abril de 1706.
      - Diogo Lopes de Souſa, II. Conde de Miranda, &c.
        - Henrique de Souſa, I. Conde de Miranda.
        - A Cond. D. Maria de Vilhen. fil. de Fernaõ da Sylva, Com. de Alpalhaõ.
      - A Condeſſa D. Leonor de Mendoça, ✱ aos 24 de Mayo de 1654.
        - Joaõ Rodrigues de Sá, I. Conde de Penaguiaõ, Camereiro mór.
        - A Cond. D. Iſabel de Mendoç. fil. de D. Joaõ de Almeida, S. do Sardoal.
    - A Marqueza D. Marianna de Caſtro.
      - Dom Antonio Maſcarenhas, Commendador de Caſtello-Novo na Ordem de Chriſto.
        - D. Nuno Maſcarenhas, Conde de Azinhoſo, &c.
        - D. Iſabel de Caſtro.
      - D. Iſabel de Mendoça.
        - Antonio de Mendoça, Senhor de Marateca.
        - D. Anna de Caſtro, filha de Fernaõ Telles de Menez. VII. S. de Unhaõ.

CAPI-

CAPITULO XXI.

De Fernando de Sousa, III. Conde de Redondo.

18 NO anno de 1716 a 27 de Outubro nasceo herdeiro do Conde Thomé de Sousa seu filho Fernando de Sousa, que por sua morte foy III. Conde de Redondo, e Védor da Casa delRey D. Joaõ V., que na sua menoridade servio seu tio Rodrigo de Sousa, Senhor das Villas de Gouvea, Alvoco, Figueiró, e Pedrogaõ, Commendador das Commendas de Santa Maria de Gundar, e de Messejana, Alcaide mór do seu Castello, e de Villa-Viçosa, Portel, e Monte-Alegre, com os mais Morgados, e dependencias da sua opulenta Casa.
Casou a 10 de Janeiro de 1745 com D. Maria Antonia da Conceiçaõ de Menezes, filha de D. Diogo de Menezes, Senhor da Patameira, e Estribeiro mór da Rainha Dona Maria Anna de Austria; e de sua mulher D. Maria Barbara Breiner, Dama Camerista da mesma Rainha, como escrevemos a pag. 237 do Tomo XI.; e desta illustrissima uniaõ tem até o presente

19 D. MARIA DE SOUSA, que nasceo a 16 de Novembro de 1745.

CAPI-

CAPITULO XXIII.

De Gonçalo Annes de Sousa, Commendador mór da Ordem de Christo.

10 NO Capitulo V. dissemos, que entre os filhos de Gonçalo Annes de Sousa, Senhor de Mortagua, fora do seu mesmo nome Gonçalo Annes de Sousa, que foy Commendador mór da Ordem de Christo, em tempo que se lhe naõ havia permittido a esta Ordem o estado conjugal. Teve por filhos os seguintes:

11 FERNAÕ DE SOUSA, que foy o primeiro, e tambem Commendador mór da Ordem de Christo, e se achou no palanque de Tangere, e depois no escalamento, procedendo com grande distinçaõ: naõ casou.

11 DUARTE DE SOUSA, que foy Commendador do Mogadouro na Ordem de Christo, e teve illegitimos = 12 RUY DE SOUSA, Alcaide mór de Sofalla no anno de 1505., = 12 e GONÇALO DE SOUSA, ambos serviraõ na India com reputaçaõ. = 12 MANOEL DE SOUSA, que sendo Capitaõ de hum Navio, foy morto na Costa de Melinde, indo fazer aguada. = 12 D. CATHARINA DE SOUSA, que casou com o Doutor Alvaro Fernandes, Chanceller mór del-Rey Dom Manoel; e tiveraõ = 13 MANOEL DE SOUSA,

Sousa, que no anno de 1538 passou à India, e casou com D. Branca Cabral, de quem nasceo Gaspar de Sousa, de quem naõ sabemos descendencia. ═ 13 Fernaõ Gomes de Sousa, que no referido anno passou à India, e tambem seu irmaõ Luiz de Sousa. ═ 13 Ruy de Sousa, que foy o quarto filho, e no anno de 1554 passou à India. ═ 13 D. Paula de Sousa, que casou com Affonso de Figueiredo, e depois com D. Braz Henriques, de quem nasceo D. Martinho Henriques, que morreo no anno de 1578 na batalha de Alcacer, de quem naõ ficou geraçaõ. ═ 13 D. Maria de Sousa, que foy mulher de André Pereira das Coberturas, de quem nasceo ═ 14 D. Joanna de Sousa, que casou com Affonso Furtado de Mendoça, de quem entre outros filhos nasceo ═ 15 Joaõ Furtado de Mendoça, que casou com D. Magdalena de Tavora, e a sua descendencia referimos a pag. 729.

11 Pedro de Sousa, foy Commendador das Idanhas na Ordem de Christo, teve os filhos seguintes: ═ * 12 Jorge de Sousa, adiante. ═ 12 Simaõ de Sousa, que casou com Ignez da Fonseca, de quem nasceo ═ 13 D. Catharina de Sousa, mulher de Francisco de Valladares de Sottomayor, Commendador da Lousãa, de quem naõ se conserva geraçaõ, e D. N. . . . . . de Sousa, que casou com Joaõ Mendes de Paiva, cuja descendencia naõ chegou à nossa noticia. ═ * 12 Jorge de Sousa casou com Simoa Rebello, e tiveraõ ═ * 13 Fer-

naõ

NAÕ DE SOUSA, com quem ſe continúa. = 13 MANOEL DE SOUSA, Capitaõ de Chaul, caſou com D. Maria de Eça, como ſe diſſe a pag. 726 do Tomo XI. = 13 ALVARO DE SOUSA, morreo moço. = 13 DIOGO DE SOUSA, que foy Prior de Santa Marinha. = 13 D. JOANNA DE SOUSA, que conforme o *Nobiliario* de Diogo Gomes de Figueiredo, foy primeira mulher de Gonçalo Mendes Sacoto, Adail mór do Reyno, e Capitaõ de Çafim, famoſo na guerra de Africa, onde triunfou dos Mouros por muitas vezes, ſem ſucceſſaõ. = * 13 FERNAÕ DE SOUSA DE CASTELLOBRANCO, ſervio na India, onde paſſou no anno de 1547: achou-ſe em Bandella, e no cerco de Ormuz; foy Capitaõ de Chaul no anno de 1556; e voltando ao Reyno caſou com D. Brites Correa, filha de Fernaõ Nunes de Azevedo Martins, Cidadaõ honrado de Lisboa, e de Virginea Correa, Senhora das Honras de Santa Barbara; e tiveraõ entre outros filhos, que morreraõ ſem deſcendencia, = 14 a FERNAÕ DE SOUSA, que foy ſeu herdeiro, e ſervio na India com ſeu pay; e voltando ao Reyno foy Commendador de S. Vicente da Beira na Ordem de Chriſto: foy cativo na batalha de Alcacer; e havendo caſado com D. Maria de Tavora, filha de Alvaro de Souſa, como diſſemos a pag. 721, naõ teve ſucceſſaõ.

11 NUNO DE SOUSA, foy Védor da Caſa da Rainha D. Leonor, mulher delRey Dom Joaõ II. Caſou com D. Mecia de Albuquerque, filha de Joaõ

de

de Albuquerque, e de sua mulher D. Leonor Lopes; e tiveraõ entre outros filhos, de quem naõ ficou descendencia. = * 12 TRISTAÕ DE SOUSA, com quem se continúa. = 12 D. MARIA DE SOUSA, que foy segunda mulher de Jorge Furtado de Mendoça, Commendador das entradas; e tiveraõ = * 13 ANTONIO FURTADO, com quem se contiuúa = 13 AFFONSO FURTADO DE MENDOÇA, Commendador de Santa Maria de Béja, e Rio-Mayor, que casou com D. Joanna de Sousa, como atraz dissemos. = 13 D. MARGARIDA, mulher de Pedro Pantoja, Commendador de Santiago, de quem nasceo = 14 AFFONSO PIRES PANTOJA, que teve a dita Commenda, e a de Santa Maria de Tavira: morreo na batalha de Alcacer. Casou com D. Maria de Castro, filha de Fernaõ Telles de Menezes, Senhor de Unhaõ, sem successaõ. = 14 D. MARIA, e D. MECIA, Freiras em Odivellas. = 14 D. BRITES PANTOJA DE NORONHA casou com D. Pedro de Abranches, Mestre-Sala delRey Dom Joaõ III., Commendador de Anciaens, Alcaide mór de Santiago de Cacem pelo seu casamento; e tiveraõ = 15 D. ALVARO, e D. PEDRO DE ABRANCHES, que morreraõ na batalha de Alcacer. = 15 D. JORGE DE ABRANCHES, que succedeo na Casa, e o mataraõ estando ouvindo Missa, sendo casado com D. Branca de Vilhena, filha de D. Vasco da Gama, Senhor do Morgado da Boa-Vista, sem successaõ. = 15 D. JOAÕ DE ABRANCHES, foy Religioso Eremita de Santo Agostinho, de que foy

Provincial. ⩶ 15 D. JOANNA DE MENDOÇA, mulher de Francisco de Mendoça, Alcaide mór de Mouraõ, Governador, e Capitaõ de Mazagaõ; e tiveraõ entre outros filhos, que morreraõ sem estado, ⩶ 16 PEDRO DE MENDOÇA, de quem fizemos mençaõ a pag. 438 do Tom. XI.; e casou primeira vez com D. Maria de Menezes, filha herdeira de D. Joaõ Tello de Menezes, Commendador de Santa Maria de Ansede, de quem nasceo ⩶ 17 FRANCISCO FURTADO DE MENDOÇA, que foy Alcaide mór de Mouraõ, Governador, e Capitaõ General de Mazagaõ; e no anno de 1674 a 11 de Mayo foy degollado na Praça do Rocio em estatua, havendo sido casado com D. Isabel de Mendoça, filha de Francisco de Mello, Monteiro mór, e de sua mulher D. Luiza de Mendoça, sem successaõ. Teve illegitima D. MAYOR DE MENDOÇA, mulher de Joaõ de Almada de Mello, como se disse a pag. 142. ⩶ 17 D. MAYOR MANOEL casou com D. Martinho Portocarrero, filho segundo dos IV. Marquezes de Villa-Nova del Fresno. ⩶ 17 D. MAGDALENA DE MENDOÇA, que casou com D. Luiz Portocarrero, dos Senhores de Moguer. ⩶ 17 D. BRITES DE NORONHA, que casou com D. Antonio de Mello, Commendador na Ordem de Christo, Camereiro mór do Duque de Bragança D. Theodosio II., sem successaõ. ⩶ * 13 ANTONIO FURTADO, foy Commendador das Entradas, e Reprezas, casou com D. Margarida de Noronha, irmãa de seu cunhado Pedro Pantoja, de quem teve ⩶

Imhoff, *Corpus Hist. Geneal. Italiæ, & Hispaniæ*, pag. 119.

14 a

14 a Jorge Furtado de Mendoça, que casou com Dona Mecia Henriques, de quem em outra parte fazemos menção. ⩶ 14 Affonso Furtado de Mendoça, que foy Deaõ da Sé de Lisboa. ⩶ 14 Lopo Furtado de Mendoça, sem successaõ. ⩶ * 12 Tristaõ de Sousa, que foy filho de Nuno de Sousa, foy Trinchante do Infante Dom Luiz, casou com D. Isabel Henriques, filha de Francisco de Mendanha; e tiveraõ por filhos ⩶ * 13 Manoel de Sousa Henriques, com quem se continúa. ⩶ 13 Andrè de Sousa, sem geraçaõ. ⩶ 13 D. Maria Henriques, que casou com Pedro Botelho de Andrade, Capitaõ, e Governador de S. Thomé, de quem nasceo ⩶ 14 D. Francisca Henriques, que foy herdeira, e mulher de Dom Antonio de Mello, de quem nasceo entre outros filhos ⩶ 15 D. Jorge de Mello, Commendador de S. Pedro de Gulfar na Ordem de Christo, Mestre-Sala delRey D. Joaõ IV., que casou com D. Magdalena de Tavora, filha de Pedro Guedes, Senhor de Murça, e foy seu filho ⩶ 16 D. Pedro Joseph de Mello, como se disse a pag. 441, e 728, do Tomo XI. ⩶ 13 D. Anna Henriques, que casou com Jorge de Brito, de quem teve ⩶ 14 D. Isabel Henriques, que casou com Pedro de Anhaya, Commendador de Galva, de quem nasceo ⩶ 15 D. Anna Henriques, mulher de Dom Gil Eannes da Costa, Commendador de S. Miguel de Linhares na Ordem de Christo, sem successaõ. ⩶ 13 D. Lucre-

CIA HENRIQUES, ultima filha de Triſtaõ de Souſa, caſou com Rodrigo Affonſo de Vaſconcellos e Béja, Commendador de S. Vicente de Abrantes, Védor da Fazenda do Infante D. Luiz, que teve diverſos filhos, de quem naõ ſe conſerva deſcendencia. * 13 MANOEL DE SOUSA HENRIQUES, foy Trinchante do Infante D. Luiz, caſou com D. Anna de Menezes, filha de Damiaõ Dias da Ribeira, e de ſua mulher D. Joanna de Menezes; e tiveraõ entre outros filhos ⫶ 14 NUNO DE SOUSA, Commendador na Ordem de Chriſto, ſem eſtado. ⫶ 14 D. MARIA DE VILHENA caſou com Antonio Correa Baharem, Senhor do Morgado da Marinha, como ſe diſſe a pag. 57 deſte Tomo.

11 HENRIQUE DE SOUSA, foy Commendador da Ordem de Chriſto, caſou com Iſabel Ferreira, de quem teve os filhos ſeguintes: ⫶ 12 BARTHOLOMEU DE SOUSA, que caſando com Antonia Brandaõ, teve ⫶ 13 a SIMAÕ DE SOUSA, que no anno de 1560 foy accreſcentado a Fidalgo Eſcudeiro, que morreo ſem geraçaõ, ⫶ 13 e a D. ISABEL DE SOUSA, mulher de ſeu primo com irmaõ Joaõ de Souſa, adiante. ⫶ 12 MIGUEL DE SOUSA, e NICOLAO DE SOUSA, que foraõ Clerigos. ⫶ 12 MANOEL DE SOUSA, paſſou a ſervir à India, e lá morreo em hum combate, havendo caſado na Ilha Terceira com D. Ignez de Ornellas da Camera, filha de Antaõ Martins Homem, Capitaõ Donatario da Villa da Praya, de quem teve ⫶ 13 JOAÕ DE SOUSA DA CAMERA,

que caſou com ſua prima com irmãa Dona Iſabel de Souſa, como ſe diſſe; e tiveraõ = 14 Bernardo de Sousa, que caſou em Thomar com N. . . . . de quem naſceo Gabriel de Sousa, cuja deſcendencia naõ ſabemos. = 14 Pedro de Sousa, que no anno de 1581 paſſou a ſervir à India.

11 Christovaõ de Sousa, que foy o ſexto filho do Commendador mór, caſou com Iſabel, filha de Lopo Dias, Cidadaõ de Lisboa, cuja deſcendencia ignoraõ os Genealogicos.

11 Simaõ de Sousa, ultimo filho do Commendador mór, de quem os *Nobiliarios* dizem, que morreo em Africa, ſem geraçaõ. O Doutor Fr. Bernardo de Brito diz ſer ſeu aſcendente por varonía.

11 D. Leonor de Sousa, que caſou com Artur da Cunha, V. Senhor de Pombeiro com deſcendencia.

TABOA

TABOA XXIX.

GENEALOGIA DA CASA REAL DE PORTUGAL.

VI

- Martim Affonſo Chichorro, filho delRey D. Affonſo III. *Taboa I.* Caſou com D. Ignez Lourenço de Souſa, filha de Lourenço Soares de Valadares, e de ſua mulher D. Maria Mendes de Souſa.

VII

- Martim Affonſo de Souſa, Rico-homem, do Conſelho delRey D. Diniz, teve em D. Aldonça Annes de Briteiros, Abbadeſſa de Arouca.
- D. Maria Affonſo caſou com Gonçalo Annes de Briteiros.
- D. N. . . . . D. N. . . . . Freiras.

VIII

- Vaſco Martins de Souſa Chichorro, Rico-homem, Senhor de Mortagua, Chanceller mór delRey D. Pedro I. Caſou com D. Ignez Manoel, filha de D. Henrique Manoel, Conde de Cea, e Cintra.
- Martim Affonſo de Souſa Chicorro, II. Senhor de Mortagua. Caſou I. vez com D. Maria de Briteiros, filha de Gonçalo Annes de Briteiros. II. com Eſtevainha Garcia.

IX

- Martim Affonſo de Souſa Chichorro, S. G.
- D. Brites de Souſa caſou com Affonſo Gomes da Sylva, Senhor de Celorico, Rico-homem.
- Dona Iſabel Vaſques de Souſa caſou com Diogo Gomes da Sylva, Alferes mór.
- D. Violante Vaſques de Souſa, illegitima. Caſou com Affonſo Vaſques Correa, Alcaide mór de Abrantes.
- I. Gonçalo Annes de Souſa, III. Senhor de Mortagua. Caſou I. vez com Dona Filippa de Ataide, filha de Martim Gonçalves de Ataide, Alcaide mór de Chaves. II. com D. Maria Coelho de Azevedo, filha de Lopo Dias de Azevedo, Senhor de S. João de Rey.
- I. D. Ignez de Souſa, mulher de Alvaro Gonçalves Camello, Senhor de Bayaõ; e depois de Alvaro Peixoto.
- I. Dona Briolanja de Souſa, ſegunda mulher de Martim Affonſo de Mello, Alcaide mór de Evora.
- I. D. Catharina de Souſa, ſegunda mulher de Joaõ Freire de Andrade, Senhor de Bobadella.
- II. Affonſo Vaſques de Souſa, o *Cavalleiro.* *Taboa XXX.*
- Martim Affonſo de Souſa, illegitimo. *Taboa XXXI.*
- Pedro de Souſa, illegitimo, S. G.

X

- I. D. Mecia de Souſa, II. Caſou com D. Sancho de Noronha, I. Conde de Odemira.
- Joaõ de Souſa, illegitimo. Caſou com D. Brites de Almeida, filha de Alvaro Fernandes de Almeida, Alcaide mór de Torres-Novas. II. vez com D. Catharina do Carvalhal.
- Franciſco de Souſa, illegitimo, Abbade de S. Tirſo.
- Gonçalo de Souſa, illegitimo, Commendador mór; legitimado no anno de 1400. *Taboa XXX.*
- Cid de Souſa, illegitimo. Caſou com D. Leonor Fogaça, filha de Ruy Gonçalves de Caſtanheda.

XI

- I. Fernaõ de Souſa, Senhor da Quinta da Labruja. Caſou com Maria Rodrigues de Caſtellobranco, filha de Ruy Gonçalves de Caſtellobranco, Vèdor delRey D. Duarte. II. vez com Leonor Moniz, filha de Gil Ayres Moniz.
- I. D. Joanna de Souſa caſou com Ruy de Abreu Peſſanha, Alcaide mór de Elvas.
- I. Dona Iſabel de Souſa caſou com Affonſo Vaz de Brito, Caçador mór.
- I. Martim Affonſo de Souſa caſou com D. Brites Peſſanha, filha de Manoel Peſſanha.
- I. Triſtaõ de Souſa, Senhor de Vinhô, caſou com D. Iſabel Coelho, filha de Garcia Coelho. ◠
- I. Henrique de Souſa, paſſou à India no anno de 1541. Caſou com D. Brites de Mello, filha de Martim Affonſo de Oliveira. S. G. Teve <>
- II. Franciſco de Souſa, Clerigo, Abbade de S. Tirſo.
- Joaõ de Souſa, Vaſco Fernandes de Souſa, Henrique de Souſa, illegitimos.
- Pedro de Souſa, paſſou a Guiné no anno de 1490, e foy Capitaõ mór da Armada. Caſou com D. Violante de Tavora, filha de Pedro de Souſa, Alcaide mór de Seabra. S. G.
- Diogo de Souſa, S. G.
- D. Franciſca de Souſa caſou com Dom Rodrigo de Moura, Senhor da Azambuja.
- D. Iſabel de Souſa caſou com Franciſco de Mello.

XII

- I. D. Brites de Souſa caſou cô Gonçalo de Sequeira.
- II. Fernaõ Alvares de Souſa, Senhor da Labruja. Caſou com ſua prima com irmãa, filha de Martim Affonſo de Souſa ſeu tio.
- II. D. Filippa de Souſa, mulher de Simaõ de Faria.
- II. D. Maria de Souſa, mulher de Franciſco Palha, Senhor da Gocharia.
- Gaſpar de Souſa, Vèdor da Caſa do Cardeal Infante D. Henrique. Caſou I. vez com D. Antonia da Gama, filha de Eſtevaõ da Gama, Capitaõ da Mina. II. com N. . . . . III. com Dona Catharina da Coſta, filha de Joaõ da Coſta. IV. com D. Catharina de Menezes, filha de D. Roque Tello.
- D. Brites de Souſa, mulher de ſeu primo com irmaõ Fernaõ Alvares de Souſa.
- ◠ Franciſco de Souſa, fundou o Moſteiro de Vinhô. Caſou na Ilha Terceira com D. Antonia de Teive, filha de Diogo de Teive. S. G.
- Garcia de Souſa, Frade de S. Jeronymo.
- D. Margarida de Souſa, mulher de Antonio Lopes Tinouco.
- D. Brites de Souſa, mulher de Duarte de Almeida.
- <> Diogo de Souſa, illegitimo. Caſou com Dona Iſabel de Mello, filha de Luiz Mendes de Caceres, Senhor de Algodres.

XIII

- Antonio de Souſa, ✱ em Africa na batalha de 4 de Agoſto de 1578.
- D. Leonor de Souſa caſou com Alvaro da Coſta.
- I. Martim Affonſo de Souſa, paſſou à India no anno de 1556, foy do Conſelho delRey, e Governador da Mina. Teve em Antonia de Paiva, que depois recebeo.
- I. Joaõ de Souſa, paſſou à India no anno de 1556, foy Capitaõ de Damaõ. Caſou com D. Maria de Souſa, filha H. de Henrique de Souſa Chichorro. S. G.
- I. André de Souſa, paſſou à India no anno de 1556; lá ſervio, e ✱ S. G.
- I. Diogo de Souſa, Conego de Evora.
- I. Eſtevaõ de Souſa, N. . . . . N. . . . . Frades.
- Henrique de Souſa, ſervio na India, lá caſou com Maria Gomes, natural de Baçaim.
- Joaõ de Souſa, foy Chanceller da Caſa do Civel. Caſou com D. Filippa Pereira, filha de Joaõ Gonçalves de Caſtellobranco.
- Jeronymo de Souſa, Clerigo.
- D. Leonor, Abbadeſſa de Santa Clara.
- Joaõ de Mello, foy Deſembargador dos Aggravos. Caſou com D. Filippa Pereira, filha de Joaõ Gonçalves de Caſtellobranco.

XIV

- Franciſco de Souſa, illegitimo, ſervio no Braſil, foy Cavalleiro da Ordem de Chriſto. Caſou com N. . . . . . S. G.
- D. N. . . illegitima, Freira.
- Antonio de Souſa, paſſou à India no anno de 1563, lá ✱ S. G.
- Martim Affonſo de Souſa, naõ caſou.
- D. Maria de Souſa, mulher de Nuno de Mendoça.
- Dona Ignez de Souſa, mulher de Antonio da Cunha.
- D. Iſabel de Souſa, caſou I. vez com André da Cunha Coutinho, Senhor de huma Ilha junto a Cochim. II. com Joaõ da Sylva Barreto. III. com D. Bernardino de Menezes.
- Lourenço de Souſa, Deſembargador dos Aggravos. Caſou com D. Mecia de Abreu, filha do Deſembargador Luiz Annes Monteiro. E II. vez cô D. Anna Manoel, filha de Affonſo Nunes Contador.
- D. Iſabel de Souſa, ſegunda mulher de Martim Affonſo de Mello Pereira.
- D. Ignez de Souſa, mulher de Franciſco Alvares de Atouguia.
- Ruy de Souſa, ſervio na India, lá ✱ S. G.
- Henrique de Souſa, Deſembargador do Paço, caſou com D. Joanna Lis. S. G.
- Dona Anna, Freira em Arouca.
- Dona Antonia, Dona Joanna, Dona Jeronyma, Freiras em Santa Clara de Coimbra.
- Joaõ de Mello, Simaõ de Mello, Religioſos da Companhia.

XV

- I. Manoel de Souſa e Mello, paſſou à India no anno de 1605, ✱ em 1632. Caſou com D. Maria Coutinho, filha de D. Paulo de Alarcaõ.
- I. D. Margarida de Souſa, Freira em Odivellas.
- II. Henrique de Souſa, paſſou à India no anno de 1619. Teve em D. Luiza Paes
  - Manoel de Souſa, illegitimo. S. G.
- II. Jeronymo de Souſa, paſſou à India no anno de 1619.
- II. Fr. Joaõ de Souſa, Frade Arrabido.
- II. Fr. Simaõ, Frade de Saõ Franciſco.
- II. Dona Maria Manoel.
- D. Leonor, Dona Iſabel, D. Franciſca, Dona Brites, D. Antonia, Freiras em Torres Novas.

TABOA XXX.

GENEALOGIA DA CASA REAL DE PORTUGAL.

X. Gonçalo de Sousa, filho terceiro de Gonçalo Annes de Sousa, Senhor de Mortagua, *Taboa XXIX.* foy Commendador mór da Ordem de Christo em tempo que naõ casavaõ.

IX. II. Affonso Vasques de Sousa, o *Cavalleiro*, *Taboa XXIX.* Casou no anno de 1397 com D. Leonor de Sousa, filha de D. Lopo Dias de Sousa, Mestre da Ordem de Christo.

XI

- Fernaõ de Sousa, illegitimo, Commendador mór da Ordem de Christo. Teve
- Duarte de Sousa, legitimado no anno de 1511, havido em Mecia Fernandes, foy Commendador de Mogadouro na Ordem de Christo.
- Pedro de Sousa, illegitimo, Commendador das Idanhas na Ordem de Christo.
- Nuno de Sousa, illegitimo, Vèdor da Rainha D. Leonor. Casou com D. Mecia de Albuquerque, filha de Joaõ de Albuquerque.
- Henrique de Sousa, illegitimo, Commendador na Ordem de Christo. Casou com D. Isabel Ferreira, filha de Alvaro Ferreira, Commendador na Ordem de Christo.
- Christovaõ de Sousa, illegitimo, casou com Isabel Carlos, filha de Lopo Dias, Cidadaõ de Lisboa.
- Simaõ de Sousa, illegitimo.
- D. Leonor de Sousa, mulher de Artur da Cunha, Senh. de Pombeiro.

XII

- Dona Aldonça de Sousa casou com Joaõ de Sousa, o *Romanisco*, Commendador de Sousa.
- Dona Catharina de Sousa, mulher do Doutor Alvaro Fernandes, Chanceller mór.
- Manoel de Sousa, * na India. S.G.
- Gonçalo de Sousa, * na India. S.G.
- Ruy de Sousa, servio na India, S.G.
- Pedro de Sousa, * S.G.
- Simaõ de Sousa casou com Ignez da Fonseca, filha de Simaõ de Siqueira.
- Joaõ de Mello, * moço.
- Jorge de Sousa casou com Simoa Rabello, filha de Fernaõ Velho.
- N. .... N. .... Freiras.
- D. Maria de Albuquerque, mulher de Jorge Furtado, Commendador das Entradas.
- Tristaõ de Sousa, Trinchante do Infante D. Luiz. Casou com D. Isabel de Mendoça, filha de Francisco de Mendanha.
- Diogo de Sousa, * S.G.
- Pedro de Sousa, * S.G.
- Francisco de Sousa, * S.G.
- Gonçalo de Sousa, illegitimo, * S.G.
- N. .... Freira.
- Manoel de Sousa, passou à India no anno de 1538. Casou na Ilha Terceira com D. Ignez de Ornellas, filha de Antaõ Martins Homem da Camera, segundo Capitaõ da Praya.
- Nicolao de Sousa, Clerigo.
- Miguel de Sousa, Clerigo.
- Bartholomeu de Sousa, Commendador na Ordem de Christo. Casou com Antonia Brandoa, filha de Dario Brandaõ.

X

- D. Isabel de Sousa, Dama da Infanta D. Isabel, Duqueza de Borgonha. Casou com Joaõ Poyctiers, Senhor de Arcyes.
- Dona Mecia de Sousa, mulher de Dom Fernando de Castro, Senhor de Ançaõ.
- Dona Isabel de Sousa, Dama da Duqueza de Bragança, mulher de Diogo Gomes da Sylva, Senhor da Chamusca.
- D. Branca de Sousa, Dama da Infanta mulher do Infante D. Pedro Regente, mulher de Fernaõ Gonçalves de Miranda, Rico-homem.
- Dona Mecia de Sousa, Freira em Odivellas.
- Affonso Vasques de Sousa, Claveiro da Ordem de Christo, no tempo que naõ casavaõ.

XIII

- Manoel de Sousa, Capitaõ de Chaul. Casou com D. Maria de Eça, filha de Dom Fernando de Eça.
- Dona Maria, D. Aldonça, e D. Francisca.
- D. Joanna de Sousa, mulher do Adail Gonçalo Mendes Zacoto.
- Diogo de Sousa, Prior de Santa Marinha.
- Jorge de Sousa, servio em Africa no anno de 1508, * S.G.
- Ruy de Sousa, * moço.
- Fernaõ de Sousa de Castellobranco, passou à India no anno de 1541, là servio, foy Capitaõ de Chaul. Casou com D. Brites Correa, filha de Fernaõ Nunes de Azevedo.
- Dona Catharina de Sousa, mulher de Francisco de Valladares de Sotomayor, Commendador na Ordem de Christo.
- D. Lucrecia de Mendanha, mulher de Rodrigo Affonso de Vasconcellos.
- D. Isabel Henriques, mulher de Jorge de Brito.
- D. Maria Henriques, mulher de Antonio Botelho de Andrade, Governador de S. Thomé.
- André de Sousa, * S.G.
- Manoel de Sousa, Trinchante do Infante D. Luiz. Casou com D. Antonia de Menezes, filha de Damiaõ Dias da Ribeira.
- D. Isabel de Sousa, mulher de seu primo irmaõ Joaõ de Sousa.
- Simaõ de Sousa, * S.G.
- Joaõ de Sousa da Camera casou com sua prima com irmãa Dona Isabel de Sousa.

XI

- Henrique de Sousa, * S.G.
- Luiz de Sousa, Claveiro da Ordem de Christo no anno de 1475. Teve de Isabel Pereira, mulher nobre,
- Jorge de Sousa.
- D. Filippa de Sousa, mulher de Diogo da Sylva.
- Antonio de Sousa casou com D. Maria de Miranda, filha de Luiz de Miranda.

XII

- Dona Joanna, Freira em Santa Clara de Amarante.
- D. Mecia de Sousa, mulher de Joaõ de Araujo.
- Pedro de Sousa, * S.G.
- Antonio de Sousa, * S.G.
- Henrique de Sousa casou com N. ......
- Jorge de Sousa, * S.G.
- Jeronyma de Sousa, Freira em Santa Clara de Amarante.
- D. Filippa de Sousa, mulher de Francisco de Macedo.
- Manoel de Sousa, Abbade de Taboado.
- Leonel de Sousa, Clerigo.
- Mathias de Sousa casou com Anastasia de Barros, filha de Gonçalo de Barros, Abbade, e Senhor de Taboado. E II. vez com Angela da Cunha de Mesquita, filha de Manoel da Cunha de Mesquita.

XIV

- N. ...... N. ...... Freiras.
- Manoel de Sousa, * moço.
- Joaõ de Sousa, * menino.
- Gonçalo Correa de Sousa, * S.G.
- Fernaõ de Sousa, Commendador de S. Vicente da Beira. Casou com D. Maria de Tavora, filha de Alvaro de Sousa. S.G.
- Jorge de Sousa, * S.G.
- D. Margarida de Eça, mulher de Dom Francisco Pereira, e depois de Luz de Goes Perdigaõ.
- Dona N. .....
- Dona Maria de Villhena casou com Antonio Correa Baharem.
- Manoel de Sousa, * na India S.G.
- Damiaõ de Sousa, * na India S.G.
- Nuno de Sousa, Commendador na Ordem de Christo, * S.G.
- Tristaõ de Sousa, * S.G.
- Pedro de Sousa da Camera, passou à India no anno de 1581.
- Bernardo de Sousa da Camera casou com N. .....

XIII

- I. Pedro de Sousa casou com Eugenia de Mesquita, filha de Manoel da Cunha de Mesquita.
- II. D. Joanna de Sousa, mulher de Gabriel Pereira de Castro, Corregedor do Crime da Corte.
- Antonio de Sousa Chichorro, illegitimo, servio na India, * S.G.

XV

- Joaõ de Sousa da Camera.
- Gabriel de Sousa da Camera casou com N. ....., filha de Pedro Vaz de Magalhaens, de Thomar.
- D. Isabel de Sousa, D. Marianna de Roxas, Freiras em Semide.

XIV

- Dona Maria de Sousa casou com Sebastiaõ Correa.

TABOA XXXI.

GENEALOGIA DA CASA REAL DE PORTUGAL.

IX.

Martim Affonso de Sousa, ✠ em 1455, filho de Martim Affonso de Sousa, Senhor de Mortagua, *Taboa XXIV*. legitimado no anno de 1405, havido em D. Aldonça Rodrigues de Sá, Abbadessa de Rio Tinto, filha de Rodrigo Annes de Sá, Senhor do Castello de Gaya.

Casou com D. Violante Lopes de Tavora, filha de Pedro Lourenço de Tavora, Senhor do Mogadouro.

X.

- Fernaõ de Sousa, I. Senhor de Gouvea, Alcaide mór de Monte-Alegre, e Piconha. Casou no anno de 1451 com Dona Mecia de Castro, filha de Alvaro Gonçalves de Ataide, I. Conde de Atouguia.
- Ruy de Sousa, Senhor de Beringel. *Taboa XXXII.*
- Pedro de Sousa, Senhor de Prado. *Taboa XXXIII.*
- Vasco Martins de Sousa Chichorro, Capitaõ dos Gineites. *Taboa XXXVII.*
- Joaõ de Sousa. *Tab. XXXVIII.*
- Dona Brites de Sousa, que dizem ser mulher do Senhor Dom Affonso, I. Marquez de Valença; e depois terceira [illegible] de Fernaõ de Sousa Camello.

XI

- Martim Affonso de Sousa, ✠ menino.
- Antonio de Sousa, II. Senhor de Gouvea, casou com Dona Branca de Vilhena, filha de Diogo de Azevedo, Senhor de S. Joaõ de Rey.
- D. Maria de Castro casou com Joaõ Pereira, Senhor de Castrodairo.
- D. Guiomar de Castro casou com Gonçalo Vaz Pinto, Senhor de Ferreiros, e Tendaes.
- D. Isabel de Castro casou com Martim Affonso de Salzedo, Fidalgo Castelhano.
- D. Joanna de Castro.
- Dona Violante de Castro, ✠ sem estado.
- Martim Affonso de Sousa, illegitimo, casou com D. . . . . . .
- Joaõ de Sousa, illegitimo, casou com D. Brites Pereira.
- Perseval de Sousa, illegitimo, Conego de Evora.
- Ruy de Sousa, illegitimo, ✠ S. G.

XII

- Fernaõ de Sousa, III. Senhor de Gouvea. Casou com D. Filippa de Mello, filha de Duarte Peixoto, Senhor do Couto de Penha-Fiel.
- Dona Maria de Vilhena, Dama da Duqueza de Bragança. Casou com Antonio de Araujo, Fidalgo Gallego.
- Fernaõ de Sousa, ✠ S. G.
- Ruy de Sousa, ✠ S. G.
- Lopo de Sousa, Commendador na Ordem de Christo, passou á India no anno de 1538. Casou com D. Mecia. G.
- Gonçalo de Sousa casou com D. Isabel de Barros, filha de Fernaõ Velho.
- Diogo de Sousa, ✠ S. G.
- D. Isabel de Sousa casou com Pedro Guedes.

XIII

- Antonio de Sousa, ✠ moço S. G.
- Martim Affonso de Sousa, IV. Senhor de Gouvea, Alcaide mór de Souzel, &c. Védor da Casa do Duque de Bragança D. Joaõ I., Commendador na Ordem de Christo. Casou com Dona Joanna de Tovar, filha de Vasco Fernandes Caminha, Alcaide mór de Villa-Viçosa.
- D. Branca de Mello, Freira em Lorvaõ.
- Martim Affonso de Sousa, illegitimo.

XIV

- Gonçalo de Sousa, Alcaide mór de Arrayolos. Casou com D. Joanna Pereira, filha de Fernaõ Pereira. S. G.
- Fernaõ de Sousa, V. Senhor de Gouvea, Alcaide mór de Souzel, Védor da Casa do Duque de Bragança D. Theodosio II., Commendador na Ordem de Christo, Governador de Angola, ✠ em 1635. Casou I. vez com D. Antonia de Ataide, filha de Manoel de Lacerda. II. com D. Maria de Castro, filha de D. Simaõ de Castro, Senhor de Reriz.
- Vasco Martins de Sousa, ✠ S. G.
- Joaõ Rodrigues de Sousa, Cavalleiro da Ordem de Saõ Joaõ de Malta.
- Martim Affonso de Sousa, Abbade de Ferreiros, e Tendaes.
- D. Cecilia de Castro Dama da Princeza de Parma Dona Maria. Casou com Conde Antonio Sumalha.
- D. Maria Coutinho casou com D. Diogo de Lima.
- D. Branca de Castro, Freira em Arouca.
- D. N. . . . .
D. N. . . . .
D. N. . . . .
Freiras em Villa-Viçosa.
- D. Antonio de Sousa, illegitimo, Frade de S. Francisco, Provincial da sua Religiaõ.

XV

- Gonçalo de Sousa, VI. Senhor de Gouvea, Gentilhomem da Boca delRey Filippe IV. ✠ S. G.
- Martim Affonso de Sousa, Capitaõ mór da Armada da India no anno de 1614, ✠ em Ormuz S. G.
- D. Diogo de Sousa, Porcionista do Collegio de S. Pedro, do Conselho Geral do Santo Officio, Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, do Conselho de Estado, Arcebispo de Evora, ✠ a 23 de Janeiro de 1678.
- Simaõ de Sousa, Maltez.
- Jeronymo de Sousa, ✠ S. G.
- Thomé de Sousa, VII. Senhor de Gouvea, Védor da Casa delRey D. Joaõ IV., Commendador na Ordem de Christo, ✠ em 1649. Casou com Dona Francisca de Menezes, filha de D. Joaõ de Castellobranco.
- Gaspar de Sousa, Cavalleiro da Religiaõ de Malta.
- Manoel de Sousa, tambem foy Cavalleiro da dita Religiaõ.
- Antonio de Sousa, ✠ na India. S. G.
- D. Helena de Sousa,
D. Joanna de Tovar,
Dona Margarida,
Freiras em Arouca.

XVI

- Fernaõ de Sousa, VIII. Senhor de Gouvea, Conde de Redondo, Védor da Casa Real, ✠ em 5 de Julho de 1707. Casou com D. Luiza Simoa de Portugal, filha de D. Rodrigo da Sylveira, I. Conde de Sarzedas, ✠ em 28 de Março de 1723.
- D. Joaõ de Sousa, Porcionista do Collegio de S. Pedro, Sumilher da Cortina, Deputado do Santo Officio, Bispo do Porto, Arcebispo Primaz, e depois Arcebispo de Lisboa, do Conselho de Estado, ✠ a 29 de Setembro de 1710.
- D. Cecilia de Menezes, Freira em Santa Martha de Lisboa.
- D. Maria, Freira em o dito Mosteiro.

XVII

- Thomé de Sousa, IX. Senhor de Gouvea, Conde de Redondo, Védor da Casa Real, ✠ a 6 de Março de 1717. Casou a I. vez com D. Magdalena de Noronha, filha de D. Marcos de Noronha, Conde dos Arcos. II. com D. Margarida de Vilhena, filha de D. Jeronymo de Ataide, Conde de Atouguia.
- Rodrigo de Sousa nasceo em 1680, bautizado a 27 de Julho. Casou com D. Antonia Maria Paim, filha de Roque Monteiro Paim, Secretario delRey D. Pedro II.
- Filippe Neri de Sousa, Principal da Santa Igreja de Lisboa, nasceo em 1684.
- Joaõ de Sousa, Principal, &c. nasceo a 2 de Janeiro de 1691.
- Gonçalo de Sousa, Principal, nasceo a 21 de Abril de 1692.
- D. [illegible] de Sousa, n. a [illegible] Mayo 1695, [illegible] dado da Santa Igreja de Lisboa.
- D. Maria Rosa de Portugal, mulher de D. Pedro de Castellobranco, Conde de Pombeiro, depois de viuva Commendadeira de Santos.
- D. Joanna Gualberta de Portugal, Freira na Annunciada de Lisboa.
- D. Francisca,
Dona Filippa,
sem estado.

XVIII

- I. Fernaõ de Sousa, ✠ menino.
- I. Dona Maria Francisca de Vilhena, ✠ a 10 de Nov. de 1726.
- I. D. Luiza de Portugal, ✠ em 18 de Setembro de 1717.
- I. Dona Joanna Joaquina de Noronha, Freira em Santa Martha de Lisboa.
- I. D. Josefa de Noronha.
- II. Fernando de Sousa, he III. Conde de Redondo, nasc. a 27 de Outubro de 1716. Casou com D. Maria Antonia de Menezes.
- II. Dona Anna Xavier de Sousa, nasceo em 26 de Novembro de 1714, ✠ menina.
- II. Dona Ignez Leonor Xavier de Sousa, nasc. no 1. de Nov. de 1715, ✠ em 1720.
- D. Leonor Luiza de Portugal, nasceo em Novembro de 1722.
- Vicente Roque Joseph Monteiro Paim.
- Francisco Joseph Monteiro Paim, ambos gemeos.
- Roque Joseph de Sousa, nasceo em Fevereiro de 1727.
- Antonio de Sousa nasceo em Outubro de 1728 ✠ menino.
- D. Maria da Graça nasceo em Outubro de 1730.
- Fernando de Sousa nasceo em Agosto de 1732, ✠ menino.

D. Maria Barbara de Sousa nasceo a 16 de Novembro de 1745.

CAPITULO XXIII.

Do Ruy de Sousa, I. Senhor de Beringel, e Sagres.

10 NO Capitulo X. deixámos referido, que da uniaõ de Martim Affonso de Sousa, IV. Senhor de Mortagua, e de sua mulher Violante Lopes de Tavora, fora segundo filho Ruy de Sousa, e foy o Progenitor da linha dos Senhores de Beringel, Varaõ grande, ornado igualmente de illustre sangue, que de virtudes, discreto, cortezaõ, valeroso, agradavel, revestido de authoridade, e estimado dos Reys; de sorte, que foy hum Senhor, dos que mais se distinguiraõ no seu tempo; com tanto acordo, que naõ diminuindo o respeito, se fazia estimado no trato, cousas que poucas vezes se costumaõ ajuntar, o serio, e affavel.

Foy Senhor da Villa de Beringel por Doaçaõ delRey D. Affonso V., juntamente com sua mulher D. Branca de Vilhena; de sorte, que sendo ella viuva ao tempo da sua morte, succederia no Senhorio da dita Villa, com toda a jurisdicçaõ, e com todos os seus direitos, e rendas, e Padroado de Igreja, dispensando para isso a Ley Mental; e por morte de ambos ao filho mayor varaõ delles ambos, e a todos seus successores, e descendentes por linha direita, &c.

Prova num. 18.

Foy

Foy feita no anno de 1477, a qual depois ElRey D. Joaõ II. confirmou em Alvito a 28 de Março de 1482; e como alcançou o tempo delRey D. Manoel, lha confirmou em Evora a 7 de Março de 1487. Já era Senhor de Sagres quando ElRey D. Affonso V. lhe fez a Doaçaõ, e Meirinho mór do Principe seu filho. Teve o Reguengo de Montemór o Novo, e o Castello de Pinhel, que trocou com o Marichal D. Fernando Coutinho, como se vê no livro das merces do dito Rey: foy Almotacé mór delRey D. Joaõ II. por Carta passada em Evora a 22 de Novembro de 1481, e havia sido Védor da Casa da Rainha D. Isabel sua mãy, e do Conselho dos referidos Reys, que lhe fizeraõ entre outras merces a da prerogativa de *Dom* para todos seus descendentes.

Prova num. 19.

Ruy de Pina, *Chronica delRey D. Affonso V.* cap. 117.

Goes, *Chron. do Principe D. Joaõ*, cap. 44.

Quando ElRey D. Affonso V. passou a primeira vez à Africa, o acompanhou Ruy de Sousa, achando-se na tomada de Alcacer; e assim tambem na segunda vez, e em todas as occasioens, e entradas, que ElRey, e o Infante D. Fernando seu irmaõ, entaõ fizeraõ nas terras dos Mouros. Achou-se no escalamento de Tangere com o Infante, e com ElRey na Serra de Benacafû no anno de 1464, onde pelejou taõ valerosamente, como se lê na sua Chronica, devendo-se ao seu valor, naõ se perder o Estandarte Real, que com acordo defendia o Alferes mór Duarte de Almeida.

Era Ruy de Sousa taõ valeroso, como prudente; de sorte, que unindo huma cousa, e outra, se fazia

fazia respeitado. ElRey que o conhecia, e estimava, quando no anno de 1474 celebrou o Tratado do casamento com sua sobrinha D. Joanna, Rainha de Castella, escolheo a Ruy de Sousa para huma missaõ taõ difficultosa, que foy enviallo por seu Embaixador aos Reys D. Fernando, e D. Isabel, em que lhe dava conta do seu casamento, dizendolhe, que deixassem os Reynos de Castella, e fossem para o de Aragaõ; porque aquelles pertenciaõ à Rainha sua esposa. Esta Embaixada era sem duvida muy arriscada; porque continha dizer aos Reys dentro dos seus Reynos, que sahissem delles. Foy Ruy de Sousa a Valhadolid, e naõ com menos valor, e liberdade, fallou aos Reys, do que deu o recado do Senado, e povo Romano Marco Pompilio a ElRey Antiocho de Cilicia, quando lhe mandava desoccupasse o Reyno do Egypto, e o largasse a ElRey Ptolomeu, amigo leal do povo Romano; e supposto que a Embaixada de Marco Pompilio teve differente successo, do que teve Ruy de Sousa, as circunstancias foraõ iguaes; porque lhe naõ faltou cousa alguma das necessarias a hum valeroso, e livre Embaixador. Depois acompanhou a ElRey na entrada por Castella, sendo hum dos nomeados para tratar dos ajustes com ElRey Dom Fernando sobre a successaõ dos Reynos de Castella, e Leaõ, juntamente com o Senhor Dom Alvaro, e o Doutor Antonio Nunes. Depois se achou na batalha de Touro, distinguindo-se sempre nas occasioens; de sorte, que merecia a atten-

Dita *Chron.* cap. 174.

Nunes de Leaõ, *Chronica do dito Rey*, cap. 49.

Dita *Chronica*, cap. 57.

Rezende, *Chron. del-Rey D. João II.* cap. 33. pag. 18 vers. da Impressaõ de 1554.

çaõ dos Soberanos. Pela morte delRey D. Affonso V. lhe succedeo ElRey Dom Joaõ II., a quem foy muy aceito, pois no anno de 1481, o primeiro do seu reynado, o mandou por Embaixador a Inglaterra a ElRey Duarte IV., dandolhe por companheiro o Doutor Joaõ de Elvas, e por Secretario a Fernaõ de Pina; era o negocio mostrar ElRey o justo dominio de Guiné, e obviar que naõ se armassem navios para aquella Conquista, o que já intentavaõ; e conseguindo delRey de Inglaterra a satisfaçaõ do seu negoceado, o tratou com especiaes honras. Voltou para o Reyno, ElRey D. Joaõ se deu por bem servido, do que havia concluido com tanta reputaçaõ da Coroa: assim foy tambem escolhido para ir à Graciosa, para em seu nome ratificar o Tratado, que tinhaõ ajustado D. Diogo de Almeida, depois Prior do Crato, D. Martinho de Castellobranco, Vêdor da Fazenda, depois I. Conde de Villa-Nova, e Dom Fernaõ Martins Mascarenhas, Varoens de grande prudencia, e valor, o que fez a 27 de Agosto de 1489, sendo companheiros D. Affonso de Monroy, Mestre de Alcantara, Diogo da Sylva, depois Conde de Portalegre, e Ayres da Sylva.

Dita *Chronica*, cap. 81.

No anno de 1494 foy Ruy de Sousa com seu filho D. Joaõ de Sousa, e o Doutor Ayres de Almada, Corregedor da Corte, e Casa, por Embaixadores, e Commissarios Deputados para o mayor negocio, que já mais se havia praticado, que naõ era menos, que a repartiçaõ de hum novo Mundo, que se con-

concluìo pelo Tratado de Torresilhas, como dissemos quando tratámos delRey D. Joaõ II. Nas festas que se fizeraõ no casamento do Principe D. Affonso, filho do dito Rey, foy elle hum dos Juizes das festas com Rodrigo de Ulhoa, e o Regedor Fernaõ da Sylveira; assim em todas as occasioens era occupado Ruy de Sousa pelas virtudes, de que era ornado.

Historia Genealog. da Casa Real, tom 3. cap. 3. pag. 117.
Rezende, *Chronica delRey Dom Joaõ II.* cap. 107. pag. 76. vers.

ElRey D. Joaõ II. o estimou com tanta distinçaõ, como se vê nos casos seguintes, taõ celebrados na nossa Historia, e os refere Garcia de Rezende na Chronica do dito Rey. Era Ruy de Sousa muy desembaraçado, e sobre hum grande talento, soccorrido de graça natural. Conversando hum dia com ElRey, de quem sobre estimado, era favorecido, e o foy de todos os com quem servio: achava-se entaõ a Corte em Lisboa, e sobrevindo a Ruy de Sousa hum negocio, para que lhe eraõ precisos tres mil cruzados emprestados, e como ElRey o ouvia com gosto, e tratava com attençaõ, lhe pedio lhe fizesse a honra, de quando fosse em publico pela Rua Nova, que he mais frequentada dos commerciantes, lhe fizesse algum favor distincto, que merecesse a attençaõ do povo; ElRey lhe disse, que sim, e no Domingo, indo a cavallo, na Rua nova chamou por Ruy de Sousa, e fallando só com elle, o levou a seu lado, e conversando muy alegre bastante tempo, lhe perguntou se bastaria, a que Ruy de Sousa respondeo, que sobejava; e no outro dia foy à Rua Nova, e naõ só

Dita *Chron.* cap. 172. pag. 100.
Faria, *Luziadas, canto primeiro* no argumento, pag. 120.

achou a quantia, mas tudo o que elle quizeſſe; porque todos deſejavaõ ſervillo. Eſtava ElRey em Evora, e ſahindo da meſa, lhe fallou Ruy de Souſa ſobre huma materia de juſtiça, a que ElRey lhe naõ deferio; e inſtando Ruy de Souſa, ſe explicou com algumas palavras, como naõ devia, naſcidas da efficacia da pertençaõ, a que ElRey reveſtido da Mageſtade, o tratou aſperamente, mandandolhe que ſe retiraſſe diante da ſua peſſoa: foy-ſe Ruy de Souſa, e ElRey reflectindo, no que paſſara, reconhecendo os grandes merecimentos, e authoridade de hum tal Vaſſallo, o ſatisfez publicamente com a mais precioſa attençaõ, que ſe lê na Hiſtoria, e mais eſtimavel, e digna de ponderaçaõ, por ſer de hum Rey, que o ſoube ſer, o qual montando a cavallo com muy pouca comitiva, ſe foy à Caſa de Ruy de Souſa, e por naõ parecer, ſe adorna com palavras eſte caſo, tranſcreveremos as meſmas de Garcia de Rezende, que ſaõ: *Eſtando ElRey em Evora, hindo para ſe recolher depois de comer, lhe fallou* Ruy de Souſa *em pé, ſobre hũa couſa de juſtiça, que ElRey lhe naõ quiz fazer: e apertando* Ruy de Souſa *niſſo, ſoltou algumas palavras ſoltas com paixaõ: às quaes lhe reſpondeo aſpero, e lhe mandou que ſe tiraſſe diante delle: e recolhido, por* Ruy de Souſa *ſer peſſoa principal, e velho, que elle muito eſtimava, peſoulhe, do que lhe diſſe: e tanto que todos ſe recolheraõ, mandou pôr huma mulla, e cavalgou, e ſoo com muito poucos, ſe foy à caſa de* Ruy de Souſa, *e mandou, que lhe mandaſſe fazer*

Dita *Chronica*, pag. 100.
D. Agoſtinho Manoel, *Vida delRey D. João II.* pag. 64.

zer huma camilha, que queria hi ter a sésta, e mandou chamar Dom João de Sousa, seu filho, e com elles sós lhe disse: Ruy de Sousa, porque as palavras, que oje me dissestes tocavaõ a Rey, vos respondi mal, que se tocaraõ a homem eu vo las sofrera como Dom Joaõ, que está hi: e com tudo, como se eu fosse Dom Joaõ, vos pesso, que me perdoes, porque me peza muito de vo las ter ditas, e Ruy de Sousa, e Dom Joaõ lhe quizeraõ beijar a maõ, e lhe naõ quis dar, e esteve com elles a sésta atee ha tarde, que acudiraõ os Grandes, e com toda ha Corte, e cavalgou, e se tornou para hos Paços, trazendo Ruy de Sousa, e Dom Joaõ comsigo cada hum de sua parte com muita honra. Neste caso se admira o sublime talento delRey na estimaçaõ de naõ querer perder hum Vassallo, que estimava, e cujos relevantes serviços achou dignos da sua Real attençaõ humando-se para honrar as veneraveis cans de Ruy de Sousa, que como entendido, soube julgar o valor de huma taõ benigna acçaõ, com que ElRey satisfez os seus merecimentos à sua posteridade.

Elevado ao Throno pela morte delRey Dom Joaõ o Senhor D. Manoel, Duque de Béja, conseguio Ruy de Sousa lograr a mesma estimaçaõ, e o levou comsigo, quando foy ser jurado Principe da Monarquia de Hespanha com a Rainha D. Isabel sua mulher, e lá morreo de doença em Toledo a 2 de Mayo de 1498, contando de idade setenta e cinco annos; e sendo trasladado, jaz em S. Joaõ Euangelista

Goes, *Chronica del-Rey D. Manoel*, part. 1, cap. 26.

ta de Evora , donde ſe lê na Capella da Senhora do Roſario , em primoroſa ſepultura , o ſeguinte Epitafio:

Aqui jaz o magnifico Senhor Ruy de Souſa , Senhor de Sagres , e Beringel , que a ElRey D. Affonſo o V. e a ElRey Dom Joaõ ſeu filho , nos grandes feitos , em que foraõ esforçadamente , e com muita lealdade ſempre ſervio , e aconſelhou , e aſſim a ElRey D. Manoel I. em cujo ſerviço faleceo em Toledo , ſendo de idade de ſetenta e cinco annos , e ſendo com o dito Senhor , e com a Rainha Dona Iſabel ſua mulher por ſeu mandado quando os filharaõ por herdeiros dos Reynos de Caſtella , e Aragaõ. Acabou em 2 dias de Mayo da Era M.CCCCLXXVI.

O anno eſtá errado , porque ha de ſer o de 1498 , em que os ditos Reys paſſaraõ a Caſtella.

Caſou duas vezes , a primeira com D. Iſabel de Siqueira , que morreo no anno de 1460 , e jaz no Convento do Eſpinheiro de Evora : foy Dama da Rainha D. Iſabel , de quem era Collaça , à qual ella dotou com quatro mil coroas , além do enxoval , e o que

que ElRey, e a mesma Rainha lhe désse, e o officio de Védor da sua Casa, que havia tido Francisco Annes de Torres, de quem era filha, e de sua mulher Violante Alvares de Siqueira, Ama da dita Rainha. Alguns Nobiliarios lhe chamaõ Branca Lopes de Siqueira: porém o referido consta da Carta da Rainha do dote acima apontado, confirmada por ElRey em Lisboa a 4 de Mayo de 1456, que está na sua Chancellaria, e della se vê qual era a sua nobreza, que foy Dama, e do officio de Veador da dita Rainha, que servia seu pay, como ella o diz na sua Carta, nestas palavras: *E outro si nós prometemos de vos dar logo a Vedoria da nossa Casa, assi, e taõ compridamente como a de nós tem Francisco Annes de Torres, Cavalleiro, nosso Amo, Padre della dita Isabel de Siqueira.* E tiveraõ os filhos seguintes:

Torre do Tombo, Chancellaria delRey D. Affonso V. do anno de 1456, pag. 154

11 D. JOAÕ DE SOUSA, Capitulo XXIV.

11 D. MARTINHO DE TAVORA, Cap. XXV.

11 D. DIOGO DE SOUSA, Capitulo XXVIII.

11 D. HENRIQUE DE SOUSA.

11 D. FILIPPA DE SOUSA, que casou com Antonio de Ocem, §. I.

Casou segunda vez com D. Branca de Vilhena, Dama da Infanta D. Joanna, filha de Martim Affonso de Mello, Alcaide mór de Olivença, e Guarda mór da pessòa delRey D. Duarte, Senhor de Ferreira de Aves, e de D. Margarida de Vilhena sua mulher, que dotaraõ sua filha, e ElRey, como se vê do Contrato confirmado pelo mesmo Rey em Almada

Prova num. 20.

a 18

a 18 de Agosto de 1467. Jaz D. Branca junto com seu marido na referida Capella, onde tem o seguinte Epitafio:

Aqui jaz D. Branca de Vilhena, mulher que foy de Ruy de Sousa, Senhor de Sagres, e Beringel, do Conselho delRey D. Affonso V. e delRey D. João seu filho, filha de Martim Affonso de Mello, irmãa do Conde de Olivença.

Desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes:

11 D. Pedro de Sousa, de quem se tratará no Capitulo XXX.

11 D. Manoel de Sousa, Capitulo XLV.

11 D. Antonio de Sousa, que morreo moço.

11 D. Maria de Vilhena, que casou com D. Fernando de Castro, §. II.

11 D. Brites de Vilhena, mulher de Pedro da Cunha Coutinho, Senhor de Basto, e Monte-Longo, e naõ tiveraõ succeſſaõ; e ficando viuva, foy Fundadora do Mosteiro de Monchique da Cidade do Porto.

11 D. Margarida de Vilhena, que foy Religiosa.

§. I.

§. I.

11 D. Filippa de Sousa caſou com Antonio de Ocem, e tiveraõ = * 12 Pedro de Ocem, adiante. = 12 Simaõ de Sousa de Ocem, valeroſo, e cortezaõ; ſervio na guerra com diſtinçaõ, foy Commendador na Ordem de Chriſto, e naõ caſou. = 12 Alvaro Fernandes de Almeida, de naõ menores partes, que ſeu irmaõ. Caſou com D. Brites Correa, ſem ſucceſſaõ. = 12 D. Maria de Sousa caſou com Simaõ de Brito, de quem naõ ſabemos ſe conſerve deſcendencia. = 12 D. Isabel de Sousa, que caſou com Nuno Pereira, e ficando viuva caſou com Gaſpar de Ornellas de Guſmaõ, Commendador na Ordem de Chriſto, Fidalgo, e natural da Ilha da Madeira, de quem teve entre outros filhos, dos quaes naõ ſe conſerva ſucceſſaõ, a D. Francisca de Sousa, Dama da Rainha D. Catharina, que foy primeira mulher de Franciſco Pereira de Sá, Senhor do Prazo de Curval, de quem tendo filhos, tambem naõ ha ſucceſſaõ. = 12 D. Mecia de Sousa, mulher de Garcia Lobo, de quem naõ teve ſucceſſaõ. = 12 D. Margarida de Sousa, Dama da Rainha D. Maria, ſem eſtado.

* 12 Pedro de Ocem, ſuccedeo no Morgado de ſeu pay, caſou com D. Iſabel Maſcarenhas, filha de Alvaro Maſcarenhas, Commendador de Çamora Correa, e de D. Mecia de Vaſconcellos ſua mulher;

e tiveraõ = * 13 Antonio de Ocem, adiante. = 13 Martim de Tavora, Commendador da Zavacheira na Ordem de Chriſto, ſem eſtado. = 13 D. Mecia Mascarenhas, mulher de Ruy Boto de Lima, de quem naõ ha ſucceſſaõ. = 13 D. Grimaneza Mascarenhas, que caſou com Fernaõ da Sylveira, Senhor de Sarzedas, como ſe diſſe a pag. 890 do Tomo XI. = * 13 Antonio de Ocem caſou com D. Maria de Menezes, filha de D. Henrique de Menezes, o *Roxo*, inſigne Governador da India; e tiveraõ = 14 Pedro de Ocem, que morreo na batalha de Alcacer. = 14 D. Maria de Menezes, que foy herdeira, e caſou duas vezes, a primeira com Ruy Lopes Coutinho, ſem ſucceſſaõ; e depois caſou com D. Luiz Coutinho, a quem chamaraõ o *Cavaco*, valeroſo Soldado na India, e tiveraõ dous filhos: = 15 Diogo Coutinho, que caſando com D. Maria Coutinho, tiveraõ a D. Luiz Coutinho, que no anno de 1628 paſſou à India, de que ſe naõ ſabe deſcendencia. = 15 D. Francisco Coutinho, que foy hum dos mais valeroſos Soldados, que paſſou à India, e lá morreo em hum combate com os Hollandezes, havendo caſado no Eſtado com D. Brites de Figueiredo; e tiveraõ entre outros filhos = 16 D. Diogo Coutinho, que foy General da China, e lá o mataraõ. Caſou com D. Antonia de Sottomayor, filha de D. Lourenço de Sottomayor, de quem naſceo = 17 D. Francisco Coutinho, ſervio na India, onde caſou com D. Anna Henriques,

filha

filha de Dom Luiz de Mello: morreo, sem geraçaõ, vindo da India no anno de 1668. ⩵ 14 D. CECILIA DE MENEZES, tambem filha de Antonio de Ocem, casou com Pedro Correa de Andrade, e naõ sabemos se teve successaõ.

§. II.

11 D. MARIA DE VILHENA casou com Dom Fernando de Castro, Capitaõ de Evora; e tiveraõ ⩵ * 12 D. DIOGO DE CASTRO, adiante. ⩵ 12 D. MARGARIDA DE VILHENA, mulher de Manoel Telles, VI. Senhor de Unhaõ, cuja successaõ refere o insigne Salazar de Castro na *Casa de Sylva*, Tomo II. pag. 339. ⩵ * 12 D. DIOGO DE CASTRO, Capitaõ de Evora, a quem chamaraõ o *Magro*, Alcaide mór de Alegrete, Mordomo mór da Princeza Dona Joanna, mulher do Principe Dom Joaõ, filho delRey D. Joaõ III., e do seu Conselho, que casou com Dona Leonor de Ataide, filha de Nuno Fernandes de Ataide, Senhor de Penacova, Capitaõ de Çafim, e de sua mulher Dona Joanna de Faria; e tiveraõ estes filhos: ⩵ * 13 D. FERNANDO DE CASTRO, com quem se continúa. ⩵ 13 D. ALVARO DE CASTRO, que se achou na batalha de Alcacer. Casou com D. Joanna de Mello, filha de Lopo Peixoto de Mello, Donatario de Penha-Fiel. ⩵ 13 D. ANTONIO DE CASTRO, passou a servir à India, e lá morreo. ⩵ 13 D. PEDRO DE CASTRO, que foy Capi-

taõ de Sofalla, e casando duas vezes, naõ deixou successaõ. = 13 D. MIGUEL DE CASTRO, Doutor em Theologia, Prior de S. Christovaõ de Lisboa, Inquisidor Apostolico da Inquisiçaõ de Lisboa, em que entrou a 18 de Julho de 1566, e depois do Conselho Geral do Santo Officio, de que tomou posse a 3 de Setembro de 1577, Bispo de Viseu, de que tomou posse a 15 de Setembro de 1579, que governou até o de 1585, em que foy promovido a Arcebispo de Lisboa, que governou com exemplo, amor de Deos, e do proximo. Foy no anno de 1594 Governador deste Reyno, juntamente com os Condes de Portalegre, Santa Cruz, Sabugal, e Miguel de Moura; e no de 1615 foy Vice-Rey, que tudo occupou com inteireza, Varaõ de vida inculpavel, esmoler, pio, e devoto. Acabou santamente no primeiro de Julho de 1625. Delle tratámos no *Agiologio Lusitano* naquelle dia. = 13 D. MARIA DE ATAIDE, mulher de Martim Affonso de Oliveira, Morgado de Oliveira, como se disse em outra parte. = 13 D. MARGARIDA, e D. BRITES, Religiosas em Villa do Conde. = 13 D. CATHARINA, Freira no Porto. = * 13 D. FERNANDO DE CASTRO, foy o primeiro Conde de Basto por Carta delRey D. Filippe II., passada a 12 de Outubro de 1585, Capitaõ de Evora, Alcaide mór de Alegrete, do Conselho de Estado. Faleceo a 17 de Outubro de 1617, havendo casado duas vezes, a primeira com D. Joanna de Noronha de Albuquerque, filha de Affonso de Albuquerque, filho do grande

Sousa, *Agiologio Lusitano*, tom. 4. primeiro de Julho, let. B.

Torre do Tombo liv. 15 da dita Chancellaria, pag. 165.

de Affonso de Albuquerque, sem successaõ. Casou segunda vez com D. Filippa de Mendoça, filha de D. Manoel da Camera, Capitaõ Donatario da Ilha de S. Miguel, e de Dona Joanna de Mendoça; e tiveraõ = 14 D. Diogo de Castro, II. Conde de Basto, que casou com D. Maria de Tavora, filha de Lourenço Pires de Tavora, Senhor do Morgado de Caparica, como se disse a pag. 85 deste Tomo. = 14 E D. Joanna de Mendoça, mulher de Dom Luiz de Portugal, III. Conde de Vimioso, como escrevemos a pag. 738 do Tomo X.

D. Branca

- D. Branca de Vilhena, segunda mulher de Ruy de Sousa, Senhor de Beringel.
  - Martim Affonso de Mello, Senhor de Ferreira de Aves, Alcaide mór de Olivença, Guarda mór delRey D. Duarte.
    - Martim Affonso de Mello, Senhor de Arega, e Barbacena, Alcaide mór de Evora, e Olivença, Guarda mór delRey D. Joaõ I.
      - Vasco Martins de Mello, Senhor de Póvos, Castanheira, &c. Guarda mór delRey Dom Fernando.
        - Martim Affonso de Mello, IV. Senhor de Mello.
          - Affonso Mendes de Mello, III. Senhor de Mello.
          - D. Ignes Vasques da Cunha, filha de Vasco Coutinho, Sen. de Taboa.
        - D. Marinha Vasques, segunda mulher.
          - Estevaõ Soares, Senhor de Albergaria.
          - D. Margarida Rodrig. Quaresma, filha de Ruy Vasques Quaresma.
      - D. Maria Affonso de Brito, segunda mulher, Senhora do Morgado de Arega.
        - Joaõ Affonso de Brito, Senhor dos Morgados de Santo Estevaõ, e de S. Lourenço.
          - Martim Affonso de Brito, Senhor dos Morgados de Santo Estevaõ.
          - N. . . . .
        - Maria Esteves.
          - Joaõ Esteves de Azambuja, o Privado delRey D. Pedro I.
          - Violante Lopes de Albergaria, filha de Lopo Soares, Sen. de Albergar.
    - Dona Brites Pimentel, primeira mulher.
      - Joaõ Affonso Pimentel, Senhor de Bragança, I. Conde de Benavente em Castella.
        - Rodrigo Affonso Pimentel, Commendador mór de Santiago.
          - Joaõ Affonso Pimentel.
          - D. Constança Rodrigues, filha de Ruy Pires Barbosa.
        - D. Lourença da Fonseca.
          - Lourenço Vasques da Fonseca, Senhor da Honra de Paredes.
          - D. Sancha Vasques, filha de Vasco Martins Serraõ de Moura.
      - D. Joanna Telles de Menezes.
        - D. Martim Affonso Tello de Menezes, Mordomo mór da Rainha, * 1356.
          - D. Affonso Tello de Menezes, Mordomo mór delRey D. Affonso IV.
          - D. Berengaria Soares, filha de D. Lourenço Soares de Valladares.
        - D. Aldonça de Vasconcellos.
          - Joanne Mendes de Vasconcellos, Rico-homem.
          - D. Aldonça Affonso Alcaforado, filha de Vasco Affonso Alcaforado.
  - D. Margarida de Vilhena.
    - Ruy Vaz Coutinho, Meirinho mór, Senhor de Ferreira de Aves, e Villa-Mayor.
      - Vasco Fernandes Coutinho, Senhor do Couto de Leomil, Meirinho mór.
        - Fernaõ Martins da Fonseca, Senhor do Couto de Leomil.
          - Estevaõ Martins, Senhor do Couto de Leomil.
          - D. Urraca Rodrigues da Fonseca, filha de Ruy Mendes da Fonseca.
        - D. Theresa Pires Varella.
          - Pedro Annes Palha, como diz o Conde D. Pedro.
          - D. Urraca Fernandes, filha de Fernaõ Varella.
      - Dona Brites Gonçalves de Moura, Aya da Rainha D. Filippa.
        - Gonçalo Vasques de Moura, IV. Alcaide mór de Moura, Guarda mór delRey D. Affonso IV.
          - Gonçalo Vasques de Moura, III. Alcaide mór de Moura.
          - D. Maria Annes de Brito, filha de Affonso Annes de Brito.
        - D. Ignez Alvares de Siqueira.
          - Alvaro Gonçalves de Siqueira.
          - D. Brites Fernandes de Cambra.
    - Dona Branca de Vilhena.
      - D. Henrique Manoel, Conde de Cea, e Cintra.
        - D. Joaõ Manoel, Senhor de Penhafiel, * em 1347.
          - O Infante D. Manoel, filho de S. Fernando III., Rey de Castella.
          - Brites de Saboya, 2. mulher, filha de Amadeo, IV. Conde de Saboya.
        - D. Ignez.
          - N. . . . .
          - N. . . . .
      - D. Brites de Sousa.
        - Pedro Affonso de Sousa, Rico-homem.
          - Affonso Diniz, filho delRey Dom Affonso III.
          - D. Maria Paes Ribeira, Senhora da Casa de Sousa.
        - D. Elvira Annes de Noboa.
          - Joaõ Pires de Noboa, Senhor de Mazeda, e da Casa de Noboa.
          - D. Brites Gonçalves Telles, filha de D. Gonçalo Telles, o *Raposo*.

CAPI-

CAPITULO XXIV.

De Dom Joaõ de Sousa, Senhor de Sagres, e Niza.

11 NAsceo primogenito de Ruy de Sousa, e de sua primeira mulher D. Isabel de Siqueira, D. Joaõ de Sousa, e foy successor das virtudes de seu pay; e porque nelle brilhou o valor, e prudencia, com que mereceo estimaçaõ dos Reys, servio em Africa, e foy Capitaõ de Alcacer Seguer, e da Graciosa no anno de 1489; achou-se na guerra de Granada, procedendo em toda a parte com distinçaõ, que se fazia universalmente attendido, e estimado. Era excellente Cavalleiro, e singular na sella gineta, muy praticada naquelle tempo. Achava-se em Arevalo D. Joaõ de Sousa, onde entaõ estavaõ os Reys Catholicos, que sabendo era muy déstro no exercicio de correr touros, o convidaraõ para huma festa, em que sahio D. Joaõ de Sousa singularmente montado, taõ bizarro, que levava naõ só a attençaõ dos Reys, mas de toda a praça; e buscando o touro, que o envestio taõ bravo, que parecia o levava diante de si: porém D. Joaõ de Sousa movendo o cavallo, levou da espada, e lhe deu hum tal golpe no pescoço, que sem que lhe fosse necessario outro, lho separou de sorte, que cahio logo morto.

Rezende, *Chronica del Rey Dom João II.* cap. 69.

to. Depois em Béja em outra occasiaõ toureou D. Joaõ, estando ElRey Dom Joaõ II. presente com a Rainha, Principe, e toda a Corte, onde fez sortes prodigiosas, que foraõ applaudidas entaõ, e depois; porque estando ElRey à mesa, e fallando nas sortes, que D. Joaõ havia feito, louvou a destreza, desembaraço, e sciencia de D. Joaõ, e o Conde de Borba lhe disse: *Senhor, saõ acertos*; mas ElRey lhe respondeo: *He verdade, Conde, mas nunca os acerta senaõ D. Joaõ.*

No anno de 1494 foy Plenipotenciario juntamente com seu pay, como antecedentemente fica referida. Esta eleiçaõ de D. Joaõ de Sousa, ser mandado a hum negocio de taõ grande importancia juntamente com seu pay, he huma demonstraçaõ do seu talento, pois foy escolhido, sendo moço, para tratar materia taõ grave, e de tanta consequencia. Sendo exaltado ao Throno ElRey D. Manoel, o acompanhou no anno de 1497, quando foy a Valença de Alcantara receber a Rainha D. Isabel; e no anno seguinte, quando foy chamado para ser jurado Principe de Castella, sendo elle hum dos Fidalgos, que mandou adiantar com o Senhor D. Jorge, e os filhos do Duque de Bragança, D. Alvaro, e D. Diniz, e outros, a receberem, e comprimentarem a ElRey D. Fernando.

Goes, *Chronica dél Rey Dom Manoel*, part. 1. cap. 24.

Dita *Chronica*, cap. 28. part. 1.

Foy Senhor de Sagres, e Niza, e Commendador da dita Villa na Ordem de Christo, Varaõ excellente na paz, e na guerra, do Conselho delRey D.

D. Joaõ II., e delRey D. Manoel, e Guarda mór da sua pessoa. Morreo a 16 de Dezembro de 1513. No Catalogo que fizemos dos Guardas móres a pag. 220 do Tomo XI. faltou Dom Joaõ; e supposto pelo tempo nos faz duvida, e naõ o termos encontrado, mas consta do Epitafio da sua sepultura, que he o seguinte, e está no Mosteiro de S. Francisco de Evora na Capella da Cea junto do Refeitorio.

Aqui jaz D. Joaõ de Sousa, Senhor de Niza, Guarda mór delRey D. Manoel o I., que assim a elle como ElRey Dom Joaõ o II., cujo primeiro Criado foy, e sempre lealmente servio. Faleceo a 16 *de Dezembro de* 1513.

Casou com D. Margarida Fogaça, filha de Joaõ Fogaça, Commendador de Cezimbra, e de D. Catharina de Vasconcellos, de quem naõ ficou successaõ.

CAPITULO XXV.

De Dom Martinho de Tavora.

11 FOy segundo filho de Ruy de Sousa, Senhor de Beringel, e de sua primeira mulher, D. Martinho de Tavora, appellido, que tomou

em memoria de sua avó paterna. Acompanhou a ElRey D. Affonso V. quando entrou em Castella, e se achou na batalha de Touro. ElRey D. Joaõ II. lhe fez merce da Alcaidaria mór de Fronteira; e porque D. Martinho o participou ao Conde de Faro primeiro que a seu pay, lhe revogou a merce; depois lhe deu a Capitanía de Alcacer Seguer em Africa, onde fez grandes serviços; e conseguindo diversas vitorias dos Mouros pelo seu valor, e industria, até que finalmente foy morto pelos Mouros em hum combate. Casou com Dona Isabel Pereira, filha de Ruy Lopes de Sampayo, Senhor de Anciaens, e Villarinho, e de D. Constança Pereira, filha de Rodrigo Alvares Pereira, Senhor de Aguas Bellas, e de sua mulher D. Maria Affonso do Casal; e tiveraõ estes filhos:

Nobiliarios de Xysto Tavares, D. Luiz Lobo, Senhor de Sarzedas, Diogo Gomes de Figueiredo, e Joseph de Faria.

12 D. Rodrigo de Sousa, succedeo na Casa, servio em Africa com seu pay, e foy algum tempo Capitaõ de Alcacer Seguer, e a elle, e a seu irmaõ D. Antonio de Sousa tomou por testemunhas no anno de 1532, na falla que fez a ElRey D. Joaõ III. Lopo Vaz de Sampayo, Governador da India. Casou com D. Cecilia de Castro, filha de Lopo de Sousa, Commendador, e Alcaide mór de Alcanede, de quem naõ teve filhos.

Couto, Decada 4.

12 D. Antonio de Sousa, Capitulo XXVI.

12 D. Manoel de Tavora, Capit. XXVII.

12 D. Gaspar de Sousa, Capitulo XXVIII.

12 D. Constança de Tavora, que casou com

com Diogo de Sepulveda, que foy Capitaõ de Sofalla, de quem teve = 13 JOAÕ DE SEPULVEDA, que casou com D. Constança de Tavora, como dissemos a pag. 754 do Tomo XI. = 13 D. MARIA DE GUSMAÕ, mulher de Alvaro de Carvalho, Senhor de Carvalho, o famoso Capitaõ de Mazagaõ, que triunfou do apertado sitio, que os Mouros lhe puzeraõ, como se disse a pag. 752 do dito Tomo. = 13 E a MANOEL DE SOUSA DE SEPULVEDA, que depois de Conego de Evora, passou a servir à India, e foy Capitaõ de Dio; e casando com Dona Leonor de Sá de Albuquerque, filha de Garcia de Sá, Governador da India, com a qual voltando para o Reyno no Galeaõ S. Joaõ, se perdeo a Nao na terra do Natal a 24 de Junho de 1552, e dando à costa, morreraõ desgraçadamente, e à pura miseria às mãos dos Cafres com seus filhos.

Couto, Decada 6. liv. 7. cap. 6.

12 D. MARIA DE TAVORA casou com Pedro Alvares de Carvalho, Senhor de Carvalho, e a sua successaõ fica referida à pag. 748 do Tomo XI.

CAPITULO XXVI.

De Dom Antonio de Sousa.

12 SUccedeo a seu irmaõ D. Rodrigo de Sousa, D. Antonio de Sousa, que servio em Africa, e foy Commendador de Alcacer na Ordem

de Christo, e Alcaide mór de Sousel. Casou duas vezes, a primeira com Dona Anna Tavares, filha de Gonçalo Figueira, Alcaide mór de Benavente, que servio a ElRey D. Joaõ III., sendo Principe, dado por ElRey D. Manoel, para que o acompanhasse, como diz a *Chronica* do dito Rey, e de sua mulher Brites Gomes Botelho; e tiveraõ estes filhos:

Andrade, *Chron. del-Rey D. Joaõ III.* liv. 1. cap. 3.

* 13 D. Martinho de Sousa e Tavora, com quem se continúa.

13 D. Jorge de Sousa, §. I.

13 D. Francisca, e D. Mecia, Religiosas em Jesus de Setuval.

Casou segunda vez com D. Francisca de Betancourt, filha de Pedro Rodrigues da Camera, e de D. Maria de Betancourt, de quem teve

13 D. Pedro de Sousa, Commendador na Ordem de Christo, sem geraçaõ.

13 D. Joaõ de Sousa, que depois de servir em Mazagaõ, morreo desgraçadamente voltando para o Reyno, por dar o Navio na Costa do Algarve.

13 D. Luiz, D. Christovaõ, e D. Gaspar de Sousa, todos sem estado.

13 D. Diogo de Sousa, foy Commendador na Ordem de Christo, servio na India no tempo do Vice-Rey D. Affonso de Noronha. Casou com D. Catharina de Albuquerque, filha de Fernaõ Lopes de Albuquerque; e tiveraõ = 14 D. Antonio de Sousa, que no anno de 1550 passou à India despachado com a Capitanía de Baçaim. Casou com D.

Isabel

Isabel Botelho, filha de Alvaro Botelho Ramalho, Escrivaõ da Camera da Cidade de Evora; e tiveraõ entre outros filhos a D. MANOEL DE SOUSA, que casou com Dona Leonor de Ayala, de quem se naõ conserva descendencia.

13 D. DINIZ DE SOUSA, que servio em Tangere, e em Mazagaõ: passou à India no anno de 1585 com tres mil reis de moradia de Fidalgo Cavalleiro. Foy Commendador de S. Joaõ de Rey na Ordem de Christo; assistio ao serviço da Serenissima Casa de Bragança. Casou duas vezes, sem successaõ; e teve illegitimos, de quem tambem se naõ sabe descendencia.

* 13 D. MARTINHO DE SOUSA E TAVORA succedeo a seu pay, e foy Commendador de Alcacer, e de Santa Maria de Africa, Alcaide mór de Sousel, Capitaõ de Alcacer Seguer. No anno de 1538 tinha passado à India com o Vice-Rey D. Garcia de Noronha: foy por Capitaõ de hum Navio a soccorrer Dio, e foy dos primeiros Fidalgos, que entraraõ na Fortaleza; servio em outras muitas occasioens, em tempo dos Governadores Dom Estevaõ da Gama, e Martim Affonso de Sousa. Casou com Dona Isabel Pereira, filha de Christovaõ Correa da Cunha, e de sua mulher D. Isabel Pereira de Camoens, de quem teve ≍ * 14 D. ANTONIO DE SOUSA, adiante. ≍ 14 D. CHRISTOVAÕ DE SOUSA, que foy Commendador de Mesquitella na Ordem de Christo. Teve illegitimo a D. MARTINHO DE SOUSA, que no anno de 1606 passou à India. ≍ 14 D. GONÇALO DE SOUSA,

SA , valeroſo Soldado em Mazagaõ , e foy cativo na batalha de Alcacer, e lá morreo. ⵂ 14 E a D. JORGE , illegitimo , que no anno de 1556 paſſou à India.

* 14 D. ANTONIO DE SOUSA , foy Commendador de Santa Maria de Africa; eſteve em Alcacer Seguer, onde ſervio , e lá morreo, havendo ſido caſado com Dona Leonor de Noronha , filha de D. Fernando de Noronha , e de D. Margarida Coutinho ; e tiveraõ ⵂ 15 D. MARTINHO DE SOUSA , que morreo moço. ⵂ * 15 D. MANOEL DE SOUSA , com quem ſe contiNúa. ⵂ 15 D. GASPAR DE SOUSA , que no anno de 1590 paſſou à India , como affirma Affonſo de Torres. ⵂ 15 D. ISABEL DE NORONHA , Freira em Arouca. ⵂ * 15 D. MANOEL DE SOUSA , foy Commendador da referida Commenda , e foy Senhor da Quinta , e Morgado da Aſinhaga por caſar com D. Leonor de Caſtro , filha herdeira de Chriſtovaõ Juzarte , de quem naſceo ⵂ 16 D. JOANNA DE NORONHA JUZARTE , que caſou com Fernaõ de Saldanha , Commendador de S. Martinho de Santarem , Governador , e Capitaõ General da Ilha da Madeira , onde faleceo a 10 de Agoſto de 1626; e a ſua deſcendencia ſe eſcreveo a pag. 369 do Tomo V., e pag. 241 do Tomo XI. ⵂ 16 E D. MARIA DE NORONHA , Religioſa em Santos de Lisboa.

§. I.

13 D. JORGE DE SOUSA, foy Commendador da Azambuja na Ordem de Christo: foy despachado com o Governo da Mina, pelo que lhe deraõ duas Capitanías para a India, para onde fez viagem por Capitaõ mór da Armada de 1560, composta de seis Naos; depois no de 1563 voltou por Capitaõ mór da Armada de quatro Naos. Casou com D. Constança de Menezes, filha de D. Gaspar de Sousa seu tio, e de sua mulher D. Filippa de Menezes; e tiveraõ = 14 D. ANTONIO DE SOUSA DE MENEZES, morto na batalha de Alcacer. = 14 D. FILIPPA, sem estado. = 14 D. GUIOMAR, e D. ANNA, Freiras no Mosteiro da Consolaçaõ de Elvas. = 14 AMBROSIO DE SOUSA, havido em D. Anna Vaz, o que mostrou por varios Instrumentos authenticos; passou a servir ao Brasil, e lá morreo, havendo casado com D. Justa de Azevedo, filha de Ayres de Magalhaens; e tiveraõ estes filhos: = 15 JORGE DE SOUSA, que viveo no Brasil; casou no Rio de Janeiro com D. Maria de Gallegos, Castelhana, de quem teve dous filhos sem estado. = * 15 PAULO DE SOUSA, com quem se continúa: = 15 D. MARGARIDA DE SOUSA, que casou com Francisco Pereira Coutinho. =

Nobiliario de Diogo Gomes de Figueiredo.

* 15 PAULO DE SOUSA nasceo no Brasil, e viveo em Lisboa. Casou com D. Marianna Henriques, filha de Diogo Henriques Sodré, Governador de Cabo

bo Verde, e de sua mulher D. Margarida Soares; e tiveraõ entre outros filhos ⵗ * 16 FERNAÕ DE SOUSA COUTINHO, com quem se continúa. ⵗ 16 D. ANTONIA DE SOUSA, Freira em S. Bento do Porto. ⵗ * 16 D. MARGARIDA COUTINHO, que casou com Fernaõ da Sylva e Sousa, adiante. ⵗ * 16 FERNAÕ DE SOUSA COUTINHO, servio com grande reputaçaõ na guerra de 1640: foy Capitaõ de Infantaria, e de Cavallos na Provincia de Alentejo, e na do Minho, Tenente General da Cavallaria, e General da Artilharia na mesma Provincia, posto que exercitou com valor, e sciencia militar; porque nelle concorreraõ muitas partes, achando-se em muitas occasioens, em que se distinguio. Foy Cavalleiro da Ordem de Christo; e no anno de 1666 o despachou El-Rey com huma Commenda de lote de mil cruzados, e huma Alcaidaria mór; foy tambem Governador de Pernambuco. Casou com D. Francisca da Sylva, filha de Fernaõ da Sylva e Sousa, sem successaõ. Teve illegitima D. THERESA COUTINHO, recolhida na Rosa.

* 16 D. MARGARIDA COUTINHO casou com Fernaõ da Sylva de Sousa, e tiveraõ ⵗ 17 LUIZ DA SYLVA E SOUSA, que foy successor, e naõ casou. ⵗ 17 PAULO DE SOUSA COUTINHO, que foy Capitaõ de Infantaria em hum dos Regimentos da Guarniçaõ da Corte; e embarcando em huma das Naos do Comboy da Frota da Bahia, morreo naquella Cidade no anno de 1701. ⵗ 17 D. GUIOMAR DA SYLVA,

que

que faleceo a 4 de Agosto de 1734. Casou com Christovaõ de Magalhaens, Proprietario do officio de Escrivaõ da Camera do Senado de Lisboa, que vendeo, o qual havia dado ElRey Dom Joaõ II. a seu quarto avô Nuno Fernandes Moreira quando veyo de Féz, aonde o mandara; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 18 FRANCISCO DE MAGALHAENS, que lhe succedeo na Casa. ⩶ 18 D. MARGARIDA COUTINHO, sem estado. ⩶ D. FRANCISCA DA SYLVA, que casou com Jeronymo Lobo de Saldanha, como se disse a pag. 855 do Tomo XI. ⩶ 18 IGNACIO, e PAULO DE SOUSA.

CAPITULO XXVII.

De Dom Manoel de Tavora.

12 NO Capitulo XXV. dissemos ser filho de D. Martinho de Tavora e Sousa, e de sua mulher D. Isabel Pereira., D. Manoel de Tavora: foy Veador da Casa do Duque de Bragança D. Jayme, Alcaide mór de Alter do Chaõ. Casou com D. Maria Tavares, irmãa de sua cunhada, e filha de Gonçalo Figueira; e tiveraõ ⩶ * 13 D. MARTINHO DE TAVORA, com quem se continúa. ⩶ 13 D. PEDRO DE SOUSA, foy Commendador de Amoreira de Lima na Ordem de Christo: servio na India, e foy Capitaõ de Ormuz no anno de 1562, e lá casou

com Dona Joanna Pereira de Lacerda, ſem ſucceſ-ſaõ. = 13 D. GASPAR, D. ANTONIO, D. JERONYMO, D. FRANCISCO, e D. GONÇALO, morreraõ ſem eſtado. = 13 D. ISABEL, e D. GUIOMAR, Religioſas em Villa-Viçoſa, D. ANNA no Paraiſo de Evora, e D. MARIA, Abbadeſſa de S. Bento do Porto.

* 13 D. MARTINHO DE TAVORA E SOUSA, ſuccedeo na Caſa, foy Alcaide mór de Alter do Chaõ; ſervio a Sereniſſima Caſa de Bragança. Caſou duas vezes, a primeira com D. Catharina de Goes, filha de Fructuoſo de Goes, e de Iſabel Perdigaõ, ſem ſucceſſaõ; e a ſegunda vez com Dona Franciſca de Caſtro, filha de Antonio Vaz Camoens, e de Dona Iſabel de Caſtro, de quem teve = 14 D. MANOEL DE TAVORA E SOUSA, que ſuccedeo na Caſa, e na de ſua mãy; e na fazenda de ſeu tio Dom Pedro de Souſa inſtituîo hum Morgado com obrigaçaõ do appelido de Souſa. Morreo na batalha de Alcacer, havendo ſido caſado com D. Brites de Ataide, filha de D. Pedro de Noronha, VII. Senhor de Villa-Verde, e de D. Catharina de Ataide ſua ſegunda mulher, de quem teve = 15 D. DIOGO, e outros, que morreraõ de curta idade, = 15 e a D. CATHARINA DE VILHENA E SOUSA, que caſou com ſeu tio materno D. Franciſco Luiz de Noronha e Albuquerque, VIII. Senhor de Villa-Verde, &c. como ſe diſſe a pag. 646 do Tomo X.

CAPI-

CAPITULO XXVIII.

De D. Gaspar de Sousa.

12 FOy terceiro filho de D. Martinho de Tavora, e de sua mulher D. Isabel Pereira, D. Gaspar de Sousa, que foy Commendador na Ordem de Christo; servio em Africa. Casou com D. Filippa de Menezes, filha de Alvaro Gonçalves de Moura, Senhor da Povoa, e Meadas, Alcaide mór de Marvaõ, e de sua mulher D. Guiomar de Menezes; e tiveraõ os filhos seguintes: = 13 D. ALVARO DE SOUSA, que foy Commendador na Ordem de Christo; e casando tres vezes, naõ deixou successaõ. = 13 D. MARTINHO, e D. ANTONIO, que morreraõ moços. = 13 D. CONSTANÇA DE MENEZES, que casou com seu primo D. Jorge de Menezes, como se disse no Capitulo XXVI. pag. 903 = * 13 D. LUIZA DE MENEZES, de quem adiante se tratará. = 13 D. EUGENIA, e D. ISABEL, Religiosas no Mosteiro da Consolaçaõ de Elvas.

* 13 D. LUIZA DE MENEZES casou com Dom Francisco de Sousa, Commendador de Borba da Montanha na Ordem de Christo, que depois de servir em Tangere com reputaçaõ, foy Capitaõ da Guarda Tudesca dos Reys D. Henrique, e D. Filippe II.; e tiveraõ os filhos seguintes: = * 14 D. ALVARO

DE SOUSA, com quem ſe continúa. ⩵ 14 D. FILIPPA DE MENEZES, que caſou com Antonio de Moura, que morreo na batalha de Alcacer, de quem naõ ha ſucceſſaõ. Caſou depois com Franciſco de Sampayo, VII. Senhor de Villa-Flor, e foy ſua ſegunda mulher, de quem tambem naõ ficou ſucceſſaõ. ⩵ 14 D. MARGARIDA DE MENEZES, que caſou com Nuno Fernandes Cabral, Senhor de Azurara, Alcaide mór de Belmonte, como diſſemos a pag. 857 do Tomo XI. ⩵ 14 D. MARIA DE MENEZES caſou com Joaõ de Barros da Sylva, Commendador na Ordem de Chriſto, que viveo na ſua Quinta de Pontevel, de quem naõ ſabemos ſe ſe conſerva deſcendencia.

* 14 D. ALVARO DE SOUSA, que foy Commendador de S. Salvador da Infeſta na Ordem de Chriſto: foy Capitaõ da Guarda Tudeſca dos Reys D. Filippe II., III., e IV. Caſou duas vezes, a primeira com D. Maria de Noronha, irmãa de ſeu cunhado Nuno Fernandes Cabral, Senhor de Azurara, como ſe eſcreveo a pag. 856 do Tomo XI. Caſou ſegunda vez com D. Maria de Souſa, filha illegitima, e herdeira de ſeu tio D. Pedro de Souſa, de quem teve unica ⩵ 15 D. MARIANNA DE SOUSA, que caſou com ſeu primo D. Lourenço de Souſa, que por eſte caſamento foy Capitaõ da Guarda dos Reys D. Filippe IV., e D. Joaõ IV., Commendador na Ordem de Chriſto, de quem naõ teve ſucceſſaõ.

CAPI-

CAPITULO XXIX.

De Dom Diogo de Sousa, Alcaide mór de Thomar.

11 NO Capitulo XXIII. dissemos ser terceiro filho de Ruy de Sousa, Senhor de Beringel, e de sua primeira mulher D. Isabel de Siqueira, D. Diogo de Sousa: foy Alcaide mór de Thomar, Commendador das Olalhas, e de Gitaõ, na Ordem de Christo. Casou com Dona Isabel de Lima Sottomayor, filha de Mem de Brito, que foy Juiz da Alfandega de Lisboa, isto he Provedor, Fidalgo da Casa delRey D. Manoel, e de sua mulher D. Catharina de Sottomayor; e tiveraõ os filhos seguintes:

12 D. LEONARDO DE SOUSA, Capitulo XXX.

12 D. CATHARINA DE SOUSA, casou com Pedro de Alcaçova Carneiro, que foy Secretario delRey D. Joaõ III., e delRey D. Sebastiaõ, seu Védor da Fazenda, a quem foy muy aceito, e depois I. Conde das Idanhas por merce delRey D. Filippe II., de quem foy Védor da Fazenda, Varaõ grande, em quem concorreraõ partes, que o fizeraõ digno da attençaõ dos Reys do seu tempo. Faleceo a 12 de Mayo de 1593. Fundou o Convento junto a Villa-Longa, onde jaz; e tiveraõ os filhos seguintes:

= 13 LUIZ DE ALCAÇOVA, de quem fizemos men-

çaõ

çaõ a pag. 407 , o qual casou segunda vez com D. Antonia de Tavora, filha de Lourenço Pires de Tavora, Embaixador a Roma, e de sua mulher D. Catharina de Tavora, de quem nasceo D. Luiza de Tavora , que foy sua herdeira, e casou com Dom Lourenço de Lima Brito e Nogueira, VII. Visconde de Villa-Nova da Cerveira; e a sua illustre posteridade escrevemos a pag. 117 deste Tomo. ⩶ 13 Antonio de Alcaçova, que casou com D. Maria de Noronha, como se disse a pag. 469 deste Tomo. ⩶ 13 Christovaõ de Alcaçova, Commendador de Santa Eulalia na Ordem de Christo: morreo na batalha de Alcacer. ⩶ 13 D. Maria de Alcaçova, mulher de Dom Alvaro de Mello, filho dos primeiros Marquezes de Ferreira, como fica escrito a pag. 180 do Tomo IX. ⩶ 13 D. Brites de Alcaçova, que casou com D. Francisco de Lima, Visconde de Villa-Nova da Cerveira, a quem ElRey Dom Joaõ III. no anno de 1546 fez merce de lhe confirmar as terras da sua Casa; e tiveraõ ⩶ 14 D. Joaõ de Lima, que morreo moço na batalha de Alcacer. ⩶ 14 D. Ignez de Lima, que veyo a ser herdeira, e casou com Luiz de Brito Nogueira, que foy VI. Visconde de Villa-Nova da Cerveira, de quem nasceo D. Lourenço de Lima Brito e Nogueira, de quem acima fizemos mençaõ. ⩶ 13 D. Magdalena de Alcaçova, Dama da Rainha D. Catharina, sem estado. ⩶ 13 D. Branca de Alcaçova, Freira na Esperança de Lisboa. ⩶ 13 D. Leonor, e D.

e D. Anna, no Convento de Cellas de Coimbra.
13 N. . . . . . e N. . . . . . Freiras.

CAPITULO XXX.

De D. Leonardo de Sousa.

12 FOy primogenito de D. Diogo de Sousa, e de sua mulher Dona Isabel de Lima, D. Leonardo de Sousa, que lhe succedeo na Casa, mas naõ na Commenda, e Alcaidaria mór, que ElRey deu ao Conde de Vimioso: foy Commendador de Santiago de Torres-Vedras, e Capitaõ mór da Armada, que passou à India no anno de 1556. Casou com D. Ignez de Lafetá, filha de Joaõ Francisco de Lafetá, Fidalgo natural de Cremona, irmaõ do Conde Ludovico de Affeitato, que era o mais velho, que residia em Madrid, illustre Familia em Italia, e em Flandes, de que vimos hum livro impresso, em que constava ser da dita Familia Joaõ Francisco de Lafetá, que passou a Portugal, reynando ElRey D. Manoel: teve huma grande Casa, e instituío dous Morgados; e teve de Maria Gonçalves de Carvalhosa, mulher nobre, que tratou como sua propria mulher, e deixou por Tutora de sua filha D. Ignez, e de seus irmãos; de sorte, que por morte de Cosme de Lafetá, Commendador de Dornes, seu irmaõ, entrou de posse no seu Morgado D. Ignez, o que lhe disputou seu

Nobiliarios de Joseph de Faria, Diogo Gomes de Figueiredo, e Manoel Alvares Pedrosa.

ſeu ſobrinho Joaõ Franciſco de Lafetá, filho de ſeu meyo irmaõ Agoſtinho de Lafetá, que foy Trinchante delRey D. Joaõ III., de quem fizemos mençaõ a pag. 96 deſte Tomo; e correndo a cauſa ſeus termos, ſe ajuntou o proprio Teſtamento, e Codicillo de Joaõ Franciſco de Lafetá, o *Velho*, de que conſtava, de quem fora a mãy dos taes filhos, o que teſtemunharaõ Fidalgos de qualidade, que os conheceraõ. Finalmente ſe ſentenciou no Supremo Senado a cauſa a favor de D. Ignez de Lafetá: foy dada a 5 de Dezembro de 1587 pelos Doutores Triſtaõ Vaz de Caſtro Henriques de Souſa, e Affonſo Vaz Tenreiro, o qual feito vimos, e Cabedo nas ſuas *Deciſoens* faz della mençaõ, por ter ſido Juiz em alguns incidentes. Deſte matrimonio naſceraõ eſtes filhos:

Cabedo, *Deciſ.* part. 1. num. 10, e 12.

13 D. DIOGO DE SOUSA, que foy Religioſo da Ordem de S. Jeronymo no Convento de Belem.

* 13 D. JOAÕ DE SOUSA, com quem ſe continúa.

13 D. RODRIGO DE SOUSA, paſſou a ſervir à India no anno de 1564, e ſe achou no grande cerco de Chaul no anno de 1571. Caſou duas vezes, a primeira na India com D. Maria de Miranda, filha de Chriſtovaõ Pereira de Miranda, de quem naõ teve filhos; e a ſegunda com D. Joanna de Vaſconcellos, que ficando viuva, caſou com D. Joaõ da Coſta; e era filha de D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos, Governador do Braſil, e de D. Branca de Vilhena ſua mulher, como ſe diſſe a pag. 138 deſte Tomo; e tiveraõ

veraõ o filho, e filha seguintes: ⩶ 14 D. Luiz de Sousa, que depois de servir nas Armadas da nossa Costa, passou a servir à India no anno de 1581; e tendo tido muitas occasioens, em que se distinguio, foy Capitaõ de Ormuz; e voltando para o Reyno, à vista da Ericeira, no anno de 1621, encontrou humas Naos de Argel, com as quaes tendo pelejado com desesperado valor, lhe puzeraõ fogo à Nao, e a queimaraõ, e elle morreo das feridas, e sua mulher Dona Antonia da Costa foy cativa a Argel, onde morreo. ⩶ 14 D. Francisca de Vasconcellos, que veyo a ser herdeira, casou com D. Gil Eannes da Costa, Commendador de Castro Marim, como escrevemos no lugar acima citado.

13 D. Leonardo de Sousa, foy Religioso da Ordem do Carmo.

13 D. Joanna de Sousa, foy Dama da Rainha Dona Catharina. Casou duas vezes, a primeira com D. Jeronymo de Castro, Senhor do Paul de Boquilobo; e a sua illustre posteridade se refere a pag. 922 do Tomo XI. Casou segunda vez com D. Luiz de Sousa, Senhor de Beringel, como adiante se dirá.

* 13 D. Joaõ de Sousa succedeo na Casa a seu irmaõ, e foy Alcaide mór, e Commendador de Thomar por merce delRey D. Filippe II. Casou com D. Anna de Mendoça, viuva de Francisco de Tavora, Reposteiro mór delRey D. Sebastiaõ, Commendador de Olivença, e filha de Luiz da Sylveira, e de sua mulher D. Francisca de Mendoça, de quem teve,

além de outros filhos, ⩶ 14 D. LEONARDO, que morreo menino, e D. MARIA DE MENDOÇA, que naõ tomou eſtado.

14 D. JOAÕ DE SOUSA DA SYLVEIRA, que ſuccedeo na Caſa de ſeu pay, e na de ſeu avô materno, pelo que ſe appellidou *Sylveira*: foy Alcaide mór de Thomar, e dos direitos dos Fornos da dita Villa, e das Commendas de Olalhas, e Pias, na Ordem de Chriſto. Achou-ſe na reſtauraçaõ da Bahia, e ſervio na guerra da Acclamaçaõ, foy Meſtre de Campo na Provincia de Alentejo, e Governador das Armas da Provincia de Tras os Montes, e Védor da Caſa da Rainha D. Luiza, Preſidente do Senado da Camera de Lisboa: faleceo a 16 de Junho de 1664. Caſou com D. Archangela Maria de Vilhena, filha de Pedro da Cunha, Senhor de Aſſentar, de quem teve ⩶ * 15 D. MANOEL DE SOUSA, adiante. ⩶ 15 D. ELVIRA MARIA DE VILHENA, que naſceo no anno de 1627: foy Condeſſa de Pontevel, Dama da Rainha da Grãa Bretanha, a quem acompanhou a Inglaterra. Caſou com Nuno da Cunha de Ataide, que por eſte caſamento foy Conde de Pontevel, como ſe diſſe a pag. 746 do Tomo XI., e morreo a 27 de Fevereiro de 1698. A Condeſſa ſua mulher, ficando viuva, fundou a ſumptuoſa Igreja de Noſſa Senhora da Encarnaçaõ, que dotou liberalmente, e com tanta devoçaõ, que naõ entrou nella, ſenaõ depois de morta, e jaz na dita Igreja na Capella mór em magnifica ſepultura, onde ſe lê eſte Epitaſio:

Aqui

Aqui jaz a Condessa de Pontevel D. Elvira Maria de Vilhena, que com heroica piedade fez à soberana Virgem Mãy de Deos, herdeira dos seus bens, na sumptuosa fabrica deste magnifico Templo, como a outra Matrona na Igreja de Santa Maria Mayor. Faleceo a 30 *de Dezembro de* 1718.

E da outra parte está o Conde seu marido em outra igual sepultura. Desta uniaõ naõ ficou posteridade.

* 15 D. MANOEL DE SOUSA, Alcaide mór, e Commendador de Thomar, e Senhor dos Morgados de seu pay, e Commendas, que elle teve: servio na guerra na Provincia de Traz os Montes, quando seu pay a governava. Morreo no anno de 1697, sendo o ultimo varaõ desta linha; e havendo casado com D. Isabel da Sylva, filha de Tristaõ da Cunha, Senhor do Morgado de Payo Pires, e de sua mulher D. Antonia da Sylva, naõ deixaraõ successaõ.

CAPITULO XXXI.

De D. Pedro de Sousa, I. Conde de Prado.

11 DO segundo consorcio de Ruy de Sousa, Senhor de Beringel, com D. Branca de Vilhena, como dissemos no Capitulo XXIII., nasceo D. Pedro de Sousa, fazendo huma nova linha, em que se conservasse a memoria de seus esclarecidos progenitores, na producçaõ de Varoens excellentes na paz, e na guerra, que pelos merecimentos proprios se fizeraõ lugar no Templo da Heroicidade.

Chancellaria delRey D. Joaõ III. liv. 39. pag. 187.

Foy D. Pedro Senhor das Villas de Beringel, e de Prado, de que ElRey Dom Joaõ III. o creou Conde, de que se lhe passou Carta feita no primeiro de Janeiro de 1526; depois lhe fez merce da Villa, e terra de Prado em Lisboa a 10 de Junho de 1556: foy Alcaide mór de Béja, e teve o Reguengo velho da dita Cidade. Alcançou o reynado delRey Dom Joaõ II., que o escolheo para hum dos mantenedores das Justas, que se fizeraõ no casamento do Principe D. Affonso seu filho. ElRey D. Manoel o mandou por Capitaõ de Azamor no anno de 1514, e com a sua gente fez com Nuno Fernandes de Ataide aquella famosa entrada pelas terras dos Mouros, até chegar às portas de Marrocos. Naõ levando mais

Rezende, *Chron. delRey D. Joaõ II.* pag. 83. vers.

que

que seiscentos Cavallos, se atreveo a huma acçaõ tal, que já mais emprenderaõ, nem os Christãos, nem outra alguma Naçaõ; porque ainda se duvida, se lá chegaraõ os Romanos. No tempo delRey D. Joaõ III. foy Capitaõ de Alcacer Seguer, e nestes governos mostrou grande valor, e prudencia; de sorte, que mereceo honrada memoria entre os Capitaens do seu tempo. Ainda alcançou o do reynado delRey D. Sebastiaõ, porque delle se faz mençaõ no de 1563, sendo já muito velho. Foy altivo, pouco sofrido, e pouco obsequiador dos valídos; mas com tantos merecimentos, que os Reys o estimaraõ sempre. Casou tres vezes, a primeira com Dona Mecia Henriques, filha do Regedor Fernaõ da Sylveira, Senhor de Sarzedas, e de sua mulher D. Isabel Henriques. A segunda com D. Margarida de Brito, filha herdeira de Estevaõ de Brito, Alcaide mór de Béja, e de sua mulher D. Joanna Coutinho, a qual elle matou por lhe parecer o offendia com hum criado seu, que se acolheo a Castella à casa do Conde de Benavente, a quem D. Pedro seguio, e com industria o segurou em hum lugar, onde o foy matar; e sendo na volta perseguido de muita gente do dito Conde, por industria de Martim Affonso de Sousa seu primo, se poz em salvo com quatro de cavallo, que levava comsigo, sendo trinta legoas por Castella dentro. E terceira vez com Dona Joanna de Mello, filha do Doutor Joaõ Affonso de Aguiar, Provedor de Evora, e de sua mulher Dona Isabel de Mello;

lo; e destas duas mulheres naõ teve filhos; e da primeira foy unico

12 D. FRANCISCO DE SOUSA, Cap. XXXII.

CAPITULO XXXII.

De Dom Francisco de Sousa, herdeiro da Casa de Beringel.

12 NAõ chegou a succeder na Casa do Conde de Prado D. Pedro de Sousa seu filho D. Francisco de Sousa, a quem naõ bastando o exemplo de seu pay, e a memoria de seus illustres avós, viveo taõ desordenadamente, que naõ podendo a prudencia de seu pay, e sogro já dissimular com a indignidade dos seus costumes, assentaraõ, que o melhor modo era tirallo da sua vista, apartando-o de sua mulher; e assim obtiveraõ justamente faculdade delRey, e sendo prezo, embarcou para a India, e parece morreo na viagem, naõ chegando a herdar a Casa de seu pay, que obrigado dos seus desatinos, lhe foy preciso o usar de hum meyo taõ violento, sendo unico, e casado com D. Maria de Noronha, filha de D. Diogo Lobo, II. Baraõ de Alvito, e de D. Joanna de Noronha; e desta illustre uniaõ nasceraõ os filhos seguintes:

13 D. PEDRO DE SOUSA, Capitulo XXXIII.

13 D. DIOGO DE SOUSA, servio na India, foy Capitaõ

Capitaõ de Sofalla; e voltando ao Reyno no anno de 1558 foy nomeado Vice-Rey da India, o que naõ teve effeito, por ir Ruy Lourenço de Tavora, a quem seu neto Christovaõ de Tavora, valído del-Rey D. Sebastiaõ, fez entaõ prover; e ElRey pelo attender, lhe deu o governo do Algarve com outras merces, e lhe conferio a Commenda de Orta-Lagoa na Ordem de Santiago; teve tambem na dita Ordem a Commenda de Alcaria-Ruiva. No anno de 1578, quando ElRey passou à Africa, foy General da Armada Real D. Diogo de Sousa, que nas alterações do Reyno se houve neutral. ElRey D. Filippe II. o fez do Conselho de Estado. No anno de 1589 quando os Inglezes vieraõ a Lisboa, foy Capitaõ da gente da Porta da Cruz, contando já setenta annos. Casou com D. Catharina de Atouguia, filha herdeira, que veyo a ser de Estevaõ Nunes de Atouguia, e de sua mulher Mecia Raposo; e tiveraõ os filhos seguintes: ⫩ 14 D. Martinho de Sousa, que foy morto na batalha de Alcacer. ⫩ 14 D. Branca de Vilhena, que casou com Manoel Correa, Senhor de Bellas, Capitaõ da Ilha de Santa Maria de Cabo Verde, Commendador dos Collos de Alvalade, e de Milfontes, na Ordem de Santiago, de quem nasceo D. Maria, que morreo de curta idade. ⫩ 14 D. Maria de Noronha, que casou duas vezes, a primeira com D. Nuno Alvares Pereira, segundo filho de D. Diogo Pereira, Conde da Feira, e naõ tiveraõ successaõ. Casou se-

gunda

gunda vez com D. Manoel de Ataide, III. Conde da Castanheira, como dissemos a pag. 532 do Tomo II. = 14 D. Rodrigo de Sousa, illegitimo, que morreo na batalha de Alcacer.

13 D. Joanna de Vilhena, que casou com Cosme de Lafetá, Commendador de Darez na Ordem de Christo, sem geraçaõ.

13 D. Branca de Vilhena, que foy mulher de Joaõ Freire, Senhor de Bobadella, como se disse a pag. 42 deste Tomo.

13 D. Mecia de Noronha casou com Dom Manoel de Macedo, Capitaõ de Chaul, e depois da Mina, Commendador de Anciaens na Ordem de Christo, sem successaõ.

13 D. Antonia de Noronha, Freira em Monchique do Porto.

CAPITULO XXXIII.

De D. Pedro de Sousa, III. Senhor de Beringel.

13 SUccedeo ao Conde de Prado seu avó, D. Pedro de Sousa na sua Casa, e foy III. Senhor de Beringel, e de Prado, Alcaide mór de Béja, Commendador de Samguar de Moura na Ordem de Christo. Servio em Africa na Praça de Tangere, sendo Capitaõ D. Duarte de Menezes; tambem esteve algum tempo na Praça de Arzilla, sendo Capi-

taõ

taõ o I. Conde de Redondo. ElRey D. Sebastiaõ lhe fez merce da Villa do Prado. Casou com D. Violante Henriques, filha de Simaõ Freire de Andrade, Senhor de Bobadella, e de sua mulher Dona Leonor Henriques; e tiveraõ os filhos seguintes:

14 D. Rodrigo de Sousa, morreo moço.

14 D. Luiz de Sousa, Capitulo XXXIV.

14 D. Francisco de Sousa, Cap. XXXVI.

14 D. Joaõ de Sousa, que passou à India no anno de 1568: foy Capitaõ de Dio. Casou na India com Dona Maria Perestrello, filha de Estevaõ Perestrello de Andas, Capitaõ de Caranca; e tiveraõ = 15 D. Mecia Henriques casou com Henrique de Sousa. = 15 D. Violante Henriques, que casou com D. Joaõ de Almeida, de quem, conforme Torres, naõ teve successaõ. = 15 D. Jeronyma Henriques, que casou com D. Jorge de Almada, sem successaõ; e depois com Pedro Furtado de Mendoça, Capitaõ de Dio, tambem sem successaõ, como se disse a pag. 37. deste Tomo.

14 D. Manoel de Sousa, que no anno de 1583 passou à India, e no seguinte foy provido com a Capitanía de Dio; lá casou, mas delle naõ ficaraõ filhos.

14 D. Mecia Henriques, §. I.

14 D. Branca de Vilhena, D. Sebastiana, e D. Margarida Henriques, todas Freiras na Conceiçaõ de Béja.

§. I.

14 D. Mecia Henriques, Dama da Rainha D. Catharina, casou com Jorge Furtado de Mendoça, Commendador das Entradas, e Reprezas, na Ordem de Santiago; e tiveraõ = 15 Antonio Furtado de Mendoça, que morreo moço. = 15 Affonso Furtado de Mendoça, que nasceo no anno de 1561: foy Porcionista do Collegio de S. Pedro de Coimbra, em que entrou em 1584, e graduandose Doutor, entrou em Collegial no dito Collegio no anno de 1592: foy Deaõ da Sé de Lisboa, Reytor da Universidade de Coimbra, e foy confirmado por ElRey D. Filippe III. a 19 de Julho de 1605, de que foy transferido para o Conselho de Estado de Portugal, que residia na Corte de Castella, que entaõ estava em Valhadolid, em que assistio até o anno de 1608, em que ElRey o nomeou Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens: foy Chantre da insigne Collegiada de Guimaraens, e no anno de 1609 nomeado Bispo da Guarda, e sendo confirmado por Paulo V., foy sagrado na Sé de Lisboa pelo Veneravel Dom Miguel de Castro a 28 de Fevereiro de 1610, tendo já tomado posse por seu Procurador a 13 do dito mez: entrou na sua Diocesi a 7 de Abril; fez Synodo a 29 de Junho de 1614, em que publicou as Constituições, que já tinha principiadas Dom Nuno de Noronha seu antecessor, para o que ajuntou

Cathalogos da Guarda, e Coimbra da Collecçaõ da Academia.

tou os mayores Letrados do Reyno. Mandou trasladar os ossos de sete Bispos, que jaziaõ na Igreja de Nossa Senhora da Consolaçaõ, que havia sido Sé, para a que hoje existe com grande pompa; e tendo regido esta Igreja com inteireza até o fim do anno de 1615, foy promovido para a de Coimbra, em que foy confirmado pelo Papa Paulo V. por Bulla passada a 5 de Dezembro de 1615; e tendo regido esta Igreja até 12 de Novembro de 1618, em que foy nomeado Arcebispo Primaz de Braga, de que tomou posse a 19 de Março de 1619. Neste anno se achou nas Cortes, que se celebraraõ em Lisboa; e tendo governado a Primacial Igreja, foy nomeado Arcebispo de Lisboa no mez de Janeiro de 1626, Dignidade em que succedeo ao Veneravel Arcebispo D. Miguel de Castro; e antes de ter Bullas Apostolicas do Arcebispado de Lisboa, no mez de Julho do dito anno, o nomeou ElRey hum dos Governadores do Reyno, em companhia de Dom Diogo de Castro, Conde de Basto, que se achava em Madrid, e do Conde de Portalegre D. Joaõ da Sylva, que actualmente estava governando; e partindo de Braga, com grande sentimento de todos, no primeiro de Setembro de 1626, tomou posse do governo do Reyno a 13 do dito mez, e continuou com o seu companheiro o Conde de Portalegre até Abril do seguinte anno, que se desonerou do governo, e ficou o Arcebispo com elle, até que faleceo a 2 de Junho de 1630, sendo de idade de setenta annos, e alguns mezes, e gover-

nado o Reyno tres annos, e perto de tres mezes, e o Arcebiſpado tres annos e hum mez. Jaz na Capella mór da Baſilica de Santa Maria, onde ſe havia mandado enterrar. Foy Prelado de grandes virtudes, eſmoler, e vigilante, aſſim no governo eſpiritual, como no temporal, com grande zelo, e reſoluçaõ, como ſe vio na contenda ſobre a ſua Primazia, que refere o Illuſtriſſimo Cunha, que teve com o Patriarca de Indias, e Arcebiſpo de Liſboa. = 15 PEDRO FURTADO DE MENDOÇA, Cavalleiro de Malta, Capitaõ mór das Naos da India. = * 15 D. MARGARIDA HENRIQUES, que caſou com Martim de Caſtro, adiante. = 15 D. VIOLANTE HENRIQUES, que caſou com D. Franciſco de Souſa ſeu tio, como ſe dirá no Capitulo XXXVI. = 15 D. ANNA, Freira na Conceiçaõ de Béja.

Cunha, *Hiſtoria Eccleſiaſtica*, part. 2. cap. 10. 20.

* 15 D. MARGARIDA HENRIQUES, que caſou com Martim de Caſtro do Rio, II. Senhor de Barbacena, e do opulento Morgado, que ſeus pays inſtituiraõ: ſoy entendido, brioſo, e eſmoler, em que diſpendia com maõ larga, mas taõ eſcondida, que as peſſoas, que as recebiaõ, naõ ſouberaõ donde lhe vinha, ſenaõ pela falta, que experimentaraõ por ſua morte, que foy a 27 de Janeiro de 1613; e tiveraõ os filhos ſeguintes: = 16 LUIZ DE CASTRO DO RIO, que lhe ſuccedeo na Caſa, e foy III. Senhor de Barbacena, e caſou duas vezes, a primeira com D. Margarida de Vilhena, filha de ſeu tio D. Franciſco de Souſa, e a ſegunda com Dona Catharina Telles ſua

prima

prima com irmãa, filha de Ayres Telles da Sylva, Alcaide mór da Covilhãa, e de ambas naõ teve succeſſaõ. ⩶ * 16 JORGE FURTADO DE MENDOÇA, com quem ſe continúa. ⩶ 16 AFFONSO FURTADO DE MENDOÇA, que foy Deaõ da Sé de Lisboa, por renuncia de ſeu tio, do meſmo nome, que foy Arcebiſpo de Braga, e Lisboa, e Governador de Portugal, como fica dito em ſeu proprio lugar: foy Deſembargador do Paço, e do Conſelho delRey. Achava-ſe em Madrid quando ſuccedeo a Acclamaçaõ delRey D. Joaõ IV., e vindo para o Reyno, foy ſeu Chanceller mor. Faleceo a 3 de Outubro de 1656. ⩶ 16 D. ANTONIO FURTADO DE MENDOÇA, que paſſou a ſervir à India, e lá morreo. ⩶ 16 D. LUIZA MARIA DE MENDOÇA, que caſou com D. Pedro da Fonſeca, Marquez de la Pilha em Caſtella, ſem ſucceſſaõ. ⩶ 16 D. VIOLANTE DO RIO, que foy Freira em Santa Clara de Lisboa. ⩶ 16 D. VIOLANTE HENRIQUES, recolhida em Santos. ⩶ * 16 JORGE FURTADO DE MENDOÇA, foy IV. Senhor de Barbacena, Commendador na Ordem de Chriſto, Alcaide mór da Covilhãa. Caſou com ſua prima com irmãa D. Marianna de Vilhena, filha de Ayres Telles da Sylva, Alcaide mór da Covilhãa, e tiveraõ ⩶ 17 AFFONSO FURTADO DE MENDOÇA, I. Viſconde de Barbacena, Alcaide mór da Covilhãa, Commendador na Ordem de Chriſto, Governador das Armas da Beira, do Conſelho de Guerra, e Governador do Braſil, que faleceo a 3 de Outubro

tubro de 1685, e caſou com D. Maria de Tavora, como ſe diſſe a pag. 734. ⩶ 17 D. Luiza de Mendoça, ou da Sylva, que caſou com Luiz de Souſa de Menezes, filho terceiro do Copeiro mór Jorge de Souſa, que ſervio na guerra de Alentejo com valor; e tiveraõ diverſos filhos, de que naõ ha ſucceſſaõ. ⩶ 17 D. Catharina, e D. Margarida, Freiras em Sacavem.

CAPITULO XXXIV.

De D. Luiz de Souſa, IV. Senhor de Beringel.

14 FOy herdeiro de D. Pedro de Souſa, como diſſemos no Capitulo antecedente, Dom Luiz de Souſa, que foy IV. Senhor de Beringel, Alcaide mór de Béja; ſervio a ElRey Dom Sebaſtiaõ. No anno de 1568 foy accreſcentado de Moço Fidalgo a Eſcudeiro com tres mil e quinhentos de moradia, como teve ſeu pay: no meſmo anno embarcou nas Galés, de que era General Franciſco Barreto. Teve o Reguengo de Béja, que vagara por ſeu pay, por merce de 13 de Março de 1566, com certa penſaõ a ſua mãy; e no anno de 1574, em que o dito Rey foy a primeira vez à Africa, o acompanhou, levando vinte homens de cavallo, e muita gente de pé à ſua cuſta; e já no anno de 1572 havia embarcado naquella fatal Armada, de que era Generaliſſimo o Senhor

Senhor Dom Duarte, Condeſtavel de Portugal, no Galeaõ S. Paulo, com cem homens à ſua cuſta, a quem dava meſa com muita deſpeza, em que moſtrou a generoſidade do ſeu animo. No anno de 1577 já era morto, o que conſta de certa merce feita a ſeu filho. Caſou duas vezes, a primeira com D. Iſabel da Sylva, filha de Lourenço de Brito, Senhor dos Morgados de S. Lourenço de Lisboa, e Santo Eſtevaõ de Béja, e de ſua mulher D. Antonia da Sylva; e tiveraõ

15 D. PEDRO DE SOUSA, que foy tomado por Moço Fidalgo a 9 de Março de 1579, e no anno ſeguinte cingio eſpada, depois embarcou na Armada, que foy a Inglaterra, de que era General o Duque de Medina Sidonia. Quando a Coſta do Algarve padeceo receyos de ſer invadida, acodio a Lagos com quinze Cavallos, e cincoenta Infantes. Morreo moço, ſem eſtado.

15 D. ANTONIA DA SYLVA caſou com Luiz de Mello, Alcaide mór de Elvas, de quem naſceo

16 RUY DE MELLO, que lhe ſuccedeo na Caſa, e foy Commendador de Santa Maria de Azeredo na Ordem de Chriſto; e tendo ſervido nas Armadas, ſendo Capitaõ de Mar, e Guerra, no anno de 1617 tomou a roupeta da Companhia.

Caſou ſegunda vez com D. Joanna de Souſa, que havia ſido terceira mulher de D. Jeronymo de Caſtro, Senhor do Paul de Boquilobo, filha de D. Leonardo de Souſa, e de ſua mulher Dona Ignez de Lafetá,

fetá, como dissemos; e desta uniaõ nasceo entre outros filhos, que acabaraõ de curta idade,

15 D. Luiz de Sousa, de quem se tratará no Capitulo XXXV.

CAPITULO XXXV.

De Dom Luiz de Sousa, II. Conde de Prado, V. Senhor de Beringel.

15 NO Capitulo antecedente dissemos, que do segundo consorcio de Dom Luiz de Sousa, Senhor de Beringel, e de D. Joanna de Sousa, fora unico D. Luiz de Sousa, que foy o herdeiro da sua Casa, e V. Senhor de Beringel, Alcaide mór de Béja, Commendador de Nossa Senhora da Purificaçaõ na Ordem de Christo. Os seus merecimentos, serviços, e talento, augmentaraõ a sua Casa, elevando-a à grandeza merecida, e possuida dos seus mayores.

No anno de 1596, em que se esperava a Armada Ingleza, se achou D. Luiz acompanhando a D. Francisco Mascarenhas, Capitaõ dos Ginetes, do Conselho de Estado, e hum dos Governadores do Reyno, com muito luzimento, e despeza de gente, e de cavallo, à sua custa, até que despedida a Armada inimiga, se recolheraõ; e temendo-se outra invasaõ semelhante no anno de 1599, passou à Comarca de

de Béja a fazer gente, que poz correntes, e para a Armada da India, e a que ElRey Dom Filippe III. mandou a Flandes no anno de 1602, e se embarcou em Lisboa com D. Joaõ de Menezes, que passara a servir naquelles Estados com o posto de Mestre de Campo. Depois em Julho de 1605 embarcou nas Galés, de que era General Dom Antonio Coloma, Conde de Elda, servindo à propria custa, com grande despeza. No anno de 1617 foy mandado por Governador, e Capitaõ General do Estado do Brasil, que governou até o anno de 1621 com muita tranquilidade. Depois governou o Reyno do Algarve, e com grande satisfaçaõ; porque todas as suas acções eraõ reguladas da prudencia, com que se fazia respeitado.

Por morte de Dom Lopo de Sousa vagou para a Coroa a Villa de Prado, de que ElRey lhe fez merce por hum Alvará passado a 5 de Setembro de 1630; e por outro depois feito em Madrid a 23 de Fevereiro de 1634 lhe fez merce das jurisdicções, e datas de officios, com o Padroado, e todas as mais prerogativas, com que a tiveraõ os outros Donatarios.

ElRey D. Filippe o creou Conde de Prado, de que tirou Carta, e foy seu Gentil-homem de Boca, e Presidente do Senado da Camera de Lisboa, que exerceo. Foy Ministro de grandes partes, bemquisto, e estimado. Quando succedeo a Acclamaçaõ delRey D. Joaõ IV. se achava em Madrid. Fez o

ſeu Teſtamento a 23 de Janeiro de 1643, mandando-ſe enterrar na Igreja do Hoſpital de Santo Antonio dos Portuguezes, debaixo do Altar mór, deixando a Condeſſa ſua mulher por herdeira dos bens livres. Caſou em Madrid com D. Marianna de Guſmaõ, viuva de D. Rodrigo Jeronymo Portocarrero, IV. Conde de Medelhim, irmãa de D. Alonſo de Bracamonte, I. Conde de Penharanda, filhos de D. Joaõ de Bracamonte e Guſmaõ, V. Senhor de Penharanda, e de D. Anna de Cordova, filha de D. Pedro de Avila, I. Marquez de las Navas, de quem naõ teve ſucceſſaõ: pelo que havia renunciado a ſua Caſa em ſeu ſobrinho Dom Franciſco de Souſa, como adiante ſe dirá.

CAPITULO XXXVI.

De Dom Franciſco de Souſa.

14 NO Capitulo XXXIII. diſſemos ſer terceiro filho de D. Pedro de Souſa, III. Senhor de Beringel, D. Franciſco de Souſa, em quem faltando os Morgados, as proprias virtudes o fizeraõ taõ diſtincto, que mereceo a eſtimaçaõ univerſal; porque ſobre valeroſo, e ſciente Soldado, era cortezaõ, e generoſo. Servio em Tangere Commenda, no tempo que governava aquella Praça D. Joaõ de Menezes. No anno de 1578 quando ElRey D. Sebaſtiaõ

bastiaõ passou à Africa, foy Capitaõ de hum dos Galeoens da Armada, de que era General seu tio D. Diogo de Sousa. Foy Capitaõ mór da Comarca de Béja; e no anno de 1588, em que veyo a Armada com o Prior do Crato, o mandou ElRey a Elvas a fazer gente; e depois o nomeou Capitaõ da Mina, que naõ teve effeito.

No anno de 1591 foy mandado por Governador, e Capitaõ General da Bahia, havendo neste tempo Roberio Dias, hum dos moradores principaes, e mais poderosos daquella Cidade, segundo o que refere na *America Portugueza* Sebastiaõ da Rocha Pita, que passara ao Reyno, se offerecera descobrir minas de prata no destricto da Bahia; porque nas suas terras as tinha, donde havia tirado huma grande copia, de que fizera huma baixella, e toda a que ornava a sua Capella; offerecendo neste descobrimento tantas utilidades, que pedia hum grande despacho. Encarregou ElRey este negocio a Dom Francisco de Sousa, que estava provido no governo geral do Brasil, e a Roberio Dias deu o lugar de Administrador das Minas, com outras promessas, de que pouco satisfeito, voltou à Bahia com o Governador, e com licença sua foy esperallo às suas terras, a quem logo seguio D. Francisco de Sousa com todas as prevenções necessarias para hum negocio taõ importante: porém Roberio Dias o encaminhou de sorte, que naõ foy possivel a D. Francisco de Sousa, com exactas diligencias, achar rastros das minas, que

Rocha Pita, *America Portugueza*, pag. 195.

tinha ſegurado Roberio Dias, que alguns entenderaõ as havia encobrido primeiro. Conheceo o Governador o engano, deu conta à Corte, porém quando lhe chegou a repoſta, era já morto Roberio Dias, e com elle acabaraõ todas as promeſſas. Continuou D. Franciſco de Souſa o ſeu governo, ſendo taõ dilatado, que durou onze annos, executados com acerto, e applauſo, e voltou para o Reyno.

Naõ eraõ aquellas minas de prata, as que Deos tinha promettido a Portugal, mas de ouro, que reſervou para o tempo do Grande D. Joaõ V., como já relatámos em ſeu proprio lugar.

Havia tempo que ſe tratava na Corte de Madrid do deſcobrimento das Minas, e já naõ com vulgares noticias determinou encarregar eſte negocio a Dom Franciſco de Souſa nas Capitanías do Sul, com Patente de Capitaõ General, que ſe lhe paſſou em Madrid a 2 de Janeiro de 1608, ſeparando aſſim as Capitanías de S. Vicente, Eſpirito Santo, e Rio de Janeiro, do deſtricto, e governo da Bahia. Concedeolhe ElRey hum grande poder, e muitas prerogativas; de ſorte, que naõ ſe tinha viſto taõ amplo poder em algum outro Governador, dando-ſelhe nas inſtrucções, o de prover todos os officios, aſſim de fazenda, como póſtos militares; de poder fazer Fidalgos, e os mais fóros, que ſe ſeguem; dar dezoito habitos de Chriſto com tenças; que do governo ſe lhe naõ tomaria reſidencia, e que nelle ſeria ſómente immediato a ElRey; que apreſentaria hum Ouvidor Geral

Prova num. 21.

Geral na Villa de S. Paulo, e outras prerogativas, e na sua falta nomear quem lhe havia de succeder no governo; e com effeito o nomeou em seu filho Dom Luiz de Sousa, que havia levado na sua companhia, e outras prerogativas naõ vulgares: pelo qual serviço teve promessa de Marquez das Minas com trinta mil cruzados; e por morrer antes de acabar o governo, se naõ verificou nelle a dita promessa, o qual titulo veyo a lograr seu neto do mesmo nome, como logo se verá. Morreo na Villa de S. Paulo no mez de Junho de 1611, havendo governado com inteireza, e equidade, porque foy desinteressado; servio com grande brio, muito prestimo, e actividade, e com hum talento militar, e cortezaõ, com que adquiria respeito, e naturalmente generoso; e sendo dotado de excellentes virtudes, e tendo servido lugares taõ uteis, era tal a isençaõ, que acabou pobre. Foy do Conselho delRey, e Commendador de Orelhaõ na Ordem de Christo. Casou duas vezes, a primeira com D. Joanna de Castro, filha de D. Rodrigo de Castro, Senhor do Morgado do Torraõ, a quem chamaraõ o *Hombrinhos*, irmaõ inteiro de D. Leonor de Castro, Marqueza de Lombay, mulher de D. Francisco de Borja, entaõ Marquez de Lombay, depois Duque de Gandia, e Religioso da Companhia, que veneramos no Altar; e tiveraõ

15 D. ANTONIO DE SOUSA, Cap. XXXVII.

15 D. FRANCISCO DE SOUSA, que morreo moço.

D.

15 D. JOAÕ DE SOUSA, Religioſo Eremita de Santo Agoſtinho, e D. Angela, Freira em Béja. Caſou ſegunda vez com ſua ſobrinha D. Violante Henriques, filha de ſua irmãa D. Mecia Henriques, e de Jorge Furtado de Mendoça, como ſe diſſe; e tiveraõ

15 D. DIOGO DE SOUSA, ſem ſucceſſaõ.

15 D. LUIZ DE SOUSA, Capitulo XLIII.

15 D. MARGARIDA HENRIQUES, que caſou com ſeu primo Luiz de Caſtro do Rio, de quem foy primeira mulher, ſem ſucceſſaõ.

15 D. MECIA HENRIQUES, Religioſa na Madre de Deos de Lisboa.

15 D. LUIZ DE SOUSA, illegitimo, Monge da Ordem de S. Bento.

CAPITULO XXXVII.

De D. Antonio de Souſa.

15 NO Capitulo paſſado vimos, que do primeiro matrimonio de Dom Franciſco de Souſa com D. Joanna de Caſtro naſcera o primeiro filho varaõ D. Antonio de Souſa, que veyo a ſucceder na Caſa, e foy Commendador de Santa Martha de Vianna na Ordem de Chriſto: ſervio nas Armadas, e depois no Braſil, ſendo Governador daquelle Eſtado ſeu pay. Eſtando na ſua Quinta de Azeitaõ

a 12 de Novembro de 1630 fez o seu Testamento, e no anno seguinte fez hum Codicillo a 23 de Fevereiro, e no dito anno devia falecer, e se mandou enterrar na Capella, que a sua Casa tem no Convento de S. Domingos de Azeitaõ. Casou com D. Maria de Menezes, em cujos descendentes recahio o Morgado de seus mayores: era filha de Joaõ Tello de Menezes, Commendador de Sande, e de sua mulher D. Catharina de Menezes, Dama da Rainha D. Catharina, filha de Bernardo Corte-Real, Alcaide mór de Tavira; e desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes:

16 D. Francisco de Sousa, I. Marquez das Minas, III. Conde de Prado, que occupará o Capitulo XXXVIII.

16 D. Joaõ de Sousa, que era Capitaõ de Infantaria, quando o Conde da Torre foy General da Armada Real, que foy ao Brasil; depois na Acclamaçaõ foy Mestre de Campo na Provincia de Alentejo; era valeroso, e discreto: morreo sem successaõ. Sua mãy no seu Testamento feito a 4 de Outubro de 1644, de certos bens instituîo nelle hum Morgado, com a clausula de que por sua morte passasse ao Conde de Prado.

16 D. Antonio de Sousa, que morreo menino.

16 D. Catharina Maria de Menezes, que casou com D. Rodrigo de Castro, I. Conde de Mesquitella, Senhor do Morgado do Torraõ, que servio com valor, e reputaçaõ na guerra, occupando grandes

des póstos; foy General da Cavallaria: morreo a 18 de Dezembro de 1662; e desta uniaõ nasceo unico D. Noutel de Castro, II. Conde de Mesquitella, que casou com D. Maria da Nazareth de Noronha, filha de D. Diogo de Lima, Visconde de Villa-Nova da Cerveira, como se disse, e naõ tiveraõ successaõ.

16 D. Pedro de Sousa, illegitimo, havido em Domingas Nogueira.

CAPITULO XXXVIII.

De Dom Francisco de Sousa, I. Marquez das Minas, III. Conde de Prado.

16 NAsceo primogenito de Dom Antonio de Sousa, e de sua mulher D. Maria de Menezes D. Francisco de Sousa, que naõ só lhe succedeo na Casa, mas na de seu avô materno Dom Joaõ Tello; e por renuncia de seu tio D. Luiz de Sousa, Conde de Prado, succedeo nos seus Estados, assim foy III. Conde de Prado, VI. Senhor da Villa de Beringel, e Prado, Alcaide mór de Béja, Commendador de Santa Maria de Azevo, e outras na Ordem de Christo. Os seus merecimentos o elevaraõ para ElRey lhe fazer merce da dignidade de Marquez das Minas, e dos mayores lugares politicos, e militares; porque foy Gentil-homem da Camera do Principe D. Theo-

Prova num. 22.

Theodosio, Védor da Casa delRey D. Joaõ IV. a quem servio de Camereiro mór, e de Estribeiro mór delRey D. Affonso VI., do Conselho de Estado, e Guerra, e do Principe Regente D. Pedro, Embaixador Extraordinario de Obediencia a Roma, Governador das Armas da Provincia de Entre Douro e Minho, que occupou largos annos, na guerra, e na paz, e Presidente do Conselho Ultramarino.

No anno de 1640, em que naõ havia succedido na Casa de seu tio o Conde de Prado, que se achava em Madrid no primeiro de Dezembro do dito anno, foy D. Francisco de Sousa hum dos quarenta esclarecidos Varoens, que libertaraõ a Patria; e naõ faltando ao socego da Cidade de Lisboa mais que a Fortaleza de S. Juliaõ da barra; porque todas as demais estavaõ rendidas à obediencia de seu legitimo Senhor ElRey D. Joaõ IV.; lhe foy encomendada esta empreza, que com felicidade conseguio, entrando na Praça a 12 do dito mez, conseguindo tomar o soccorro de Castella, que por mar se lhe mandava. No anno seguinte passou à Comarca de Béja a levantar hum Terço de Infantaria, de que havia de ser Mestre de Campo, nomeado para a guarniçaõ das Villas de Moura, e Serpa. Era já rota a guerra em todas as Provincias do Reyno, quando ainda estava em Béja acabando de levantar o Terço, e tendo noticia, de que em Moura, de cuja Praça tambem era Governador, havia nos animos dos moradores algum movimento, que os accusava de pouca firmeza na de-

fenſa da Praça, foy logo a Moura, e averiguando, que os moradores de Barrancos eraõ os mais culpados, deu conta a ElRey, que o encarregou do caſtigo; e ſahindo de Moura a ſatisfazer o que ſe lhe ordenava, obſervou ſegredo por evitar mayor ruina; chegou a Barrancos, e mandou logo ſair todos os moradores, depois de tirarem o fato, lhes puzeraõ fogo os Soldados, e D. Franciſco de Souſa ſe recolheo a Moura, ſem embaraço dos Caſtelhanos, e voltou a Béja a acabar de completar o Terço. Neſte meſmo anno com Franciſco de Mendoça, Alcaide mór de Mouraõ, aſſentou a entrepreza da Villa de Valença de Bomboy, e unidos em Amareleja, marcharaõ tanto que cerrou a noite, e chegando a aviſtar Valença, antes de amanhecer o dia ſeguinte, ſendo ſentidos dos Caſtelhanos, formaraõ as Tropas fóra da Villa, e entre ellas algumas mangas de Infantaria, que lhe ſobrava, com a gente da terra: porém deſprezando a noſſa Infantaria o perigo, unida em boa fórma com repetidas cargas de moſquetaria, foy ganhando os póſtos, que elles lhes largavaõ, ſem grande reſiſtencia; mas os dous Cabos com valeroſo exemplo avançaraõ, e ſendo acometida por todas as partes a Villa, fogio logo a Cavallaria Caſtelhana, e a Infantaria deſamparou a trincheira; e ſendo entrada a Villa, padeceo miſeravel eſtrago. Foraõ muitos os deſpojos, e ſe guardou religioſamente a immunidade dos lugares ſagrados; a Cavallaria Caſtelhana ſe ſalvou em Oliva, a Infantaria padeceo mayor damno. Retiraraõ-ſe

Portugal Reſtaurado, tom. I. pag. 217.

raraõ-se os nossos Soldados contentes com os despojos, e se recolheraõ com os Cabos às suas Praças.

Estes foraõ os primeiros successos, com que o Conde de Prado deu a conhecer o seu valor, e talento militar, que brilhou todo o tempo da sua vida; depois se achou em muitas occasioens do principio daquella guerra, em que se distinguio, como referem as memorias do seu tempo. Corria o anno de 1658 quando ElRey o mandou meter na Praça de Elvas, sendo já do Conselho de Guerra, e Estribeiro mór delRey: foy a occasiaõ a em que Joanne Mendes de Vasconcellos, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, sahio à Campanha com o nosso Exercito a sitiar a Cidade de Badajoz; entaõ se encomendou ao Conde de Prado o governo das Armas da Provincia de Alentejo, no qual continuou em quanto dudurou o sitio, que foraõ quatro mezes, com tanto acerto, e cuidado, que deu providencia a tudo o que era necessario, com tanta satisfaçaõ de Joanne Mendes de Vasconcellos, que delle se servia para o conselho, naõ só porque ElRey assim lho ordenara, mas tambem pela particular estimaçaõ, com que aquelle insigne General o respeitava; confessando que naquella occasiaõ o Conde de Prado dera bem a conhecer o seu talento, e prudencia, e o muito que desejara o bom successo daquella empreza; vontade, que tal vez naõ experimentou naquella occasiaõ em outros Generaes. Neste mesmo anno sitiaraõ os Castelhanos a Praça de Elvas, em que o Conde de

Portugal Restaurado, tom. 2. pag. 88.

Dito liv. pag. 140.

Prado se foy meter com seus filhos D. Antonio, D. Joaõ, e D. Pedro, sacrificando com elles ao serviço da Patria, a pessoa, e a posteridade.

Prova num. 23.

Exercitava o Conde de Prado o grande emprego de Estribeiro mór delRey D. Affonso VI. na menoridade de Luiz Guedes de Miranda, quando no anno de 1660 foy nomeado Governador das Armas da Provincia de Entre Douro e Minho, posto em que succedeo ao Visconde de Villa-Nova da Cerveira, que tambem succedeo ao Conde no lugar de Estribeiro mór, com condiçaõ de que acabado o tempo do governo do Conde de Prado, voltando à Corte, tornaria a exercitar o officio de Estribeiro mór, tendo na Camera de Sua Magestade a mesma assistencia, que antes havia tido, usando de huma, e outra cousa, da mesma maneira, que o fazia: foy esta declaraçaõ a 25 de Julho do dito anno. No principio do mez de Setembro partio o Conde de Lisboa para a Provincia de Entre Douro e Minho, onde deu principio ao seu governo, por dispor os meyos proporcionados à grande guerra, que o esperava; facilitando muito o fim, que pertendia a uniaõ, e diligencia dos Cabos, e Officiaes, que lhe assistiaõ, que com incessante trabalho conduziaõ, e formavaõ corpos de Infantaria, e Cavallaria; e no mesmo tempo o Marquez de Vianna, General das Armas de Galliza, juntava Exercito para a Conquista daquella Provincia, e o Conde de Prado outro para a defensa. Sahio o Conde à Campanha a 13 de Julho de 1661 com o seu Exercito,

Tom. 5. das *Provas*, pag. 18.

Portugal Restaurado, tom. 2. pag. 339.

Exercito, que constava de onze mil Infantes, mil e quinhentos Cavallos, e seis peças de artilharia, e marchou de Ponte de Lima, e fez quartel em Coura, para que o nosso Exercito servisse de defensa às Praças fortificadas, e Lugares abertos. O Marquez de Vianna a 19 de Julho passou por huma ponte de barcas o rio Minho; compunha-se o seu Exercito de doze mil Infantes, mil e oitocentos Cavallos, e dez peças de artilharia. Depois de diversos movimentos, com que o Conde de Prado naõ só defendia as Praças, mas naõ deixava obrar cousa alguma ao do Marquez de Vianna; porque com anticipada industria prevenia os damnos com felicidade das nossas armas, divertindo todas as emprezas, que elle meditava: os Soldados se retiraraõ carregados de despojos, e seguidos de prisioneiros, sem receber damno consideravel. O Marquez de Vianna cuidadoso, adiantou a fortificaçaõ do seu quartel, que multiplicou de sorte defensas a defensas, que claramente manifestava mayor o temor de conquistado, do que o desejo de conquistador; sendo taõ infeliz os seus progressos, que teve o Marquez ordem delRey de Castella para retirar o seu Exercito: porém o Conde de Prado o poz em bastante aperto, pois à sua vista lhe tomou o Forte de Belem, que ainda que naõ era importante, lhe diminuîa a reputaçaõ; havendo perseguido de sorte o seu Exercito, e incommodados os Gallegos com a impossibilidade da entrada dos combois, e impedindolhes as forragens, accrescentando a este aperto o damno, que

Dito liv. pag. 341.

Dito liv. pag 347.

que recebia a Cidade de Tuy das bombas, e da artilharia, que continuamente jogavaõ contra aquella Praça, com tanta consternaçaõ dos moradores, que já sem paciencia largavaõ as proprias casas: pelo que o Marquez de Vianna, vendo que o Conde de Prado, novo Quinto Fabio, como com a sua elegancia lhe chama o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, conseguia defender com valor, e arte, a Provincia de Entre Douro e Minho, determinou levantar o quartel, e passou o rio Minho. Retirado o Exercito dos inimigos, chamou o Conde de Prado a Conselho, propondo o que havia de obrar com hum Exercito de Soldados valerosos, contra inimigos desanimados. Foraõ diversos os votos, huns de seguir o fio das felicidades, adiantando-se a conquistar, outros que se procurassem os caminhos da defensa, o que abraçou o Conde de Prado; depois de arruinar as defensas principaes dos quarteis dos inimigos, resolveo empregar o Exercito na fabrica de hum Forte, que servisse de cobrir Valença, e toda aquella campanha; e tendo-o principiado a 23 de Agosto, a 3 de Setembro estava posto com defensa.

Conseguio o Conde de Prado no anno seguinte de 1662 sahir em Campanha a 9 de Julho primeiro que os inimigos; constava o corpo do Exercito de oito mil Infantes, de que quatro mil eraõ Auxiliares, mil Cavallos, e sete peças de artilharia. Do Exercito dos inimigos era Capitaõ General D. Diogo Carrilho, Arcebispo de Santiago, e pela pouca experiencia

encia militar, era Governador das Armas D. Balthaſar de Roxas Pantoja, que ainda com grandes experiencias militares, naõ foy mais bem ſuccedido, que o Marquez de Vianna; porque o Conde de Prado poſtou o Exercito tanto a tempo, que impedio o deſignio de D. Balthaſar Pantoja occupar aquelle poſto, que elle ganhou, ficando cobrindo Valença o Forte de S. Franciſco, e as Fregueſias de Coura. Mandou D. Balthaſar hum Volantim ao Capitaõ Lourenço Garcez, que governava hum Forte da Portella de Vez, naõ o quiz aceitar, e reſpondeo a varios ameaços, que o Trombeta lhe fez da parte de Dom Balthaſar Pantoja, que o Conde de Prado lhe daria a repoſta. Intentaraõ os inimigos ſitiar Valença, e lho impedio o noſſo Exercito, e na meſma fórma todos os progreſſos daquella Campanha, em que quaſi todos os dias pelejavaõ; porque o valor, e vigilancia dos Generaes, e Cabos, os naõ deixavaõ ſocegar; de ſorte, que deſanimados os Gallegos, naõ podiaõ reſiſtir aos noſſos Soldados, nem ſofrer taõ glorioſos ſucceſſos. Intentou D. Balthaſar Pantoja, retirando com o mayor ſilencio, que lhe foy poſſivel, paſſar o rio Lima para penetrar a Provincia, que era toda a ſua idéa, tantas vezes mal lograda, mas o Conde de Prado penetrandolhe o deſignio, lhe prevenio o remedio; porque ſabendo que os inimigos ſe aquartelaraõ em Giella, nobre apoſento dos Viſcondes de Villa-Nova da Cerveira, da outra parte do rio Vez junto aos Arcos de Valdevez, mudou de ſitio com a viſinhança

ſinhança do noſſo Exercito, o que obrigou a D. Balthaſar Pantoja a eſtreitar o quartel de Giella. O Conde de Prado, que anticipava as prevenções aos perigos, mandou fortificar hum quartel com dous Terços de Infantaria ſobre a Villa da Barca, e facilitarlhe com pontes no rio Lima o ſoccorro; e porque os moradores de alguns Lugares viſinhos de Giella, perſuadidos dos Parocos, ſe entregaraõ ao dominio de Caſtella, procedeo ſeveramente contra os culpados, para evitar com o medo, exemplo taõ prejudicial.

Naõ encontrava D. Balthaſar Pantoja caminho de evitar tantos infortunios, largou a aſſiſtencia de Giella, e paſſou com o ſeu Exercito o rio Lima, com a determinaçaõ de entrar em Braga, ou Ponte de Limã: porém o noſſo Exercito paſſou tambem por outra parte o rio Lima, e vendo D. Balthaſar deſvanecida a ſua idéa pela difficuldade de o conſeguir, enterprendeo o Caſtello de Lindoſo, que naõ tinha mais preſidio, do que alguns Paiſanos, governados pelo ſeu Alcaide mór Manoel de Souſa de Menezes, que depois de cinco dias de bataria, e perda de hum Sargento mór, e quatro Capitaens, ſe rendeo com honrados partidos; depois intentou queimar a Villa da Barca, porém o Conde de Prado mandou ao Tenente General Fernaõ de Souſa Coutinho com trezentos Infantes defender a Villa, o que conſeguio, obrigando aos inimigos a retirarenſe com alguma perda. Era continuada a que recebiaõ, porque em toda

da

da a parte os perseguiaõ os nossos Soldados, cortandolhes os combois, fazendo repetidas prezas; de sorte, que poucos dias passavaõ, que a nossa Cavallaria se naõ remontasse dos Cavallos dos inimigos. Passava ao seu Exercito hum Terço de quatrocentos milicianos confiados nas suas partidas, porém com huma emboscada de vinte Cavallos totalmente foy desbaratado. Eraõ taõ repetidos os maos successos, que D. Balthasar mudou de sitio, e pertendendo o Mestre de Campo General o Conde de S. Joaõ embaraçarlhes a marcha, o naõ consentio o Conde de Prado, por naõ permittir se pelejasse de noite: ao amanhecer chegou o Conde de S. Joaõ ao rio, e naõ achando mais que o ultimo batalhaõ, o carregou com tanta furia, que desprezando o perigo, a que se expunha, passou animosamente da outra parte com os batalhoens, que mandava. Dom Balthasar Pantoja voltou com a retaguarda, e fazendo o mesmo a vanguarda, se dispoz todo o Exercito à vingança dos aggravos recebidos nos encontros passados. O Conde de Prado, que naõ ignorava o perigo do Conde de S. Joaõ, passou com diligencia a soccorrello, fazendo o Mestre de Campo General o Conde da Torre marchar o Exercito com toda a pressa. Pelejou-se com valor em todas as partes, entre os dous rios Vez, e Lima, de sorte, que com o favor da noite se retirou D. Balthasar Pantoja, deixando na Campanha quatrocentos Soldados mortos, naõ custando aos nossos mais que a vida de trinta Soldados. No dia seguinte

appareceo o Exercito inimigo aquartelado em Giella, e o noſſo, ſeguindo-o, campou no Lugar de Souto, que mudou para o de S. Bento, onde com damno de ambos jogava a artilharia de huma, e outra parte. O Conde de Prado, vendo que os inimigos por huma ponte recebiaõ comodamente os combois, a mandou huma noite arruinar. D. Balthaſar Pantoja, vendo taõ fruſtradas as ſuas emprezas, determinou vingarſe, mandando queimar a Villa de Arcos de Valdevez; o Conde de Prado lhe mandou apagar o fogo: porém eſtava taõ ateado, que as caſas padeceraõ ruina. D. Balthaſar Pantoja na noite marchou, porém ſendo ſentido dos noſſos, o ſeguiraõ no dia ſeguinte. Depois de varias eſcaramuças tiveraõ hum encontro, em que os inimigos padeceraõ grande eſtrago nos que morreraõ, e em muitos priſioneiros, e entre elles o Capitaõ D. Filippe Trajecto, ſobrinho de D. Balthaſar. Durou o combate todo o dia, em que valeroſamente ſe pelejou, e a noite facilitou aos inimigos a retirada, naõ com pouco trabalho, enterrando algumas peças de artilharia, que naõ puderaõ conduzir, e alojou o Exercito na mais remontada aſpereza daquellas terras; e depois de varios ſucceſſos, em que ſempre as noſſas armas conſeguiraõ reputaçaõ, com perda dos inimigos, ſe veyo a introduzir hum negoceado por induſtria de Joaõ Nunes da Cunha, depois I. Conde de S. Vicente, com D. Luiz de Menezes, chamado Marquez de Penalva, em que veyo a ſer a concluſaõ, o pedir eſte, com conſen-

consentimento da sua Corte, suspensaõ de armas, que com beneplacito da nossa se concluìo a 23 de Dezembro do dito anno, com grande satisfaçaõ, e alegria dos póvos de hum, e outro Reyno; e continuando as conferencias, tiveraõ remate os progressos da Campanha venturosamente, pleiteada do valor, prudencia, e destreza do Conde de Prado, e dos mais Generaes, e Officiaes daquelle Exercito.

Os bons successos da Campanha passada deraõ motivo ao Conde de Prado, a que generosamente quizesse augmentar a opiniaõ, que com applauso universalmente havia conseguido; e pertendeo passar à Corte a communicar a ElRey a sua idéa, e pedindo licença, lha negou ElRey, com o especioso pretexto de ser a sua pessoa naquella Provincia a mais firme confiança, que a segurava. Naõ replicou o Conde, e mandou ao Mestre de Campo General D. Francisco de Azevedo com a commissaõ de negocio taõ importante. Era já entrado o mez de Outubro de 1663, em que naõ houve successo digno de memoria. Intentou o Conde de Prado tomar o Forte de Gayaõ, que os nossos assaltaraõ taõ intrepidamente, que puderaõ vencer a valerosa resistencia, com que os inimigos o defendiaõ, durando o conflicto desde o romper da Alva até às oito horas da manhãa. Foraõ poucos os que escaparaõ com vida, sendo hum dos mortos o Governador, e dos nossos oito: foraõ muitas as consequencias da sua tomada, pelo muito damno, que depois receberaõ os Gallegos nas entradas, que

por aquella parte os nossos fizeraõ, passando os póvos de Entre Douro e Minho de conquistados a conquistadores. O Conde de Prado, desejando fortificar o Forte de Gayaõ, sem embargo das opposições dos inimigos, o conseguio; e querendo fazer mais estimavel aquella empreza, mandou enterprender a Praça de Lindoso, que os inimigos tomaraõ na Campanha passada, o que conseguio. Entregou o governo ao seu Alcaide mór Manoel de Sousa de Menezes, que havia sido hum dos que com grande valor a recuperaraõ. O Forte de Gayaõ, tanto que foy fortificado, o entregou ao Mestre de Campo Manoel Nunes Leitaõ com mil Infantes dos Terços de seu filho D. Antonio Luiz de Sousa, Gonçalo Vasques da Cunha, duzentos Cavallos, oito peças de artilharia com munições de guerra, e boca, para hum largo sitio, e meteo o Exercito em quarteis, e D. Blathasar Pantoja fez o mesmo. Nomeou ElRey de Castella para Vice-Rey de Galliza a D. Joaõ Poderico, que havia sido Mestre de Campo General de D. Joaõ de Austria; o Conde de Prado lhe deu logo as boas vindas, mandando entrar em Galliza por Chaõ de Castro, e depois dos nossos queimarem, e saquearem muitos Lugares abertos, se recolheraõ sem opposiçaõ.

Estes gloriosos successos das Armas, que mandava o Conde de Prado, haviaõ abatido o poder de Galliza, que já ao Conde naõ dava cuidado a defensa da Provincia de Entre Douro e Minho, mas a escolha

escolha da conquista de alguma das Praças mais importante dos inimigos. A Campanha que os nossos fizeraõ neste anno de 1665 na Provincia de Alentejo, obrigou ao Conde a deferir os seus intentos para o Outono. No mez de Outubro resolveo ElRey, que sahisse em Campanha, e para esta resoluçaõ se tinha o Conde de Prado prevenido para a guerra offensiva com tanto segredo, que naõ foy penetrado dos inimigos. Chegaraõ à Provincia do Minho os soccorros, que ElRey ordenara, o Conde de Schomberg da Provincia de Alentejo com tres Regimentos de Infantaria, hum de Alemaens, dous de Inglezes, e hum de Cavallaria Franceza; da Provincia da Beira Pedro Jaques de Magalhaens com quinhentos Cavallos, e mil e quatrocentos Infantes; do Porto o Conde de Miranda com dous Terços de Infantaria; de Lisboa o Conde da Torre, já Mestre de Campo General da Extremadura; da Provincia de Tras dos Montes o Conde de S. Joaõ com tres mil Infantes, e oitocentos Cavallos; de sorte, que unidos os soccorros à gente da Provincia, se compunha o Exercito de doze mil Infantes, e dous mil e quinhentos Cavallos, trem de artilharia de quatorze peças, e todas as munições, e petrechos de guerra. A 28 de Outubro do referido anno de 1665 sahio o Governador das Armas em Campanha; eraõ Mestres de Campo Generaes o Conde de S. Joaõ, e D. Francisco de Azevedo, General da Cavallaria Pedro Cesar de Menezes, General da Artilharia Fernaõ de Sousa Coutinho,

nho, e General de Batalha Miguel Carlos de Tavora, depois Conde de S. Vicente, que acompanhavaõ muitos Officiaes de grande nobreza, e reputaçaõ; e entrando por Galliza, ſaquearaõ a Villa de Bouças, rica, e abundante, que fica ſobre o mar junto a Vigo; depois de ſaqueada ſe lhe poz fogo. O Vice-Rey de Galliza ajuntou cinco mil Infantes, e oitocentos Cavallos, e occupou a Portella de S. Coſmado, por onde o noſſo Exercito havia de paſſar, lugar em que ſe naõ detiveraõ, logo que deraõ viſta dos noſſos primeiros batalhoens, e marcharaõ para Redondella da outra parte; e occupando o noſſo Exercito o lugar, que havia deixado, queimou a Villa de Porrinho com as fabricas das farinhas, e biſcoito, de que o Exercito inimigo ſe provia. Eraõ innumeraveis os deſpojos dos Lugares deſtruidos, e naõ menor o trabalho nas marchas no rigor do Inverno, por Serras aſperas, e difficeis, ainda na eſtaçaõ mais benigna. Finalmente ſuperadas as difficuldades, chegou o Exercito à Villa da Guarda, em que depois de oito dias, em que os ſitiados uſaraõ brioſamente de todos os meyos da defenſa, armando-ſe de algumas ſortidas, ainda que infelices, os noſſos Soldados impacientes, lhe deraõ hum furioſo aſſalto, e ainda que com perda de oitenta, e muitos mal feridos, em que entrou o Meſtre de Campo Joaõ Rebello Leite, e o ſeu Sargento mór Clemente Rodrigues Salgado, ſe alojaraõ na eſtrada coberta; e principiando a picar a muralha, ſe viraõ obrigados os ſitiados

dos a fazerem chamada. A 20 de Novembro começou a capitulaçaõ, e ajustada se entregou o Forte, e sahio o Governador Jorge Madureira com seiscentos Soldados pagos, e quinhentos Auxiliares, e huma peça de artilharia; os cavallos, e tudo o mais que havia no Forte, se entregou ao General da Artilharia, e foraõ comboyados à Praça de Tuy, havendolhe concedido o Conde de Prado aos Soldados levarem as suas armas; e sendo entregue o governo do Forte ao Mestre de Campo Balthasar Fagundes com novecentos Infantes, se retirou o Exercito; porque o rigor do Inverno naõ permittia mais operações: os Generaes com os soccorros, voltaraõ às suas Provincias.

Continuava o Conde de Prado o governo das Armas do Minho com tantas ventagens, que naõ lhe deu cuidado de ter por contendor o Condestavel de Castella D. Inigo Lopes de Velasco, que fora provido no posto de Capitaõ General do Reyno de Galliza, o qual no primeiro de Junho de 1666 poz em Campanha o seu Exercito, que constava de quatorze mil Infantes, mil e seiscentos Cavallos, artilharia, e todas as mais munições de guerra, e boca, para sustentar hum taõ grande corpo. A este Exercito fez opposiçaõ o Conde de Prado com quatro mil Infantes, e mil e quinhentos Cavallos. Tomaraõ os inimigos quartel, e depois de varios gyros, em que gastaraõ dias, sem conseguirem successo de consequencia, pela opposiçaõ do Conde de Prado, o mudaraõ;

Conde da Ericeira, tomo 2. pag. 770.

raõ, dando a entender o Condeſtavel, que hia ſobre o Forte da Guarda; mas o Conde mandou lançar huma ponte, ſem dilaçaõ, ſobre o rio Minho, e paſſando à outra parte, ſe campou junto ao Forte, ficando aſſim fruſtrada a ſua determinaçaõ: pelo que voltou para o meſmo quartel, que era em Forcadella, em que eſteve até 4 de Julho, de que ſe mudou ao campo junto do Forte de Capote Vermelhon, communicando-ſe com o de S. Luiz, em que ſe deteve cinco dias. O Conde de Prado reconhecendo o receyo do Condeſtavel, lho accreſcentou, mandando lançar huma ponte no rio Minho, e paſſou a Cavallaria ao Forte da Conceiçaõ. Eſte corpo ſómente, e a guarniçaõ do Forte baſtou para obrigar ao Condeſtavel a largar o quartel, e paſſar a Tuy com apreſſada marcha, e ſe adiantou até à Ponte Nova, primeiro poſto, que havia tomado, quando ſahio à Campanha. O Condeſtavel com novo deſignio determinou mandar ao Meſtre de Campo General D. Balthaſar Pantoja com cinco mil Infantes, e trezentos Cavallos, entrar por Monte-Alegre na Provincia de Tras dos Montes: porém o Conde de Prado, que vigiava ſobre os ſeus deſignios, penetrou a reſoluçaõ, mandou promptamente para aquella Provincia dous Terços, e ſeis Companhias de Cavallos; e da Praça da Conceiçaõ ſahio com toda a gente, que lhe ſobrava, a buſcar os inimigos no quartel da Ponte Nova; mas achando embaraço em hum rio, tomou quartel, donde mandou diverſas partidas a deſtruir a Campanha.

Naõ

Naõ queria pelejar o Condestavel, e passou o Exercito a S. Cosmado, e o Conde de Prado a Gondomar; e naõ se dando os Gallegos por seguros no quartel, que occuparaõ, se retiraraõ a Redondella, e Sampayo, onde se deraõ por seguros. O Conde de Prado depois de ter assolado todos os Lugares daquelles fertilissimos valles, sem opposiçaõ alguma do Exercito contrario, se retirou com os Soldados ricos, e vitoriosos à sua Provincia, e foy recebido dos póvos com acclamações, e vivas merecidas de huma taõ gloriosa Campanha.

No anno de 1667 tornou o Condestavel a sahir à Campanha, e o Conde de Prado a opporse com tanta efficacia, que ainda frustradas algumas emprezas, que meditara, se recolheo à sua Provincia, deixando destruidos grande numero de Lugares, temerosos os inimigos, os seus Soldados vitoriosos, e o seu nome com immortal gloria; e daremos fim às suas acções militares, transcrevendo as elegantes expressoens, com que o Conde da Ericeira remata a guerra da Provincia do Minho, dizendo: *Tiveraõ remate os successos gloriosos daquella Provincia, onde cada hum dos Generaes foy dignamente merecedor de hum triunfo, e os Soldados de multiplicadas coroas militares; porque se na Provincia de Alentejo se pelejou com mais força, na de Entre Douro e Minho com mais arte; se aquella Provincia seguio a escola de Marcello, esta a de Fabio, ficando por este respeito illustrada a Provincia de Alentejo em vencer bata-*

lhas, a de Entre Douro e Minho em defender terrenos, e todas as Provincias do Reyno, e Conquiſtas, por acções ſingulares.

Celebrada, e publica a paz com Caſtella no anno de 1668, em que já governava o Principe Regente D. Pedro, a quem a piedade, e Religiaõ deveraõ o mayor cuidado, determinou mandar a Roma dar obediencia ao Papa Clemente IX., e entre tantos benemeritos, que occupavaõ o venerado lugar do Conſelho de Eſtado, e outros tambem grandes da Corte, eſcolheo ao Conde de Prado para mandar a Roma por ſeu Embaixador Extraordinario, a quem entre outras merces creou Marquez das Minas, de que depois tirou Carta, que ſe lhe paſſou a 7 de Janeiro de 1670. Sahio de Lisboa a 30 de Mayo de 1669, havendo já partido para Roma com o caracter de Enviado a 12 de Janeiro o Doutor Joaõ de Roxas de Azevedo com a merce de Deſembargador do Paço. Acompanharaõ ao Marquez tres Naos de guerra, levando em ſua companhia a ſeus filhos Dom Joaõ, e Dom Pedro de Souſa, o Conde de Atalaya Dom Luiz Manoel ſeu ſobrinho, e genro, e o Doutor Antonio Velez Caldeira, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, Deſembargador da Caſa da Supplicaçaõ, por Secretario da Embaixada, Miniſtro de grande litteratura, em quem concorriaõ muitas partes para emprego taõ eſtimavel; e ſeguia-ſe mais huma nobre numeroſa, e luzida familia. Chegou a Leorne, porto do Graõ Duque de Toſcana, que o man-

mandou receber com extraordinarias demonstrações de grandeza, e affecto. Deu principio à jornada para Roma, e entrando no Estado Ecclesiastico, foy recebido em Viterbo por Monsenhor Durazzo, Governador do Patrimonio da Igreja, e lhe fez huma sumptuosa hospedagem. Nesta Cidade achou tres coches seus, tirados por cavallos Napolitanos; aqui ao partir deitou aos pobres, e para os prezos hum bom numero de moedas de ouro, e foy a primeira publica demonstraçaõ do Embaixador; porque nelle foy o brilhante a generosidade, entre tantas virtudes, com que se adornou; porque sendo o caracter de Embaixador a confiança do Soberano, tambem costuma ser o mais publico demonstrativo do coraçaõ do Ministro, sem que possa occultar os effeitos da economia, com que alguns, faltandolhe a generosidade, saõ objecto da murmuraçaõ das Cortes, em que assistem, e huma historia passada na tradiçaõ, que perpetúa o apoucado dos seus animos. Antes do Embaixador chegar a Monte-Rozzi, encontrou a Monsenhor Rocci, Mordomo do Papa, que o havia mandado para hospedar ao Embaixador, o que fez, e a seus filhos, companheiros, e a toda a sua grande familia. No dia seguinte se despedio Monsenhor Rocci para ir dar noticia ao Papa da chegada do Embaixador, que continuando a sua jornada, a seis milhas de Roma achou ao Cardeal Ursino, Protector de Portugal, que o recebeo com hum refresco de doces, e bebidas nevadas, com muita abundancia. Neste lu-

gar lhe tinha prevenido muitos coches a ſeis cavallos para conduzirem a familia do Embaixador, a quem os Cavalheros Portuguezes, e aſſiſtentes na Curia, viera õ obſequiar. Em Aquatraveſa, Lugar duas milhas de Roma, encontrou ao Cardeal Roſpiglioſi com o ſeu Meſtre de Camera Mario Spinola, que o vinha comprimentar, e acompanhar até Roma, para lhe dar a conhecer os Gentis-homens dos mais Cardeaes, que havia de encontrar. Entrou o Embaixador no coche do Cardeal Roſpiglioſi, o Cardeal Urſino, e Monſenhor Spinola, e foraõ encontrando hum grandiſſimo numero de coches a ſeis cavallos, dos Cardeaes, Embaixadores, Principes, e Miniſtros, que o haviaõ de acompanhar. Entrou a 19 de Outubro de 1669 o Embaixador em Roma, e chegando ao Palacio do Cardeal Protector, ſe deſpedio Monſenhor Spinola; e com pouca detença, entrou no ſeu coche o Embaixador com o Cardeal Urſino, e foraõ à audiencia do Papa; e chegando aos ſeus pés, lhos beijou; foy levantado ao braço, e ſentando-ſe, referio os motivos da ſua Embaixada, que o Papa ouvio com ternura, e paternal ſatisfaçaõ. Paſſado algum tempo, ſe deſpedio com aquellas demonſtrações de reſpeito, devidas ao Vigario de Chriſto, e daqui paſſou a ver ao Cardeal Roſpiglioſi, ſobrinho do Papa; e ſahindo já de noite com o Cardeal Urſino, foraõ viſitar ao irmaõ do Papa Joaõ Bautiſta Roſpiglioſi, Duque de Zagarola, e Principe de Galicano, e aos Principes, e Princezas ſeus ſobrinhos, que o eſperavaõ com huma aſſem-

aſſemblea de Senhoras da primeira qualidade; era grande a riqueza, e ſingular goſto, com que eſtavaõ ornadas. Acabada a viſita, paſſou ao Palacio do Cardeal, onde foy ſervido naquella noite, e no dia ſeguinte com delicada meſa, em que luzia a magnificencia, e goſto do Cardeal.

Neſte meſmo dia paſſou o Embaixador Marquez das Minas para o Palacio, que ſe lhe tinha preparado junto a Fontana de Treve; e quando com diligencia eſtava preparando-ſe para ſahir em publico, faleceo a 9 de Dezembro o Papa Clemente IX. Entrou a Sé Vacante no governo, e o Sacro Collegio em Conclave, e o Marquez fez em vinte e quatro horas trabalhar huma libré de veludo negro com capas de pano para ſervir na Sé Vacante; e ſendo recebido do Sacro Collegio na Sacriſtia de S. Pedro, lhe fallou com deſembaraço, porque foy o Marquez igualmente ornado de valor na Campanha, do que de talento politico, e em hum elegante diſcurſo, ſe laſtimava da morte do Papa, e perſuadia ao Sacro Collegio reparaſſe o damno com a eleiçaõ de huma tal peſſoa, que entre tantos dignos, foſſe digniſſimo: offereceo as forças do Principe ſeu Amo para defenſa do Sacro Collegio. Reſpondeo em nome do Sacro Collegio o ſeu Decano o Cardeal Barberino com expreſſoens agradecidas, e attentas; e no tempo que duraraõ as Exequias, viſitou alguns Cardeaes, e a Rainha de Suecia. Na noite que ſe fechou o Conclave ſe achou preſente, viſitando a todos os Cardeaes, cada

Prova num. 24.

Prova num. 25.

cada qual particularmente , e separadamente no seu aposento ; e em todo o tempo , que durou o Conclave , deu largas demonstrações da sua politica , que revestida da prudencia , accrescentou a expectaçaõ , com que os Romanos mediaõ as acções do Marquez Embaixador , que lhe deveo huma singular estimaçaõ.

Sobio à Cadeira de S. Pedro a 29 de Abril de 1670 o Cardeal Emilio Altieri , Bispo de Camerino, Romano da antiga Familia do seu appellido , com o nome de Clemente X. , a quem o Marquez logo mandou ao Palacio Apostolico congratular com mais vivas expressoens de respeito , e de obediente , e devoto filho seu ; e a 3 de Mayo mandou ao Embaixador o Conego Joaõ Pedro Catolini , primeiro Official da Secretaria de Estado, a significarlhe o quanto estimara a sua attençaõ , e entregarlhe huma Carta , toda da maõ de Sua Santidade , para o Principe Regente , dandolhe conta da sua exaltaçaõ , e manifestando a cordeal attençaõ , com que se dispunha a considerar todos os interesses dos seus Reynos ; e o Cardeal Altieri , sobrinho do Papa , escreveo à Rainha Princeza D. Maria Francisca participandolhe a eleiçaõ do Papa , e a vontade com que estava de promover os negocios pertencentes à Coroa de Portugal. Foy o dia 4 de Mayo destinado para o Marquez Embaixador ter a audiencia do Papa , e beijandolhe o pé , levantado ao braço de Sua Santidade , tomou o seu lugar para sentarse , a quem manifestou o gosto da sua eleiçaõ,

çaõ , e o quanto ſeria da ſatisfaçaõ do Principe ſeu Amo. Depois de paſſado algum tempo teve licença para introduzir a beijar o pé D. Joaõ , e D. Pedro de Souſa ſeus filhos , a que ſe ſeguio toda a ſua numeroſa familia. Na meſma audiencia manifeſtou o deſejo , que tinha de ſervir , e acompanhar a Sua Santidade , na Cavalcata da poſſe a S. Joaõ de Latraõ ; e como naõ eſtava em publico , neceſſitava de que Sua Santidade déſſe o meyo para o conſeguir ; o que o Papa agradeceo , promettendolhe que teria effeito aquella ſupplica. Viſitou depois a 13 do dito mez a Princeza Altieri ſobrinha do Papa , que determinou os dous dias , de que neceſſitava o Embaixador para as funções , que havia de fazer. Aſſim no dia 18 de Mayo , depois de jantar , paſſou incognito ao jardim do Palacio , chamado do Papa Julio , com toda a ſua familia: aqui foy hoſpedado magnificamente , e cumprimentado pelos Gentis-homens de todos os Cardeaes , Embaixadores , Enviados , Reſidentes , Principes , Duques , e Miniſtros , em nome de ſeus amos , e muitos Titulos , e Cavalheros Romanos , que foraõ obſequiar ao Embaixador. Depois chegou a Guarda dos Cavallos ligeiros do Papa , a que ſe ſeguio a dos Suizos com ſeus Capitaens : duas horas antes da noite chegou o Principe Altieri , General da Igreja , ſobrinho do Papa , para conduzir ao Embaixador , e ſobindo a eſcada , achou no topo ao Embaixador , com o qual tornou a deſcer , e montando a cavallo , ſahiraõ de Palacio , caminhando o Embaixador à maõ direita do Principe.

Já

Já tinha dado principio à Cavalgada, a que precediaõ quatro trombetas do Embaixador com roupas de pano verde, cobertas de galoens de prata, com plumagem branca nos chapeos, a que se seguiaõ trinta e seis azemelas, cobertas com reposteiros ricos com as Armas bordadas do Embaixador, dezoito de veludo carmesi, e dezoito de veludo verde, guarnecidos com franjas de ouro, e apertadas com bastoens de prata, conduzidas por dezoito Moços de mulas, com libré verde agaloada de prata, e nos chapeos plumas brancas, e logo os Palafreneiros dos Cardeaes sobre mulas de gualdrapas, com os chapeos, e insignias Cardinalicias, a que se seguiaõ tres Mestres de Ceremonias do Papa vestidos de roxo, e a Guarda dos Cavallos ligeiros; depois seis Ajudantes de Camera, a que chamamos Reposteiros, vestidos à Franceza com bom gosto; depois dous Pagens de malas a cavallo com colares de ouro a tiracolo, e a pouca distancia dez Pagens, vestidos de veludo verde com galoens de prata, primorosamente ornados, e nos chapeos fitas de prata, e plumas brancas, a que se seguiaõ doze tambores com a libré do Embaixador de pano verde agaloada de prata, e os chapeos com plumas brancas, e bandas com as Armas do Embaixador, e a estes se seguiaõ vinte e quatro Gentis-homens em excellentes cavallos, com vestidos ricos cobertos de oiro, assentado em diversas cores, mas todas de bom gosto, chapeos bem guarnecidos, e com plumas brancas: vinhaõ logo juntos os Gentis-homens Portuguezes, Eccle-

Ecclesiasticos, e Seculares, que residiaõ em Roma; depois os Gentis-homens dos Cardeaes, Embaixadores, Principes, Duques, e Ministros, em grande numero, todos em bons cavallos, e com muito luzimento; logo a familia do Papa a cavallo, vestidos todos de roxo, com vestes de vermelho sobrepostas: seguiaõ-se hum grande numero de Cavalleiros Romanos, Marquezes, e Condes, e a pouca distancia o Abbade Dom Pedro de Sousa, filho do Embaixador, vestdio com habito longo, a cavallo com gualdrapa, com seis Lacayos com libré encarnada, coberta de galoens de seda, com varias cores, tambem matizada, que fazia lugar entre tanta riqueza. Acompanhava-o o Mestre de Campo General Vanixeli, vestido de Corte com quatro Lacayos; succedialhe o Conde de Atalaya, sobrinho, e genro do Embaixador, montado em hum soberbo cavallo bayo, vestido de hum brocado riquissimo, com casaca azul, coberta de ouro, e tudo com igual gosto, com seis Lacayos, e dous Mochilas, com libré côr de fogo coberta de galoens de seda com grande perfeiçaõ; e lhe era immediato Dom Joaõ de Sousa, filho do Embaixador, em hum soberbo cavallo bayo, vestido com grande custo, e eleiçaõ, com seis Lacayos, e dous Mochilas, com libré azul, guarnecida de passamanes de seda de belo artificio; e logo se seguia o Capitaõ das Guardas Tudescas com a sua Companhia, que cobriaõ ao Marquez Embaixador, e Principe Altieri. O Embaixador vestia ricamente de huma côr

 grave,

grave, com abotoadura, e habito de diamantes de grande preço, chapeo com plumas brancas, e prezilha de diamantes de grande valor, montado em hum belo cavallo, ricamente ajaezado; porque na cabeçada lhe ficava por testeira huma joya ovada de diamantes, e as crinas concertadas com laços de diamantes, tudo de hum grande valor. Levava diante quarenta Lacayos com libré de pano fino verde guarnecida de galoens de prata, com capas de razo verde, calções, e juboens à Franceza, meyas verdes, e chapeos de plumas brancas; de traz vinha tirado por seis cavallos murzelos, ricamente guarnecidos, o primeiro coche do Embaixador de veludo negro, todo coberto de oiro, e alamares de relevo, recamado, e resvelados sobre o veludo, obra de gosto Romano, e muy rica, forrado de brocado negro, tendo no tegedilho bordadas as Armas do Embaixador; e assim o mais de pregadura, e ferragens, e escultura, tudo feito com o mayor primor da arte. O segundo coche, tirado de seis frizoens murzelos, era de veludo verde guarnecido de oiro, e por dentro de brocado verde, feito com tanto primor, como despeza; de sorte, que nas talhas, arreyos, e riqueza, pouco differia do primeiro. O terceiro coche à Franceza, que o Embaixador levava de Portugal, de veludo carmesim, bordado por fóra, e por dentro de oiro, e prata, obrado com gosto, e riqueza, que naõ cedia na obra às dos Romanos, tirado tambem por seis frizoens. Seguiaõ-se tres coches com muito luzimento,

to, e primor, para a ſua familia, tirados por cavallos Napolitanos; e ſegundo a eticheta Romana, entrou pela porta do Populo, fóra da qual encontrou a Monſenhor Rocci, Mordomo do Papa, aſſiſtido de todos os Patriarcas, e Arcebiſpos, aſſiſtentes de Sua Santidade: aqui o Principe Altieri deu lugar a que Monſenhor Rocci, tomando a maõ direita, e Monſenhor Altrovi, Patriarca de Antiochia, a eſquerda, levaſſem no meyo ao Marquez Embaixador, e ſeguindo a outra Prelatura, ſe encaminharaõ ao ſequito da Cavalgada. Entrou pelo corſo, donde ouvio a ſalva dos canhoens do Caſtello de Santo Angelo: era grande a multidaõ do povo nas praças, e ruas, as janellas dos Palacios de Roma ricamente ornadas, que as faziaõ mais viſtoſas o ſerem occupadas de belas Damas, até que chegaraõ ao Palacio do Marquez Embaixador, onde deſpedindo-ſe do Principe Altieri, e dos referidos Prelados, ſe recolheo.

No dia 22 de Mayo, deſtinado para a funçaõ da Obediencia, appareceo a fachada do Palacio do Embaixador coberta de nobiliſſimas pinturas, com diverſas Inſcripções, alludindo a gloria de Roma, e Portugal, cujas Reaes Armas ſe viaõ à maõ eſquerda das do Papa, rematando eſta ſoberba machina com as Armas do Embaixador, ſuſtentadas por diverſos genios, com troféos, e outras diviſas heroicas. Ao amanhecer chegou logo ao Palacio do Embaixador a Guarda dos cavallos ligeiros do Papa, e hum grande numero de carroças, e cavallos, com os Gentis-

homens dos Cardeaes, Ministros, e mais Senhores, e Cavalleiros, como dissemos. No dia da entrada deu o Embaixador nova libré de veludo carmesi, agoloada de oiro; e levando a mesma ordem, se via a magnificencia, e grandeza do Embaixador no luzido, e rico de toda a sua familia, e seguido do seu soberbo estado; e encaminhando-se por S. Marcos, chegou a S. Pedro, e desmontando nas escadas immediatas, que vaõ a parar à Sala Regia, acompanhado do Principe Altieri, chegou às Cameras, onde devia esperar a hora do Consistorio; e chegando os Arcebispos assistentes, dos quaes dous mais velhos, metendo no meyo ao Embaixador, seguido dos outros, o conduziraõ à sala, onde chegando à abertura dos bancos, que de huma, e outra parte formaõ o assento dos Cardeaes, fez o Embaixador a primeira genuflexaõ ao Papa, e no meyo do Consistorio fez a segunda, e a terceira diante dos degraos do Throno; e sobindo a elle, posto de joelhos, beijou o pé, e a maõ, e foy levantado ao braço; depois de novo, pondo-se de joelhos, expoz brevemente os motivos da sua Embaixada; e beijando com muita reverencia a Carta de crença, a apresentou ao Papa, que lhe respondeo brevemente, depois do que o Embaixador se levantou, e feita nova genuflexaõ, foy conduzido pelo Mestre das Ceremonias ao banco da Oraçaõ, 'que fica fóra dos bancos dos Cardeaes no porta do Consistorio. Chegado ao lugar da Oraçaõ com o Doutor Antonio Velez Caldeira, Secretario

tario da Embaixada, que devia orar, fez nova genuflexaõ, e esperou em pé, que o Secretario do Papa Monsenhor Espinola lesse a Carta de crença do Principe seu Amo; a qual lida, o Embaixador, e Secretario da Embaixada fizeraõ novamente genuflexaõ, e se recitou a Oraçaõ, na qual todas as vezes, que se nomeava o Papa, faziaõ ambos genuflexaõ, como tambem fizeraõ no periodo inteiro da Obediencia. A esta solemnissima funçaõ assistio a Rainha de Suecia Christina em huma Tribuna, fóra do Consistorio, à maõ direita do Solio. Acabada a Oraçaõ, respondeo em nome de Sua Santidade Monsenhor Espinola, com breves, mas affectuosas, e vivas expressoens; e o Procurador da Reverenda Camera Apostolica, fez aceitaçaõ da Obediencia. Foraõ chamados oito Cardeaes, que o mesmo Embaixador havia nomeado para esta aceitaçaõ, e foraõ: o Cardeal Barberino, Decano do Sacro Collegio, o Cardeal Altieri sobrinho do Papa, o Cardeal Rospigliosi, o Cardeal de Hesse pela parte do Imperio, o Cardeal de Este pela de França, o Cardeal de Medicis por Hespanha, o Cardeal Ursino por Polonia, e o Cardeal Ottobone por Veneza. Feita a aceitaçaõ, tornou ao Solio, e beijou sómente o pé do Papa, e lhe rogou admittisse seus filhos, e toda a sua familia àquella honra; e levantando-se, esteve ao lado direito do assento do Papa, e aos seus pés chegaraõ o Conde de Atalaya, D. Joaõ, e D. Pedro de Sousa seus filhos, e aquelle seu sobrinho, e logo Pagens, Gentis-homens, e Capellaens

Prova num. 26.

pellaens do Embaixador. E levantando-se o Papa, tomou o Embaixador as fimbrias da Veste de Sua Santidade, e chegando à casa dos ornamentos, esperando os depozesse o Papa, tomou outra vez as fimbrias, e o acompanhou até outra sala, e o Embaixador foy conduzido para o aposento, que se lhe tinha apparelhado por Monsenhor Mordomo; e depois de algum tempo, o mesmo Mordomo o guiou ao quarto do Papa, e o levou até à casa do jantar. Aqui ajoelhando o Embaixador, deu a toalha às mãos ao Papa para as lavar, ficando de joelhos à bençaõ da mesa; acabada se poz em pé, junto à sua mesa, descoberto; lavou as mãos, e ao sinal do Papa, se assentou, e poz o chapeo na cabeça, e tanto que o Papa principiou a comer, o fez o Embaixador. Ficava o Papa assentado em huma mesa sobre hum estrado, alguma cousa levantado do pavimento da casa, e à sua maõ direita a mesa do Embaixador, semelhante à do Papa, mas sem estrado. Estavaõ as duas mesas em huma grande sala ornada de riquissimos paramentos, exposta à entrada, e vista de todos os que quizeraõ: foraõ servidas as mesas pelos familiares do Papa, com delicados manjares, policia, e magnificencia nos ornatos. Todas as vezes, que o Papa bebia, se levantava em pé o Embaixador, e tirava o chapeo, que naõ punha, sem o sinal do Papa para se cobrir, o que observou todas as vezes, que o Papa lhe mandava da mesa algum prato, o que repetio muitas vezes. O Copeiro do Embaixador o servio, e lhe ministrava os

copos,

copos, mas ſem ſalva. O Papa honrou ao ſobrinho, e filhos do Embaixador, chamando-os, e alli em pé, junto da meſa, eſteve diſcorrendo, e fallando com elles. Todo o tempo, que durou a meſa, houve concertos de muſica, e inſtrumentos, com grande armonia. Acabado o jantar, o Embaixador de joelhos deu a toalha ao Papa, e por algum tempo ſe deteve de joelhos, rendendo as graças a Sua Santidade pela benignidade com que o honrava: depois ſentado ao lado eſquerdo do Papa, deſcoberto, ſe detiveraõ pouco tempo converſando, e foy acompanhando ao Papa, e à entrada da Camera, ajoelhando, lhe beijou o pé, e de novo, com vivas expreſſoens, lhe rendeo as graças, pela paternal clemencia, com que tanto o havia honrado, e foy conduzido por Monſenhor Mordomo ao apoſento, que ſe lhe havia deſtinado. Recolheo-ſe o Embaixador, e Monſenhor Mordomo jantou com o ſobrinho, e filhos do Embaixador, e outras peſſoas camaradas da Embaixada: havia outra meſa para os Gentis-homens, muy bem ſervida, outra para os Pagens, em outra os Capellaens, e em differente os Repoſteiros, e na ultima os Palefreneiros, Cocheiros, e Lacayos. As quatro horas da tarde, ſendo acompanhado por Monſenhor Mordomo até à Igreja de S. Pedro, aqui deſpedindo-ſe do Embaixador, entrou eſte a viſitar a Baſilica dos Santos Apoſtolos; e ſahindo com o ſeu trem, que conſtava de tres carroças ricas, que diſſemos, e de ſete coches, com a ſua luzida, e numeroſa familia,

foy

foy viſitar ao Cardeal Barberino, Decano, e à Mageſtade da Rainha de Suecia, e ſe recolheo ao ſeu Palacio, em cuja Praça eſtava levantada com grandeza, e arte huma fonte de vinho para o povo, que repartiaõ quatro moços por todos o que queriaõ; e entre huma multidaõ de povo, congratulavaõ com vivas ao Embaixador, que entrando no ſeu Palacio, por muitas vezes fez chover das janellas huma multidaõ de moedas de oiro, e prata, com que os Romanos agradecidos louvavaõ, e engrandeciaõ a ſua generoſidade; naõ havendo expreſſoens, com que naõ applaudiſſem huma taõ ſingular novidade, com que brilhava o grande coraçaõ do Embaixador. Na noite ſe illuminou o Palacio com belo goſto, e deſpeza.

Continuou o Marquez por algum tempo a ſua aſſiſtencia na Curia Romana, com grande eſtimaçaõ da Corte, e applauſo do povo Romano; porque a generoſidade, e profuſaõ da ſua caſa, com a ſua natural affabilidade, o faziaõ amavel geralmente. Concluîo todos os negocios da ſua miſſaõ, em que o primeiro era o provimento de todas as Dioceſis do Reyno, e Conquiſtas, que com felicidade ſe ajuſtou, e outros de importancia; porque o Marquez foy taõ valeroſo, e deſtro na Campanha, como habil no Gabinete em manejar os negocios politicos. O Papa o eſtimou muito, de que ſerá demonſtraçaõ a graça, que lhe concedeo para huma Santa Imagem de hum pequeno Crucifixo de prata, que hoje ſe conſerva na ſua Caſa, ſem duvida como o theſouro mais amplo de

de Indulgencias; porque lhe concedeo *in perpetuum* todas as Indulgencias ordinarias, e extraordinarias, e tambem as antigas dos cinco Santos da Medalha de S. Carlos Borromeo, e as que o dito Papa, e os mais Pontifices seus predecessores haviaõ concedido a todas, e a cada huma das Igrejas de Roma, à Escada Santa, e tambem às nove Igrejas, e às sete, em fórma de Jubileo, como tambem Altar portatil, e privilegiado, para a bençaõ no artigo da morte, para todos aquelles, que no artigo da morte tiverem na maõ o sobredito Crucifixo, com a mais ampla fórma, sem restricçaõ alguma. Esta prodigiosa graça, que o Papa Clemente X. lhe concedeo *vivæ vocis oraculo*, lha mandou attestar depois a 22 de Outubro de 1671 por Monsenhor Bispo Jerosolomitano, Sacrista, quando lhe restituîo o mesmo memorial, que o Marquez deu ao Papa em huma audiencia, em que porfiadamente dizia o Marquez, que se naõ levantaria dos santos pés, sem a consolaçaõ de lhe conceder as graças, que lhe pedia, para a Santissima Imagem do Crucifixo, que lhe apresentava; e satisfeito da benignidade, com que o Santo Padre assentio aos seus humildes rogos, lhe rendeo as graças por taõ singular beneficio, pois como fiel Christaõ attendia a conseguir o verdadeiro fim nas materias da religiaõ, incomparaveis a todos os mais interesses, e vaidades do Mundo. Satisfeitas as visitas conforme o Ceremonial da Corte de Roma, a quem da grandeza do seu coraçaõ, e da sua generosidade, deu reiteradas

Prova num. 27.

provas, mandou hum coche ao Cardeal Patraõ', e outro ao Cardeal Datario, e ſahio de Roma, onde deixou gravada nos corações dos Romanos a grandeza da ſua peſſoa. Voltou para Portugal, e ſendo bem aceito do Principe Regente, que ſe deu por bem ſervido, do que havia obrado, continuou no governo das Armas, e nos ſeus grandes empregos; e foy depois nomeado Preſidente do Conſelho Ultramarino, em que entrou a 15 de Julho do anno de 1673, em que ſuccedeo ao Duque de Cadaval, havendolhe já feito diverſas merces, em que entrou a do Condado de Prado de juro, e herdade, diſpenſando huma vez na Ley Mental, por merce feita a 16 de Janeiro de 1667; e tendo ſervido à Patria, e Coroa com grande preſtimo, fidelidade, e deſintereſſe, cheyo de gloria, e de merecimentos, morreo em Liſboa a 23 de Junho de 1674. Jaz no Convento de S. Domingos de Azeitaõ no enterro de ſeus mayores.

Prova num. 28.

Caſou duas vezes, a primeira em o primeiro de Agoſto de 1638 com D. Maria Manoel de Vilhena, filha de Dom Jorge Maſcarenhas, I. Marquez de Montalvaõ, Conde de Caſtello-Novo, Vice-Rey do Braſil, do Conſelho de Eſtado, e de ſua mulher a Marqueza D. Franciſca de Vilhena, de quem naõ ficou ſucceſſaõ, por morrer de parto em Agoſto de 1639.

Caſou ſegunda vez em Outubro de 1641 com D. Eufraſia Filippa de Noronha, que faleceo a 6 de Mayo de 1656, filha de D. Fernando Maſcarenhas, I. Conde da Torre, do Conſelho de Eſtado, e Guerra, e

da

da Condessa D. Maria de Noronha; e desta illustrissima uniaõ nasceraõ os filhos seguinnes:

17 D. ANTONIO LUIZ DE SOUSA, II. Marquez das Minas, IV. Conde de Prado, como se verá no Capitulo XXXIX.

17 D. FERNANDO DE SOUSA, que morreo menino.

17 D. JOAÕ DE SOUSA, Capitulo XLII.

17 D. PEDRO DE SOUSA, que seguio a vida Ecclesiastica; acompanhou ao Marquez seu pay a Roma, foy Sumilher da Cortina delRey D. Pedro II., Chantre de Viseo, Arcediago de Villa-Cova, Beneficiado de Salvaterra, e Dom Prior da insigne Collegiada de Santa Maria de Guimaraens, e LIII. no numero, dos que lograraõ esta rendosa dignidade, onde faleceo a 30 de Mayo de 1706, e jaz na Capella mór da mesma Collegiada.

17 D. MARGARIDA DE NORONHA, que casou com Dom Luiz Manoel de Tavora, IV. Conde de Atalaya, como dissemos a pag. 562 do Tomo XI.

17 D. LUIZA BERNARDA DE LIMA, morreo a 14 de Fevereiro de 1737, casou com D. Luiz da Sylveira, que nasceo a 5 de Agosto de 1647, filho de Fernaõ da Sylveira, irmaõ do I. Conde de Sarzedas: foy Védor da Casa da Rainha D. Maria Anna de Austria, Commendador de S. Thomé da Corrilhãa, S. Cosme, e Damiaõ de Garfe, Santo Estevaõ de Oldroens, S. Thomé de Penalva, e S. Vicente de Figueira na Ordem de Christo. Foy cortezaõ, muy

prompto nas repoſtas, ſoccorrido com graça, e enfaſi na converſaçaõ. Morreo a 18 de Janeiro de 1737, e tiveraõ os filhos ſeguintes: ⩶ * 18 D. BRAZ DA SYLVEIRA, com quem ſe continúa. ⩶ 18 D. FRANCISCO DE SOUSA, que foy Porcioniſta do Collegio de S. Paulo de Coimbra, em que entrou por Proviſaõ de 28 de Outubro de 1693. Teve huma Conduta com privilegios de Lente, e leo com applauſo na Univerſidade: foy Conego Doutoral da Sé da Guarda, provido a 23 de Julho de 1702, Deputado do Santo Officio de Coimbra, em que entrou a 4 de Janeiro de 1703, e de Lisboa em 15 de Julho de 1705, Deputado da Meſa da Conſciencia, e Ordens, de que tomou poſſe a 27 de Outubro de 1707, Commiſſario Geral da Bulla da Cruzada, de que tomou poſſe a 18 de Agoſto de 1712, Deputado do Conſelho Geral a 29 de Abril de 1716, do Conſelho delRey D. Joaõ V., e ſeu Sumilher da Cortina, a quem foy muy accito, e eſtimado pelas ſuas letras, em que havia conſeguido bom nome; e quando as ſuas virtudes, e illuſtre naſcimento, o faziaõ benemerito no alto conceito do Soberano, para occupar os mayores lugares Eccleſiaſticos, morreo moço a 5 de Agoſto de 1716. ⩶ 18 D. ANTONIO IGNACIO DA SYLVEIRA, ſervio na guerra com diſtincçaõ, ſendo Capitaõ de Cavallos, e he Coronel do Regimento de Dragoens de Evora, Commendador na Ordem de Chriſto. Caſou a 18 de Mayo de 1738 com D. Marianna de Mendoça, Dama da Rainha D. Maria Anna de Auſtria, e

Dama

Dama Cameriſta da Princeza da Beira, filha de Martim de Souſa de Menezes Manoel, III. Conde de Villa-Flor, Copeiro mór delRey, e de ſua ſegunda mulher a Condeſſa D. Luiza Maria de Mendoça, de quem teve ⩶ 19 D. MARIA DA SYLVEIRA naſceo a 7 de Março de 1740. ⩶ 18 D. EUFRASIA DE MENEZES, que foy Dama do Paço, e caſou com Felix Machado e Caſtro, VI. Senhor de Entre Homem, e Cavado, como eſcrevemos a pag. 601 do Tomo X. ⩶ 18 D. THERESA DE MENEZES, Dama da Rainha D. Maria Anna de Auſtria, e Dama Cameriſta do Principe do Braſil D. Joſeph. Caſou com Joachim Manoel Ribeiro Soares, Commendador na Ordem de Chriſto, Capitaõ de Dragoens no Regimento de Aveiro, nomeado Governador, e Capitaõ General da Ilha da Madeira no anno de 1745, de quem tratámos a pag. 638 do Tomo X. ⩶ 18 D. MARGARIDA DE MENEZES, Dama da dita Rainha, que tomou o habito de Religioſa Capucha na Madre de Deos de Lisboa, e profeſſou a 15 de Agoſto de 1722. ⩶
* 18 D. BRAZ BALTHASAR DA SYLVEIRA naſceo a 3 de Fevereiro de 1674, Senhor de S. Coſmado na Comarca de Lamego, Commendador de Ranhados, e das mais Commendas, que teve ſeu pay: ſervio na paz ſendo Capitaõ de Infantaria, e na guerra com diſtincçaõ, occupando os póſtos de Coronel de Infantaria, General de Batalha, e Meſtre de Campo General: foy Governador das Minas, e voltando foy governar as Armas da Provincia da Beira, poſto que já exerci-

exercitava , e he do Conſelho de Guerra. Caſou duas vezes , a primeira em 18 de Outubro de 1719 com Dona Joanna Ignez Vicencia de Menezes , filha dos II. Condes de Santiago , como ſe diſſe a pag. 596 do Tomo X. ; e tiveraõ ⩶ 19 D. Leonor da Sylveira , que naſceo em Outubro de 1720 , e morreo a 6 de Fevereiro de 1721. ⩶ 19 D. Luiza Francisca Antonia da Sylveira , que naſceo a 6 de Fevereiro de 1722 , e caſou , como herdeira , com Nuno Gaſpar de Tavora , filho ſegundo dos II. Condes de Alvor , pag. 231 do Tomo V. ⩶ 19 D. Maria Ignacia da Sylveira naſceo no primeiro de Fevereiro de 1723. Caſou ſegunda vez D. Braz a 25 de Fevereiro de 1732 com D. Maria Caetana de Tavora , Dama da Rainha D. Maria Anna de Auſtria , filha dos I. Condes de Povolide , como diſſemos a pag. 282 do Tomo XI. ; e tiveraõ ⩶ 19 D. Marianna da Sylveira naſceo a 23 de Novembro de 1733 , e faleceo de tenra idade , ⩶ 19 e D. Theresa da Sylveira , que naſceo a 24 de Dezembro de 1735 , e faleceo no de 1738.

17 D. Eufrasia Filippa de Lima caſou com Franciſco Carneiro , II. Conde da Ilha , e da ſua deſcendencia tratámos a pag. 646 do Tomo IX.

17 D. Maria Lourenço , morreo ſendo Dama do Paço. ⩶ 17 D. Catharina , e D. Ignez , morreraõ meninas.

17 D. Placido de Sousa , illegitimo , foy Monge de S. Bento , e Abbade do Moſteiro de Lisboa.

A Mar-

Marq.
Eufra-
ilippa
Noro-
, mu-
de D.
cisco
ousa,
rquez
Minas.
Dom Fernando Mascarenhas, I. Conde da Torre, do Conselho de Estado.
D. Manol Mascarenhas, Senhor da Gocharia, Governador de Mazagaõ.
D. Fernando Mascarenhas, Senhor da Gocharia.
D. Manoel Mascarenhas, Capitaõ de Arzilla.
D. Fernando Martins Mascarenhas, Capitaõ dos Ginetes.
Dona Violante Henriques, filha de Fernaõ da Silveira, Sen. de Sarzed.
D. Leonor Palha.
Francisco Palha de Almeida.
D. Isabel de Barros, filha de Fernaõ Lourenço da Mina.
D. Filippa da Sylva.
Dom Gil Eannes da Costa, Capitaõ de Tangere.
D. Alvaro da Costa, Camereiro, e Armeiro mór.
Dona Brites de Paiva, filha de Gil Eannes de Magalh. o Cavalleiro.
D. Joanna da Sylva.
D. Filippe de Sousa.
D. Filippa da Sylva, filha de Gil Vaz da Cunha.
D. Francisca de Ataide.
D. Nuno Manoel, Senhor de Atalaya, &c.
D. Fradique Manoel, Senhor de Atalaya.
D. Nuno Manoel.
D. Leonor de Milá, filha de Dom Jayme, Conde de Albaida.
D. Maria de Ataide.
Nuno Fernandes de Ataide, Senhor de Penacova.
D. Joanna de Faria, filha de Antaõ de Faria.
D. Anna da Sylva.
D. Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira.
D. Alvaro de Ataide.
D. Violante de Tavora, filha de Pedro de Sousa, Sen. do Mogadouro.
A Condessa D. Anna de Tavora.
Alvaro Pires de Tavora.
D. Joanna da Sylva, filha de Dom Affonso, I. Conde de Penella.
A Condessa D. Maria de Noronha.
D. Luiz Lobo, Senhor de Sarzedas, &c.
D. Rodrigo Lobo, Senhor de Sarzedas.
D. Luiz Lobo.
D. Diogo Lobo, II. Baraõ de Alvito.
A Baroneza D. Leonor de Vilhena, filha de Nuno Martins da Sylveira, Senhor de Goes.
D. Maria Coutinho.
D. Luiz Coutinho.
D. Leonor de Mendanha, filha de Pedro de Mendanha, Alcaide mór de Castro-Nunho.
D. Maria de Noronha, Senhora de Sarzedas. H.
Fernaõ da Sylveira, Senhor de Sarzedas.
Francisco da Sylveira, Senhor de Sarzedas.
D. Margarida de Noronha, filha de D. Joaõ de Noronha.
Dona Grimaneza de Sousa.
Pedro Ocem de Almeida.
D. Isabel Mascarenhas, filha de Alvaro Mascarenhas, Commendador de Çamora Correa.
Dona Joanna de Lima.
D. Diogo de Lima.
D. Antonio de Lima.
D. Diogo de Lima.
D. Catharina da Rosa, filha de Antonio Fernandes Menagem.
Dona Maria Boca-Negra.
Francisco Velasques de Aguilar, Trinchante do Principe D. Joaõ.
D. Cecilia de Mendoça, filha de D. Fradique Manrique.
Dona Maria Coutinho, primeira mulher.
Martim Affonso de Sousa, Senhor de Gouvea.
Fernaõ de Sousa.
D. Filippa de Mello, filha de Duarte Peixoto.
D. Joanna de Tovar.
Vasco Fernandes Caminha.
D. Filippa Martins de Carvalho, filha de Ruy Martins de Carvalho.

CAPI-

CAPITULO XXXIX.

De D. Antonio Luiz de Sousa, II. Marquez das Minas, IV. Conde de Prado, do Conselho de Estado, Governador das Armas de Alentejo.

17 NOs Capitulos passados deste livro temos visto a fecundidade de Varoens insignes, que no dilatado espaço de nove seculos illustraraõ a grande Familia de Sousa; devendo-se aos seus esclarecidos filhos grande parte das Conquistas de Portugal, Africa, Asia, e ainda na America; porque naõ haverá parte alguma, em que se naõ achassem Sousas, que com acções distinctas deixassem o seu nome recommendavel à posteridade; de sorte, que se bem se reflectir na nossa Historia se achará, que na paz, e na guerra se distinguiraõ, recebendo dos Reys estimaçaõ, occupando-os nos primeiros lugares da Corte, politicos, e militares, com que illustrando as pessoas, se faziaõ respeitados na estimaçaõ das gentes. Agora veremos dilatarse a gloria desta illustrissima Familia na pessoa de D. Antonio Luiz de Sousa, que vio a primeira luz do dia a 6 de Abril de 1644, filho primogenito de D. Francisco de Sousa, Marquez das Minas, e de sua mulher a Marqueza D. Eufrasia de Noronha, sendo herdeiro naõ só dos Estados, mas das

suas

ſuas virtudes; de ſorte, que entre tantas felicidades, com que deixou glorioſo o ſeu nome, he a mayor a de hum tal ſucceſſor, em quem a grandeza do naſcimento naõ foy o que o elevou à esféra da Heroicidade, mas os proprios merecimentos o collocaraõ naquelle reſpeitado Templo, adornado de valor, e generoſidade, ſem limite, e de religiaõ taõ reverente, que foy a piedade o brilhante de todas as ſuas acções.

He o Paço o primeiro emprego em que os Grandes Senhores, e Fidalgos occupaõ ſeus filhos deſde tenra idade; aſſim tanto que Dom Antonio Luiz de Souſa comprio oito annos, entrou a ſervir de Moço Fidalgo por Alvará de 11 de Abril de 1652. Naõ tinha acabado a idade pueril, quando já reveſtido de mais brio, do que annos, porque naõ contava mais que quatorze, ſe alliſtou na eſcola de Marte, começando a ſentir os duros trabalhos da guerra, debaixo da auſtéra diſciplina de ſeu grande pay, que no anno de 1658 paſſou a Alentejo a governar as Armas daquella Provincia. Naõ havia D. Antonio Luiz de Souſa cingido ainda eſpada, que lhe foy entregue quando o noſſo Exercito ſahio a ſitiar Badajoz, mandado por Joanne Mendes de Vaſconcellos, hum dos inſignes Generaes daquella idade, por valor, e ſciencia militar, que pelas ſuas valeroſas mãos o armou Cavalleiro à viſta de toda a Cavallaria Caſtelhana, entregandolhe a eſpada, que depois havia de ſer taõ pezada àquella valeroſa Naçaõ. Neſte meſmo anno intentaraõ os Caſtelhanos a Cidade de Elvas, de que

tendo

tendo noticia o Conde de Prado seu pay, levando comsigo a D. Antonio Luiz, entraraõ na Praça, e foraõ sitiados pelo formidavel Exercito, que mandava D. Luiz Mendes de Haro, de que o nosso Exercito triunfou a 15 de Janeiro na celebre batalha das Linhas de Elvas; dando já de entaõ a conhecer na viveza, e inclinaçaõ militar, quaes seriaõ os progressos daquella vida.

No anno de 1660, em que o Conde seu pay passou a governar as Armas da Provincia de Entre Douro e Minho, o levou comsigo; nella começou a servir com tanto valor, e pontualidade, que no anno seguinte mereceo ser occupado no posto de Capitaõ de Cavallos Couraças da guarda do General seu pay, de que se lhe passou Patente a 20 de Junho de 1661. O genio com o ardor dos poucos annos era preciso, que fosse reprimido pela prudencia do Conde seu pay, a quem acompanhava em todas as occasioens, satisfazendo com bizarria ao que era mandado. No anno de 1662, quando o Conde de S. Joaõ acodio a soccorrer os nossos em hum encontro com os inimigos, o acompanhava D. Antonio com seu irmaõ D. Joaõ de Sousa. O Conde da Ericeira na estimavel Obra de *Portugal Restaurado*, relatando este successo, diz: *Acodio ao conflicto da Cavallaria inimiga, e em soccorro das nossas mangas, o Conde de S. Joaõ, acompanhado dos Capitaens Dom Antonio Luiz de Sousa, Capitaõ da Guarda, e D. Joaõ de Sousa seu irmaõ, que de poucos annos galhardos, e valerosos, eraõ imi-*

Portugal Restaurado, tom. 2. pag. 450.

tadores das acções do Conde de Prado, a quem como Pay, como Mestre, e como General, obedeciaõ. Adiantava-se D. Antonio Luiz de Sousa com tanta distincçaõ no serviço, que mereceo, que ElRey o fizesse Mestre de Campo de hum Terço de Infantaria, de que se lhe passou Patente a 13 de Julho de 1663. Com este posto servio na Campanha deste anno, achando-se na tomada do Forte de Gayaõ, recuperaçaõ de Lindoso, e em todos os prosperos successos, que a fizeraõ gloriosa. Já D. Antonio Luiz de Sousa se distinguia de sorte, que naõ só merecia adiantamento nos póstos, mas distincçaõ na pessoa: pelo que ElRey lhe fez merce de Conde de Prado, de que tirou Carta passada a 9 de Junho de 1664; e continuando com o mesmo posto de Mestre de Campo, servio na Campanha do anno seguinte, com tanto brio, que havendolhe já feito merce ElRey do posto de General de Batalha das Provincias do Minho, e Tras dos Montes, naõ quiz tirar a Patente para com o seu Terço se achar na expugnaçaõ da Villa da Guarda, para em mayor risco servir mandado, e depois se lhe passou a 24 de Novembro de 1665; porque a grandeza do seu coraçaõ desprezava os perigos.

Dito livro pag. 583.

No anno de 1666, em que o Conde General seu pay se prevenia para se oppor ao Exercito, que o Condestavel de Castella mandava, sendo seu filho o Conde de Prado D. Antonio Luiz de Sousa já General de Batalha, succedeo, que passando de Villa-Nova para Valença, teve noticia, que os Castelhanos inten-

Dito livro pag. 771.

intentavaõ embaraçarlhe a jornada, e que o esperavaõ no Forte de S. Luiz, para lhe sahirem ao encontro com trezentos Cavallos. Agradeceo o Conde D. Antonio Luiz de Sousa a noticia, e se prevenio com acordo para o successo; puxou pelas Companhias de Cavallos de Valença, e ordenou ao Capitaõ la Rocha, que com cem Cavallos estivesse prompto, para que ao tempo, que os Castelhanos avançassem a lhe cortar a retirada, como infallivelmente haviaõ de intentar, fizesse elle a mesma diligencia, embaraçandolhe o recolheremse ao Forte, segurandolhe, que elle com as mais Companhias, que faziaõ o numero de quatrocentos Cavallos, sem falta o soccorreria. Premeditada, e disposta esta resoluçaõ, correspondeo o successo a taõ bem ordenada disposiçaõ; porque os inimigos, tanto que deraõ vista do primeiro batalhaõ do Conde, (que entendiaõ ser só o que o comboyava) lhe botaraõ cem Cavallos a cortarlhe a retirada de Valença: la Rocha animoso, correo no mesmo tempo a impedirlhe a do Forte de S. Luiz, com taõ bom successo, que duzentos Cavallos, que se haviaõ apartado do Forte a dar calor a humas mangas de Infantaria, que occupavaõ hum reducto imperfeito, foraõ avançados do Conde, e de la Rocha com tanto impeto, que os desbarataraõ, e ficou rendida a Infantaria, sendo o Conde o primeiro, que entrou no perigo, pelejando como qualquer Soldado. Avisinhança do Forte de S. Luiz remediou a desordem dos inimigos, de que se originou serem os mortos mais

que os prisioneiros. O Conde continuou a sua jornada, e foy o primeiro, que deu a nova a seu pay, do que havia passado, que justamente o estimou, pelo ver taõ filho da sua disciplina, que do seu valor. Naõ tardou o Conde General em pôr o Exercito em Campanha; e sendo taõ gloriosa, como já temos referido, o naõ era menos na actividade, valor, e disposições de seu filho o Conde de Prado, que diante de seus olhos caminhava à Heroicidade.

No anno de 1669, depois de já no anno antecedente estar celebrada a paz com Castella, passou a Roma com o caracter de Embaixador Extraordinario, e tambem com o de Marquez das Minas, seu pay; entaõ se lhe encommendou na sua ausencia o governo das Armas da Provincia do Minho, que exercitou com tanto acerto, que mereceo ser louvado pelo cuidado, e disposições, com que governava a Provincia, depois de huma guerra taõ prolixa, prevenindo tudo o que podia ser necessario para a sua conservaçaõ, com grande satisfaçaõ dos Póvos, porque era o Conde naturalmente benigno. Assim se condohia dos miseraveis, attendendo aos damnos passados, os favorecia em tudo o que podia; porque a generosidade do seu grande coraçaõ era taõ geral, que naõ tinha limite, sem que por isso diminuisse o rigor da disciplina militar; porque naõ consiste esta na vexaçaõ dos Póvos, senaõ no modo, com que se manda, fazendo suave o serviço do Soberano, com utilidade da conservaçaõ dos Póvos. No anno de 1671 voltou o Mar-

o Marquez das Minas da Embaixada de Roma, e continuou no posto de Governador das Armas do Minho, aonde naõ passou, por se achar empregado na Corte, onde faleceo.

Succedeo o Conde de Prado pela morte de seu pay na sua Casa, e foy II. Marquez das Minas, de que se lhe passou Carta a 12 de Junho de 1674. Neste mesmo anno, por Patente de 6 de Dezembro, foy creado Mestre de Campo General, e continuou no Governo das Armas da Provincia de Entre Douro e Minho, que gozando da felicidade da paz, se achava ditosa; porque a Nobreza era estimada, e os Póvos attendidos, e todos igualmente satisfeitos; porque o Marquez teve hum modo excellente, com que se fazia amavel a todos os que o trataraõ.

Governava o Estado do Brasil Antonio de Sousa de Menezes, a quem chamaraõ o *Braço de Prata*, porque tendo hum menos, (o suppria com outro daquelle metal) que havia perdido na guerra de Pernambuco, em que servira com distincçaõ, e no Reyno, occupando diversos póstos, e governos de Praças, em que mostrou mais valor, do que sciencia militar; havia succedido a Roque da Costa Barreto, Varaõ igualmente entendido, do que valeroso na guerra, em que havia servido com reputaçaõ muy distincta, e governado aquelle Estado com justiça, e desinteresse, e foy admiravel o seu governo. Eraõ tantas as desordens da Cidade da Bahia com parcialidades, e dissenções, nas pessoas principaes, e Minis-

tros

tros da Relaçaõ, em que o Governador ſe naõ tinha moſtrado imparcial, antes fomentava os do ſeu partido, com que ſe augmentou neſtes o odio, e a inſolencia, de que já conſternados os moradores com as continuadas vexações, ſe queixaraõ a ElRey D. Pedro, que informado da juſta repreſentaçaõ, e reconhecendo os perniciosos effeitos de huma abominavel diſcordia, cuidando em lhe dar prompto remedio, nomeou, entre tantos benemeritos da Corte, por Governador, e Capitaõ General do Eſtado do Braſil ao Marquez das Minas, por concorrerem nelle virtudes, que o habilitavaõ para negocio de tanta importancia.

Rocha Pita, *America Portugueza*, pag. 425.

Era o anno de 1684 em que o Marquez ſahio de Lisboa, e entrou na Cidade da Bahia para ſer o Iris, que eſtabeleceſſe a paz naquelle Eſtado, opprimido de tantos trabalhos; e porque entre as virtudes, com que adornou a ſua grande peſſoa, foy hum coraçaõ generoſo, e huma benignidade natural, aſſim honrando aos homens, attrahia as vontades de todos com obſequioſo reſpeito, pelo que logo ſocegou as alterações, e acabaraõ as diſcordias, com ſatisfaçaõ dos naturaes. Mandou ſoltar os prezos, que achou ſem culpas, e aos que lhas haviaõ formado injuſtamente favoreceo até moſtrarem a ſua innocencia; e honrando os perſeguidos pelo ſeu anteceſſor, conſolando-os dos trabalhos paſſados, poz a todos em paz, e o governo em huma ditoſa armonia. A Cidade, que no governo paſſado ſentira huma falta geral de mantimentos, com a mudança do Governador, de

que

que estavaõ taõ justamente sentidos, se vio abundante, acodindo os viveres com tanta largueza, que se compravaõ por muito inferior preço; assim desconhecendo-se os moradores da Bahia, naõ sómente respiraraõ de tantas tribulações, que por mais de dous annos sentiraõ, mas davaõ parabens à fortuna, que os enchia de felicidades nos favores, com que generosamente o Marquez das Minas os attendia.

No anno de 1686 na Capitanía de Pernambuco se começou a sentir hum mal contagioso, que ateando-se com tanta violencia no povo do Recife, morreraõ mais de duas mil pessoas, numero grande para aquella povoaçaõ. E passando à Cidade de Olinda, foraõ poucas as pessoas, que escaparaõ de taõ terrivel mal, ao qual deraõ o nome de *Bicha*, e foraõ sem numero os que morreraõ, ficando ermos as casas dos moradores de Olinda, e do Recife, e os vivos em huma temerosa consternaçaõ. Esta funesta noticia chegou juntamente com o contagio à Bahia: foraõ os primeiros feridos do achaque dous homens, que jantando em casa de huma mulher de escandalosa vida, morreraõ em vinte e quatro horas: pelo que temerosa se ausentou, por lhe imputarem, que em hum prato de mel lhes dera veneno; mas depois pelos symptomas observados, nos que depois foraõ feridos do contagio, se conheceraõ serem os effeitos os mesmos da sua morte. Começou a atearse lentamente o contagio, mas com tal força, que o mesmo era adoecer, que em breves dias acabar, lançando copiosa-

pioſamente pela boca ſangue ; creſceo de ſorte o mal, que ſe contavaõ os mortos pelos que adoeciaõ; porque houve dia, em que cahindo duzentos na cama, naõ eſcaparaõ dous ; ſendo na Bahia os ſymptomas do mal os meſmos, que em Parnambuco, mas com tanta diverſidade, e differença, que naõ podiaõ fazer os Medicos juizo certo nas obſervações; porque em huns era o pulſo ſocegado, em outros inquieto; huns com o calor tepido, e em outros grande a febre; obſervavaõ em huns ancias, e dilirios, e em outros animo quieto, e o diſcurſo deſembaraçado, e com dores de cabeça huns, e ſem ellas outros; e finalmente até na criſe mortal do contagio havia total differença, porque acabavaõ huns ao primeiro, e ſegundo dia, deſtes foraõ poucos, ao terceiro, quarto, quinto, ſexto, e ſetimo: entre taõ funeſtos objectos, cauſava horror ver as caſas cheas de moribundos, as Igrejas de cadaveres, e as ruas de tumbas; já naõ havia peſſoas, que acompanhaſſem ao Santiſſimo Sacramento, que os Parocos com acordo levavaõ ſem pompa, para conſolar aos enfermos; e ſendo menor o culto, era mais grata a Deos a caridade, com que lhes aſſiſtiaõ.

O Marquez das Minas neſta horroroſa confuſaõ deu bem a conhecer a grandeza do ſeu coraçaõ, e a piedade com que ſentia o mal do proximo; porque ſahia a acompanhar o Santiſſimo Viatico aos enfermos com tanta fé, e reverencia, que entrava ſem pavor, nem receyo até às ſuas camas; e chegando-

ſe

ſe a ellas, aos de mayor diſtincçaõ lhe ſignificava o ſentimento, em que o punha o ſeu perigo, e depois na ſua morte os honrava, e acompanhava à ſepultura; aos de differente cathegoria, conſolava, e aos pobres ſoccorria com groſſas eſmolas. Mandou pôr huma Botica publica à ſua deſpeza, entregue a hum inſigne Boticario da Cidade, que por ſua conta déſſe todos os medicamentos, que lhe mandaſſem buſcar para os pobres, em que diſpendeo grandes quantias. E com admiravel providencia mandou comprar à cuſta da ſua fazenda, às partes a que chamaõ *Reconcavo*, e outras diſtantes, gallinhas, e frangãos, que ſe repartiaõ todos os dias pelos doentes, e neceſſitados, e da meſma ſorte tudo o que lhe podeſſe ſer neceſſario; porque com larga maõ ſe achava tudo prompto, ſendo o ſeu Palacio o aſylo dos miſeraveis. Na ſua meſma caſa vio acabar o ſeu Tenente General, hum Capellaõ, e alguns criados, ſem que a ſua conſtancia ſe perturbaſſe; porque naõ receando o perigo, ſentia com mágoa os trabalhos do proximo, que remediava com caridade taõ prompta, que parece Deos lhe conſervou a vida em taõ evidente perigo para remedio dos pobres. Do contagio faleceo o Arcebiſpo D. Fr. Joaõ da Madre de Deos, e outras peſſoas de diſtincçaõ; e continuando o mal, naõ aproveitavaõ os remedios, que applicavaõ os Medicos, e delles morreraõ tres, e outros tantos Cirurgioens: naõ havia quem acodiſſe aos doentes; porque outros deſenganados de naõ acertarem com o reme-

dio, ſe retiravaõ, e aos que naõ podiaõ faltar, curavaõ ſem methodo, e talvez acertavaõ. He digna de eterna memoria D. Franciſca de Sande, viuva rica, e das principaes da Bahia, que com ſingular piedade deſpendeo os ſeus cabedaes na cura dos enfermos, fazendo em ſua caſa hum Hoſpital, onde eſta virtuoſa Matrona lhes dava pelas ſuas proprias mãos as medicinas, pagando-as, e aos Medicos, e deſpendendo no ſuſtento conſideraveis ſommas de dinheiro, naõ ſe poupando a couſa alguma, que podia ſer preciſa à ſaude dos enfermos, e ainda ao comodo, e aceyo; e aſſim a mayor parte eſcaparaõ, querendo Deos retribuir a ſua caridade, ſatisfazendo o ſeu cuidado com a ſaude dos enfermos. ElRey D. Pedro, de glorioſa memoria, em quem brilhou a piedade, honrou a ſua peſſoa com huma Carta de agradecimento, merecida às ſuas virtudes.

Neſta terrivel conſternaçaõ, que padeciaõ os naturaes da Bahia, recorreraõ ao patrocinio de S. Franciſco Xavier, e o foraõ buſcar ao Collegio da Companhia, e levaraõ com fé a ſua Imagem pelas principaes praças, e ruas da Cidade, que começou logo a experimentar no mal menos força; porque ou já naõ feria, ou quaſi todos os feridos eſcapavaõ. Agradecida a taõ ſingular beneficio, com applauſo do povo, o elegeo Padroeiro principal aquella opulenta Cidade: alcançando depois de Roma todas as prerogativas concedidas aos Padroeiros, lhe inſtituiraõ para ſempre, com faculdade Regia, huma Prociſſaõ

cissaõ annual por voto no dia 10 de Mayo, em que foy a primeira, que cumpre pontualmente com grande solemnidade a Camera da Bahia.

No anno de 1687, dando ElRey D. Pedro por acabado o governo do Marquez, voltou para o Reyno; em poucos dias de viagem lhe morreo com os proprios symptomas do referido mal seu filho primogenito o Conde de Prado, sem que golpe taõ sensivel diminuisse a constància do seu grande coraçaõ; e continuando a sua viagem, chegou a Lisboa em Setembro do referido anno, tempo em que se celebravaõ os desposorios delRey D. Pedro com a Rainha D. Maria Sofia de Neoburg, deixando naquelle Estado glorioso nome, e venerada memoria, que fez perpetua na ***Historia da America***, com singular estylo, Sebastiaõ da Rocha Pita. Teve por successor a Mathias da Cunha, Fidalgo em quem concorreraõ partes para poder fazer hum bom governo, se com brevidade lho naõ atalhara a morte, tirandolhe a vida o mesmo contagioso mal a 4 de Outubro de 1688.

No referido anno foy o Marquez occupado no honorifico emprego de Conselheiro de Guerra, de que se lhe passou Carta a 9 de Junho. Succedeo depois ao Duque de Cadaval em Presidente da Junta do Tabaco no anno de 1698, que exerceo por muitos annos, devendo-se à sua diligencia o augmento deste genero; porque tendo noticia de hum homem de negocio Castelhano, chamado D. Pedro Gomes, intelligente no negocio, e naquelle genero de tabaco

peritissimo, com licença delRey D. Pedro, a quem havia communicado a idéa, o fez passar a Portugal; e entrou a administrar o tabaco com tanta intelligencia, que elle mesmo o veyo depois a arrematar por preço taõ grande, que reputado o genero, veyo a ser o producto de milhoens, hum dos melhores, de que se compoem as rendas Reaes.

No anno de 1701, em que a nossa Corte havia celebrado hum Tratado com a de França, em virtude do qual havia esta auxiliar as nossas armas com huma Armada, que defendesse o porto de Lisboa de alguns insultos de seus inimigos, e a este fim entrou nelle com huma Esquadra, que mandava o Conde de Chaternau, Vice-Almirante de França. Tratou-se de guarnecer a Cidade, e pôr em defensa toda a marinha, que se encarregou a Generaes de grande valor, e sciencia, e tocou na distribuiçaõ encommendarse a Fortaleza de S. Juliaõ da Barra, como mais importante, ao Marquez das Minas, com o mando de todos os Fortes até Paço de Arcos, com todos os mais que guarnecem a marinha até Cascaes. O Marquez dispoz as cousas necessarias à defensa, e com a sua generosidade compoz a sua casa, e mesa com profusaõ, e grandeza. ElRey D. Pedro lhe fez a honra de entaõ ir ver a Fortaleza, e satisfeito do Marquez, louvou publicamente a generosidade do seu trato.

Histor. Genealogica da Casa Real, tom. 7. pag. 506.

Já havemos referido os negoceados, que precederaõ para ElRey D. Pedro entrar na grande alliança, que finalmente se conseguiraõ pelo Tratado de liga

Historia Genealogica, dito tomo, pag. 516.

liga offensiva, entre as Potencias interessadas na mesma alliança, que se assinou a 16 de Mayo de 1703; e a 24 de Junho do dito anno nomeou ElRey Governadores das Armas das Provincias, para a da Beira o foy o Marquez das Minas, do Conselho de Guerra; e como o Archiduque Carlos já acclamado em a Corte de Vienna Rey da Monarchia Hespanhola, entrara no porto de Lisboa a 7 de Março de 1704, passou o Marquez das Minas para a Beira a tratar das cousas pertencentes ao Exercito, que havia de sahir em Campanha, no qual se haviaõ de achar os Reys de Portugal, e Castella, onde havia de ser introduzido por esta Provincia, como deixámos referido em seu proprio lugar; e no dito anno foy feito do Conselho de Estado.

Prova num. 29.

Dita *Historia*, tom. 7. pag. 558.

Sahio primeiro em Campanha o Exercito Castelhano, mandado pelo Duque de Berwik com a mayor parte de Officiaes, e Tropas Francezas, que animava a Real pessoa delRey D. Filippe V., e entrou em Portugal pela Provincia da Beira; e naõ achando opposiçaõ, occupou algumas pequenas Praças, tomando a 7 de Mayo do dito anno a de Segura; e aproveitando-se da dilaçaõ, que as nossas tropas fizeraõ em se pôr em campo, tomaraõ alguns Castellos, e Povoações, sem resistencia, excepto Monsanto, e Idanha a Nova, que foraõ por assalto, entraraõ em Castello-Branco, e passaraõ o Tejo em Villa-Velha, e se introduziraõ na Provincia de Alentejo. O Marquez das Minas, vencendo com grande actividade as difficul-

Dito tomo pag. 552.

difficuldades, que o embaraçavaõ, ſe poz em campo, e foy o primeiro emprego das ſuas operações a Villa de Fuente Ginaldo, onde eſtava depoſitado o precioſo dos moradores de Arganhaõ, huma das mais abundantes, e ricas Campanhas do Reyno de Caſtella. Aſſaltada a Villa, foy dada a ſacco aos Soldados, luzindo no furor militar a piedade do Marquez: tinha mandado, que ſe naõ tocaſſe nas Igrejas, e ſem embargo de ſe perdoar ao muito, que nellas recolheraõ os Caſtelhanos, foy o ſacco rico, com que os Soldados voltaraõ bem providos, e contentes, e a preza dos gados muy conſideravel; e eſte ſucceſſo ainda ſeria mais ventajoſo, ſe D. Franciſco Ronquilho, que governava as armas do partido de Ciudad Rodrigo, naõ houvera anticipadamente ſahido daquella Praça a noite antecedente.

Continuou o Marquez das Minas a marcha do ſeu Exercito; determinou recuperar a Villa de Monſanto, e querendo-a ſoccorrer D. Franciſco Ronquilho, foy o Marquez aviſado; e marchando com preſſa, em pouco ſe achou com a Cavallaria formada diante do inimigo, havendo pouco mais que huma hora de dia, pelejaraõ com tanto valor, e acordo os noſſos, que pozeraõ aos inimigos em precipitada fogida, e os foraõ ſeguindo, em quanto durou o dia, para a parte da Idanha a Velha, onde de noite tomaraõ o caminho da Çarça para Caſtella, com grande trabalho, havendo perdido três Eſtendartes, e algumas bagagens, e outra parte queimaraõ na Idanha.

O

O Maquez das Minas depois de ter cumprido com as obrigações de valeroso General, se houve no combate como destemido Soldado, pelejando como qualquer Soldado da fortuna, que deseja ganhar nome, com tal esforço, que recebeo varias feridas, rubricando os applausos da vitoria com o seu illustre sangue, levando huma em o braço direito, que naõ sentio senaõ depois de muito tempo, vendo que a espada se despedia da maõ, e lhe ficara cahida no fiador; teve tambem huma contusaõ na cabeça: porém o inimigo, que intrepido o havia ferido, naõ se pôde gloriar do atrevimento, porque alli ficou morto: além das feridas, se lhe achou depois no chapeo, em que havia hum casco de ferro, seis cotiladas, e muitas na casaca; o que deixa bem mostrar o quanto o Marquez se empenhou no conflicto. Obrigaraõ-no as feridas a tomar algumas sangrias, porém naõ serviraõ de embaraço ao seu zelo, e viveza, de que era dotado, para que deixasse de continuar com as operações. Mandou atacar Monsanto pelo Tenente do Mestre de Campo General Francisco Ferraõ de Castellobranco; e porque o Castello estava provido, e he inexpugnavel, ordenou ao Quartel Mestre General Francisco Pimentel lhe queimasse as portas, o que executou sem dilaçaõ, e foy rendido o Castello, e a guarniçaõ prisioneira de guerra.

Entraraõ na Provincia da Beira ElRey D. Pedro, e ElRey D. Carlos III., e caminhando divididos, se ajuntaraõ na Cidade da Guarda. O Marquez das

Historia Genealogica, dito tom. 7. pag. 568.

das Minas, Governador das Armas, ſe achava maltratado dos olhos, pelo que naõ foy logo à Corte; porém tanto que teve alivio na enfermidade, foy ſem dilaçaõ informar a ElRey D. Pedro de todas as couſas pertencentes à Provincia, e voltou para Almeida a executar as ordens, que lhe dera; e formando o Exercito, campou junto da Praça de Almeida, e nelle ſe aquartelaraõ os Reys no dia 20 de Setembro, em que marchando, ſe paſſou o que deixamos referido, que agora ſó tocamos muy levemente pelo que toca ao Marquez das Minas.

Na primeira marcha do noſſo Exercito ſe reconheceo, que os inimigos tinhaõ bem fortificados os pórtos da paſſagem do rio Agueda, o que totalmente impedia a empreza de Ciudad Rodrigo; determinou ElRey D. Pedro pôr em Conſelho de Guerra ſe haviaõ de emprender o ſitio de outra Praça, ou ſe haviaõ de marchar em direitura ao Duque de Berwik, que eſtava campado junto de Ciudad Rodrigo: uniformemente ſe aſſentou, que ſe continuaſſem as marchas, e ſe chegaſſe ao rio, para que tomando-ſe Quartel perto delle, ſe podeſſem obſervar melhor os movimentos do inimigo. Os Reys ſe conformaraõ com o que pareceo ao Conſelho. O Almirante de Caſtella, que havia aſſeverado por muitas vezes, que tanto que o noſſo Exercito appareceſſe na Raya de Caſtella, naõ haveria Vaſſallo daquella Coroa, que naõ paſſaſſe a Portugal; porque a Conquiſta de Heſpanha havia ſer conſeguida ſem golpe de eſpada, porque todos

dos os Castelhanos, que se achavaõ no Exercito del-Rey D. Filippe V. o abandonariaõ, passando-se ao serviço delRey D. Carlos III., o que segurava, dizendo ser de Cartas escritas dos principaes Officiaes da Cavallaria Hespanhola. O Duque de Berwik, informado do que o Almirante de Castella affirmara, com alguma desconfiança, cuidou no modo de impedir, que os Officiaes Hespanhoes desertassem; juntou todos, e lhe referio o que o Almirante dizia, e da conta que faziaõ das suas pessoas, desamparando o serviço do seu Rey. Elles se mostraraõ sentidos, e jurando, protestaraõ, que estavaõ firmes em derramar o sangue, e acabar a vida no serviço delRey D. Filippe V. O Duque de Berwik com reflexaõ em negocio de tanta importancia, assentou naõ se fiar absolutamente da sua palavra, e acauteladamente para mayor segurança, na disposiçaõ do seu Exercito, se lembrou de entrechaçar as Tropas Hespanholas entre as Francezas, para que estas vigiassem depois nas marchas as primeiras. O Almirante de Castella, que perseverava no seu dictame, enviou huns trombetas com diversas copias de huma Declaraçaõ delRey Dom Carlos III. a favor dos Hespanhoes, que fizera imprimir em Lisboa: porém elles voltaraõ, sem que as pessoas, para quem eraõ dirigidas as Cartas, as abrissem, com tudo isso espalharaõ immensas copias, mas sem effeito algum.

Achavaõ-se os dous Exercitos Portuguez, e Castelhano postados, mediando entre hum, e outro o

rio Agueda, onde o Duque de Berwik ſe achava fortificado; e depois de ſe haverem acanhoado de huma, e outra parte, em que por duas horas laborou a artilharia, havendo entre a Cavallaria algumas acções, que naõ paſſaraõ de eſcaramuças, ſem conſequencia de nenhuma das partes. Eſtava ElRey D. Pedro na reſoluçaõ de dar batalha, como diſſemos; chamou a Conſelho aos Miniſtros, e Generaes, que alli ſe achavaõ, a quem ElRey pertendeo perſuadir, naõ devia deſiſtir de paſſar o rio, para entrarem em huma acçaõ geral: porém todos os do Conſelho foraõ de contrario parecer, excepto o Marquez das Minas, que ſuſtentou, que ſe naõ devia deixar de paſſar o rio, ſem embargo da contradiçaõ dos que diziaõ, que nem ſe havia de intentar, em que entrava o Almirante de Caſtella. ElRey D. Carlos approvou o que ſe havia vencido pelo parecer dos Generaes Portuguezes, Inglezes, Alemaens, Hollandezes, e Heſpanhoes, que de todas eſtas nações ſe compunha o Conſelho, e o Exercito, ſendo ſó o Marquez das Minas do contrario parecer. Se o ſeu voto ſe ſeguiſſe, ſeria muito util à grande Alliança, conforme o que eſcreveo o erudîto Marquez de S. Filippe, de que tranſcreveremos as proprias palavras, fallando no referido Conſelho, diz: *Eſta deſunion fue perjudicial a los intereſſes de los Coligados, que pudieron entrar libremente en Caſtilla, y turbarla mucho, pero ElRey D. Pedro diò luego Quarteles de Invierno a ſus Tropas. Eſto lo llevò muy mal ElRey Carlos, y lo diſſimulaba, &c.*

Hiſtoria Genealogica, dito tomo pag. 571.

Comentar. de la Hiſtor. de Eſpan. pag. 175.

Eſte

Este illustre Author foy muy mal informado dos votos, dos que queriaõ dar a batalha; porque diz, que os Inglezes, e Alemaens a queriaõ, e que os Portuguezes naõ vieraõ nisso; e sendo taõ mal instruido na verdade, do que passara, no discurso, como cousa, que dependia do seu talento, e admiravel juizo, se vê o grande acerto, com que votou o Marquez das Minas, e a gloria que delle lhe resulta; porque só elle disputou, que se devia passar o rio, e dar a batalha, accommodando-se com a vontade delRey D. Pedro, que sentido delRey Carlos se conformar totalmente com o contrario, lhe disse, que daquella maneira naõ seria Rey de Hespanha, e voltaria para Alemanha. Este desabrimento mostrou no semblante ElRey D. Carlos lhe era desagradavel, o que viraõ os que estavaõ presentes; o que podemos asseverar, porque o que relatamos naõ he tirado de memorias vulgares, mas escritas pelo Duque de Cadaval D. Nuno, que se achou presente a tudo o que referimos. E se o que escreveo o Marquez de S. Filippe dependera da sua erudiçaõ, que foy grande, e naõ de informações talvez muy pouco seguras, naõ cahira em tantos erros nas nossas cousas, que he sómente, de que nos queixamos; porque o mais nos naõ toca, nem menos o duvidamos, nem taõ pouco negamos, que naquella guerra, como elle diz, se padeceraõ aquelle, e outros erros: porém nelles se deve reflectir, para que evidentemente se conheça a providencia, com que Deos quiz conservar no Throno de Hespanha a El-

Rey D. Filippe V., ornado de piedade, valor, religiaõ, generosidade, e de outras heroicas virtudes, que faraõ glorioso o seu nome no immortal Templo da Heroicidade, e ditosa toda a sua Real posteridade.

Determinado assim naõ continuar o nosso Exercito na Campanha, sahio de junto de Ginaldo, e retrocedendo a marcha, campou junto à Praça de Alfayates: os Reys passaraõ à Guarda, e dahi a Lisboa, e foraõ metidas as Tropas em Quarteis de Inverno. O Duque de Berwik passou a Madrid, onde naõ foy taõ bem recebido, como elle imaginava; porque nas Cortes sempre se encontraõ abrolhos, espalhados da emulaçaõ; e o governo das Tropas ficou ao Marquez de Thoy.

Historia Genealogica, dito tomo pag. 596.

No anno de 1705 sahio o Marquez das Minas à Campanha com hum pequeno, mas luzido Exercito, formado das Tropas daquella Provincia, e de muitas do Minho, sem nenhuma das Estrangeiras, e marchou à Beira baixa, e em algumas partes por terras de Castella, por poupar o proprio paiz, como já dissemos, e foy sobre Salvaterra; e sendo atacada com valor, foy rendida com o Governador, e guarniçaõ, prisioneira de guerra, que constava de trezentos e setenta e tres Soldados, quarenta Officiaes, sem mais perda, que a de trinta Soldados mortos, e quarenta feridos; dos inimigos morreraõ muitos, e os feridos naõ passaraõ de vinte. Recoperada a Praça de Salvaterra, que na Campanha do anno antecedente havia toma-

do

do o Exercito do Duque de Berwik, em que ElRey D. Filippe V. se achava, como dissemos em outra parte, teve noticia o Marquez das Minas, que no Lugar de Çarça estava alojado hum Regimento Francez de Selerino, que unido à muita gente do Lugar, se queriaõ manter nelle pelas Fortificações, que o defendiaõ. Marchou o Marquez com toda a Cavallaria, e cinco Terços de Infantaria, porém sendo avisados, o desampararaõ, retirando-se com pressa a Saclavim, passando em barcas o rio Alagaõ. O Marquez mandou dar sacco livre aos seus, e foy muy consideravel, e mandou pôr fogo à Villa, demolir edificios, e tudo o que pertencia à fortificaçaõ. Tomaraõ tres peças, huma de bronze, de calibre de doze, e duas de ferro, cincoenta carros manchegos, e trinta Galeras com as Armas delRey Dom Filippe V., mas sem rodas, por lhas quebrarem os Francezes, quarenta mil alqueires de cevada, grande quantidade de farinhas, e biscoito; e deste taõ grande provimento de mantimentos, e carruagens, se infirio, que da Çarça intentavaõ os inimigos alguma operaçaõ, que o Marquez lhe naõ deixou pôr em execuçaõ.

Havia o Conde das Galveas, do Conselho de Estado, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, conseguido na Campanha deste mesmo anno de 1705 gloriosos successos nas Praças, e Lugares, que tomou aos Castelhanos; e passando à Corte, onde ElRey D. Pedro, que o estimava, louvando justamente o seu zelo, e valor, sem que o deixasse queixoso,

Historia Genealogica, dito tomo pag. 606.

xoſo, naõ permittio pelos ſeus muitos annos voltaſſe a Alentejo; e nomeou para Governador das Armas daquella Provincia ao Marquez das Minas, e para a Beira foy o Marquez de Fronteira D. Fernando Maſcarenhas, como já diſſemos. Paſſou o Marquez das Minas logo a Alentejo; determinando fazer huma Campanha no Outono; emprendeo ſitiar Badajoz, para o que ſahio com o Exercito em Campanha nos principios de Outubro; e marchando àquella Praça a tres do referido mez, campou em tal poſtura, que lhe ficava da parte eſquerda o rio Guadiana, e da outra hum pequeno corpo de Tropas noſſas, entregue ao Conde de S. Joaõ. Diſtava o Exercito dos inimigos duas legoas, mandado pelo Marichal de Teſſé, junto a Talavera; e havendo-ſe formado as batarias, aberto a trincheira, e todas as diſpoſições para render a Cidade, contra quem laborava a artilharia em continuado fogo, como referimos em outra parte, ſem embargo da vigilancia do Marquez, pela noticia, que alcançou de dous deſertores, que o Marichal de Teſſé eſtava em marcha para ſoccorrer a Praça, haver poſto o Exercito em Armas, montada a Cavallaria; mandando aviſar repetidas vezes aos Cabos, que eſtavaõ da parte da ponte, que vigiaſſem aos inimigos, para que tanto, que tiveſſem noticia, de que marchavaõ, lhe deſſem parte; nada ſe obſervou, ou foſſe deſcuido, ou malicia, como alguns aſſeveraraõ. O Marichal de Teſſé paſſou livremente com o ſeu Exercito a ponte, ſem ſer ſentido dos

dos nossos, que estavaõ da parte do rio, ganhou a ponte de Xevora, e se formou contra os nossos. Finalmente com a passagem dos Francezes ficou soccorrida a Praça, que os nossos haviaõ batido fortemente, faltando já muy pouco para pôr a brecha capaz de se dar o assalto. A causa deste successo naõ houve algum dos nossos, nem dos Aliados, que a imputasse ao Marquez das Minas; porque foraõ publicas, e repetidas as ordens com que prevenio aos Cabos, que estavaõ da outra parte, para que lhe dessem parte da marcha dos inimigos, que elles naõ sentiraõ estando taõ perto, de que se seguio ser soccorrida Badajoz: porém naõ faltou entaõ algum dos mesmos, que se acharaõ naquelle sitio, que dissesse, a quem o ouvimos, que o descuido fora affectado; e a hum Cabo, General muy valeroso, desembaraçado, e livre, ouvimos nomear os Generaes, que naõ tiveraõ culpa em se soccorrer Badajoz, e naõ nomeando os culpados, os dava tambem a conhecer, sendo a emulaçaõ, e paixoens particulares, o que tem sido tantas vezes causa de semelhantes desconcertos, e motivo da ruina de Exercitos, e Monarchias. Desvanecida assim a empreza de Badajoz, se recolheo o Exercito, tomando Quarteis de Inverno.

Entrou o anno de 1706, e formado o Exercito, de que era Supremo General o Marquez das Minas, naõ só das nossas tropas, mas das Inglezas, e Hollandezas, sahio à Campanha com os demais Generaes, que deixamos referido em seu proprio lugar, a 31 de Mayo

Historia Genealogica, dito tomo pag. 611.

Mayo partio do Campo entre Caya, e Cayola, e marchando foraõ a S. Vicente, e fazendo alto, o Marquez das Minas mandou chamar ao Alcaide, e Governança de Broſſas, Villa populoſa, e abundante de frutos, e no trato dos moradores, para que rendeſſem obediencia a ElRey Dom Carlos III., o que elles recuſaraõ, dizendo, que o Duque de Berwik marchava a ſoccorrellos com hum groſſo das ſuas Tropas, com que ſe achava junto da Villa.

Eſtava o Duque de Berwik em Pariz para paſſar a ſervir em Flandes no tempo, que o Duque de Alva, Embaixador delRey D. Filippe V., o pedio da ſua parte a ElRey ſeu avô, para mandar o Exercito contra Portugal; pratica que ElRey Chriſtianiſſimo ouvio com ſatisfaçaõ, a quem logo ſatisfez, convindo com a ſupplica. Depois a 16 de Fevereiro do referido anno chamou ao Duque, e lhe diſſe, que ElRey D. Filippe ſeu neto lhe havia pedido o mandaſſe a Heſpanha para mandar as ſuas Tropas, que elle o naõ podera encontrar, pela eſtimaçaõ, que fazia da ſua peſſoa, de quem elle neceſſitava, ordenandolhe que logo com a mayor preſſa partiſſe para Heſpanha; e para demonſtraçaõ dos ſeus merecimentos o fazia Marichal de França, mas que ElRey Catholico havia de ſer quem lhe déſſe a Patente; e fazendo voltar de Flandes as ſuas equipagens, depois de ſe deſpedir delRey, que com novas demonſtrações de affecto o honrou, no primeiro de Março chegou a Madrid; e tendo audiencia delRey, que moſtrou o goſto,

Memoires du Mariſchal de Bervvik, part. 2. pag. 37.

gosto, que tinha da sua volta, lhe deu a Patente de Marichal de França, com expressoens muy distinctas de quanto o estimava. Depois de ter conferido com ElRey D. Filippe os negocios pertencentes à guerra, sahio de Madrid a 18 de Março para a Estremadura, onde se tinha junto o Exercito.

O Marquez das Minas pouco satisfeito da reposta dos moradores de Brossas, mandou guardar os póstos, e fazer tudo o mais, que referimos, havendo tido noticia, que o Marichal de Berwik fora para Brossas com as suas Tropas, determinou atacallo no outro dia. A 7 de Abril, depois de ter dividido o seu Exercito em dous corpos, se poz diante da mayor parte da Cavallaria, e com dez Terços, e seis peças de Campanha, marchou em direitura a Brossas; e porque os inimigos se retiraraõ precipitadamente, cobrindo-se com o bosque, que ficava entre Brossas, e a Cidade de Caceres, o Marquez das Minas mandou hum pequeno destacamento, entregue a D. Joaõ Manoel, General de Batalha, para tomar Brossas, e com a sua costumada piedade lhe recommendou a guarda do Mosteiro de Freiras, que havia na Villa, na qual se achou quantidade de trigo, e farinhas; e avançando com a Cavallaria além do bosque, a nossa Infantaria se começou a sentir fatigada pela longa marcha, que havia seguido, desde as cinco horas da manhãa até às quatro da tarde; e dando-selhe ordem, de que os seguissem do modo possivel, a nossa Cavallaria se avançou, e huma parte della atacou a retaguarda

dos inimigos com tanto vigor, que o Marichal de Berwik paſſou de vanguarda à retaguarda com tres Regimentos de Caravineiros: começaraõ a pelejar os inimigos com grande impeto, e valor biſarro, porém foraõ rebatidos pelo valor, e conſtancia dos noſſos, que os carregaraõ taõ vigoroſamente, que os obrigaraõ a ſe retirar com precipitaçaõ, ficando huma parte dos Soldados mortos, e feridos, havendo deixado duzentos e quarenta cavallos, oitenta priſioneiros, em que entrou o General de Batalha Dom Diogo de Monroy, o Conde de Canilejas, particular, e outros Officiaes. Da noſſa parte ficaraõ alguns mortos, que já apontámos, quando tratámos em outra parte deſte combate, em que o Marquez ſe empenhou tanto, que ſe expoz a ficar cortado dos inimigos, de que o livrou a promptidaõ, com que o ſoccorreo o Conde de Atalaya D. Pedro Manoel ſeu ſobrinho. Acabou o combate já muy avançada a noite, e as noſſas Tropas tornaraõ para o campo de Broſſas, onde chegou já muy tarde o Marquez das Minas pelos embaraços do boſque; e tendo noticia, que os moradores daquella Villa haviaõ abandonado as caſas, e fogido para o Exercito do Marichal de Berwik, e outros ſe haviaõ retirado às Igrejas, por naõ darem obediencia, a mandou ſaquear, e ſe queimaraõ algumas caſas, o que cauſou taõ grande medo nos viſinhos, que grande numero de Povoações vieraõ dar ao Marquez das Minas a devida obediencia. O Marichal de Berwik ſe moſtrou taõ ſentido, que eſcreveo ao Marquez

quez a Carta ſeguinte, que traduzida, dizia aſſim:

„ Hontem ouvi com extrema admiraçaõ, que
„ V. Excellencia mandara queimar Broſſas, contra o
„ eſtylo, e exemplo da guerra, e contra o que prati-
„ cámos ha dous annos em Portugal, onde poderia-
„ mos ter feito o meſmo, ſe nos naõ detiveſſe a juſta
„ commiſeraçaõ dos póvos, que naõ ſaõ cauſa da
„ guerra, mas ſó obedecem a ſeus Soberanos; e ſe
„ eſta ſe ha de fazer aſſim, he preciſo, que o enten-
„ da de V. Excellencia; porque para queimar temos
„ tambem forças baſtantes. Naõ duvido porém, que
„ V. Excellencia fazendo a juſta reflexaõ diſponha
„ de ſorte, que nos abſtenhamos de ſemelhantes ex-
„ ecuções; e quando obrigado dellas correſponda com
„ outras, naõ ſe imputaráõ os damnos dos pobres pó-
„ vos aos Reys, cujo Exercito me he encarregado.
„ Eu ſou de V. Excellencia humiliſſimo, e obedentiſ-
„ ſimo ſervidor.

„ O Marichal Duque de Berwik.

Reſpondeo o Marquez das Minas a ſeguinte Carta.

„ Recebo a Carta de V. Excellencia eſcrita em
„ 9 do corrente, e naõ me admirára, que qualquer
„ outro General me fallaſſe ſobre a queima de Broſ-
„ ſas; mas eſtranho muito, que V. Excellencia me
„ falle neſte particular, lembrandome muito bem,
„ que o Exercito, que Voſſa Excellencia mandava
„ ha dous annos, queimou tres vezes Idanha a No-

,, va, a Villa de Rosmaninhal, e Lugares de Mede-
,, lim, naõ se perdoando ao sagrado dos Conventos,
,, e honra das mulheres, e outros muitos, com a cir-
,, cunstancia, que depois de avindos experimentaraõ
,, a impiedade de serem queimados. E fique V. Ex-
,, cellencia na certeza, de que Brossas naõ foy quei-
,, mada, e que só algumas casas por descuido, e naõ
,, por ordem, padeceraõ pequena ruina; porque eu
,, desejo, e espero conseguir favorecer os póvos de
,, Castella, e naõ destruillos; o que farey quando en-
,, tenda, que he assim conveniente ao serviço del-
,, Rey meu Senhor. Quanto ao que V. Excellen-
,, cia me diz, que tem forças bastantes para poder
,, queimar, o creyo muy bem; porque a pessoa de
,, V. Excellencia se naõ acharia sem Tropas sufficien-
,, tes, naõ para as empregar em lançar fogo, mas pa-
,, ra as operaçóes de mayor consideraçaõ, com que
,, V. Excellencia faça o que lhe parecer, que eu hey
,, de executar o que julgar conveniente ao serviço del-
,, Rey meu Senhor. E fico para servir a V. Excel-
,, lencia, e com grande respeito a ella. Deos guar-
,, de a V. Excellencia. Campo de Alcantara 10 de
,, Abril de 1706.

,, O General Marquez das Minas.

Dito livro, pag. 617.

Havia o Marquez deixado hum Terço guarne-
cendo o Castello de Brossas, e mandou continuar a
marcha para Alcantara, onde chegou a 9 de Abril
pelas tres horas da tarde; e depois de reconhecida a
Praça,

Praça, ordenou atacalla, e feitas as batarias começaraõ a laborar com vigor, que os ſitiados pertenderaõ impedir com acordo; porque além da muita gente, que o Marichal de Berwik lhe metera, (contra o dictame do Conde de Aguilar) os animou à defenſa; porque elle paſſava ſem dilaçaõ a ſoccorrellos. Finalmente ſendo batida a Praça com tres batarias de artilharia, que inceſſantemente laboravaõ, com hum taõ horroroſo eſtrondo, ſe arruinaraõ as muralhas, e as bombas o faziaõ às caſas, e edificios; de ſorte, que os moradores entraraõ em tal conſternaçaõ, que o Governador ſe vio confuſo no remedio, que lhe pediaõ os moradores na ceſſaõ de armas. Porém depois dos varios ſucceſſos, que temos já referido em outra parte, a Praça capitulou, convindo o Marquez das Minas na Capitulaçaõ, que foy aſſinada a 14 de Abril de 1706, lhe concedeo entre outras couſas, que a guarniçaõ ſahiria da Praça pela brecha, com todas as honras militares, e que ſeria logo deſarmada, e feita priſioneira de guerra, com condiçaõ, que os Officiaes de Capitaõ para cima, paſſados ſeis mezes, ſeriaõ póſtos em liberdade. O Marquez das Minas mandou ao Conde de Tarouca tomar poſſe da Praça, e a guarniçaõ deſarmada foy remetida a diverſas Cidades, e Villas da Beira, que em dez Regimentos faziaõ quatro mil e duzentos homens, em que entrava o Governador da Praça D. Miguel Gaſco, Cavalleiro da Ordem de Santiago, General de Batalha. Hum Author, ou por mal informado, ou por

Memoir. du Mariſchal de Berwik, pag. 43. impr. 1737.

por querer deſculpar o erro do Marichal de Berwik, ter metido em Alcantara aquelle corpo de Tropas para ſer ſacrificado, argúe de falta de fidelidade ao Governador da Praça injuſtamente; e muy mal inſtruido refere eſte ſucceſſo, contando couſas, que naõ houve, ſem o eſcrupulo, que deve ter hum Eſcritor de naõ referir nada contra a honra dos homens, ſem huma moral certeza. Foraõ mais priſioneiros o Tenente da Praça D. Joaõ Padilha, o Sargento mór D. Agoſtinho de Aruntura e Benavente, D. Joaõ Joſeph Duran, Ajudante mayor, o Engenheiro mór Blond, e o Engenheiro Dedon, nove Coroneis, em que entrou o Marquez de Torrecuſa, Grande de Heſpanha, tres Capitaens Coroneis, treze Tenentes Coroneis, tres ſegundos Tenentes Capitaens, hum Subſede mayor Tenente Coronel, ſetenta e ſeis Capitaens de Infantaria, e tres Capitaens reformados, Alferes, e outros em grande numero. Acharaõ-ſe quarenta e ſete peças de artilharia de diverſos calibres, grande parte debronze, duas mil e novecentas e ſetenta e huma eſpingardas, e hum grande numero de diverſas munições de guerra, e boca, como deixamos em outra parte eſcrito. Deſta taõ importante expediçaõ mandou o Marquez a noticia por ſeu filho o Conde de Prado a ElRey D. Pedro, que a 16 de Abril chegou pela poſta a Lisboa. ElRey querendolhe compenſar o trabalho, mandou dizer à Marqueza das Minas, que queria fazer merce a ſeu filho ou de huma Commenda, ou do titulo de Marquez:

porém

porém ella, que foy dotada de muitas partes, escolheo a merce de Marquez, dizendo, que antes queria ter a satisfaçaõ de lhe chamar Marquez rindo, do que de o haver de fazer chorando, alludindo, que era succedendo por morte do Marquez seu esposo. Ao mesmo tempo D. Joaõ Diogo de Ataide, General da Cavallaria da Beira, por ordem do Marquez foy sobre Seclavim, Lugar rico, e povoado de gente valerosa, e guerreira, que executou com actividade, e acerto, a pezar da resistencia, que intentaraõ os moradores: pelo que os Soldados pertenderaõ compensar o trabalho com os despojos; naõ o permittio, porque esta era a ordem do Marquez das Minas, por lhe ser muy recommendada por ElRey Dom Pedro. O corpo que tinha o Marquez separado, e mandava o Marquez de Fronteira, ganhou a Praça de Moraleja, forte por sitio, e com guarniçaõ paga, visinha de Alcantara.

Entrou o Marquez das Minas, General Supremo do Exercito da grande Alliança, acompanhado de todos os Generaes na Praça de Alcantara, onde se cantou o *Te Deum* na Igreja, em que havia nascido S. Pedro de Alcantara, portentoso milagre da penitencia, que o Marquez das Minas com grande piedade venerou: remeteo à Corte as bandeiras de dez Regimentos, em que entrava o Estendarte do Regimento das Guardas delRey D. Filippe V. Dispostas todas as cousas, que eraõ precisas, e metida na Praça sufficiente guarniçaõ, no dia 25 de Abril chamou a Con-

a Conſelho todos os Generaes, e propondolhes, que a ſua determinaçaõ era marchar com o ſeu Exercito em direitura a Madrid, foy por todos approvada a reſoluçaõ; aſſentaraõ, que continuaſſe a marcha por Placencia, onde eſtava o Marichal de Berwik. No outro dia ſe poz o Exercito em marcha, ficandolhe o Tejo à maõ direita, e poz na obediencia delRey D. Carlos todas as Cidades, Villas, e Lugares de huma, e outra margem do rio, e ainda as que ſe apartavaõ em diſtancia, como eraõ as Cidades de Coria, Galiſteo, Caceres, e Trugilho. A 28 ſe poz diante de Placencia, e o Marichal de Berwik ſe retirou às vendas de Bazzagana, ſentido de que os moradores naõ ſe defendeſſem, como elle lhe perſuadia, o que elles receoſos recuſaraõ; e aſſim impaciente, intentou deſtruirlhe naõ ſó os mantimentos, mas tambem os frutos, de que he muy fertil, e abundante toda aquella campanha: porém o povo, e Eccleſiaſticos lho embaraçaraõ. Declarou-ſe a Cidade por ElRey D. Carlos, e no meſmo tempo todas as Villas, e Lugares circumviſinhos. O Magiſtrado da Cidade, e o Cabido da Cathedral, foraõ logo cumprimentar ao Marquez das Minas, e entregarlhe as chaves da Cidade, e acompanhado dos Generaes, e Officiaes principaes, entrou nella em triunfo; e hindo à Cathedral com luzida pompa, o receberaõ com *Te Deum*, cantado ſolemnemente, e depois foy acclamado pela nobreza, e povo ElRey D. Carlos III. No dia 30 de Abril ſe moveo o noſſo Exercito com a reſoluçaõ de atacar o

do

do inimigo , que eſtava entrincheirado da outra parte do rio ; o Marichal de Berwik moſtrando-ſe firme em o eſperar , mudou de parecer ; porque o Conde de Soure , General de Batalha , apeando-ſe do cavallo , com a eſpada na maõ , ſe meteo ao rio , ſeguido do Terço de Moura , de que era Meſtre de Campo ſeu primo com irmaõ o Conde de Aveiras Luiz da Sylva Tello , e das Companhias de Cavallos , de que eraõ Capitaens D. Luiz da Gama , e Manoel da Coſta , que debaixo do fogo dos inimigos paſſaraõ o rio , e ao meſmo tempo abalou o noſſo Exercito ; e paſſando o rio ſe poſtou naquelle meſmo campo , que havia muito pouco fora occupado pelo inimigo , ficandolhe Placencia poucas legoas de diſtancia. Continuou o noſſo Exercito até Almarás , Lugar diſtante trinta legoas de Madrid , e vinte e duas de Alcantara, de que já Berwik ſe havia retirado a Val de Moral com quatro mil Infantes , e cinco mil Cavallos , que o Marquez das Minas em toda eſta Campanha levou diante de ſi como Quartel Meſtre General , occupando o campo que elle deixava , deſejando por muitas vezes pollo em paragem , que o obrigaſſe a huma acçaõ , de que elle ſe livrava ; porque tambem tinha noticias do movimento do noſſo Exercito ; e ſabendo que marchava para elle , deixando no campo alguma bagagem , ſe retirou para a parte de Talavera , talando a propria Campanha ; poz fogo aos armazens dos provimentos , ficando por eſta cauſa dſſiicil a marcha por aquella eſtrada. Determinou o Marquez das

Minas ſeguir a marcha à Cidade de Coria, onde chegou a 14 de Mayo; o Marichal de Berwik, que obſervava os movimentos, chegou no meſmo dia a Placencia, e vendo que o noſſo Exercito ſe detinha à viſta da Serra de Gata, ſe foy a Val de Fuentes.

O Marquez das Minas, que havia feito aquella contra marcha para cahir ſobre Ciudad Rodrigo, para com a ſua reducaõ lhe ficar huma eſtrada livre para Madrid, a 22 de Mayo ſe poz o noſſo Exercito ſobre a Praça; e tanto que os ſitiados viraõ a brecha capaz de ſer aſſaltada, capitularaõ, e a 26 do dito mez ſe aſſinaraõ as Capitulações com as condições, que já diſſemos. O Marichal de Berwik ſe retirou a Salamanca, aviſinhando-ſe para a parte de Madrid; o Marquez das Minas marchou para a meſma Cidade de Salamanca. Aſſim que chegou o Exercito, vieraõ os Magiſtrados buſcar ao Marquez, e porſe às ſuas ordens: entrou na Cidade acompanhado da brilhante Corte dos Generaes a aſſiſtir ao *Te Deum*, que ſe cantou com grande pompa na Cathedral; aqui ſe demorou até receber os comboys de munições, e marchou para o Guadarrama. O Duque de Berwik, que obſervava vigilante as marchas, moſtrou querer diſputarlhe a paſſagem do rio Tormes; mas com a viſinhança do noſſo Exercito ſe retirou à Villa de Penharanda, onde naõ ſe deteve; e mandando o Marquez requerer à Villa para que rendeſſe obediencia, tendo moſtrado na demora falta de vontade, caſtigou a ſua renitencia. A Cidade de Avila mandou dar obedi-

obediencia ao Marquez, por naõ ſer viſitada por algum deſtacamento. Finalmente chegou o Marquez ao porto de Guadarrama, que paſſou ſem oppoſiçaõ com toda a Cavallaria, e doze Terços, oito Portuguezes, dous Inglezes, e dous Hollandezes. Chegou a 21 de Junho ao Lugar de Eſpinar, e na madrugada do meſmo dia, entre as quatro da manhãa, ſahio ElRey D. Filippe V., e a Rainha ſua eſpoſa da Villa de Madrid; e no dia 24 do dito mez o Marquez das Minas campou o ſeu Exercito no ſitio chamado Noſſa Senhora de Ratamal, diſtante quatro legoas da Corte de Madrid: daqui mandou hum Trombeta à Corte a darlhe noticia da ſua chegada; e ſendo bem recebido da Villa, mandou ſeus Deputados a cumprimentar ao Marquez das Minas, o qual conſervou até nova ordem no ſeu emprego de Corregedor ao Marquez de Fuente Pelayo.

Tanto que ElRey ſahio de Madrid para Sopetran, immediatamente os Grandes, que lhe eraõ internamente deſaffectos, eſcreveraõ ao Marquez das Minas, que ſe apoderaſſe da Corte; porque a ſua obediencia ſeria exemplo para ſer ſeguida de todo o Reyno; porque tanto que ſe tiveſſe noticia da partida de Çaragoça para Madrid delRey Dom Carlos, e unidas as Tropas, naõ podia ſubſiſtir ElRey Dom Filippe em Heſpanha. Eſtas Cartas, que naõ eraõ poucas, o Marquez das Minas entregou a ElRey Dom Carlos, que naõ obſervou ſegredo em occultar os nomes, antes ſe fez huma memoria delles,

Coment. de la Guerra de Eſpaña, tom. 1. pag. 248.

les, que copiada, se mandou a todas as Cortes dos Alliados; assim o refere o Marquez de S. Filippe, dizendo, que tivera huma copia na sua maõ. Este illustre Author culpa ao Marquez das Minas, dizendo, que elle levado daquellas persuações, se enganara na regra da guerra; porque havia de seguir a ElRey D. Filippe até o lançar fóra, ao menos de Castella, e que este fora o dictame do Conde de Galloway; naõ sabemos, que fosse, poderia ser; he sem duvida, que foy de muitos Generaes, e politicos, mas depois do successo; e naõ fazendo cargo, de que as ordens do Marquez eraõ a de unirse com ElRey D. Carlos, e que a demora deste Principe fora a causa do mao successo, o que nós, com differente dictame, só atribuimos à Divina Providencia, como já dissemos.

A Cidade de Segovia, seguindo o exemplo da Corte, mandou dar obediencia ao Marquez, e a poucos días chegaraõ quatro Regedores da Cidade de Toledo, que o Marquez recebeo com particular agrado, e ao seu exemplo as mais Villas, e Cidades, que ficavaõ por aquella parte, sendo huma torrente de prosperidades, com que o Marquez das Minas conseguio huma immortal gloria; havendo marchado por huma, e outra Castella com o seu Exercito, e sobmetido a ElRey D. Carlos a mayor parte da Provincia da Extremadura, Castella a Velha, e Reyno de Leaõ. Residia em Toledo a Rainha D. Maria Anna de Baviera, viuva delRey D. Carlos II., a quem logo o Marquez das Minas mandou cumprimentar pelo Conde

de de Atalaya seu sobrinho, com hum corpo de Cavallaria para sua guarda. Foy recebido o Conde daquella Imperial Cidade com grandes demonstrações. No dia que deu a Cidade a obediencia a ElRey D. Carlos, o Cardeal Porto-Carrero seu Arcebispo illuminou o seu Palacio, na Cathedral entoou o *Te Deum*, dispondo aquelle acto com a mayor celebridade, e deu hum esplendido banquete aos Officiaes de guerra; brindou à saude delRey D. Carlos, e benzeo o Estendarte, naõ causando pouca admiraçaõ; porque havia muy pouco, que as suas palavras eraõ opprobrios contra os Alemaens, e de pouco respeito à Casa de Austria; tendo trabalhado tanto para pôr o Sceptro de Hespanha na Casa de Borbon; sendo elle, como diz hum illustre Author, aquelle que por muy leves causas havia perdido tantos, criminando-os atè do silencio; sendo verdadeiramente o Cardeal o que havia perdido ao Conde de Oropeza, acusando-o de mortal aversaõ à naçaõ Franceza. A Rainha viuva D. Maria Anna de Baviera assistio naquelle dia com toda a sua familia de gala, e adornando o Paço, escreveo a seu sobrinho ElRey D. Carlos, de cuja parte lhe offereceo o Conde de Atalaya a regencia do Reyno, em quanto aquella causa se disputasse na Campanha. ElRey D. Filippe V., depois da retirada do nosso Exercito, mandou ao Duque de Ossuna com duzentos Cavallos das guardas, para que apresentandolhe huma Carta sua, acompanhasse a Rainha a Bayona. Era a Carta de attentas, e reverentes expressoens,

Comentar. de la Guerra de Espan. pag. 259.

pressoens, usando dos termos mais suaves; porque lhe supplicava ElRey, que pela livrar das turbulencias da guerra, que tanto opprimia a Hespanha, passasse a gozar de mayor quietaçaõ em França, donde seria igualmente assistida como em Toledo. A Rainha consternada com aquelle imperio, disfarçado nos rogos, passou conduzida pelo Duque de Ossuna a Bayona, onde residio ainda depois das dissenções serem ajustadas pelo Tratado de Utrech. Ao Cardeal Porto-Carrero veyo ElRey depois a perdoar os desconcertos, que referimos, tanto pela sua muita idade, como pelos serviços, que lhe havia feito; porque a magnanimidade delRey D. Filippe V. foy admiravel na generosidade com que perdoou estes, e outros semelhantes aggravos aos culpados; virtude que foy o brilhante na piedade deste Principe. O Cardeal querendo-se mostrar grato, se naõ foy medo como disseraõ, deu huma grande quantidade de dinheiro para reparar o damno, que as Tropas inimigas causaraõ a Toledo, que naõ foy pouco.

Dito livro, pag. 260.

Havia mandado o Marquez das Minas ao Conde de Villa-Verde, Mestre de Campo General com o governo da Cavallaria, com dous mil Cavallos a Madrid, donde entrou a 25 de Junho, que lhe rendeo obediencia, e no dia 27 se aquartelou nas visinhanças de Madrid, pondo o arrayal no Pardo, extendeo o Exercito pela borda do rio Mazanares, com a direita desde a horta del Cerero atè à Quinta dos Padres Jeronymos, ficando à esquerda o Pardo. No

Historia Genealogica, tomo 7. pag. 638.

Exer-

Exercito se observou huma disciplina, que os viveres se compravaõ aos Paisanos pelos justos preços, sem que nos póvos houvesse queixa; porque o Marquez castigava severamente ao culpado no mais leve furto, naõ tirando as contribuições permittidas na guerra, o que havia praticado em toda aquella larga marcha, e talvez contra o parecer dos Generaes; porque a grandeza do seu coraçaõ, occupado de huma generosidade sem limite, o fez desprezar os mayores interesses; pois he certo, que hum genio avaro, podera tirar muitos milhoens de cruzados naquella Campanha; mas o Marquez naturalmente dominado de affabilidade brilhou nesta occasiaõ, porque se fazia agradavel; e assim os Hespanhoes o engrandeciaõ com obsequiosas expressoens. No dia 29 festejou o nome delRey com applausos militares, e tres descargas de artilharia, e de todo o Exercito, havendo concorrido toda a Nobreza de Madrid de hum, e outro sexo, com luzidas galas a congratular ao Marquez das Minas, que com magnificencia tratou a todos. Sendo o dia 2 de Julho, que havia determinado o Marquez das Minas para na Corte ser acclamado ElRey D. Carlos, acompanhado dos Condes de Galoway, Villa-Verde, e outros Generaes, esteve vendo a solemne pompa com que a Nobreza, vestida de ricas galas, acompanhava o Estendante Real, que levou o Regedor D. Mattheus de Tavorar, mandou o Marquez das Minas lançar ao povo, que era immenso, huma grande quantidade de moedas de prata, e levado

vado da sua generosidade, lançou huma boa copia de ouro pela sua propria maõ, sempre larga para dispender. Nos Conselhos, e Tribunaes proveo Ministros, e mandou que continuassem os seus empregos, os que os tinhaõ, até nova ordem delRey D. Carlos; e do dia 30 do referido mez se começaraõ a executar as suas ordens. Formou Tribunal, proveo lugares, e despachou consultas, deu audiencia aos Vassallos daquella grande Coroa, dando providencia aos negocios, que entaõ occorreraõ. Esta illustre acçaõ deu no Mundo espantoso brado, sendo ouvida entaõ com admiraçaõ nas Cortes de Europa; e honrando aquelle anno tanto ao Marquez das Minas, e às nossas Armas, nos futuros será lida na Historia com applauso merecido, triunfo taõ glorioso do esclarecido Marquez das Minas, immortalizado no respeito dos seus, e dos estranhos. Na Corte de Roma, em que o Papa Clemente XI. se mostrava indifferente, reconheceo logo ao Archiduque Carlos Rey de Hespanha, que até alli naõ só duvidava, mas resolutamente negara. De Africa Muley Ismael, Emperador de Marrocos, congratulou a ElRey D. Pedro de taõ felice successo; participou esta noticia a ElRey por seu filho o Marquez D. Joaõ de Sousa, e foy recebido com geral applauso successo taõ grande, de que ElRey rendeo publicamente as graças ao Deos das vitorias, indo à Cathedral acompanhado do Principe, Infantes, e de toda a Corte.

Comentar. de la Guerra de Espan. pag. 257.

Do Escurial havia escrito o Marquez das Minas a El-

a ElRey D. Carlos, que estava em Catalunha, dandolhe conta, do que em seu serviço tinha obrado; e mostrandolhe que toda a demora, que houvesse de unir o seu Exercito, com o que elle mandava, seria prejudicial, e talvez irreparavel. Era o fim principal do Marquez General nas marchas de Guadalaxara a Xadraque apartar aos inimigos daquella visinhança, para lhe ficar livre, e sem disputa, a passagem del-Rey D. Carlos de Aragaõ a Madrid. Havia já neste tempo despachado ElRey D. Carlos hum Official ao Marquez com huma Carta da sua Real maõ, que he a seguinte:

„Illustre Marquez de las Minas, Primo. En „continuacion del singular amor, que me debe vuestra Persona, y el deseò, que me assiste de manifestarlo, os escrivo estas lineas para assegurarvos del, „y participaros mi feliz arribo a esta Ciudad, que „fue ayer, y la fija resolucion en que quedo de proseguir mi marcha, con la mayor brevedad, y por el „camino, que el sugeto, que os entregará esta, os „dirá de boca, esperando en la misma marcha recebir de vós la gustosa noticia del estado, en que se „halla el Exercito. En Daroca 27 de Julio de 1706.

„YO ELREY.

Naõ valeraõ o cuidado, e desvelo do Marquez das Minas nos diversos Expressos mandados por Officiaes a ElRey D. Carlos, e as muitas partidas mandadas ao Reyno de Aragaõ, para que ElRey apres-

 sasse

ſaſſe as ſuas jornadas. Eſtas inſtancias corroboravaõ tambem as Cartas de Milord Galoway, às quaes ElRey reſpondeo com Cartas de 7 de Julho: honrava ao Marquez com exceſſivas expreſſoens, e reconhecimento pelas ventajoſas operações do ſeu Exercito, devidas aos ſeus acertos, e experiencias; dizendolhe tambem, que eſtava de partida para Çaragoça com as Tropas, que o ſeguiaõ; porque haviaõ ſido taõ publicas as demonſtrações da fidelidade, e amor de todos os Aragonezes, que naõ havia podido negarſe a ſatisfazellos com aſſiſtencia da ſua Real peſſoa. Naquella Cidade fez a ſua entrada publica a 18 de Julho, como em outra parte referimos. Finalmente a 8 de Agoſto chegou ElRey Carlos ao Exercito, de que era Supremo General o Marquez das Minas, havendo-ſe perdido tanto tempo, conſumido em feſtas, e diverſoens, que deſtruiraõ todo o ideado; e conſeguindo neſte meſmo tempo ElRey Dom Filippe no amor dos póvos o porſe em eſtado de defenſa; deſorte, que o noſſo Exercito com ElRey D. Carlos, depois de eſtar muitos dias a tiro de canhaõ dos inimigos, foy reſoluto marchar para Chinchon, e Colmenar; e permanecendo mais de hum mez naquelle campo, ſem faltar couſa alguma, marchou para a Fronteira de Valença, onde tomou Quarteis, ſem que os inimigos lhe déſſem incommodo na marcha. Naõ faltou quem culpaſſe ao Marquez das Minas de naõ fazer algumas operações, detendo-ſe em Madrid quarenta dias, dando tempo a que vieſſem os ſoccorros

Comentar. de la Guerra de Eſpan. pag. 265.

ros de França ; porque antes podia ter lançado a El-Rey Filippe de Castella, e ir sitiar Pamplona, com a qual naõ podia manterse Rioja, e a Provincia de Alaba; e se via a Rainha D. Maria Luiza obrigada a passar a França, e ElRey D. Filippe os Pyrineos. Esta carga poem o Author, e outras na boca do Conde de Galoway, dizendo, que estava desavindo com o Marquez das Minas; e desta má intelligencia nasceraõ tantas desordens, as quaes naõ entramos a defender, pelo que já havemos referido: porém a discordia destes dous Generaes foy sonhada, porque já mais a tiveraõ, e conservaraõ sempre huma reciproca amisade; e talvez que essa fosse a causa de alguma desordem, e que contra a propria vontade se deixasse vencer o Marquez do seu dictame; o que naõ entramos a individuar, e só asseveramos a boa correspondencia da sua amisade, conservada publicamente nesta Corte, e nas demonstrações da Rainha Anna de Inglaterra para com o Marquez das Minas, que ainda depois de voltar Milord Galoway para Inglaterra, se correspondeo com elle com muita amisade, o que naõ referimos por discurso, senaõ pelo que ouvimos a muitos Generaes, e Cabos de muita distinçaõ, que se acharaõ naquella Campanha, taõ gloriosa ao nome do Marquez das Minas, como dirá a posteridade quando ler individualmente a Historia, do que entaõ passou, que a nós naõ toca senaõ apontar succintamente alguns successos. E por acabarmos com a critica deste Author, e com a pouca noticia de outro,

Histoire Militaire du Regne de Luis le Grand Roy de France, tom. 5. pag. 234.

que faz a Milord Galoway dono das acções de toda esta Campanha, naõ sabendo, que o Marquez das Minas era o Supremo General, que mandava o Exercito dos Alliados em Portugal, Castella, Valença, e Catalunha, dizemos, que a excellente penna daquelle illustre Author padeceo alguma contrariedade, pois elle mesmo refere, que Berwik fora arguido por naõ dar batalha ao Marquez das Minas nas ribeiras do Tejo, como ElRey Dom Filippe, e seus Ministros queriaõ: porém o Marichal como muy experimentado, se livrou por muitas vezes de vir à acçaõ geral; porque era sacrificar as Tropas, de que estava encarregado, prevendo as funestas consequencias, que se seguiriaõ. He muy facil fazer juizo sobre os casos depois de succedidos, porque sempre os discursos se acertaõ.

Entrou o nosso Exercito em Valença, e depois de huma dilatada, e bem ordenada marcha foraõ metidas as Tropas em Quarteis, até que na Primavera de 1707 sahio o Marquez das Minas à Campanha, mandando em Chefe o Exercito da grande Alliança, que se formou a 6 de Abril no campo de Valhada: pertendeo atacar aos inimigos em Ecla, e Monte-Alegre, o que naõ conseguio; porque o Marichal de Berwik o evitou, pelo que se deu a sacco, e foy queimado Monte-Alegre, onde, e em Ecla havia o Marichal abandonado os celeiros. Determinou o Marquez das Minas, com o parecer dos Generaes, sitiar Vilhena, e a 19 do referido mez se deu principio à abertura da

trin-

trincheira, e se começou a bater, o que se suspendeo com a noticia, de que de Chinchilla, aonde se havia retirado ultimamente o Exercito dos inimigos, passára por Monte-Alegre, e campara em Almança, pelo que os Generaes resolveraõ abandonar o sitio, e ir buscar aos inimigos. Posto em marcha o nosso Exercito, no dia 24 do referido mez campou em Caudete. Achava-se mal convalecido o Marquez das Minas de huma queixa, que padecera, e quando entrou na batalha, lhe havia entrado a sezaõ, e receando que esta lhe embaraçasse o poder estar firme na sella, se mandou ligar, e atar nella, com tal constancia, que pôde o ardor do seu valeroso espirito esquecer a mesma queixa, que o maltratava: succedendolhe o mesmo, que àquelle esclarecido Heroe Dom Fernando Cortez na Conquista de Mexico, como refere com elevadissimo estylo D. Antonio Solis na sua estimadissima Obra da *Historia de Mexico.* Distribuidas as ordens no dia 25 de Abril, se deu a batalha de Almança, que os nossos infelizmente perderaõ, como em seu lugar havemos escrito. Naõ devemos remeter ao silencio hum successo digno do valor do Marquez, que elle sempre callou: havendo-se apartado no mayor ardor da batalha da linha, que mandava, querendo puxar hum Regimento, que via fóra da ordem, e indo para elle, enganado do uniforme, reconheceo ser dos inimigos; voltou logo sobre a maõ o cavallo, e a bom passo marchou para onde voltara. Era o Regimento de Francezes, e naõ o conheceraõ; mas delle

Histor. Genealogica da Casa Real Portugueza, tom. 8. pag. 31, e no tom. 11. pag. 578.

delle desfilou hum Official, ou Soldado, em seguimento do Marquez, que naõ sabendo quem era, o buscava como inimigo, e gritando lhe dizia: ***Pé em terra***, de que o Marquez se naõ dando por entendido, vigiava se do Regimento se destacavaõ mais alguns, e o Official affadigado repetia, o *pé em terra*; o Marquez com tanto acordo, como valor, sem responder, seguia a sua carreira, até que chegando à paragem, de que já os do Regimento os naõ viaõ, que sempre observara, com bizarra ousadia voltou o cavallo com impeto sobre o Francez com huma pistola, e empregou hum tiro a queima roupa taõ felizmente, que naõ foy necessario valerse da espada; porque cahio morto precipitado com o cavallo; e o Marquez desassombrado seguio o caminho, e se meteo na batalha, que durou tempo. He certo, que entaõ obraraõ os nossos acções dignas de louvor, e estimaçaõ, que naõ pertencem ao nosso assumpto; com tudo naõ podemos omittir, o que hum Author naõ Portuguez, mas Estrangeiro, antes bastantemente opposto à nossa Naçaõ, como infirimos da sua Obra, talvez por mal informado padecesse tantas equivocações, como nella observamos, fallando nesta batalha, diz que o Marichal de Berwik, vendo hum Regimento de Portuguezes, que se havia formado em quadrado, que nós chamamos praça vasia, para se retirar, o fez atacar pela direita pela Cavallaria Hespanhola, e pela esquerda pela Infantaria Franceza, e carregando-o pela cola, ou retaguarda o mesmo Marichal,

Memoires du Marischal de Bervvik, tom. 2. pag. 89.

richal, se defendeo taõ valerosamente sem se render; digno (diz o mesmo Author) pelo seu desmarcado valor de melhor sorte; porque com brio incrivel se deixou fazer em pedaços, taõ firme, que todo o poder dos inimigos o naõ poderaõ romper, nem vencer o campo, senaõ depois de mortos, em que firmes se acharaõ aquelles valerosos Soldados nos seus póstos, que entaõ reconheceraõ os inimigos os haviaõ vencido. Caso digno de admiraçaõ, e que na Historia Romana se naõ lê mais glorioso milagre do valor, que a constancia daquelles benemeritos filhos de Marte, que causando inveja aos inimigos, elles mesmos lhe fizeraõ esclarecida a memoria do seu valor com eterna admiraçaõ, dos que lerem caso taõ raro. O Marquez de S. Filippe, que naõ deixou de ter noticia desta famosa, e nobre acçaõ dos Portuguezes, de que aquelle Regimento se compunha, falla della com tal indifferença, como cousa de pouca estimaçaõ, pelo que referiremos as suas palavras: *Hallaronse difuntos toda via formados Regimentos Portugueses, y muy pocos desta nacion pudieron contar la desgracia.* Na verdade nos admiramos, de que naõ merecessem os Soldados daquelles Regimentos outra alguma expressaõ mais que *toda via formados*: porém formados, mas mortos, e entaõ se reconheceo serem rendidos dos seus inimigos, que atacando-os por tres partes, naõ poderaõ occupar o seu campo senaõ quando estava coberto de cadaveres daquelles esclarecidos Soldados. Outros semelhantes casos succederaõ

deraõ naquella guerra em Valença, e Catalunha, em que os Portuguezes entaõ militaraõ, de acções taõ famosas, que foraõ louvadas como naõ vulgares, ainda dos mesmos, que podiaõ ser emulos da sua gloria; e oxalá as vejamos eternizadas, se por ventura na Republica Litteraria virmos aquella guerra escrita pela excellentissima penna do Marquez de Castello-Novo, taõ sabio, como valeroso, que na mesma guerra conseguio glorioso nome, e agora na Asia Vice-Rey do Estado da India consegue universal respeito, onde se acha neste anno de 1747; e esperamos que felicitado pelo Deos das vitorias logre com prosperidade o seu zelo, e trabalho, para que restituido à Patria, coroado de triunfos, sejaõ ocio os empregos das suas litterarias applicações, para que descançando nos livros dos duros trabalhos de Marte, publicando os Commentarios daquella guerra, que tem com tanto acerto principiado a escrever, em que teve naõ pequena parte.

Foy grande a perda, que os nossos tiveraõ, porém naõ foy menor a dos inimigos, e naõ se poderia conhecer ventagem em nenhum dos Exercitos; porque foy tal o estrago, que os nossos Soldados, e Officiaes fizeraõ, que cedeo a constancia, e valor ao mayor numero dos inimigos; porque a vitoria se chegou a acclamar em Almança por ElRey D. Carlos III., e os inimigos se deraõ por perdidos quando viraõ a sua primeira, e segunda linha rota pelo Marquez das Minas, adiantando-se tanto os nossos, que os

Comentar. de la Guerra de Espan. tomo 1. pag. 281.

os inimigos se julgaraõ vencidos, depois formando-se, melhoraraõ de fortuna. A mortandade de huma, e outra parte foy grande, o que os Francezes naõ negaraõ; e certamente naõ lhe poderiaõ dar o nome de vitoria a naõ se renderem treze Regimentos, que depois de na retirada se terem defendido valerosamente, capitularaõ no dia seguinte, ainda que honradamente. Naõ faltou quem fizesse reo desta culpa ao General Conde Dona por motivos particulares, a que naõ damos credito, nem menos queremos fazer publicos; mas naõ podemos deixar de reflectir nas muitas equivocações, que padeceo o Marquez de S. Filippe quando escreveo esta batalha; porque diz, que foraõ poucos os Portuguezes, que escaparaõ com vida para contar o successo, e que descaidos de animo, naõ os pôde alentar toda a actividade do Marquez das Minas, e que cercados dos seus inimigos renderaõ as vidas; e logo diz, que escaparaõ poucos, entre elles o Conde de Galoway ferido, e tambem que depois *de una sangrienta disputa huyera herido el Marques de las Minas*. He certo, que nem o Marquez das Minas, nem o Conde de Galoway foraõ feridos nesta occasiaõ, o que bem lhe poderia succeder; porque estes dous Generaes foraõ dotados de grande valor, e muy semelhantes na generosidade. O Marquez de Quiney, Author da Historia Militar de Luiz o Grande, Rey de França, tambem cahio no mesmo erro de dizer, que o Marquez fora ferido nesta batalha, e que perdera a sua bagagem, no que se enganou, no

Folard, *Histoire de Polybe*, tom. 3. pag. 305.

Lamberty, *Memoires pour servir a l' Histoire du XVIII. siecle*, tom. 4.

Quincy, *Histoire Militaire de Luiz le Grand* tom. 5. pag. 406.

que naõ tem desculpa, nem em outros erros, que na mesma Obra se lem, por ser hum successo moderno testemunhado de muitos. Naõ posso deixar em silencio, e que se deve observar com reflexaõ, o que o Marquez de S. Filippe escreveo sobre a dita batalha, que refere com tantas contradições, dizendo, que os Portuguezes estavaõ descaidos de animo, que toda a actividade do Marquez das Minas naõ bastou para os alentar, e logo que se acharaõ Regimentos inteiros formados, mas mortos: logo naõ estavaõ descaidos de animo Soldados de valor taõ desmarcado; porque naõ haverá quem naõ louve taõ gloriosa constancia, que sem duvida será lida sempre com admiraçaõ. Naõ he menor a que nos causa ver, que hum Varaõ sabio, como o Marquez de S. Filippe, de taõ vasta erudiçaõ, fosse taõ mal informado, e padecesse tantas equivocações, encontrando-se no mesmo, que escreveo, proferindo, que muito poucos Portuguezes poderaõ contar a desgraça; expressaõ com que persuade a quem o ler, que naquella batalha ficaraõ mortos quasi todos os Portuguezes, sem se lembrar, que depois aquelles mesmos Soldados serviraõ em Catalunha com grande applauso, e estimaçaõ. Estes, e outros erros, que nas nossas cousas padeceo, nos persuadem, que nasceraõ de sinistras informações; porque naõ póde passar pela imaginaçaõ, se podesse hum coraçaõ nobre preoccupar de affectos, que ainda no povo seriaõ detestaveis.

Naõ faltou tambem quem culpasse ao Marquez das

das Minas, e aos Generaes em dar a batalha, e que fora temeridade, porque era muito mayor o numero dos inimigos, porque haviaõ recebido muitos soccorros; e com mayor razaõ, porque ElRey D. Carlos III. havia escrito ao Marquez das Minas, e a Milord Galoway, querendo soccorressem a Girona, e que Milord Petrebrough escrevera a ElRey D. Carlos, e ao Conde de Assumar nosso Embaixador, que naõ convinha dar a batalha. Naõ nos toca entrar no Gabinete a discorrer, quando vemos julgado hum facto depois de succedido; porque estes naõ se erraõ quando, sendo desgraçados, se toma a parte contraria; mas tambem naõ podemos deixar de dizer, que o mesmo Milord de Petrebrough foy a causa de naõ chegar a tempo ao Exercito do Marquez das Minas, quando estava campado nos arrabaldes de Madrid ElRey D. Carlos; e tambem poderamos apontar outros casos semelhantes, de que o mesmo General foy entaõ arguido, que como cousa, que naõ nos pertence, omitimos; mas naõ podemos convir, que do Marquez das Minas nasceo a idéa de se dar a batalha; porque o duvidou muito, e se persuadio de Milord Galoway, e dos mais Generaes Estrangeiros; assim com mais brio, que vontade, determinou dalla; porque como no seu peito naõ entrou medo de cousa alguma, expoz a sua pessoa a evidente perigo; porque naõ se persuadissem, que as razoens da prudencia eraõ cobertas com outro fim, encontrando as ordens, que tinha, e os adiantamentos da cau-

ſa commua, que elles entaõ tanto exaggeravaõ.

Perdida a batalha ſe retiraraõ os noſſos, e os inimigos ficaraõ toda a noite com as armas na maõ com o receyo, de que os noſſos podeſſem dar ſobre elles; e ſeguindo no outro dia a ſua marcha com boa ordem, naõ ſe reſolveo o inimigo, que ſe achava vitorioſo, a carregallos, e perſeguillos, ao menos na retaguarda, ou bagagens: parece que naõ era taõ pequeno o corpo dos noſſos, pois os inimigos naõ ouſaraõ a inquietallos, deixando-os ſeguir a marcha com as ſuas bagagens a Xativa, e depois a Tortoſa, onde o Marquez das Minas fez reviſta das Tropas, e naõ achou taõ poucas, como eſcreveo o Marquez de S. Filippe, que tambem confeſſa, que ſe o Marichal de Berwik perdera a batalha, era provavel a ſobverſaõ do Throno de Heſpanha: porém, como já diſſemos, foy providencia de Deos, que foy ſervido premiar as virtudes do bom Rey D. Filippe V. Tambem ſe enganou o referido Author, dizendo, que ao Marquez das Minas naõ ficara que mandar (depois da batalha) mais que pouca Cavallaria, com que paſſara a Barcelona; da Infantaria naõ ſe lembrou, ſuppondo ſer toda, a que havia no noſſo Exercito, os treze Regimentos, que foraõ priſioneiros. Tambem me cauſa admiraçaõ, naõ ſaberem alguns Authores, que o Marquez das Minas era Supremo General do Exercito, e que eſtavaõ às ſuas ordens os corpos das Tropas Inglezas, Hollandezas, e as mais de que ſe compunha o Exercito. O Marquez de S. Filippe

lippe totalmente o naõ nega; mas lá o rebuça com Galoway, dizendo, que eraõ duas cabeças, estas só se vem em hum corpo na Aguia do Imperio; e parece duro, que hum Ministro, que se achava actualmente no serviço do seu Soberano, naõ fosse bem informado, do que succedia, e das convençōes, que os Alliados haviaõ tratado; porque foy muy instruido; dos outros, que escreveraõ, pondo na pessoa do Conde de Galoway o mando do Exercito, como temos dito, escreveraõ com leveza, se por ventura naõ foy malicia, o que mostraráõ muito bem as Cartas del-Rey D. Carlos III., de que nos valeremos, sendo a segunda huma demonstraçaõ, de que o nosso Exercito naõ ficou totalmente derrotado; porque se assim fora, naõ escrevera ElRey Dom Carlos a Carta seguinte, que copiámos da mesma original, assinada por ElRey com o Sello das suas Reaes Armas, como saõ todas as que havemos de produzir.

POR ELREY.

„Ilustre Marquez de las Minas Primo, Co-„mandante General de las Tropas de S. M. P. en la „Provincia de Alentejo. Hallandome con noticias „del successo poco feliz, que se tuvo a 25 del corri-„ente en las cercanias de Almansa, aunque me ha „ocasionado el sentimiento, que se dexa entender, „considerando, que la ventaja, que pueden haver lo-„grado los enemigos, à vista de lo sangriento de la

„batalha,

„ batalla, no les habrá ſido tan poco coſtoſa, que ayan
„ quedado en eſtado de conſeguir las mayores, inol-
„ trandoſe en eſſe Reyno, ſi (como no le dudo) aten-
„ deis al reparo de eſte daño, reſpecto de lo mucho,
„ que importa aſſi azia los intereſſes de la cauſa co-
„ mun, como a la gloria de las Armas de S. M. P., y
„ de vueſtra Perſona; no devo omitir el haceros pre-
„ ſente eſtos motivos, para que deis todas las diſpoſi-
„ ciones mas oportunas, y eficaces, que puedan con-
„ ducir al importante fin de contener los enemigos de
„ forma, que no puedan internarſe en el Reyno de
„ Valencia, pues manteniendo la defenſiva en el, à
„ viſta de los felicisſimos ſuceſſos de Italia, que enten-
„ dereis en eſta ocaſion, y de lo mucho, que han per-
„ dido los enemigos en la batalha, no podran paſſar a
„ tan conſiderables operaciones, que diſputandoles
„ eſſe terreno vigoroſamente, no ſe vaya dando ti-
„ empo a reſtablecernos de la perdida, que hemos te-
„ nido, mientras (como eſpero en Dios) nos ponere-
„ mos en eſtado de buſcarlos con mejor ſuerte, para
„ que tenga yo mas que reconoceros, excuſando a
„ mis Vaſſallos el deſconſuelo, y peligro a que queda-
„ rian expueſtos ſi ſe les abandonaſſe, y a los enemi-
„ gos el aliento, que tomarian en el caſo para ade-
„ lantar ſus progreſſos. De Barzelona a . . . de . . .
„ de 1707.

„ YO ELREY.

„ D. Antonio Romeo y Anderaz.

Eſta

Esta Carta he huma indubitavel confirmaçaõ, do que temos referido, que o corpo do nosso Exercito, que se retirou da batalha, era tal, que com elle pertendia ElRey D. Carlos desfazer as idéas dos inimigos pela direcçaõ do Marquez das Minas, fazendo da sua pessoa toda a confiança, estimando-o todo o tempo, que esteve em Catalunha governando em chefe as Tropas dos Alliados, como se vê de huma Carta original do mesmo Rey, que he a seguinte:

POR ELREY.

,, Ilustre Marquez de las Minas Primo. Las ra-
,, zones que en vuestra Carta de veinte y tres del cor-
,, riente ponderais, quedan muy presentes en mi Real
,, intelligencia, y muy de mi Real estimacion, lo que
,, vuestra gran prudencia me insinúa del medio termi-
,, no, que os parece se podia praticar. A lo que è
,, tenido por bien responderos, que haviendo sido ta-
,, cita permision, que yo di en Guadalaxara, para
,, que solo mis Dragones tubiessen la derecha, no
,, puede esta ser motivo, para que dexen de ocu-
,, par todas mis Tropas, allandose em mis dominios,
,, el lugar de la derecha, que les toca; y assi os lo in-
,, sinúo, para que sin embargo de las razones, que
,, vuestra singular prudencia me motiva, quedeis en
,, la inteligencia, será muy de mi Real agrado dis-
,, pongais, que tanto en la batalha, como en la mar-
,, cha, ò campamentos, ocupen mis Tropas la dere-

,, cha,

„cha, que por toda la razon les toca. Dada en Bar-
„zelona a veinte y ſiete de Julio de 1707 años.

„YO ELREY.

„D. Ramon de Vilana Perlas.

O Marquez das Minas, que deſde o tempo, que ſe lhe aggregaraõ as Tropas dos Alliados, eſtava com o ſupremo mando de todas as de que ſe compunha o Exercito, ſem que houveſſe quem, nem levemente, o duvidaſſe, continuou neſta poſſe; determinando, que nas marchas, campamentos, e todas as occaſioens militares precedeſſem as ſuas Tropas às dos mais Alliados, o que ſe havia praticado em Guadalaxara, quando ElRey D. Carlos ſe unio ao Exercito do Marquez; e naõ duvidando de facto taõ publico, diz na referida Carta, que havia ſido tacita permiſſaõ ſua, de que os ſeus Dragoens ſómente tiveſſem a direita; mas que eſtando nos ſeus dominios, todas as ſuas Tropas haviaõ de occupar a direita: com tudo naõ parece aquella razaõ concludente; porque tanto eraõ ſeus os dominios de Aragaõ, e Catalunha, como os de Caſtella, e quando eſteve neſte, ſe praticou o contrario. O Marquez ſuppoſto ElRey D. Carlos lhe adoçou a pirola nas expreſſoens, e eſtimaçaõ da ſua peſſoa, com tudo elle o ſentio; e tratando com reſpeito a reſoluçaõ delRey, com deſtreza manejou eſte negocio, que naõ teve effeito, em quanto eſteve em Valença, e Catalunha, e conſervou ſempre a preeminen-

eminencia de naõ tomar ordens, senaõ immediatamente da boca delRey D. Carlos III. todo o tempo que residio na Corte de Barcelona; preeminencia que naõ sendo pouco pertendida dos demais Generaes Estrangeiros, lhe deveo o Marquez das Minas tal attençaõ, que naõ lha disputaraõ. Taõ grandes foraõ as suas acções, e merecimentos, que mereceraõ geral respeito em homens taõ grandes.

Havia-se de fazer o troco dos Officiaes, e Soldados, que estavaõ prisioneiros, naõ só Portuguezes, mas dos Alliados, para ajustar o cange, como lhe chamaõ modernamente, passou ElRey huma Patente com pleno poder ao Marquez, para ajustar por si, ou pelo General, ou Cabo, que elle nomeasse para este effeito, o troco dos prisioneiros seus Vassallos, e de todos os seus Alliados, com o General, Cabo, ou Ministro, que tivesse igual poder, e faculdade delRey Christianissimo, a respeito dos seus Vassallos, e de todos os seus Alliados: foy passada em Lisboa a 10 de Mayo de 1707. ElRey D. Carlos III. tambem lhe havia encarregado o mesmo negocio do troco dos prisioneiros, assim seus, como dos seus Alliados, recommendandolhe, que com as mais activas diligencias tratasse a sua execuçaõ, por huma Carta escrita em Valença. E se o Marquez era a quem se encarregava o troco dos prisioneiros de todos os Alliados, bem clara demonstraçaõ he, de que em Catalunha conservou o supremo mando de todas as Tropas. No referido anno ajustou ElRey Dom Carlos o seu casa-

Prova num. 30.

Prova num. 31.

mento com a Princeza Iſabel Chriſtina de Brunſwik-Wolfenbutel, depois Emperatriz, o que participou ao Marquez pela Carta ſeguinte:

ELREY.

„ Illuſtre Marquez de las Minas Primo. Aun-
„ que las inquietudes de la preſente guerra pudieron
„ ſer cauſa de dilatar mi caſamiento haſta ver eſta-
„ blecido el ſoſiego de una ſegura paz, como todas
„ mis operaciones ſe dirigen a la mayor conveniencia
„ de mis Reynos, y Vaſſallos, (a quienes amo con el
„ afecto de verdadero Padre) y principalmente puede
„ aſſegurarſe la ſuceſion de mi Real Perſona, en lo
„ qual ſon igualmente intereſſadas la Chriſtiandad,
„ la exaltacion de la Fee Catolica, y la gloria de la
„ Monarquia de Eſpaña. He venido en no retardar
„ mas tiempo eſta preciſa determinacion, y havien-
„ doſe ajuſtado ya mi caſamiento con la Sereniſſima
„ Señora Princeſa Eliſabet Chriſtina de Brunſwik-
„ Wolfenbutel, en cuya perſona concurren los re-
„ quiſitos de religion, virtud, y todas las demas eſ-
„ clarecidas circunſtancias, que hazen enteramente
„ acertada, plauſible, y feliz eſta reſolucion, no he
„ querido dilataros eſta noticia, para que os halleis
„ en eſta inteligencia, en la qual ſe queda diſponien-
„ do quanto conduze a la mas prompta venida de la
„ Princeſa a Eſpaña, eſperando en Dios llegará a eſ-
„ ta Capital en todo el proximo mes de Otubre. Da-

„ da

„da en Barzelona a dies y ocho de Agosto de 1707.
„años.

„YO ELREY.

„D. Ramon de Vilana Perlas.

Esta attençaõ, que ElRey D. Carlos tinha com o Marquez das Minas, dirigida à sua pessoa, e caracter, era nas cousas pertencentes à guerra com mayor cuidado; porque lhe consultava tudo o que podia pertencer à sua conservaçaõ, e aos progressos das suas armas, querendo o seu voto, e desejando saber o que elle entendia ser mais conveniente, como mostra a Carta seguinte:

ELREY.

„Ilustre Marquez de las Minas Primo. Infor-
„mado de la retirada de las Tropas por el sucesso de
„haver passado el Sagre el enemigo, y previniendo
„que de esta forma tendrá facilidad grande para es-
„trecharnos en este Principado, me ha parecido pre-
„ciso, que luego se ponga en marcha el Conde Ul-
„feld a fin de que se conferiese con vos, y se preme-
„dite con toda reflexion lo que se deve executar;
„porque sin esta diligencia dificultosamente se pue-
„den aprestar de aqui las providencias necessarias, ca-
„reciendo enteramente de aquellos avisos, que expli-
„quen lo que combiene executar en oposicion, y con-
„tinencia de las ideas del enemigo; por lo que os en-

„ cargo, que en lo que tratares, y conferenciares con
„ el Conde, le declareis ſin reſerba alguna los deſig-
„ nios, que procurais praticar, las operaciones, que
„ teneis animo de emprender, y lo que juzgueis com-
„ bendra executar para que en inteligencia de ello,
„ y dandome cuenta el Conde, mande aplicar las pro-
„ videncias, que fueren mas de mi Real ſervicio. De
„ Barzelona a 4 de Setiembre de 1707.

„ YO ELREY.

„ Don Ramon de Vilana Perlas.

Continuava a guerra com vigor, e os inimigos aproveitando-ſe do tempo ſitiaraõ Lerida, que defendeo com bizarria, e valor o Principe Henrique de Darmſtad, e depois de hum bem diſputado ſitio, ſe rendeo a 11 de Novembro, havendo capitulado com o Duque de Orleans, que mandava o Exercito dos inimigos, e ſendolhe acordadas todas as honras militares, ſahio a guarniçaõ livre para Barcelona. Neſte ſitio ſe achou hum corpo de Tropas Portuguezas, que mandava Paulo Caetano de Albuquerque, General de Batalha, que ſe portou com admiravel valor, ſendo os Portuguezes os que ſofreraõ o mayor trabalho, obrando acções, que mereceraõ eſpecial louvor do General Principe de Darmſtad. Tanto que ElRey D. Carlos recebeo eſta deſagradavel noticia, eſcreveo ao Marquez a Carta ſeguinte:

EL-

ELREY.

„ Iluſtre Marquez de las Minas Primo. Por la
„ copia, que me embiò Milord Conde de Galoway,
„ quedo en la inteligencia de las Capitulaciones de
„ Lerida, y por vueſtra Carta de treze del corriente,
„ en la de vueſtro dictamen ſobre la reſolucion de mar-
„ char la Cavallaria; mas como conſidero, que a con-
„ tener al enemigo, y impedirle la idéa de extenderſe
„ en el Principado, diſcurrireis vós de mas cerca con
„ los de mas Generales el parage mas a propoſito, lo
„ dexo a vueſtra conducta, y zelo, por la fee que ten-
„ go del acierto, y el deſſeo que juzgo aſiſte a todos
„ de mirar por fin tan eſencial, y ſiendolo igual el de
„ tener aſſiento para el indeſpenſable abaſto de las
„ Tropas, ſerá de mi Real agrado me aviſeis el eſta-
„ do en que ſe halla el projecto ponderado por Joſeph
„ Antonio Roig, para diſcurrir la fórma de ſubſiſtir
„ el Exercito, y facilitar los medios mas conformes a
„ la ſeguridad del logro. De Barzelona, y Noviem-
„ bre a diez y ſeis de 1707 años.

„ YO ELREY.

„ D. Ramon de Vilana Perlas.

Havia o Marquez recebido ordens da ſua Cor-
te para naõ ſe dilatar em Catalunha, no caſo que a
Rainha Anna de Inglaterra mandaſſe retirar ao Con-
de de Galoway. Conſtou ao Marquez, que aquelle
Gene-

General recebera ordem da ſua Corte para ſe deſpedir da de Barcellona; o Marquez ſem demora fez o meſmo, e ſahio daquelle porto juntamente com Galoway. Naõ deixou ao Marquez de lhe dar cuidado, o ſer a viagem taõ executiva, que naõ dava lugar a ter tido providencia para compor as dividas, que havia contrahido naquella Corte pelas exceſſivas, e continuadas deſpezas de hum taõ dilatado tempo, achando-ſe quaſi ſem os meyos para ſe tranſportar a Portugal com a ſua familia, como convinha à ſua repreſentaçaõ. O Conde de Galoway tendo noticia, de que o Marquez voltava tambem para Portugal, como quem tinha obſervado as grandes deſpezas do Marquez, com quem profeſſava amiſade, o buſcou, e com generoſidade lhe offereceo todo o dinheiro, que quizeſſe para o ſeu tranſporte; e vendo que depois de repetidas inſtancias o naõ aceitava, e reconhecendo qual era o brio do Marquez, lhe diſſe, que elle tinha tambem dinheiro, que naõ pertencia à Coroa de Inglaterra, que deſte ſe podia valer, como de hum ſincero, e verdadeiro amigo. O Marquez com reciprocas expreſſoens de huma fiel amiſade, lhe agradeceo a offerta, ſem que a aceitaſſe; e ſem demaſiada diligencia achou nos meſmos ſeus acredores o ſeu credito ſeguro na fé da ſua palavra, pois com novo obſequio lhe empreſtaraõ todo o dinheiro, que lhe era neceſſario, que elle, tanto que chegou a Liſboa, mandou ſatisfazer em Barcelona, naõ ficando devendo naquelle Principado, nem peſſoa da ſua familia,

milia, cousa alguma; porque sempre havia observado com editaes publicos, participar aos moradores das terras, em que assistio, a sua partida, para que fossem pagos os seus acredores.

Na Corte de Barcelona embarcou o Marquez das Minas, e Milord Conde de Galoway na Esquadra Ingleza, que mandava o Cavalleiro Hick, e ancoraraõ no porto de Lisboa correndo o anno de 1708. Foy bem aceito o Marquez delRey, que o attendeo com particular agrado, sendo applaudido, e congratulado dos parentes, amigos, e obrigados, com demonstrações de amisade, e gosto. Neste mesmo anno chegou a Portugal a Rainha D. Maria Anna de Austria em huma Armada Ingleza, mandada pelo Almirante Bings, e a 19 de Novembro desembarcou, e entrou no Paço. Neste mesmo dia foy o Marquez nomeado Estribeiro mór da nova Rainha, a quem servio, exercitando este lugar na sua entrada publica, em que foy à Sé a 22 de Dezembro do referido anno. Estava neste tempo sendo Governador das Armas da Provincia de Alentejo o Marquez de Fronteira, e como o das Minas tinha aquella Provincia a seu cargo, tanto que chegou de Barcelona, pertendeo passar a exercitar na dita Provincia o posto de Governador das Armas, no que parecia, (dizia o Marquez das Minas) naõ podia o de Fronteira ter duvida, por haver servido sempre à sua ordem, sendo seu Mestre de Campo General, e naõ se haver dado baixa ao Marquez das Minas daquelle posto. Naõ se lhe deferio

rio a esta representaçaõ, talvez porque seria escandaloso, sem motivo, tirar a pessoa taõ benemerita o posto de Governador das Armas sem culpa: porém o Marquez das Minas se sentio tanto, que fez deixaçaõ dos lugares, que entaõ tinha; mas ElRey, que estimava a pessoa de hum tal Vassallo, lhe mandou segurar pelo Secretario de Estado Diogo de Mendoça Corte-Real, que naõ era do seu agrado, nem conveniente ao seu serviço apartarse o Marquez delle; o que o Secretario, que foy de grande talento, expressou taõ vivamente, que o Marquez se persuadio; e tornando a exercitar os lugares, foy à presença del-Rey, que o honrou com aquelle agrado, com que o estimou. Do referido posto se lhe naõ deu nunca baixa, de sorte, que nos ultimos annos da sua vida cobrou juntos todos os soldos, que tinha vencido, e os foy cobrando em quanto viveo.

Achava-se na nossa Corte Milord Conde de Galoway, a quem a Rainha Anna de Inglaterra mandou declarar por seu Embaixador Extraordinario, e no dia 26 de Fevereiro de 1709 teve audiencia del-Rey, e fazendo a entrada publica, como he costume, foy seu Conductor o Marquez das Minas, que se portou com muito luzimento; porque nelle a grandeza foy praticada sem affectaçaõ. A Rainha da Grãa Bretanha, que estava muy satisfeita, do que o Marquez tinha obrado no serviço da grande Alliança; porque se bem se reflectir a diversaõ, que elle fez em Hespanha, foy causa dos bons successos, que os Alliados

Alliados tiveraõ nos differentes theatros da guerra; lhe mandou a Patente de General das ſuas Tropas com hum grande ſoldo, e com a inſinuaçaõ de lhe dar hum corpo de Tropas ſeparado, de que elle foſſe Chefe; ordenando ao Embaixador, que da ſua parte foſſe à caſa do Marquez viſitallo, e a ſignificarlhe o quanto o eſtimava. Com expreſſoens de muita honra o fez Galoway, e lhe entregou da parte da Rainha o ſeu retrato, o qual era poſto em huma joya de grande valor, que aceitou, ſendo neceſſario primeiro naõ ſó licença, mas que ElRey expreſſamente lhe ordenaſſe, que a aceitaſſe, o que naõ fez ſem repugnancia; porque dos ſeus ſerviços naõ queria remuneraçaõ de algum Soberano, que naõ foſſe o ſeu Rey. Agradeceo o Marquez com vivas expreſſoens, e reverentes obſequios, o quanto eſtimava aquella publica demonſtraçaõ, com que a Real benignidade da Mageſtade Britanica tanto o diſtinguia com a honra de o querer occupar no ſeu ſerviço: porém que ſem embargo de ſer ella taõ grande, lhe era impoſſivel aceitalla, pelas obrigações com que naſcera, e devia a ElRey ſeu Senhor, e de cujo ſerviço era inſeparavel; porque o Marquez foy grande ſervidor delRey, a quem tambem deveo publicas moſtras de eſtimaçaõ, como quem reconhecia o ſeu merecimento. Fezlhe ElRey diverſas merces pelos ſeus ſerviços, e entre ellas a de lhe conceder as juriſdicções das apreſentações das juſtiças, com outras prerogativas, nas Villas de Beringel, e Prado, de que era Donatario, na meſ-

ma fórma, que em outro tempo se concederaõ ao I. Marquez de Tavora: foy passada a Carta a 30 de Setembro de 1714, e tambem lhe fez merce de duas Commendas. Naõ ficou o Marquez satisfeito do despacho, e naõ replicando, se sentio dos Ministros, do mal que haviaõ avaliado os seus serviços, em que naõ tivera culpa a vontade delRey, porque a sua generosidade era bem publica, mas da emulaçaõ, com que o trataraõ; de sorte, que naõ se queixando nunca, interiormente naõ deixava de sentir, que nunca tivera huma Commenda de gratificaçaõ pelos seus serviços, nem nas occasioens, em que se havia distinguido, como vira dar a outros, em quem naõ concorriaõ nem tempo, nem occasioens, como elle tivera. Naõ eraõ estas ponderações effeitos da ambiçaõ, porque desprezou montes de ouro, que podera tirar das contribuições, e outras occasioens, que lhe eraõ justamente permittidas, com que podera compensar as excessivas despezas, que no discurso da sua vida havia feito, e com que arruinou a sua casa; porque nada antepoz à grandeza do seu animo mais que a gloria, e serviço do seu Soberano, mostrando desinteresse. Nunca pedio ajuda de custo para suavisar os seus grandes gastos. Quando chegou ao Reyno de Valença se lhe mandaraõ cinco mil cruzados por ajuda de custo; e naõ querendo mostrar, que os naõ aceitava, pelo respeito, com que sempre desejou agradar a ElRey, ordenou ao Védor geral Joaõ Bressane Leite os repartisse em esmolas pelos Conventos pobres,

pobres, e necessitados da Cidade, e sem os receber, nem ver, os despendeo o Védor geral. Ultimamente havia feito o Marquez huma reverente representaçaõ a ElRey dos seus serviços, para que ElRey particularmente os visse, sem os communicar a Ministros, e que a sua altissima comprehensaõ ponderasse a sua queixa: porém naõ a chegou a pôr nas Reaes mãos de Sua Magestade; porque apenas a tinha feito, adoeceo, e morreo.

No emprego de Estribeiro mór da Rainha continuou o Marquez das Minas em quanto viveo, devendo a esta Augusta Heroina distinctas attenções, em que mostrou o quanto o estimava, de que referiremos huma digna de naõ ficar em silencio, com que publicamente honrou a sua pessoa. Assistia a Rainha em Pedrouços, quando em huma occasiaõ naquelle sitio faziaõ exercicio as Tropas; mandou chamar ao Marquez, e lhe disse, que alli estava o Principe seu filho para ver manejar as Tropas, e ella queria, que da boca do Marquez ouvisse os primeiros rudimentos da milicia; o Marquez agradecendo à Rainha a honra, que lhe permittia, voltando para o Principe, lhe explicou os movimentos das Tropas nos termos militares, com todas as circunstancias praticadas na guerra, que o Principe ouvia com gosto, reflectindo com incomparavel percepçaõ, differente da sua tenra idade; porque já desde entaõ, com admiraçaõ dos Mestres, mostrou no seu sublime talento, que naõ era necessario mais que encaminhallo; porque

depois já dominando o uſo da razaõ, conſeguiria entre tantas virtudes a de ſabio.

Havia padecido o Marquez algumas doenças graves, que o puzeraõ em perigo de perder a vida, de que ſe reſtabeleceo mais com a viveza de hum eſpirito animado do ſeu grande coraçaõ, em que nunca entrou medo, do que de forças; porque debilitada a natureza com os annos, e trabalhos da guerra, que deſde o florído tempo da juvenil idade começou a ſentir, e depois na velhice, opprimido de annos, e das fadigas militares, e outros exercicios, com que ſe havia eſtragado a natureza, veyo a renderſe a meſma robuſtez, de que ſe animava; aſſim com novo inſulto, acometeo as meſmas partes fracas, começou a ſentir huma debilidade nos nervos, já offendidos de outras queixas, veyo a faltar o vigor para a reſiſtencia, ſobrando no Marquez valor para ſupportar o meſmo mal, que lhe tirava a vida; e deixandolhe a cabeça livre, conheceo ſerem correyos da morte, que naõ poderia tardar em chegar. Aſſim deſenganado muito a tempo, conſultou Padres doutos, que lhe aſſiſtiraõ; confeſſou-ſe com o Padre Joſeph Jofreu dos Clerigos da Miſſaõ, e Fundador da ſua Caſa de Liſboa, Varaõ douto, e exemplar; tomou o Santiſſimo Viatico com muita devoçaõ, e tratou ſómente de cuidar na eternidade, communicando tambem com o Padre Carlos Caſnedi da Companhia de Jeſu, illuſtre por naſcimento, e naõ menos em virtudes, e letras, e com o Padre Pedro Alvares da Congregaçaõ

do

do Oratorio de S. Filippe Neri, Varaõ de talento sublime, douto, e erudito, e outros de diversas Religioens, que tambem lhe assistiraõ frequentemente. Ao Padre Pedro Alvares encarregou, que da sua parte fosse a casa do Patriarca, e lhe dissesse o estado em que se achava, e que sempre fora seu amigo, e de quem era muito parente, e que sem embargo, de que elle interiormente naõ tinha escrupulo, que o obrigasse a lhe pedir perdaõ, com tudo reconhecendo, que era seu Prelado, e que poderia terse escandalizado de algum modo, ou acçaõ externa sua, lhe pedia perdaõ, e a sua santa bençaõ, com as indulgencias para o artigo da morte. Levou o Padre Pedro Alvares o recado, e o Grande Prelado entaõ mayor no sentimento da doença do Marquez, e no que lhe causava a supposiçaõ do escandalo, o foy logo visitar, e naõ menos generoso de animo, que de piedade, se portou na visita; porque depois de feita a funçaõ de Pastor, e de lhe dar a absolviçaõ com as indulgencias para o ultimo artigo da morte, com reciproca affabilidade se trataraõ; o Marquez no reconhecimento, com que amava ao parente, e venerava o Prelado, e este no candor de animo, com que sentindo a molestia, estimava ver aquella ovelha taõ arrependida. Acabou-se a visita com as ceremonias devidas à alta Dignidade do Patriarca. O Marquez socegado, e consolado, ficou satisfeito. Nesta occasiaõ lhe perguntou o mesmo Padre Pedro Alvares se queria, que levasse algum recado a ElRey, a que lhe respondeo,

que

que naõ tinha, de que lhe pedir perdaõ; porque ſe elle tivera ſervido a Deos com o deſvelo, com que tratara o ſerviço delRey, e o como deſejara ſempre darlhe goſto, naõ teria tanto, de que ſe arrepender naquella hora.

Continuou a doença, fez o ſeu Teſtamento, e depois de acodir a algumas couſas temporaes, que ſe dirigiaõ à ſua conſciencia, moſtrando em tudo a liberalidade, e piedade do ſeu coraçaõ, que naõ aſpirava mais que a fazer feliz a ultima hora, negou-ſe a todo o trato civil, e politico dos parentes, e amigos, naõ aceitando viſitas dos Senhores da Corte, e ſómente eſtava a porta da ſua camera franca para os Religioſos de todas as ſagradas Familias da noſſa Corte; e como ſempre conſervara grande trato com todas, eraõ muitos os que o viſitavaõ, o que continuaraõ com muita frequencia os dias, que lhe durou a doença, que naõ foraõ muitos. Finalmente exercitado em actos de piedade, havendo recebido as indulgencias de todas as ordens Terceiras, e Confrarias, a que era adjunto, eſtando em ſi todo deſaſſombrado, tendo a Imagem do Santo Crucifixo, a quem o Papa havia concedido indulgencias no artigo da morte, que ſe conſerva na ſua Caſa, como já diſſemos, acompanhado, e aſſiſtido de diverſos Religioſos de conhecida litteratura, e authoridade, que lhe rezaraõ o Officio da agonia, e outras orações para aquelle ultimo fim, o Marquez lhes diſſe: *Padres, orem a Deos por mim, que neceſſito, e he agora tempo*; e tendo repe-

repetido actos de Fé, Esperança, e Caridade, e outros, em que mostrava a sua devoçaõ, morreo a 25 de Dezembro de 1728, contando de idade setenta e sete annos oito mezes e dezanove dias, havendo começado a servir de treze annos, que continuou, sem intermissaõ. Foy geralmente sentida a sua morte entre todas as cathegorias de pessoas; porque o Marquez foy bem quisto, muy honrador dos homens, e naturalmente caritativo, e com muita compaixaõ do proximo. Naõ deve esquecer, o que entaõ referio o Padre Casnedi, dizendo, que elle no largo discurso da sua vida tinha assistido à morte a muitas gentes de diversas nações, e estados, Principes, Grandes Senhores, Nobres, e plebeos, mas que já mais vira tantos sinaes juntos de predestinaçaõ, conforme a Theologia ensina, como no Marquez, que lhe causava admiraçaõ, o que havia observado; porque tendo assistido a muitos com evidentes sinaes de predestinaçaõ, mas taõ multiplicados, só naquella occasiaõ; e assim foy, porque o Marquez pareceo, que com actos de verdadeira Religiaõ queria conquistar por força o Ceo. A Communidade dos Religiosos de S. Pedro de Alcantara, da Provincia da Arrabida, como a seu insigne Bemfeitor, com exemplo nunca visto, lhe foy cantar o officio de corpo presente em sua casa; e o Guardiaõ, e Religiosos mais graves daquella exemplar Familia levaraõ o caixaõ por entre hum grande concurso de Nobreza, e mais gente, que a pé o acompanharaõ até à praya, onde esperavaõ

os

os escaleres, em que foy transportado para o Convento de S. Domingos de Azeitaõ, e no antigo jazigo da sua Casa foy sepultado. O Padre D. Rafael Bluteau lhe fez o seguinte Epitafio:

LEGE VIATOR, ET MIRATUS RELEGE.

Hic jacent Regii Cineres
D. Antonii Ludovici de Sousa,
Secundi Marchionis das Minas,
EX REGIA STIRPE LUSITANICA;
Ne à parentibus, avis, & proavis degeneraret,
Omnium studuit superare virtutes.
In Provincia Interamnensis Gubernator armorum,
Brasiliæ Rector,
Regi à sanctioribus Consiliis,
In bipartito Americæ, & Europæ theatro,
Præstitit se Politicâ scientia insignem.
Ut suum haberet Bellona Janum,
Patriæ suæ bella vidit vetera, & nova;
Adolevit in antiquis, in recentibus incanuit;
In primis fecit imperata,
In ultimis factus est Imperator:
Quòd imperatoriè militaverit,
Ex hoc etiam intellige,
Erat futuri commilito Imperatoris.
Ut ei gradum faceret ad Imperium,
Aditum ei aperuit ad Regnum.
Expugnatâ, victore exercitu, Alcantarâ, Salamanticâ,
Coriâ, Placentiâ, &c.

Carolo

Carolo Tertio subdidit Regi*am Castellæ;*
Per id tempus
Præter Lusitanorum Ducem,
Alium non vidit Madritum Regem,
Vel (si mavis) Proregem,
Regebat enim pro Rege.
Recepit se incolumis, & pacificus,
Haud enim intraverat excidio, sed terrori,
Et juxta nominis sensum,
Minans potius, quàm fulminans,
Tunc verè novit Castella
Quam formidandi sunt Lusitani,
Vel dum Minas intentant.
Sibi tandem redditus, & suis,
Regiis Augustissimæ Mariannæ Stabulis Præfectus,
Se in Artibus Aulicis tam expertum præbuit,
Quàm in Bellicis.
Qui pro caducis tamdiu dimicaverat Coronis,
Interiori animo cogitare cœpit de æterna.
Post exantlatos, septuaginta octo annis
Arduos terra, marique labores,
Adhuc memor bellorum, & victoriarum avidus,
Rebus suis prudenter, ac piè statutis,
Cœlestibus Ecclesiæ munitus armis,
Et sacro perunctus oleo ad ultimum certamen,
Iter suscepit ad Regnum,
Quod Christianis virtutibus comparatur.
Anno post Christum natum M.DCC.XXI.
Mensis Decembris die XXV.

Foy o Marquez das Minas de huma proporcionada estatura, teve o rosto comprido, côr trigueira, olhos vivos, e negros, nariz proporcionado, a boca grossa, de agradavel presença, robusto, e desembaraçado; de sorte, que na velhice se lhe conhecia a viveza; porque animado do seu grande coraçaõ lhe parecia, que elle só bastava para dar forças à mesma natureza, a quem a idade já decrepita opprimia com o pezo dos annos. Era ornado de excellentes virtudes, liberal, e valeroso. ElRey D. Pedro II. que o estimou muito, quando se fallava no Marquez das Minas, dizia, que era outro Scipiaõ. Em outra occasiaõ vendo a profusaõ, e magnificencia, com que tratava o seu serviço, disse para os que o acompanhavaõ: *O Marquez das Minas he a honra da Naçaõ.* Estes breves elogios mostraõ o alto conceito, com que ElRey taõ distinctamente o honrava, porque conhecia qual era o zelo do seu serviço; e assim se mostrava severo com os que lhe fallavaõ com menos respeito no Marquez. ElRey D. Joaõ V. o estimou naõ menos, e elle o merecia; porque foy hum dos que mais serviraõ o Reyno com grande zelo nos lugares, que occupou. Naõ foy applicado à liçaõ dos livros, porém com huma boa percepçaõ nos negocios; de sorte, que naõ sendo ornado o seu voto de palavras de eloquencia, era tal a clareza do entendimento, que elle acertava com a resoluçaõ. Na verdade elle mereceo, que em valor, e generosidade ninguem o excedesse, nem houvesse pessoa alguma, que o duvidasse.

vidasse. Em todas as occasioens mostrou grandeza, com tanta indifferença, que o seu animo superior a todas as cousas, de nada se preoccupava; porque o ser generoso lhe foy taõ natural, que lhe naõ causava vaidade. Na sua larga vida despendeo immensas sommas de dinheiro; e sendo tantas as occasioens, e publicas, já mais disse, que dera cousa alguma. Nas esmolas seguia o mesmo segredo, e com larga maõ exercitou esta meritoria virtude; assim nunca deixou de satisfazer a quem delle se valeo, ficando sepultado nelle o segredo. Por muitas vezes succedeo pediremlhe Religiosos graves esmolas para soccorrerem pessoas honradas, e necessitadas, nunca inquirio para quem eraõ, e nisto foy admiravel; porque nunca teve curiosidade de saber quem era a pessoa; porque sómente queria satisfazer à necessidade, sendo maxima sua o conselho do Euangelho, que naõ saiba a maõ esquerda o que faz a direita, o que elle observou com devoçaõ. Padeceo a Freguesia de Santos, sua Parochia, huma quasi epidemia, fazendo crueis estragos a morte; eraõ muitos os doentes, e tambem muitos os necessitados, e desamparados de meyos; mandou ao Paroco, que assistisse a todos os pobres, e necessitados, dando-selhe tudo por despeza da sua fazenda, e naõ foy pouco a que nesta meritoria obra despendeo, e na Bahia, como dissemos. Era de coraçaõ naturalmente pio, e devoto, com grande estimaçaõ do estado Sacerdotal, e amisade com todas as Religioens; assim naõ houve alguma, das que pelo seu Instituto

fosse pobre, que elle voluntariamente naõ soccorresse. Tambem naõ houve pessoa de conhecida virtude no seu tempo, com quem o Marquez naõ tivesse muy familiar trato.

Achava-se o Marquez em Valença, hum dos Reynos da Coroa Castelhana, onde lhe succedeo escreverlhe huma Religiosa, pedindolhe certa esmola; sahia o Marquez para fóra de casa quando lhe entregaraõ a Carta, e aceitando-a, com a occurrencia de outras cousas, naõ se lembrou della. Passados alguns dias, lhe escreveo segunda vez a mesma Religiosa; foy logo o Marquez a visitalla, e recommendarlhe que rogasse a Deos pela saude de seu neto, que estava doente; porque das Cartas já tinha observado palavras, que mostravaõ ser escritas por pessoa de taõ boa vida, que lhe tinhaõ penetrado o coraçaõ; e confirmando-se na visita no primeiro conceito, ficou estimando aquella Religiosa, confiando muito nas suas orações; e assim naõ só lhe deu a esmola, mas todo o tempo, que esteve naquelle Reyno, e Principado de Catalunha, a tratou, e soccorreo ao Mosteiro com esmolas. Passado tempo, estando já em Portugal, lhe escreveo a mesma Religiosa, dizendolhe, que o Mosteiro se achava taõ arruinado, que em breve tempo padeceria a ultima ruina, em que poderiaõ ser todas sepultadas; e que nesta afflicçaõ, recorrendo ao Santo Crucifixo, que havia no Mosteiro, fora illustrada na sua oraçaõ, em que estava, e da mesma Santa Imagem ouvio, que *recorresse*

ao

ao Marquez das Minas, e com outras circunſtancias muy vivas, e repetidas, depois em outras Cartas, que penetrarão o coração do Marquez; de ſorte, que movido de devoção, e piedade, lhe mandou logo huma grande porção de dinheiro, com que o Moſteiro ſe reedificou, e as Religioſas agradecidas lhe derão o Padroado delle. A' ſua devoção, e eſmolas, ſe deve o Hoſpicio dos Religioſos de S. Franciſco de Paula, pelo que trabalhou muito, e outros; porque não houve em ſeu tempo occaſião de piedade, ou de religião, para que não concorreſſe com largueza.

Entre obras tão meritorias, como o Marquez exercitou com generoſa piedade, não pertendemos qualificallo de virtuoſo, mas ſim a intenção, que era boa, naſcida de hum coração tão generoſo, como pio; mas tambem não podemos deixar de dizer, que o Marquez com alguma eſpecialidade, e eſcandalo militou em as rayas menos Chriſtãas: porém ainda entre aquellas liviandades, talvez ſeguidas da liberdade da vida militar, referiremos hum caſo, que lhe ſuccedeo, que não he razão fique ſepultado no ſilencio, o qual não padece duvida. Havia na Corte de Lisboa huma caſa de huma familia, e nella algumas filhas bem parecidas, gente honeſta, mas com alguma facilidade no trato; admitião na ſua caſa converſações, a que chamão aſſembleas, havendo nas tardes, e noites converſação, e muſica; porque ellas cantavão, e dançavão, entretendo-ſe ſem eſcandalo. Entrou o Marquez a frequentar aquella caſa com o

ſentido

ſentido nos divertimentos de entreter o tempo; e rendido de amoroſa paixaõ entrou a ſervir com tantos obſequios a huma das taes moças, a que ſe ſeguiraõ tantas dadivas, que toda a iſençaõ ficou vencida; deſorte, que já declarado o Marquez, como naõ ceſſavaõ os obſequios, acompanhados de regalos, e dadivas, a meſma que parecia inconquiſtavel, lhe aſſiſtia com inclinaçaõ. Continuou algum tempo eſte trato, e o que principiou ao parecer obſequio cortezaõ, e ſem dolo, paſſou à confiança. O Marquez já canſado de pertendente, quiz conſeguir o ultimo fim, a que de ordinario ſe dirigem ſemelhantes correſpondencias. Naõ deixou a Dama de entreter com deſculpas affectadas, o acabar de ſe perder: porém convencida das perſuações, e das dadivas, que he o mais, ajuſtou o dia, em que ſe haviaõ de ver: foy o Marquez, e ella pontualmente o eſperou, e recebendo-o com devida attençaõ, depois de algum pequeno eſpaço de tempo, que converſaraõ, lhe começaraõ as lagrimas a cahir dos olhos, em que o Marquez reparou; e reconhecendo a affliçaõ interior, que ella naõ pôde diſſimular, lhe perguntou, que cauſa tinha para ſe affligir, ao que ella coberta de modeſtia, reſpondeo: Senhor, o que tenho he o pezar de perderme, e a minha honra; mas a minha obrigaçaõ he tanta, que naõ póde deixar de ſatisfazer com a vontade de V. Excellencia. O Marquez interiormente movido, compadecido, e animado, com a grandeza do ſeu coraçaõ lhe diſſe, que naõ choraſſe, que

ſe

se ella queria servir a Deos, elle lhe naõ queria impedir, e que se tinha vontade de ser Freira, que escolhesse o Mosteiro, e que seus pays tratassem logo do ajuste do dote, e tudo o que lhe era necessario para se recolher, mas que dentro de quinze dias havia de estar no Mosteiro; o que se effeituou, concorrendo o Marquez com generosa liberalidade com tudo, e de mais huma tença vitalicia. Entrou em hum Mosteiro da nossa Corte, onde professou, e nunca o Marquez a procurou mais, o qual caso he huma demonstraçaõ da sua piedade. Tambem naõ he menor outro succedido na mesma Corte. Havia huma moça insigne musica, bem parecida, e recolhida, que vivia com sua mãy honestamente: intentou o Marquez ouvilla cantar em sua casa, e o conseguio sem escandalo; porém levado da inclinaçaõ da Musica, começou a frequentar aquella casa de sorte, que o que principiou curiosidade, parou em reparo de huns, e talvez escandalo de outros pela continuaçaõ. He certo, que o Marquez satisfazia à attençaõ, e trabalho da Musica com dadivas de muito valor, que ordinariamente rendem a liberdade; eraõ continuas as visitas de noite, naõ occultas, mas publicas; de sorte, que na malicia poderiaõ talvez diminuirlhe a reputaçaõ, o que o Marquez com generosa providencia, e piedade quiz impedir, dandolhe hum dote de valor, para que assim tomasse estado decente, e ficasse offuscada a maledicencia, e ella vivesse taõ honrada, como sempre o fora, o que teve effeito em bre-

ve

ve tempo. Esta grandeza sem limite do coraçaõ do Marquez foy o brilhante das suas virtudes; porque sempre fundadas na compaixaõ, e caridade com o proximo, de quem ternamente se compadecia, e de todos os que delle se valiaõ, o que muitas vezes observámos em muitas, e diversas occasioens; porque com este grande Senhor tivemos largo trato, e nos honrou com muy particular merce, e estimaçaõ; e assim poderamos referir outros casos differentes, que omitimos, de grandeza, e piedade, que casualmente succederaõ, estando nós presentes, e naõ devemos omitir outro publico, e notorio, entaõ na nossa Corte. Havia o Marquez tomado para Secretario hum moço de prestimo, que o acompanhou em todas as Campanhas da ultima guerra, e com elle voltou de Catalunha para Portugal, onde passado largo tempo fez huma divida, pedindo a hum Ministro em nome do Marquez trezentas moedas de quatro mil e oitocentos cada huma. Foy acaso hum dia a visitar o Conde de Galoway, Embaixador de Inglaterra, com quem o Marquez tratava com boa amisade, e o Conde conhecia o tal moço, e o estimava pelas suas partes, e por ser Secretario do Marquez, e em seu nome lhe pedio a dita quantia, dizendo, que a occupaçaõ, em que estava era taõ precisa, que naõ lhe dava lugar a lhe escrever, e tal, que lhe pedia lhe mandasse aquelle dinheiro, que elle o mandaria satisfazer. Passou-se muy largo tempo, e como naõ sabia o Marquez o que succedera, se via com o Conde de Galoway

loway por muitas vezes, como costumava, e este reparou, que o Marquez lhe naõ fallara nunca em tal materia. Em huma occasiaõ, em casa do Conde de Galoway, já despedido o Marquez, e vindo-o a acompanhar à escada, conversando, a tempo que o Marquez havia descido dous degraos, lhe perguntou pelo Secretario, nomeando-o pelo seu appellido. O Marquez, que era vivo, entendeo que taõ inopinada pergunta tinha malicia, perguntoulhe, como lhe lembrara tal homem; e respondendo, fora casualidade, o Marquez percebeo no gesto do rosto, que o naõ era, e tornou a sobir, dizendolhe, que queria saber a causa, porque lhe fallara no tal homem; e depois de larga porfia, lhe referio o caso, a que o Marquez, que foy déstro, naõ replicou, dizendo, assim era, e que lhe havia esquecido; e voltando para casa mandou a referida quantia a Galoway. Rompeo-se o caso, pertendeo-se prender o moço, o Marquez lhe deu modo com que sahisse do Reyno; e sendo devaçado por parte da Justiça, se deu com huma mulher com quem elle tratava illicitamente; e inquirindo o que elle lhe dera, lho tomaraõ, que eraõ diversas pessas de diamantes, e vestidos, que levaraõ ao Marquez, que mandou se entregassem à dita mulher. O moço passou a Castella, e entrou em huma Religiaõ reformada de grande observancia, e lá o favoreceo o mesmo Marquez tanto, que ao tempo da profissaõ se vieraõ informar do caso, o Marquez respondeo, que nada lhe devia, que o conhecia muito bem, e com

palavras de eſtimaçaõ, que fazia do tal moço, deſpedio os Religioſos. Publico eſte caſo, chegou à noticia de D. Franciſco de Schonomberg, Plenipotenciario dos Eſtados Geraes, a quem o dito Secretario, com outro fingido recado, tinha tirado outra tanta quantia, que o Marquez mandou tambem ſatisfazer, tanto que o referido Miniſtro lhe contou o caſo. E para ultima prova da piedade, e magnificencia do ſeu grande coraçaõ, referiremos outro caſo tambem publico em Lisboa. Eſtava o Marquez no gabinete ſó, entrou pelas caſas dentro hum homem Eſtrangeiro, e naõ encontrando peſſoa alguma, foy andando pelas caſas até onde o Marquez eſtava ſentado à chaminé, que o naõ vio, nem conhecia, e levantou hum baſtaõ forte, e deſcarregando o golpe ſobre a cabeça do Marquez, adiantando-ſe o braço, cahio furioſamente a pancada ſobre hum eſpelho, que fez empedaços, livrando aſſim o Marquez de hum perigo, em que podera acabar. A caſo taõ impenſado, o Marquez com viveza, e valor ſe levantou; voltou ſobre o homem, que logo fogio, e o Marquez em ſeu ſeguimento pelas caſas fóra. Ao eſtrondo, que foy grande, acodiraõ os criados, viraõ ao Marquez, e ao homem com o baſtaõ fogindo, e correndo a elle, o tomaraõ às mãos; e o Marquez com ſocego, e deſaſſombrado, gritou, dizendo, naõ lhe façaõ mal algum; e aſſim mandou, que o largaſſem, e fez ſe pozeſſe em ſalvo. Correo por toda a Corte a noticia do ſucceſſo, e averiguado

do o caso se soube, que o homem estava doudo com a manía, de que lhe deviaõ certas quantias nos erarios Reaes, e que se lhe naõ pagavaõ; e como conhecia da Campanha ao Marquez, se preoccupou, que elle lhe devia de pagar; e como lhe naõ deferiaõ, entrou na loucura de o matar, de que Deos o livrou milagrosamente; porque lhe tinha destinado mais ditosa morte. Este caso fez mais prodigioso, o que no mesmo tempo succedeo à Veneravel Madre Sor Helena da Cruz, Religiosa do Mosteiro da Esperança desta Corte, que fica defronte do Palacio, em que o Marquez habitava, pessoa bem conhecida pela sua virtude, e exemplar modo de vida, e de grande respeito na Corte. Com esta virtuosa Religiosa tinha grande trato, communicaçaõ, e amisade o Marquez. Caso maravilhoso! Ao mesmo tempo que succedia o referido, sahio a virtuosa Madre gritando: *Acudaõ ao Marquez das Minas, que está em evidente perigo*; e logo as Religiosas mandaraõ com pressa hum Frade saber o que era, e ainda vio parte do caso, os criados, e casa alterada com successo taõ estranho, e deu o recado da Madre Helena ao Marquez; e como ella era taõ virtuosa, se entendeo, que fossem as suas orações o instrumento da fortuna do Marquez. Outra virtude grande foy nelle como natural; porque jámais da sua boca se ouvio dizer mal de pessoa alguma, nem desprezalla; porque foy muy honrador dos homens nobres, e de bem, que tratava com muita attençaõ, e civilidade, e ainda a gente mecanica acha-

va nelle acolhimento; porque a todos de ordinario moſtrava agrado, e a todos attendia, ſendo a ſua porta franca a toda a cathegoria de peſſoas; de ſorte, que todo aquelle que ſe reſolvia a entrar pelas caſas até à camera, ou gabinete, em que eſtava, o recebeo com agrado. Os Religioſos eraõ com mais frequencia, porque teve grande familiaridade com eſtes, e principalmente peſſoas de virtude, que elle tratava com veneraçaõ, ſem que as occupações, nem os divertimentos deixaſſem de lhe dar tempo para os viſitar. Nos grandes lugares, que occupou no dilatado curſo da ſua vida, foy o brilhante a affabilidade, e compaixaõ dos miſeraveis, grande favorecedor dos benemeritos, que naõ ſó adiantava nos póſtos, e lugares mas com ajudas de cuſto os ſoccorria, conforme o pedia a occaſiaõ; e os que naõ mereciaõ a ſua attençaõ, naõ perſeguia, porque já mais acabou deſgraçado nas ſuas mãos, porque ſempre buſcou caminho para que naõ pereceſſem pela ſua vontade os infelices. Aſſim foy bem quiſto univerſalmente, e a ſua morte ſentida em toda a parte; porque naõ haveria alguma do noſſo Reyno, e ainda nas Conquiſtas, onde naõ houveſſe obrigados à generoſidade, benevolencia, e favor do Marquez das Minas. A Academia Portugueza, de que era Secretario o Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes, taõ ſabio, como cortezaõ, compoſta dos eruditos da Corte, no dia 23 de Março do anno de 1722 levantou à immortalidade da fama huma pyramide, conſtruida de memorias

morias funebres em prosa, e verso, do esclarecido Marquez das Minas, que a curiosidade achará nas *Provas*, devendo-nos o livrarmos do esquecimento Obras taõ estimaveis. Depois no Collegio de Santo Antaõ da benemerita Familia da Companhia de Jesu, que o Marquez estimou com respeito, e com quem teve sempre hum muito particular trato, de que ella naõ se esqueceo, porque sempre he agradecida aos bemfeitores, a 5 de Abril do referido anno lhe construìo hum segundo monumento formado dos delicados talentos dos Mestres, e professores da Rhetorica, que com huma eloquente Oraçaõ Panegyrica Latina, feita pelo Padre Antonio de Brito, Mestre da Primeira, tratou as heroicas acções, que o constituíráõ insigne General neste Mundo, e nos notaveis desenganos, com que o tratou, fazendo-se exemplar dos Catholicos na morte: seguiraõ-se doces poesias, que em diversos metros celebraraõ as acções do Marquez. E já na Parochia de Santos, a Irmandade do Santissimo Sacramento, de que elle fora Irmaõ, e insigne bemfeitor, agradecida, havia com grande despeza feito sumptuosas Exequias, levantando hum magnifico mausoleo, feito com o mais delicado primor da architectura, e ornada ricamente toda a Igreja, em que orou com a sua costumada eloquencia o Padre D. Joseph Barbosa, Clerigo Regular, no dia 29 de Janeiro do anno de 1722, que os Irmãos imprimiraõ. Esta generosa attençaõ da Irmandade soube o Marquez D. Joaõ de Sousa seu filho agradecer, mandando

Prova num. 32.

do ſatisfazer a deſpeza, que havia feito, por naõ defraudar a Irmandade, de que elle tambem era Companheiro.

Caſou com Dona Maria Magdalena de Lima de Noronha, Senhora em quem concorreraõ grandes partes; porque foy reveſtida de authoridade, devota, muy eſtimada de ſeu eſpoſo, e com talento admiravel. A ſua familia foy dirigida pelo ſeu exemplo, conſervando o reſpeito, com amor de Deos, e caridade, como mulher forte, applicada ao governo da ſua caſa, que na grandeza naõ cedeo a nenhuma das da Corte, como regulada pelo magnifico coraçaõ de ſeu eſclarecido eſpoſo, a qual morreo no anno de 1707. Era filha de D. Alvaro Manoel, VI. Senhor de Atalaya, Tancos, &c. e de ſua mulher D. Ignez de Tavora e Lima, como diſſemos a pag. 553 do Tomo XI. Deſta eſclarecida uniaõ naſceraõ os filhos ſeguintes:

18 D. Francisco de Sousa, que foy V. Conde de Prado, e ſeguindo o exemplo de ſeus mayores, ſervio na Provincia do Minho no tempo que o Marquez ſeu pay a governava; com elle paſſou à Bahia, e naquelle Eſtado tambem ſervio; e conſeguindo grande reputaçaõ entre a Nobreza, e povo daquella Capital, foy bemquiſto, e univerſalmente eſtimado. Voltou para o Reyno com ſeu pay no anno de 1687. Morreo no mar com poucos dias de viagem.

18 D. Joaõ de Sousa, VI. Conde de Prado, e III. Marquez das Minas, que occupará o Capitulo XL.

D.

18 D. JOSEPH DOMINGOS DE SOUSA, foy Porcionista do Collegio Real de Coimbra, em que entrou por Provisaõ de 4 de Novembro de 1689. Estudou Canones, foy Conego da insigne Collegiada de Guimaraens, e teve outros Beneficios, e foy Deputado da Junta dos Tres Estados. Morreo a 30 de Agosto de 1708, e foy sepultado no jazigo dos Terceiros de S. Francisco de Lisboa, como o havia ordenado.

18 D. CATHARINA DE SOUSA, Religiosa no Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, de que foy Abbadessa.

18 D. LUIZ ANTONIO DE SOUSA, que nasceo em Lisboa no anno de 1671, e foy bautizado na Freguesia dos Martyres a 23 de Setembro, havido em D. Maria Theresa Coloen, donzella, filha de pays Irlandezes nobres. Servio em toda a guerra do anno de 1704, acompanhando ao Marquez seu pay nas Campanhas da Beira, e Alentejo. Achou-se no sitio de Badajoz, e depois na memoravel Campanha, em que o Exercito do Marquez entrou por Castella até campar nas visinhanças de Madrid. Daqui marchou com ElRey Dom Carlos ao Reyno de Valença. Achou-se na batalha de Almança, e passando o Exercito para Catalunha, nelle esteve até o Marquez seu pay se recolher ao Reyno em Fevereiro de 1708; e ficando naquelle Principado servindo, se achou em duas Campanhas com o Marichal de Stharemberg, adquirindo em muitas occasioens reputaçaõ de valeroso, distin-

distinguindo-se como filho de tal pay, que chamando-o para o Reyno, voltou a elle no anno de 1709, havendo occupado os póstos de Capitaõ, e Coronel, e Brigadeiro da Cavallaria; e no anno de 1710 se lhe deu o governo do Castello de Vianna com a dita Patente, até que no anno de 1735 na promoçaõ, que ElRey fez, foy creado General de Batalha, conservando o mesmo Castello; e ao presente tem o governo das Armas da Provincia do Minho, que exercita com satisfaçaõ.
Casou com D. Barbara Mascarenhas de Queiroz, filha herdeira de Francisco Pinto, e de D. Maria da Cunha, de quem teve unica

19 D. JOANNA DE SOUSA, Senhora da Casa do Moroleiro por sua mãy, que he a dos Queirozes de Amarante, Familia de muy conhecida nobreza. Morreo de parto de hum filho, que acabou juntamente com sua mãy a 12 de Abril de 1723. Casou em Fevereiro de 1721 com Antonio Joseph Botelho Mouraõ, Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro na Ordem de Christo, Senhor do Morgado de Mattheus na Provincia de Tras os Montes: foy Capitaõ de Cavallos, e Tenente Coronel de hum Regimento de Dragoens, posto com que servio em toda a guerra com distinçaõ, conservando-o depois na paz na dita Provincia, onde veyo a falecer a 28 de Fevereiro de 1746. Era filho de Mathias Alvares Mouraõ, Fidalgo da Casa Real, e Senhor do Morgado de Mattheus; e deste matrimonio tiveraõ

D.

20 D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mouraõ, que nasceo a 22 de Fevereiro de 1722, he Senhor dos Morgados de Mattheus, e do Moroleiro, e de toda a mais Casa de seus pays, huma das mais ricas da sua Provincia, e até ao presente naõ tem estado.

- Marq. ona Ma- Magda- a de Li- e No- ha, m. D. An- io Luiz Sousa, rq. das Minas.
  - Dom Alvaro Manoel, VI. Senh. de Atalaya, Tancos, &c. ✱ a 9 de Fevereiro 1686.
    - D. Pedro Manoel, II. Conde de Atalaya, ✱ a 26 de Julho de 1628.
      - D. Nuno Manoel, II. Senhor de Atalaya, &c. ✱ a 4 de Agosto 1578.
        - Dom Fradique Manoel, I. Senhor de Atalaya, &c.
          - D. Nuno Manoel Guarda mór, e Almotacé mór.
          - D. Leonor de Milá, filha de D. Jayme, Conde de Albayda.
        - D. Maria de Ataide.
          - Nuno Fernandes de Ataide, Senhor de Penacova, ✱ em 1517.
          - D. Joanna de Faria, filha de Antaõ de Faria.
      - D. Joanna de Ataide.
        - D. Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira, do Conselho de Estado, &c.
          - D. Alvaro de Ataide, Senhor da Castanheira, ✱ em 1505.
          - D. Violante de Tavora.
        - A Condessa D. Anna de Tavora.
          - Alvaro Pires de Tavora, Senhor do Mogadouro, &c.
          - D. Joanna da Sylva, filha de Dom Affonso, Conde de Penella.
    - A Condessa D. Maria de Ataide e Menezes.
      - D. Alvaro de Menezes, Alcaide mór de Arronches.
        - D. Aleixo de Menezes, Ayo delRey D. Sebastiaõ.
          - D. Pedro de Menezes, I. Conde de Cantanhede.
          - A Cond. D. Brites Soares de Mello, filha de Ruy Gomes de Alvarenga.
        - Dona Luiza de Noronha, segunda mulher.
          - D. Alvaro de Noronha, Capitaõ de Cochim.
          - D. Mecia da Sylva, filha de Diogo da Sylveira.
      - Dona Violante de Ataide.
        - D. Vasco da Gama, III. Conde da Vidigueira, Almirante da India.
          - D. Francisco da Gama, II. Conde da Vidigueira, Almirante da India.
          - A Cond. D. Guiomar de Vilh. fil. de D. Francisco, I. Conde de Vimioso.
        - A Condessa D. Maria de Ataide.
          - D. Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira, &c.
          - A Cond. D. Anna de Tavora, fil. de Alvaro Pires de Tav. S. do Mogad.
  - D. Ignez de Tavora.
    - Alvaro Pires de Tavora, Senhor de Caparica, ✱ em 1640.
      - Ruy Lourenço de Tavora, Senhor de Caparica do Conselho de Estado, ✱ a 29 de Junho de 1616.
        - Lourenço Pires de Tavora, Embaixador em Roma.
          - Christovaõ de Tavora, Capitaõ de Sofalla.
          - D. Francisca de Sousa, filha de Fernaõ de Sousa, Senhor de Rossas.
        - D. Catharina de Tavora.
          - Ruy Lourenço de Tavora, Vice-Rey da India.
          - D. Joanna Ferrer, filha de D. Jayme Ferrer.
      - Dona Maria Coutinho.
        - D. Diogo de Almeida, Capitaõ de Dio.
          - D. Antonio de Almeida, Provedor dos Armazens de India, e Mina.
          - D. Maria Paes, filha de Joaõ Rodrigues Paes, Contador mór.
        - Dona Leonor Coutinho.
          - D. Filippe Lobo, Trinchante del-Rey D. Joaõ III.
          - D. Joanna Coutinho, filha de Dom Luiz Coutinho.
    - D. Maria de Lima.
      - Dom Lourenço de Brito Lima, VII. Visconde de Villa-Nova da Cerveira, &c.
        - Luiz de Brito, Senhor dos Morgados de Santo Estevaõ, VI. Visconde, &c.
          - Lourenço de Brito, Sen. dos Morgados de S. Estevaõ, e S. Lourenço.
          - D. Antonia da Sylva, filha de Joaõ da Sylva, Senhor de Vagos.
        - D. Ignez de Lima, VI. Viscondessa de Villa-Nova da Cerveira. H.
          - D. Francisco de Lima, V. Visconde de Villa-Nova da Cerveira.
          - A Visc. D. Brites de Alcaçova, filha de Pedro de Alc. Cond. das Idanhas.
      - A Viscondessa D. Luiza de Tavora.
        - Luiz de Alcaçova Carneiro, Senhor de Figueiró, &c. ✱ em 1578.
          - Pedro de Alcaçova, Conde das Idanhas, ✱ em 1593.
          - A Condessa D. Catharina de Sousa, filha de D. Diogo de Sousa.
        - D. Antonia de Tavora, segunda mulher.
          - Lourenço Pires de Tavora.
          - D. Catharina de Tavora, filha de Ruy Lourenço de Tavora, Vice-Rey da India.

CAPITULO XL.

De D. Joaõ de Sousa, III. Marquez das Minas, VI. Conde de Prado.

18 NAsceo segundogenito do thalamo dos segundos Marquezes das Minas na Villa de Viana Foz de Lima a 29 de Dezembro de 1666 D. Joaõ de Sousa, e sendo destinado para a vida Ecclesiastica, teve diversos Beneficios. Passou a estudar a Coimbra, foy Porcionista do Collegio Real de S. Paulo, e foy provido a 17 de Outubro de 1681. A pouca duraçaõ de seu irmaõ o Conde D. Francisco o fez immediato successor da sua Casa, assim foy VI. Conde de Prado no anno de 1687. Depois a 8 de Março de 1694 succedendolhe acharse com seu primo o Conde de Atalaya na fatal morte do Corregedor do Bairro Alto Ignacio Sanches, se ausentaraõ do Reyno, e passaraõ a França, e na Corte de Pariz foy recebido do Marichal Duque de Ville-Roy seu sogro com grandeza, carinho, e attenções. ElRey Luiz o Grande, attendendo à sua pessoa, e ao muito que estimava ao Marichal seu sogro, lhe fez especiaes honras, e se interessou muito em o restituir à graça delRey D. Pedro, que se havia sentido muito da morte do Corregedor. Estas instancias, que se faziaõ mais vigorosas com as de sua irmãa a Senhora

D.

D. Catharinha, Rainha da Grãa Bretanha, naõ tiveraõ entaõ effeito.

Achava-se o Conde de Prado em Pariz no anno de 1694, em que seu sogro o Marichal de Ville-Roy governava o Exercito de Flandes, e querendo naõ ficar na Corte ao tempo que o Marichal hia para a guerra, se achou voluntario naquella Campanha, em que mereceo do Marichal louvor, e dos Generaes, e Cabos estimaçaõ. Passaraõ-se alguns annos em diversas peregrinações, até que ultimamente depois de fazer domicilio algum pouco tempo em Badajoz, voltou a Portugal incognito. Declarou-se no anno de 1704 a guerra da Grande Alliança contra Castella; o Conde se foy unir ao Marquez seu pay, que mandava o Exercito da Provincia da Beira, em que ElRey se achou, e logo no principio da Campanha lhe perdoou ElRey, e a seu primo o Conde de Atalaya; usando de expressoens taõ estimaveis, que proferio, que totalmente se esquecia das Reaes representações, taõ reiteradas, que tanto os haviaõ recomendado; porque nada lhe lembrava mais que da inclinaçaõ, que tinha às suas pessoas, declarandolhe, que nada movera a sua clemencia mais que o affecto, com que estimava vassallos de caracter taõ distincto, filhos de Generaes taõ benemeritos pelas pessoas, como pelos seus serviços. Assim tanto que nomeou Ajudantes para assistirem às suas Reaes ordens, foy hum delles o Conde de Prado, e depois promovido a Tenente General da Cavallaria, e com este posto

servio

servio na Campanha daquelle anno, seguindo o Marquez seu pay todo o tempo que governou as Armas da Beira; achando-se em todas as occasioens das recuperações das Praças, como dissemos, até que passou o Marquez a governar as Armas de Alentejo no anno de 1705; depois o acompanhou naquella gloriosa Campanha do anno de 1706, que sahindo com o Exercito a 25 de Março, achou-se no encontro de Brossas, e na tomada de Alcantara. Com esta noticia o mandou o Marquez seu pay a ElRey Dom Pedro; e voltando logo da Corte para o Exercito, acompanhando a seu pay, entrou vitorioso por huma, e outra Castella, com huma torrente de prosperidades até campar o Exercito nas visinhanças da Corte de Madrid. Daqui o mandou o Marquez seu pay com esta noticia a ElRey Dom Pedro, que se achava entaõ na Casa de Campo de Alcantara, onde o Conde de Prado lhe beijou a maõ. ElRey lhe fez muy particulares honras, e a merce de Marquez em vida de seu pay, que, como já dissemos, com as revoluções dos Hespanhoes lhe ficou cortada a communicaçaõ do nosso Exercito com Portugal; e seria exporse ao perigo de ficar prisioneiro, se pozesse em execuçaõ o desejo de voltar ao Exercito, que estava em Madrid, como havia ideado. Passou a servir na Provincia de Alentejo, achando-se em todas as Campanhas, que se fizeraõ até à conclusaõ da paz. Foy Mestre de Campo General com o governo da Cavallaria da Provincia, distinguindo-se nas

occa-

occasioens com muito valor, e tratando-se com luzimento, e magnificencia, devido ao grande posto, que occupava. Foy Gentil-homem da Camera del-Rey D. Joaõ V., feito a 14 de Janeiro de 1714, e já era do Conselho de Guerra a 26 de Outubro do dito anno, e Commendador da Commenda de S. Miguel de Arcuselo na Ordem de Christo; e pela morte do Marquez seu pay succedeo nos seus Estados, e Casa, que naõ logrou muito tempo; porque ao sahir da Congregaçaõ do Oratorio de S. Filippe Neri o mataraõ a 17 de Setembro de 1722. ElRey seu Amo sentio, que hum criado seu daquelle caracter, taõ benemerito, acabasse taõ desgraçadamente; e assim no dia seguinte se recolheo, e a Rainha sua esposa, estando para sahir para fóra, sabendo, que El-Rey se recolhera, o fez tambem. Chamou ElRey à sua presença o Tribunal do Desembargo do Paço para o ouvir; e por hum Edital publico offereceo dez mil cruzados a quem entregasse o matador, com outras vivas expressoens de sentimento, com que honrou a memoria de hum Vassallo de taõ grande cathegoria. Foy enterrado em S. Domingos de Azeitaõ, onde jaz com os seus mayores. Foy o Marquez de boa estatura, côr trigueira, olhos vivos, e pretos, muy pio, e devoto, esmoler, valeroso, liberal, e luzido nas occasioens, mas desgraçado em tudo; porque estas virtudes naõ tiveraõ a aceitaçaõ, que mereciaõ, talvez de ser o seu genio animado de huma viveza, que naõ era muy agradavel a todos; porque parecia altivo,

altivo, e naõ o era, antes de hum coraçaõ caritativo, compadecendo-se muito da pobreza, soccorrendo a todos os que delle se valiaõ com generosidade; era verdadeiro, e pontual, fino no trato dos amigos, e com outras virtudes muy estimaveis; de sorte, que durando algum pouco tempo depois da fatalidade, com que o feriraõ mortalmente, com edificaçaõ de todos os Padres daquella exemplar Communidade, perdoou ao aggressor, e com muitos actos de verdadeiro Christaõ acabou.

Casou em Dezembro de 1688 com a Marqueza Francisca Magdalena de Neufwille, filha de Francisco de Neufwile, Duque de Ville-Roy, Par, e Marichal de França, Marquez de Alincourt, Senhor de Magny, Cavalleiro das Ordens delRey, Capitaõ das Guardas de Corpo, Ministro, e Chefe do Conselho Real das Finanças (isto he, das rendas) depois Conselheiro do Conselho da Regencia, Governador das Provincias de Lyonnois, Forez, e Beaujollois. ElRey Luiz XIV., de quem foy estimado, e favorecido, no seu Testamento o nomeou Governador (he Ayo) de seu neto ElRey Luiz XV., como quem conhecia as virtudes, e partes do Marichal, para crear a seu neto. Este cargo foy confirmado a 2 de Setembro de 1715 pelo Parlamento de Pariz depois da morte delRey Luiz XIV.; e por outra resoluçaõ de 12 do dito mez de Luiz XV., feita no seu Leito de Justiça, elle começou a exercitar depois a 15 de Fevereiro de 1717 até 11 de Agosto de 1722, que foy prezo em Versalhes,

ſalhes, e conduzido ao ſeu Caſtello de Ville-Roy, para onde teve ordem de ſe retirar; depois de alguns dias foy para o ſeu governo de Leaõ; e finalmente voltou a Pariz no anno de 1724, onde morreo a 18 de Julho de 1730; e da Duqueza Maria Margarida de Coſſe, filha herdeira de Luiz de Coſſe, Duque de Briſſac, e de Beaupreaux, Par de França, Conde de Chemilly, e de Chaſtel, Viſconde de Tiffauges, e da Duqueza Margarida de Gondy, irmãa de Catharina de Gondy, Duqueza de Retz, filhas de Henrique de Gondy, Duque de Retz, e de Beaupreaux, Par de França, Marquez de Belle-Isle, Cavalleiro de Santo Eſpirito, que era filho de Carlos de Gondy, Marquez de Belle-Isle, General das Galés de França, e de ſua mulher Antonina de Orleans, que ficando viuva, foy Religioſa, e fundou a Religiaõ chamada do Calvario em Poitiers, para ſe obſervar a Regra de S. Bento em todo o ſeu rigor. Morreo em Outubro de 1617. Era filha de Leonoro de Orleans, Duque de Longueville, e de Eſtouteville, Soberano de Neufchatel, e de Waltengin nos Suiſſos, Marquez de Rothelin, Conde de Dunois, de S. Paul de Tracarville, e de Montgomery, Cavalleiro das Ordens del Rey, Par, e Grande Camereiro de França, Governador de Picardia, que morreo em Agoſto de 1573, que era quarto neto de Luiz de França, Duque de Orleans, Par de França, Conde de Valois, de Aſt, de Bloio, de Dunois, de Beaumont-Sur-Oyſe, de Angouleme, de Perigord, de Dreux, de Soiſſons, de

Anſelme, *Hiſtoire Geneal. de la Maiſon de France*, tom. 4. pag. 643, e tom. 5. pag. 628.

Corbinelli, *Hiſtoire Geneal de la Maiſon de Gondy*, tom. 2. pag. 109.

Anſelme, *Hiſtoire Geneal.* tom. 3. pag. 897.

Anſelme, tom. 1. pag. 205.

de Vertus, de Portien, Senhor de Coucy, e de Chateau-Thierry, segundo filho de Carlos V., Rey de França, e da Rainha Joanna de Bourbon, filha de Pedro, Duque de Bourbon, primeiro do nome, e de Isabel de Valois. Era Maria de Bourbon mulher do Duque de Longueville Leonoro de Orleans, Duqueza de Estouteville, Condessa de S. Paul, e Senhora de Trie, que nasceo a 30 de Mayo de 1539, e morreo a 7 de Abril de 1607, e havia sido casada duas vezes, a primeira com Joaõ de Bourbon, Conde de Soissons seu primo com irmaõ, que por este casamento foy Duque de Estouteville, morto na batalha de S. Quintino; e segunda vez com Francisco de Cleves, Duque de Nevers, seu parente, que foy morto na batalha de Dreux a 19 de Dezembro de 1562, e de nenhum dos dous teve successaõ; a qual era filha de Francisco de Bourbon, primeiro do nome, Conde de S. Paul, e de Chamont, Duque de Estouteville, Governador de l' Isle, e do Delfinado, que havendo nascido a 6 de Outubro de 1491 morreo no primeiro de Setembro de 1545, irmaõ inteiro de Carlos, Duque de Vendome, pay de Antonio de Bourbon, Duque de Vendome, Rey de Navarra, em cuja descendencia se conserva a Real Coroa de França. Desta esclarecida uniaõ nasceraõ os filhos seguintes:

Dito tomo pag. 220.
Dito liv. pag. 227.

Imhoff, *Excellentium Familiarum in Gallia.* Tab. XVII. pag. 45.

19 D. ANTONIO CAETANO LUIZ DE SOUSA, IV. Marquez das Minas, VII. Conde de Prado, como se verá no Capitulo XLI.

19 D. MARIA THERESA DE NEUFVILLE, que

que naſceo a 2 de Junho de 1692, que ſeus pays contrataraõ com ſeu primo D. Luiz Manoel, herdeiro da Caſa da Atalaya, o que naõ teve effeito, como diſſemos; e ella permanecendo ſem eſtado, morreo a 10 de Janeiro de 1647.

19 D. ANTONIO DE SOUSA, illegitimo, havido em D. Thereſa Travaços, mulher nobre, he Clerigo, Beneficiado em Beringel.

19 D. MANOEL DE SOUSA, illegitimo, Religioſo leigo da Reforma da Arrabida, onde morreo.

- Marq. [...]ancisca [...]agd. de [...]eufvvil-[...], mulh. [...] Marq. [...]Joaõ de [...]usa.
  - Francisco de Neufvville, Duq. de Ville-Roy, Par, e Marichal de França, &c. ✱ em 18 de Agosto de 1730.
    - Nicol. de Neufvvile, I. Duque de Ville-Roy, Par, e Marichal de França, ✱ a 28 de Novembro de 1685.
      - Carlos de Neufvville, Marquez de Ville-Roy, e Alincourt, Baraõ de Bury, &c. ✱ a 17 de Janeiro de 1642.
        - Nicolao de Neufvville, Senhor de Ville-Roy, &c. ✱ em 12 de Novemb. 1617.
          - Nicolao de Neufvville, Senhor de Ville-Roy, &c. ✱ em 1598.
          - Joanna Purdhomme, filha de Guilherme Purdhomme, S. de Fonten.
        - Magdalena de Aubespine, ✱ a 17 de Mayo de 1596.
          - Claudio d'Aubespine, Senhor de Chateauneuf-Surcher.
          - Joanna Boschetel, 1. mulher, filha de Guilherme, Senhor de Sassy.
      - A Marqueza Jaquelina de Harlay, segunda mulher.
        - Nicolao de Harlay, Baraõ de Sancy, Coronel General dos Suissos, &c.
          - Roberto de Harlay, Senhor de Sancy.
          - Jacobina de Morinvilliers, filha de Guilherme, Senhor de Maulef.
        - Maria de Moreau, Senhora de Grosbois.
          - Rodolfo de Moreau, Senhor de Tremblay.
          - N. . . . .
    - A Duq. Magdalena de Crequy, ✱ a 31 de Janeiro de 1675.
      - Carlos, Senhor de Crequy, Principe de Poix, Duque de Lesdiguieres, Par, e Marichal de França, ✱ aos 17 de Março de 1638.
        - Antonio de Blanchefort, Senh. de S. Janvrin, H. da Casa de Crequy pelo Cardeal de Crequy seu tio.
          - Gilberto de Blanchefort, Senhor de S. Janvrin, &c.
          - Maria de Crequy, filha unica de Joaõ, Principe de Poix.
        - Catharina de Augerre.
          - Claudio de Augerre, Senhor de Vieme-Chastel.
          - Joanna de Hangest-Moyencourt.
      - A Princeza Magdalena de Bonne.
        - Francisco de Bonne, Duque de Lesdiguiers, Par, Marichal, e Condest. de França, ✱ a 28 de Setembro de 1626.
          - Joaõ de Bonne, Senhor de Lesdiguieres, e de Glesil, ✱ em 1548.
          - Francisca de Castellanne, filha de Claudio de Castellan. Sen. de Yvers.
        - A Duqueza Claudia Berenger, ✱ 1666.
          - André de Berenger, Senhor de Gua, &c.
          - Magdalena Berenger.
  - A Duq. Maria Margarida de Cosse, ✱ aos 20 de Setembro de 1708. H.
    - Luiz de Cosse, Duque de Brissac, Par de França, ✱ em Janeiro de 1661.
      - Francisco de Cosse, Duque de Brissac, Par de França, ✱ a 3 de Dezembro de 1651.
        - Carlos de Cosse, Duque de Brissac, Par, Marichal de França, ✱ em 1621.
          - Carlos de Cosse, Conde de Brissac, Marichal de França, &c.
          - A Condessa Charlota de Esquetot, filha de Joaõ, Senhor de Esquetot.
        - A Duqueza Judith, Senhora de Acigne, herdeira.
          - Joaõ, Senhor de Acigne, Baraõ de Coetmen.
          - Joanna de Plessis, Senhora de Bourgongniere.
      - Guyonna Ruellan, ✱ em Janeiro de 1672.
        - Gil Ruellan, Senhor de Roger-Portail.
          - N. . . . . . Ruellan . . . .
          - N. . . . .
        - Francisca Miolais.
          - N. . . . . . Miolais . . . .
          - N. . . . .
    - A Duq. Margarida de Gondy, ✱ a 31 de Mayo de 1670.
      - Henrique de Gondy, Duq. de Retz, e de Beaupreau, Par de França, Marquez de Belle-Isle, Cavalleiro das Ordens delRey, ✱ a 12 de Agosto de 1659.
        - Carlos de Gondy, Marquez de Belle-Isle, General das Galés, ✱ em 1596.
          - Alberto de Gondy, Duque de Retz, Par, e Marichal de França.
          - A Duq. Claudia Catharina de Clermont, fil. de Claudio de Annebault.
        - A Marqueza Antonina de Orleans, ✱ em Outubro 1617.
          - Leonoro de Orleans, Duque de Longueville, ✱ em 1573.
          - Maria de Bourbon, Duque de Estouteville.
      - A Duqueza Joanna de Scepeaux, Condessa de Chemille, ✱ a 29 de Nov. de 1620. H.
        - Guido de Scepeaux, Duq. de Beaupreau, Conde de Chemille, ✱ em 1597.
          - Guido de Scepeaux, Senhor de Scepeaux, e Landevy, &c. ✱ 1605.
          - Catharina de la Marzaliere, filha de Pedro, Senhor de la Marzeliere.
        - A Duqueza Maria de Rieux. H.
          - Guido de Rieux, Senhor de Chateauneuf.
          - Joanna, Senhora de Chastel, filha de Claudio, Sen. de Chastel, &c. H.

CAPITULO XLI.

De Dom Antonio Caetano Luiz de Sousa, IV. Marquez das Minas, VII. Conde de Prado.

19 NAsceo em Lisboa a 9 de Julho de 1690 primogenito dos III. Marquezes das Minas, D. Antonio Caetano Luiz de Sousa, e por morte de seu pay foy IV. Marquez das Minas, VII. Conde de Prado, Senhor das Villas de Beringel, e Prado, Commendador das Commendas de Santa Maria de Auve, Santa Maria de Vianna, Santo Adriaõ de Penha-Fiel, Nossa Senhora da Purificaçaõ, S. Pedro de Torres Vedras, na Ordem de Christo, Santiago de Sines, e de Milfontes, na de Santiago.

No anno de 1704, quando seu grande avô o Marquez das Minas D. Antonio Luiz de Sousa, Governador das Armas da Beira, passou àquella Provincia a mandar o Exercito da Grande Alliança, como temos dito, levou comsigo seu filho, e a seu unico neto, que naõ contava ainda quatorze annos; e sentando praça, lhe fez merce ElRey D. Pedro II. de huma Companhia de Infantaria no Regimento, de que era Coronel Gaspar de Brito Freire, de que se lhe passou Patente a 17 de Janeiro de 1704; e servindo na guerra, que teve principio aquelle anno, se achou em todas as occasioens, que nella houve, acom-

acompanhando ſempre ao Marquez ſeu avô. No anno de 1706 foy feito Capitaõ de Couraças da primeira guarda de ſeu meſmo avô, que o amou com muito exceſſo; porque ſobre huma viveza grande, era deſtemido, e valeroſo, goſtando da vida militar, em que os ſeus tanto ſe diſtinguiraõ.

Na memoravel Campanha, que os noſſos fizeraõ no anno de 1706, como deixámos atraz eſcrito, o Conde de Prado, ſeguindo a ſeu eſclarecido avô o Marquez D. Antonio, ſe achou no choque de Broſſas, na tomada de Valença, e de Ciudad Rodrigo; donde ſeu avô o mandou a ElRey D. Pedro com a noticia da tomada daquella Praça, e dos progreſſos do ſeu Exercito, que com proſpera fortuna marchava, dominando as Cidades, e póvos de Caſtella. Chegou o Conde a Lisboa, participou a ElRey noticia taõ importante, que com muitas demonſtrações de eſtimaçaõ honrou ao Conde, porque teve grande inclinaçaõ ao Marquez ſeu avô; e tendo pouca detença na Corte, correndo a poſta, ſe foy pôr à obediencia do Marquez ſeu avô, que o eſtimou com grande affecto. Continuou o Exercito em direitura a Madrid, e nelle foy o Conde de Prado até entrar no Reyno de Valença; e depois ſe achou na batalha de Almança, e em todas as Campanhas, recontros, ſitios de Praças daquella guerra, e nas muitas occaſioens, até voltar com o Marquez ſeu avô para Portugal, ſendo já Coronel da Cavallaria, de que teve Patente paſſada em Lisboa a 28 de Julho de 1708, havendo-ſe diſtinguido

tinguido em muitas; porque ſendo nelle o valor hereditario, a natureza o ornou de huma viveza, e daquellas partes dignas de huma peſſoa do ſeu naſcimento, e caracter.

O Marquez D. Antonio, vendo que o Conde de Prado era o unico neto varaõ, com que ſe achava a ſua Caſa, tratou de o caſar, para aſſim ſegurar a ſua poſteridade, que tanto havia arriſcado nas dilatadas Campanhas, que temos referido; e eſcolhendolhe digna eſpoſa, caſou a 19 de Julho de 1712 com D. Luiza de Noronha, ornada de excellentes virtudes; porque deſde os primeiros annos da ſua idade, entre a devoçaõ, e piedade, foy a prudencia o brilhante, com que dirigio todas as ſuas acções. Naſceo no anno de 1699, e foy bautizada a 11 de Março na Freguesia de Santos, filha de Dom Marcos de Noronha, IV. Conde dos Arcos, e da Condeſſa D. Maria Joſefa de Tavora; e deſta illuſtriſſima uniaõ naſceo unico

20 D. JOAÕ DE SOUSA, de quem adiante ſe tratará no Capitulo XLII.

A Mar-

- Marq. na Luide Noha, m. Marq. m Anio Caeo Luiz Sousa.
  - Dom Marcos de Noronha, IV. Cond. dos Arcos, Gentil-homem da Camera do Infante Dom Francisco, ✠ a 25 de Março de 1718.
    - D. Thomás de Noronha, III. Conde dos Arcos, do Conselho de Estado, Gentil-homem da Camera do Principe Dom Theodosio.
      - D. Marcos de Noronha, Padroeiro do Mosteiro do Salvador de Lisboa.
        - D. Thomás de Noronha.
          - D. Leaõ de Noronha.
          - D. Branca de Castro, filha de Dom Gonçalo Coutinho, Commendador da Arruda.
        - D. Helena da Sylva.
          - D. Gil Eannes, do Conselho de Estado.
          - D. Joanna da Sylva, filha de D. Filippe de Sousa Lobo.
      - D. Maria Henriques.
        - D. Francisco da Costa, Capitaõ de Malaca, Embaixador a Marrocos.
          - D. Duarte da Costa, Armeiro mór Governador do Brasil.
          - D. Maria de Mendoça, fil. de Francisco de Mend. Alc. mór de Mouraõ.
        - Dona Joanna Henriques, Dama da Infanta D. Isabel.
          - Gonçalo Vaz Pinto, Senhor de Ferreiros, e Tendaes, &c.
          - D. Violante Henriques, filha de Henrique Henriques de Miranda.
    - Dona Magdalena de Bourbon, Dama do Paço, segunda mulher.
      - D. Luiz de Lima, I. Conde dos Arcos, Gentil-homem da Camera delRey D. Filippe IV.
        - Luiz de Brito e Nogueira, Visconde de Villa-Nova da Cerveira.
          - Lourenço de Brito, S. dos Morg. de S. Estev. de Béja, e S. Lour. de Lisb.
          - D. Antonia da Sylva, filha de Joaõ da Sylva, Senhor de Vagos, &c.
        - D. Ignez de Lima, VI. Viscondessa de Villa-Nova da Cerveira. H.
          - D. Francisco de Lima, V. Visconde de Villa-Nova da Cerveira.
          - D. Brites de Alcaçov. filha de Pedro de Alcaç. Carn. do Cons. de Estado.
      - A Condessa Victoria de Cardailhac.
        - Francisco de Cardailhac, Baraõ de la Chapelle, &c.
          - Antonio de Cardailhac, Baraõ de la Chapelle, &c.
          - A Baroneza Victoria de Aquino, filha de Antonio de Aquino.
        - A Baroneza Magdalena de Bourbon.
          - Henrique de Bourbon, Visconde de Lauvenden, Baraõ de Malause.
          - Francisca de Erupey, Senhora de Miremont, filha de Guilherme.
  - A Condessa D. Maria Josefa de Tavora, ✠ a 9 de Fevereiro de 1731.
    - Luiz Alvares de Tavora, I. Marquez de Tavora, III. Conde de S. Joaõ, Governador das Armas da Provincia de Traz os Montes, do Conselho de Estado, &c. ✠ a 15 de Novembro de 1672.
      - Antonio Luiz de Tavora, II. Conde de S. Joaõ, &c.
        - Luiz Alvares de Tavora, I. Conde de S. Joaõ, do Conselho de Estado.
          - Luiz Alvares de Tavora, Senhor do Mogadouro, e outras terras.
          - D. Leonor Henriques, filha de D. Simaõ da Sylveira.
        - A Condessa D. Martha de Vilhena.
          - Joanne Mendes de Oliveira, Senhor do Morgado de Oliveira, &c.
          - D. Brites de Vilhena, filha de Luiz Alvares de Tavora, Sen. do Mogad.
      - A Condessa D. Archangela Maria de Portugal.
        - D. Miguel de Noronha, IV. Conde de Linhares.
          - D. Affonso de Noronha, do Conselho de Estado.
          - D. Archangela Maria de Vilhena.
        - A Condessa D. Ignacia de Menezes.
          - D. Pedro de Menezes, Alcaide mór de Viseu.
          - D. Maria de Vasconcellos.
    - A Marqueza D. Ignacia de Menezes e Vasconcellos, ✠ a 3 de Janeiro de 1695.
      - Dom Rodrigo da Sylveira, I. Conde de Sarzedas.
        - D. Luiz Lobo da Sylveira, V. Senhor de Sarzedas, e Sovereira Fermosa, &c.
          - D. Rodrigo Lobo, Commendador na Ordem de Christo.
          - D. Maria de Noronha da Sylveira, IV. Senhora de Sarzedas.
        - D. Joanna de Lima.
          - D. Diogo de Lima, Camereiro mór do Infante D. Luiz, Commendador de Vitorinho.
          - Dona Maria Coutinho.
      - A Condessa Dona Maria Antonia de Vasconcellos.
        - D. Miguel de Noronha, IV. Conde de Linhares.
          - D. Affonso de Noronha.
          - D. Archangela Maria de Vilhena, filha de D. Pedro, Senhor de Villa-Verde.
        - A Condessa D. Ignacia de Menezes.
          - D. Pedro de Menezes, Alcaide mór de Viseu.
          - D. Maria de Vasconcellos.

CAPI-

CAPITULO XLII.

De Dom João de Sousa.

20 DO esclarecido thalamo do Marquez D. Antonio Caetano Luiz de Sousa, e da Marqueza D. Luiza de Noronha, foy unica producçaõ D. Joaõ de Sousa, que vio a primeira luz do dia a 14 de Abril de 1713 na Cidade de Lisboa, e foy bautizado a 25 de Junho com grande pompa na Igreja das Religiosas da Esperança pelo Cardeal da Cunha. Foy creado com os cuidados de unico, e apenas havia sahido da infancia, quando começou a dar esperanças, de que poderia ser digno successor desta grande Casa; porque revestido de gravidade, era cortezaõ, attento, devoto, e bem inclinado; e assim viveo debaixo do dominio de seus Excellentissimos pays, dando bem a conhecer na sua modestia, qual era a prudencia, de que se ornava: por ella dirigio as suas acções desde os annos da juvenil idade, e quando robusto, e no mais florecente della promettia mais dilatada vida, acometido do terrivel mal de bexigas, com perniciosos symptomas, acabou com constancia, havendo-se preparado com grande christandade; e tendo sido corroborado com o Santissimo Viatico, morreo a 3 de Janeiro de 1745.

Casou duas vezes, a primeira a 5 de Julho de 1739 com

com D. Marianna Joachina do Pilar da Sylveira, filha de D. Antonio Luiz de Tavora, Conde de Sarzedas, por casar com Dona Theresa Marcellina da Sylveira, IV. Condessa de Sarzedas, herdeira daquella Casa, a qual morreo a 12 de Setembro de 1742, sem successaõ.

Casou segunda vez a 8 de Junho do anno de 1744 com D. Joanna de Menezes, filha primeira de Fernaõ Telles da Sylva, IV. Marquez de Alegrete, e da Condessa D. Maria de Menezes; e desta illustrissima uniaõ foy unica.

21 D. MARIA FRANCISCA ANTONIA DA PIEDADE DE SOUSA, que nasceo posthuma a 16 de Abril de 1745, herdeira desta grande Casa, que creando-se pelos devidos, e naturaes carinhos de suas Excellentissimas mãy, e avó, será o deposito das suas virtudes, de que já começaõ a resplandecer na tenra infancia humas taes luzes da graça, que adornada a sua lindeza de tal agrado natural, he admiraçaõ ver a modestia, e gravidade, com que se explica.

D. Ma-

- ...ona Ma- ... Francis- ... Antonia ... Piedade ... Sousa, ... erdeira.
  - Dom Joaõ de Sousa, ✠ a 3 de Janeiro de 1745.
    - D. Antonio Caetano Luiz de Sousa, IV. Marquez das Minas, VII. Conde de Prado, &c.
      - D. Joaõ de Sousa, III. Marquez das Minas, VI. Conde de Prado, General da Cavallaria de Alentejo, ✠ a 17 de Setembro de 1722.
        - D. Antonio Luiz de Sousa, II. Marquez das Minas, &c. ✠ a 25 de Dez. 1721.
          - D. Francisco de Sousa, I. Marquez das Minas, ✠ a 23 de Junho 1674.
          - A Marqueza D. Eufrasia, filha de D. Fernando, I. Conde da Torre.
        - A Marqueza D. Maria Magdalena de Noronha, ✠ 1707.
          - D. Alvaro Manoel, VI. Senhor de Atalaya, &c. ✠ a 9 de Fev. 1686.
          - D. Ignez de Tavora, filha de Alvaro Pires de Tavora, Sen. de Caparica.
      - A Marqueza Francisca Magdalena de Neufvville.
        - Francisco de Neufvville, II. Duque de Ville-Roy, Par, e Marichal de França, ✠ em 1736.
          - Nicolao, I. Duque de Ville-Roy, &c. ✠ a 28 de Novemb. de 1685.
          - A Duqueza Magdalena de Crequy, filha de Carlos, Principe de Poix.
        - A Duq. Maria Margarida de Cosse, ✠ a 20 de Set. de 1708.
          - Luiz de Cosse, Duque de Brissac, Par de França, ✠ em Janeir. 1661.
          - A Duqueza Margarida de Gondi, filha de Henrique, Duque de Retz.
    - A Marqueza D. Luiza de Noronha.
      - D. Marcos de Noronha, IV. Conde de Arcos, ✠ a 25 de Março 1718.
        - D. Thomás de Noronha, III. Conde dos Arcos, do Conselho de Estado.
          - D. Marcos de Noronha, Padroeiro do Mosteiro do Salvador de Lisboa.
          - D. Maria Henriques.
        - A Condessa D. Magdalena de Bourbon.
          - D. Luiz de Lima, I. Conde dos Arcos.
          - A Cond. Victoria de Cardailhac, fil. de Francisco, Baraõ de la Chapelle.
      - A Condessa Dona Maria Josefa de Tavora, ✠ em 9 de Fevereiro de 1731.
        - Luiz Alvares de Tavora, I. Marquez de Tavora, &c. ✠ a 15 de Novemb. 1672.
          - Antonio Luiz de Tavora, II. Conde de S. Joaõ, &c.
          - A Cond. D. Archangela Maria, filha de D. Miguel, IV. Cond. de Linhar.
        - A Marq. D. Ignacia de Menezes, ✠ a 3 de Janeiro de 1695.
          - D. Rodrigo da Sylveira, Conde de Sarzedas.
          - A Cond. D. Maria Anton. de Vasc. fil. de D. Miguel, IV Cond. de Linh.
  - D. Joanna de Menezes.
    - Fernaõ Telles da Sylva, IV. Marquez de Alegrete, V. Conde de Villar-Mayor.
      - Manoel Telles da Sylva, III. Marquez de Alegrete, IV. Conde de Villar-Mayor, ✠ a 9 de Fev. de 1736.
        - Fernaõ Telles da Sylva, II. Marquez de Alegrete, III. Conde de Villar-Mayor, ✠ a 7 de Junho 1734.
          - Manoel Telles da Sylva, I. Marquez de Alegrete, &c. ✠ em Set. 1709.
          - A Marq. D. Luiza Coutinho, filha de Nuno Mascaren. Sen. de Palma.
        - D. Helena de Noronha.
          - D. Thomás de Noronha, III. Conde dos Arcos.
          - A Condessa D. Magdalena de Bourbon.
      - A Marqueza Dona Eugenia de Lorena, ✠ aos 24 de Março de 1724.
        - Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, I. Duque do Cadaval, &c. ✠ em 1727.
          - D. Francisco de Mello, III. Marq. de Ferreira, &c. ✠ em Março 1645.
          - A Marq. D. Joanna Pimentel, fil. de D. Antonio, IV. Marq. de Tavara.
        - A Duq Margarida de Lorena, ✠ a 15 de Dezembro de 1730.
          - Luiz de Lorena, Conde de Armagnac, Par, e Estrib. mór de França.
          - A Cond. Catharina de Neufvville, fil. de Nicolao, Duq. de Ville-Roy.
    - A Condessa D. Maria de Menezes.
      - Joaõ Gomes da Sylva, Conde de Tarouca, Embaixador a Utrecht, ✠ em 29 de Nov. de 1738.
        - Manoel Telles da Sylva, I. Marquez de Alegrete, &c.
          - Fernaõ Telles da Sylva, I. Conde de Villar-Mayor.
          - A Cond. D. Marianna de Mendoça, fil. de Simaõ da Cunha, Trinchante.
        - A Marqueza D. Luiza Coutinho.
          - Nuno Mascarenhas, Senhor de Palma.
          - D. Brites de Menezes, filha de D. Francisco, II. Conde de Sabugal.
      - Dona Joanna Rosa de Menezes, IV. Condessa de Tarouca.
        - D. Estevaõ de Menezes, Senhor da Casa de Tarouca, ✠ a 20 de Novemb. 1677.
          - D. Duarte de Menezes, III. Conde de Tarouca.
          - D. Luiza de Castro, filha de D. Estevaõ, I. Conde de Faro.
        - D. Helena de Noronha.
          - D. Thomás de Noronha, III. Conde dos Arcos.
          - A Condessa D. Magdalena de Bourbon.

CAPITULO XLIII.

De D. João de Sousa, Veador da Casa Real.

17 NO Capitulo XXXVIII. dissemos, que fora segundo filho dos primeiros Marquezes das Minas, D. Joaõ de Sousa, que foy Védor da Casa delRey D. Pedro II., lugar, que seu pay lhe cedeo com faculdade Real, Commendador das Commendas de Santa Maria da Villa de Prado, e de Santa Maria de Villa-Franca na Ordem de Christo, Governador de Pernambuco, General da Artilharia da Provincia do Minho com o governo das Armas, do Conselho de Sua Magestade.

Havia-o seu pay creado no exercicio da vida militar desde os seus primeiros annos, porque no anno de 1658 começou a servir com tanta pontualidade, que merecia estimaçaõ do Marquez seu pay, com quem se achou, quando passou a governar as Armas da Provincia de Alentejo; e acompanhando ao General Joanne Mendes de Vasconcellos, que sahio da Praça de Elvas a 30 de Mayo do dito anno a desalojar aos inimigos. Neste mesmo anno a 11 de Julho assentou Praça no Terço do Conde de S. Joaõ, e ficou sitiado pelos Castelhanos, até que foy soccorrida a Praça.

Quando o Marquez seu pay passou a governar

as Armas da Provincia do Minho no anno de 1660, levou comsigo a D. Joaõ de Sousa, que no anno de 1662 occupava o posto de Tenente de Couraças; e a 2 de Junho se achou no combate, que o nosso Exercito teve quasi hum dia, junto à Villa da Barca, com o dos inimigos, que recebeo perda consideravel na Infantaria, e Cavallaria. Depois foy provido em Capitaõ de Cavallos Ligeiros, de que passou para Capitaõ de Couraças da guarda do General seu pay. No anno de 1663 quando os Gallegos sahiraõ da Torre de S. Luiz Gonzaga com trezentos Infantes, e duas Companhias a saquear huma Aldea pouco distante do Forte, o que soube o Conde de Prado, e empenhou na sua defensa a seu filho D. Joaõ de Sousa, que com grande diligencia entrou na Aldea antes que os Gallegos chegassem a ella; e com tanto valor a defendeo, que os obrigou a retiraremse, sem conseguirem o seu intento; e já no anno de 1664 era Mestre de Campo do Terço da Guarniçaõ da Praça de Setuval; e no seguinte embarcou com o Terço da Armada a correr a Costa, sendo Governador da Nao de guerra Rainha Santa, e tendo encontro com huns Navios de Argel, foy no seu alcance com tanto vigor, que hum por se livrar deu à costa. Na Armada, que foy em soccorro de Ouraõ, teve o governo da Fragata S. Francisco de Borja, havendo servido assim na terra, como no mar, com grande distinçaõ. Quando o Marquez seu pay passou por Embaixador Extraordinario a Roma, o acompanhou D. Joaõ de Sousa,

Sousa, como se disse no Capitulo XXXVIII, quando tratámos do mesmo Marquez.

Passou no anno de 1681 a governar a Capitanía de Pernambuco, por Patente de 6 de Novembro do dito anno, que governou suavemente, porque era prudente; e voltando ao Reyno, continuou em servir o lugar de Veador da Casa delRey D. Pedro, que depois o empregou no governo das Armas da Provincia do Minho, com Patente de General da Artilharia, onde morreo a 6 de Fevereiro do anno de 1703. Casou com D. Maria de Nazareth e Lima, viuva de D. Noutel de Castro, Conde de Mesquitella, à qual ElRey conservou as honras de Condessa, sem embargo de naõ ser Conde seu segundo marido. Faleceo a 13 de Novembro de 1718. Era filha de Dom Diogo de Lima, VIII. Visconde de Villa-Nova da Cerveira, do Conselho de Estado, &c. e da Viscondessa D. Joanna de Vasconcellos, como fica dito; e tiveraõ os filhos seguintes:

18 D. Francisco Xavier Pedro de Sousa, Capitulo XLIV.

18 D. Diogo de Sousa nasceo em Vianna no primeiro de Mayo de 1690, foy Capitaõ de Cavallos, e he Coronel do Regimento da Cidade do Porto.

CAPITULO XLIV.

De Dom Francisco Xavier Pedro de Sousa, Veador da Casa Real.

18 NAsceo Dom Francisco Xavier Pedro de Sousa a 14 de Fevereiro de 1689 em Lisboa, e succedeo no Morgado, que seus pays instituiraõ, e nos mais bens, que havia na Casa. He Commendador de S. Miguel de Villa-Franca, Santa Maria de Prado no Arcebispado de Braga, S. Miguel de Outeiro, e Santa Maria de Ventosa no Bispado de Coimbra, Santo Euricio de Nespeira no de Lamego, todas na Ordem de Christo, e da de Benagazil no Arcebispado de Evora, e Védor da Casa delRey Dom Joaõ V. Servio na guerra, como devia ao seu nascimento, e foy Capitaõ das Guardas do Marquez das Minas seu tio.

Casou no anno de 1707 com D. Mecia de Mendoça, filha de D. Luiz Manoel de Tavora, IV. Conde de Atalaya, do Conselho de Estado, e Governador das Armas do Minho, e de sua segunda mulher a Condessa D. Francisca de Mendoça, como se vê a pag. 563 do Tomo XI., e até ao presente naõ tem successaõ.

CAPITULO XLV.

De D. Luiz de Sousa.

15 DIssemos no Capitulo XXXVI. ser quinto filho de D. Francisco de Sousa, e de sua segunda mulher D. Violante Henriques, D. Luiz de Sousa; estudou em Coimbra, e largando esta vida, seguio a militar, e acompanhou a seu pay, quando passou por Capitaõ General das Capitanías do Sul, e por sua morte lhe succedeo no governo, em virtude da faculdade Real, que a seu pay fora concedida de poder nomear o dito governo, o que fez em seu filho D. Luiz de Sousa, em que entrou a 11 de Junho de 1611, sendo Governador, e Capitaõ General Dom Diogo de Menezes, até que lhe succedeo Gaspar de Sousa, com a faculdade de reunir outra vez aquellas Capitanías ao governo da Bahia, de que tinhaõ sido separadas, em virtude do que D. Luiz de Sousa entregou o governo a Martim de Sá seu Procurador, como consta de huma certidaõ, que vimos da Camera do Rio de Janeiro, passada a 24 de Abril de 1613. Naõ voltou D. Luiz ao Reyno, e casou em Pernambuco com Dona Catharina Barreto, filha de Joaõ Paes Barreto, Senhor de Dez Engenhos, e de sua mulher D. Ignez Guedes, pessoas das principaes daquella Capitanía; e tiveraõ os filhos seguintes:

D.

16 D. FRANCISCO DE SOUSA, que servio no Brasil na guerra contra os Hollandezes, e depois na guerra da Acclamaçaõ contra Castella; foy Governador de Alconchel, valeroso, porém pouco acautelado; porque sahindo da Praça, foy prisioneiro dos Castelhanos, e sendo trocado, servio na marinha, e foy Capitaõ do Galeaõ Leaõ Coroado da Armada, que no anno de 1650 sahio contra a Armada do Parlamento, e na tormenta, que ella correo, encontrou a Armada; e naõ reparando na grande desigualdade pelejou, sustentando com valor desmedido huma cruel contenda. Naõ se rendeo o seu navio em quanto lhe durou a vida, e sendo morto de huma balla de artilharia, e a mayor parte dos seus, foy tomado pelos Inglezes.

* 16 D. JOAÕ DE SOUSA, adiante.

16 D. PEDRO DE SOUSA, que servio no Brasil.

16 D. ANTONIO, e D. LUIZ, que morreraõ meninos.

16 D. VIOLANTE, e D. MARGARIDA DE SOUSA, de que naõ sabemos, que tivessem estado.

* 16 D. JOAÕ DE SOUSA, servio na guerra da Acclamaçaõ, e foy Mestre de Campo em Pernambuco do Terço, que foy de André Vidal de Negreiros, Commendador de Santo Euricio, e de S. Fins, por merce delRey D. Joaõ IV. Naõ casou com D. Ignez Barreto sua prima com irmãa, filha de Filippe Paes Barreto, e de Dona Brites de Albuquerque, de quem teve natural

D. LUIZ

17 D. Luiz Antonio de Sousa, que parece naõ teve estado.

17 D. Francisco de Sousa, foy Commendador de Santo Euricio na Ordem de Christo, e Mestre de Campo em Pernambuco, onde casou com D. Ursula de Lacerda, filha de Filippe Cavalcanti de Albuquerque, e de D. Maria de Lacerda, de quem teve

18 D. Joaõ de Sousa, Cavalleiro da Ordem de Christo, com promessa de Commenda. Casou no Reyno com Dona Maria Bernarda de Vilhena, filha de D. Lourenço de Sottomayor, e de sua mulher D. N. . . . . . sem successaõ.

CAPITULO XLVI.

De Pedro de Sousa.

10 NO Capitulo X. escrevemos, que Martim Affonso de Sousa, VI. Senhor do Mortagua, casado com D. Violante Lopes de Tavora, tivera por terceiro filho a Pedro de Sousa: foy Senhor de Prado, servio a Casa de Bragança sendo moço, depois passou a Castella, sendo a causa a morte de seu sobrinho Martim Affonso de Sousa, vingada por outro sobrinho do mesmo nome, como dissemos a pag. 798; lá viveo com o Conde de Benavente, que lhe deu a Alcaidaria mór de Seabra, pelo que foy conhecido com o nome de Seabra; e voltando ao Reyno, foy Veador

Veador da Casa delRey Dom Affonso V., a quem acompanhou quando entrou em Castella; e estando em Çamora, por satisfazer a ElRey, largou o officio de Veador da sua Casa para o dar a Joaõ de Porras. Achou-se na batalha de Touro, e depois o mandou ElRey a França a participar a ElRey Luiz XI., que passava àquelle Reyno a tratar pessoalmente cousas importantes a ambos.

Nobiliario do D. Antonio de Lima, titulo de *Pinheiros*. Gaspar Alvares de Lousada, *Apologia dos Pinheiros*.

Casou com D. Maria Pinheira, filha de Pedro Esteves Cogominho, Doutor em Leys, Cavalleiro da Ordem de Aviz, e da Casa do Duque de Bragança, Desembargador, e Ouvidor de todas as suas terras, Coudel de Guimaraens, e do Conselho delRey, Védor das obras de Entre Douro e Minho, e Traz dos Montes; e de sua mulher Isabel Pinheira, filha de Martim Gomes Lobo, Doutor em Leys, grande Letrado, Ouvidor geral das terras do Duque de Bragança o Senhor D. Affonso, e de sua mulher Mór Pinheira; e tiveraõ os filhos seguintes:

11 Lopo de Sousa, Capitulo XLVII.

11 Gonçalo de Sousa, Capitulo LI.

11 Pedro de Sousa, que foy Thesoureiro mór da Sé de Lisboa, e teve outros Beneficios.

11 Sebastiaõ de Sousa, que morreo sem successaõ.

11 Joaõ de Sousa, Capitulo LII.

11 D. Violante de Tavora, que casou com Ruy de Sousa, como se disse a pag. 775, e depois foy segunda mulher de D. Alvaro de Ataide, Senhor

Senhor da Castanheira, Póvos, e Chelleiros, que faleceo no anno de 1505; e a dita sua mulher morreo a 3 de Julho de 1555, de quem nasceo unico = 12 D. Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira, Védor da Fazenda delRey D. João III., Senhor de Póvos, e Chelleiros, de quem tratámos, por casar com D. Anna de Tavora, a pag. 71 deste Tomo.

11 D. Isabel de Sousa casou com D. João de Castro, Senhor de Reriz, e Bem-Viver, de quem nasceo entre outros filhos, de que naõ se conserva descendencia, = 12 D. Simaõ de Castro, que casou com D. Margarida de Castro, como dissemos a pag. 411 deste Tomo.

CAPITULO XLVII.

De Lopo de Sousa, Senhor de Prado.

11 FOy primogenito de Pedro de Sousa, Lopo de Sousa, que continuou no serviço da Casa de Bragança, e foy Ayo do Duque D. Jayme, que lhe deu o senhorio das terras de Prado, &c. e Alcaide mór de Bragança, e de Outeiro, com as datas dos officios. Era Fidalgo de muita estimaçaõ, que servia com authoridade, tendo huma Casa muy luzida, e pomposa.

Casou com D. Brites de Albuquerque, filha de Joaõ Rodrigues de Sá, Senhor de Sever, Paiva, Baltar,

e Matosinhos, Alcaide mór do Porto, e de D. Joanna de Albuquerque sua terceira mulher, de quem teve os filhos seguintes:

12 MARTIM AFFONSO DE SOUSA, Capitulo XLVIII.

12 PEDRO LOPES DE SOUSA, Capitulo L.

12 JOAÕ RODRIGUES DE SOUSA, que passou a servir à India, foy morto em tempo do Governador Nuno da Cunha no combate naval, sendo Capitaõ de hum Navio da Armada de D. Paulo da Gama, quando pelejou com Laqueixama, Cabo da Armada delRey de Vintana, acabando valerosamente nesta empreza.

12 D. ISABEL DE ALBUQUERQUE, mulher de Antonio de Brito, que foy Capitaõ de Cochim, e depois da Mina, onde morreo; e tiveraõ = 13 D. LUIZA DE ALBUQUERQUE, que casou com D. Joaõ da Sylva, filho herdeiro de D. Alvaro da Sylva, III. Conde de Portalegre, de quem naõ teve successaõ.

12 D. CATHARINA DE ALBUQUERQUE, que foy Religiosa.

CAPI-

CAPITULO XLVIII.

De Martim Affonso de Sousa, Governador da India.

12 SUccedeo a Dom Lopo de Sousa seu filho Martim Affonso de Sousa, e foy Senhor de Prado, e Alcaide mór de Bragança: servio algum tempo ao Duque de Bragança D. Theodosio I. do nome; mas como era de hum espirito elevado, e queria esféra onde se dilatasse em cousas grandes, largou a Alcaidaria mór de Bragança, e outras merces, que tinha do Duque, para servir ao Principe D. Joaõ, filho delRey D. Manoel. Depois foy a Castella, e esteve algum tempo em Salamanca; e voltando a Portugal, ElRey D. Joaõ III., que já reynava, o recebeo com muita estimaçaõ, e honra; porque Martim Affonso de Sousa foy hum Fidalgo em quem concorreraõ muitas partes, porque era valeroso, dotado de entendimento, e talento grande.

Determinou ElRey D. Joaõ mandar huma Armada ao Brasil, com o projecto do descobrimento do Rio da Prata, e encarregou negocio taõ importante a Martim Affonso de Sousa, que chegando ao Brasil, e encontrando huns Navios Cossarios Francezes, que andavaõ naquella altura, tomando huns, lançou todos fóra daquella Costa. O que nesta via-

gem obrou foy tanto do serviço, e satisfaçaõ, que ElRey lhe agradeceo, deixando no seu arbitrio todas as disposições daquella Conquista: foy a Carta feita em Lisboa a 28 de Setembro de 1532.

Prova num. 33.

Naõ devia ser muita a dilaçaõ de Martim Affonso de Sousa na America, porque já no anno de 1534 se achava em Portugal. ElRey D. Joaõ reconhecendo as muitas virtudes, de que Martim Affonso se ornava, e o quanto seria util ao seu serviço a sua pessoa na India, o mandou servir naquelle Estado com o posto de Capitaõ mór do mar Indico; e no dito anno embarcou na Armada de cinco Naos, que elle governava. Chegou à India, e o Governador Nuno da Cunha reflectio, que ElRey em Martim Affonso de Sousa lhe mandava naõ só Capitaõ mór do mar, mas companheiro, e successor no governo. No fim deste anno o Governador o meteo de posse, mandando-o sobre a Praça de Damaõ, situada no Reyno de Cambaya, com quarenta vélas, e quinhentos Portuguezes, que rendeo, sendo mortos quasi todos os inimigos, e a Fortaleza foy arrazada. ElRey de Cambaya temendo mayores perdas, querendo na amisade dos nossos evitalla, pedio pazes ao Governador do Estado Nuno da Cunha, que foraõ juradas solemnemente, com a condiçaõ de *dar a ElRey de Portugal para sempre Baçaim, com as terras firmes com toda a jurisdicçaõ; que todas as Naos daquelle Reyno, que navegassem pelo mar Roxo, sahiriaõ de Baçaim, e alli volturiaõ a pagar os*

Faria, *Asia Portugueza*, tom. I. pag. 296.

os direitos; que todas as outras, que navegassem para outras partes, o naõ fariaõ sem licença do Estado; que em nenhum porto dos seus se fabricariaõ Naos de guerra; e que naõ favoreceriaõ mais os Rumes. Estas duras condições se adoçaraõ algumas a favor delRey de Cambaya, e se vieraõ a moderar quando concedeo levantarse a Fortaleza de Dio. Esta Fortaleza foy conseguida por negociado de Martim Affonso, quando no anno de 1535 se achava em Chaul, com tanto nome, e respeito, que Badur o rogou, advertindolhe o quanto lhe importava, que a dita Fortaleza se levantasse naquella Praça. Participou logo a Nuno da Cunha negocio de tanta importancia, pedindolhe licença para ir praticar este negocio em tempo taõ opportuno. Negoulha Nuno da Cunha, porque naõ se accommodava, que outro, e naõ elle, concluisse hum negociado taõ desejado do seu Soberano, e despachou ao Secretario Simaõ Ferreira por Embaixador a Badur para tratar o negocio: porém Badur vendo, que as idéas de ganhar ao Mogor se lhe frustravaõ, persuadido de sua mãy, e dos seus, de que concedesse a Fortaleza de Dio aos Portuguezes, porque em o seu favor teriaõ mayor fortuna; sem demora a mandou offerecer a Martim Affonso a Chaul, onde tambem teve recado do Mogor, com o mesmo offerecimento, porque já se suppunha dono da Cidade; porque bem sabiaõ o quanto os Portuguezes a desejavaõ. Avisou Martim Affonso ao Governador, e partio juntamente para Dio, satisfazendo ao que Badur

Dito liv. pag. 308.

Badur lhe rogava; e dizia ao Governador, que por naõ arriscar o bom successo na dilaçaõ da sua reposta, partia. No mar encontrou ao Secretario Simaõ Ferreira, e chegaraõ em 21 de Setembro a Dio; e finalmente conseguio a sua industria a taõ celebre Fortaleza de Dio.

Couto, *Decada* 5. liv. 1. cap.4. pag.10.

No anno de 1536 foy mandado Martim Affonso de Sousa à Costa do Malavar, e destruîo, e assolou todos os lugares maritimos do Reyno do Çamorim, que estava com os seus Alliados todos os Principes de Repelim, que destruîo. Estas, e outras emprezas lhe conseguiraõ respeito, e temor na Asia; e voltando para o Reyno, succedeo depois a morte do Vice-Rey Dom Garcia de Noronha, que foy a 3 de Abril de 1540; e aberta a Via da successaõ, se achou nomeado Martim Affonso de Sousa; e como havia voltado para o Reyno, succedeo D. Estevaõ da Gama no governo, que os seus parentes quizeraõ dilatar: porém o Conde da Castanheira, primo de Martim Affonso, o fez nomear para Governador da India, para onde partio a 7 de Abril de 1541 com quatro Naos, levando comsigo a S. Francisco Xavier: porém por varios successos da viagem, entrou em Goa a 6 de Mayo de 1542; e dando principio ao seu governo, pelo que pertencia à justiça, e fazenda, no que utilisou o Estado, conseguio respeito as nossas armas; porque tratou os negocios com grande zelo, e actividade, poupando o superfluo, e sabendo despender o necessario; desempenhou o Estado de grossas

Dita *Decada*, pag.191.

ſas quantias. Conſeguio glorioſos ſucceſſos no mar, e na terra, porque o ſeu nome era o terror dos inimigos; e aſſim entre as muitas vitorias, desbaratou a ElRey de Calecut, e fez tributarios à Coroa Portugueza os Reys de Jafanapataõ, e Tranvacor, deixando do ſeu governo na noſſa hiſtoria honrada memoria. No anno de 1545 lhe ſuccedeo D. Joaõ de Caſtro; e voltando para o Reyno, foy Senhor de Alcoentre, que comprou ao Marquez de Villa-Real. Inſtituîo hum Morgado, foy Donatario das Capitanías de Santa Anna, e S. Vicente na Coſta do Braſil, e do Conſelho delRey D. Joaõ III., Commendador de Maſcarenhas na Ordem de Chriſto. Era de gentil preſença, agradavel, com grande talento, e prudencia; e aſſim o ſeu voto no Conſelho era eſtimado. Apreſſado nas ſuas couſas, mas com tal talento, que parecia media o tempo, porque as medidas naõ lhe faltavaõ; de ſorte, que parecia adevinhava os ſucceſſos, pela viveza do diſcurſo, com que os penetrava, prevenindo os caſos. Sendo moço, em vida de ſeu pay, paſſando o Graõ Capitaõ D. Gonçalo Fernandes de Cordova, o hoſpedou com grandeza, e o mandou acompanhar pelo filho fóra da Cidade. Ao diſpedirſe delle, pertendeo darlhe hum colar rico de ouro, e pedraria, que trazia ao peſcoço; e fazendo acçaõ para o lançar no de Martim Affonſo de Souſa, ſe affaſtou, moſtrando, que o naõ queria; e vendo o Graõ Capitaõ tal brio, lhe diſſe, que entendia, que elle ſó eſtimava armas; e tirando a eſpada, que tra-

zia

zia à cinta, a deu a Martim Affonso, que elle estimou tanto, que nos dias mais solemnes a cingia por melhor adorno. Morreo a 21 de Julho de 1564. Jaz em S. Francisco de Lisboa.

Casou com D. Anna Pimentel, Dama da Rainha D. Catharina, filha de Arias Maldonado, Commendador de Eliche, Regedor de Salamanca, e Talavera, que deixou o habito da Ordem de Alcantara para casar no anno de 1494; depois tomou o da Ordem de Santiago, e foy Commendador de Estriana. Morreo em Sevilha em Março de 1511, havendo casado com D. Joanna Pimentel, Dama da Rainha Catholica, irmãa de D. Bernardino Pimentel, I. Marquez de Tavara, filhos de D. Pedro Pimentel, Senhor de Tavara, Commendador de Castro-Torase na Ordem de Santiago, que morreo a 6 de Fevereiro de 1504, irmaõ inteiro de Dom Rodrigo Affonso Pimentel, III. Conde de Benavente. Foy este casamento feito por D. Pedro, dotando sua filha, com assistencia de seu irmaõ o Conde de Benavente de sua parte, da outra o Doutor Rodrigo Maldonado, que assinaraõ a Escritura: foy feito este contrato na Villa de Tordesilhas a 3 de Junho de 1494. Era Arias Maldonado filho de Rodrigo Maldonado, do Conselho dos Reys Catholicos, Embaixador a França, e Portugal, Senhor de Babilafuente, e Avedilho, Regedor de Talavera, e Salamanca, que morreo a 16 de Agosto de 1514, e de sua mulher D. Maria Alvares de Porras, que morreo no anno de 1517. E foy neto de Diogo Maldo-

Salazar de Castro, *Casa de Lara*, tomo 2. pag. 707.
Imhoff, *Genealog. in Hispan Pimenteli stirpis*, pag. 231.

Prova num. 34.

Maldonado, Senhor de Villanueva, Alcaide mór de Talavera, e de sua mulher D. Theresa Carrilho, e filho de Ruy Dias Maldonado, Senhor do Lugar de Villanueva, Solar dos Maldonados, como escreveo D. Luiz de Salazar na estimadissima Obra da Casa de Lara. Desta uniaõ teve os filhos seguintes:

13 PEDRO LOPES DE SOUSA, Capitulo XLIX.

13 LOPO RODRIGUES DE SOUSA, que morreo indo na companhia de seu pay para a India.

13 RODRIGO AFFONSO DE SOUSA, que entrando na Religiaõ de S. Domingos, professou com o nome de Fr. Antonio de Sousa a 7 de Março de 1557. Estudou em Lovaina, e foy bom Letrado, e Religioso de muita observancia, foy eleito Prior de S. Domingos de Lisboa, e depois Provincial no anno de 1550, que exercitou com acerto, e Mestre da Ordem, e Prégador delRey D. Filippe II. No anno de 1580 passou a Roma ao Capitulo Geral da sua Ordem. O Papa Clemente VIII. o nomeou por Vigario Geral de toda a Ordem dos Prégadores a 22 de Agosto de 1594. Depois sendo chamado a Roma com a certeza do Papa o fazer Cardeal, e pedindo licença a ElRey, naõ só lha negou, mas lho impedio. As suas letras, virtude, e illustre nascimento fizeraõ, que ElRey o nomeasse no Bispado de Viseu a 4 de Dezembro de 1595, que governou com prudencia, e religiaõ: porém faltandolhe a vida em Mayo de 1597, se privaraõ as suas ovelhas de hum excellente Prelado. Morreo em Lisboa, aonde as queixas o

Nobiliarios, de D. Luiz Lobo, e Diogo Gomes de Figueiredo.

Historia de S. Domingos, part. 3. liv. 1. cap. 2.

trouxera para se curar, em huma Quinta no Campo Grande, junto da dita Cidade. Jaz na Castanheira no Convento dos Capuchos de Santo Antonio, onde tem este Epitafio, que lhe mandou pôr D. Jorge de Ataide, que havia sido Bispo da mesma Diocesi, e era Capellaõ mór, seu parente.

D. O. M.

Fr. Antonio de Sousa, filio Martini Alphonsi de Sousa, & Annæ Pimentel professo Ord. Præd. in quo per XL. annos Religios. vixit, & pro variis muneribus in eo administratis multas Christiani Orbis partes peragravit ac tandem ad Episcopatum Visensem assumptus annum LVI. agens decessit I. Maii M.CIↃDXVII.

Georgius Episcop. amico, & consanguineo, charissimo.

13 Gonçalo Rodrigues de Sousa, morreo sem successaõ.

13 D. Ignez Pimentel, que casou com D. Antonio de Castro, IV. Conde de Monsanto, como dissemos a pag. 949 do Tomo XI., aonde se póde ver a sua esclarecida descendencia.

D.

13 D. Brites Pimentel, que morreo estando concertada para casar com Dom Luiz de Ataide, depois III. Conde de Atouguia, Vice-Rey da India.

13 Tristaõ de Sousa, illegitimo, que passou à India no tempo do Vice-Rey D. Constantino: foy Capitaõ de Moluco. Casou naquelle Estado, e teve a Luiz de Sousa, que foy Religioso da Ordem dos Prégadores.

CAPITULO XLIX.

De Pedro Lopes de Sousa, Senhor de A'coentre.

13 SUccedeo na Casa a Martim Affonso de Sousa seu filho primogenito Pedro Lopes de Sousa, e foy Senhor de Alcoentre, e Tagarro, Alcaide mór de Rio-Mayor, Capitaõ Donatario das Capitanías de Santa Anna, e S. Vicente no Brasil, Commendador de Mascarenhas na Ordem de Christo, e Embaixador delRey D. Sebastiaõ a Castella, a quem servio com grande zelo, e o acompanhou na segunda vez, que passou à Africa, e foy morto na batalha de Alcacer em 4 de Agosto de 1578. Casou com Dona Catharina da Guerra, filha de D. Francisco Pereira, Commendador do Pinheiro, e de sua mulher D. Francisca da Guerra; e tiveraõ os filhos seguintes:

14 Martim Affonso de Sousa, que acom-

panhando ao meſmo Rey à Africa, foy morto com ſeu pay.

14 LOPO DE SOUSA, que pela morte de ſeu irmaõ foy Senhor de Alcoentre, e de toda a Caſa de ſeu pay: foy de genio inquieto, e de vida licencioſa; aſſim o mataraõ de hum tiro junto a ſua caſa no anno de 1610. Havia caſado, como naõ devia, com huma criada de ſua mãy, com a qual depois naõ viveo, nem della teve ſucceſſaõ. Teve illegitimo a LOPO DE SOUSA, que paſſou a ſervir à India no anno de 1611, e foy Capitaõ mór de Malaca em tempo de Fernaõ de Albuquerque, e morreo na Cafraria, quando ſe perdeo a Nao S. Joaõ, havendo procedido com muita diſtincçaõ.

14 MANOEL DE SOUSA, que tomando o habito da Ordem dos Prégadores, em obſequio de ſeu tio o Biſpo D. Fr. Antonio de Souſa, ſe chamou Fr. Antonio de Souſa; e ſeguindo-o em tudo, foy bom Letrado, Theologo, e Canoniſta, peſſoa de authoridade, Meſtre de Theologia dos do numero da ſua Provincia, Deputado da Inquiſiçaõ de Lisboa, por Proviſaõ de 7 de Abril de 1618, e depois do Conſelho de Sua Mageſtade, e do Geral do Santo Officio, em que entrou a 8 de Junho de 1626, que occupou até à morte, que foy no Convento de S. Domingos de Lisboa no anno de 1632, deixando do ſeu nome eſclarecida memoria, e entre outras Obras, a que intitulou *Aphoriſmi Inquiſitorum*, que ſe imprimio diverſas vezes, a primeira no anno de 1630.

Mi-

14 Miguel de Sousa, que morreo sem estado.

14 D. Marianna de Sousa da Guerra, que casou com D. Francisco de Faro, I. Conde de Vimieiro; e por morte de seus irmãos, veyo a ser herdeira da Casa, como se disse a pag. 639 do Tomo IX.

CAPITULO L.

De Pedro Lopes de Sousa, Senhor de Itamaracá.

12 NO Capitulo XLVII. dissemos, que fora segundo filho de Lopo de Sousa, e de sua mulher D. Brites de Albuquerque, Pedro Lopes de Sousa, que acompanhando a seu irmaõ Martim Affonso de Sousa, mandando huma Nao, se achou naquelle combate naval, que teve com os Cossarios Francezes, que andavaõ na Costa do Brasil, rendendo huma Nao dos inimigos, que destruiraõ com grande valor, e fortuna. ElRey Dom Joaõ III. lhe fez merce da Capitanía de Itamaracá, que elle povoou, da qual lhe fez Doaçaõ de juro, e herdade para elle, e todos seus filhos, netos, herdeiros, e successores, assim descendentes, como transversaes, e collatares; contém oitenta legoas de terra na Costa do Brasil, com a jurisdicçaõ civel, e crime, ainda que com alguma

guma limitaçaõ pelo que reſpeita à ſoberanía, com Alcaidarias móres de todas as Villas, e Povoações das ditas terras, com outras mais prerogativas, naõ vulgares, tudo de juro para ſempre, para ſeus filhos, filhas, e deſcendentes, ſem embargo da Ley Mental; e que todos os que ſuccederem na dita Capitanía, e a herdarem, por qualquer via que ſeja, uſaráõ do Appellido, e Armas de Souſa, com todas as clauſulas neceſſarias para ſempre ter vigor a dita Doaçaõ, que foy paſſada em Evora no primeiro de Setembro de 1534. Neſte meſmo anno foy por Capitaõ de huma das Naos da Armada, que foy a Tunes, de que era General Antonio de Saldanha com o Infante Dom Luiz; e voltando ao Reyno com honrado nome, que já havia conſeguido nas demais emprezas, em que ſe achara, foy occupado na Armada de guarda Coſta dous annos, em que ſervio com acerto. No anno de 1539 foy mandado à India por Capitaõ mór da Armada, que ſe compunha de quatro Naos, que El-Rey mandou àquelle Eſtado; em Setembro daquelle meſmo anno entrou na barra de Goa. Depois voltando para o Reyno na Nao Gallega, a devia tragar o mar, porque della ſe naõ ſoube mais; acabando nella hum inſigne Capitaõ, ornado de valor, e excellentes partes, que competia com ſeu irmaõ; ſuppoſto naõ faltou quem o notaſſe de altivo, de que ſe ſeguiraõ algumas acções, que ſe lhe eſtranharaõ: porém Dom Luiz da Sylveira convence a Diogo de Couto, de que ſe enganara.

Caſou

Casou com D. Isabel de Gamboa, filha de Thomé Lopes de Andrade, Feitor em Flandes, e da Casa da India, de quem teve

13 MARTIM AFFONSO DE SOUSA, que foy Senhor de Itamaracá, e passou à India no anno de 1558, e foy morto em Baharem com D. Alvaro da Sylveira.

13 D. JERONYMA DE ALBUQUERQUE, que veyo a ser herdeira, e Senhora de Itamaracá. Casou com D. Antonio de Lima de Miranda, Commendador de Pancalvos, Senhor do Morgado da Landeira, de quem nasceo, entre outros filhos, D. ISABEL DE LIMA, que foy Senhora de Itamaracá, que casou com Francisco Barreto de Lima, Védor da Casa Real, Commendador, e Alcaide mór de Pena-Garcia, e naõ tiveraõ successaõ; e havendo de passar a transversaes, contendeo D. Luiz de Castro, Lopo de Sousa, e a Condessa de Vimieiro D. Maria da Guerra; e correndo a causa, foy julgada a D. Alvaro Pires de Castro, filho do Conde D. Luiz, sem embargo de ser da linha feminina, e a Condessa de Vimieiro da masculina, mulher do Conde de Vimieiro D. Francisco de Faro: foy proferida a Sentença em Lisboa a 20 de Mayo de 1615; e assim ElRey lhe passou Doaçaõ por successaõ, por ser reputado este Senhorio de Morgado, como se vê da dita Doaçaõ, que se póde ver nas *Provas*. O Doutor Gabriel Pereira de Castro nas suas *Decisoens* faz desta Sentença mençaõ na decisaõ 59.

Prova num. 35.

CAPI-

CAPITULO LI.

De Gonçalo de Souſa.

11 FOy ſegundo filho de Pedro de Souſa, como ſe diſſe no Capitulo XLVI., Gonçalo de Souſa, que viveo em Evora, a quem naquelle tempo chamaraõ o *Lavrador*; porque com grande cuidado ſe dava às lavouras, naõ deixando outra alguma memoria. Caſou com D. Leonor Ribeiro de Vaſconcellos; e tiveraõ

12 CHRISTOVAÕ DE SOUSA, e outros, que morreraõ ſem geraçaõ.

12 MANOEL DE SOUSA, que no anno de 1518 paſſou a ſervir à India com o Governador Nuno da Cunha, com o poſto de Capitaõ mór do mar de Ormuz. Achou-ſe na tomada de Mombaça, e outras emprezas, em que conſeguio reputaçaõ. Foy o primeiro Capitaõ de Dio, moſtrando grande zelo, e valor, em caſos que lhe aconteceraõ. Ultimamente indo a prender a ElRey de Cambaya, foraõ ambos ao mar, e morreraõ affogados no anno de 1537.

12 D. VIOLANTE DE SOUSA, foy primeira mulher de Pedro da Fonſeca, Eſcrivaõ da Chancellaria delRey D. Joaõ III., que hoje ſe diz Superintendente, Senhor das Ilhas de Santo Antaõ, Corvo, e Flores; e tiveraõ = 13 GONÇALO DE SOUSA DA FONSECA,

SECA, que foy Senhor das ditas Ilhas; e casando com D. Brites de Tavora, filha de Bernardim de Tavora, Reposteiro mór, naõ tiveraõ successaõ.

CAPITULO LII.

De Joaõ de Sousa.

11 FOy ultimo filho de Pedro de Sousa, como fica escrito no Capitulo XLVI., Joaõ de Sousa, que seguindo a vida Ecclesiastica, foy Abbade de Rates, sete legoas acima do Porto, onde viveo com bastante dissoluçaõ, e pouca memoria do seu estado; porque de Mecia Rodrigues de Faria, mulher nobre dos Farias de Barcellos, teve os filhos seguintes:

Nobiliario de Diogo Gomes de Figueiredo.

* 12 THOMÈ DE SOUSA, com quem se continúa.

12 JOAÕ DE SOUSA, passou a servia à India, onde morreo com reputaçaõ.

12 FRANCISCO DE SOUSA, foy Religioso da Ordem de S. Jeronymo.

12 RODRIGO DE SOUSA, foy Cavalleiro da Religiaõ de Malta.

12 LUIZ DE SOUSA, foy Conego Secular de S. Joaõ Euangelista, onde se chamou Luiz de S. Joaõ.

12 PEDRO DE SOUSA, foy Clerigo, de profissaõ Theologo, e teve muitos Beneficios.

12 D. HELENA DE TAVORA casou com Hen-

rique Pereira, que morreo Corregedor em S. Thomé, de quem nafceo = 13 D. CATHARINA DE SOUSA, mulher de Nicolao Giraldes, Fidalgo da Cafa Real, por Alvará feito em Lisboa a 23 de Mayo de 1561; e tiveraõ = * 14 LUCAS GIRALDES, adiante. = 14 FRANCISCO GIRALDES, fem eftado. = 14 JOAÕ DE SOUSA, Clerigo. = 14 NICOLAO GIRALDES, fem eftado. = 14 D. CATHARINA DE SOUSA, que cafou com Joaõ Alvares de Paiva, fem fucceffaõ. = 14 D. JULIANA DE SOUSA, que foy fegunda mulher de D. Joaõ de Caftro, Senhor de Reriz, e Bem-Viver, como fe diffe a pag. 412 defte livro. = * 14 LUCAS GIRALDES, fervio no Paço de Moço Fidalgo: morreo na batalha de Alcacer no anno de 1578. Naõ cafou, e teve = * 15 FRANCISCO GIRALDES, adiante. = 15 D. LUIZA GIRALDES, que cafou com D. Francifco de Portugal, Commendador da Fronteira, Eftribeiro mór do Principe D. Joaõ, e delRey Dom Sebaftiaõ, feu Védor da Fazenda, Sumilher, e do Confelho de Eftado, como diffemos a pag. 607 do Tomo X., onde fe póde ver. = * 15 FRANCISCO GIRALDES, foy Commendador da Ordem de Chrifto, Embaixador em França, e Inglaterra, do Confelho da Fazenda, e Governador do Brafil. Cafou com D. Lucrecia de Lafetá, filha de Carlos Doria, e de fua mulher Dona Lucrecia de Lafetá, filha de Joaõ Francifco de Lafetá, Fidalgo de Milaõ, e Cremona, de quem nafceo = 16 D. MARIA DE LAFETÀ, que cafou com Francifco de Sá e Menezes, filho de Sebaftiaõ

bastiaõ de Sá, irmaõ de Francisco de Sá, I. Conde de Matosinhos, que foy Alcaide mór, e Commendador de Sines de Rabadim na Ordem de Santiago; e tiveraõ = 17 SEBASTIAÕ DE SA', que foy Commendador, e Alcaide mór de Sines, que morreo no anno de 1665, havendo sido casado com D. Violante Mascarenhas, filha de Pedro Mascarenhas, Governador da Mina, e de sua mulher D. Maria de Mendoça; e tiveraõ = 18 ANTONIO DE SA', que passou a servir à India, e lá morreo. = * 18 D. MARIANNA DE SA' E MENEZES, adiante. = 18 D. LUIZA, Freira em Santa Martha de Lisboa. = 18 JOAÕ DE SA', que passou à India, e lá casou, e parece naõ teve descendencia. = * 18 D. MARIANNA DE SA' E MENEZES casou com Luiz Nunes Coronel; e tiveraõ = * 19 LUIZ GOMES DE SA' E MENEZES, adiante. = 19 FRANCISCO DE SA' DE MENEZES, que casou com D. Margarida da Sylva, filha de D. Fernando da Sylva, e de sua mulher Dona Brites de Menezes, de quem nasceo = 20 D. MARIA DE SA' DE MENEZES, que casou com Francisco Cabral, irmaõ de Fernaõ Cabral, Senhor de Azurara, Alcaide mór de Belmonte, sem successaõ. = * 19 LUIZ GOMES CORONEL DE SA' E MENEZES casou com D. Maria de Portugal, com a successaõ que dissemos a pag. 834 do Tomo X.

12 D. JULIANA DE TAVORA casou com Jorge Lopes de Sousa Encerrabodes, de quem nasceo = 13 D. HELENA DE TAVORA, que casou com Fer-

naõ Gomes de Quadros, Senhor da Liziria de Tavarede, de quem teve, entre outros filhos, sem geraçaõ, ⩶ * 14 Pedro Lopes de Quadros, adiante. ⩶ 14 D. Juliana de Tavora, que casou com Joaõ da Cunha, Senhor de Antanhol, sem successaõ. ⩶ * 14 Pedro Lopes de Quadros, que foy Senhor da Liziria de Tavarede, onde viveo. Casou com D. Maria de Carvalho, filha de Belchior do Amaral, Desembargador do Paço, e de sua mulher D. Maria de Abreu, de quem nasceo entre outros filhos, sem successaõ, ⩶ 15 Fernaõ Gomes de Quadros, que casou com Dona Maria de Tavora, como se disse a pag. 669 do Tomo XI.

12 D. Isabel, e D. Antonia de Tavora, Freiras.

12 Thomè de Sousa, servio em Africa, sendo Capitaõ D. Joaõ Coutinho, e se achou com D. Antonio da Sylveira, quando pelejou com ElRey de Fez, e desbaratou ao Alcaide de Alcacerquibir, tomando cincoenta Cavallos, deu sobre a Aldea de Gens, que destruío, matando muitos Mouros, e cativando outros. Depois no anno de 1555 passou à India por Capitaõ da Nao Conceiçaõ, sendo Capitaõ mór Fernaõ de Andrade; e voltando ao Reyno, foy mandado por Governador, e Capitaõ General do Brasil, e foy o I. daquelle Estado, para onde embarcou em o primeiro de Fevereiro de 1549, posto que exercitou com satisfaçaõ; e voltando ao Reyno, o fez ElRey D. Joaõ III. Veador da sua Casa, e da Fazenda,

zenda, e o foy da delRey Dom Sebastiaõ. Foy Commendador de Rates, e da Arruda, na Ordem de Christo. No anno de 1573 ainda vivia, porque se acha com a moradia de trezentos reis por mez, e alqueire de cevada por dia. Era muito cortezaõ, e entendido. Achando-se velho obteve para seu genro o lugar de Veador da Casa Real, e se retirou a viver na sua Quinta, onde honrada, e filosoficamente viveo alguns annos; havendo sido casado com D. Maria da Costa, filha de Lopo Alvares Feyo, e de Margarida Vaz da Costa, irmãa do Cardeal D. Jorge da Costa; e tiveraõ

13 D. Helena de Sousa, que casou com Diogo Lopes de Lima, que por este casamento foy Veador da Casa delRey Dom Sebastiaõ, Senhor de Castro-Dairo, e do Morgado de Ayraõ, e Canellas, Commendador de Santa Ovaya na Ordem de Christo. Foy morto na batalha de Alcacer no anno de 1578 depois de ter pelejado com muito valor, e como bom Cavalleiro, indo buscando ao dito Rey, e já muito ferido, ao seu lado o acabaraõ de matar; e desta uniaõ naõ ficou successaõ, e sua mulher fez a Capella mór do Mosteiro de Santa Martha de Lisboa, onde jaz enterrada. Teve illegitimos

13 Francisco de Sousa, que passou à India no anno de 1548, e Garcia de Sousa, que tambem foy servir naquelle Estado no anno de 1556.

13 Iria de Sousa, e Anna de Sousa, Freiras.

CA-

CAPITULO LIII.

De Vasco Martins de Sousa Chichorro, Capitaõ dos Ginetes.

10 DIssemos no Capitulo X., que entre os filhos de Martim Affonso de Sousa, IV. Senhor de Gouvea, e de sua mulher D. Violante Lopes de Tavora, fora na ordem do nascimento o quarto Vasco Martins de Sousa Chichorro, appellido de que usou, por renovar a memoria dos seus mayores. Era a guerra de Africa o theatro, em que os Portuguezes obraraõ heroicas acções, deixando na nossa Historia do seu valor immortal memoria, que Vasco Martins de Sousa conseguio entre os Varoens esclarecidos daquelle seculo.

Servio a ElRey Dom Affonso V., achando-se com elle em todas as emprezas do seu tempo, acompanhando-o na batalha da Alfarrobeira, e na tomada de Alcacer no anno de 1459, e depois no sitio, que os Mouros puzeraõ a D. Duarte de Menezes, depois Conde de Vianna. O dito Rey o fez seu Capitaõ dos Ginetes, de que se lhe passou Carta a 28 de Julho de 1467; e com este posto o acompanhou na segunda vez, que passou à Africa no anno de 1471; achandose na tomada de Arzilla, e em todos os prosperos successos, com que os Portuguezes triunfaraõ dos Mouros.

ros. No anno de 1475, em que o meſmo Rey entrou por Caſtella, o acompanhou o Capitaõ dos Ginetes; e eſtando em Çamora, o mandou ElRey aviſar ao Principe D. Joaõ da aleivoſa ſilada, que na ponte daquella Cidade o eſperava; e por eſta meſma razaõ naõ a podendo tambem paſſar Vaſco Martins de Souſa, armado como eſtava, lançou o cavallo ao rio Douro, com evidente perigo da vida paſſou para ſalvar a do ſeu Principe, com quem ſe achou na batalha de Touro, em que ſe diſtinguio, como em todas as occaſioens do ſeu tempo; porque foy valeroſo, e dos eſtimaveis Capitaens daquella idade; peſſoa de quem ElRey ſempre fez eſtimaçaõ.

Goes, Chronica do Pincipe D. Joaõ, cap. 46.

Caſou duas vezes, a primeira com Violante Nunes, viuva de Affonſo Boca de Lapa, Cidadaõ honrado de Lisboa, ſem ſuccceſſaõ. A ſegunda com D. Iſabel Oſorio, Caſtelhana de nobre naſcimento, como ſe tira do ſeu Teſtamento, com o qual ſe prova ſer eſta ſua mulher; e tiveraõ os filhos ſeguintes:

* 11 GARCIA DE SOUSA CHICHORRO, com quem ſe continúa.

11 FERNAÕ DE SOUSA CHICHORRO, o qual ſe acha no livro ſegundo das legitimaçóes delRey D. Manoel, pag. 200 do anno de 1496, legitimado por filho de Iſabel Oſorio, com quem ſeu pay eſtava caſado no tempo da legitimaçaõ.

11 D. VIOLANTE DE SOUSA caſou com Affonſo Furtado de Mendoça, Commendador de Cardiga, de quem teve = * 12 NUNO FURTADO DE MENDOÇA

DOÇA, adiante. ⩶ 12 HENRIQUE FURTADO DE MENDOÇA, que morreo em Mombaça. ⩶ 12 FRANCISCO DE MENDOÇA, que morreo ſervindo na India, ſendo Capitaõ de Mar, e Guerra; e havia caſado no Reyno com D. Leonor Pereira, irmãa de Jorge Moniz, I. Senhor de Angeja, e naõ tiveraõ ſucceſſaõ; e ella depois caſou com D. Diogo de Caſtro, Senhor de Lanhoſo, Sifaens, Santa Cruz, Alcaide mór de Sabugal, e Capitaõ de Evora. ⩶ 12 VASCO MARTINS CHICHORRO, que morreo ſem eſtado. ⩶ * 12 NUNO FURTADO DE MENDOÇA, foy Commendador de Cardiga na Ordem de Chriſto. Caſou com D. Conſtança, filha de Pedro Alvares Cabral, o famoſo Capitaõ, que deſcobrio o Braſil; e naõ tiveraõ ſucceſſaõ.

11 D. JOANNA DE SOUSA, §. I.

11 D. BRITES DE SOUSA caſou com Fernaõ de Miranda, Senhor do Morgado da Patameira, Porteiro mór delRey D. Affonſo V.; e tiveraõ ⩶ 12 AFFONSO DE MIRANDA, e FERNAÕ DE MIRANDA, que ſervio na India, e morreraõ ſem eſtado.

§. I.

11 D. JOANNA DE SOUSA, foy primeira mulher de Joanne Mendes de Vaſconcellos, Senhor do Morgado do Eſporaõ em Evora, aquelle que matou a Diogo Gil Magro, por haver tratado a ſeu pay com deſattençaõ, que elle vingou, como refere D.

Agoſti-

Agostinho Manoel na *Vida delRey D. Joaõ II.*; e desta uniaõ nasceo ⩶ 12 ALVARO MENDES DE VASCONCELLOS, Senhor do Morgado do Esporaõ, Embaixador delRey D. Joaõ III. ao Emperador Carlos V., que acompanhou nas jornadas de Africa; e depois de residir dous annos na Corte do Emperador com aquelle caracter, com muito luzimento, e satisfaçaõ dos Soberanos, proprios, e Estrangeiros, voltou ao Reyno. Casou duas vezes, a primeira com D. Maria Casco, filha de Mem Casco, sem geraçaõ. Casou segunda vez com D. Guiomar de Mello, filha de Duarte de Mello, e de D. Isabel de Brito sua mulher; e tiveraõ ⩶ 13 JOANNE MENDES DE VASCONCELLOS, que foy Senhor do Morgado do Esporaõ, Commendador de Isido na Ordem de Christo, que casou com Dona Antonia de Ataide, filha de D. Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira, como se disse a pag. 72 deste Livro. ⩶ 13 D. BRITES DE MELLO, que foy segunda mulher de Luiz de Miranda, Alcaide mór da Fronteira, e Commendador da Alcaçova de Elvas, de quem nasceo ⩶ 14 ALVARO DE MIRANDA, Alcaide mór da Fronteira, que casando com D. Luiza de Noronha, filha do Desembargador Ruy de Matos de Noronha, Corregedor do Crime da Corte, do Conselho de Portugal em Madrid, onde morreo, e de sua mulher D. Filippa Cardosa, tiveraõ entre outros filhos, que naõ tiveraõ descendencia, ⩶ 14 a LUIZ DE MIRANDA HENRIQUES, Alcaide mór da Fronteira, Commendador da Alcaçova de Santa-

rem, Governador, e Capitaõ General da Ilha da Madeira, e Capitaõ mór das Naos da India; e voltando para o Reyno, morreo no naufragio, que padeceo no Cabo da Boa Esperança; e havia sido casado com D. Francisca de Tavora, filha de Joaõ Furtado de Mendoça, como fica dito a pag. 732 deste Livro. ⩶ 13 D. JOANNA DE VASCONCELLOS, que casou com Fernaõ da Sylveira, Claveiro da Ordem de Christo, Commendador de Montalvaõ, como se disse a pag. 443 deste Livro. ⩶ 13 D. LEONOR DE VASCONCELLOS, ultima filha, casou com Dom Martinho da Sylveira, que morreo pelos annos de 1514; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 14 D. JOAÕ DA SYLVEIRA, que passou à India com seu tio Lopo Soares, que o acompanhou nas suas emprezas, sendo Capitaõ dos Galeoens. Foy Capitaõ mór de huma Armada às Ilhas da Maldiva, e depois a Bengalla, Capitaõ de Columbo, de que sahio pobre; e voltando ao Reyno a despacharse, no anno de 1521 tornou à India com a Fortaleza de Cananor, que servio com satisfaçaõ; e acabado o seu tempo, veyo para Goa para embarcar para o Reyno, e morreo sem casar. ⩶ 14 D. ALVARO DA SYLVEIRA, passou tambem à India com seu tio Lopo Soares no anno de 1515; e servio sendo Capitaõ dos Galeoens, o qual em huma viagem ao Estreito de Meca, teve huma grande tormenta, que se apartou das outras Naos, e foy ter a Ormuz; e depois de ter passado grandes trabalhos, o mataraõ à traiçaõ dous Soldados seus, sem geraçaõ. ⩶ 14 D.

DIOGO

DIOGO DA SYLVEIRA, que tambem passou à India com seu tio Lopo Soares; e sendo Capitaõ de hum Galeaõ, na viagem do Estreito, morreo sem geraçaõ. ⩵ * 14 D. MANOEL DA SYLVEIRA, adiante. ⩵ 14 D. ANTONIO DA SYLVEIRA, que passou a servir à India no anno de 1524, onde se achou em muitas occasioens, em que conseguio honra. O Governador Nuno da Cunha o mandou por Capitaõ mór de huma Armada ao Estreito; e voltando a invernar a Ormuz, faleceo sem ter sido casado. ⩵ 14 D. MIGUEL DA SYLVEIRA, que tambem servio na India com reputaçaõ, e foy morto no segundo sitio da Praça de Dio. ⩵ * 14 D. MANOEL DA SYLVEIRA, que depois de servir na guerra de Africa, e ser Capitaõ da Mina, passou à India por Capitaõ de huma Nao da Armada do anno de 1545, despachado com o governo da Fortaleza de Ormuz, a qual mandava o Grande D. Joaõ de Castro, que hia por Governador do Estado, e com elle passou a soccorrer Dio, sendo Capitaõ de hum Navio da Armada; e achando-se naquella famosa batalha contra ElRey de Cambaya, pelejou com tanto valor, e destimedamente, que fazendo estrago nos inimigos, recebeo algumas feridas, que veyo a morrer dellas em Chaul no anno de 1547, antes de entrar na Fortaleza de Ormuz, deixando do seu nome honrada memoria. Casou com D. Isabel de Lima, filha de D. Joaõ de Sousa e Lima, Senhor de Rossas, a qual ficando viuva, casou com D. Joaõ de Abranches; e de seu primeiro mari-

do teve ⩵ 15 D. MARTINHO DA SYLVEIRA, que foy Commendador de S. Miguel de Tibaens na Ordem de Christo, que passou a servir à India. Achou-se no cerco de Chaul, e foy Capitaõ de Baçaim, e Dio; e voltando para o Reyno, morreo na viagem, deixando por herdeira a Misericordia de Lisboa. Naõ casou, e teve illegitimo ⩵ 16 D. MANOEL DA SYLVEIRA, que passou a servir à India no anno de 1590; e depois voltando ao Reyno, foy despachado, e tornou no anno de 1604 com huma Commenda, e a Fortaleza de Dio, que servio, e vindo para o Reyno, morreo solteiro. ⩵ 16 D. ISABEL DA SYLVEIRA, que foy Freira em S. Bento de Vianna.

11 GARCIA DE SOUSA CHICHORRO, succedeo na Casa a seu pay, mas naõ no officio de Capitaõ dos Ginetes, que se deu a D. Fernaõ Martins da Sylveira, e ficou aos seus descendentes. ElRey D. Affonso V. legitimou a Garcia de Sousa por Carta de 3 de Agosto de 1471; e era sua mãy a mesma Isabel Osorio, sendo entaõ seu pay casado; e depois o seria com a mesma com quem andou desencaminhado, sendo entaõ solteira.

Torre do Tombo, liv. 3. dos *Mysticos*, pag. 10 vers.

Casou duas vezes, a primeira com D. Ignez de Eça, filha de D. Fernando de Eça, e de D. Isabel de Avalos sua mulher, como escrevemos a pag. 647 do Tomo XI.; e tiveraõ os filhos seguintes:

* 12 VASCO MARTINS DE SOUSA CHICHORRO, de quem adiante se tratará.

12 D. N. . . e D. N. . . que foraõ Freiras.

Casou

Casou segunda vez com D. Brites da Sylveira, filha de Gomes de Miranda, Senhor do Morgado da Patameira, que faleceo a 26 de Setembro de 1477, e de sua mulher D. Violante da Sylveira, filha de Nuno Martins da Sylveira, Ayo delRey D. Affonso V., Rico-homem, Escrivaõ da Puridade, e do seu Conselho, e de D. Leonor Gonçalves de Abreu sua mulher; e tiveraõ os filhos, que se seguem:

12 MANOEL DE SOUSA CHICHORRO, servio ao Infante D. Luiz, a quem acompanhou a Tunes: foy Commendador na Ordem de Christo. Morreo em Lisboa a 28 de Outubro de 1552. Casou com D. Leonor de Mello, filha de Garcia Lobo, e de sua mulher D. Maria de Mello; e tiveraõ entre outros filhos, que morreraõ de curta idade ⩵ 13 a LUIZ MARTINS DE SOUSA CHICHORRO, que succedeo na Casa, e no Morgado de seu avô materno. Acompanhou a ElRey D. Sebastiaõ à Africa, onde foy cativo, havendo casado com D. Luiza de Mendoça, filha de D. Vasco Mascarenhas, Reposteiro mor do Principe D. Joaõ, e de Dona Maria de Mendoça sua mulher, e naõ tiveraõ filhos; e sobre o Morgado de Lobos houve grande demanda entre os da Familia.

12 ANDRE' DE SOUSA, que passou a servir à India, e morreo na barra de Chaul, sem geraçaõ.

12 ALEIXO DE SOUSA, passou a servir à India, e foy Capitaõ de Mar, e Guerra em tempo do Governador Diogo Lopes de Siqueira; e voltando ao Reyno tornou à India com o Governador Nuno da

Cunha

Cunha; e terceira vez passou à India despachado com o governo de Moçambique, e Sofala. O Governador Martim Affonso de Sousa o proveo no lugar de Védor da Fazenda por morte de Fernaõ Rodrigues de Castellobranco, que elle aceitou por estar pobre. Quarta vez passou à India com o Vice-Rey Dom Constantino no anno de 1558, levando o mesmo officio com grandes faculdades, e isenções do Vice-Rey, e nomeado na primeira Via para lhe succeder, porém morreo de doença no anno de 1560; e delle naõ ficou descendencia.

12 Martim Affonso de Sousa Chichorro, servio em Africa, e o mataraõ os Mouros em Arzila, no tempo do Conde de Borba, sem ter tido estado.

12 Lopo de Sousa Chichorro, que morreo sem estado, como diz Affonso de Torres.

12 D. Mecia da Sylveira, §. II.

Teve illegitimos

12 Henrique de Sousa Chichorro, que passou à India no anno de 1537, e depois tornou à India despachado com a Fortaleza do Malavar, em que entrou no anno de 1544; e no de 1550 na Capitanía de Cochim. Foy casado com D. Isabel Pereira, filha de Francisco de Mariz, Ouvidor da India, de quem nasceo = 13 D. Maria de Sousa, mulher de Joaõ de Sousa, Capitaõ de Damaõ, que vindo para o Reyno, se perderaõ, sem se saber nunca do Navio, em que vinhaõ embarcados.

Bel-

12 Belchior de Sousa Chichorro, que passou a servir à India no anno de 1537; e voltando ao Reyno, ElRey D. Joaõ III. o mandou com huma Armada, e por seu Embaixador a ElRey de Congo, e lá morreo, sem ter tido estado.

12 Ayres de Sousa, de quem naõ referem os Nobiliarios mais que o seu nome.

12 Jorge de Sousa, que servio na India, e voltou para o Reyno no anno de 1546.

12 Vasco Martins de Sousa Chichorro, filho primeiro de Garcia de Sousa. Casou com Dona Isabel Correa, filha de Fernaõ Lopes Correa, Guarda-Roupa, e Camereiro delRey Dom Manoel, Senhor do Couto de Torre-Vedra; e tiveraõ os filhos seguites:

13 Garcia de Sousa, que passou à India por Capitaõ de huma Nao com o Governador D. Joaõ de Castro; e voltando para o Reyno, servio em Tangere, onde o mataraõ em hum combate os Mouros, estando desposado com D. Isabel de Carvalho, que depois foy mulher de Pedro Mascarenhas, filha de Belchior de Carvalho, Escrivaõ da Casa da India, e de D. Helena Taveira sua mulher.

* 13 Jeronymo de Sousa Chichorro, com quem se continúa.

13 Fernaõ de Sousa Chichorro, que servio na India, onde passou no anno de 1548, e voltando ao Reyno, tornou à India com o Vice-Rey D. Constantino no anno de 1558. Passou terceira vez à In-

à India, despachado com o governo da Fortaleza de Dio, e naõ chegou a acabar o seu tempo por morrer. Naõ teve geraçaõ. Affonso de Torres diz, que elle casara com D. Joanna Beomond, Ingleza.

13 D. MARIA DE EÇA, Dama da Infanta D. Isabel, mulher do Infante D. Duarte. Naõ teve estado.

13 D. ISABEL, e D. CATHARINA, Freiras em S. Bento de Evora.

13 D. FRANCISCA, Religiosa em Lorvaõ.

13 FRANCISCO DE SOUSA, illegitimo, havido em Isabel Gonçalves, passou à India no anno de 1537.

* 13 JERONYMO DE SOUSA CHICHORRO, que veyo a succeder na Casa por morte de seus irmãos, e no Morgado de seu pay, no qual se inclue a Quinta do Bairoso junto a Alenquer, que foy dos antigos Chichorros, por cujo respeito continuaraõ o appellido, depois de ter servido na India com muito valor, quando passou àquelle Estado no anno de 1545. Casou com D. Leonor da Sylveira sua prima, filha de Francisco Carneiro, Senhor Donatario da Ilha do Principe, e de sua mulher D. Mecia da Sylveira, e naõ tiveraõ filhos. Teve illegitimos

* 14 ANDRÈ DE SOUSA CHICHORRO, com quem se continúa.

14 BERNARDINO DE SOUSA, que morreo na India, sem ter tido estado.

14 D. ANGELA DE SOUSA, que foy segunda mulher de Filippe Carneiro, foy Capitaõ de Malaca,

ca, e Dio, de quem nasceo = 15 FILIPPE CARNEIRO, que tambem servio na India, e casou com D. Maria Pereira, filha de Ruy Pereira de Sampayo, e de D. Isabel Pereira, sem successaõ.

* 14 ANDRÈ DE SOUSA CHICHORRO, herdou o Morgado, e Casa de seu pay, por naõ ter exclusas na legitimidade. Casou com D. Maria de Roxas, viuva de Jorge Correa de Sousa, filha de D. Fernando de Roxas, Fidalgo Castelhano, e de D. Isabel de Carvalho sua mulher; e tiveraõ estes filhos:

* 15 JERONYMO DE SOUSA CHICHORRO, com quem se continúa.

15 LUIZ MARTINS DE SOUSA CHICHORRO, que foy Commendador de Santa Maria de Ayranes na Ordem de Christo: servio na India, foy Capitaõ de Malaca; e voltando, tornou segunda vez com o Conde de Linhares, e depois ElRey D. Joaõ IV. o mandou por Governador de Angola; e vindo para o Reyno, encontrando huns Cossarios Hollandezes, o mataraõ, e queimaraõ o Navio, havendo casado na India com D. Maria da Sylva, filha de D. Filippe de Sousa Lobo, Capitaõ de Malaca, de quem nasceo = 16 D. MARIANNA DE SOUSA, mulher de Martim Teixeira de Azevedo, sem successaõ.

15 MANOEL DE SOUSA CHICHORRO, que morreo na India solteiro, onde havia passado no anno de 1609, como affirma Diogo Gomes de Figueiredo.

15 D. LEONOR DA SYLVEIRA casou duas vezes, a primeira com Antonio Viegas Gentil; e fez o

ſeu Teſtamento a 10 de Janeiro de 1623 na ſua Quinta do Tojal, em que vinculou a ſua terça, e legitima de ſua filha, que foy ⩵ 16 D. MARIA DE SOUSA, primeira mulher de Lourenço Cirne da Sylva, com a ſucceſſaõ, que diremos adiante. Caſou ſegunda vez com Pedro Borges Corte-Real, Senhor das Caſas, e Jantar de Barquerena, e foy ſua ſegunda mulher, ſem ſucceſſaõ.

15 D. ISABEL DE EÇA, que caſou com Chriſtovaõ de Mello, de quem naõ ſabemos deſcendencia. Caſou ſegunda vez André de Souſa com D. Filippa de Siqueira, filha de Franciſco da Coſta de Meſquita, filho de Joanne Mendes Botelho, de quem naõ teve filhos.

Caſou terceira vez com D. Franciſca de Souſa, Senhora de hum Morgado em Loures, e de outra fazenda em Coina, filha de Fernaõ Barradas, e de D. Helena de Souſa; e tiveraõ os filhos ſeguintes:

15 GONÇALO DE SOUSA, que morreo na India, ſem ſucceſſaõ.

15 GARCIA DE SOUSA, que eſtudou na Univerſidade de Coimbra, e ſe graduou, e morreo ſem eſtado.

15 FERNAÕ DE SOUSA, que foy Conego Secular de S. Joaõ Euangeliſta, e ſe chamou Antonio da Madre de Deos.

15 D. ANTONIA DE MENEZES, que herdou a ſua mãy. Caſou na Cidade do Porto com Gregorio Cernache de Noronha, e tiveraõ ⩵ 16 ALVARO DE SOUSA

Sousa de Noronha, que foy Deputado da Junta do Commercio, e casou com D. Antonia da Cunha, de quem naõ teve successaõ. ⩵ 16 André de S. Paulo, Religioso da Congregaçaõ de S. Joaõ Euangelista. ⩵ 16 D. N. . . . de Menezes, Religiosa em Santa Monica de Lisboa. ⩵ 16 D. Maria de Sousa de Menezes, que casou com André Bravo, de quem nasceo ⩵ 17 Joaõ de Sousa Chichorro, ⩵ 17 e Gregorio Cernache de Noronha.

* 15 Jeronymo de Sousa Chichorro, succedeo no Morgado, e Casa a seu pay André de Sousa, servio na India com seu irmaõ, e depois nas Armadas do Reyno. Casou com D. Maria da Sylveira, filha herdeira de Simaõ Ferreira Velez, e de sua mulher D. Vicencia de Miranda; e tiveraõ estes filhos:

* 16 Vasco Martins de Sousa Chichorro, com quem se continúa.

16 D. Vicencia de Miranda, que morreo sem estado.

* 16 Vasco Martins de Sousa Chichorro, succedeo no Morgado a seu pay, servio de Moço Fidalgo a ElRey D. Joaõ IV. Casou com D. Leonor de Tavora, filha de Diogo Leite Pereira, Senhor de Quebrantoens, e de sua mulher D. Helena de Tavora; e tiveraõ estes filhos:

17 Jeronymo de Sousa Chichorro, que morreo menino.

17 D. Joanna Helena de Sousa Chichorro,

RO, que foy segunda mulher de Ascenso de Siqueira, Commendador de S. Vicente da Beira.

§. II.

12 D. MECIA DA SYLVEIRA casou com Francisco Carneiro, Senhor da Ilha do Principe, Commendador de Cem Soldos na Ordem de Christo, do Conselho delRey D. Joaõ III., e seu Secretario; e tiveraõ os filhos seguintes:

13 LUIZ CARNEIRO, que foy Donatario da Ilha do Principe, e Senhor. Casou com Dona Leonor de Aragaõ, como escrevemos a pag. 501 do Tomo XI.

* 13 FILIPPE CARNEIRO, de quem adiante se tratará.

13 JOAÕ CARNEIRO, que morreo em Roma.

13 MARTIM AFFONSO CARNEIRO, de quem naõ se conserva descendencia.

13 RAFAEL CARNEIRO, que servio em Flandes com distinçaõ, e depois na India, onde morreo, deixando filhos naturaes, dos quaes naõ temos noticia.

13 D. JOANNA DA SYLVEIRA, que casou com D. Diniz de Almeida, Couteiro mór, adiante.

13 D. VIOLANTE DA SYLVA casou com Dom Luiz Gonçalves de Ataide, de quem logo se fará mençaõ.

13 D. LEONOR DA SYLVEIRA, que casou com seu

ſeu primo Jeronymo de Souſa, como fica dito, ſem ſucceſſaõ.

* 13 D. ANTONIA DA SYLVEIRA caſou com Joaõ Cirne, como adiante ſe verá.

* 13 FILIPPE CARNEIRO, que ſervio na India, e depois de ter ſido Capitaõ mór das Armadas do Eſtado, foy Capitaõ de Malaca, e de Dio. Caſou duas vezes, a primeira com D. Lucrecia de Caſtellobranco, filha de Pedro Carneiro, Fidalgo da Caſa do Infante D. Luiz; e tiveraõ eſtes filhos: = 14 D. MARIAN, e D. AGOSTINHO CARNEIRO, Conegos Regrantes de Santa Cruz. = 14 PEDRO DE ALCAÇOVA, Religioſo da Trindade. = 14 JERONYMO DE SOUSA, Religioſo Eremita de Santo Agoſtinho. = 14 D. MECIA CARNEIRO, que caſou com Nicolao da Veiga Pinheiro, irmaõ mais velho do Doutor Thomé Pinheiro da Veiga, Deſembargador do Paço, Cavalleiro da Ordem de Chriſto; e naõ tiveraõ ſucceſſaõ. Caſou ſegunda vez com D. Angela de Souſa, filha illegitima de Jeronymo de Souſa, como atraz diſſemos.

* 13 D. JOANNA DA SYLVEIRA caſou com Dom Diniz de Almeida, Contador mór do Conſelho del-Rey D. Joaõ III., feito no anno de 1557; e tiveraõ os filhos ſeguintes: = * 14 D. ANTONIO DE ALMEIDA, com quem ſe continúa. = 14 D. MANOEL DE ALMEIDA, Religioſo da Ordem dos Prégadores. = 14 D. FRANCISCO DE ALMEIDA, que paſſou à India, e lá ſervio com reputaçaõ, e morreo ſolteiro.

ro. ⩳ 14 D. DINIZ DE ALMEIDA, que foy Capitaõ de Dio, e lá morreo ſem ſucceſſaõ. ⩳ * 14 D. MECIA DA SYLVEIRA, mulher de D. Diogo, adiante. ⩳ 14 D. MARIA, D. JOANNA, D. BRITES, e D. MARGARIDA, Freiras. ⩳ * 14 D. ANTONIO DE ALMEIDA, morreo louco a 9 de Novembro do anno de 1559, e ſe diſſe, que fora cauſado de feitiços. Caſou tres vezes, a primeira com D. Cecilia de Menezes, filha de Dom Henrique de Menezes, o *Roxo*, Governador da India, e de ſua mulher D. Guiomar da Cunha, ſem ſucceſſaõ. Caſou ſegunda vez com D. Catharina Salema, filha de Diogo Salema, e de ſua mulher Franciſca de Paiva, de quem naſceo ⩳ 15 D. MARIA DE PAIVA, mulher de Franciſco Soares, de quem teve ⩳ 16 D. MARIA DA SYLVEIRA, mulher de Dom Franciſco de Faro, VII. Conde de Odemira, como diſſemos a pag. 685 do Tomo IX. Caſou terceira vez com D. Maria de Almeida, que morreo a 5 de Dezembro de 1615, filha de D. Antonio de Almeida, Senhor do Sardoal, ſem ſucceſſaõ.

* 14 D. MECIA DA SYLVEIRA caſou com Dom Diogo de Sottomayor, e tiveraõ os filhos ſeguintes: ⩳ 15 D. PEDRO DE SOTTOMAYOR, que ſendo deſpachado com o governo de Dio na India, lá caſou com D. Mecia de Mello, filha de Antonio de Mello de Sampayo, e morreo em hum combate com o Angariâ, ſem ſucceſſaõ. ⩳ 15 D. FRANCISCO DE SOTTOMAYOR, que tambem paſſou à India com o governo

verno de Dio. Casou com D. Ignez de Mendoça, filha de Gonçalo Arraes de Mendoça, de quem nascerao dous filhos, a saber: ≡ 16 D. Diogo de Sottomayor, que casando com D. Mecia de Mello, tiverao ≡ 17 D. Ignacia de Sottomayor, que foy herdeira, e casou com seu tio Dom Francisco de Sottomayor, de quem adiante se trata. ≡ 16 Dom Gonçalo de Sottomayor, passou a servir à India, e lá casou com D. Maria de Mello, filha de Fernaõ Pereira de Mello, sem successaõ. ≡ 15 D. Diniz de Almeida, de quem abaixo se faz mençaõ. ≡ 15 D. Antonio, D. Gaspar, e D. Nuno, que todos servirao na India, e morrerao sem successaõ. ≡ * 15 D. Lourenço de Sottomayor, adiante. ≡ 15 D. Diogo, e D. Diniz, sem successaõ. ≡ 15 Joaõ de Sottomayor, foy Clerigo, Prior de S. Joaõ da Praça de Lisboa, e de S. Pedro de Obidos, e depois Prior mór da Ordem de Aviz, que logrou muitos annos; e com esta Dignidade se achou nas Cortes do anno de 1668, em que o Infante D. Pedro foy jurado Principe.

* 15 D. Diniz de Almeida, filho de D. Diogo de Sottomayor, foy Cavalleiro da Ordem de Christo. Casou com D. Luiza de Bulhoens, filha de Gaspar de Vera de Bulhoens, e de Filippa de Claramont, filha de Diogo do Tojal, de quem teve ≡ 16 D. Joaõ de Almeida, que morreo sem estado; e teve illegitimos ≡ 16 D. Mecia da Sylveira, Freira em Santa Clara de Lisboa, ≡ 16 e D. Ma-

NOEL

NOEL HENRIQUES DE ALMEIDA, que ſervio na guerra da Acclamação, em que ſe diſtinguio em muitas occaſioens; depois de muitos póſtos, foy Meſtre de Campo de hum Terço na Provincia de Alentejo, General de Batalha com o governo de Olivença, Governador da Ilha de S. Miguel. Caſou com D. Filippa da Veiga, filha de D. Filippe Ramires de Arelhano, Cavalleiro Heſpanhol, e de ſua mulher Dona Maria de Barbada; e tiveraõ eſtes filhos: = 17 D. DINIZ, que foy Religioſo de S. Franciſco da Provincia dos Algarves, e ſe chamou Fr. Diniz de Santo Antonio. = * 17 D. JOAÕ HENRIQUES DE ALMEIDA, adiante. = 17 D. ELVIRA HENRIQUES, Freira de S. Bernardo em Portalegre. = * 17 D. JOAÕ HENRIQUES DE ALMEIDA, ſervio na guerra, e foy Capitaõ de Infantaria, e depois Governador do Caſtello da Ilha Terceira, e ultimamente Governador de Arronches, Cavalleiro da Ordem de Chriſto. Caſou com D. Maria de Souſa e Vaſconcellos, filha herdeira de Martim Tavares de Caſtellobranco, e de ſua mulher D. Margarida de Souſa de Vaſconcellos, de quem teve = 18 D. MANOEL HENRIQUES DE ALMEIDA. = 18 D. FILIPPA, D. VICENCIA, D. MARGARIDA, D. BRITES, e D. ANTONIA HENRIQUES, cujo eſtado ignoramos. Teve D. Manoel Henriques illegitimos os filhos ſeguintes: = * 17 D. HENRIQUE HENRIQUES, adiante. = 17 D. MECIA HENRIQUES, ſem eſtado. = 17 D. ANTONIO HENRIQUES, que caſou em Portalegre com Dona Joanna Maria

Maria Eugenia, cuja defcendencia naõ fabemos. ⩶ 17 D. Fradique Henriques, que fervio na Cavallaria, e foy Alferes, e depois Sargento mór da Ordenança da Comarca de Arronches. ⩶ * 17 D. Henrique Henriques de Almeida, foy Capitaõ de Cavallos no Algarve, e depois Commiffario Geral da Cavallaria, pofto com que fervio na guerra com diftinçaõ: foy valerofo, entendido, e bom Poeta. Morreo em Abril de 1732, havendo cafado com D. Guiomar Paes, filha de Eftevaõ da Cofta Paes, de quem teve diverfos filhos, cujo eftado naõ fabemos.

* 15 D. Lourenço de Sottomayor, outro filho de Diogo de Sottomayor, paffou a fervir à India, foy Governador de Moçambique, onde morreo. Cafou com Dona Ifabel de Almeida, filha de Francifco Rebello Rodovalho, Védor da Fazenda da India; e tiveraõ ⩶ * 16 D. Francisco de Sottomayor, de quem logo trataremos. ⩶ 16 D. Antonia de Almeida, mulher de Dom Francifco Coutinho. ⩶ * 16 D. Francisco de Sottomayor cafou com fua fobrinha D. Ignacia de Sottomayor, filha de D. Diogo de Sottomayor, como fe diffe, de quem teve os filhos feguintes: ⩶ 17 D. Antonio de Sottomayor, que cafou na India com D. Paula de Menezes, filha de Antonio de Amaral de Menezes, Capitaõ de Ceilaõ, cuja defcendencia naõ fabemos. ⩶ 17 D. Lourenço de Sottomayor, que cafou com D. Ignez de Vilhena, como diffemos a pag. 368 defte Tomo, Parte I. ⩶ * 17 D. Diogo de Sotto-

MAYOR, de quem adiante ſe tratará. ⩶ 17 D. ANTONIA DE SOTTOMAYOR, mulher de D. Rodrigo de Caſtro, ſem ſucceſſaõ. ⩶ 17 D. MARIA DE SOTTOMAYOR caſou com Joſeph Cirne de Souſa, ſem ſucceſſaõ. ⩶ * 17 D. DIOGO DE SOTTOMAYOR, que teve o Morgado da Foz, e faleceo em Julho de 1736 de mais de oitenta annos. Caſou com D. Maria Bocanegra de Alarcaõ, filha natural de D. Filippe de Alarcaõ, havida em Anna da Maya, filha de Pedro da Maya, e de ſua mulher, e parenta Maria da Maya; e tiveraõ os filhos ſeguintes: ⩶ * 18 D. FILIPPE DE ALARCAÕ MASCARENHAS, com quem ſe continúa. ⩶ * 18 D. FRANCISCO DE ALARCAÕ DE SOTTOMAYOR, adiante. ⩶ 18 D. ANTONIO DE SOTTOMAYOR MASCARENHAS, Prelado da Santa Igreja Patriarcal, do Conſelho de Sua Mageſtade. ⩶ 18 FR. CAETANO JOSEPH DE SOTTOMAYOR, Religioſo do Carmo, Conventual de Moura. ⩶ 18 D. JOSEPH CAETANO DE SOTTOMAYOR, que naſceo gemeo com Fr. Caetano, paſſou à India onde ſervio, e caſou com ſua ſobrinha D. N. . . . . filha herdeira de ſeu irmaõ D. Franciſco, de quem naõ teve filhos. Eſteve nos rios de Tete, e Sena; e voltando ao Reyno, foy no anno de 1737 nomeado Governador, e Capitaõ General de S. Thomé; e acabado o ſeu governo, voltou, e ſe acha morador na Bahia de todos os Santos, onde vive neſte anno de 1747. ⩶ 18 D. ANDRÈ DE SOTTOMAYOR, que paſſou a ſervir na India, e lá faleceo ſem geraçaõ. ⩶ 18 D.

BRI-

Brites Ignaciade Sottomayor casou com Joaõ Rodrigues de Moura, com geraçaõ. ⫶ 18 D. Antonia Casimira de Sottomayor, Religiosa em Santa Monica. ⫶ 18 D. Ignacia, e D. Margarida, morreraõ de curta idade.

* 18 D. Filippe de Alarcaõ Mascarenhas, que succedeo no Morgado da Quinta da Foz; servio na guerra com reputaçao, foy Coronel do Regimento de Almeida, donde passou ao de Campo-Mayor no anno de 1715, e no de 1727 foy nomeado Governador, e Capitaõ General da Ilha da Madeira, conservando o seu posto; e havendo governado com grande satisfaçaõ, voltou no anno de 1734 ao Reyno, em que foy promovido a Brigadeiro, com retençaõ do Regimento de Campo-Mayor, ao presente he Governador daquella Praça. Casou em Setembro de 1740 com D. Paula Joachina de Menezes, filha de Joaõ Peixoto da Sylva, Donatario do Consselho de Penhafiel, e de sua mulher Dona Vicencia Henriques, de quem tem até ao presente ⫶ 19 D. Anna Quiteria de Alarcaõ Mascarenhas, que nasceo a 20 de Julho de 1741.

* 18 D. Francisco de Alarcaõ de Sottomayor, que foy o segundo filho, como se disse, passou à India com o Vice-Rey D. Rodrigo da Costa, onde servio com muito brio, e foy Governador de Macao, e Moçambique. Casou com D. Francisca Coelho da Costa, viuva de Fernaõ Sodré Pereira, e filha de Nicolao Coelho da Costa, da Cidade de Damaõ,

Capitaõ mór da Armada do Norte, de quem teve = 19 D. DIOGO DE SOTTOMAYOR. = 19 D. N. . . mulher de D. Joseph Caetano de Sottomayor, de quem naõ ficaraõ filhos.

* 13 D. VIOLANTE DA SYLVA, que ficando viuva, foy Religiosa no observante Mosteiro da Madre de Deos de Lisboa: havia sido casada com Luiz Gonçalves de Ataide, Senhor da Ilha Deserta, Commendador de Andufe na Ordem de Christo, Capitaõ de Ceuta; e tiveraõ os filhos seguintes: = * 14 JOAÕ GONÇALVES DE ATAIDE, com quem se continúa. = 14 MARTIM GONÇALVES DE ATAIDE, e MANOEL DA . . . . . , que morreraõ na batalha de Alcacer no anno de 1578. = 14 FERNAÕ GONÇALVES DE ATAIDE, Religioso da Ordem Serafica. = 14 FRANCISCO, e MARTINHO DA CAMERA, Religiosos Eremitas de Santo Agostinho. = 14 ALVARO GONÇALVES DE ATAIDE, que tendo servido na India com reputaçaõ, morreo depois Religioso Capucho. = 14 D. ISABEL DA SYLVA, que casou com D. Alvaro Gonçalves de Ataide, Senhor da Casa de Atouguia, Commendador de Esculhar, sem geraçaõ. = 14 D. MARIA DA SYLVA, Religiosa em Santa Martha de Lisboa, onde se chamou Sor Maria da Assumpçaõ; viveo com grande exemplo, e virtude, e faleceo a 15 de Mayo de 1653; e della, como pessoa insigne em virtude, faz mençaõ o Licenciado Jorge Cardoso.

Agiolog. Lusitan. tom. 3. pag. 263.

* 14 JOAÕ GONÇALVES DE ATAIDE, que foy seu

ſeu ſucceſſor, IV. Conde de Atouguia, e Senhor deſta Caſa, por morrer ſem filhos o Conde D. Luiz de Ataide. Caſou com D. Marianna de Caſtro, filha herdeira de Martim Affonſo de Miranda, Camereiro mór, e Guarda mór do Cardeal Infante Dom Henrique, Alcaide mór de Monte-Agraço, e de ſua mulher D. Joanna de Lima, filha de D. Antonio de Lima, Mordomo mór do Infante D. Duarte; e tiveraõ = 15 D. Luiz de Ataide, que foy V. Conde de Atouguia, e caſou com D. Filippa de Vilhena, filha de D. Jeronymo Coutinho, Commendador de Olivença, do Conſelho de Eſtado; e a ſua ſucceſſaõ fica eſcrita a pag. 458 do Tomo IX. = 15 Martim Gonçalves de Ataide, que ſervio nas Armadas da Coſta com reputaçaõ, e morreo ſem geraçaõ. = * 15 D. Joanna de Castro, foy Dama do Paço, e caſou com Franciſco de Sá e Menezes, II. Conde de Penaguiaõ, adiante. = 15 D. Margarida de Lima, mulher de D. Henrique de Menezes, Senhor do Louriçal, Commendador de Santa Chriſtina na Ordem de Chriſto; e tiveraõ = 16 D. Fernando de Menezes, II. Conde da Ericeira, e a ſua illuſtre ſucceſſaõ referimos a pag. 370 do Tomo V. = 16 D. Diogo de Menezes, que foy Capitaõ de Cavallos, e ſe achou na batalha de Montijo, em que foy priſioneiro no anno de 1640, e morreo ſem caſar. = 16 D. Alvaro de Menezes, Doutor em Canones, morreo moço. = 16 D. Luiz de Menezes, que foy III. Conde da Ericeira, de quem tratámos

a pag.

a pag. 373 do Tomo V. = 16 D. MARIA DE CASTRO, a quem a natureza dotou de fermoſura, e diſcriçaõ; eſtando elegida por Dama do Paço, entrou no Moſteiro da Madre de Deos de Lisboa, onde acabou com opiniaõ de ſantidade. = 16 D. FILIPPA DE CASTRO, Dama do Paço, faleceo no mais florído tempo da idade. = 16 D. JOANNA DE MENEZES, D. GUIOMAR DE CASTRO, e D. ISABEL DE MENEZES, todas Freiras no Moſteiro da Annunciada de Lisboa.

* 15 D. JOANNA DE CASTRO, Dama do Paço, caſou em 21 de Agoſto de 1617 com Franciſco de Sá, II. Conde de Penaguiaõ, Senhor de Sever, Matoſinhos, e outras terras, Alcaide mór do Porto, Commendador de Santiago de Cacem, e de outras Commendas, Camereiro mór, officio que no anno de 1619, quando ElRey D. Filippe III. veyo a eſte Reyno, naõ quiz exercer nas Cortes, por lhe naõ concederem algumas prerogativas, que lhe pertenciaõ no meſmo officio. Foy dotado de muita chriſtandade. Eſtando em Peniche obſervando hum Cometa no anno de 1621, cahio de huma janella de trinta e cinco pés de alto, ſem perigar, o que elle attribuîo a huma Reliquia, que trazia ao peſcoço. Morreo a 15 de Agoſto de 1647, havendo naſcido no de 1598; e deſta illuſtriſſima uniaõ naſceraõ os filhos ſeguintes:

* 16 JOAÕ RODRIGUES DE SA' E MENEZES, III. Conde de Penaguiaõ, Camereiro mór delRey D. Joaõ IV. Caſou duas vezes, a primeira com a Con-

Condessa D. Luiza Maria de Faro, e a sua illustre posteridade deixámos escrita a pag. 472 do Tomo IX. ⩶ 16 MANOEL DE SA' DE MENEZES, que morreo estudando em Coimbra, sendo Porcionista do Collegio de S. Pedro. ⩶ 16 PANTALEAÕ DE SA' E MENEZES, que acompanhando seu irmaõ quando passou por Embaixador a Inglaterra, e matando em Londres a hum Coronel, foy prezo, e sentenciado à morte, e degollado no anno de 1656, julgando-se, que lhe naõ valia a immunidade, quebrando-se o direito das gentes taõ recomendado, como refere o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes na sua estimada Obra de *Portugal Restaurado.* ⩶ 16 ANTONIO DE SA', que morreo de cinco annos. ⩶ 16 D. MARIA DE CASTRO, que morreo no anno de 1651, Condessa de Atouguia, por casar com D. Jeronymo de Ataide, VI. Conde de Atouguia, e a sua posteridade escrevemos a pag. 461 do Tomo IX. ⩶ 16 D. ISABEL DE MENDOÇA casou com Francisco Botelho, I. Conde de S. Miguel, sem successaõ. ⩶ * 16 D. MAGDALENA DE CASTRO casou com D. Fernando Mascarenhas, II. Conde da Torre, I. Marquez de Fronteira, adiante.

Portugal Restaurado, tom. I.

Casou segunda vez o Conde Joaõ Rodrigues de Sá com Dona Brites de Lima, viuva de Nuno Alvares Botelho, filha de D. Luiz Lobo, Senhor de Sarzedas, e de sua mulher D. Joanna de Lima; e tiveraõ unica ⩶ 16 D. MARIA FRANCISCA DE SA', que casou com D. Antonio de Castro, Senhor da Casa de

de Baſto, de quem naõ teve ſucceſſaõ; e ficando viuva, caſou ſegunda vez com Franciſco Barreto de Menezes, do Conſelho de Guerra, Preſidente da Junta do Commercio, Governador do Braſil, e reſtaurador da Capitanîa de Pernambuco, Commendador da Ordem de Chriſto, que morreo a 24 de Janeiro de 1688, de quem naſceo ☰ 17 D. ANTONIA MARIA FRANCISCA DE SA', que foy ſua herdeira, Condeſſa do Rio Grande, que caſou com Lopo Furtado de Mendoça, que por eſte caſamento foy Conde do Rio Grande, de quem já fizemos mençaõ.

* 16 D. MAGDALENA DE CASTRO, que morreo a 10 de Setembro de 1673: foy Dama da Rainha D. Luiza. Caſou com D. Fernando Maſcarenhas, I. Marquez de Fronteira, II. Conde da Torre, Senhor de Coculim, e Norodá na India, Commendador de Santiago de Fonte-Arcada, de S. Juliaõ do Roſmaninhal, S. Nicolao de Carrecedo, S. Joaõ de Caſtanhaes, S. Martinho de Cambres, e de S. Martinho de Pinho, do Conſelho de Eſtado, e Guerra do Principe Regente D. Pedro, e ſeu Gentil-homem da Camera, Meſtre de Campo General da Provincia da Extremadura na paz; havendo ſervido na guerra com reputaçaõ, achando-ſe no ſitio de Badajoz, na empreza de Valença de Alcantara, recuperaçaõ de Mouraõ, na defenſa de Elvas, General da Cavallaria de Alentejo, e com eſte poſto ſe achou na Campanha do anno de 1662; achou-ſe ſoccorrendo Evora, e na

batalha

batalha do Canal, em que o ſeu valor, e diſpoſiçaõ tiveraõ grande parte na vitoria. Faleceo a 16 de Setembro de 1681, havendo logrado poucos dias a dignidade de Graõ Prior do Crato, da Ordem de Malta, ao tempo em que eſtava viuvo, havendo naſcido deſta illuſtriſſima uniaõ = 17 D. FERNANDO MASCARENHAS, II. Marquez de Fronteira, III. Conde da Torre, e a ſua poſteridade fica eſcrita a pag. 467 do Tomo IX. = 17 D. FILIPPE MASCARENHAS, que eſtava deſtinado para herdeiro de ſeu tio D. Filippe Maſcarenhas, Vice-Rey da India. = 17 D. FRANCISCO MASCARENHAS, I. Conde de Coculim, como ſe diſſe a pag. 577 do Tomo X. = 17 D. JOANNA DE CASTRO, faleceo de curta idade. = 17 D. ISABEL DE CASTRO, Dama do Paço, caſou com D. Joaõ de Almeida ſeu primo, II. Conde de Aſſumar, como ſe diſſe a pag. 810 do Tomo X. = 17 D. FRANCISCA DE CASTRO, Religioſa Carmelita Deſcalça no Moſteiro de Noſſa Senhora da Conceiçaõ dos Cardaes.

* 13 D. ANTONIA DA SYLVA, filha de Franciſco Carneiro, Senhor da Ilha do Principe, e de ſua mulher D. Mecia da Sylveira, caſou com Joaõ Cirne, filho de Manoel Cirne, Senhor de Agrella, Commendador de Arcuzello na Ordem de Chriſto, do Conſelho delRey, e de ſua primeira mulher D. Iſabel Brandaõ, e foy Senhor de Agrella, e Commendador da dita Commenda, em que ſuccedeo a ſeu pay; foy do Conſelho delRey, de que ſe lhe paſ-

ſou Carta a 11 de Mayo de 1580; e deſta uniaõ naſceraõ ⩵ * 14 MANOEL CIRNE, com quem ſe continúa. ⩵ 14 LOURENÇO CIRNE, que foy Religioſo Capucho da Provincia da Arrabida. ⩵ * 14 MAMOEL CIRNE, foy Senhor de Agrella, Commendador na Ordem de Chriſto. Caſou com D. Leonor Soares, filha herdeira de Franciſco Lagarto, Védor da Fazenda de Cochim, Feitor de Baçaim, Alcaide mór da Fortaleza de Ormuz, e de ſua mulher Brites Mendes da Coſta; e tiveraõ ⩵ * 14 JOAÕ CIRNE, adiante. ⩵ * 14 FRANCISCO CIRNE DA SYLVA, com quem ſe continúa. ⩵ * 14 LOURENÇO CIRNE DA SYLVA, de quem adiante ſe tratará. ⩵ 14 D. MARIA DA SYLVEIRA, mulher de Franciſco de Eça, cuja deſcendencia naõ ſabemos. ⩵ * 14 FRANCISCO CIRNE DA SYLVA, foy Senhor de Agrella, e ſuccedeo na mais Caſa de ſeu pay. Caſou com D. Maria de Caſtro, filha de Thomé de Caſtro do Rio, e de ſua mulher Dona Brites de Souſa; e tiverão ⩵ 15 JOAÕ CIRNE, ſem geraçaõ. ⩵ * 15 MANOEL CIRNE DA SYLVA, adiante. ⩵ 15 CARLOS PESSANHA DA SYLVA, Capitaõ de Cavallos, e a ANTONIO CIRNE, ſem geraçaõ. ⩵ 15 D. LOURENÇA DA SYLVA, e D. BRITES MARIA DE CASTRO, Freiras no Moſteiro de Santa Clara de Lisboa. ⩵ * 15 MANOEL CIRNE DA SYLVA, paſſou a ſervir na India, e foy Capitaõ de Damaõ, ſuccedeo na Caſa, e caſou com D. Marianna de Lima, filha de Alvaro de Meſquita de Lima, e de ſua mulher D. Franciſca de Barros,

Barros; e tiveraõ ⩵ * 16 ALVARO CIRNE DA SYLVA, adiante. ⩵ 16 D. MARIA, que casou na India com Garcia Rodrigues de Tavora, e por sua morte com Roque Pacheco Corte-Real, e naõ sabemos se de algum destes matrimonios ficou successaõ. ⩵ * 16 ALVARO CIRNE DA SYLVA, succedeo na Casa de seu pay. Casou na India com D. Miriciana Maria de Castro, filha de Bernardo de Tavora; e a sua successaõ, se a teve, naõ chegou à nossa noticia.

* 14 LOURENÇO CIRNE DA SYLVA, foy Provedor das Vallas de Coimbra, casou com D. Maria de Sousa, filha de Antonio Viegas Gentil, e de sua mulher D. Leonor de Eça, filha de André de Sousa, filho bastardo de Jeronymo de Sousa; e tiveraõ ⩵ * 15 MANOEL CIRNE DE SOUSA, com quem se continúa. ⩵ 15 ANTONIO DE SOUSA CIRNE, que foy Provedor das Vallas de Coimbra, e havendo casado, naõ deixou successaõ. ⩵ 15 JOSEPH CIRNE DE SOUSA, servio na India, e lá casou com D. Marianna de Sottomayor, sem geraçaõ. ⩵ 15 D. ANNA DE SOUSA, Freira em Santa Clara de Lisboa. ⩵ * 15 MANOEL CIRNE DE SOUSA casou com Dona Luiza Maria de Menezes, filha herdeira de D. Joaõ Tello de Menezes, e de Dona Branca Henriques; e tiveraõ ⩵ 16 LOURENÇO CIRNE DE SOUSA, que morreo moço. ⩵ 16 D. JOAÕ TELLO DE MENEZES, que foy Conego secular de S. Joaõ Euangelista, donde depois sahio, e herdou o Morgado. ⩵ * 16 D. MARIA SOFIA DA SYLVA DE MENEZES,

adiante. = 16 D. THERESA DE MENEZES, Freira em Santa Clara de Lisboa. = 16 D. CATHARINA DE MENEZES, Freira em Villa-Longa. = 16 D. MARIA JOSEFA DA SYLVA DE MENEZES, foy ſegunda mulher de Luiz Antonio Pereira de Figueiroa, de quem naõ ſabemos ſe conſerve ſucceſſaõ.

* 14 JOAÕ CIRNE, que foy o primeiro filho de Manoel Cirne, mataraõ-no eſtando ouvindo Miſſa na Igreja de Santo Antonio do Tojal. Naõ caſou, e teve de Maria da Conceiçaõ = 15 a D. CATHARINA MARIANNA CIRNE DE SOUSA, que caſou com Franciſco de Padilha de Miranda, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, Provedor dos Contos do Reyno, e Caſa; e tiveraõ por filhos = 16 LUIZ DE PADILHA DE MIRANDA, que ſervio na guerra, e foy Capitaõ de Cavallos. = 16 FR. JOAÕ DE PADILHA, Religioſo Trino. = 16 MANOEL DE PADILHA, que paſſou a ſervir à India, e lá caſou com D. Paula Maria de Mello, ſem geraçaõ. = 16 FILIPPE, e SEBASTIAÕ DE PADILHA, que morreraõ ſem eſtado. = * 16 FRUTUOSO DE PADILHA, com quem ſe continúa. = 16 JOSEPH DE PADILHA, que paſſou a ſervir à India. = 16 D. FRANCISCA MARIA DE PADILHA, mulher de ſeu primo Ambroſio Freire de Padilha, Capitaõ de Cavallos, poſto com que ſervio na ultima guerra. = 16 D. MARIANNA DE PADILHA, mulher de Jeronymo Leitaõ de Meirelles, Fidalgo da Caſa Real, que morreo em hum combate com os Mouros, ſervindo nas Armadas. = 16 D. THE-

RESA

RESA, D. ANTONIA, D. LEONOR, e D. JOANNA DE PADILHA, todas Religiosas no Mosteiro de Santa Clara de Lisboa, de que a ultima foy Abbadessa, Religiosa muy exemplar.

* 16 FRUCTUOSO DE PADILHA SALAZAR, foy Fidalgo da Casa Real, Provedor do assentamento dos Contos, e Casa, onde servio por muitas vezes de Contador mór. Casou com Dona Angela de Arcourt, que de muy curta idade veyo de França, e servio no Paço à Rainha D. Maria Francisca de Saboya, filha de Filippe Manoel de Arcourt, Commissario geral das Galés de França, do Conselho delRey Christianissimo, e Gentil-homem Servente da Rainha, e de sua mulher D. Angela de Abra de Recony, que passou a Portugal no serviço da dita Rainha, a quem foy muy aceita; e tiveraõ os filhos seguintes: = 17 ANTONIO JOSEPH DE PADILHA, que foy Fidalgo da Casa Real, e Cavalleiro da Ordem de Christo; e morreo moço sem geraçaõ. = 17 HENRIQUE MANOEL DE MIRANDA E PADILHA, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Cavalleiro da Ordem de Christo, e Capitaõ de Mar, e Guerra das Naos da Coroa. = 17 PEDRO NORBERTO DE ARCOURT E PADILHA nasceo a 6 de Junho de 1703, he Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro da Ordem de Christo, Escrivaõ da Camera delRey na Mesa do Desembargo do Paço. Casou com Dona Dorothea Violante da Sylva e Roxas, filha herdeira de Luiz Paulino da Sylva e Azevedo, Cavalleiro na Ordem

de

de Christo, e Escrivaõ da Camera de Sua Magestade na Mesa do Desembargo do Paço, e de sua mulher Dona Maria Michaella Joachina de Seixas, filha de Joaõ de Seixas, Mantieiro da Casa Real, Cavalleiro da Ordem de Christo, de quem tem = 18 Luiz Manoel da Sylvad e Padilha e Seixas, que nasceo a 5 de Agosto de 1739. = 18 D. Maria de Nazareth Cirne da Sylva, que nasceo a 8 de Julho de 1741, e outros que morreraõ de tenra idade.

CAPITULO LIV.

De Joaõ de Sousa, Capitaõ dos Ginetes do Infante D. Fernando.

10 FOy filho quarto de Martim Affonso de Sousa, IV. Senhor de Mortagua, e de sua mulher D. Violante Lopes de Tavora, como se disse a pag. 797, Joaõ de Sousa, que foy Capitaõ dos Ginetes do Infante D. Fernando, pay delRey Dom Manoel, Commendador na Ordem de Santiago, em que teve as Commendas da Repreza, a de Ferreira, e Alvalade, no Campo de Ourique: servio no tempo delRey D. Affonso V., de quem foy attendido, e estimado: achou-se na empreza de Tangere, sendo Capitaõ da gente, que subio ao muro, quando o Infante D. Fernando emprendeo tomar esta Cidade, e

se perderaõ ; depois peleijou valerosamente Joaõ de Sousa na batalha do Touro, e delle se refere, que foy o primeiro, que poz a lança nos inimigos. Achou-se em diversas emprezas, em que conseguio grande reputaçaõ, que se vem largamente referidas no Epitafio da sua sepultura na Igreja de Ferreira no Campo de Ourique, que diz assim:

Aqui jaz o muito honrado Senhor Joaõ de Sousa, e a muito honrada Senhora D. Branca de Ataide, filha do muito honrado Joaõ de Ataide, Senhor de Penacova, o qual Joaõ de Sousa he filho de Martim Affonso de Sousa, que era primo com irmaõ delRey D. Fernando de Portugal, o qual Joaõ de Sousa nunca fez erro, nem vileza a Senhor, nem a amigo, criado d'ElRey D. Affonso o V., e do Senhor Infante seu irmaõ, seus Senhores, e por serviço de Deos, e delles ambos seus Senhores, e por honra do Reino, foi em desouto peleijas de Mouros, nas partes de além mar, e nas peleijas foi ferido de sete feridas, e foi cercado tres vezes, huma em Seita, e duas em Alcacere, onde foi ferido duas vezes de feridas mortaes, onde se houve taõ bem, e taõ esforçadamente nos ditos sucessos, que nenhum que nelles fosse se houve melhor, e foi na guerra com ElRey D. Henrique de Castella em Grauda, onde se houve muy bem, desafiando-se com hum Mouro

Mouro sobre a fee, onde se houve taõ esforçadamente, que o desbaratou, e foi muito louvado de todos os Castelhanos, que ahi eraõ prezentes. Foi nas tomadas de Alcacere, de Arzila, e de Tangere, e na destruiçaõ de Anafee; foi em duas batalhas campaes com ElRey D. Affonso V. Rey de Castella, e de Portugal seu Sõr; e servio taõ bem, que nenhum que com elle fosse, o servia melhor, assi na guerra continua, como na batalha, que houve com ElRey D. Fernando agradou, e servio tambem, que nenhum agradou, nem servio milhor, que elle, e tambem foi com o Infante seu Sõr na entrada de Tangere, onde foi ferido à morte.

Casou com D. Branca de Ataide, filha de Joaõ de Ataide, e de Maria de Cordevellos, Senhores de Penacova; e tiveraõ

* 11 MANOEL DE SOUSA, com quem se continúa.

11 D. MARIA DE ATAIDE, primeira mulher de Joaõ de Vasconcellos e Menezes, II. Conde de Penella, como dissemos a pag. 105 do Livro XIII. do Tomo XII. Parte I.

11 D. JOANNA DE SOUSA E ATAIDE, que casou com Luiz de Brito e Nogueira, Senhor dos Morgados de S. Lourenço de Lisboa, e Santo Estevaõ de Béja, e foy sua segunda mulher, sem successaõ; e fundaraõ o Mosteiro das Religiosas da Rosa de Lisboa.

MANOEL

* 11 MANOEL DE SOUSA, ſuccedeo na Caſa a ſeu pay, mas naõ no officio, nem nas Commendas. Caſou com Dona Joanna de Souſa, filha herdeira de Joaõ Fernandes de Souſa, Senhor de Bayaõ, e de D. Iſabel da Sylva ſua mulher; e tiveraõ

* 12 JOAÕ DE SOUSA DE LIMA, com quem ſe continúa.

12 JOAÕ RODRIGUES DE SOUSA.

12 FERNAÕ MARTINS DE SOUSA, que ſervio na India, e ſendo deſpachado por Capitaõ mór de Malaca, morreo, perdendo-ſe junto à Coſta de Melinde.

12 MARTIM AFFONSO DE SOUSA, Capitaõ mór do mar de Malaca, onde o mataraõ a 25 de Junho de 1525, peleijando com a Armada dos inimigos, tendo elle ſómente dous Navios.

12 LEONEL DE SOUSA DE LIMA, ſervio na India, e depois por morte de ſeus irmãos ſuccedeo na Caſa, e teve por mulher a D. Joanna de Caſtro, filha de Miguel Corte-Real, Porteiro mór delRey D. Manoel, e de ſua mulher D. Iſabel de Caſtro, ſem ſucceſſaõ; e teve illegitimos = 13 a FERNAÕ MARTINS DE SOUSA, e LEONEL DE SOUSA E LIMA, e que naõ ſabemos, que delles ſe conſerve poſteridade.

* 12 D. MARIA DE ATAIDE, que caſou, como adiante diremos.

* 12 JOAÕ DE SOUSA DE LIMA, que ſuccedeo na Caſa, e na de ſeu avô materno, foy Senhor de

Bayaõ, que depois lhe tirou por demanda ſeu primo Chriſtovaõ de Souſa: paſſou à India no anno de 1513 por Capitaõ mór da Armada daquelle anno.

Caſou duas vezes, a primeira com D. Iſabel de Noronha, filha de D. Martinho de Noronha, Senhor de Villa-Verde, e de D. Guiomar de Albuquerque ſua mulher, ſem ſucceſſaõ.

Caſou ſegunda vez com Joanna Marques ſua criada, filha de Manoel Vaz; e tiveraõ

13 MANOEL DE SOUSA, que caſou com Dona Brites de Menezes, filha do Alferes mór D. Joaõ de Menezes.

13 D. MARIA DE SOUSA E LIMA, caſou com ſeu primo Luiz de Noronha da Camera, ſem ſucceſſaõ.

13 D. JOANNA DE LIMA, mulher de Antonio Moniz, Commendador da Ordem de Chriſto, ſem geraçaõ.

* 12 D. MARIA DE ATAIDE, filha de Manoel de Souſa, e de ſua mulher D. Joanna de Souſa, caſou duas vezes, a primeira com D. Martinho de Noronha, de quem naõ ſabemos tiveſſe ſucceſſaõ. E a ſegunda com Manoel de Noronha, de quem foy ſegunda mulher, e tiveraõ os filhos ſeguintes:

13 LEONEL DE NORONHA, que caſou com D. Joanna de Souſa ſua prima com irmãa, filha de Joaõ de Souſa de Lima, Senhor de Bayaõ, de quem naõ teve filhos.

13 SEBASTIAÕ DE NORONHA, de quem naõ ſabemos geraçaõ.

D.

13 D. ANNA DE ATAIDE, que foy segunda mulher de Pedro Affonso de Aguiar, Commendador de Santa Maria de Béja na Ordem de Aviz, de quem naõ sabemos tivesse successaõ.

13 D. ELVIRA DE GUSMAÕ, foy a primeira Freira do Mosteiro da Ilha da Madeira, e depois Abbadessa da Esperança de Lisboa. ⩶ 13 D. CECILIA, e D. BARTHOLEZA, que vindo da Ilha para reformar o Mosteiro de Thomar, ficaraõ no da Esperança com sua irmãa por ordem da Rainha. ⩶ 13 D. CONSTANÇA DA SYLVA, Abbadessa de Santa Clara de Alenquer. ⩶ 13 D. ANTONIA, e D. CONSTANÇA, Freiras na Ilha da Madeira.

FIM.

TABOA

TABOA XXXII.

GENEALOGIA DA CASA REAL DE PORTUGAL.

X.

Ruy de Sousa nasceo no anno de 1423, filho segundo de Martim Affonso de Sousa, *Taboa XXXI.* Senhor de Beringel, e Sagres, Védor da Casa da Rainha D. Isabel, Almotacé mór delRey D. João II. seu Embaixador a Castella, e Inglaterra, Alcaide mór de Almeida, ✠ a 24 de Mayo de 1498.

Casou I. vez com D. Isabel de Siqueira, ✠ em 1460, filha de Francisco Annes. II. vez com D. Branca de Vilhena, filha de Martim Affonso de Mello, Alcaide mór de Olivença.

XI

I. D. João de Sousa, Senhor de Niza, e Sagres, Guarda mór delRey D. Manoel, Commendador de Niza na Ordem de Christo, ✠ em 16 de Dezembro de 1513. Casou com D. Margarida Fogaça, filha de João Fogaça, Commendador de Cezimbra. S. G.

I. D. Martinho de Tavora, servio em Africa onde ✠ em hum encontro com os Mouros. Casou com D. Isabel Pereira, filha de Ruy Lopes de Sampayo, Senhor de Anciaens, e Vilarinho.

I. Dom Diogo de Sousa, Alcaide mór de Thomar. *Tab. XXXIII.*

I. D. Henrique de Sousa. *Tab. XXXIII.*

I. Dona Filippa de Sousa casou com Antonio de Ocem de Almeida.

II. Dom Pedro de Sousa, Senhor de Beringel. *Tab. XXXIV.*

II. D. Manoel de Sousa, Capellaõ mór das Rainhas Dona Leonor, e D. Catharina, Bispo do Algarve, Arcebispo Primaz de Hespanha.

II. Dom Antonio de Sousa, ✠ moço.

II. Dona Maria de Vilhena casou com Dom Fernando de Castro, Capitaõ de Evora.

II. D. Brites de Vilhena casou com Pedro da Cunha, Senhor de Basto, e Montelongo.

II. D. Margarida de Vilhena, Freira.

XII

D. Rodrigo de Sousa, do Conselho delRey Dom João III., Capitaõ de Alcacer Ceguer no anno de 1505. Casou com Dona Cecilia de Castro, filha de Lopo de Sousa, Commendador de Alcanede. S. G.

D. Antonio de Sousa, Commendador de Alcacer na Ordem de Christo. Casou I. vez com D. Anna Tavares, filha de Gonçalo Figueira, Guarda mór do Principe D. João. II. com D. Francisca de Betancour, filha de Pedro Rodrigues da Camera.

Dona Constança de Tavora casou com Diogo de Sepulveda.

D. Gaspar de Sousa, Commendador na Ordem de Christo, Capitaõ de Alcacer Ceguer. Casou com D. Filippa de Menezes, filha de Alvaro Gonçalves de Moura, Alcaide mór de Marvaõ.

D. Maria de Tavora casou com Pedro Alvares de Carvalho, Senhor de Carvalho.

D. Manoel de Sousa, Alcaide mór de Alter do Chaõ, Védor do Duque de Bragança D. Jayme. Casou com D. Mecia Tavares, filha de Gonçalo Figueira.

XIII

I. D. Martinho de Sousa e Tavora, Commendador de Santa Maria de Africa na Ordem de Christo, Capitaõ de Alcacer Ceguer; passou à India no anno de 1538. Casou com D. Isabel Pereira, filha de Christovaõ Correa da Cunha.

I. D. Francisca, Dona Maria, Freiras em Aveiro da Ordem de Saõ Domingos.

I. D. Jorge de Sousa, Commendador de Azambuja, Capitaõ mór da Armada da India no anno de 1560. Casou com Dona Constança de Menezes sua prima com irmãa.

II. Dom Pedro de Sousa, Commendador na Ordem de Christo, ✠ S.G.

II. Dom João de Sousa, ✠ vindo de Mazagaõ.

II. Dom Luiz de Sousa, ✠ moço.

II. D. Gaspar de Sousa, ✠ S. G.

II. D. Diogo de Sousa, foy para a India no anno de 1557. Casou com D. Catharina de Albuquerque, filha de Fernando Lopes de Albuquerque.

II. D. Diniz de Sousa, passou à India no anno de 1585, Commendador na Ordem de Christo. Casou com N. . . . S. G. Teve de Maria de Azevedo.

D. Eugenia, e D. Isabel, Freiras da Ordem de S. Domingos em Elvas.

D. Luiza de Menezes casou com D. Francisco de Sousa, Capitaõ da Guarda.

Dona Constança de Menezes casou com seu primo D. Jorge de Sousa.

D. Antonio de Sousa, ✠ em Ceuta. S. G.

D. Martinho de Sousa, ✠ moço S. G.

D. Alvaro de Sousa, Commendador na Ordem de Christo; no anno de 1562 se achou no cerco de Mazagaõ. Casou I. vez com Dona Catharina Cesar, filha de Vasco Fernandes Cesar. II. com D. Brites da Sylva, filha de Manoel Pessanha. III. com D. Isabel de Araujo, filha de Fernaõ Velho de Araujo. S. G.

Dona Maria, Abbadessa de Santa Clara do Porto.

Dona Anna, Freira no Paraiso de Evora.

D. Gaspar, D. Antonio, D. Jeronymo, D. Francisco, e D. Gonçalo de Sousa, ✠ moços.

D. Pedro de Sousa, Commendador de Moreira na Ordem de Christo, Capitaõ de Ormuz. Casou com Dona Joanna Pereira, filha de Antonio Pereira de Lacerda. S. G.

D. Martinho de Sousa e Tavora, Alcaide mór de Alter do Chaõ. Servio a Casa de Bragança. Casou I. vez com D. Catharina de Goes, filha de Fructuoso de Goes. S. G. II. com D. Guiomar Freire, filha de Francisco Leitaõ. S. G. III. com Dona Francisca de Castro, filha de Antonio de Camoens, Senhor do Morgado da Camoeira.

XIV

D. Antonio de Sousa, Commendador de Santa Maria de Africa, ✠ na batalha de Alcacer em 1578. Casou com D. Leonor de Noronha, filha de D. Fernando de Noronha, Copeiro mór do Infante D. Luiz.

D. Jorge de Sousa, illegitimo, passou à India em 1556, ✠ S G.
D. Gaspar de Sousa, cativo na batalha de Alcacer em 1578, ✠ S. G.
D. Martinho de Sousa, illegitimo, passou à India em 1606, ✠ S. G.
D. Christovaõ de Sousa, Commendador na Ordem de Christo. Teve natural N. . . . . .

Ambrosio de Sousa, illegitimo, havido em Anna Vaz, segundo mostrou seu neto. Casou com D. Justa de Azeredo, filha de Ayres Dias de Magalhaens.

D. Guiomar, D. Anna, Freiras em Elvas da Ordem de S. Domingos.

Dona Filippa, ✠ sem estado.

D. Antonio de Sousa, ✠ na batalha de Africa de 4 de Agosto de 1578.

N. . . . casou com N. . . .

Dom Antonio de Sousa casou com D. Isabel Botelho, filha de Alvaro Botelho Ramalho.

Dom Luiz de Sousa, ✠ S. G.

D. Antonio de Sousa, Frade Agostinho.

XV

D. Martinho de Sousa, ✠ moço.

Dom Manoel de Sousa, Commendador de S. Maria de Africa. Casou com D. Leonor de Castro, filha de Christovaõ Zuzarte.

D. Francisco de Sousa, ✠ na India S. G. onde passou no anno de 1584.

Dona Isabel de Noronha, Freira em Arouca.

Paulo de Sousa Coutinho casou com D. Marianna Henriques, filha de Diogo Henriques Sodré, Governador de Cabo Verde.

Dona Margarida de Sousa, m. de Francisco Pereira Coutinho.

Manoel de Sousa, ✠ S. G.

Jorge de Sousa casou com Dona Maria de Galhegos Castelhana.

Dom Manoel de Sousa casou com Dona Leonor de Ayala, filha de Pedro Martins de Ayala.

D. Catharina de Sousa.

D. Anna de Sousa, Freira no Paraiso de Evora.

III. D. Manoel de Sousa, ✠ na batalha de Alcacer em 1578. Casou com D. Brites de Vilhena, filha de Dom Pedro de Noronha, Senhor de Villa-Verde.

Dom Manoel de Sousa, illegitimo, ✠ na India S. G.

XVI.

Dom Antonio de Sousa, ✠ moço S. G.

Dona Joanna de Noronha, H. Casou com Fernaõ de Saldanha.

D. Marianna de Noronha, recolhida em Santos.

Dona Maria de Noronha, Freira em Santos.

Ignacio de Sousa.

Ambrosio de Sousa, Clerigo.

Dona Margarida Coutinho, mulher de Fernaõ da Sylva e Sousa.
D. Antonia de Sousa, Freira em S. Bento de Evora.
D. Luiza de Tavor. ✠
Gaspar de Sousa, ✠ S. G.
Fernaõ de Sousa Coutinho, Commendador na Ordem de Christo, General da Artilharia do Minho, Governador de Pernambuco. Casou com Dona Francisca da Sylva, filha de Fernaõ da Sylva e Sousa. S. G.

D. Antonio de Sousa, ✠ moço S. G.

D. Pedro de Sousa, ✠ S. G.

Dona Isabel, Dona Luiza, Dona Anna, D. Marianna.

D. Diogo de Sousa, ✠ menino.

D. Catharina de Vilhena, H. Casou com D. Francisco Luiz de Albuquerque e Noronha, Senhor de Villa-Verde.

D. Catharina de Castro, illegitima, Freira em Villa-Viçosa.

Dom Francisco de Sousa, illegitimo, Clerigo.

TABOA XXXIV.

GENEALOGIA DA CASA REAL DE PORTUGAL.

XI

D. Pedro de Souſa, I. Conde de Prado, II. Senhor de Beringel, Alcaide mór de Béja, Capitaõ de Alcacer Ceguer, Azamor, e Fronteira de Africa, ✠ depois do anno de 1563, filho de Ruy de Souſa, Senhor de Beringel. *Taboa XXXII.*

Caſou I. vez com D. Mecia Henriques, filha de Fernaõ da Sylveira, Regedor das Juſtiças. II. com D. Margarida de Brito, filha de Mem de Brito, Alcaide mór de Béja. E III. com D. Joanna de Mello, filha de Joaõ Fernandes de Aguiar.

XII

I. D. Franciſco de Souſa, ✠ indo para a India em vida de ſeu pay. Caſou com D. Maria de Noronha, filha de D. Diogo Lobo, II. Baraõ de Alvito.

XIII

D. Pedro de Souſa, III. Senhor de Beringel, e Prado, Alcaide mór de Béja, do Conſelho delRey D. Joaõ III. no anno de 1549 ſervio em Africa. Caſou com D. Violante Henriques, filha de Simaõ Freire de Andrade, Senhor de Bobadella.

D. Branca de Vilhena caſou com Joaõ Freire de Andrade, Senhor de Bobadella.

D. Joanna de Vilhena caſou com Coſme de Lafetá, Commendador de Dares na Ordem de Chriſto.

Dom Diogo de Souſa, do Conſelho de Eſtado. *Taboa XXXV.*

Dona Mecia Henriques caſou com Manoel de Macedo.

Dona Antonia
Dona N. . . .
Freiras.

XIV

Dom Rodrigo de Souſa, ✠ moço.

Dom Luiz de Souſa, IV. Senhor de Beringel, e de Sagres, Alcaide mór de Béja, Commendador na Ordem de Chriſto. Caſou I. vez com Dona Joanna de Caſtro, filha de Lourenço de Brito, Senhor do Morgado de S. Lourenço de Lisboa. II. com D. Joanna de Souſa, filha de Dom Leonardo de Souſa, Alcaide mór de Thomar.

Dom Franciſco de Souſa, Commendador de Santo André de Urſilhaõ na Ordem de Chriſto, Almirante da Armada Real no anno de 1578, Governador do Braſil, e Capitaõ General das Capitanías do Sul no anno de 1608 com promeſſa de Marquez das Minas, lá ✠. Caſou I. vez com D. Joanna de Caſtro, filha de D. Rodrigo de Caſtro, Senhor do Morgado do Torraõ. II. com D. Violante Henriques, filha de Jorge Furtado de Mendoça.

Dom Joaõ de Souſa, Capitaõ de Dio. *Tab. XXXV.*

D. Manoel de Souſa, Capitaõ de Dio, paſſou à India no anno de 1584, lá caſou com N. . . . . S. G.

Dona Maria Henriques caſou com Jorge Furtado de Mendoça, Commendador de Sines.

Dona Branca,
D. Margarida,
D. Guiomar,
Freiras.

XV

I. D. Pedro de Souſa, ✠ S. G.

I. Dona Antonia da Sylva caſou com Luiz de Mello.

II. Dom Luiz de Souſa, II. Conde de Prado, V. Senhor de Beringel, Alcaide mór de Béja, Commendador de Villa-Verde na Ordem de Chriſto, Governador do Braſil, e do Reyno do Algarve, Preſidente do Senado da Camera, Gentil-homem da Boca delRey Filippe IV. Caſou com D. Maria de Guſmaõ, filha de D. Joaõ Bracamonte, I. Conde de Penharanda. S.G. Teve natural D. Joanna de Souſa.

I. D. Antonio de Souſa, Commendador de Santa Martha de Vianna na Ordem de Chriſto, ✠ em 1630. Caſou com D. Maria de Menezes, filha de D. Joaõ Tello de Menezes.

I. Dom Franciſco de Souſa, ✠ moço.

I. Dom Joaõ de Souſa, Frade de Santo Agoſtinho.

II. Dom Luiz de Souſa. *Tab. XXXV.*

II. Dona Margarida Henriques caſou com Luiz de Caſtro do Rio, Senhor de Barbacena.

II. D. Mecia Henriques, Freira nas Deſcalças da Madre de Deos de Liſboa.

Dom Luiz de Souſa, illegitimo, Frade Bento.

XVI

D. Franciſco de Souſa, I. Marquez das Minas, III. Conde do Prado, VI. Senhor de Beringel, e Prado, Alcaide mór de Béja, Commendador na Ordem de Chriſto, Eſtribeiro mór delRey D. Affonſo VI. Governador das Armas da Provincia de Alentejo, e Minho, Preſidente do Conſelho Ultramarino, Embaixador Extraordinario ao Papa Clemente IX. do Conſelho de Eſtado, e Guerra, ✠ em 1674. Caſou a I. vez com D. Maria Manoel de Vilhena, filha de D. Jorge Maſcarenhas, I. Marquez de Montalvaõ. II. com D. Eufraſia Filippa de Lima, filha de D. Fernando Maſcarenhas, I. Conde da Torre.

Dom Joaõ de Souſa, Coronel de Infantaria, ✠ S.G.

Dom Antonio de Souſa, ✠ menino.

D. Catherina de Menezes caſou com D. Rodrigo de Caſtro, I. Conde de Meſquitella.

D. Leonor de Menezes caſou com Pedro de Mello, Senhor de Ficalho.

D. Joanna,
D. Catharina, ✠ moças.

D. Elena Luiza Maſcarenhas caſou com Manoel Freire de Andrade, General da Cavallaria da Provincia da Beira.

XVII

D. Antonio Luiz de Souſa, naſceo a 6 de Abril de 1644 IV. Conde de Prado, II. Marquez das Minas, VII. Senhor de Beringel, e Prado, Commendador na Ordem de Chriſto, e Santiago, do Conſelho de Eſtado, e Guerra, Governador do Braſil, Preſidente da Junta do Tabaco, Governador das Armas da Beira, e Alentejo, com que mandava em chefe as Armas dos Alliados, e com o ſeu Exercito entrou por Caſtella no anno de 1706 até à Corte de Madrid; ✠ a 25 de Dezembro de 1721 ſendo Eſtribeiro mór da Rainha D. Maria Anna de Auſtria. Caſou com D. Maria Magdalena de Lima, filha de D. Alvaro Manoel, Senhor de Atalaya.

D. Fernando de Souſa, ✠ menino.

D. Joaõ de Souſa, Commendador na Ordem de Chriſto, Védor da Caſa Real, Governador de Pernambuco, General da Artilharia do Minho, que governou, ✠ em 1703. Caſou com D. Maria de Nazareth e Lima, filha de D. Diogo de Lima, Viſconde de Villa-Nova da Cerveira, ✠ a 13 de Novembro de 1718.

D. Pedro de Souſa, Clerigo, Sumilher da Cortina, Dom Prior da Collegiada de Guimaraens, ✠ em 1706.

D. Maria Magdalena de Noronha caſou com ſeu primo D. Luiz Manoel, Conde de Atalaya.

D. Luiza Bernarda de Menezes, ✠ a 14 de Fevereiro de 1737. Caſou com D. Luiz da Sylveira, Védor da Rainha Dona Maria Anna de Auſtria.

Dona Eufraſia Filippa de Lima caſou com Franciſco Carneiro, II. Conde da Ilha do Principe.

Dona Catharina,
Dona Ignez, ✠ ſem eſtado.

Dom Placido de Souſa, illegitimo, Frade Bento.

XVIII

D. Franciſco de Souſa, V. Conde de Prado, ✠ moço S. G.

D. Joaõ de Souſa naſceo a 29 de Dezembro de 1666, III. Marquez das Minas, VI. Conde de Prado, VIII. Senhor de Beringel, e Prado, Commendador na Ordem de Chriſto, Meſtre de Campo General dos Exercitos delRey D. Joaõ V. ſeu Gentil-homem da Camera, do Conſelho de Guerra, Governador da Cavallaria de Alentejo, ✠ a 17 de Setembro de 1722. Caſou com Franciſca de Neufville, filha de Franciſco, Duque de Villeroy, Marechal de França.

D. Joſeph de Souſa, Porcioniſta de S. Paulo, Deputado da Junta dos Tres Eſtados, ✠ moço em 3 de Agoſto de 1708.

D. Luiz de Souſa, illegitimo, General de Batalha, naſceo a 23 de Setembro de 1671, havido em D. Maria Thereſa Color, Irlandeza. Caſou com D. Barbara Maſcarenhas Queiroz.

Dona Catharina de Souſa, Freira em Santa Clara de Coimbra.

D. Franciſco de Souſa, Commendador na Ordem de Chriſto, Védor da Caſa delRey D. Joaõ V. Caſou com D. Mecia de Mendoça, filha de D. Luiz Manoel de Tavora, Conde de Atalaya.

D. Diogo de Souſa, Capitaõ de Cavallos na Corte, Coronel do Regimento da Cidade do Porto.

XIX

D. Antonio Luiz Caetano de Souſa naſceo a 9 de Julho de 1690, IV. Marquez das Minas, VII. Conde de Prado, Coronel de hum Regimento de Cavallaria, com que ſervio na guerra. Caſou com Dona Luiza de Noronha, filha de D. Marcos de Noronha, Conde dos Arcos.

Dona Maria Thereſa de Neufville.

D. Antonio de Souſa, illegitimo, Clerigo.

Dom Antonio Luiz de Souſa, ✠ moço.

Dona Joanna de Souſa caſou com Antonio Botelho Mouraõ, Morgado de Mattheus, Tenente Coronel de hum Regimento de Dragoens da Provincia de Traz os Montes.

XX

D. Joaõ de Souſa naſceo a 14 de Abril de 1714. Caſou a 15 de Julho de 1739 com D. Marianna Joaquina do Pilar da Sylveira, filha de Antonio Luiz de Tavora, IV. Conde de Sarzedas, ✠ S.G. a 12 de Setembro de 1742. Caſou ſegunda vez com D. Joanna de Menezes, filha dos IV. Marquezes de Alegrete, de quem teve

XXI

D. Maria Franciſca Antonia da Piedade de Souſa, que naſceo poſthuma a 16 de Abril de 1745.

TABOA XXXV.

GENEALOGIA DA CASA REAL DE PORTUGAL.

XIII

D. Diogo de Sousa, filho de D. Francisco de Sousa, *Taboa XXXIV.* do Conselho de Estado delRey D. Sebastiaõ, e General da Armada Real, em que passou à Africa no anno de 1578, Governador do Algarve, Commendador na Ordem de Santiago.

Casou com Dona Catharina de Atougui, filha H. de Estevaõ Nunes de Atouguia.

XIV

D. Martinho de Sousa, ✠ em Africa na batalha de 4 de Agosto de 1578.

Dona Branca de Vilhena casou com Manoel Correa, Senhor de Bellas.

Dona Maria de Vilhena, casou I. vez com D. Nuno Alvares Pereira, Herdeiro do Condado da Feira. E II. com Dom Manoel de Ataide, III. Conde da Castanheira.

Dom Pedro de Sousa, illegitimo, ✠ na batalha de Africa no anno de 1578.

XIV

D. Joaõ de Sousa, filho de D. Pedro de Sousa, Senhor de Beringel, *Taboa XXXIV.* passou à India no anno de 1568, là servio, e foy Capitaõ de Dio.

Casou com Dona Maria Perestrello, filha de Estevaõ Perestrello de Autas.

XV

D. Marcia Henriques casou com Henrique de Sousa.

D. Violante Henriques casou com D. Joaõ de Almeida.

Dona Jeronyma Henriques casou I. vez con Lourenço de Mello de Sampayo. E II. vez com Pedro Furtado de Mendoça.

XV

Dom Luiz de Sousa, filho de D. Francisco de Sousa, *Taboa XXXIV.* servio no Brasil, là casou com Dona Catharina Barreto, filha de Joaõ Paes Barreto, Senhor de dez Engenhos.

XVI

D. Francisco de Sousa, Governador de Alconchel, Capitaõ de Mar, e Guerra, ✠ S. G.

D. Diogo de Sousa, Frade Trino.

D. Joaõ de Sousa, Mestre de Campo, servio no Brasil. Casou em Pernambuco com D. Ignez Barreto sua prima, filha de Filippe Paes Barreto.

D. Pedro de Sousa, servio no Brasil, ✠ S. G.

D. Antonio, Dom Luiz, ✠ meninos.

D. Violante, D. Margarida, D. Angela, Freiras em Santa Clara de Coimbra.

XVII

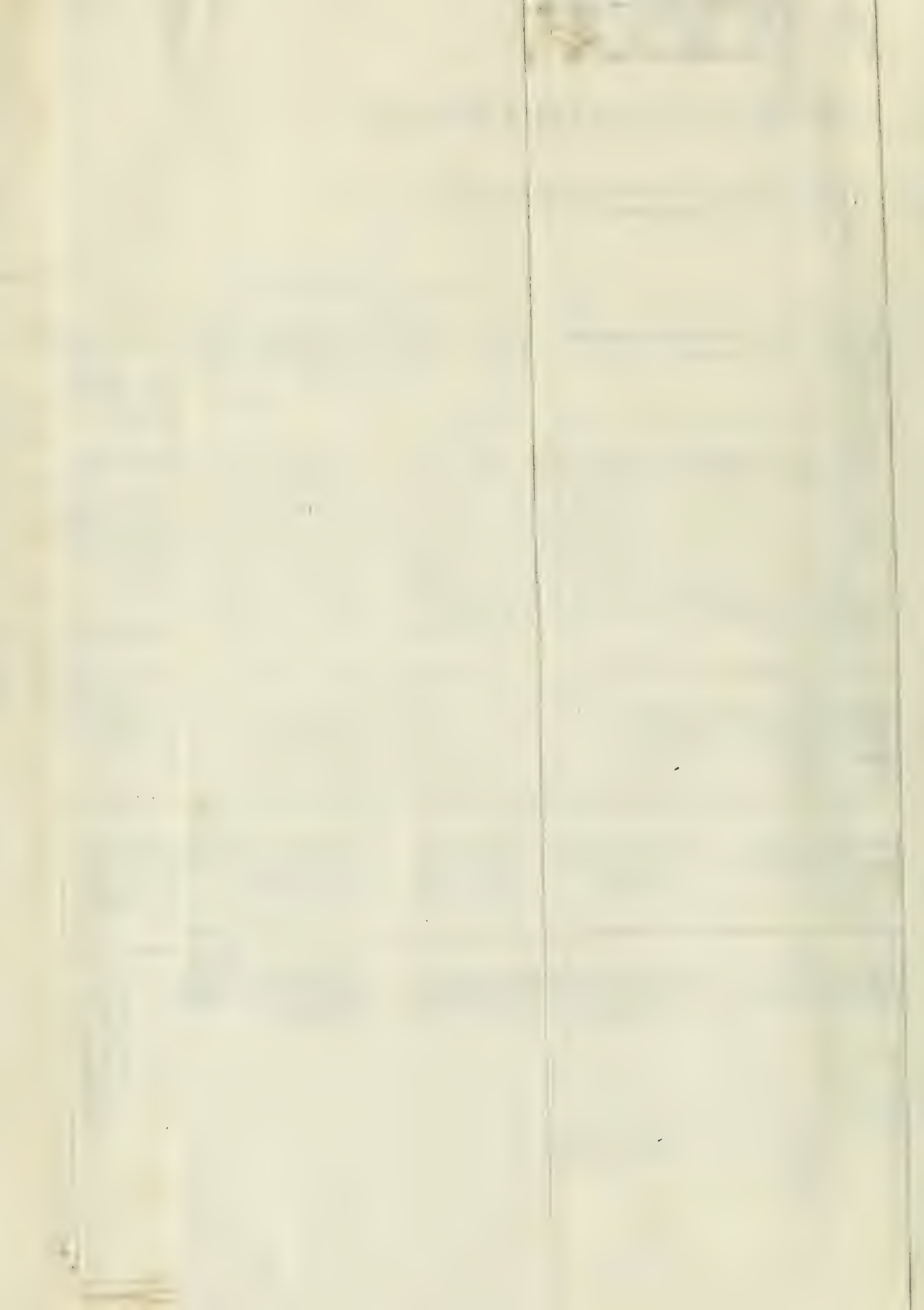
Dom Luiz de Sousa, ✠ de bexigas de onze annos.

D. Francisco de Sousa, illegitimo, Mestre de Campo de hum Terço de Infantaria em Pernambuco. Casou com Dona Ursula de Lacerda, filha de Filippe Cavalcanti de Albuquerque.

D. Antonio de Sousa, illegitimo, Clerigo, Desembargador da India, ✠ na viagem.

D. Margarida, D. Elena, Freiras em Santa Clara de Coimbra.

XVIII

D. Joaõ de Sousa, Herdeiro. Casou com Dona Maria Bernarda de Vilhena, filha de D. Lourenço Sottomayor, S. G.

TABOA XXXVI.

GENEALOGIA DA CASA REAL DE PORTUGAL.

X

Pedro de Sousa, Senhor do Prado, Alcaide mór de Ceabra, filho terceiro de Martim Affonso de Sousa, Senhor de Mortagua. *Taboa XXXI.*

Casou com D. Maria Pinheira, filha do Doutor Pedro Esteves Cogominho, do Conselho delRey D. Affonso V.

XI

Lopo de Sousa, Senhor de Prado, Pavia, e Baltar, Alcaide mór de Bragança, Ayo do Duque de Bragança D. Jayme. Casou com Dona Brites de Albuquerque, filha de Joaõ Rodrigues de Sá, Senhor de Sever, Alcaide mór do Porto.

Pedro de Sousa, Thesoureiro mór da Sé de Lisboa.

Sebastiaõ de Sousa, ✱ S. G.

Gonçalo de Sousa, Capitaõ mór da Armada de Guiné no anno de 1490. Casou com Leonor Ribeiro de Vasconcellos.

D. Violante de Tavora casou I. vez com Ruy de Sousa. E II. com Dom Alvaro de Ataide, Senhor da Castanheira, e Póvos.

D. Isabel de Sousa casou com D. Joaõ de Castro, Senhor de Reris.

Joaõ de Sousa, Abbade de Rates, teve de Mecia Rodrigues de Faria

XII

Martim Affonso de Sousa, Governador da India, onde passou no anno de 1541, Senhor de Alcoentre, Alcaide mór de Rio-Mayor, Commendador de Mascarenhas na Ordem de Christo, Donatario das Capitanías de Santa Anna, e S. Vicente na Costa do Brasil. Casou com D. Anna Pimentel, filha de Arias Maldonado, Commendador de Eliche, Regedor de Salamanca, e de sua segunda mulher Dona Joanna Pimentel, Dama da Rainha Catholica, irmãa de D. Bernardino, I. Marquez de Tavara.

Joaõ Rodrigues de Sousa, ✱ na India S. G.

D. Isabel de Albuquerque casou com Antonio de Brito.

Dona Catharina de Albuquerque Freira.

Pedro Lopes de Sousa, Donatario da Capitanía de Itamaracá, Capitaõ mór da Armada da India no anno de 1539. Casou com D. Isabel de Gamboa, filha de Thomé Lopes de Andrade.

Christovaõ de Sousa, S. G.

Manoel de Sousa, passou à India no anno de 1527, Capitaõ de Dio, ✱ affogado em Cambaya no anno de 1537. S. G.

Dona Violante de Sousa casou com Pedro da Fonseca, Senhor das Ilhas de Flores, e Santo Antaõ.

Thomé de Sousa, illegitimo, I. Governador do Brasil, Vèdor da Fazenda da Rainha D. Catharina, e delRey Dom Sebastiaõ, Commendador de Rates na Ordem de Christo. Casou com Dona Maria da Costa, filha de Lopo Alvares Feyo, Senhor de Atalaya, e Pancas.

Joaõ de Sousa, ✱ na India S. G.

Francisco de Sousa, Frade de Jeronymo.

Luiz de Sousa, Frade Dominico.

Rodrigo de Sousa, Maltez.

Luiz de Sousa, Loyo.

Pedro de Sousa, Clerigo.

D. Elena de Tavora, mulher de Henrique Pereira.

Dona Juliana de Tavora, mulher de Antonio Fernandes Encerrabodes.

D. Isabel, e D. Anna de Tavora, Freiras.

XIII

Pedro Lopes de Sousa, Senhor de Alcoentre, e Tagarro, Alcaide mór de Rio-Mayor, Donatario das Capitanías de Santa Anna, e S. Vicente no Brasil, Embaixador a Castella, Commendador na Ordem de Christo, ✱ no anno de 1578. Casou com D. Anna da Guerra, filha de D. Francisco Pereira, Commendador do Pinheiro.

Lopo Dias de Sousa, ✱ na India S. G.

Antonio de Sousa, Frade Dominico, Bispo de Viseu, ✱ em 1597.

Rodrigo Affonso de Sousa, ✱ S. G.

Gonçalo de Sousa, ✱ S. G.

D. Ignez Pimentel casou com D. Antonio de Castro, IV. Conde de Monsanto.

D. Brites Pimentel, ✱ sem estado.

Dona Catharina, ✱ sem estado.

Tristaõ de Sousa, illegitimo, Capitaõ de Malaca, passou à India no anno de 1555.

Martim Affonso de Sousa, passou à India no anno de 1558, ✱ no cerco de Chaul.

D. Jeronyma de Sousa casou com D. Antonio de Lima de Miranda, Senhor do Morgado de Landeira.

Dona Elena de Sousa, casou com D. Diogo Lopes de Lima, Vèdor da Casa Real, Senhor de Castro-Dairo.

Francisco de Sousa, illegitimo, passou à India no anno de 1548, lá servio, e ✱ S. G.

Garcia de Sousa, illegitimo, Capitaõ de Malaca, passou à India no anno de 1556.

XIV

Martim Affonso de Sousa, ✱ na batalha de Africa a 4 de Agosto de 1578.

Lopo de Sousa, Senhor de Alcoentre, e das Capitanías do Brasil, Commendador de Mascarenhas na Ordem de Christo, ✱ em 1610. Casou com D. Maria da Cunha. S. G.

Antonio de Sousa, Frade da Ordem dos Prégadores, Mestre em Theologia, do Conselho delRey, e do Geral do Santo Officio, ✱ anno de 1632.

Miguel de Sousa, ✱ moço S. G.

Dona Marianna da Guerra, que veyo a ser H. Casou com D. Francisco de Faro, I. Conde de Vimieiro.

XV

Lopo de Sousa, illegitimo, passou à India no anno de 1611, lá servio, e foy Capitaõ mór do mar de Malaca, ✱ no anno de 1622 S. G.

TABOA XXXVII.

GENEALOGIA DA CASA REAL DE PORTUGAL.

X

Vasco Martins de Sousa Chichorro, filho de Martim Affonso de Sousa, *Taboa XXXI.* foy Capitaõ dos Ginetes delRey Dom Affonso V. Alcaide mór de Bragança, Fronteiro mór de Traz os Montes.

Casou I. vez com Violante Martins. E II. com Dona Isabel Osorio.

XI

Garcia de Sousa Chichorro, vivia em 1471. Casou a I. vez com D. Ignez de Eça, filha de D. Fernando de Eça. E II. com D. Brites de Miranda, filha de Gomes de Miranda, Senhor do Morgado da Patameira.

Fernaõ de Sousa casou com Dona Joanna Bedmond, Ingleza. S. G.

Dona Violante de Sousa casou com Affonso Furtado de Mendoça, Commendador da Cardiga.

Dona Joanna de Sousa casou com Joanne Mendes de Vasconcellos, Senhor do Morgado do Esporaõ de Evora.

Dona Beatriz de Sousa casou com Fernaõ de Miranda, Senhor do Morgado da Patameira.

XII

I. Vasco Martins de Sousa Chichorro casou com Dona Isabel Correa, filha de Fernaõ Lopes Correa.

I. N. . . N. . . . Freiras.

II. André de Sousa, servio na India pelos annos 1521, ✠ S. G.

II. Aleixo de Sousa, servio na India pelos annos de 1528, a qual governou, foy do Conselho delRey, ✠ S. G.

II. Lopo de Sousa, ✠ S. G.

II. Manoel de Sousa Chichorro, Commendador na Ordem de Christo, no anno de 1535 acompanhou o Infante D. Luiz a Tunes, ✠ a 28 de Outubro de 1552. Casou com Dona Leonor de Mello, filha de Garcia de Mello Lobo.

II. Martim Affonso de Sousa, servio em Africa, foy ✠ pelos Mouros.

II. Dona Mecia da Sylveira, mulher de Francisco Carneiro Senhor da Ilha do Principe.

Henrique de Sousa, illegitimo, no anno de 1537 passou à India. Casou com D. Isabel Pereira, filha de Fernaõ Rodrigues de Mariz.

Belchior de Sousa, illegitimo, passou à India no anno de 1537, havido em Catharina Pereira.

Garcia de Sousa, illegitimo, passou à India em o anno de 1541.

Ayres de Sousa Chichorro, illegitimo, servio na India, lá casou com N. filha de Simaõ da Cunha. S. G.

Jorge de Sousa, illegitimo, passou à India no anno de 1545, ✠ S. G.

XIII

Garcia de Sousa Chichorro, Provedor mór do Hospital de Lisboa. Casou com Dona Isabel de Carvalho, filha de Belchior de Carvalho. S. G.

Jeronymo de Sousa servio na India onde passou no anno de 1545. Casou com sua prima com irmãa D. Leonor da Sylveira, filha de Francisco Carneiro, Senhor da Ilha do Principe.

Fernaõ de Sousa Chichorro, Capitaõ de Dio, passou à India a primeira vez no anno de 1548, ✠ S. G.

D. Maria de Eça, Dama da Infanta D. Isabel, mulher do Infante D. Duarte, ✠ sem estado.

Francisco de Sousa, illegitimo, passou à India em 1538, ✠ S. G. havido em Isabel Gonçalves.

Luiz Martins de Sousa Chichorro, Commendador na Ordem de Christo, ✠ em Janeiro de 1611. Casou com D. Luiza de Mendoça, filha de D. Vasco Mascarenhas. S. G.

Garcia Affonso de Sousa, ✠ menino.

N. . . . . N. . . . . Freiras.

Dona Maria de Sousa casou com Joaõ de Sousa, Capitaõ de Damaõ.

XIV

André de Sousa Chichorro, illegitimo, servio na India. Casou I. vez com D. Maria de Roxas, filha de D. Fernando de Roxas, Castelhano. II. com Dona Filippa de Siqueira, filha de Joanne Mendes Botelho. III. com Dona Francisca de Sousa, filha de Fernaõ Barradas.

Bernardim de Sousa, illegitimo, ✠ na India S. G.

Dona Angela de Sousa, illegitima, casou com Filippe Carneiro, Capitaõ de Dio.

XV

I. Jeronymo de Sousa Chichorro casou com Dona Maria da Sylveira, filha H. de Simaõ Ferreira Vellez.

I. Luiz Martins de Sousa Chichorro, Commendador na Ordem de Christo, Capitaõ de Malaca, e Governador de Angola. Casou na India com Dona Maria da Sylva, filha de D. Filippe de Sousa.

I. Manoel de Sousa passou à India no anno de 1609, lá casou com Dona Maria de Sousa.

I. Dona Leonor de Eça casou I. vez com Antonio Viegas Gentil. E II. com Pedro Borges Corte-Real.

I. D. Isabel de Eça casou com Christovaõ de Mello da Sylva.

III. Gonçalo de Sousa, ✠ na India S. G.

III. Garcia de Sousa, ✠ S. G.

III. Fernaõ de Sousa, Conego Secular de S. Joaõ Evangelista, e se chamou o Padre Antonio da Madre de Deos.

III. D. Antonia de Menezes casou com Gregorio Sernache.

XVI

Vasco Martins de Sousa Chichorro casou com D. Leonor de Tavora, filha de Diogo Leite Pereira, Senhor de Quebrantoens.

D. Vicencia de Miranda ✠ sem estado.

D. Marianna de Sousa casou com Thomás Teixeira de Azevedo. S.G.

Vasco Martins de Sousa, ✠ S. G.

XVII

Jeronymo de Sousa, ✠ menino.

Dona Joanna de Sousa H. casou com Ascenso de Sequeira, Commendador de S. Vicente na Ordem de Christo.

TABOA XXXVIII.

GENEALOGIA DA CASA REAL DE PORTUGAL.

X

Joaõ de Sousa, filho de Martim Affonso de Sousa, *Taboa XXXI*. Capitaõ dos Ginetes do Infante Dom Fernando, Commendador de Repreza, e Ferreira na Ordem de Santiago. Casou com Dona Branca de Ataide, filha de Joaõ de Ataide, Senhor de Penacova.

XI

Manoel de Sousa, Senhor de Bayaõ, do Conselho delRey, Commendador de Repreza na Ordem de Santiago. Casou com Dona Joanna de Sousa, filha H. de Joaõ Fernandes de Sousa, Senhor de Bayaõ.

Dona Maria de Ataide casou com D. Joaõ de Vasconcellos, II. Conde de Penella.

D. Joanna de Sousa casou com Luiz de Brito Nogueira, Senhor do Morgado de S. Lourenço de Lisboa. Fundaraõ o Mosteiro da Rosa de Lisboa.

XII

Joaõ de Sousa de Lima, Senhor das terras de Bayaõ, Ericeira, e metade de Mafra. Casou I. vez com Dona Isabel de Noronha, filha de D. Martinho de Noronha, Senhor de Villa-Verde. II. com Joanna Marques, filha de Marcos Vaz.

Joaõ Rodrigues de Sousa, servio na India, ✠ no anno de 1534 na guerra de Malaca. S. G.

Fernaõ de Sousa, servio na India, e foy Capitaõ mór de huma Armada, em que se perdeo na Costa de Melinde no anno de 1525, ✠ S. G.

Martim Affonso de Sousa, Capitaõ mór do mar de Malaca, ✠ na batalha de 25 de Junho de 1525. S. G.

Leonel de Sousa e Lima, servio na India. Casou com D. Joanna de Castro, filha de Miguel Corte-Real, Porteiro mór delRey D. Manoel.

Dona Maria de Sousa casou I. vez com D. Martinho de Noronha. E II. com Manoel de Noronha da Camera, do Conselho delRey.

XIII

II. Manoel de Sousa casou com D. Brites de Menezes, filha de D. Luiz de Menezes, Alferes mór, ✠ S. G.

II. D. Maria de Lima casou com seu primo Luiz de Noronha da Camera. S. G.

II. D. Joanna de Lima casou com Antonio Moniz. S. G.

Pedro de Sousa, illegitimo.

Joaõ de Sousa e Lima, illegitimo, passou à India no anno de 1598.

Fernaõ Martins de Sousa, illegitimo, casou com Dona Antonia de Lara, filha de Dom Luiz de Lara, Biscainho.

Leonel de Sousa, illegitimo, servio na India. Casou com Dona Isabel de Lara, filha de Dom Luiz de Lara, Biscainho.

XIV

Fernaõ Martins de Sousa, ✠ na India S. G.

Luiz de Sousa, passou à India no anno de 1601, ✠ S. G.

Pedro de Sousa, illegitimo.

Joaõ de Sousa e Lima, illegitimo, passou à India no anno de 1598.

Leonel de Sousa e Lima casou I. vez com D. Antonia de Mello. II. com D. Angela de Lemos. III. com D. Angela da Costa.

Martim Affonso de Sousa, ✠ S. G.

Lourenço de Sousa, servio em Mazagaõ. Casou com D. Luiza de Sampayo, filha H. de Luiz de Sampayo, Cavalleiro da Ordem de Christo.

XV

I. Dona Isabel de Lara casou com Diogo de Mendoça Furtado.

III. Martim Affonso de Sousa, ✠ vindo da India S. G.

Leonel de Sousa, ✠ S. G.

Dona Cecilia, Dona Lucrecia.

INDEX

DOS NOMES PROPRIOS, APPELLIDOS, e cousas notaveis.

O numero denota a pagina.

A

C

Filippe

Affonso

de

D.

D

E

F

G

Guerra.

H

L

M

Luiz

D.

Fran-

N

Q

Rebello.

R

S

D.

Fernaõ

Henri-

Manoel

T

Tavora.

D.

D.

F I M.